

ALFAS LIKE US

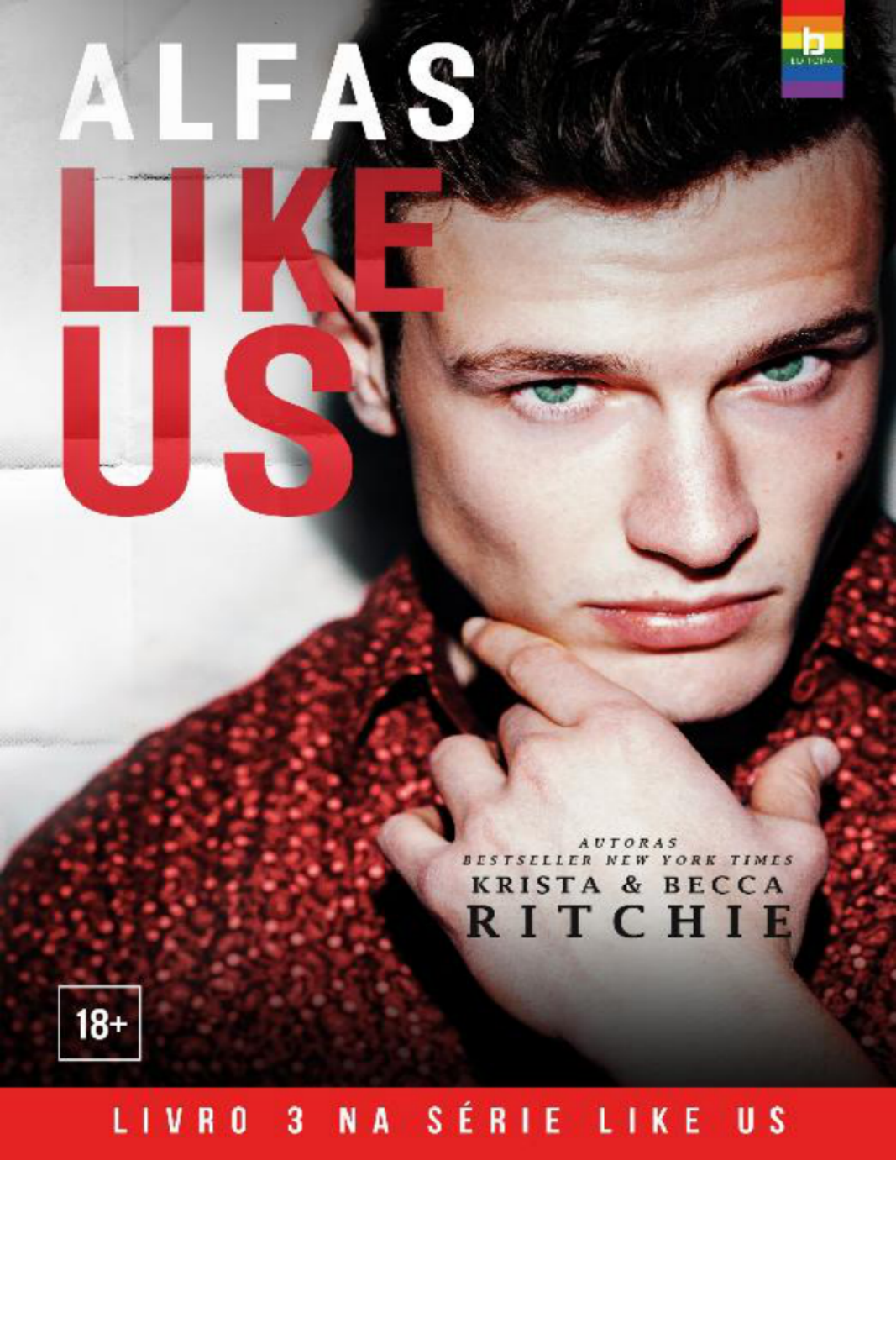
AUTORAS
BESTSELLER NEW YORK TIMES
KRISTA & BECCA
RITCHIE

18+

LIVRO 3 NA SÉRIE LIKE US

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



ALFAS LIKE US

AUTORAS
BESTSELLER NEW YORK TIMES
KRISTA & BECCA
RITCHIE

18+

LIVRO 3 NA SÉRIE LIKE US

ALFAS LIKE US

AUTORAS
BESTSELLER NEW YORK TIMES
KRISTA & BECCA
RITCHIE



Copyright © 2018 K&B Ritchie

Copyright © 2023 Editora Bezz

Título original: *Alphas Like us*

Tradução: Nany Hart

Preparação de Texto/Revisão: Vânia Nunes

Capa Original: Twin Cove Designs

Capa adaptada: Denis Lenzi

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei n°. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

**CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ**

R492a

Ritchie, Krista

Alfas [recurso eletrônico] / Krista Ritchie, Becca Ritchie ; tradução Nany Hart. -

1. ed. - Arujá [SP] : Bezz, 2023.

recurso digital (Alfas ; 3)

Tradução de: *Alphas like us*

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-65-89906-96-4 (recurso eletrônico)

1. Romance americano. 2. Livros eletrônicos. I. Ritchie, Becca. II. Hart, Nany. II. Título. III. Série.

23-85385

CDD: 813

CDU: 82-31(73)



Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

01/08/2023 04/08/2023

Sobre *trademark*TM: a autora reconhece aos legítimos donos das empresas e marcas citadas nesta obra devido crédito, agradecendo o privilégio de citá-los nesta obra pelo grau elevado de importância e criatividade no mercado.

CONTEÚDO ADULTO

Leitura indicada para Maiores de 18 anos

Romance Homoafetivo

Sumário

Capa	
Folha	
Ficha	
LISTA DE PERSONAGENS	
PRÓLOGO	
1	
2	
3	
4	
5	
6	
7	
8	
9	
10	
11	
12	
13	
Maximoff Hale	
14	
15	
16	
17	
18	
19	
20	
21	
22	
23	
24	
25	
26	
27	
28	
29	
30	
31	
32	
33	
34	
35	

36

37

38

39

40

EPÍLOGO

UMA BOA NOTÍCIA...

... E SUA PARTICIPAÇÃO!

AGRADECIMENTOS

Notas

LISTA DE PERSONAGENS

Nem todos os personagens desta lista aparecerão no livro, mas a maioria será mencionada. Idades representam as do personagem no início do livro. Alguns personagens serão mais velhos quando forem apresentados, dependendo de seus aniversários.

OS HALES

Lily Calloway & Loren Hale (pais)

Maximoff – 22

Luna – 18

Xander – 15

Kinney – 13

OS COBALTS

Richard Connor Cobalt & Rose Calloway (pais)

Jane – 22

Charlie – 20

Beckett – 20

Eliot – 18

Tom – 18

Ben – 16

Audrey – 13

OS MEADOWS

Ryke Meadows & Daisy Calloway (pais)

Sullivan – 20

Winona – 14

EQUIPE DE SEGURANÇA

Estes são os guarda-costas que protegem os Hales, Cobalts, e
Meadows.

Equipe Segurança Ômega (ESO)

Akara Kitsuwon – 26

Thatcher Moretti – 27

Farrow Keene – 28

Quinn Oliveira – 21

Oscar Oliveira – 31

Paul Donnelly – 26

Equipe Segurança Épsilon (ESE)

Banks Moretti – 27

...mais

Equipe Segurança Alfa (ESA)

Price Kepler – 48 (líder)

Bruno Bandoni – 52

...mais por vir

PRÓLOGO

4 anos atrás

Farrow Keene

SIGO PARA A sala de descanso do hospital com o uniforme ensanguentado. Ao passar pelos leitos do pronto-socorro, alguns pacientes me olham de soslaio, mas não por causa das manchas vermelhas. Eles examinam meu cabelo tingido de branco e minhas tatuagens visíveis: as asas simétricas no meu pescoço, a escrita em meus dedos e muito mais. Basicamente, estou longe de parecer um garoto-propaganda do *Doutor do Ano*.

Mas não vou desacelerar ou olhar para trás para esses pacientes, a menos que estejam tendo algum tipo de emergência ou eu seja chamado para ajudar.

Sei bem como é.

No Hospital Geral da Filadélfia, estou acostumado com o olhar embasbacado constante, e essa merda me incomoda tanto quanto a água incomodaria um tubarão.

Eu apenas faço o meu trabalho. Eu salvo vidas e assisto algum fim. Vou para casa e, sem surpresa, tudo começa de novo.

Veja, ser um médico não deveria parecer mundano. Não deveria parecer nada comum, mas é tudo que eu já conheci, e está me afetando.

Realmente me afetando.

Eu empurro uma porta. 11h54 da manhã – médicos internos e residentes confraternizam na sala de descanso. Em pé e sentados, falando alto e comendo. Caixas de pizza transbordam das poucas mesas e balcões onde um bule trabalha horas extras preparando café.

Não pergunto sobre a festa espontânea da pizza. Sempre é aniversário

de alguém no hospital e sempre tem bolo.

Por mais faminto que eu esteja, preciso trocar esse uniforme. Estou prestes a alcançar a porta do vestiário masculino, mas uma voz me impede.

— Keene, o que aconteceu? — Tristan pergunta do outro lado da sala de descanso lotada.

Eu passo a mão pelo meu cabelo branco descolorido. Alguns dos residentes se aquietam, esperando a resposta.

O baixo e atarracado Tristan MacNair está encostado no parapeito da janela, pizza de pepperoni na mão. Suas costeletas tocam sua mandíbula como se ele estivesse preso na década de 1970, e seus olhos curiosos voam para as manchas de sangue em meu uniforme.

Eu não diria que somos amigos íntimos ou mesmo inimigos, mas ele é um residente Med-Ped¹, como eu.

— Homem de trinta anos — digo a ele —, apunhalado no pescoço com uma chave e na parte superior do abdômen com uma faca. Não conseguia intubar ou ventilar, então ele precisava de uma crico². Morris fez o tubo torácico. Aparentemente, esse filho da puta atacou uma corredora esta manhã, e ela enfiou a chave na sua garganta. Ele caiu sobre a própria faca.

Karma é uma cadela linda. — Quem fez a crico? — Tristan pergunta. Minhas sobrelanceiras se erguem.

— Eu.

A Dra. Leah Young, residente do segundo ano, quase deixa cair a pizza. — Morris deixou você fazer uma crico de emergência?

— Sim. — Fiz uma incisão entre a cartilagem cricoide e a tireoide do paciente para obter uma via aérea. Normalmente, meus lábios se levantariam, mas minha empolgação com a medicina diminuiu durante todo o mês de agosto.

Agarro a maçaneta, prestes a sair.

— Seu turno está terminando? — Tristan pergunta, endireitando-se

rapidamente e enrolando o guardanapo.

Eu assinto. — Acabou por hoje. Você?

— Apenas começando. — Ele enche a boca apressadamente com pizza. Ele quer entrar naquele paciente.

Muito ruim para ele. — O cara estava taquicárdico e hipotenso — digo a Tristan. — Acabamos de mandá-lo para a sala de cirurgia.

— Droga — Ele geme, então dá um pulo e engole sua comida. — Sempre perco os bons.

Eu não teria me importado em trocar de lugar com Tristan, e isso — *isso* é um problema do caralho. Durante a maior parte da minha vida, quis participar da ação. Animado para aprender coisas novas, para fazer coisas novas com a medicina.

Ajudar pessoas.

Agora, estou disposto a entregar uma crico e um tubo de toracostomia.

Quero culpar meu turno de 28 horas, mas já tive turnos muito mais longos e estive mais cansado do que agora.

Quando entro no vestiário, fecho a porta, abafando a comoção. Armários de cedro revestem cada centímetro da parede; a maioria dos cubículos abriga jalecos brancos, roupas extras, produtos de higiene pessoal, alguns livros e lanches.

Eu encontro o meu em um canto.

Levo alguns minutos para trocar de roupa e vestir uma camiseta do *Smashing Pumpkins* com decote V e calça preta. Minha mente tonteia, mas fiz um ótimo trabalho na maior parte da minha vida sem pensar demais.

Eu não vou começar agora.

No momento em que coloco minhas chaves no bolso e pego meu capacete da moto, meu telefone toca. Verifico o identificador de chamadas e coloco o celular no ouvido.

— O que você precisa?

Meu pai raramente liga para falar merda, e prefiro ir direto ao ponto. Eu o ouço mexendo nos papéis. — *Qual rodízio você tem esta semana?* — Ele pergunta, seu tom quente e relaxado. Uma das muitas razões pelas quais as três famílias famosas (Hales, Meadows, Cobalts) – seus pacientes – essencialmente o amam.

Ele até tem um pequeno rabo de cavalo e bebe coquetel de menta e *mojitos* no fim de semana, mas, simplesmente, ele não é um médico descontraído prestes a se aposentar. Ele está constantemente trabalhando e mal consigo imaginar meu pai pendurando o jaleco.

Jogo a alça da mochila por cima do ombro. — DE.

Ele sabe que significa *departamento de emergência*.

— *Seu turno acaba logo?* — Ele deve estar digitando em um *laptop*, as teclas fazem barulho.

— Acabei de terminar. — Fecho meu armário.

— Estou na Espanha esta semana...

— Eu ouvi sobre isso — Eu o interrompo. — Ryke Meadows está escalando um penhasco de 150 metros. — Ele é um escalador profissional habilidoso, mas os Hales, Meadows e Cobalts gostam de garantir que, se o pior acontecer, seu médico concierge esteja presente.

— *Certo* — Meu pai diz um pouco distante, sua atenção dividida. — Recebi uma chamada e você está próximo.

Finalmente, chegamos ao ponto. “Chamada” significa “emergência médica”. E eu sei exatamente para onde essa conversa está indo.

Eu inclino meu ombro casualmente no meu armário. — Acabei de sair de um turno de 28 horas. Peça ao tio Trip para atender suas ligações.

— *Ele está aqui comigo na Espanha.*

Reviro os olhos. *Merda*. — Eu não sou médico concierge.

— *Você será depois de ser certificado pelo Conselho* — diz ele com

mais clareza, alto e assertivo. — *Você já se juntou a mim em atendimentos suficientes. Pense nisso como um teste para quando você assumir o cargo de médico principal.*

Balanço a cabeça por instinto. Eu sei o que quero dizer.

Eu desisto.

Duas palavras.

Duas palavras que eu deveria ser capaz de cuspir. Posso dizer ao velho para ir *se foder* de boa, mas não posso dizer que *desisto*.

Tem mais a ver comigo do que com meu pai. Depois de dizer a ele que quero largar minha residência e mudar de carreira, preciso ter certeza de que estou pronto. Eu tenho que ser capaz de queimar o jaleco e ficar completamente satisfeito.

Não posso vacilar entre *talvez* e *não sei*. Eu tenho que saber a porra. Ou então meu pai vai tentar me convencer a ficar, e eu preciso fechar essa merda com confiança.

Ele é a passagem para a minha liberdade da medicina. De um legado geracional que me consumiu por toda a vida.

Depois de abrir a porta, preciso passar por ela e nunca mais voltar.

Agora, neste momento... Ainda não tenho cem por cento de certeza, e prefiro falar com meu pai cara a cara do que dizer essas palavras permanentes pelo telefone.

Enfio o capacete debaixo do braço. — Deixe-me ligar de volta quando eu chegar no meu apartamento...

— *Farrow* — Ele diz rapidamente, a preocupação enrijecendo sua voz.

Entro na sala de descanso e pego um pedaço de pizza ao sair. Usando meu ombro para apoiar meu telefone contra minha orelha, eu digo ao meu pai — Eu te ligo de volta...

— *Espere.* — Ele me impede de desligar.

— Aguenta aí — digo e espero para falar novamente até que eu esteja do lado de fora, o sol batendo na calçada. Sirenes tocam quando uma ambulância acelera em direção à entrada de emergência, e duas mulheres com uniforme verde-azulado fumam em um banco de madeira.

Coloco o telefone no viva-voz para liberar minhas mãos. — OK. — Mordo minha pizza, a primeira coisa que como em mais de doze horas. A comida bate como chumbo no meu estômago vazio.

— *Ouça-me, Farrow. Já estive onde você está.*

Não me diga. Eu verifico o tráfego antes de atravessar a rua para o estacionamento.

— *Sei que ser interno de medicina é difícil* — Continua meu pai. — *Você trabalha longas e excruciantes horas e sai de um turno exausto. Mas o que quer que você tenha visto e feito hoje, não leve para casa com você. Não deixe isso te torturar.*

Ele assume que estou emocionalmente indisponível para atender sua chamada. Posso ter cuidado de uma garota de quinze anos sete vezes nas últimas cinco horas, mas nunca deixei que nada disso afetasse meu trabalho.

O problema: se eu planejo largar a medicina em breve, então, não deveria estar me preparando para ser um médico concierge.

É simples assim.

Aproximo-me da minha moto *Yamaha* preta no estacionamento. — Não estou tão exausto — digo a meu pai. — Não estou exatamente animado para atender visitas domiciliares e verificar os sintomas de gripe de uma criança.

— *A chamada não é sobre uma das crianças e não é uma doença.*

Minhas sobrelhas arqueiam e me encontro congelado no lugar. *Não é uma doença.*

Não posso ignorar essa chamada. Nenhuma parte de mim quer deixar para lá quando tenho a capacidade de ajudar. Mas torna muito mais difícil

abandonar a medicina.

Eu levanto o apoio da *Yamaha*. — Quem está ferido? — Peço detalhes, concordando sutilmente com o que meu pai quer.

Ele também sabe disso. — *Conversaremos mais quando você estiver em seu apartamento. Me ligue de volta.* — Ele desliga primeiro, mas só depois de balançar uma cenoura gigante na minha cara.

Coloco o telefone no bolso e o capacete, abaixando o visor.

E como um burro estúpido, eu anseio pela tentação.

Quando me formei na Escola de Medicina, decidi economizar no aluguel e no quarto com outros médicos do Hospital Geral. Eu moro um pouco ao norte de Center City em uma velha escola gótica que foi convertida em lofts. Eu realmente não dou a mínima para os “quadros-negros originais” ou os painéis de nogueira escura ou uma vista da cidade.

Basicamente, é barato, com três colegas de quarto e perto do hospital.

Bom o suficiente para mim.

Dentro do meu apartamento, coloco meu capacete no balcão da cozinha ao lado de um *Post-it* e disco o número do meu pai.

O bilhete é para mim, o mesmo que vejo dia sim, dia não. Eu mal olho as palavras rabiscadas:

Farrow, diga ao seu amigo que ele precisa ir embora.

~Cory

Apoiando-me nos armários, mordo a tampa de uma caneta e, em seguida, empurro o telefone para o ouvido com a outra mão. Preencho o *Post-it* com três letras grandes.

NÃO

Raramente estou no meu apartamento. Outra pessoa ficar aqui na minha casa não deve ser um problema e, para ser honesto, duvido que vá morar neste apartamento por muito tempo.

A linha telefônica clica.

— *Enviarei por e-mail o histórico médico do paciente por meio de um servidor seguro.* — Meu pai começa exatamente de onde paramos. — *E, então...*

— Segura aí — Interrompo, não querendo ler os arquivos médicos de ninguém se não for necessário. Porque vou desistir de tudo em breve. Folhear o histórico médico é invasivo. — Quem é o que estou tratando? — Abro um pacote de pó de cereal e pego uma tigela descartável para o caso de precisar sair rápido.

Meu pai deve estar se movendo, seus mocassins estalam no chão. — *Desculpe* — Ele diz distante para outra pessoa. — *Obrigado... OK, perfeito. Estarei no local do penhasco em quinze minutos.*

Despejo o pó de cereal na tigela e abro a torneira. Mais alto, meu pai diz: — *Farrow?*

— Ainda aqui. — Seguro a tigela embaixo da torneira.

— *O paciente é Maximoff Hale.*

Minhas sobrancelhas se franzem e meu rosto se enrugando em *confusão*. — Moffy realmente ligou para você pedindo ajuda? — Pergunto.

Levaria dois segundos perto de Maximoff para entender o quanto o cara não gosta de pedir ajuda. Por qualquer razão. Mesmo que ele estivesse em parada cardíaca, não consigo vê-lo ligando para meu pai.

Mas digamos que Moffy o fez, então teria que ser sério.

— *Sim, ele realmente ligou...*

— *Merda* — Xingo enquanto a água transborda minha tigela.

Rapidamente, fecho a torneira, derrubo a bagunça de cereal no ralo e lavo as mãos. Raramente algo me distrai assim.

— *Ele estava perguntando onde deveria ir para uma emergência* —

Explica meu pai.

Seco minhas mãos em um pano de prato. — Não conheço Moffy muito bem, mas ele parece ser o tipo de pessoa que faria *listas* para se preparar para coisas que ainda não aconteceram.

— *Você o conhece* — Refuta meu pai. — *Você conhece todos os Hales, Meadows e Cobalts. Nós dois conhecemos. Conhecer seus pacientes é o motivo pelo qual somos capazes de oferecer o melhor atendimento.*

Reviro os olhos.

Estou acostumado com as palestras médicas diárias, mas não preciso ou não quero uma agora. Meu pai nunca tira o jaleco branco. Metáforica e literalmente. É quem ele é, e, merda, eu não quero mais ser quem eu sou. Não posso existir apenas como outro nome na dinastia Keene. Isso significa que minha vida não é minha, e isso me assusta pra caralho. A vida é finita; todos nós morremos, e quando você está morto, está morto.

Eu não poderia desejar minha mãe de volta. Tenho uma única lembrança dela e um punhado de fotos. Sei que tenho apenas uma vida e preciso viver pelo que amo.

Não pelo que meu pai ama.

Não o que os Keenes precisam que eu seja.

Eu tenho que viver para mim.

Desisto da medicina.

Eu desisto.

Mas imagino Maximoff Hale ferido, sozinho. Precisando de alguém.

E eu sei que não vou desistir hoje.

Ainda assim, meu pai não me convenceu de que isso não é apenas o lobinho escoteiro³ ganhando um distintivo de mérito de “preparação

preventiva”. Passo o telefone para a outra mão e digo: — Tudo bem, mas ainda pode ser Moffy se preparando demais, como sempre faz.

— *Se você ouvisse a voz dele ao telefone* — diz meu pai —, *saberia que ele não estava calmo. Estava tenso. E você conhece Maximoff. Então, agora, o que você acha?*

Há um motivo para preocupação.

Eu esfrego minha mandíbula, meu pulso aumentando uma fração. Sem mais delongas, saio da cozinha para o armário do corredor. — Você resumiu o problema ou vou ter que fazer uma mala com tudo? — Pego minha sacola de trauma de lona preta e verifico os suprimentos: gaze, suturas – merda, se ele precisar de soro...

— *Pode ser uma fratura, talvez um possível traumatismo craniano.*

Eu me apresso. — Ele parecia desorientado?

— *Ele parecia preocupado e distraído.*

Lembro-me da última vez que vi Maximoff. Ainda sinto o cheiro da água salgada e o calor das tochas. Julho, mês passado. A família dele deu uma festa de verão em um iate e conversei com Moffy por um minuto.

Lembro-me de como ele olhava para o nada. Como demorei trinta segundos apenas para chamar sua atenção.

Meus lábios se levantam com a memória. — Aquele cara está sempre distraído.

— *Mais distraído do que o normal.* — Observa meu pai.

Meu sorriso desaparece rapidamente e coloco um manômetro na bolsa. Procuro meu estetoscópio perdido, abrindo as seções da bolsa.

Maximoff brigou com seu primo naquele iate. Ambos deram socos. E ele já foi pego em mais do que algumas brigas antes, principalmente com desordeiros. — Você acha que ele esteve numa briga? — Pergunto a meu pai, assim que encontro meu estetoscópio no bolso da frente.

— *Não* — diz ele. — *Ele nunca me liga depois de uma briga.*

Eu fecho a bolsa, levanto e pego minhas chaves no balcão. Então eu me lembro...

— Ele está em Harvard.

A seis horas de carro de Filadélfia.

Se ele está gravemente ferido... eu balanço minha cabeça. Seis horas parece muito tempo.

Antes que eu pense em alternativas, meu pai fala novamente.

— *Já reservei o jato particular* — diz ele. — *Vou enviar um e-mail com os detalhes. Você deve chegar a Cambridge em pouco mais de duas horas.*

Assinto. — Bom. — E posso dormir no avião.

— *Antes de embarcar, preciso que você passe em casa e pegue mais suprimentos.* — Ele se refere à casa da minha infância na Filadélfia, onde ainda mora e guarda remédios para emergências. — *O tipo sanguíneo de Moffy é B-positivo e, se ele tiver uma fratura grave, dê-lhe lidocaína por via intravenosa e avalie. Ele vai recusar um opioide.*

— Eu sei. — Seus pais estão se recuperando de vícios em álcool e sexo, e ele é cauteloso com analgésicos viciantes.

Meu pai lista todos os suprimentos e eu arquivo mentalmente as informações. Quando termina, ele diz: — *Depois de tratá-lo, certifique-se de escrever um relatório e me enviar um e-mail.*

— Claro.

— *E se você tiver alguma dúvida, não terei serviço de celular. Você pode sempre chamar seu avô ou Rowin...*

— Não vou ligar para Rowin — Eu o interrompo. — Nós terminamos na semana passada. — Coloco minha bolsa no ombro e verifico a programação do avião no meu telefone. Calculando quanto tempo eu tenho. *Não muito.*

A linha telefônica fica silenciosa.

Eu sigo pelo corredor estreito em direção ao meu quarto, telefone de volta no meu ouvido e digo: — Se é isso...

— *Você não deve deixar o trabalho afetar seu relacionamento. Se precisar de ajuda para equilibrar os dois, pode falar comigo.*

— Nem tudo é sobre medicina — digo com mais frieza do que pretendia. Minha mandíbula pulsando. — Eu sei que você gostava dele, mas acabou. Se não precisa de mais nada para Moffy, deixarei você ir.

— *Deve ser isso* — diz ele, seu tom ainda quente. — *Cuide-se.*

Desligo e entro no meu pequeno quarto que divido com Cory. Uma estante de metal de quase dois metros separa seu lado do meu, livros médicos empilhados em cada prateleira.

O amigo que Cory odeia está atualmente desmaiado em minha cama de solteiro, enrolado em meus lençóis pretos. E ele não está sozinho. Uma loira misteriosa dorme sob seu braço tatuado. O sutiã e o vestido vermelho espalhados pelas tábuas do assoalho.

Eu não ligo. A essa altura, a cama é mais de Donnelly do que minha.

Mas estou com uma pressa do caralho. Eu jogo as chaves da minha moto nele, e elas caem com um baque em seu peito. — Donnelly.

Ele semicerra os olhos e dá um tapinha nas chaves enquanto olha para o relógio da mesa de cabeceira. Já passa do meio-dia, e o cheiro forte de *Lucky Strike* e *bourbon* persiste.

— Caralho — Donnelly geme e passa a mão pelo cabelo castanho despenteado.

A loira debaixo de seu bíceps começa a acordar. Esfregando os olhos, seu rímel e batom estão borrados. Vejo o chaveiro Zeta Beta Zeta preso à sua bolsa de couro.

Esta não é a primeira garota da irmandade que Donnelly trouxe para o meu apartamento para foder.

Ela me olha com ceticismo enquanto se estica para fora da cama e

pega seu vestido e sutiã. — Quem é você?

— Estou prestes a sair — digo mais a Donnelly, mas ele não está olhando para mim.

— Ele mora aqui — Donnelly diz a ela com um bocejo. Ele se senta contra a cabeceira da cama e a observa recolher suas coisas.

Ela puxa o vestido, verifica o telefone e se levanta, sem prestar muita atenção nele.

— OK... obrigada, Daniel.

— Donnelly. — Ele murmura para mim: *ótima foda*.

Minhas sobrancelhas se erguem e os lábios sobem. Eu murmuro: *não perguntei*.

Ele sorri e desenrosca uma garrafa d'água quase vazia. Bebendo a última gota, ele engole e gesticula para a garota, depois para mim, com a garrafa. — Ele é residente no Hospital Geral.

Ela me examina da cabeça aos pés enquanto amarra seu cabelo emaranhado em um rabo de cavalo. — Você é realmente um médico?

Eu inclino meu ombro no batente da porta, cruzando os braços frouxamente. Posso estar constantemente relaxado, mas estou acompanhando o último segundo que posso perder antes de precisar sair. — Sou um médico de verdade, mas sou apenas um estagiário do primeiro ano.— Olho para Donnelly. — O que é tecnicamente chamado de residente.

Ele joga a garrafa vazia em um arco e a garrafa cai em uma lata de lixo. — Mesma coisa. — Seu sotaque do sul da Filadélfia é forte.

— Mais ou menos — digo. — Eu não fiz meu exame da Etapa 3 para me tornar licenciado ainda.

Tenho 24 anos e já me formei na Faculdade de Medicina e tenho a habilitação. Mas não me tornarei um médico licenciado até concluir o exame USMLE.

Donnelly balança a cabeça. — Desnecessariamente complicado.

A garota franze a testa. — O quê? — Ela não consegue entender o que ele acabou de dizer com sua cadência da Filadélfia.

Ele tenta enunciar. — *Desnecessariamente...*

— Deixa pra lá — Ela o corta e verifica seu telefone.

Eu gostaria que essa garota fizesse uma saída rápida tanto quanto ela quer fazer uma. Eu inclino minha cabeça. — Precisa que eu chame um *Uber*? — Pergunto.

Ela manda mensagens rapidamente. — Minha amiga vem me pegar. Pode me dar o endereço?

Eu digo a ela o endereço do complexo de apartamentos, e então Donnelly balança as pernas para fora da cama e pega seu jeans. — Ei — Ele diz para a garota —, se você quiser vir, eu vou almoçar no *Wawa*...—

— *Wawa*? — Ela se encolhe. — Ai, credo.

Eu quase rio. Ela odeia a porra do *Wawa*. Meu sorriso se estende, decentemente entretido porque Donnelly vai perder a cabeça.

— Ai, credo? — Ele repete. — Garota, *Wawa* é uma grande maravilha da Filadélfia...

— É apenas uma loja de conveniência. Deus, eu não entendo a obsessão das pessoas com isso.

Donnelly se encolhe. — Você não viu minha tatuagem? — Ele se vira um pouco e mostra a ela o logotipo *Wawa* na tatuagem em seu ombro.

Ela enfia uma mecha esvoaçante de cabelo atrás da orelha. — *Cara*, foi só sexo. Eu não me importo se um caso de uma noite é assustadoramente obcecado por um posto de gasolina ou não — e não aja como se isso fosse algo mais para você. Você também não sabe meu nome.

— Você tem que ser uma Betty — diz ele. — Betty soa como o nome de alguém que tem horror ao *Wawa*.

Ela passa pela cama com os saltos altos na mão. — Meu nome é Sylvia.

Eu me viro uma fração de centímetro para deixá-la passar pela porta. Ela olha para minha bolsa de trauma e depois desaparece para a cozinha. *Faltam três minutos.*

Tiro do bolso um bastão de *Winterfresh* e abro o papel alumínio.

— Nos vemos nunca, Betty! — Donnelly grita e a porta da frente se fecha batendo. Ele pula em seu jeans rasgado. — Não acredito que enfiei meu pau em uma *hater* de *Wawa*.

Eu coloco meu chiclete na boca. — Você enfiou seu pau em coisas piores. — Ajeito-me à porta.

Donnelly abotoa a calça jeans. — Nada pior do que uma garota que odeia *Wawa*.

Eu assobio. — E seus padrões fodidos persistem.

Ele sorri e puxa a camisa esfarrapada da noite anterior pela cabeça. Ele percebe minha bolsa de trauma e sua boca se fecha.

Eu não desenterro essa coisa do armário todos os dias.

Dois minutos.

— As chaves da moto estão na cama — Explico, mascando meu chiclete. — Vou ficar fora por um tempo. Você pode usá-la, se precisar.

Donnelly não possui nenhum tipo de veículo e, se não está pegando minha *Yamaha* emprestada, está a pé ou de transporte público.

Eu me viro para a cozinha, não me demorando mais.

Donnelly segue logo atrás. — Você já contou ao seu velho sobre ser um guarda-costas?

Eu roubo a maçã de Cory de uma fruteira e olho de volta para Donnelly. — Ainda não.

Um tempo atrás, Akara Kitsuwon sugeriu que eu tentasse o treinamento de segurança. Ele é dono da academia Studio 9 Boxing & MMA, que se tornou referência para a equipe de segurança das famílias famosas.

Donnelly e eu estávamos lutando nos tatames, como às vezes

fazemos, e em um intervalo, mencionei despreocupadamente para Akara que estava exausto da medicina.

A próxima coisa que sei é que estava em treinamento de segurança e Donnelly se juntou à jornada. Agora, nós dois estamos no curso final do treinamento, e eu estou com um pé na medicina, outro fora.

Donnelly tira uma caixa de leite da geladeira. — Está pensando em quando você vai contar a ele?

Mordo a maçã e mantenho o olhar de Donnelly por um instante.

Uma vez que eu disser ao meu pai que estou deixando a medicina para me tornar um guarda-costas 24/7, vou perdê-lo, e Donnelly sabe disso.

Meu relacionamento com meu pai é construído com base na noção de que me tornei médico. Esse é o meu valor. O propósito da minha vida. Remova-o e nada restará.

Vamos colocar dessa forma: eu era aluno dele primeiro, filho por último. A conversa fiada era típica; nada mais profundo quase nunca acontecia e, com certeza, ele estava sempre ocupado como a maioria dos pais. Mas eu não tinha mãe e ele não contratou babá ou alguém para cuidar de mim.

Em vez disso, ele me colocou em dezenas de atividades extracurriculares. Me fez cuidar de mim mesmo mais da metade do tempo.

E uma dessas atividades eram as artes marciais. Comecei aos cinco anos e nunca mais parei. É irônico que meu amor pelo MMA seja o que acabou me levando à academia Studio 9 e, finalmente, o que abriu as portas para o treinamento de segurança.

Não posso nem ficar chateado por perder meu pai com essa mudança de carreira. Porque eu não sinto que já tive um bom relacionamento, para começar.

Quando vou finalmente dizer ao velho que parei? Não faço planos arregimentados como esse.

Eu cuspo meu chiclete em uma lata de lixo. — Vai acontecer quando

acontecer — digo a Donnelly e olho para o relógio do forno. *Falta um minuto.*

Ele abre a tampa do leite, mas sua atenção continua na minha bolsa.
— O que há com isso?

— Meu pai recebeu uma ligação. Estou ajudando uma última vez. —
Dou uma grande mordida na maçã.

Ele engole o leite da caixa. — Diga o que quer que Hale precise de
você que eu digo ‘Qual é?’

— Não — digo facilmente e sigo para a porta —, e cara, pare de
presumir o pior sobre os Hales. — Os pais são viciados, mas estão em
recuperação e sóbrios. E eles são melhores do que a maioria das mães e pais
com os quais Donnelly e eu crescemos.

— Não posso evitar. — Ele limpa a boca no bíceps. — Eles são o
Time Azarado.

Reviro os olhos e aperto a maçaneta. — Você pode ser designado
para um deles.

— *Nah*, eu já solicitei o Time Sortudo. — Ele quer dizer a família
Cobalt.

Eu sorrio para outra mordida de maçã. — Divirta-se com isso. —
Abro a porta com um chute, a caminho de Maximoff Hale.

Quando estou no elevador, pego meu telefone e penso em ligar ou
enviar uma mensagem para Moffy para obter mais informações, para garantir
que ele está bem, mas nem tenho o número dele.

Porra do inferno.

Coloco meu telefone no bolso. Não muito tempo depois, pego um táxi
para a casa de meu pai no noroeste da Filadélfia, coloco os suprimentos e
remédios na minha bolsa e chego ao aeroporto com bastante tempo para
embarcar no jato particular. Turbulência moderada e sono decente depois,
estou no chão.

Uma fonte desconhecida já me concedeu acesso ao dormitório de

Moffy. Se eu desse um palpite, diria que a Equipe de Segurança Ômega está no comando dessa emergência clandestina. Mas Maximoff não sabe que nenhum médico está vindo, até onde eu sei.

Seu dormitório fica no quarto andar, ao lado do banheiro comunitário. Eu bato na madeira arranhada. Espero. Nenhum ruído.

Atenda, lobinho.

Eu bato novamente. Silêncio completo, mesmo dentro do salão. A maioria dos alunos deve estar no campus, o antigo dormitório tranquilo à tarde.

Depois de outra batida e mais silêncio, meu maxilar endurece. No e-mail que meu pai enviou, ele deixou uma instrução: *se Moffy não atender a porta, chame seu guarda-costas para abri-la.*

Ele pode estar inconsciente no chão. Eu não vou perder tempo ou entregar essa tarefa fácil para outra pessoa. Eu giro a maçaneta. Trancada.

Sem hesitar, bato minha bota na madeira. A porta bate, mas precisa de mais alguns chutes para arrombar.

Nem me preparo para o segundo chute antes que o som de passos ecoe do outro lado. Ele está se movendo.

Bom.

Expiro uma respiração pesada pelo nariz.

A porta se abre para uma celebridade de dezenove anos, um metro e oitenta e sete com um queixo definido.

Instantaneamente, seu olhar verde-floresta pega meu castanho, e eu encontro seu olhar questionador. Eu passo minha língua sobre meu piercing prateado no lábio e quebro o contato visual. Rapidamente, eu varro seu corpo de nadador em busca de sinais visíveis de uma ferida.

Seu jeans está solto em suas pernas, sua camiseta verde apertada em seu peito. Não vejo nenhum ferimento, e um fio de fone de ouvido está pendurado em seu ombro.

Ele devia estar ouvindo música, incapaz de me ouvir bater.

— O que você está fazendo aqui? — Moffy pergunta, a voz firme. Ele até espreita sobre meu ombro.

— Sou só eu, lobinho. — Empurro ainda mais para dentro do dormitório apertado antes que ele possa me colocar para fora. Eu assobio para a cama desarrumada à esquerda, um edredom carmesim de Harvard amarrotado e lençóis enrolados. — Colega de quarto ruim? — Pergunto e largo minha bolsa no chão.

Maximoff cruza os braços, os bíceps protuberantes. — Essa poderia ser a minha cama. — Ele acena para a área bagunçada.

— Não — digo com naturalidade. — Essa é a sua cama. — Aponto para o edredom laranja enfiado na madeira. — E essa é a sua mesa. — Sua mesa de carvalho está bem próxima, um livro de Filosofia aberto e um marca-texto destampado como se eu o pegasse no meio do estudo.

— Ótimo. — Ele passa a mão pelo cabelo grosso e castanho-escuro. — Agora que você deu uma de Sherlock Holmes no meu dormitório, pode sair feliz. Missão cumprida.

— Eu não vou embora — digo sério.

Maximoff não é um idiota. Ele vê minha bolsa de traumas. Ele sabe que estou aqui por causa do telefonema que fez para meu pai. Eu não preciso dar explicações.

Mas estamos um pouco parados porque ele não fala sobre sua lesão. Eu o examino a cerca de um metro e meio de distância. Ele geralmente tem a pele bronzeada, mas perdeu a cor no rosto. E ele está suando.

— Você parece pálido — digo a ele.

Ele pisca lentamente. — Obrigado.

Eu inclino minha cabeça. — Isso não foi um elogio.

— Eu estava sendo sarcástico.

Minhas sobrancelhas se erguem, um sorriso em meus lábios. — Eu

sei.

Maximoff faz uma careta e apoia as mãos na cabeça como se comunicar comigo fosse brutal. Nas vezes que conversamos, gosto de irritá-lo pra caralho, mas hoje é diferente. Ele é meu paciente.

— Jesus Cristo — Ele rosna baixinho.

— Moffy...

— Estou bem — diz fortemente, suas mãos caindo para os lados. — Se eu achasse que não, teria ido ao pronto-socorro. Tudo bem, você pode fazer o que diabos você faz em uma tarde de quarta-feira. Lamento que tenha vindo para Cambridge. — Seu pedido de desculpas soa extremamente sincero.

— Não lamente — digo. — Eu deveria estar aqui.

Bem aqui.

Agora mesmo.

Esta foi a minha escolha. Eu poderia ter dito *não* ao meu pai, mas disse *sim* a essa chamada. Para Maximoff, e não vou embora até ter certeza de que ele está seguro.

Ele estala uma junta e olha para longe, perdido em pensamentos.

Eu espero e passo a mão pelo meu cabelo tingido. Algumas fotos se alinham em sua mesa, a maioria de irmãos ou com sua melhor amiga, Jane. Reconheço uma foto de grupo de St. Thomas com todas as famílias espremidas juntas, nas férias de verão. A imagem vazou na internet alguns anos atrás.

— Então, você não vai embora?

Eu olho para ele, sua atenção focada em mim novamente. — Não até você me dizer o que está errado, e, cara, você não precisa descrever por que algo aconteceu. Posso trabalhar com uma história simples. — Não ter a imagem completa vai me irritar um pouco – merda, normalmente não irritaria. Mas já estou com vontade de saber mais sobre ele.

Dou uma olhada rápida em Moffy e desvio o olhar.

Ele é Maximoff Hale.

Quase rio sozinho. Caralho, ele é muito puro. Saudável demais. E acabei de sair de um relacionamento de longo prazo – há razões pelas quais eu não faria isso. Tantos mais motivos pelos quais ele não o faria.

Agora não.

Possivelmente nunca.

— Eu cortei minha perna — Ele diz de repente, mas as palavras saem lentamente como alcatrão grosso em sua língua.

Eu olho seu jeans enquanto sua postura rígida quase não muda. — Onde?

— Minha coxa.

— Isso é um problema — digo facilmente. — Sua artéria femoral...

— Eu teria sangrado horas atrás se cortasse minha artéria femoral.

Estou bem.

Eu tento não sorrir porque isso só vai agitá-lo. — Dr. *Google* diz que você está bem, mas eu ainda não. — Eu me agacho e abro minha bolsa. — Ainda preciso ver a ferida. No que você se cortou?

Maximoff para de protestar e desabotoa a calça jeans. — Não sei.

Franzo a testa e abro a embalagem de um par de luvas. — O que você quer dizer com ‘não sei’?

— Eu estava fora do campus ontem à noite com alguns caras da equipe de natação. Estava escuro. — Ele sai de seu jeans. A bandagem está enrolada em torno de sua coxa musculosa, gaze grossa por baixo. Ele tratou sua ferida perfeitamente.

Maximoff percebe que estou olhando e começa a sorrir. — Melhor do que você teria feito, hein?

Coloco uma luva médica. — Ainda sou melhor que você em tudo, lobinho. Não se empolgue.

— Me empolgar perto de você? Sim, eu nunca estou nem perto disso.

Eu não quis dizer isso sexualmente, mas aqui estamos nós.

Eu olho para cima, assim como ele olha para baixo, e ele engole, seu pomo de Adão balançando. Merda, nossa brincadeira não tomou exatamente esse caminho antes.

Como sou mais velho e mais sábio, decido eliminar a estranha tensão com “profissionalismo” e pergunto: — Você limpou a ferida?

— Sim.

— Sente-se na cadeira da sua escrivaninha. — Eu me levanto e deslizo minha bolsa de trauma para mais perto com meu pé, ele se senta como uma porra de uma prancha. Seu olhar fixo nos meus movimentos. Eu me inclino sobre seu peito, o cheiro de cloro correndo em minha direção, e com minha mão sem luva, pego seu livro de *Fundamentos de Filosofia*.

— O que você está fazendo? — Ele pergunta, odiando estar no escuro. Claramente.

Coloco o livro em suas mãos. — Leia, tome notas, estude. Não me observe.

— Farrow...

— Confie em mim, lobinho. — Eu me agacho, coloco minha outra luva e começo a tirar o curativo que fica perto de sua cueca boxer cinza. Paro sem ter mexido um quinto quando eu o pego olhando e *pensando demais*. — Você não precisa analisar demais o que estou fazendo, Moffy. Apenas se concentre em sua própria merda.

Ele olha. — Minha perna é minha própria merda, obrigado por perguntar.

Reviro os olhos em um sorriso. — De nada. — Continuo desembrulhando o curativo enquanto seu olhar está preso ao meu. *Confie em mim, confie em mim*, tento transmitir até que ele finalmente cede e lê seu texto com uma respiração frustrada. Eu me concentro em sua ferida, o sangue escorre – *caralho*. Retiro mais rápido.

— Você enfaixou sua coxa sem parar o sangramento primeiro?

Ele olha para baixo. — Tinha parado.

Pego meu kit de sutura. — Quando você cortou?

Ele fecha o livro e pensa. — Uh... — Maximoff aperta os olhos. — Três, quatro da manhã. Eu estava fora...

— Com seus companheiros de equipe de natação, eu ouvi essa parte. — Eu me ajoelho em uma perna para um ângulo melhor. O sangue encharca completamente a gaze e tento retirá-la com cuidado do corte.

Ele estremece e agarra a borda da mesa. — Caralho.

— Desculpe. — Descarto a gaze em um saco plástico e fecho o corte com os dedos. Alguns centímetros mais alto e isso teria cortado sua artéria. — Você teve sorte.

— Eu sei. — Ele esfrega o suor da testa com o braço. — Eu não estava bêbado ontem à noite, se é isso que você pensa.

— Não é isso que estou pensando. — Pego mais suprimentos. — Você tem sangrado de forma consistente desde o início disso... qual é o seu nível de dor de um a dez? — Eu me interrompo e pergunto, já que ele está suando e rangendo os dentes.

Seu nariz se dilata, estremeecendo. — Não importa. Eu não posso tomar um analgésico.

— Importa. — Planejei primeiro desinfetar a ferida, depois, administrar uma injeção de lidocaína, e então suturar, mas mudo a ordem e desempacoto apressadamente uma seringa e uma agulha.

Ele aperta a mesa até os nós dos dedos ficarem brancos, o quarto silencia enquanto eu trabalho e ele se concentra na respiração. Dou-lhe uma injeção de lidocaína para anestesiá-la ferida. Em seguida, limpo a área com um antisséptico e irriço com solução salina.

Em menos de dois minutos, termino os dois e começo a suturar o corte profundo. Eu quebro o silêncio primeiro. — Quando foi sua última

vacina antitetânica?

— Eu tinha oito anos. — Muito tempo atrás.

Eu olho para cima. — Tem certeza? — Eu realmente não quero abrir seus registros médicos e preciso que ele tenha certeza.

— Bastante positivo.

Eu confio nele o suficiente. — Vou te dar uma vacina antitetânica antes de ir embora. — Eu perfuro sua pele com a agulha e teço o ponto.

Maximoff limpa uma bola em sua garganta. Depois de terminar as suturas, trato a ferida com gaze limpa e curativo. Ele desliza para a frente na cadeira.

— Eu posso fazer isso — diz ele e pega a gaze.

Coloco a mão em seu peito, minhas luvas trocadas. — Apenas relaxe.

Ele solta uma risada curta. — Certo. — Ele estala um torcicolo no pescoço e olha para longe novamente.

Aonde você foi, Moffy?

Eu o observo por um segundo, então enrolo a bandagem. — Sem nadar até que os pontos saiam...

— O quê? — Sua voz aumenta, olhos arregalados em minha direção.

Isso o acordou. — Você não pode nadar em uma piscina de cloro com esse tipo de corte.

Maximoff solta um suspiro pesado e continua balançando a cabeça. Seus olhos estranhamente carregam uma montanha de emoção e, então, nenhuma. Como se ele estivesse lutando para me mostrar algo e, depois, nada. — Estou na equipe de natação de Harvard.

Espero que ele diga *preciso nadar*, mas ele para por aí.

Ele abre a boca, depois a fecha, em conflito.

Eu levanto minhas sobrancelhas. — Triste? — Eu pergunto.

— Não. — Ele balança a cabeça repetidamente. — Sabe... — Ele lambe os lábios. — Ontem à noite, um dos meus novos companheiros de

equipe me jogou em uma pilha de lixo. Havia metal e... — *Ele foi cortado.* Ele desvia o olhar, então seus olhos duros encontram os meus de frente. — Eles não me querem aqui.

— Você quer estar aqui? — Pergunto. Ele não responde. Seu rosto está em branco.

Desejo manter seu olhar por mais tempo, mas me forço a olhar para baixo. E eu coloco o curativo dele. — Você deveria ter ido para Yale. Tudo é melhor lá: as pessoas, os dormitórios, os ex-alunos.

Ele finge confusão. — Mesmo? Ouvi dizer que eles produzem sabichões de cabelos brancos com linhagens pretensiosas e tendências idiotas.

— Tendências idiotas — Repito com uma risada. — Eu acho que você quer dizer tendências heroicas.

— Eu digo a você que fui empurrado para a porra do metal, e você aproveita esse momento para me dizer que Yale é melhor que Harvard.

Sim, eu sou um idiota. Meu sorriso se estende quando me levanto, tirando minhas luvas. — É bem por aí.

Seu olhar permanece em mim por um longo momento. — Talvez — Admite Maximoff. É difícil não olhar para ele.

Eu limpo e não o deixo ajudar, mesmo quando ele pede. Ele ainda está um pouco fraco.

— Por que você está aqui, afinal? — Ele pergunta depois que eu lhe dei uma injeção antitetânica no deltoide. — Sei que seu pai está com meu tio Ryke, mas pensei que Trip estaria aqui em seu lugar. — Sou conhecido por acompanhar as chamadas, não as atender sozinho como se estivesse na fila para ser um médico concierge.

Pego o kit de sutura e jogo para ele um curativo para a pequena mancha de sangue. Ele está morrendo de vontade de fazer algo sozinho e pode pelo menos colocar um *Band-aid* no ombro. — Meu tio está com meu pai — digo a ele. — Eles precisavam de mãos extras. Isso é uma coisa única.

Maximoff pensa muito.

Eu vou ser um guarda-costas, lobinho.

A verdade pesa dentro de mim e, enquanto me preparo para partir, reconheço o quanto há para ser dito.

Farrow Keene

— ELE VAI DAR um soco — diz Oscar Oliveira, observando meu namorado de 22 anos, sangue-quente.

Eu assisto a mesma cena do mesmo ponto de vista de Oscar.

Todos nós seis da Equipe de Segurança Ômega “guardamos” a entrada de porta dupla do *Philadelphia Orchestra Hall*. Dois mil dos filhos da puta mais ricos que já vi ocupam assentos de veludo escarlate. O nível principal e os níveis do balcão estão lotados, e um quarteto de cordas toca uma peça clássica no palco, com cortinas de rubi abertas.

Encostado na saída de emergência do lado esquerdo, meu namorado parece pronto para entrar em combustão.

Maximoff fala baixinho, mas suas sobranceiras franzem e ele gesticula loucamente. Aproximando-se cada vez mais do arrogante organizador de terno e gravata do evento “sem precedentes” desta noite.

Eu mastigo meu chiclete lentamente, braços cruzados frouxamente. Mas quase não pisco. Eu assisto.

E o organizador de quarenta e poucos anos com sapatos *Gucci* e dentes incrivelmente brancos dá um passo visivelmente em direção a Maximoff.

Em uma afronta.

Meus braços caem, o instinto prestes a me impulsionar pelo corredor esquerdo...

— Farrow. — Meu nome é falado em um aviso.

Com o canto do olho, vejo Akara Kitsuwon, o líder da Ômega. — Farrow — Ele repete, sua expressão amigável agora rígida. Lembrando-me de

não deixar minha posição. Seu terno *Hugo Boss* preto sob medida é idêntico ao de toda a segurança.

Não é exatamente meu estilo. Tirei o paletó exigido há uma hora. O que resta: uma camisa de botão preta enfiada na calça preta. Eu corro meu polegar sobre meu piercing prateado no lábio e olho para o meu namorado.

Ainda não posso sair do lugar.

Maximoff fica mais furioso, os olhos flamejantes e o corpo curvado para a frente com fervor. Como se, se ele se esforçasse o suficiente, poderia pôr o mundo de volta no lugar.

Eu quero estar ao lado dele. Para aliviá-lo, para segurá-lo. Acalmá-lo. Mesmo que seu fusível tenha sido justificadamente queimado esta noite.

Nunca pensei que acabaríamos aqui, apenas duas semanas depois de deter o *stalker* de Maximoff, que acabou por ser amigo-com-benefícios de Jane. Passo a mão pelo meu cabelo tingido de preto e me contenho para não ir até ele.

Veja, eu ainda sou o guarda-costas de Maximoff Hale 24/7, mas não devo protegê-lo neste evento específico.

Regras de segurança.

E todos nós sabemos como me sinto sobre regras.

Atrás de mim, a porta dupla se abre e seis cabeças se viram. A minha incluída.

Oscar segura a maçaneta, abrindo a porta para... um garçom de *smoking*. Ele equilibra uma bandeja de champanhe e desce o corredor.

Oscar deixa a irritação transparecer em seu rosto enquanto solta a maçaneta, a pesada porta fechando-se sozinha. — É oficial — diz.

Eu estouro uma bola e inclino minha cabeça para o guarda-costas Ômega mais antigo, e também, um dos meus amigos mais antigos. — Você foi rebaixado a porteiro — Termino seu pensamento.

— Não só eu, Redford.

— Tecnicamente, você é o único segurando a porta — digo, interessado pela metade porque no meu periférico, vejo Maximoff balançar a cabeça repetidamente para o organizador e forçar a palavra *não*.

A adrenalina corre em minhas veias, incitando-me a ir até ele.

— Ninguém é porteiro — diz Akara enquanto envia mensagens em seu telefone. — Estamos guardando a entrada. — Ele enfia o celular no bolso, lembrando-nos sutilmente da estipulação com a qual todos concordamos.

A Equipe de Segurança Ômega ganhou uma quantidade decente de fama pública após o vazamento do vídeo Papai Noel Sexy em janeiro. Páginas do *Tumblr* são dedicadas apenas ao irmãozinho do Oscar, e alguns fãs pedem nossos autógrafos quando estamos de plantão com nossos clientes.

Para manter nossos empregos em segurança, todos concordamos com uma grande mudança: *nenhum evento de grande escala*.

Agora, é meado de maio e a Alfa está no comando com nossos respectivos clientes esta noite. Protegendo-os. E estamos aqui fazendo um trabalho que a segurança temporária poderia fazer facilmente.

Eu me inclino casualmente sobre os calcanhares e cuspo meu chiclete em uma lata de lixo. Akara olha para a nossa fila, de Thatcher a Quinn e Donnelly, eu e Oscar.

— Algum de vocês quer folga? Porque vocês estão livres para sair a qualquer momento.

Ninguém move um músculo.

O ingresso para este evento custa dois mil. Fora da nossa faixa de preço, e todos nós queremos ficar de olho nos nossos clientes de longe. Mesmo que isso signifique ser regulado garantindo a entrada.

A propósito, esse preço de ingresso é algo que Maximoff nunca definiria. Este é um evento que Maximoff nem está realizando. Um que ele nunca construiria na vida.

Um que tem sido inequivocamente contencioso desde o início.

Eu estudo a discussão crescente entre Maximoff e o organizador. O homem de meia-idade ferve, com o rosto vermelho como uma beterraba, e ele zomba de uma resposta com os dentes cerrados, cortando o ar com o braço em Maximoff.

Como se dissesse *não*.

E então, ele agarra o ombro de Maximoff – *já chega*. Deixo minha posição e sigo para o corredor esquerdo com tapete vermelho.

Várias fileiras de idiotas ricos estavam tirando fotos de Maximoff em vez do quarteto de cordas, e suas lentes começam a se desviar para mim.

— *Price para Farrow*. — A voz do líder Alfa ressoa em meu fone de ouvido. — *Retorne à sua posição na entrada*.

Os músculos de Maximoff se flexionam. Ele coloca a palma da mão no peito do organizador para manter o homem à distância, mas os dois estão falando um acima do outro. Os violinistas abafam sua luta verbal.

Eu nem pego meu microfone para responder.

— *Price para Farrow* — Repete Price. — *Maximoff tem um guarda-costas em seu destacamento esta noite e não é você. Retorne à sua posição*.

Eu vi o guarda-costas da ESA pairando a três metros de Maximoff.

Eu até conheço aquele guarda-costas. Bruno Bandoni é um tipo calado de 52 anos com a estatura de um campeão dos pesos pesados. Careca e barbudo. Eu costumava trabalhar ao lado dele na Alfa, apenas porque ele é o guarda-costas de Loren Hale 24/7.

Não odeio Bruno, mas ele é um dos homens mais disciplinados e ele não gosta de mim. Hoje à noite, isso definitivamente não vai mudar.

— *Akara para Price*. — Akara fala através de comunicações. Estou muito longe agora para ouvir a liderança da Ômega sem meu rádio. — *Deixe Farrow verificar Maximoff. Ele só vai levar um minuto*.

O organizador do evento levanta um dedo ameaçador para Maximoff, um movimento irritado de agarrar seu rosto.

Filho da puta.

— *Ômega não dá as ordens neste evento* — Price diz através dos comunicadores enquanto meu passo aumenta. — *Alfa está no comando, e, Farrow, se você alcançar Maximoff, estará oficialmente de folga esta noite. Você pode ficar aqui como segurança ou como namorado de Maximoff Hale. Escolha...*

A mão sardenta do homem de quarenta anos agarra a mandíbula afiada de Maximoff, e estou perto o suficiente para ouvir o homem cuspir: — Olha aqui...

O instinto me empurra, e eu corro os últimos dois metros, prendendo meu corpo entre eles – assim que Maximoff arranca a mão indesejada de seu rosto e então se desequilibra. Pego seu punho na palma da mão e o puxo para trás.

Vamos, lobinho.

Bruno puxa o organizador por trás, cada movimento em um piscar de olhos. Mais curto que uma respiração.

Maximoff solta fumaça, o peito subindo e descendo pesadamente, e sua fúria incandescente ainda perfura o organizador atrás de mim.

Eu abro o punho que peguei e agarro sua mão com a minha mão.

Apertando.

Maximoff pisca, sua atenção quase, *quase* minha.

Nossos peitos se chocam, sua camisa cinza do Acampamento Calloway, jeans verde e botas *Timberland*, diferente dos ternos e *smokings* do salão. É sua maneira de obter um mínimo de controle durante um evento que está completamente fora de suas mãos.

Com meu outro aperto em seu ombro, eu ando para frente, forçando-o a continuar andando de costas pelo corredor. Aproximando-se do palco. — Olhe para mim — digo, minha voz rouca. —, lobinho.

Seu peito infla, os músculos ainda flexionados.

Meu pulso acelera.

Passo os olhos por seu rosto marcante, mas também tenso, e minha mão desliza por seu ombro largo e sobe lentamente por seu pescoço. Eu seguro sua mandíbula; aperto sua mão na minha, e meus lábios se voltam para sua orelha.

— Maximoff Hale, quer se casar comigo?

Ele se encolhe, olhos arregalados e sobrancelhas franzidas com mil perguntas e ainda mais dúvidas filosóficas.

Maximoff Hale

EU PENSO DE MAIS.

Sobre cada merda. Você sabe disso. Mas neste segundo, eu deixo sair a primeira coisa na minha cabeça. — O quê? — Eu pergunto, muito agitado.

Farrow é um centímetro mais alto, cabelo preto puxado para trás, seu sorriso de sabe-tudo se estendendo a níveis deslumbrantes de cair de joelhos. — Respire fundo, lobinho.

Estou prendendo a respiração como se tivesse acabado de mergulhar no fundo de uma piscina gelada?

Talvez.

Provavelmente.

Tudo bem, definitivamente. Não consigo nem pensar na ideia de casamento, não aqui; é algo que não discuti com ninguém além de Jane — espere...

Farrow ergue as sobrancelhas para mim, quase rindo.

Começo a concordar, sabendo antes que Farrow diga: — Cara, estou fodendo com você. — Ele precisava chamar minha atenção. Não vou admitir em voz alta que funcionou, mas funcionou pra caralho.

Eu tento forçar uma careta. — Obrigado por isso, idiota.

Farrow assobia. Seu sorriso deve estar machucando seu rosto. — Ele chama como ele vê. — Ele segura minha mandíbula, sua mão tatuada é quente, mas os anéis de prata são frios.

O momento acalma.

Nossos olhos vagam um pelo outro, e eu respiro e respiro, a raiva reprimida tentando se esgotar com sua presença relaxada empurrada contra meu corpo rígido.

Ele passa o braço por cima do meu ombro, toda uma confiança fria, seus dedos roçando a parte de trás do meu pescoço antes de desaparecer no meu cabelo.

Eu inalo uma respiração mais profunda. Deixei outro capitão entrar no meu navio e todos – a equipe de segurança, a equipe de produção de *Somos Calloway*, minha família, o mundo, *você* – sabem disso.

Neste momento, estou ciente de que estamos no *Orchestra Hall*, tão perto do palco que a música clássica domina nossas vozes dos bisbilhoteiros.

Mas Farrow e eu estamos à vista de dois mil pares de olhos curiosos.

Nosso relacionamento tornou-se público há cerca de duas semanas, e isso – tocar meu namorado de 28 anos com uma multidão à vista – ainda mexe comigo. Na maioria das vezes no bom sentido, outras vezes... me pego observando as pessoas me olhando, algo que quase nunca faço. As câmeras sempre foram cenário da minha vida colossalmente estranha.

Mas eu as noto mais agora e me preocupo um pouco que elas estejam incomodando Farrow. Ele acabou de perder a porra da privacidade, e isso é só o começo. Ele disse que me contaria se a imprensa ou os fãs o irritassem e, até agora, ele não disse nada sobre isso. Eu confio nele, então não vou analisar demais.

Meus músculos tentam relaxar, o sangue ainda fervendo por causa de Douglas Cherrie, o paternalista organizador do evento que eu quase dei um soco.

Não estou orgulhoso disso.

Eu balanço minha cabeça, mandíbula doendo de tanto cerrar. — Achei que poderia argumentar com ele — digo a Farrow. — Lembrei a ele que Luna tem apenas dezoito anos e não quer isso... — Levanto meu olhar para encontrar a compreensão de Farrow. — Pedi para trocar de lugar com ela. Ele disse não. Ofereci-me para comprar Luna de volta... e, Jesus Cristo. — Eu me encolho com essas palavras.

Comprar Luna.

Como se minha irmãzinha fosse uma propriedade.

— Ei — Farrow diz, puxando-me para mais perto, sua mão mudando para a parte de trás da minha cabeça. Os *flashes* das câmeras nos iluminam, e nós dois viramos as costas para bloquear o brilho forte.

Farrow abaixa a voz e eu apuro meus ouvidos para ouvi-lo acima da música. — Price está acompanhando Luna no leilão de caridade — diz ele. — É um pouco perturbador que um filho da puta de sessenta anos tenha vencido a disputa por ela, mas você não precisa ficar paranoico. Seu pai e sua mãe estão respirando no pescoço da segurança a noite toda, e quase todo mundo na ESA está de olho nela.

Meus ombros simplesmente não afrouxam, meu pescoço está tenso. Eu estive em DEFCON 1, modo de controle de danos na última hora e meia.

E por hora e meia, quero dizer *milênio*.

Farrow estuda minhas feições. — Merda, você é tão moralista.

Eu alongo meu braço nas minhas costas. — Você é tão frio. Como posso me tornar igual a você? — Pergunto, sarcasmo escorrendo.

Ele revira os olhos. — OK, espertinho, é um leilão beneficente. Não é uma rede de prostituição.

Eu franzo a testa, minha mandíbula travada por uma longa pausa. Até eu perguntar: — Qual é a nossa certeza de que não é?

— *Maximoff* — Ele começa como se isso fosse paranoia, mas ele faz uma pausa. Porque eu não estou no controle deste leilão de caridade da H.M.C Filantropia. Não tenho detalhes. *Nós* não temos detalhes.

Eu assinei porque *isso* – bem aqui – foi a estipulação que Ernest Mangold fez, a única tarefa que todo o Conselho da H.M.C. disse que eu tinha que completar para ser reintegrado como CEO: um leilão de caridade que eles orquestrassem. Eu deveria saber para onde ir, o que fazer.

Um seguidor. O que eu nunca fui.

Eu finalmente entendi por que o Conselho H.M.C. Filantropia escolheu isso – por que eles até concordaram em votar em mim para sair da empresa que construí e deixar Ernest assumir meu lugar. Sempre rejeitei as propostas de *leilões de caridade* do Conselho, em que meus primos e irmãos eram os licitados.

Eu nunca, em um milhão de anos-luz, concordaria com isso, a menos que eles tivessem me chutado para fora e segurado minha cabeça como isca.

O que eles fizeram.

Farrow solta minha mão, apenas para agarrar minha cintura. Seus dedos deslizam sob minha camiseta e minha pele se eletriza com o toque.

Mais confiante, ele diz: — Isso não passa de um gala inocente, aristocrático e arrogante — Nossos olhos mergulham mais fundo um no outro, nossas bocas mais próximas — porque se fosse algo que ameaçasse seu corpo, sua vida, eu quebraria o pescoço do filho da puta que desse um lance em você.

— Tenho certeza de que eu quebraria o pescoço primeiro — Brinco.

Farrow balança a cabeça, mas parece que quer me beijar. Eu, provavelmente, definitivamente, pareço que quero beijá-lo.

Mas seus dedos tatuados de repente tocam seu fone de ouvido, seu olhar à deriva.

Enquanto a segurança fala com ele por meio de comunicador, não consigo parar de pensar no destino de todos os outros neste leilão.

Estou pensando na minha irmã.

Sobre Jane, minha melhor amiga, e depois meu primo, Beckett, e até Charlie. Os quatro que se inscreveram para esta insanidade. Sullivan desistiu quando ouviu o título do evento, muito desconfortável, e Beckett planejou se juntar a ela – mas Charlie, dentre todas as pessoas, convenceu seu irmão gêmeo a participar do leilão.

Eu não sei por quê.

Ninguém realmente sabe. Charlie não diria, e ainda não somos

amigos. Eu tenho algumas mensagens dele que não são insultos, e não demos um soco desde a FanCon. Então, há esse progresso. Realmente, porém, estou feliz por saber por que ele odeia estar perto de mim. Mesmo que seja doloroso saber que quem eu sou machuca Charlie.

Eu olho para trás na entrada onde Ômega está em uma fileira. Através daquelas portas duplas, Jane está consolando Luna no saguão. Minha irmã ficou estranhamente quieta depois que um velho a ‘comprou’, o que me levou a um discurso retórico contra o organizador do evento.

Eu não poderia consertar isso. Não poderia mudar isso ou torná-lo melhor para ela.

E estou tentando ficar bem com isso. É tão difícil.

Eu esfrego a parte de trás do meu pescoço tenso, os músculos tensos.

Farrow gira um botão em seu rádio antes de voltar a colocar a mão no meu pescoço. — Aqui. Permita-me. — Mas ele não massageia meus músculos.

Porque Bruno se aproxima.

Nossos braços caem um do outro. Quase por hábito. Nós até adicionamos alguns centímetros de distância entre nós, lado a lado.

Mas o guarda-costas Alfa não pode estar aqui para nos repreender por tocar. Estamos autorizados a tocar publicamente agora.

— Farrow — Bruno diz secamente, sem me cumprimentar quando ele para. Ele estende a mão para Farrow, mas não em um aperto. Sua palma está aberta como se ele quisesse alguma coisa.

— O que está acontecendo? — Pergunto a Bruno.

Ele olha para Farrow enquanto responde: — Farrow está de folga esta noite. Preciso do rádio e da arma dele.

Farrow não se mexe e já está tirando o rádio do cinto. Antes de advogar em seu nome, ele me diz: — Eu escolhi isso. Tudo bem.

Minha carranca se aprofunda. — Você escolheu sair de serviço? Em

que universo?

Ele enrola o cabo do fone de ouvido no rádio. — No universo onde meu namorado foi agarrado.

— Não sei do que diabos você está falando — Minto. — Eu não fui agarrado. — Contestar Farrow é como vomitar palavras neste momento.

Ele me dá um olhar aguçado enquanto tira a arma do coldre da cintura. Discreto. Nenhum dos convidados sentados pode ver suas mãos.

Farrow me diz: — É fofo você continuar fingindo que não consigo ver — Seu olhar desce pelo meu corpo de um metro e oitenta e poucos em um desejo lento e agonizante.

Cristo.

Sem tirar os olhos de mim, ele passa a arma e o rádio para Bruno. Enquanto o guarda-costas Alfa dá um passo para trás, dando-me um amplo espaço, Farrow sussurra com um sorriso provocador: — Excitado?

— O oposto. — Engulo em seco.

— Você parece um pouco sufocado.

Estou morrendo de vontade de ficar sozinho com ele agora, procuro o que resta e digo: — Foda-se.

— Eu acho que você quer dizer *foda-me* — diz ele com naturalidade.

Um rosnado arranha meus pulmões e eu olho seus lábios – a música silencia. Minha cabeça se volta para o pódio no palco ao lado do quarteto de cordas que parou de se apresentar.

Um leiloeiro em um *smoking Armani* ajusta o microfone. — Olá. — Sua voz calma cresce. — E estamos de volta. Espero que todos tenham gostado desse intervalo e da excelente performance da *Harmonious Strings*. — Aplausos suaves. — A seguir, *Ganhe uma Noite com uma Celebridade...*

Todo o humor morre em meu peito quando ouço o nome deste evento novamente.

Não é sexual, o Conselho me disse. Como se meu cérebro fosse

viciado em sexo – porque minha mãe é uma viciada em sexo, talvez. Não sei. Eu não tenho certeza. Mas não posso ser o único que pensa que uma noite com alguém significa um encontro.

Eu tenho um namorado.

Eu sou o único no leilão que está comprometido com outra pessoa. A culpa já me corrói por dentro. Mas com Ernest como CEO, a riqueza da minha família dentro da filantropia está em risco.

Estou preso em uma teia moral entre família e amor, e estou me perguntando como aqueles dois perderam um cruzamento e quando começaram a correr em direções opostas.

— O que você está pensando? — Farrow sussurra enquanto o leiloeiro repete alguns detalhes técnicos sobre os lances.

Eu olho para longe em pensamento. — Acho que esta é a parte em que devo escolher entre minha empresa e o cara que amo. — Eu olho diretamente para ele. — Real ou boato? A ESO diz muito isso, especialmente quando estávamos em turnê.

Real ou boato.

Seus olhos acariciam os meus. — Boato. Este leilão é uma coisa pseudo-falsa, lobinho, e o que você e eu temos é real. Quem quer que lance em você não é uma ameaça para mim. — Suas sobranceiras arqueiam. — Sinceramente, você *não* está me traindo indo até lá e não pode fugir disso. Vai te matar não tentar.

Sim.

Mas, e se tentar me matar também?

— Maximoff Hale — O leiloeiro com cabelos lisos e óculos me chama ao pódio, e dois mil olhos se fixam em mim.

Farrow Keene

ENQUANTO RETROCEDO MEU caminho pelo corredor, em direção à Ômega, Maximoff sobe os poucos degraus até o palco.

Estoico, inflexível e inegavelmente marcante, ele fica ao lado do pódio como uma escultura do século XV, corpo e mandíbula esculpidos em mármore. E a multidão afluyente está prestes a apostar na versão moderna e real do *David*, de Michelangelo.

Ele é meu.

Eu não o amo porque ele é uma obra de arte cobiçada por milhares aqui e milhões de fora. Eu o amo porque ele é tão puro que dói, tão moralista que dói e tão obstinado que me mata não falar com ele, não estar perto dele, não olhar para ele ou protegê-lo.

Cadeiras de veludo rangem, corpos se movem para abrir bolsas e buscar nos bolsos um dispositivo remoto chamado *clicker*. O leilão é eletrônico, sem mão levantada ou números içados.

Minhas botas parecem mais pesadas.

Cada passo é pesado e farpado conforme coloco mais distância entre mim e o palco. O instinto diz: *vire-se, não o deixe*.

Não o deixe.

Eu luto contra o desejo de girar, correr em direção ao palco, subir e beijar Maximoff. Meu maxilar aperta e enfio as mãos nos bolsos da calça.

Eu não o estou perdendo.

Eu realmente não vou deixá-lo. O que eu disse era verdade: isso não é real, mas merda, a deserção é uma espécie de tormento que nunca experimentei. Ela morde meus calcanhares enquanto me afasto e o deixo fazer isso sozinho.

Como não sou seu guarda-costas pessoal neste evento, não posso fazer parte da “noite” de uma *Noite com uma Celebridade*. A “noite” está planejada para daqui a uma semana. Em um local que Ernest ainda não revelou. E eu tenho que confiar em Bruno para proteger Maximoff lá.

A menos que eu possa comprá-lo eu mesmo.

Eu puxo um *clicker* do meu bolso. Já registrei minhas informações e conta bancária, e esta é minha tentativa de evitar que coisas ruins aconteçam.

Chego a ESO e ninguém parece surpreso por eu ter me tornado “desonesto” e escolhido meu namorado em vez do dever de guardar a porta. Não sou apenas eu sendo um dissidente. Se fosse seu próprio cliente, eles teriam dificuldade em dizer que não fariam o mesmo.

Akara gira o telefone na mão; ele ficaria mais tenso se Sulli, sua cliente, participasse do leilão. — Não posso mais responder por você com Alfa — Ele me diz. — Não está dando certo e estamos em um ponto onde a Ômega tem menos margem de manobra.

Eu assinto. — OK. — Não posso dizer que vou mudar minhas ações, mas prefiro que Akara não coloque seu pescoço em risco por mim. Eu aguento tudo o que vier.

Oscar faz sinal para que eu avance, mais ou menos ao mesmo tempo em que me coloco entre Donnelly e ele. Eu encaro o palco e meu estômago revira.

Maximoff está olhando para longe. Perdido em sua cabeça. Quase como se ele não estivesse aqui.

Não estou perto o suficiente para acordá-lo.

— ... o neto de *dois* magnatas da *Fortune 500* com as empresas de bilhões de dólares Fizzle e Hale Co... — O leiloeiro levanta seus óculos de armação prateada e lê uma biografia para o público.

Desligo-me parcialmente e sussurro para Oscar: — Quanto você acha que ele vai valer?

— Mais do que você tem, Redford.

Reviro os olhos, mas teria dito a mesma coisa. Isso é um sonho impossível, mas Luna só valeu doze mil. Jane, quarenta.

Oscar pisca os cílios. — É a intenção que conta.

— Você inventou isso sozinho, Oliveira? — Minha voz curta leva seus lábios para baixo. Essa merda é realmente séria para mim, e ele percebe.

— Quanto você tem para gastar? — Oscar pergunta, seu tom estrito combinando com o meu.

— Doze mil.

Donnelly bate um maço de cigarros na palma da mão, mas ele não fuma neste local. — Você realmente vendeu?

— Eu precisei. — Com todas as multas que incorri em turnê por quebrar as regras de segurança, minha conta bancária estava negativa em trezentos dólares.

Não preciso ser um graduado da Ivy League para saber que o preço de Maximoff será muito mais alto do que isso.

— Vendeu o quê? — Quinn Oliveira pergunta. O guarda-costas mais jovem se aproxima de nós, distanciando-se de Thatcher Moretti: o guarda-costas imóvel de dois metros não se mexeu verbal ou fisicamente desde que chegamos aqui.

Um Thatcher silencioso é meu Thatcher favorito. Porque quando ele está falando, nove em cada dez vezes é para me repreender. Desde que aceitou seu rebaixamento, não mais uma liderança de qualquer equipe, ele me repreende oito em cada dez agora. Mas ele não tem mais poder real sobre mim.

— Farrow vendeu sua moto — Responde Donnelly, colocando um cigarro apagado atrás da orelha.

Quinn gesticula para mim. — Mano, eu teria comprado. Estou procurando uma.

Eu fico de olho no palco, Maximoff, o leiloeiro, e Ômega tudo de uma vez. — Quanto você ofereceria por uma FZ-09 de cinco anos?

— É uma *Yamaha* — diz Oscar ao irmão mais novo.

— Eu sei — Quinn solta e esfrega a barba por fazer, frustrado.

Oscar levanta as mãos. — Apenas tentando ajudar.

Quinn o ignora e acena para mim. — Quatro mil.

— E é por isso que não vendi para você — digo facilmente, e então pego algumas das palavras do leiloeiro.

— ...aos dezenove anos, Maximoff Hale frequentou a Universidade de Harvard e nadou pela sua equipe...

Fico agitado, o *clicker* úmido na palma da minha mão. Esfrego a mão na camisa e olho para Oscar, sentindo seu olhar em mim. Ele é perspicaz e inteligente, uma combinação letal para quem não quer ser analisado. Mas eu não me importo.

— Pode dizer — digo a ele.

Ele põe a mão no meu ombro. — Eu nunca vi você assim.

Eu nunca me importei com alguém assim.

— Por quanto você vendeu, então? — Quinn me pergunta sobre minha moto.

— Doze mil — digo distante, ouvindo vozes aumentarem no saguão atrás das portas duplas.

Quinn franze a testa. — De jeito nenhum vale tanto.

— Não vale — digo. — O cara era um idiota.

Sinceramente, coloquei o anúncio no *Craigslist* e mencionei que a moto pertencia ao “namorado de Maximoff Hale” e um homem de meia-idade mordeu a isca. Ele disse que não tinha planos de andar nela e, depois que fez uma piada improvisada sobre um acordo de *loção* da CVS, eu não ia perguntar. Oscar observa o palco, depois a mim.

— Devia ter vendido a moto do namorado. Ele é mais popular do que

você. — Oscar sabe que essa fama é o motivo pelo qual consegui mais por menos.

— Não vou vender a *Kawasaki* do meu namorado para comprá-lo — digo. — Além disso, a moto dele é uma merda. — A marca é ótima, mas ele tem a Z1000 desde os dezesseis anos e bateu várias vezes, tão agressivo na moto quanto no carro. Tentei andar na moto e quase não tinha torque.

Oscar abre um saco de batatas *Lays*. — Os fãs não se importam se a moto dele é um pedaço de merda ou um veículo de plástico da casa dos sonhos da Barbie.

Donnelly enfia a mão no saco de batatas. — Você sabe que a moto de Akara teria sido vendida por mais.

Oscar dá um tapa na mão de Donnelly. — Isso é do tamanho de um lanche. Para uma pessoa. Meu. Pegue o seu.

Donnelly mostra o dedo do meio para ele.

Akara ouve seu nome, ouvindo vagamente nossa conversa. — Eu nunca vou vender minha moto, pessoal. — Ele tem uma moto esportiva CBR1000RR que foi destruída, mas trocou um favor com Banks, o mecânico mais habilidoso da equipe. O irmão gêmeo de Thatcher trabalhou na *Honda*, removeu as carenagens, consertou o motor e transformou a moto em uma *potência*.

É linda e vale mais do que Akara pagou por ela.

— ...aos 21 anos, Maximoff Hale foi homenageado com o *Prêmio Mundial* de Filantropia do Ano por fundar uma das instituições de caridade mais lucrativas...

O barulho atrás da porta fica mais alto, passos batendo, e todos nós nos movemos antes que a porta se abra e uma cabeça apareça. Eu vejo um coque apertado, *Botox* na testa e um vestido na altura do tornozelo, não... eu não reconheço essa mulher.

Mas seus olhos cinzentos redondos pousam em mim.

— Sr. Keene — Ela sussurra. — Venha aqui, por favor. — Ela aponta para o saguão.

Eu não vou embora. — O que é? — Pergunto.

Ela olha nervosamente para as poucas cabeças que desviamos da plateia. Sussurrando, ela diz: — Fui informada de que você não está mais servindo como segurança esta noite. Não posso deixar você entrar no *Orchestra Hall* sem pagar a entrada. Desculpe.

Eu corro minha mão sobre minha mandíbula forte. Alguém da equipe de segurança deve ter “informado” à equipe do evento. Meus olhos estreitados se voltam para Thatcher, mas ele ainda está olhando para a frente com firmeza.

Foco.

Ajo rapidamente e sussurro para a mulher: — Posso pagar depois.

— Não pode. Desculpe. Se você vier ao saguão, podemos obter o seu ingresso rapidamente, e poderá retornar.

Posso não estar aqui para o início do leilão e tomo uma decisão em uma fração de segundo. Eu levanto o *clicker* entre Donnelly e Oscar. — Qual de vocês, filhos da puta, quer isso? — Estou confiando que eles farão lances por mim se eu não voltar a tempo.

Oscar lambe o polegar salgado das batatas fritas. — Não pode escolher entre nós, Redford?

Eu gostaria de fazer essa escolha, mas conheci os dois quase ao mesmo tempo em minha vida. Eu tinha apenas dezoito anos, e dez anos depois, ainda estamos todos aqui. Não sei dizer quem precisa mais ou menos um do outro. Todos nós já estivemos lá em terrenos acidentados, e é por isso que não consigo escolher de imediato.

Oscar vê e pega o *clicker*. — Donnelly não é bom com números. —
Vá.

Ao sair, aviso: — Aposte mais de dez mil, Oliveira, e vai pagar as

contas do meu bar pela próxima década.

Oscar amassa o saco de batatas fritas. — Também te amo, mano.

Deslizo pela porta e a voz do leiloeiro desaparece.

Com a pesada porta aberta por meio segundo, Thatcher se vira para espiar o saguão. Ele está claramente procurando por sua cliente, e não o deixo ver Jane.

Chuto a porta para fechá-la, seu olhar encontrando o meu antes de fechar.

— Por aqui. — A mulher me conduz por um bar sofisticado que vende vinho, pipoca de caramelo e coquetéis.

Eu sigo e examino meus arredores. O saguão acarpetado está silencioso, mesmo com uma multidão de seguranças pairando perto de Luna Hale e Beckett Cobalt. A irmã mais nova de Maximoff está sentada na escada que leva aos níveis da varanda e está mostrando algo a Beckett em seu telefone. Pode ser uma fanfic que ela escreveu. Ela parece melhor do que antes. Mais falante. Perto dos banheiros, a mulher para na mesa de registro, *laptops* abertos e papéis empilhados em pilhas organizadas.

— Farrow? — Jane sai do banheiro feminino, uma saia de tule azul sobre *leggings* e óculos de sol gatinho empoleirados em cabelos castanhos encaracolados. — Moffy não está no palco? Ele precisa de um de nós lá fora para apoio...

— Estou lidando com alguma merda. — Aponto para a mesa e a mulher enrijece com a minha linguagem. — Desculpe — Peço desculpas a ela e abro minha carteira. — Você pode ir, Cobalt.

Jane franze a testa.

— Você está certa — digo a ela. — Ele precisa de você. — Quero que a melhor amiga dele esteja à vista, se eu não puder, mas não é fácil engolir o fato de que o *dinheiro* é o que está me atrapalhando.

Jane estuda a mesa, a mulher, minha carteira, somando dois mais

dois. Especialmente porque a mulher me diz: — Não aceitamos cartões para pagar a taxa de entrada. Apenas cheques.

Merda.

Meus dedos congelam na minha carteira. — Quem carrega um talão de cheques? — pergunto, meu olhar vagando assim que Jane abre o zíper de sua bolsa em forma de banana com lantejoulas amarelas.

Pisco uma vez e Jane já está com o talão de cheques aberto, inclinando-se sobre a mesa para anotar o valor. — Dois mil, correto? — Ela me pergunta.

Agradeço o gesto, mas prefiro fazer do meu jeito. — Jane...

— Você vai me pagar de volta. — Seus olhos azuis voam até mim enquanto ela rabisca seu nome. — Você não tem tempo para discutir e, se tiver outro plano, por favor, me avise.

Não tenho. — OK. — Concordo.

Não tenho certeza se ela está fazendo isso mais por Maximoff ou por mim. Quase reviro os olhos. Claro que isso é por Maximoff, mas tenho sorte de ele ter Jane inabalavelmente ao seu lado.

— Obrigado, Cobalt — digo enquanto ela rasga o cheque rosa do livro. Jane oferece um pequeno sorriso e passa o cheque para a mulher.

Não perco nem mais um segundo que Jane me deu. E ela está bem atrás quando eu entro novamente no salão.

Thatcher estende a mão acima da cabeça de Jane atrás de mim. Apenas para manter a porta aberta para ela, mas ela segue meu passo largo. Alcançando rapidamente.

O leiloeiro já está vomitando números em alta velocidade. — 2k, eu tenho 3k? 3k, eu conseguiria 4k? Alguém deu lance agora, 5k.

Posso gastar doze mil de novo, já que não precisei usar dois.

Quando me aproximo de Oscar, ele clica no *clicker*, mas o dispositivo acende em vermelho. O que significa que ele foi muito lento e outra pessoa

cujo dispositivo acendeu em verde, bloqueando aquele lance.

— Namorado é popular — diz Oscar e passa o *clicker* para mim. —

Eu só dei o lance de 1k, que é nulo e sem efeito agora que está em...

Todos nós ouvimos os números... 7k. Eu clico em 8k. Pisca em vermelho.

— Merde — Jane murmura.

Porra, há muitos interessados.

— Quem dá 9k.

Por fim, o dispositivo fica verde.

— 9k! Alguém dá 10k, nós conseguimos 11k.

Porra, caralho.

Eu clico e clico.

Vermelho. Vermelho.

— Temos 12k...

Verde. Prendo a respiração, e todos nós esperamos para ver se um rico idiota faz uma oferta por ele.

— Quem dá 13k — Canta o leiloeiro. *Não.*

Eu o quero.

— 13k! — Ele grita e bate com a mão no pódio. Ele empurra para cima seus óculos escorregadios. — Alguém dá 14k ?! — Meu estômago cai.

Não posso deixar isso me consumir; eu vi isso acontecendo desde o início, mas um gosto ácido corre no fundo da minha garganta.

Jane leva os nós dos dedos aos lábios, preocupada.

Isso não é bom. Eu olho para ela e pergunto: — Qual é a chance de um amigo da sua família fazer um lance para ele como fez para você? — Jane já passou por esse processo esta noite. Depois que Maximoff terminar, Beckett e Charlie são os únicos que sobraram.

14k. Eu ouço o número crescer.

— Terrivelmente pequena — Ela sussurra, e eu e o resto da ESO

ouvimos atentamente enquanto ela explica o que a maioria nunca ouve. — A velha que comprou a noite comigo – ela era amiga da minha avó *socialite*, e minha avó nunca amou Moffy do jeito que ela me ama. Ela me compra bules de chá de mil dólares quando sabe que não gosto de chá e só presenteia Moffy com cartões comprados em lojas, sem assinatura.

Eu me pego rangendo os dentes.

Donnelly aperta seu brinco de cartilagem solto. — Vovó Calloway soa como um b... — Sua voz se arrasta com os olhares de repreensão de Akara e Thatcher. — Bruxa. Eu quis dizer bruxa.

15k.

— Paul — Thatcher repreende.

Donnelly deixa passar sem dar importância.

Estou preso assistindo Maximoff olhar para o nada, luzes verdes piscando nas mãos do público, e meus músculos se contraem. Aquele gosto ácido na minha garganta continua subindo.

Jane muda de posição, nervosa.

17k.

— Redford — Oscar diz meu nome do meio com um tom monótono. É sério, e instantaneamente sigo seu olhar vigilante até um assento em um camarote, no terceiro nível do *Orchestra Hall*.

Onde Charlie Cobalt se senta.

Sua gravata borboleta está desabotoada, uma camisa branca saindo de sua calça comprida, cabelo castanho-claro despenteado.

Oscar está de olho em seu cliente e algo não está certo. Charlie está inclinado para a frente, com as mãos no balcão, sem piscar.

Assistindo. Com muito cuidado.

Ele geralmente está curvado ou caído em desinteresse. Mas Charlie se concentra no público enquanto os *clickers* piscam em verde e vermelho. Muito interessado neste resultado.

De repente, Charlie se levanta e desaparece pela porta do nível superior.

Oscar sussurra: — Ele sabe de alguma coisa.

— E ele não vai nos contar merda nenhuma. — digo baixinho. — É Charlie.

— Ele vai contar para a irmã mais velha. — Os cachos escuros de Oscar caem sobre sua testa enquanto ele acena para Jane. Jane parece incerta.

Eu inclino minha cabeça. — Você é a *irmã* dele.

— Ele pode ser anormalmente reservado — diz ela, como se não fizesse mal ficar de fora. — Devemos encontrar Beckett — embora, Beckett só vai revelar os segredos de Charlie se for uma ameaça à vida.

Não finjo entender a hierarquia da família Cobalt de manter e revelar segredos. Nenhum tem alguma ordem ou sentido para mim.

— Chefe, vou chamar meu cliente — diz Donnelly sobre Beckett. Ele já empurra as portas do saguão antes de Akara dizer: — Eu vou com você.

Eles partem.

25k.

Oscar aperta seu fone de ouvido, alguém está falando, e eu nunca pensei que sentiria falta do meu rádio ou Alfa na porra do meu ouvido.

Enquanto espero que ele me atualize, concentro-me em Maximoff. Ele olha para a parede, seu transe quebrado, mas ele está ouvindo atentamente o número.

28k.

Oscar toca meu ombro. — Charlie está vindo aqui para falar com você. Não pode ser bom.

— Não me diga — Minha voz morre quando as portas duplas se abrem. O barulho causa uma onda de murmúrios e cabeças se viram. Charlie não poderia se importar menos, sua atenção voltada para mim.

— O que é? — Pergunto. Esse ácido na minha garganta é bile. Eu

gosto disso. Meu íntimo – minha intuição na qual confio – adoece de pavor.

Ele se aproxima rapidamente, seu ombro roçando o meu na mesma altura, e ele diz baixinho, mas rápido: — Você tem que comprá-lo.

Eu abrigo o desejo de perguntar por quê. — Eu não tenho trinta mil...

— Vou te passar o dinheiro — Charlie me interrompe, sem tirar seus intensos olhos verde-amarelados do meu rosto. — *Farrow*. — A urgência está em meu nome, mas não sei dizer se medo, preocupação ou outra coisa a acompanha.

Ele pega o *clicker* na minha mão.

Eu me afasto e, sem perder tempo, pressiono o botão. O dispositivo pisca em verde e eu insiro o lance de 30k. Outra pessoa dá um lance de 31k, mas consigo chegar a 32k antes de qualquer outra pessoa.

— Charlie — Jane sussurra —, o Conselho de H.M.C. disse que não temos permissão para usar nosso dinheiro em quaisquer lances. Foi uma estipulação...

— Foda-se o Conselho — Charlie diz baixinho, e para mim, ele diz: — Continue.

Passo a mão pelo cabelo. — Se isso é sério, Charlie, a segurança tem a capacidade de encerrar todo o leilão...

— Maximoff não ia gostar de terminar um evento mais cedo — Charlie me interrompe.

Uma risada curta gruda na minha garganta. — Quando você já se importou com o que Maximoff quer?

37k.

— Está tudo bem — diz Charlie, encarando meu olhar. — Está bem. Você vai conseguir. A solução está aqui.

Eu deveria tirar Maximoff do palco. Eu deveria ir até ele, mas não sei dizer se esse instinto é apenas eu sendo hiper vigilante com o cara que amo, combinado com os efeitos posteriores de um *stalker*.

Eu gostaria de dizer que Nate, aquele *filho da puta doente*, não me afetou, mas estou aqui questionando meus instintos naturais.

Minha memória faz anos parecerem ontem e semanas parecerem minutos atrás.

Ótimo para sexo. Melhor para amor. Merda para o que Maximoff chama de *catástrofe*. Ainda posso sentir o sangue do animal escorrendo pela minha cabeça. Eu posso sentir os membros de Nate escorregando de minhas mãos e como minha adrenalina aumenta meu pulso...

Quase fecho os olhos. Mas a imagem ainda estará lá. E eu tenho que viver com isso para sempre, mas eu gostaria que isso não tivesse que foder com meus reflexos.

Normalmente eu não hesitaria tanto tempo. Foda-se. Faço uma escolha abrupta e confio em Charlie. Eu fico aqui para licitar Maximoff.

Não há como voltar.

— Quem mais está apostando em seu primo? — Oscar pergunta a Charlie.

Charlie está quieto. Ele tinha o melhor ponto de vista no assento e podia dizer de quem era o *clicker* que ficava verde. Eu fico olhando para as costas das cadeiras e cabeças. Incapaz de distinguir a pessoa com quem estou lutando eletronicamente.

— Charlie — Jane solta com raiva e fala em francês rápido. Ele responde de volta com a mesma rapidez no mesmo idioma.

O leiloeiro dispara: — 45k, tenho 46k... — Meu *clicker* acende em verde, fechando o lance, mas a voz do leiloeiro desaparece de repente e o salão fica estranhamente silencioso.

O leiloeiro franze a testa e levanta um *tablet* que está usando. — Parece que um licitante fez uma oferta alta.

— Oh, não — Jane respira.

Eu passo minha língua sobre meu piercing no lábio, observando a

preocupação passar pelas feições de Charlie.

Ele passa a mão pelo cabelo desgrenhado. — Está bem. — Mas eu não posso dizer se ele realmente quis dizer isso.

Eu cerro. *Foda-se isso.* Eu olho para Oscar. — Vou pegá-lo. — Vou tirar meu namorado da porra do palco.

Oscar assente.

— Espere um segundo — Charlie diz com mais confiança, segurando um mão.

O leiloeiro coloca o *tablet* na mesa. — Vamos começar o leilão com a oferta mais alta. — Ele limpa a garganta. — Dois milhões, eu teria dois milhões vírgula um? — Sem chance. Eu nem sei se Charlie tem acesso a essa quantia, e ele pode mentir e dizer que tem.

Coloco o dispositivo no bolso e Charlie olha para frente, sem me parar. — Dou-lhe uma — Chama o leiloeiro.

Meu estômago dá cambalhotas. — Charlie, quem está apostando nele? — Pergunto.

— Dou-lhe duas.

Os olhos de Charlie estão fixos no palco como se ele estivesse atordoadado. — Ninguém bom.

— Vendido!

Os violinos gritam quando o quarteto toca novamente, pedindo um intervalo, e centenas se levantam, congestionando o palco e os corredores.

Pegue-o.

Sigo pelo corredor direito e fico surpreso quando Charlie Cobalt me segue, passo a passo.

Maximoff Hale

QUANDO EU TINHA dezessete, disse ao meu pai: — Acho que nunca vou me apaixonar.

Eu não conseguia imaginar uma pessoa se encaixando na minha vida não convencional. Não poderia imaginar um companheiro ao meu lado.

Não assim.

Na minha cabeça, não haveria ninguém para mim. Nenhum homem. Nenhuma mulher. Nenhuma pessoa. Eu estaria sozinho, e deveria estar tudo bem. Estaria tudo bem se sempre fosse só eu, somente eu.

Meu pai, com olhos âmbar que podem cortar a alma em pedaços irregulares, olhou direto... *direto* para mim. Onde a maioria o temeria, eu me banhava em calor – aqueles olhos afiados, com sua história amarga e verdades cruas, me confortavam.

E ele disse: — Antes de eu ter você e seus irmãos, sua mãe era a *única* coisa boa na minha vida. E eu sei que devo dizer a você como o amor conquista tudo. Como poderíamos mover montanhas juntos. Mas o amor que tínhamos quase nos destruiu. O amor é como ter uma ferida mortal e você está sangrando e não importa o quanto você procure, nunca consegue encontrar o maldito corte. — Ele nunca quebrou o contato visual.

Eu continuei procurando. Ouvindo, sentindo suas palavras.

— É sua própria marca especial de dor. — Ele me disse. — Porque não importa o quanto você ame, você ainda é um passageiro na vida deles. Você tem que observar todas as suas más decisões. Não pode pensar por eles ou mudá-los. Apenas esteja lá para eles. E às vezes, não vai ser bom o suficiente. Às vezes, as coisas acontecem fora do seu controle. — Ele fez uma pausa. — Amar é dor, e você sabe o que... sinto muito por quem ainda não o

conheceu.

Eu penso sobre isso.

Enquanto minhas botas cimentam e as luzes do palco dominam minha visão, fileiras e fileiras de rostos borrados me encarando, penso no amor.

Como eu pensei que nunca sentiria isso. A dor.

Do tipo que meu pai desprezava, mas também ansiava.

Não quero que Farrow seja passageiro de minhas más escolhas, observando minha decisão fodida de ser vendido por uma noite.

Mas continuo imaginando Farrow Redford Keene... Fico imaginando-o correndo pelo corredor. Vindo em minha direção. Porque se nossas posições fossem invertidas, eu iria querer tirá-lo deste maldito palco. E eu saberia que não posso, ele não pode.

Eu sentiria vontade de gritar e gritar e *gritar* apenas para alcançá-lo. Até minhas veias estourarem no meu pescoço e meus pulmões pegarem fogo.

Até que meu último suspiro fosse usado para chamar seu nome.

Eu o imagino subindo no palco em um movimento rápido. Seu foco intenso encontrando meu olhar duro, sua mão pegando minha mão, seu braço tatuado varrendo meus ombros. Juntos, sem soltar, nunca deixando ir – mas não o vejo, nem mesmo o ouço.

Ele é apenas o amor agonizante dentro da minha cabeça. — Vendido! — O leiloeiro grita.

Pisco para fora dos meus pensamentos e me aproximo das escadas do palco.

Uma mão delicada toca meu ombro – e eu balanço minha cabeça, encontrando os olhos gentis de uma garota de vinte e poucos anos.

Provavelmente uma coordenadora de eventos.

Provavelmente. Cristo. Meu rosto se contorce em uma expressão amarga que quase nunca uso.

Porque não tenho nem um pouquinho de certeza de quem ela é ou de

sua descrição de trabalho ou por que ela está no palco. Quase nada me foi dito. Neste evento, sou apenas uma celebridade convidada.

Aquele que está em licitação.

Nos eventos que organizo, sei de tudo. Até os nomes e rostos da equipe de limpeza.

Ernest não achou que eu iria cooperar se tivesse conhecimento, então ele me vendou. Pior, não tenho ideia de para onde está indo o dinheiro do leilão. O Conselho murmurou algo sobre *projetos humanitários*. O que é vago e indefinido.

E a empresa deve ser clara e direta com todos os convidados esta noite. Portanto, não estou entusiasmado com o dinheiro arrecadado no leilão. Ser reintegrado como CEO da H.M.C. Filantropia é a única coisa boa que vai sair disso.

— Desculpe — Peço desculpas à garota antes de perguntar —, quem é você ?! — Eu tenho que gritar quando a música clássica toca perto de mim, um violino no meu ouvido.

— Coordenadora de eventos! — Ela mostra o crachá de *Noite com uma Celebridade* com o nome dela: Tami. — Vamos fazer um intervalo de quinze minutos!

— Quem é o próximo?! Beckett ou Charlie?!

Ela dá de ombros e força um sorriso como resposta. Ótimo.

Desço os poucos degraus. Os convidados se misturam nos corredores e ao redor do palco. Bruno me concede cerca de quatro metros e meio de espaço, o suficiente para que eu esqueça que ele está aqui.

Estou mais perto do corredor direito e é quando o vejo.

Farrow desliza pelas massas tagarelas com um passo determinado. Seu ombro esbarra em uma mulher e o champanhe quase derrama em seu colar de esmeraldas – espere, por que Charlie está atrás dele?

Eu me movo mais rápido, passando pelos convidados enquanto

Farrow serpenteia entre outros corpos. Nós dois em busca um do outro.

— Maximoff — Algumas pessoas me chamam. Querendo conversar.

Eu não paro.

Não até que ninguém e nada impeçam Farrow de mim e eu de Farrow. Seu braço instantaneamente se curva em volta dos meus ombros e, com a outra mão tatuada, ele segura meu queixo, seus lábios contra minha orelha enquanto sussurra rapidamente: — Charlie sabe quem ganhou a oferta de dois milhões de dólares por você.

Meu batimento cardíaco bate contra o peito duro de Farrow.

Dois milhões de dólares.

Eu assinto rigidamente. Eu não tinha ideia de que valia *dois milhões*. Devo ter desligado essa parte e não consigo imaginar o tipo de pessoa que gastaria essa quantia que mudaria minha vida, comigo.

Nós dois nos voltamos para meu primo que se aproxima. Charlie pega uma taça de champanhe da bandeja de um garçom e bebe a bebida em dois goles. Ele coloca a taça no apoio de braço de um assento vazio.

Não dando a mínima.

Típico. Mas sua indiferença não me irrita agora. Porque estou muito confuso.

— Quem me comprou? — Pergunto a Charlie e mantenho meu braço em volta da cintura de Farrow enquanto seu braço está pendurado em meu ombro.

Charlie chega mais perto, então estamos amontoados, ninguém ouvindo, e ele afrouxa sua gravata borboleta já solta. — Ace Steel.

Minhas sobrancelhas franzem. — Quem? — Olho para Farrow.

Ele olha fixamente para Charlie. — Nunca ouvi falar.

Charlie passa a mão pelo cabelo e puxa as mechas. Não ansiosamente. Ele faz isso quando está entediado também, e sempre faz seu cabelo ficar espetado em lugares estranhos – e, Jesus, não sei por que estou me fixando

nisso. Sim. Porque fui vendido por dois milhões de dólares. Porque Ernest invadiu minha casa do leme, dirigindo meu navio em direção a alguém com intenções talvez-possivelmente fodidas.

Charlie tira os óculos escuros do bolso. Prolongando a resposta, ele os coloca. É noite. Estamos dentro do recinto. As câmeras nem estão piscando para nós. Não há sentido na maior parte do que ele faz, e às vezes acho que é por isso que ele faz.

Deixo escapar um suspiro agitado. — Charlie...

— Ace Steel é uma estrela pornô.

Mas.

Que.

Porra.

Minhas sobrancelhas franzem mais. — Você está fodendo com a gente — Afirmo.

Charlie balança a cabeça uma vez. — Não dessa vez. E eu sei o que as empresas de pornografia fazem com nossas famílias, então, avisei seu namorado. Ele falhou em comprá-lo, e isso não é culpa minha.

Farrow revira os olhos, mas estou muito grudado no fato de que Farrow tentou me comprar e me resgatar daquele palco. Eu diria que não preciso de resgate, mas estaria disposto a deixar Farrow me resgatar.

Eu simplesmente não diria isso a ele.

Meu peito sobe em uma respiração mais profunda. Não tenho ideia de como ele teria pago por mim, mas acho que não importa, já que ele me perdeu.

Metaforicamente.

E uma estrela pornô *literalmente* me comprou. Incrível.

— Tem certeza de que é uma estrela pornô? — Pergunto a Charlie.

Ele me dá um olhar como se eu estivesse sendo insensato. — Claro que tenho. Você pode pesquisar no *Google* se não acredita em mim.

Entendo por que não reconheço o nome Ace Steel. Eu não assisto pornô, mas Farrow assiste... ou assistia – ou talvez ainda o faça. *Pare de pensar.*

— Pornografia heterossexual — diz Farrow com naturalidade. É por isso que o nome não tocou um sino para ele. Farrow só assiste pornografia gay.

Um ator pornô hétero acabou de me comprar.

Eu inclino minha cabeça para trás e olho para cima.

Querido mundo, isso é uma piada? Atenciosamente, um humano de olhos arregalados e severamente confuso.

Eu estalo meu pescoço rígido. — Deixe-me conceituar isso — digo a Charlie e aponto para minha cabeça. — Ace Steel é um cara que só faz pornô hétero, com garotas?

Charlie vira sua taça de champanhe, a borda da taça para o apoio de braço. — Correto.

Isso não faz sentido.

Farrow está de olho na seção central dos assentos. Eu não posso dizer o que ele pensa ou como ele se sente sobre isso.

Eu passo a mão pelo meu cabelo grosso. — Por que ele iria querer me comprar?

Charlie arqueia uma sobrancelha zombeteira. — Ele pode querer fazer uma cena com você.

Huh? — Uma o quê? — Não tenho ideia do que *cena* significa neste contexto.

Farrow desvia o olhar da plateia, apenas para olhar para mim, os cantos da boca subindo.

Meu pescoço quase esquenta, sua expressão divertida praticamente transmite que agora sou seis anos mais jovem, seis anos menos experiente e ele é mais velho, mais sábio.

Mais forte.

Eu sou mais jovem, mas ele definitivamente não é *muito* mais sábio. Pelo menos não em tudo.

Farrow levanta a mão para segurar minha nuca enquanto diz: — Uma cena é apenas o termo usado para sessões de pornografia. Os atores são pagos por cena filmada, etc., e pode haver vários atores em uma cena. — Ele mal faz uma pausa antes de perguntar a Charlie: — É ele? — Farrow aponta para alguém na seção central, na fileira mais próxima de nós.

— É — Charlie confirma.

Eu não olho por muito tempo, meu foco em Farrow. — Não estou interessado no que essa estrela pornô tem a oferecer. Então, se é por isso que ele me comprou, ele pode economizar seu dinheiro. — Meu tom é firme como se isso pudesse ser apenas um negócio comum.

Você sabe, *normal*.

Estranhamente, meio que é.

Os produtores pornôs costumavam me ligar o tempo todo, principalmente quando eu fiz dezoito anos. E eu entendo. Eu sou filho de uma viciada em sexo. As pessoas são curiosas e a curiosidade vende tanto quanto o sexo. Mas eu sempre tive vontade zero de me colocar transando com qualquer um para você ver.

Agora que tenho um namorado, meu desejo despencou para o negativo-infinito, e meu estômago está em um nó do caralho.

Farrow esfrega o polegar na minha nuca. — Alto e claro — Ele me diz. — Vamos avisá-lo. — Ele gesticula para que Ace Steel se aproxime, e o homem que se levanta parece um guerreiro espartano com olhos de bronze, corpo de zagueiro e barba por fazer ao longo de uma mandíbula dura. Ele é mais velho do que eu, provavelmente da idade de Farrow.

E ele usa um *smoking* como se tivesse milhões de dólares sobrando. Meu telefone começa a tocar.

Farrow olha para mim e enfio a mão no bolso da minha calça jeans verde. Agarro meu telefone e verifico o identificador de chamadas: *Winona Meadows*.

A irmã mais nova de Sulli.

— É Winona — digo a Farrow, já que Charlie desapareceu em uma fileira vazia à frente, curvado em cima de um assento, ainda com os óculos escuros.

É família. Não quero ignorá-la, mas há uma estrela pornô se espremendo para me encontrar. E... não quero deixá-lo com Farrow. Meu namorado vê meu conflito e diz: — Vá. — Ele aponta para a porta. — Eu posso lidar com esse cara.

Eu hesito.

— Maximoff — Ele insiste. — Vá. — Farrow me lança um único olhar que diz: *Te alcanço mais tarde, lobinho*.

— Eu volto — digo a ele e rapidamente coloco meu telefone no meu ouvido. Caminhando pelo corredor, olho para trás apenas para ver Ace se aproximar de Farrow e estender a mão.

Farrow não se mexe e começa a falar, os lábios se movendo rapidamente, mas casualmente. Sempre à vontade durante a atividade tornádica.

Meus lábios se levantam, resolvidos com esta decisão. Mas então a voz de Winona enche meu ouvido com uma pressa louca, e eu paro no meio do corredor. Meu sorriso desaparece e começo a reunir batalhões mentalmente.

— *Moffy, vai passar do meu toque de recolher em breve, então, ei, vamos pular todo o ‘você não deveria estar aqui, Nona’ e abordar as partes importantes* — diz ela de uma só vez.

Antes que eu possa responder, ela continua: — *Precisamos falar com você. Acho que pode ser ruim, muito ruim. Você não precisa dizer nada*

ainda. Estou prestes a enviar uma mensagem com todos os detalhes. — Ela desliga.

Então, você conhece Winona Briar Meadows como a destemida amante dos animais, de quatorze anos com um espírito tão selvagem quanto a família Meadows. Você segue a conta do *Instagram* dela, repleta de fotos da natureza e excursões de escalada. Se ela não está defendendo os direitos dos animais com Ben Cobalt, então, ela está saindo com seu esquadrão de garotas e ficando na dela. Você implora que ela poste mais *selfies* e a critica quando ela não o faz.

Eu a conheço como Nona, minha prima que praticamente poderia ser minha irmãzinha. Que eu costumava carregar nos ombros pela floresta da Costa Rica enquanto ela tirava fotos de tudo: as folhas, a terra, as formigas e as árvores. Ela ensanguentaria as mãos, correria de um penhasco e abriria seu coração para qualquer ser vivo, e é aterrorizante.

Aviso justo: vou decapitar você com uma lâmina enferrujada se foder com ela, e ela provavelmente vai tentar me impedir.

Minha cabeça está girando com as palavras de Nona de que não deveriam estar aqui e *ruim* e o *nós precisamos falar com você*. Quem está com ela? Onde eles estão? E o que diabos aconteceu?

Perto da entrada da porta dupla, localizo Jane.

Ela está conversando com a senhora que a comprou. Aceno para Janie, e ela se afasta da amiga de nossa avó. Desfilando pelo corredor, sua bolsa de banana bate em seu quadril.

Não falei com minha melhor amiga a noite toda, e ela é uma das pessoas que eu gostaria de ter ao meu lado durante uma tempestade de merda.

Pego a mão de Jane. — Bonsoir, ma moitié — digo, beijando seu rosto.

— Somos só você e eu, meu velho — Ela responde. — E o velho time, segurança e cerca de duas mil *socialites* terrivelmente enfadonhas.

Câmeras piscam enquanto nos cumprimentamos, e seus olhos azuis se voltam para a esquerda, mas não por muito tempo. Ela empurra o cabelo ondulado do ombro. — Agora que você tornou público com Farrow, alguém poderia pensar que eles se importariam menos em analisar nossa amizade.

— Isso é muito previsível, hein? Acho que nossa amizade é tão boa assim.

Ela sorri brilhantemente, mas seus lábios se fecham quando meu telefone vibra na minha mão. — Eu conheço esse olhar. Quem está com problemas?

— Winona. Podemos precisar sair mais cedo. — Eu deslizo ao lado de Jane para que ela possa ler a mensagem comigo. A mensagem tem uma tonelada de natureza aleatória e emojis de animais.

Winona: *Ben nos trouxe ao Philly Orchestra Hall. Abandonamos os paparazzi e estacionamos em um beco sem saída ao lado. Esperamos aqui por você. Por favor, venha conversar. É muito importante.*

— Seus guarda-costas pessoais estão aqui para o evento, não estão?
— Pergunto a Jane.

Ela prende o cabelo para trás, as bochechas coradas. — Eles receberam guarda-costas temporários esta noite. É provável que Ben e Nona os tenham abandonado, e é ainda mais possível que eles estejam aqui para protestar contra o leilão.

— Não sei. — Fico olhando, pensando. — Winona e Ben são apaixonados por essas coisas, mas ambos invadiriam e não apenas esperariam no carro de Ben. Parece estranho... — Eu paro e noto Charlie sozinho, ainda jogado em um assento.

Ele joga a gravata borboleta no chão.

Eu parei de trazê-lo para o redil. Porque ele continuou me ignorando toda vez que eu fazia isso. E talvez ele ainda vá, talvez ele odeie que Winona

me ligou primeiro, mas eu não quero mais tirá-lo do meu mundo.

Eu olho para Jane. — Devo pedir a seu irmão que venha comigo? — Jane sempre foi neutra em minha briga com Charlie, mas posso dizer que isso prejudicou seu relacionamento com ele.

Ela sorri. — Oui, oui. — *Sim, sim.* — Vous deux, allez-y. Je vais rester avec Beckett au cas où il serait bientôt appelé. Je ne veux pas qu'il soit seul. — *Vocês dois vão. Vou ficar aqui com Beckett caso ele seja chamado em breve. Eu não quero que ele fique sozinho.*

Eu aceno para Charlie, e ele surpreendentemente se levanta e caminha até mim. Explico o que está acontecendo e termino com: — Quer ajudar?

Charlie olha para o chão, processando tudo. E quando seus olhos verde-amarelados se erguem para mim, ele responde: — Você está com sorte. Estou disponível.

Eu estava preparado para uma luta, mas isso é melhor. Muito melhor. E eu me viro instintivamente, procurando por outra pessoa.

Farrow.

Ele ainda está conversando com Ace Steel no corredor, mas Akara e Oscar o flanqueiam como se estivessem a dois segundos de puxá-lo para trás.

Eu coloco minhas mãos em volta da minha boca. — Farrow! — Eu chamo, e quase todas as cabeças se voltam em minha direção.

Farrow fixa os olhos em mim, e sei, neste segundo, que o quero comigo.

Então mando uma mensagem para Winona: *eu, Charlie e Farrow estamos chegando em um segundo. Não vá embora.*

Ela é rápida em responder.

Winona: *Farrow não tem tipo mais de um e noventa e cinco? O carro ecológico do Ben é muito pequeno para vocês três.*

Eu digito rapidamente quando um Farrow de um metro e oitenta e um

se aproxima e eu envio: *não se você se sentar no banco do meio atrás.*

Winona: *OK. Depressa.*

É o plano.

Maximoff Hale

A CHUVA PESADA bate no lustroso carro elétrico azul em um beco deserto. As janelas do carro estão embaçadas.

Uma saliência na saída lateral nos mantém secos, e Farrow segura meu braço antes de correremos para a tempestade da meia-noite com Charlie.

Meu primo já desaparece no lado do passageiro da frente.

— Metade da Ômega está esperando no *Range Rover* da segurança para o caso de Ben sair dirigindo — Explica Farrow enquanto ajusta rapidamente o fone de ouvido e prende um rádio no cinto.

— Eles realmente deixaram você voltar ao trabalho? — Pergunto, e nós entramos na chuva juntos, nossas botas encontrando a estrada escorregadia.

Farrow corre até a outra porta. — Sou o melhor no que faço, lobinho. Todos precisam de mim. Caso encerrado. — Ele põe a mão no teto molhado do carro.

Agarro a maçaneta da porta. Ele está certo, mas há uma diferença entre a segurança e eu. — Eu não só preciso de você, no entanto.

Quero você.

Quero você.

Deus, eu quero você.

Eu expresso as palavras carnavais em meus olhos, e seu peito se eleva, vendo cada desejo amoroso escrito em mim.

— Droga — Ele murmura, a chuva pingando de suas têmporas e de sua mandíbula.

Droga.

Eu inalo fortemente. Sim, é.

É um bom começo para uma catástrofe. Porque nem sempre sou tão suave e algo precisa dar certo antes que tudo dê errado.

Nós dois entramos pelas portas traseiras quase ao mesmo tempo. Fechando a chuva. Eu escovo a água do meu cabelo encharcado.

Winona se vira para mim no assento do meio, seu rosto delicado e feminino em comparação com o forte queixo quadrado de sua irmã mais velha. Seu cabelo, clareado pelo sol até um tom loiro-claro, cai sobre uma camisa masculina amarrada no cós de sua calça cargo.

Seus olhos salpicados de avelã me perfuram com tanta emoção que tenta me jogar para trás. — Você está bem? — Pergunto.

— Não, eu não estou bem — Ela diz poderosamente, seus olhos vidrados e o queixo ameaçando tremer.

— Nós vamos ajudar, certo? — Abraço Nona, e ela agarra meu ombros.

Eu esfrego suas costas e aciono um botão figurativo. Tentando não sentir a mágoa que ela sente. Meus olhos se erguem para Farrow.

Ele estuda meu rosto de pedra e murmura: *estou aqui para você*.

Assinto. Eu sei, mas não sei como ser tudo o que eles precisam sem desligar a emoção. O que Farrow chamou de instinto de sobrevivência.

Quando minha família se desfaz, eu fortaleço.

— Nona, não chore — Ben diz em um sussurro, virando-se do banco do motorista. — Porque, então, vou começar a chorar de novo e não vamos passar do estágio de abastecimento de água desta crise.

Você conhece Ben Pirrip Cobalt como o ambientalista experiente de dezesseis anos que faz amigos mais facilmente do que toda a minha família junta. Ele será até seu amigo. Ele provavelmente já seguiu você no *Twitter* ou no *Instagram* e curtiu suas fotos dez ou vinte vezes. Você acha que ele é um dos garotos Cobalt mais legais – com sua acessibilidade, seu cabelo castanho jogado pelo vento, olhos azul-bebê e charme de menino bonito – e você não

estaria errado.

Eu o conheço como Ben, às vezes *Pippy*, o menino Cobalt mais jovem e de espírito livre e meu priminho. Um cara com coração de ouro, que sofre por causa de coisas tristes e quebradas, e eu sei que ele gostaria que mais pessoas prestassem atenção a causas importantes do que a marca de beleza em sua bochecha.

Aviso justo: *vou segurá-lo sob um lago congelado e afogá-lo se você foder com ele.*

— Você cheira mal — Charlie diz ao irmão. Ben fede como sovaco fedido de vestiário, mas Winona deve estar acostumada com o fedor. Se incomoda Farrow, ele não deixa transparecer.

Ben coça o cabelo. Pulseiras trançadas (feitas por Winona) caem em seu pulso.

— Estou fazendo um período de lavagem apenas com água. Estou na quarta semana.

— Não está funcionando — Charlie diz a ele e desliza seu assento para trás em mim.

— Charlie — Eu rosno, o assento esmagando meus joelhos. Nona se senta e esfrega a bochecha com a palma da mão. Ela abre uma caixa de biscoitos salgados.

Charlie está me ignorando. No caso de vocês estarem se perguntando.

— Você está legal? — Ben pergunta a Farrow e, ao mesmo tempo, Winona cruza as pernas no banco. Dando-me espaço para mover as minhas em seu espaço.

— Obrigado — digo à minha prima.

Ela me oferece um biscoito, e eu rejeito, pois eles têm gosto de casca de árvore salgada. E ela oferece um a Farrow, que aceita.

— Não vou reclamar se é isso que você está perguntando — diz Farrow e enfia o biscoito na boca. Ele mastiga lentamente, seu rosto franzido,

e eu quase começo a rir.

— Legal — Ben concorda.

Farrow tossa em seu punho, então tira do bolso um pacote de chiclete.

— Seu primo já gosta mais de mim do que de você, lobinho.

Eu dou a ele um dedo do meio, e sua boca se curva para cima. Digo a Farrow: — Ben gosta de todo mundo. Não é uma grande conquista.

Ben liga os limpadores de para-brisa. — Eu definitivamente *não* gosto de alguém.

— Quem? — Farrow e eu dizemos enquanto Charlie murmura: — Isso é novo.

Ben verifica seu espelho retrovisor. — Também não gosto de ficar parado num beco... vocês se importam se eu sair dirigindo?

Acho que ele está preocupado em ficar preso em um beco se os paparazzi nos encontrar. Mas, como Farrow disse, Ômega está em um *Range Rover* próximo, provavelmente observando os veículos que chegam. Eles alertariam Farrow antes que fôssemos bloqueados.

— Vas-y — diz Charlie. *Vá em frente.*

Ben dá ré em seu carro.

Eu estendo meu braço na parte de trás do banco em uma embreagem mortal. Jesus, eu odeio andar no banco de trás. Em qualquer carro, com qualquer motorista. Eu gostaria que ser um passageiro em um ônibus de turnê pudesse ter me curado disso, mas não tive tanta sorte.

Farrow clica seu microfone em seu colarinho. — Farrow para Ômega, estamos saindo. — Ele descansa o cotovelo perto da minha mão, em seguida, coloca o braço em cima do meu, seu polegar acariciando meu bíceps.

Isso me leva de volta ao meu carro, aquele momento em que decidimos ser um casal, em um relacionamento. Onde demos nosso primeiro beijo. Eu me pergunto se ele está pensando nisso também, ou se estou apenas sentimental porque este é meu primeiro relacionamento, primeiro amor, e

aquele foi o primeiro beijo mais significativo que já dei na minha vida.

Ben muda a marcha automática para dirigir assim que chega à estrada principal e, em seguida, aponta para uma rampa de acesso à rodovia.

— O *Range Rover* atrás de você é Ômega — Farrow diz a ele.

— Obrigado — Ben diz e conserta seus espelhos laterais com um botão. Chuva cai mais forte e faz barulho no teto.

Eu realmente quero saber por que os dois estão chateados. — De quem você não gosta? — Eu pergunto. — Fizeram alguma coisa?

Winona mastiga um punhado de biscoitos. Eu dou a ela um olhar.

— Eu sou uma comedora nervosa — Ela murmura, migalhas por toda parte. — E você não vai gostar do que temos para lhe contar.

Ben entra na rodovia. — É seu irmão.

Xander.

— O quê? — Charlie e eu dizemos em uníssono. Meu rosto se contorce em confusão e meu pulso bate forte em meus ouvidos.

— Eu fiz algo — Ben murmura, culpa em sua voz. Meus músculos se contraem. Ele é o tipo de pessoa que se culparia por acidentalmente pisar em um formigueiro. Portanto, é difícil avaliar a gravidade.

Ben liga o pisca-pisca, mas luta para mudar de faixa e se concentrar nesta conversa.

Olho pelo para-brisa traseiro. — Você pode ir, Ben.

Ele tenta desviar o carro para a faixa da esquerda e depois acelera para cerca de 120, o tráfego escasso à meia-noite. Seu dedo continua batendo no volante.

— Não entendo — digo a Ben. — Eu sei que você e meu irmão tiveram uma briga, mas pensei que você ainda gostasse dele.

— Algo mudou. — Responde Ben. — Mas a culpa é minha. É realmente tudo minha culpa. — Não sei o que pensar disso.

De repente, Farrow solta o braço de mim para pressionar o fone de

ouvido, tentando ouvir. A chuva cai, e eu verifico por cima do meu ombro. Alguns carros que chegam nos cercam quando já percorrem toda a rodovia. Farrow quase revira os olhos antes de girar o botão do rádio.

Eu sussurro: — O que está acontecendo?

— Três SUVs — Ele sussurra de volta, Winona entre nós, que provavelmente pode ouvir. — Akara está gritando para Quinn relaxar. Ele está ficando empolgado.

Winona sacode migalhas de biscoito na palma da mão. — Ainda gosto do Xander.

— Tudo bem... Alguém explique isso, por favor — digo.

Ben respira fundo. — Vocês todos se lembram de como eu costumava levar Xander para os jogos de hóquei da escola, às vezes de futebol?

Isso parece uma eternidade atrás. Ben Cobalt é uma borboleta social exatamente o *oposto* do meu irmão, mas de alguma forma eles se deram bem. Para estar na vida de Xander, você tem que se encaixar lá, e Ben sempre entrava sorrateiramente.

Até que cerca de um ano atrás, o “desentendimento” deles aconteceu.

— Você disse que vocês dois se separaram — Eu me lembro. Fazia sentido. Eles estavam envelhecendo, mas Ben era uma das únicas pessoas que conseguia tirar Xander de casa. E meu irmão está mais recluso desde que perdeu Ben como amigo, mas nunca pensei que Ben realmente não gostasse de Xander. Eles simplesmente não se falam mais tanto.

— Não é bem por isso. — diz Ben. — Quero dizer, nós nos distanciamos, mas... — Ele tenta aumentar a velocidade do limpador de para-brisa. — Eu parei de levar Xander para os eventos da escola depois que algo aconteceu.

Algo aconteceu.

E meu irmão não me contou. E eu não estava lá para ele. A culpa tenta agitar dentro de mim, porque se ele foi ferido ou algum tipo de dor

pior...

Charlie prende os óculos escuros na camisa. — Isso não está nem um pouquinho vago.

Ben o olha de soslaio antes de mudar de faixa para contornar um SUV. — Desculpe, não estou usando adjetivos e substantivos excessivos ao seu gosto. — Ele olha para Farrow pelo espelho retrovisor. — Se você ainda não sabe, Charlie acha que sou perigosamente ingênuo a ponto de ser estúpido, e ele não perde a oportunidade de me lembrar.

Farrow faz outra bola do chiclete. — Cobalts são uma coisa.

Ben olha rapidamente para Charlie. — *Agora* isso está vago.

Charlie puxa seu cabelo. — Eu não esperaria nada mais de alguém que acredita que Maximoff é material para namorado.

Ai.

Tenho que dar a mão à palmatória a Charlie, ele conhece minhas inseguranças.

— Ciúmes por ele estar em um relacionamento? — Farrow pergunta facilmente enquanto levanta a bota para o assento e equilibra o braço no joelho. Sua confiança está irradiando.

Charlie olha para Farrow com um olhar que diz *you are wrong*.

Farrow o combate com um olhar mais duro que diz *estou certo*.

Eu gostaria que Janie estivesse aqui para nos ajudar a permanecer no caminho certo.

— O que aconteceu? — Pergunto a Ben e Winona. — Xander se machucou?

— Não exatamente — diz Winona, tirando as migalhas do colo.

— Eu era amigo desses caras na escola — Esclarece Ben enquanto acelera.

— Ben é amigo de todo mundo — Winona reformula.

— Sim, mas quando eu levava Xander junto, eu sempre o apresentava

a essas pessoas que eu pensei que ele gostaria... Isso é um paparazzi?

— À sua direita — Farrow confirma enquanto três SUVs se alinham para obstruir Ben de pegar uma saída.

— Acelere — Eu sugiro. Já que é a única maneira de ele ultrapassar os carros e sair da rodovia.

Ben corre para a frente, sua visibilidade terrível enquanto a chuva bate no para-brisa. — É basicamente granizo. Não posso acelerar.

— Não é granizo — diz Farrow com naturalidade. — Você está bem. Fique nesta pista até que se sinta confortável.

Farrow dirigindo no banco de trás é irritantemente sexy.

Enfim, não temos destino, mas meu telefone continua vibrando no bolso. Tio Ryke e tia Daisy, os pais de Winona, estão preocupados porque ela passou do toque de recolher. Quando chegar a 1 da manhã, espero o mesmo ataque de mensagens do tio Connor e da tia Rose sobre Ben.

Uma vez que Ben se inclina um pouco para trás, menos tenso, eu pergunto: — Então Xander conheceu alguns caras através de você nesses jogos de futebol e hóquei?

— Sim — Ben concorda. — E eu pensei que seria bom para ele. Eu não pensei... quer dizer, eu não poderia saber...

Winona abaixa a cabeça, chateada.

Ben coça o cabelo. — As pessoas na escola sabiam que Xander tomava antidepressivos – rumores sobre isso estão por toda a internet.

Eu fico tenso.

— Por que o carro da segurança está mudando de faixa? — Ben pergunta, quase em pânico.

— A segurança está jogando na defesa com os outros veículos — Explica Farrow. — A ESO está impedindo alguns carros de chegarem ao seu. Não se preocupe com eles. Oscar é um bom motorista.

— OK... — Ben ajusta seu aperto no volante. — Nos jogos, os alunos

perguntaram a Xander se eles poderiam tomar alguns comprimidos, e Xander começou a dar-lhes seus remédios, e eu deveria ter cuidado de seu irmão, Moffy. É *minha* culpa. — Ben fala rápido, as palavras saindo dele de repente. — Ele é suscetível à pressão dos colegas e não pediu dinheiro nem nada em troca. Ele só queria ser *apreciado* por esses caras.

Meu coração está na minha garganta. Ele tinha apenas quatorze anos. — É por isso que vocês tiveram uma briga? — Eu percebi.

— Sim. — Ben liga o pisca, mas decide não mudar de faixa. Ele tenta relaxar. — Achei que se parasse de convidar Xander para sair comigo, ele não poderia dar as pílulas a ninguém. Já que ele estuda em casa, ficaria mais fácil... — Ele sacode sua camiseta *Save the Planet* do peito. — Depois de um tempo, paramos de conversar e ele simplesmente...

Recuou.

Meu irmão recuou e quase não sai de casa.

Eu esfrego minha mandíbula, meus músculos queimando. — Quem sabe sobre as pílulas? — Pergunto e olho para Farrow, que toca seu fone de ouvido. Ele verifica por cima do ombro, atento ao tráfego de paparazzi que se acumula constantemente.

Ben abaixa o volume de seu aparelho de som quando Charlie liga o rádio. — Algumas crianças na escola, eu, Xander e Nona sabemos — diz Ben. — E agora vocês três.

Winona torce seu colar com pingente de lontra. — Moffy — Ela diz para mim. —, pensamos que ele havia parado.

Meu estômago revira.

— Um garoto da vizinhança começou a me enviar mensagens sobre isso — Finaliza Ben. — Esta manhã. — Ele estende o braço para trás para me passar o telefone, e o único gesto faz com que Charlie olhe pela janela. Ele deve sentir que Ben acabou de me escolher em vez dele.

Minhas costelas encolhem meus pulmões.

Eu poderia devolver o telefone para Charlie, mas com meu irmão mais novo no centro da página, sinto uma necessidade dolorosa de estar no controle.

Então, eu faço a merda e fico com o telefone. Já sei a senha de Ben: a data em que seu pássaro de estimação, Pip-Squeak, morreu. E abro a mensagem mais recente do garoto da vizinhança

Farrow deixa cair o pé no chão. Sua indiferença de repente esgota.

Quando isso acontece, sinto que alguém precisa içar o Batsinal no ar e chamar os Vingadores para se reunirem.

— Farrow? — Sussurro, pegando seu olhar. Eu me inclino para trás enquanto Winona se inclina para o console do meio para falar com Ben em espanhol.

Farrow se inclina para trás comigo e sussurra: — Mais oito carros, quatro são SUVs e provavelmente têm câmeras. Oscar não pode bloquear todos eles. Ben está prestes a ser bombardeado, a menos que ele possa acelerar e sair.

Eu passo para o modo de controle de danos. Eu puxo Winona para trás para que ela não se curve para frente. — Afivela, Nona.

— Eu já estou.

Mas está muito solto e não preciso perguntar. Farrow já puxa a alça de seu cinto, apertando-a.

Tiro meu cinto e deslizo até a beirada do assento. Só para poder falar mais diretamente com Ben. Farrow está olhando para mim por desafivelar, mas vou ser rápido.

— Vá mais rápido — digo a Ben.

Seus olhos voam para mim. — Você leu a mensagem?

— Ainda não. Acelere, Ben. Você pode ultrapassar o *Kia* à sua direita. — Ben pressiona o acelerador, mas solta quando a chuva cai com mais força. — Não posso, Moffy.

Charlie esfrega a névoa de sua janela. — Você deveria encostar. Eu dirijo.

Não posso nem oferecer, pois ainda não tenho minha licença de volta. Não que eles se sintam tão seguros, já que tenho um problema de excesso de velocidade, mas nunca bati.

— Encostar onde? — Ben se move para frente, seu peito subindo e descendo rapidamente.

— A pista de emergência — diz Charlie.

— Não consigo ver.

— *Maximoff* — Farrow diz com os dentes cerrados. Winona agarra minha camisa para me puxar para trás. Acabo escorregando para trás sozinho, puxo o cinto de segurança sobre o peito e o fecho.

Olho para Farrow.

Parece que ele quer me beijar e me matar. — Não faça isso de novo.

— Ordens de guarda-costas? — Pergunto.

— *Regras* de namorado, já que você adora fazer o que ele manda...

— Ele segue, verificando o tráfego pelo para-brisa traseiro. — *Merda*.

Eu vejo o que ele vê. — Ben — digo —, mude para a faixa da esquerda. — Estamos na faixa do meio e um caminhão do lado do motorista está ganhando velocidade.

Ben liga o pisca-pisca. Os sensores do carro dele começam a apitar, alertando-nos sobre um veículo que se aproxima. — Não consigo passar.

Ele tem dezesseis anos e acabou de tirar sua licença em março. Tudo que eu quero é assumir a porra do volante.

Ben tenta acelerar novamente. — Moffy, você deveria ler a mensagem em voz alta.

Eu hesito. Não tenho certeza se isso é uma boa distração dos paparazzi ou ruim. Mas acabo olhando para o telefone na minha mão.

E leio: — Colin mandou uma mensagem: *Fica esperto, cara. Easton*

Mulligan está recebendo pílulas do seu primo. Pensei que essa merda tivesse parado, mas Easton está se gabando disso. Até vi a embalagem.

Não sei como li isso sem uma única inflexão.

Não sei como meu coração ainda bate.

Meus músculos queimam, ombros travados e meu rosto impassível não carrega nada. Xander precisa de seus remédios e está apenas distribuindo-os para que possa fazer amigos. Mágoa me arrasta, querendo apenas agarrá-lo e abraçá-lo e dizer-lhe que isso não está certo. Em algum lugar dentro de mim, quase não consigo acreditar nisso. Em algum lugar lá dentro, acho que estou gritando a plenos pulmões para que isso seja revertido.

Mas essa emoção é perdida com um interruptor, profunda demais para ser alcançada. O carro está tão silencioso que posso ouvir a respiração pesada de Ben.

— Eu vou falar com ele — digo. Ele não pode traficar drogas. Ou é considerado negociar se ele as está distribuindo livremente? *Jesus*.

— Seja gentil, OK? — Ben suspira. — Eu não posso... quero dizer, Xander só... ele perdeu a porta de novo, certo? Ele não está numa boa fase.

— Sim — digo, nada em minha voz.

Farrow me estuda por um longo momento, e então seus dedos tatuados tocam seu fone de ouvido novamente, sua mastigação de chiclete diminui.

Passo o telefone para Charlie, já que Ben ainda está concentrado na estrada.

— Apenas deixe-me lidar com isso — digo, e acrescento a Winona. — Não conte ao esquadrão feminino o que aconteceu. — A última coisa que preciso é que toda a família saiba disso antes mesmo de eu falar com Xander.

— Meus bebês não saberão — Confirma Winona, e por bebês, ela quer dizer minha irmã Kinney, depois Audrey Cobalt e Vada Abbey. Seus ombros relaxam e ela exala de alívio.

Ben ganha velocidade, mas vacila quando a tempestade se aproxima. Ele desacelera. — Obrigado, Moffy... — Uma câmera pisca na janela do motorista na noite escura como breu, chocando Ben.

Ele desvia para a direita.

— Ben! — Winona grita.

— Não consigo ver!

Charlie instantaneamente agarra o volante e endireita o carro.

— Relaxem — Farrow diz aos adolescentes, ligeiramente virado enquanto observa o carro da segurança atrás de nós.

Estamos espremidos entre uma caminhonete e um SUV, com as duas janelas abaixadas. Câmeras envoltas em plástico apontam para o nosso carro.

— Eu não posso ver — Ben murmura novamente. Ele agarra o volante com mais força.

Flashes explodem em rápida sucessão. Imagine uma luz estroboscópica em seu rosto em uma rodovia a 120 quilômetros por hora sob uma chuva torrencial, e você acabou de tirar sua licença há três meses.

— Desacelere — Sugiuro. — Apenas dirija. Eles vão ficar entediados e irão embora.

Agora Ben está pisando fundo no acelerador. — Eu posso tentar passar um...

Nós giramos no segundo em que ele acelera para mais de cento e trinta, sem tração nas rodas na estrada molhada – meu braço se estende sobre o peito de Winona para proteger minha prima, e sinto Farrow fazendo exatamente o mesmo por ela.

À medida que o carro gira, não há tempo para olhar para a esquerda ou para a direita. sem tempo para corrigir o curso, pensar demais ou chamar Farrow.

Há apenas vida humana, amor e dor.

Meu mundo pisca por mim e o lado direito, meu lado, bate no meio

do concreto com um estrondo violento. Meu corpo torce para frente contra o meu cinto de segurança. Uma pressão rouba minha respiração. Lágrimas quentes escorrem dos cantos dos meus olhos – não consigo respirar.

E então, o carro capota.

Farrow Keene

TUDO ESTÁ SURPREENDENTEMENTE imóvel, exceto pelo *ping ping* da chuva batendo na parte de baixo do carro. O cheiro de chuva no metal domina meus sentidos e, lentamente, me oriento.

Estou de cabeça para baixo.

Todos nós estamos, mas sou o primeiro a passar pela desorientação. Meu fone de ouvido está pendurado em um fio no meu peito, meu rádio está quebrado. Todos os *airbags* estouraram, todas as janelas quebraram e o maior impacto foi em... *não*.

— Maximoff — Chamo, minha voz rouca.

A porta de seu lado do carro está esmagada contra o canteiro central de concreto. A porta de Charlie também está quebrada, mas não tanto.

Eu tusso algumas vezes, meu pulso disparando. Não consigo ver Maximoff tão bem. O cabelo de Winona cai em cascata e a protege da visão.

Ele está bem.

Eu tento fingir.

Ele está bem.

Winona pisca algumas vezes, depois respira fundo. Em choque. — Winona, você está bem. Apenas respire — digo, chamando sua atenção enquanto também sinto a fivela do meu cinto de segurança. Conheço sua irmã Sulli melhor do que a ela, mas dentro da equipe de segurança, as garotas Meadows são conhecidas por serem duronas.

De olhos arregalados, Winona assente lentamente para mim. Um corte desce pelo canto de seus lábios. Ela precisa de pontos.

— Dói alguma coisa? — Pergunto. — Seu pescoço, costas, pernas? — Eu me solto e gradualmente desço até o fundo do carro. Na verdade, o teto.

Minhas botas trituram o vidro e tento abrir a porta.

Está emperrada.

— Não — Winona responde em um curto sussurro. — Não, eu acho... eu acho que estou bem.

Eu me agacho e olho para um Maximoff de cabeça para baixo. Ele pisca como se seu mundo ainda estivesse girando. Eu o varro rapidamente. O que posso ver: uma fratura na clavícula, sangue escorrendo do nariz, respiração superficial.

Ele não está bem.

Preciso levantar a camisa dele, mas ouço meu namorado atrás da minha porra de cabeça. Gritando comigo para verificar seus primos primeiro.

— Maximoff? Fale comigo — digo, mas ele ainda está acordando.

É preciso muito esforço e força para me afastar dele, focar e fazer a triagem. Abro a boca para chamar seu nome novamente, mas me detenho. Meu coração está sendo rasgado em pedaços do caralho.

Os olhos de Winona disparam para a frente. — Ben? — O medo lança sua voz. Ele geme do banco do motorista.

— Ben, Charlie, como vocês se sentem? — Pergunto, me aproximando. Eu examino ambos em um longo olhar.

O sangue escorre por uma pequena laceração na linha do cabelo de Ben. Cortes minúsculos picam seu rosto nos cacos de vidro.

— Huh... — Ele diz grogue.

— Ajude meu irmão — Charlie estremece enquanto ele agarra sua perna extremamente fraturada.

Eu gostaria de uma tabela e um colar cervical para Ben, mas quanto mais tempo ficarmos dentro de um carro destruído, mais perigoso e potencialmente fatal.

Tire-os daqui.

— Ben — Chamo enquanto volto para a minha porta. —, quando é

seu aniversário? — Espio por baixo do *airbag* lateral esvaziado. A janela está quebrada e é grande o suficiente para que um corpo possa rastejar por ela.

Winona de repente se solta, e eu seguro seus ombros para que ela não caia em seu pescoço. Ela agacha como eu.

— Ben, qual é o seu aniversário? — Repito.

— Uh... — Ele geme. — Huh...?

Começo a desabotoar minha camisa preta. — Maximoff? — Chamo, mas meu namorado ainda está desorientado. Sem resposta.

Vamos, lobinho.

Respiro quente pelo nariz e passo minha camisa para Winona. — Coloque isso contra o seu lábio.

Ela pressiona o tecido no canto da boca. — Ben — Chamo em voz alta —, que dia é hoje?

— Huh...? — Ele murmura.

— REDFORD!

Nunca fiquei tão feliz em ouvir meu nome do meio. Abro o *airbag* lateral esvaziado. A chuva encharca Oscar enquanto ele se agacha, mechas encaracoladas de seu cabelo grudadas na testa.

Ele está me avaliando.

— Estou bem! Leve Winona! — Eu grito através da tempestade rugindo. — Charlie fraturou a perna no banco do passageiro! Ben pode ter uma concussão!

— A ambulância não vai estar aqui por um tempo! — Oscar grita de volta enquanto ajuda Winona perto da janela. — Talvez trinta minutos! A maioria está em uso por causa da tempestade!

Eu carrego o peso dessa situação de merda em meus olhos.

Oscar acena de volta e tenta esfregar a água do rosto. — Eu sei! É contigo, Redford!

Ou seja, ninguém mais no local tem esse nível de treinamento

médico. Oscar tem alguma experiência em estudar terapia esportiva em Yale, mas não é exatamente a mesma coisa.

Oscar grita durante o estalo de um raio: — Devemos tirá-los daqui rápido! — Eu aceno, concordando. Oscar agarra Winona pelas axilas e a puxa pela janela. Ela ainda está em um estado levemente grogue ou, então, mais provavelmente quer ficar com Ben.

Assim que Oscar a pega, eu grito: — Maximoff!

Ele está mais coerente e atualmente tentando se soltar. Mas ele não consegue mover o braço direito.

— Farrow — diz ele, frustrado e rouco. — Você está bem? Oscar está com Winona? — É como se ele estivesse garantindo que não apenas alucinou isso.

— Estou bem. Ela está bem — Confirmo. — Não se mova...

— Charlie e Ben? — Ele pergunta e range os dentes, a dor contorcendo seu rosto.

— *Não se mova ainda* — digo profundamente com uma mão estendida. — Apenas espere.

É difícil para ele, mas ele fisicamente não tem escolha, e eu mudo com cuidado e rapidez para a frente.

Ambos os Cobalts estão pendurados de cabeça para baixo. — Charlie — Chamo.

Charlie estremece e continua olhando preocupado para o irmão.

— Fale comigo — digo a Charlie enquanto tomo os sinais vitais de Ben, meus dedos no seu pulso carotídeo. Eu escuto seu peito com meu ouvido.

Sons respiratórios normais.

— Minha perna está quebrada — Charlie afirma por entre os dentes, e ele envolve o braço em volta do cinto de segurança antes de desafivelar – eu estendo a mão e o ajudo a deslizar para o fundo do carro.

— Ben, você sabe onde está? — Pergunto, e estalo o cinto de segurança. Cuidadoso com sua cabeça e pescoço, eu seguro todo o seu peso. Merda, o cara mais novo neste carro é o mais alto com um metro e noventa e seis.

Ele pisca, ainda atordoado. Eu verifico seus olhos, e então o inclino contra sua porta intacta, a janela já quebrada.

Neste ponto, entendo claramente quem está crítico e quem não está. Uma pessoa está crítica.

Apenas uma.

Volto para trás ao mesmo tempo em que Maximoff cai com muita facilidade, como se tivesse feito isso antes com uma clavícula quebrada.

Ele não fez, a propósito.

Seus *Timberlands* atingem o fundo estilhaçado e ele aperta o antebraço contra o peito.

Não consigo nem lançar um olhar quando digo: — Seu idiota teimoso.

Ele se agacha, sua respiração encurtada. — Estou me sentindo ótimo. Obrigado por... perguntar.

— Eu não perguntei — digo, meus dedos em seu pescoço. Eu arquivo mentalmente sua frequência cardíaca. — Mais alguma coisa dói?

— Não. Sim, eu não sei. Precisamos tirar meus primos daqui.

Antes que qualquer um de nós se mova, Oscar retorna e levanta a aba do *airbag*. — Redford?!

— Ben teve uma concussão! — Eu grito. — Os olhos estão dilatados, mas ele não está crítico! — Eu explico como ele pode ser acessado pela janela do motorista, e Oscar tira Ben em um minuto. Ele volta para Charlie e ajuda seu cliente a sair do mesmo lado.

Dirijo-me a Maximoff. — Eu vou sair primeiro para poder te ajudar.

Ele não discute ou me combate, e isso quase me mata. Porque

significa que ele está com muita dor.

Eu deslizo para fora da janela traseira. A chuva cai instantaneamente sobre mim, encharcando meu peito tatuado. Encharcando meu cabelo e pingando dos meus cílios.

Agora é a vez dele.

Ajoelho-me e agarro sua cintura, não seu braço ou ombro, e puxo Maximoff pela janela. Ele usa a força das pernas e quase grita entre os dentes.

Eu o tiro do carro capotado e ele tenta se erguer para se levantar. Ele suspira.

— Fique deitado. — Não consigo tocar em seu pescoço sem machucá-lo ainda mais. Ele só tem que ouvir.

E ele o faz sem resistência. Isso me dá uma porra de coragem.

Maximoff está deitado de costas, inclinando a cabeça para tentar entender o ambiente escuro e tempestuoso. Ajoelho-me mais perto dele, concentrando-me em seus ferimentos, mas ainda vejo as câmeras piscando.

Akara, Quinn e alguns dos seguranças da Épsilon restringem os paparazzi que pularam de seus veículos na rodovia. Eles tentam tirar fotos dos destroços. Exatamente onde Maximoff jaz na calçada repleta de peças de metal e plástico de carros.

Eu não posso movê-lo ainda.

O segurança grita e empurra os paparazzi para trás.

— Podemos ajudar?! — Um pedestre pergunta, outros carros estacionados na faixa de emergência. Épsilon cria uma barreira para mantê-los afastados de nós.

Rapidamente, rasgo sua camisa encharcada no colarinho até que fique em duas. Vergões surgem ao redor de sua caixa torácica e ele tem dificuldade para recuperar o fôlego.

— Onde está... Nona? — Ele pergunta, preocupado. Isso tudo está me matando. Toda palavra que ele diz, cada suspiro que ele respira está me

eviscerando.

— *Range Rover* com Ben e Charlie — Respondo. Perto dos destroços, Oscar se inclina para dentro do *Range Rover*, as portas se abrem, e presumo que Ben e Winona estejam lá dentro. Esperando a ambulância.

Charlie está com um paletó na cabeça, apoiado no capô do *Range Rover*, colocando todo o peso na perna esquerda.

Maximoff estremece, a palma da mão flutuando acima de seu abdômen. A chuva continua a cair sobre nós, e eu paio sobre meu namorado para protegê-lo da tempestade.

— Dor no peito? — Pergunto, já sabendo pelo visual.

— Sim... — Ele ofega novamente.

Eu coloco meu ouvido em seu peito. Ausência de sons respiratórios à direita e nenhum movimento visível. Eu tomo seus sinais vitais novamente. *Taquicardia*.

Eu nunca tratei um ente querido antes.

Porra, eu nunca ameie alguém do jeito que eu o *amo*. Com um pai casado com a medicina e sem mãe, não cresci vendo o amor, mas busquei isso em todas as relações, e achei que tinha encontrado.

Mas percebo que nunca cheguei nem perto. Então, eu me apaixonei por ele.

É um amor que me esmurra toda vez que acordo e desejo me aproximar dele. Toda vez que vejo a moralidade dele e penso, *como você é bom, e, caralho, eu tenho sorte*. É um amor que me atrai para ele quando ele parte. Um que atinge o meu núcleo e envolve-se em torno de mim. É aquele amor persistente, inesquecível e indissociável.

Ele está em estado crítico e não pode saber o que eu sei. Nunca menti para ele, mas não posso contar isso a ele. No momento, sou a primeira e a última defesa contra a fatalidade.

— Oliveira! — Grito, o céu noturno ressoando enquanto lençóis de

água batem na calçada e em nós.

Oscar sai do carro da segurança e corre até mim. — O que você precisa? — Ele se agacha para que nenhum de nós precise gritar.

— A bolsa de traumas. — Mantemos uma em veículos de segurança, caso o médico concierge precise de suprimentos. — Você encontrará um kit de descompressão de agulha e um guarda-chuva para mim. — Eu quase tenho que gritar desde que ele sai correndo. Percebendo a enormidade.

— Farrow... — Maximoff inala uma respiração irregular, antebraço dobrado no seu peito. Ele tenta fazer um gesto para que eu me aproxime, mas seus dedos apenas se contorcem.

Eu paio sobre meu namorado, minha palma no cascalho acima de sua cabeça. A chuva bate nas minhas costas, mas ajuda a manter seu peito e rosto secos.

— Você está sangrando... — Ele tenta estender a mão novamente, para *me* ajudar. Ele faz uma careta, seu braço imóvel.

— Não — digo. — Apenas relaxe, lobinho.

Seus olhos se desviam para minha têmpora. — Você está sangrando, você sabe...

Eu toco minha têmpora, o corte é pequeno. — Não é nada. Me diga como você se sente.

Ele lambe os lábios. — Eu me sinto ótimo. — Seu pomo de Adão balança. — Como se eu pudesse voar para a lua, pegar um lanche para nós, levar meu *Audi* para dar uma volta. — Seus olhos se derretem nos meus antes de se encherem de dor. Seu rosto se contorce.

Afasto seu cabelo escuro e molhado de seu rosto. — Não é hora do almoço e você não tem carteira.

Ele quase faz uma careta de riso, e então ele tosse rudemente. Realmente grosseiro, e de repente, Maximoff se solidifica em mármore. Ele percebe sangue espirrado na calçada.

Ele está tossindo sangue.

Minha cabeça desvia para o carro. — Oliveira! — Ele tem que estar lutando para encontrar o conjunto. Verifico as horas no relógio de pulso de Maximoff.

— Farrow... — Maximoff diz, engolindo em seco, seus dentes manchados de sangue enquanto ele estremece. — Apenas... me diga.

Ele quer saber o que há de errado com ele. *Está me matando. Está me matando.*

— Maximoff...

— Você nunca... escondeu nada antes... — Ele respira fundo.

Meus olhos ardem e muito, mas a chuva lava meu rosto agonizante. Estou morrendo... com ele. Eu tomo uma respiração profunda e perfurada e me recomponho.

Respire. Dê a ele o que ele quer. Como sempre.

O cascalho cava na palma da minha mão quando me aproximo. — Você tem um peito instável; as costelas de quatro a sete estão fraturadas — digo. — Hemoptise, tosse com sangue, indica uma contusão pulmonar. — Diante de sua confusão, eu digo: — Seu pulmão esquerdo está machucado. Essa não é a lesão grave. Isto é... Você está com dificuldade respiratória grave no pulmão direito afetado. Distensão das veias cervicais, ausência de sons respiratórios, desvio traqueal. É um pneumotórax hipertensivo. Sua costela quebrada desmoronou seu pulmão e agora o ar está preenchendo a cavidade pleural.

Não explico como nesta fase o pneumotórax pode causar choque obstrutivo. Falta de fluxo sanguíneo para o coração e o coração para bombear sangue para o corpo.

Maximoff balança a cabeça lentamente, ouvindo. Entendendo. Ele é bom nisso e sabe. Sei que ele sabe que isso pode ser fatal, então digo: — Não vou deixar você morrer. Está me ouvindo?

Ele faz uma careta, sangue ainda enchendo sua boca. — Você é... mais esperto do que eu.

— Pare. — Eu preciso que ele diga como eu sou o idiota sabe-tudo. Como ele poderia ter regurgitado toda essa merda tão facilmente quanto eu, mesmo que nós dois saibamos que isso não é verdade.

Eu ajudo a levantar sua cabeça enquanto ele tosse.

Seus olhos verdes-floresta permanecem em mim, gritando *me ame*.

Me ame.

E ele diz: — Você sempre foi mais esperto do que eu.

— Não. — Eu balanço minha cabeça repetidamente. Não posso ouvi-lo admitir que sou mais sábio, mais velho e mais forte. — *Não*. — Minha cabeça lateja. — OLIVEIRA! — Eu grito com Oscar para se apressar, e os fotógrafos me perguntam se Maximoff está vivo.

Eu sintonizo o coro de vivos e mortos.

Maximoff olha diretamente para mim e se engasga: — Eu te amo, você sabe disso?

Nós dois estamos chorando. — Pare. — Agarro sua mandíbula definida. Eu também sou um idiota teimoso. Porque eu me recuso a dizer o *te amo* de volta em um adeus.

Maximoff respira mais rápido. — Diga a Jane que eu a amo... — Ele engole um nó na garganta. — Diga aos meus pais que eles são os melhores...

— Maximoff...

— Eu te amo — Ele repete.

— *Pare. Pare.* — Não posso perder a única pessoa que amei o suficiente para querer que dure para sempre. Não posso. Eu nem disse a ele que posso ver o para sempre. Ainda não disse tudo o que precisa ser dito.

— Cuide das minhas irmãs... meu irmão...

— Olhe para mim. — Eu seguro seu rosto enquanto sua respiração diminui. — Você estará aqui amanhã e no dia seguinte. *Não é* assim, lobinho.

Você não está terminando aqui. E estou *confiante*... — Assinto várias vezes, seus olhos marejados. — Você verá suas irmãs crescerem e se tornarem velhas e você verá seu irmão se tornar um homem velho – e eu estarei ao seu lado.

Ele pisca e as lágrimas caem por sua bochecha. — Você estará?

— Sim — Assinto. — Você está preso comigo, lobinho. Vou irritar a sua merda todas as manhãs por décadas. Mais tempo, e nossos filhos ficarão do seu lado porque você é *bom* e adorável.

Ele respira mais fundo. — Temos filhos? — Seus olhos obstinados se desviam para imaginar esse futuro, *nosso futuro*. — Quantos?

Uma rocha se aloja. — Quantos você quiser. — digo, nunca mentindo para ele. — E quando eu te agitar e realmente atingir um ponto sensível, você vai brincar sobre como gostaria de ter morrido neste acidente de carro.

Seu lábio quer se levantar. — Romântico. — Ele tosse, depois range de dor. — *Caralho*.

Sua pele está começando a desbotar e, quando olho para a chuva, Oscar está correndo em minha direção com um guarda-chuva e o kit.

— ...Farrow — Maximoff se engasga.

— Shh — Sussurro.

— Eu não quero morrer... — Seu pescoço se contrai.

Meu peito está pegando fogo. — Isso é bom, lobinho. — Concordo. — Porque eu não vou escrever seu testamento agora.

Maximoff olha para cima. — Obrigado... como se você escrevesse qualquer coisa...

Pego todos os suprimentos médicos que Oscar coletou. Ele abre o guarda-chuva e nos protege da chuva enquanto eu trabalho.

Abro o antisséptico e limpo o local. Então, tiro o cateter de agulha do kit. Rapidamente, passo o dedo sobre a terceira costela e o segundo espaço intercostal, linha hemiclavicular do lado direito.

Minhas mãos estão tremendo.

Em toda a minha vida, minhas mãos nunca tremeram. — Espere um segundo, Redford — Oscar me diz.

Eu expiro. *Relaxe, Farrow.*

Minhas mãos estão firmes.

Sem mais hesitar, eu insiro o cateter de agulha e uma lufada de ar expele como o estouro de um balão.

Maximoff inspira mais fundo e seu pulmão direito finalmente se move. Eu mantenho o cateter no lugar e removo a agulha. Ele está mais estável. E agora, tudo o que posso fazer é esperar pela ambulância.

Eu paio sobre ele novamente. — Melhor?

Ele acena com a cabeça uma vez, respirando novamente. Ele ainda está com muita dor de múltiplas fraturas. Nossos olhos travam por um momento inebriante quando um *flash* atinge o ar.

Enquanto o céu noturno ruge acima de nós.

Maximoff olha para fora em um curto segundo antes de olhar para mim e dizer: — Somos nós.

Eu não entendo. — Platão falando com você de novo? — Ele geme, depois tosse. — Relaxe — digo a ele, sirenes de ambulância tocando ao longe. E é só quando um raio corta o céu e o trovão ruge novamente que percebo o que ele quis dizer com o *somos nós*.

Trovão.

Raio.

Minhas sobrancelhas se erguem. — Eu sou um raio então, e você é um trovão. Você sempre me segue toda vez que eu apareço.

Seus lábios se erguem em uma risada abafada. — Você está certo... você vai me irritar até a morte.

Meu peito incha e não consigo me conter. Eu me inclino e beijo Maximoff, gentilmente, nos lábios, e ele tenta retribuir o beijo e até se sentar.

Mas eu não deixo.

Mais tarde.

Haverá um mais tarde. Tem que haver.

Maximoff Hale

UM MONITOR DE frequência cardíaca emite bipes silenciosos. Uma intravenosa está enganchada em minha veia, conectada a bolsas de fluido, e acabei perguntando a Farrow o que a enfermeira prendeu em meu dedo: um oxímetro de pulso.

Estou atordoado há um tempo.

Talvez desde que fui colocado em uma maca e levado para uma ambulância, e para o Hospital Geral da Filadélfia.

Penso em como fui perseguido, ameaçado de lesões corporais e morte. Como bati minha moto dezenas de vezes, caí de ravinas, saltei de paraquedas, caí em uma prancha de *snowboard*, comi calçada após truques de *skate*, nadei em fortes correntes oceânicas e, depois de todas essas coisas, todo esse maldito tempo, eu nunca tive medo de morrer. E, então, esta noite.

Eu estava com medo.

Eu estava apavorado pra caralho.

Minha mortalidade, minha vida frágil, acabou de bater contra mim, e eu me lembro que tenho apenas 22 anos. Lembro-me de que não posso controlar a direção de nada e sou um passageiro do universo – mas, *Deus*, esta jornada não pode terminar para mim. Não aqui, não agora.

Eu não estava pronto. Eu não estou preparado.

Implorei e implorei para ter mais um minuto com Farrow. Estive cercado pelo amor da família por vinte e dois anos, mas não consegui nem um ano inteiro com o amor de outro homem, um companheiro, uma alma gêmea – e talvez eu estivesse sendo egoísta.

Pedindo mais quando já recebi tanto.

Mas pensei em como ele nunca teve uma família que realmente o amasse por ele. E pensei, se não fosse por mim, não faça isso com ele. Não o estripe.

Então, não estou devolvendo essa segunda chance, esse tempo extra. Talvez seja por isso que não consigo parar de encará-lo agora.

Novamente, meu cérebro sempre foi obcecado. Tenho certeza de que ele também sabe disso.

— Você não deveria estar lendo para mim? — Pergunto a Farrow enquanto ele segura um *livro* em uma das mãos, meu livro, e vira uma página. — Você sabe, *em voz alta*. — Sento-me o melhor que posso na firme cama do hospital.

Farrow reivindicou um assento no final da minha cama.

Minhas pernas nuas se estendem sobre seu colo. Uma de suas mãos tatuadas se move para cima e para baixo na minha perna, parando na minha rótula por alguns segundos antes de se mover novamente.

— Estou salvando você de uma leitura maçante, lobinho. — Ele vira outra página.

Ele diria que tudo neste planeta é uma leitura monótona porque ele raramente lê, e já dobrou a capa e a ponta da página só para me irritar.

— Já li esse livro de filosofia antes — digo a ele.

Seus olhos voam para mim, uma faísca de diversão neles. — Eu sei. Você tem uma queda por Cícero. Existem pequenas marcas de destaque e rabiscos em basicamente todas as linhas.

Eu quase sorrio e lambo meus lábios secos. — Nem *todas* as porras das linhas.

Ele mostra a página em que está. Tem anotação por todo lado.

— Tudo bem — Admito. — Gosto de Cícero. — Deito-me em cima dos lençóis do hospital, meu braço direito latejante preso em uma tipoia frouxa. Uma fina camisola azul do hospital chega até minhas coxas e esconde

os hematomas vermelho-azulados que marcam meu abdômen e meu peito.

Meu corpo dolorido bate em um ritmo severo como se eu tivesse sido atropelado um bilhão e uma vezes, mas tenho a melhor distração na minha frente.

— Ele ama Cícero — Farrow repete enquanto folheia o livro.

— *Gosto* — Eu o corrijo.

Seus bíceps parecem mais em evidência em uma camiseta de Yale, mas a gola redonda esconde os navios piratas simétricos em suas clavículas e o crânio tatuado em seu esterno. Ele disse que deu a Winona sua camisa preta de botão para o lábio machucado, então, acabou pegando a camisa emprestada da bolsa de ginástica de Oscar.

Farrow vira outra página. Sua leitura dinâmica é irritante pra caralho.

Outra página vira.

Mais seriamente, ele me pergunta: — Por que você gosta dele?

— Você está com ciúmes? — Eu tento provocar meu namorado.

Suas sobrancelhas se erguem lentamente para mim como se eu fosse o *geek* mais *geek* que já existiu. — De um filósofo romano morto?

— Sim.

— Não — Ele diz como se eu tivesse enlouquecido. — Não existe competição viva ou morta. — Ele folheia a próxima página.

Tento mexer o braço, mas a dor sobe pelo ombro. Eu mordo e fico imóvel, e se Farrow percebe que estou sofrendo, ele não me incomoda.

Graças a Deus.

Já tenho dois pais extremamente preocupados que passaram por aqui cerca de quinze minutos atrás. Minha mãe trouxe uma pilha enorme de meus quadrinhos favoritos e textos de filosofia. Para ajudar a me distrair da dor enquanto espero notícias sobre uma cirurgia na clavícula.

Ela também deu um abraço apertado em Farrow e teve que me “abraçar no ar”. E meu pai – ele estava sufocado, com os olhos vidrados. Eles

estão apenas gratos por eu estar vivo. Os paramédicos disseram a eles que se Farrow não liberasse ar de meus pulmões, eu provavelmente teria morrido antes que eles chegassem.

Mas se você conhece meu pai, ele é difícil de convencer. Salvar minha vida é meio brownie. Para minha mãe, Farrow ganhou todos os brownies que já existiram em todos os universos.

Observo meu namorado virar outra página. — Cícero é atemporal — digo a ele, tentando explicar o que sempre é difícil para mim: *por que gosto de x, y, z?* Eu tenho muitos motivos, e todos eles se misturam ao mesmo tempo. — ...muitos pensadores e teóricos derivam de suas ideias e filosofia. — Eu paro. — Ele não era perfeito, mas lutou contra uma ditadura romana... e acho que ele teria sido o filósofo ideal de Platão.

Farrow levanta o livro um pouco, apenas para ler: — *“Por mais curta que seja sua vida, ainda será longa o suficiente para viver honesta e decentemente.”* — Ele olha para mim. — Parece com você.

— Talvez — digo, pensando bem —, mas, e se eu quiser viver mais com o risco de ser menos decente?

Farrow respira fundo, sua mão parando no meu joelho novamente. — Você está fazendo essa pergunta filosófica para o homem errado.

— Por quê? — Eu tento me sentar mais.

— Porque nove vezes em dez, vou dizer para você correr qualquer risco, e se isso significar que você viverá mais, então, não há debate. — Farrow vira uma página, seus olhos vagando entre mim e o livro. Até que ele está apenas olhando para mim. — Esta noite te abalou um pouco. — Não é uma pergunta.

Ele pode ver.

Eu concordo. — Tudo o que sei é que não sei nada, e estou bem com isso, desde que você esteja na minha vida — e isso é difícil para mim admitir. Não tenho ideia de para onde vou a partir daqui e que porra estou fazendo,

mas isso não importa tanto quanto você importa para mim. E eu estou divagando...

Seus lábios se curvam para cima e ele acena para que eu continue. — Continue.

— Você. — Retruco secamente.

Ele revira os olhos e olha para o teto antes de seu olhar cair sobre mim. — Na medicina, conheci muita morte e isso me fez apreciar o presente e não me arrepender ou me fixar no que *poderia ter acontecido*. Mas se algo acontecesse com você esta noite e você se tornasse um *poderia ter sido*, isso teria me esmagado pelo resto da minha vida. — Seu peito sobe em uma respiração maior e ele termina com: — E tudo que sei é que sei *tudo*.

Eu pisco lentamente. — Me dê meu livro para que eu possa jogá-lo em você.

Farrow sorri. — Deixe-me pensar sobre isso. — Ele não pensa nisso e mantém meu livro bem na mão. Mas sua outra mão deixa meu joelho e sobe pela minha coxa.

Eu gosto disso. Demais.

Meu telefone toca perto do meu lado. Todas as pessoas da minha família enviaram mensagens cerca de uma dúzia de vezes. Tenho muitas novas, especialmente dos meus irmãos.

Kinney: *Você não é legal o suficiente para ser um fantasma, então, não tem permissão para morrer.*

Meu pai disse que ela tentou entrar no carro. Só assim ele teria que trazê-la para o hospital. Ele a pegou, daí, ela está mal-humorada e ainda em casa. Nenhum dos pais quer nenhuma das crianças na estrada. Pelo menos não até de manhã, quando a tempestade deve diminuir.

Xander: *Ligue para mim quando não for 3 da manhã. Indo para a*

cama. Que bom que você está bem. Te amo.

As mensagens do meu irmão me lembram o que descobri esta noite. Ele está dando seus comprimidos para o garoto da vizinhança. Uma verdade que eu agarro, mas ainda não posso confrontar. Não enquanto eu estiver preso neste hospital. Isso é algo que eu preciso falar com ele cara a cara. Todos presumiram que Winona e Ben foram até o *Orchestra Hall* para protestar contra o leilão, então, ninguém sabe sobre Xander.

Luna: *A caminho!!*

Eu sorrio com a mensagem de Luna. Mas a ligação não é dos meus irmãos. É da minha melhor amiga.

Clico no viva-voz para que Farrow possa ouvir. — Já estão perto? — Pergunto a Janie.

— *Ainda estamos em um trânsito terrivelmente lento* — diz ela.

Imagino Jane dentro de um carro com Beckett, Luna, Thatcher, Quinn e Donnelly. Todos os seis estão vindo do *Orchestra Hall*.

— Tenham cuidado — digo a ela e fecho os olhos por um segundo, a dor irradiando pelas minhas costelas.

— *Novidades?* — Ela pergunta.

Abro os olhos e encaro a porta fechada. — Sulli acabou de chegar aqui com todos os pais, cerca de meia hora atrás. Ela está com Winona. — *No quarto do outro lado do corredor.* Eu tento esmagar a culpa porque é meu trabalho proteger essas garotas. Tio Ryke... tem que me odiar.

Eu me odeio por colocá-la em tanto perigo. Por colocar Ben em perigo.

— Ela está bem — diz Farrow e pega uma lata de chocolates em uma mesa portátil próxima.

— O lábio dela está sendo costurado — Eu o corrijo. — Ela não está

bem.

— Ela vai sobreviver — diz Farrow facilmente.

Jane interrompe: — *Já falei com Sulli.*

Eu tento me sentar novamente, meus músculos gritando. Então eu paro. — Ben está em outro quarto. Meu pai disse que a concussão dele é leve, e acho que Charlie vai fazer uma cirurgia na perna em breve...

— *Eu quis dizer novidades sobre você* — diz Jane. — *Já conversei com meus irmãos e meus pais também.*

Eu franzo a testa, um pouco magoado. — Tu m’as appelé en dernier?
— *Você me ligou por último?*

Jane respira audivelmente, chateada por eu pensar isso. — *Não porque eu quis. Sua mãe disse que eu deveria lhe dar algum tempo a sós ‘com seu verdadeiro par’ antes de ligar.*

Farrow está rindo das palavras da minha mãe. Meu pescoço esquenta.

Jesus. Minha mãe nos amando juntos se casa muito bem nas mãos de Farrow, e eu perco todas as rodadas quando nos enfrentamos.

— Minha mãe precisa pegar leve — digo a Jane.

— *Tia Lily ama o amor.*

— Ela pode *amar* meu amor dez bilhões de vezes menos na frente do meu namorado. Isso seria perfeito. — Quase posso sentir Jane sorrindo do outro lado. Também posso senti-la desaparecer no silêncio.

— *Moffy, por favor, me diga como você está* — Ela sussurra, e quando eu não respondo de imediato, ela acrescenta: — *Eu odeio não ter chegado aí ainda.* — Ao fundo, pego Thatcher dizendo que vai pegar um caminho alternativo. Ele deve estar dirigindo.

Puxo o cabelo com a mão esquerda, puxando os tubos intravenosos.
— Ainda estou esperando o cirurgião verificar os raios-X.

— *Você precisa de cirurgia?*

— Eu não tenho certeza...

— Ele precisa de cirurgia. — Farrow interrompe com aquela voz prática, rouca, mas calmante. Cascalho amarrado em seda.

Observo-o abrir a tampa da lata e inspecionar um chocolate.

Eu digo a ele: — Há uma chance de *zero* por cento de você saber disso só de olhar.

Ele desembulha uma trufa e eu observo como seus dedos descascam a trufa vermelha. Cristo. Preciso parar de me apaixonar pela forma como ele se move.

Farrow está sorrindo com um sorriso satisfeito. *Além* da compreensão humana. — Há cem por cento de chance de eu saber que você fraturou a saboneteira, lobinho. — Ele enfia o chocolate na boca.

Eu faço uma careta. — Por que você tem que chamar de *saboneteira*?

Ele mastiga lentamente, as sobrancelhas levantadas. — Porque é assim que se chama.

— A porra chama-se clavícula.

— Cara, é exatamente a mesma coisa, mas só uma te irrita, então eu escolhi essa. — Seu sorriso se estende enquanto a irritação atinge meu rosto.

A preocupação envolve a voz de Jane quando ela pergunta: — *Ele está com dor, Farrow?*

— Muito — Respondo sarcasticamente. — Salve-me, Janie.

— *Eu não estava perguntando a você* — Jane diz, muito séria. — *Farrow? Como ele está?* — Ela está realmente preocupada comigo, e me sinto mal por estar provocando.

Farrow desembulha outra trufa e, em vez de varrer meu corpo em busca de sinais de dor, ele apenas mantém meu olhar. — Maximoff é teimoso. Não é uma doença nova.

Eu dou a ele um olhar. — Se a *teimosia* é uma doença, então você também sofre dela.

Suas sobrancelhas se erguem. — Nunca disse que não, e que fofo

você quer compartilhar sua doença comigo.

Não sorria. — Eu não disse isso.

— Claro. — Mantendo a boca fechada, seus lábios se erguem enquanto ele mastiga outro chocolate.

Estou com dor, mas ele está me fazendo esquecer o que dói. Uma vantagem de ter um cérebro que praticamente goza com sua mera presença.

Eu levo meu telefone à minha boca. — Jane — digo. — Eu não coloquei você no viva-voz para que você ficasse mais preocupada. Eu estou bem.

Não consigo imaginar o que passou pela cabeça dela quando soube que havíamos sofrido um acidente de carro. Dois de seus irmãos, seu melhor amigo e o namorado de seu melhor amigo, e sua priminha. Não consigo imaginar o que alguém da nossa família estava pensando.

— *Você olhou algum artigo de notícias sobre o acidente?* — Ela pergunta.

— Ainda não. — Tenho postergado isso, mas tenho certeza de que o acidente ganhou as manchetes. Na verdade, tenho tentado não checar muito as redes sociais ultimamente.

Não desde que tornei público meu relacionamento com Farrow.

Vozes abafadas ficam mais altas do lado de Jane. — *Desculpe... espere, estamos resolvendo uma crise mini direcional. Muitas pessoas neste carro acreditam que conhecem melhor as estradas da Filadélfia.*

Eu a mantenho na linha, mas deixo que ela cuide das instruções. E pego Farrow desembrulhando um terceiro chocolate.

— Você realmente vai comer todo o meu chocolate? — Eu pergunto. Tia Daisy trouxe a lata em forma de coração como uma coisa de ‘melhore logo’. Ela diz que o doce de chocolate é o segundo melhor depois do bolo de chocolate.

— Você não pode comer nada antes da cirurgia — Ele me lembra. —

Estou te fazendo um favor. Menos tentação, lobinho. — Ele enfia o terceiro na boca.

— Está funcionando. Você está fazendo com que pareçam nojentos.

— Deve ser por isso que você fica me olhando comê-los. — Ele diz, me superando com absoluta facilidade.

Droga. — Eu não estava. — Minto.

— E lá vai o seu distintivo de mérito de honestidade.

Observo-o colocar a lata de lado e destampar um marcador permanente com os dentes. Seus olhos castanhos voam para as máquinas ao lado da cama. Os números rodam pela tela, as linhas saltam para cima e para baixo, e mal consigo entender.

Mas ele pode.

Tão rápido quanto Farrow olhou, ele voltou ao curso. Sua mão grande corre do meu joelho até meu tornozelo, o toque cheio de afeto quente, e ele segura meu tornozelo com força, mas ternura que acumula calor dentro de mim.

Farrow começa a rabiscar algo em cima do meu pé esquerdo. — É melhor não escrever *foda-me* — digo a ele.

Farrow para de escrever e seu olhar se ergue para o meu, todo humor em seus olhos. Ele sopra a tampa da boca. — Se eu fosse escrever *foda-me*, não seria no seu pé. — Com outro pensamento, seu sorriso se alarga quase na risada. — A menos que... você queira que eu foda seu pé.

— Vai se foder — digo, prestes a recuperar minha perna, mas seu aperto aumenta.

Disso eu gosto mais ainda.

Estico o pescoço e vejo as letras rabiscadas.

Não este pé

Minhas sobrancelhas se juntam enquanto eu o encaro como se ele tivesse voado para o planeta lixo Sakaar. — Se eu for fazer uma cirurgia, você percebe que não está nem perto do meu pé?

— Cuidado nunca é demais — Ele diz casualmente e se move para a minha panturrilha. — Essa é a regra número um no Manual do Lobinho. Caso você tenha esquecido suas próprias regras. — Ele se afasta para ver sua obra.

Não esta perna está ainda maior.

Querido mundo, por que estou sorrindo? Atenciosamente, um humano sorridente.

— *Estou de volta* — diz Jane com um suspiro gigante. — *Então, temos muito o que discutir quando eu chegar. Tipo, como você foi comprado por uma estrela pornô.*

Assim que as palavras ‘estrela pornô’ explodem no ar, a porta do meu quarto se abre – e tenho certeza de que o médico acabou de ouvir isso.

Estou representando a Maldição Hale com força esta noite.

Levo o telefone à boca novamente. — Jane, o médico acabou de chegar.

— *Boa sorte, meu velho.*

— *À tout à l’heure, ma moitié. — Até breve, minha outra metade.*

Desligo e percebo que Farrow parou de escrever na minha perna. Seu foco se concentra no jovem médico e, antes que eu possa falar, Farrow diz a ele: — Você está no quarto errado.

Farrow conhece esse médico.

É o meu primeiro pensamento. O médico desconsidera ativamente Farrow, sua atenção apenas em mim.

Ele deve estar em seus vinte e tantos anos, excepcionalmente alto, com cabelo ruivo penteado para trás que se enrola abaixo de suas orelhas. Parece que ele poderia fazer um teste para interpretar Bill Weasley em *Harry Potter*.

Você sabe, o Weasley mais velho e gostoso.

Ele não está de uniforme como os médicos e enfermeiras do pronto-socorro que conheci esta noite. Todos tiveram que assinar Acordos de Confidencialidade (AND). Por baixo de seu jaleco branco, uma camisa azul-marinho com estampa geométrica está enfiada em calça cor de carvão.

Esforço meus olhos para ler a costura em seu jaleco, mas só consigo distinguir o MD.

O médico começa a se aproximar da cama. — Eu sou o Doutor... — Sua voz morre quando Farrow desliza minhas pernas para fora de seu colo e se levanta.

Meu namorado rouba o gráfico das mãos de ‘Bill Weasley’. Então ele se senta na beira da cama e folheia os papéis da prancheta como se nada tivesse acontecido.

‘Bill Weasley’ lança um olhar cortante para Farrow.

— Maximoff — Farrow diz à vontade enquanto folheia meu prontuário —, conheça Rowin Hart. — Ele olha diretamente para mim e acrescenta: — Meu ex.

Mas.

Que...

Maximoff Hale

PORRA?

O ex de Farrow está bem na minha frente. Algo que eu pensei que só poderia acontecer em um universo alternativo. Um que eu honestamente não queria visitar.

A dor na minha clavícula dá lugar a uma sensação estranha. Uma espécie de desconforto estranho que quer torcer meu rosto.

— *Dr. Rowin Hart* — Rowin enfatiza para mim.

Estou olhando para ele sob uma luz totalmente nova. Ele tem um piercing na cartilagem e, quando se aproxima do monitor cardíaco, vejo a tatuagem de uma estrela abaixo do lóbulo da orelha.

Esse cara parece *legal*. Mais legal que eu. Alguém com quem Farrow poderia e provavelmente se daria bem – Cristo, eu nem sei por quanto tempo eles namoraram. E quero saber?

Minha mandíbula aperta.

Por que estou fazendo isso comigo mesmo? Estou mais do que confiante e seguro em meu relacionamento com Farrow. Minha mente simplesmente não para de analisar coisas sem sentido que não importam, que não deveriam importar.

Tipo, como *win* (vencer) está literalmente no nome *Rowin*.

Eu sei, eu sei – é desconcertante. Você não precisa me dizer duas vezes.

Enquanto Rowin lê as máquinas e Farrow lê o gráfico, sento-me muito mais, usando minha mão boa para puxar meu corpo contra a cama inclinada.

Rowin rouba o gráfico de volta. — Estou genuinamente chocado por

you não ter contado ao seu namorado famoso sobre mim.

A verdade é que pedi a Farrow que não me desse detalhes. Eu não os queria.

Talvez isso tenha sido um erro.

Não sei. Como alguém pode saber?

Farrow gira o marcador entre os dedos. — Eu não vou fazer isso com você, Rowin. Você não pode pescar informações sobre meu relacionamento.

Os olhos azul-escuros de Rowin apunhalam Farrow. — Foi você quem terminou comigo. Depois de um relacionamento de dois anos, depois que eu *pedi você em casamento*. — *O quê?* — Posso imaginar e questionar por que você não contaria ao seu namorado atual nada disso.

Porque eu pedi a ele que não o fizesse, penso novamente, não rápido o suficiente para dizer isso em voz alta. Farrow já está falando.

— Vá em frente e pergunte, curioso. — diz Farrow, olhando para seu ex. — Mas você está sendo masoquista pra caralho ao trazer à tona merdas de quatro anos atrás.

Rowin parece malditamente assassino neste momento. — Você sabia que hoje é meu trigésimo aniversário?

Farrow quase revira os olhos. — Puta merda.

— Você é o mesmo idiota que não pode nem se arrepender ou desculpar-se...

— *Sinto muito*. — diz Farrow ao se levantar; essa discussão está me dando uma chicotada. — Eu já disse que *sinto muito* dezessete vezes por te machucar, mas você nunca quer ouvir. Eu nunca vou entender por que você quer que eu repita essa noite uma e outra vez e continue esfregando sal em suas feridas. Para me lembrar que sou um idiota? Cara, admito facilmente que *sou*. E não me arrependo de ter rejeitado sua proposta quando teria me arrependido de ter casado com um cara que não amava. É simples assim.

Um silêncio pesado cobre o quarto do hospital enquanto Rowin olha

fixamente para o prontuário em suas mãos. Tentando esmagar a emoção que enrijece seu rosto.

Farrow se senta lentamente na minha cama, rangendo os dentes.

De repente, fico feliz por nunca ter lidado com um ex. Mas não posso comemorar por ser o vencedor aqui por nunca ter experimentado essa enxaqueca enorme. Não quando alguém parece cru e aberto na minha frente, como Rowin está atualmente.

Rowin clica em sua caneta para anotar estatísticas ou algo no gráfico.
— Feliz Aniversário, cara — digo sinceramente a Rowin.

Ele congela.

Farrow está com a mão na boca. Eu realmente não sou capaz de distinguir sua expressão. Isso me deixa nervoso.

Eu só tornei as coisas realmente estranhas pra caralho. Incrível.

Eu me recupero com mais confiança e pergunto: — Vocês dois se conheceram na Faculdade de Medicina?

— Sim — Farrow responde, sua mão caindo no meu joelho. — Mas fomos colocados em diferentes programas de residência.

Rowin olha brevemente para a mão de Farrow em mim, então, ele rabisca no gráfico. Seus olhos pousam em mim por um breve segundo. — Você é doce demais para estar com alguém como Farrow.

Farrow esfrega minha perna. — Você ficaria surpreso com o quão idiota Maximoff é.

Eu rio, o que dói como o inferno, a dor queimando em meu peito. Eu tusso, e os dois caras observam as máquinas que apitam um pouco mais alto.

Mais alguns segundos se passam.

— Você não vai fazer a cirurgia — Farrow afirma claramente ao ex.

— Eu nunca planejei. Não estou mais em residência cirúrgica. — Rowin enfia o gráfico debaixo do braço.

Farrow franze a testa. — Seu jaleco diz Cirurgia Ortopédica. — Ele

aponta para o nome bordado e departamento no bolso do jaleco.

— Estou fazendo um novo. — Para mim, ele diz: — Dr. Rhee virá em breve para explicar a cirurgia, mas, em resumo, ele colocará uma placa de metal e parafusos para manter os ossos juntos.

Farrow passa as duas mãos pelo cabelo. — Espere. — diz ele — Se você não está aqui para a cirurgia, então por que diabos você veio?

Foder com Farrow, provavelmente.

Talvez para foder comigo, o namorado de Farrow também. Mas parece meio insensível. Principalmente depois de um acidente de carro.

Rowin me encara, não Farrow, e ele me diz: — Dr. Edward Keene solicitou que eu seja seu médico no pós-operatório. Queria me apresentar antes de você entrar em cirurgia. Qualquer médico ou reabilitação necessários, você se submeterá a mim...

— O quê? — Minha boca se abre e quase me levanto, mas os fios puxam. Droga.

Sempre pensei que o Dr. Keene acabaria me encaminhando para um novo médico, já que ele se recusou a ser meu. Mas o ex de Farrow? É dissimulado e errado pra caralho.

Farrow balança a cabeça repetidamente, com o nariz dilatado. — Meu pai colocou e você está disposto a isso? — Ele pergunta a Rowin.

— Isso não é algum tipo de conspiração — diz Rowin. — Estou em treinamento para me juntar à equipe médica de Hales, Meadows e Cobalts.

— Equipe médica? — Farrow repete. — Nunca foi chamado assim.

— É como seu pai chamou. Talvez porque ele esteja procurando contratar além da dinastia Keene. Ele me disse que seu irmão Trip está em licença sabática há mais de um ano, e a esposa de Trip, que acredito ser uma médica de família, quer tirar licença para ter outro filho.

Lembro que os dois filhos de Trip têm menos de sete anos e Farrow me disse que seu tio já os está preparando para a Faculdade de Medicina.

Rowin continua: — Seu avô está aposentado, então resta apenas seu pai. E ele está com falta de pessoal à medida que as famílias famosas crescem. Ele precisa de mais médicos concierge.

Uma longa pausa sobrecarrega o quarto.

Farrow se levanta. — Espero que você saiba que meu pai escolheu você como retaliação a mim. Você não é o médico especial que ele escolheu no bando.

— Eu realmente não me importo por que ele me ofereceu o emprego. — diz Rowin. — O salário é inacreditavelmente alto e as horas são melhores do que a cirurgia. Inferno, todos os residentes Med-Ped e três quartos do Cirúrgico teriam morrido por essa posição. É muito raro para deixar passar.

— Não — digo de repente em voz alta, estremecendo enquanto eu trinco para cima. Ambos os caras me dizem para parar de me mover. Eu olho furioso para Rowin. — *Não*. — Minha voz é firme. — Você não pode ser meu médico concierge. Pode ser de qualquer outra pessoa na minha família, mas não meu.

O ex de Farrow não vai se intrometer em meu histórico médico. E se ele já o fez, eu não quero saber.

— Tudo bem — Rowin concorda. — Não tenho certeza de quem você quer que me substitua, mas espero que encontre alguém porque precisa de fisioterapia após a cirurgia. — Ele recua um pouco, mal olha para Farrow e me diz: — Se me der licença, preciso ir ver como estão seus primos.

Rowin vai embora.

A porta se fecha e Farrow permanece de pé, mas se vira para mim. Seus olhos carregam mais desculpas do que o normal.

Eu dobro meus joelhos para que ele possa se sentar. — Posso remover Rowin de qualquer equipe médica, se você quiser.

— Não se preocupe com isso. Não me importo o suficiente com Rowin para fazê-lo ser demitido. — Farrow ainda não se sentou, mas apoiou

um joelho no colchão firme. Seu olhar nunca deixa o meu. — Sinto muito por não ter te contado sobre ele...

— Pedi para você não fazer isso, Farrow. — Eu aponto para seu peito com minha mão boa. — Não é grande coisa, porra.

— OK, mas se eu soubesse que você conheceria Rowin, eu teria falado sobre ele e como ele me pediu em casamento. Eu não quis deixar você de lado, nunca.

Eu inalo, tentando não sorrir. — Talvez eu possa tentar aceitar suas desculpas.

— *Talvez* — Ele repete como se eu estivesse cheio de merda e já rabisquei corações em torno de M + F no meu diário. Só para você saber, eu não tenho um diário. E se eu tivesse... Farrow estaria por toda parte.

Ele coloca a lata de chocolate na bandeja e eu o vejo pegar meu livro de filosofia da cama.

Tento abrir e fechar a mão que sai da minha tipoia, e meu cérebro deve entrar em curto-circuito porque digo sem pensar: — O nome para *shippar* o casal é literalmente *FarRow*.

Farrow fica imóvel, com o livro na mão. Suas sobrancelhas se erguem lentamente para mim. — Lobinho, não há nome *shippado* entre mim e o Dr. Fart⁴.

Eu rio uma vez, uma dor esfaqueando minhas costelas. Fecho os olhos e, quando os abro, Farrow está mais perto, verificando um tubo intravenoso.

Ele olha para mim. — Há quanto tempo você está obcecado?

Odeio estar confinado a esta cama e não conseguir ficar ao nível dos olhos dele.

— Desde que você pronunciou a palavra *ex* — digo, não negando a verdade. — Ele tem uma tatuagem...

— Pare.

— E um piercing na cartilagem...

— Maximoff.

— Ele é bem atraente...

— Confie em mim, lobinho. Você é muito, *muito* mais gostoso.

— Obrigado, eu sei — digo com confiança.

O canto de seu lábio puxa para cima. — Adoro quando Maximoff
Convencido aparece para mim.

Estou prestes a dizer que não é para ele, mas outro pensamento irritante me ocorre.

— Ele é um médico.

Farrow assobia. — Sua percepção é boa.

Eu inclino minha cabeça para trás no travesseiro duro, olhando para o teto, depois para a parede. — Vocês dois fodiam muito no hospital, como fazem na TV? — A pior imagem mental de Farrow e Rowin surge na minha cabeça. — No... como eles chamam?

O quarto alguma coisa.

Com camas. Onde todos os médicos dormem entre os turnos. Eu imagino isso. Minha imaginação hiperativa coloca a boca do meu namorado apaixonadamente contra a boca de outro cara; e talvez seja excitante para algumas pessoas, mas só me dá um nó no estômago...

— *Maximoff.*

Eu pisco acordado com seus dedos estalando em meus olhos, sua mão no travesseiro ao lado do meu queixo. Inclinando-se sobre mim, o joelho na cama.

Porra. Eu jogo meu cabelo para trás.

Farrow me encara com firmeza. — Pare de se torturar, cara.

— Quarto dos plantonistas — Murmuro quando a resposta de repente chega até mim.

Sua mão envolve as linhas nítidas da minha bochecha e mandíbula.

Completamente. Com segurança. Seu olhar mergulha profundamente e toca cada maldita parte de quem eu sou. — Eu te amo, Maximoff — diz ele. — E eu sei que você pensa demais porque é isso que você faz, e isso é novo para você. Mas eu amo *você*. E eu sei que dói ver alguém do meu passado porque doeu pra caralho quando eu passei por seus ANDs. Então, se você precisar que eu diga cinco mil vezes, um milhão, que estou apaixonado por você, eu digo.

Eu não preciso disso; só a oferta me acaricia e me transborda. Eu seguro a base de seu crânio e respiro — Apenas me beije... — Nossas bocas já estão colidindo.

A agressão desperta cada sinapse do meu cérebro. Eu agarro seu cabelo entre os dedos famintos, e sua mão aperta em meu rosto. Eu abro seus lábios com a minha língua. Mais fundo, tento avançar, mas Farrow abaixa para que eu não mova meu peito.

E ele diminui o beijo para um ritmo escaldante e sem pressa que pica meus malditos nervos com uma voltagem perigosa. Nossas respirações pesadas e roucas se fundem. Ele morde meu lábio e um gemido profundo sobe pela minha garganta.

Farrow resmunga um *caralho* asperamente depois que passo minha língua contra a língua dele.

Meus músculos doloridos se esforçam, mas eu só desejo que ele se aproxime mais.

Mais perto.

Eu tento mudar minha mão dominante — ela empurra na tipoia, e eu viro minha cabeça, separando nossas bocas. A dor aniquila todo o meu lado direito. — *Caralho*. — Eu cerro os dentes.

Farrow tira o joelho da cama. Afastando-se um pouco de mim.

Não é o que eu quero.

Tenho fome de empurrar meus quadris para cima, para seus quadris

empurrarem para baixo em mim. Até que o pau duro roce no pau duro, e um beijo áspero, selvagem e esmagador leve à luta livre. Empurrando e puxando. Até que sejamos um emaranhado de músculos e ossos morrendo de vontade de gozar.

Tudo isso parece fora de alcance com essa lesão.

Eu olho para ele. Ele já está estudando meu corpo. Meus lábios ardem e quero que aquela força volte. Pensando que ele está com medo de me machucar, eu digo: — Foi minha culpa.

— Foi — Ele concorda facilmente.

— Eu quis dizer que foi sua culpa — Recuo quando a irritação me atinge. Farrow sorri como se já tivesse me vencido e corrido quilômetros à frente. — Veja, eu nunca teria tocado sua mão direita mesmo se você estivesse com os olhos vendados. E eu sou médico. Eu sei quais partes suas estão fora dos limites. Então, tecnicamente, se você sentir uma dor aguda, a culpa é sua.

Tudo o que ele acabou de dizer... mexe com meu pau. Meu sangue corre para baixo, e o bipe do monitor de frequência cardíaca de repente acelera para *bip bip bip bip bip*.

Caralhoouuu.

Farrow ri muito.

— Cale-se. — Resmungo minha frustração e esfrego o rosto com a mão esquerda. Tudo bem, novo plano. Concentre-se em outras merdas além de sexo.

Lembro-me do que Rowin disse sobre o Dr. Keene oferecendo-lhe um emprego de concierge.

— Você quer falar sobre seu pai? — Pergunto a ele, sério.

Sua risada morre, e ele balança a cabeça e se aproxima de mim novamente. — Não há o que falar. Ele pode não ser um bastardo malvado perseguindo você, mas ele ainda não é nada para mim. Essa é a verdade.

Eu gostaria que o Dr. Keene lutasse por Farrow. Não porque o filho dele é um grande médico, mas porque é filho dele. Posso entender por que Farrow parou de falar com ele e por que eles não têm um relacionamento real. Ele valoriza apenas o talento de Farrow, não quem ele é.

Farrow se eleva acima de mim, e eu sigo seus dedos tatuados que roçam meu pescoço antes de amarrar novamente os cordões soltos da minha bata de hospital. — Achei que você me queria nu — Brinco, mas não consigo disfarçar a verdadeira decepção em minha voz.

Sua boca se inclina para cima. Sua fria confiança domina o quarto. Inebriante. — Você quer que eu te pague um boquete? — Ele pergunta com a voz rouca.

Abro minha boca para falar, mas a excitação incha meu pau. Eu endureço e um exército de regras pesa sobre mim. — Estamos em um hospital.

Ele solta outro assobio. — Novamente, sua percepção hoje...

— Você não está preocupado que alguém possa entrar? — Eu tento apontar para seu peito com minha mão *ruim*. Eu faço uma careta, mas felizmente, ele não está me mimando.

Farrow abre um grande sorriso e apoia o joelho na cama. — Eu não me preocupo tanto quanto você com qualquer coisa.

Ele se preocupa mais com a minha segurança do que comigo, mas não menciono isso porque sua diversão é total. — Eu não sou um puritano — Retruco.

— Eu não disse que você era — Ele diz, mas ele ainda está olhando para mim como se eu fosse o humano de 22 anos “mais puro” deste planeta.

Minha mão esquerda esfrega minha coxa exposta, querendo mergulhar sob o tecido azul e tocar meu eixo. — *Namorado tatuado paga boquete em Maximoff Hale no Hospital* – gostou dessa porra de manchete?

Ele inclina a cabeça, considerando por meio segundo. — *Eh*, poderia

usar um adjetivo ou dois. *Melhor, Maior, Boquete Destruidor da Terra...*

— Tudo bem — digo, reprimido e precisando de ação. Eu o puxaria contra mim se pudesse, mas tenho que me contentar com minha voz de comando e inabalável. — Chupe meu pau.

Seu peito desmorona de excitação, mas ele acaba sorrindo. — Você quer que eu chupe seu pau?

Eu começo a endurecer de verdade. — Não se você continuar me provocando.

Farrow esfrega o lábio inferior com o piercing e olha o comprimento do meu corpo em uma onda quente. Ele só tem três piercings no momento: o lábio, uma argola de prata no nariz e um brinco de lança de obsidiana pendurado. Esse último foi um presente de Natal meu.

— Farrow...

— Não se sente — Ele me diz. Comecei a puxar para cima com esforço e me deitei contra a cama inclinada.

Ele sai do meu lado e coloca o joelho ao lado da minha perna. Em um movimento rápido, seu outro joelho está no colchão. Já estou deitado sobre os lençóis.

Eu cubro minhas pernas e as abro um pouco mais. Só para ele poder... — Chegue mais perto.

Farrow segura minha rótula. — OK, Mandão, é assim que funciona. — Ele planta um beijo ardente do lado de fora do meu joelho, sua boca subindo pela minha perna, em direção à minha coxa exposta. — Você ganha *um* boquete de graça por quase morrer. Mas depois disso, você precisa fazer o seu melhor.

Fazer o meu melhor. Ou seja, ejaculação mútua. Nós dois sempre gozamos, a menos que fiquemos sem tempo. Então, lutamos para ser o único a despejar a porra. Geralmente lançando na moeda.

Isso não vai mudar. E isso...

É por *isso* que eu o amo pra caralho. Porque ele simplesmente se encaixa comigo. Ele não está me dando nenhuma folga ou indulto por ter me machucado, exceto por um boquete. Gosto desse empurra-e-puxa e de trabalhar por esse carinho. Não apenas alguém deitado e se oferecendo para mim.

Eu também adoro pagar boquete. E ele diria que adora chupar mais do que eu.

Sua boca roça minha carne, seus olhos nos meus. — Você está sorrindo.

Eu sinto meu sorriso. — O que posso dizer? Idiotas me excitam. Metafórica e literalmente.

— Eu também. — Sua mão larga desliza pela minha outra perna. — Só que eu amo os idiotas certinhos. Metafórica e literalmente.

Caralho.

Eu me inclino para trás, meus músculos se contraindo. A simples ideia da boca de Farrow em volta de mim em um quarto de hospital me deixa desnortado. Ele é meu namorado e não há necessidade de AND, nenhum planejamento prévio ou precauções. Sem preocupação de que ele vai roubar minhas roupas ou meu telefone.

Sexo em público nunca foi algo que eu pudesse fazer, agora...

Sua mão dirige para a bainha da bata do hospital enquanto sua boca sobe pela minha outra coxa. Seus lábios traçam a leve cicatriz de um ferimento de quatro anos. Um corte que ele suturou.

Quando seus olhos voam para mim, vejo aquela memória de muito tempo atrás neles. Quando ele tinha vinte e quatro anos. Eu tinha dezenove. Em Harvard. Lutando. E ele tornou minha vida mais fácil, melhor – ele era um conforto que eu não conseguia entender até que me permitisse. Até que ele me permitiu.

Agora, ele tem vinte e oito anos e está de joelhos por mim. Eu sei, eu

sei, a boca dele devia estar em volta do meu pau agora. — Pare de provocar, cara — digo com uma respiração pesada.

Farrow levanta a cabeça, balançando o brinco, e lentamente – agonizantemente lento – enrola o fino tecido azul. Parando perto da minha ereção dura como pedra.

Eu gemo. — *Farrow*. — Esfrego minha coxa, tentando não me masturbar quando sua boca é melhor.

Farrow belisca minha coxa com os dentes. Bolhas de calor em minhas veias e bipes mecânicos de alta velocidade lançam o ar.

Seus olhos encontram os meus novamente.

Nós dois estamos muito cientes de que sofremos um acidente de carro juntos. Onde quebrei minha clavícula. E eu estou em uma tipoia e ligado a uma maldita máquina.

Mas talvez seja por isso que isso está acontecendo.

Porque precisamos da distração. Porque estar um com o outro, agora, parece a calma dentro de uma tempestade. Às vezes é bom se sentir bem.

E sexo – é uma sensação muito boa.

Farrow solta meu pau, envolvendo sua mão tatuada em volta de mim, e sua língua lambe o pré-sêmen que escorre da ponta — *Caralho*.

Eu me viro em direção a ele, e ele se afasta, um sorriso brincando em seus lábios. — Calma — Ele me diz friamente. Como se eu estivesse muito ansioso.

Maldito. Enraízo minha mão esquerda na parte de trás de sua cabeça, meus dedos perdidos em seu cabelo tingido. — Você é o maior provocador de pau. — digo a ele.

— E você adora ter seu pau provocado. — *Sim*.

— Talvez — digo categoricamente.

Seus olhos de prazer me despem. Ele aperta minhas bolas e minhas pernas têm espasmos, meu corpo quase estremeendo.

Putá merda. Meus olhos se apertam enquanto a excitação aumenta, doendo por uma pressão mais forte.

Mechas de cabelo caem até seus cílios enquanto ele abaixa a boca novamente. Ele agarra a base e me suga em um ritmo melódico para cima e para baixo. A fricção tenta meus olhos a rolarem para trás.

Estreito meu olhar, respirando com dificuldade pelo nariz.

Jesus Cristo.

Ele leva tudo de mim para o fundo de sua garganta. Chupando profundamente e com força.

Sensações eletrizantes se acumulam em direção a uma onda de choque.

Bipbibibibibibibibi.

— Me beija — digo de repente.

Farrow quebra seu ritmo intenso e se estica sobre meu corpo. Cuidado para não tocar meu peito. Ele segura meu queixo e eu o beijo com força, nossas bocas se esmagando. Ele agarra meu eixo com uma mão firme, esfregando-me com força perfeita.

Para aprofundar o beijo, eu puxo para frente...

— Droga — Estremeço, dor cravando minhas costelas.

Farrow parece mais preocupado, mas ainda está me masturbando. Ele é um guardião. Eu quero dizer isso a sério. — Recoste-se, Maximoff.

Eu o faço.

— Relaxe. Eu sei que você está obcecado por mim, mas tente não pular nos meus ossos.

Estou chegando a um limite escaldante. Então, tudo o que consigo dizer é um não ameaçador “*Caralho*”. Meus olhos estreitados perfuram o teto enquanto ele me chupa de novo.

— Porra — Rosno em um gemido baixo. *Caralhooo*. Perco a concentração entre a pressão que sua boca exerce e seu aperto em minhas

bolas.

Perco o pensamento e reviro os olhos.

Minha cintura arqueia, e eu solto contra a parte de trás de sua garganta. Com os músculos queimando, eu monto o pico e ele ordenha meu clímax com a língua e a mão.

Minha cabeça clareia um pouco, uma espécie de tontura, e quando volto, ele enrola o tecido azul de volta nas minhas coxas e enxuga a boca com o lençol.

— Você pode se aproximar? — Pergunto em um sussurro profundo. Anseio por abraçá-lo. Para envolver meus dois braços em torno de Farrow. Para seus braços me envolverem ainda mais apertado, mais forte, e nada disso é possível com meu ombro fodido.

— Abaixе as pernas — Respira Farrow.

Eu as coloco na cama do hospital.

Farrow se aproxima e então descansa os joelhos ao lado de cada um dos meus quadris. Sentando-se no meu colo sem abaixar seu peso. Ele se inclina, segurando o topo da cama do hospital.

Eu vivo minha vida para a maior parte do mundo ver – para você ver –, mas há muitos momentos destinados apenas a ele. E este é um.

Olhamos um para o outro, e o preço desta noite nos alcança. O quanto ele teve que manter a calma sob pressão. Como ele depende de segurança, como sou a rocha da minha família – e às vezes, às vezes dói. A emoção se derrama sobre seu rosto, meu rosto. Seus olhos ficam vermelhos, os meus queimando, e eu deslizo meu braço bom sobre seus ombros.

Morrendo de vontade de trazê-lo contra o meu peito. Não posso.

Não posso. Eu odeio não poder.

— Eu quero te abraçar — Suspiro.

Sua testa quase toca a minha, nossos lábios quase roçando enquanto ele sussurra: — Você está me abraçando. — Sua voz rouca treme, sua mão

segurando minha mandíbula. — E meus braços estão apertados em torno de você, e seu peito está contra o meu peito.

Lágrimas escaldam nossos olhos, respiramos e respiramos, e eu sussurro: — Sabe, meu coração está em suas mãos.

Seus lábios estão agonizantemente próximos. — Espero que não. Porque, então, você estaria morto. — Ele me beija antes que eu reaja. Apenas um beijo carinhoso, deixando-me desejando mais.

Minha mão boa sobe para a parte de trás do pescoço dele, nossas respirações diminuindo juntas. Murmuro: — Cícero disse: “*A vida dos mortos é colocada nas memórias dos vivos. O amor que você deu em vida mantém as pessoas vivas além do tempo.*”

Farrow quase sorri. — Isso é legal.

Eu olho para ele. — Qual é o seu favorito, então? — Tenho certeza de que ele pode se lembrar de tudo o que folheou.

Ele se inclina mais perto, me beija – e eu beijo de volta mais forte, meus lábios inchando sob a pressão. Até que ele tem que se afastar para que eu não foda meu ombro.

Seu peito sobe e desce pesadamente, seu polegar acariciando minha bochecha, e ele finalmente me diz: — *Dum spiro, spero.*

Eu circulei essa frase em meu livro. Eu sei que ele aprendeu latim na faculdade, mas pergunto mesmo assim: — Você sabe o que isso significa...

— “*Enquanto eu respiro* — Ele traduz —, *espero*”.

Isso me oprime.

Esperança.

Ele.

Amor.

Dor.

Eu me aproximo, mas uma batida soa na porta. Nós dois esfregamos nossos rostos molhados e, quando nossos olhos injetados se encontram

novamente, eu sei e ele sabe que o que compartilhamos é maior e mais forte do que qualquer coisa que o mundo tenha para jogar em nós.

Não vamos terminar aqui.

Maximoff Hale

A ANESTESIA ME deixa grogue, especialmente depois da minha cirurgia. Não consigo me lembrar como acabei voltando para minha casa. Talvez eu tenha aparatado ou um poder de teletransporte tenha acionado. Eu sei que dormi a maior parte do dia.

Às 19h56, estou mais coerente, mas estou suando.

Chuto meu edredom laranja. Uma tipoia vermelha prende meu braço direito ao peito, principalmente preso por uma alça transversal e uma faixa larga com velcro em volta da parte superior do abdômen.

O barulho vem do andar de baixo. Música misturada com muita conversa – ecoa nas paredes de tijolos do meu pequeno quarto no sótão, mas estou sozinho aqui.

Sento-me mais – o quarto gira 360 graus. Tonto pra caralho. Respirando pelo nariz, vou até a beirada da cama. Meus pés descalços batem nas tábuas do assoalho, mas não me levanto.

*Querido mundo, você deve saber que esta é a pior dor que já senti.
Atenciosamente, um humano dolorido.*

Cada músculo grita comigo, dolorido do acidente. Mas facadas afiadas irradiam em meu ombro.

Já quebrei minhas costelas antes e tive uma pequena fratura no tornozelo quando tinha treze anos, cortei a palma da mão gravemente em uma pedra e rompi o tendão da coxa.

Nenhum deles exigiu uma placa de metal e parafusos. Nenhum deles me imobilizou tão mal. Eu quero tirar minha camisa, o tecido branco encharcado de suor.

Então, eu estendo a mão para trás e tento desembulhar a faixa da

tipoia. Estou lutando quando a porta se abre.

Minha boca se abre. — Seu cabelo.

Farrow subconscientemente penteia seus dedos tatuados por mechas brancas que contrastam com suas sobrancelhas marrons. Ele parece para além de sexy pra caralho. Sua camisa em decote V do Terceiro Olho molda seus músculos e revela suas tatuagens no pescoço, garganta e peito. Calça preta se encaixa confortavelmente em suas pernas e pacote.

E eu estou sentado na beira da minha cama. Suando pra caramba.

Mas também noto a preocupação em seus olhos enquanto ele me estuda.

— Acabei de tingi-lo — Explica Farrow, fechando a porta com um chute e diminuindo a comoção lá embaixo. — Você está quebrando uma regra.

— Que regra? — Pergunto quando ele se aproxima de mim.

Suas sobrancelhas se erguem. — Você não deve tirar a tipoia por quatro a seis semanas. — Na minha confusão, ele percebe: — Você não ouviu as instruções pós-operatória.

Eu quero combatê-lo, mas estou com muita dor. — É tudo nebuloso. Preciso tirar essa camisa — digo ao meu namorado, levantando-me lentamente. Estou instável – Farrow me alcança, sua mão forte na minha cintura.

Estamos praticamente no nível dos olhos.

— Me deixa fazer — diz ele, seu tom como sexo violento.

Eu o observo alcançar minhas costas e soltar a faixa. Gentilmente, ele desliza a alça do meu pescoço. Meu pulso acelera e estou um bilhão de vezes mais quente.

Eu nem estou protestando e dizendo que *posso fazer isso sozinho*. Agora, eu preciso dele.

Farrow me ajuda a tirar os braços da camisa e preenche os fragmentos

nebulosos da minha memória. — Você não pode puxar, levantar ou esticar o braço direito por cerca de oito semanas. A reabilitação do estiramento começa depois disso. Em três meses, você pode adicionar exercícios de força.

Três meses.

Isso parece uma eternidade sem mobilidade total e natação.

O nado borboleta requer amplitude total de movimento em *ambos* os ombros.

— Cristo — Murmuro, e tento puxar minha camisa sobre minha cabeça, minha calça cinza de cordão baixa em meus quadris. — O que mais eu perdi?

Ele me liberta da minha camisa encharcada. — Você estava grogue depois que acordou da cirurgia e seu pai perguntou como você estava. — Farrow joga minha camisa de lado e começa a recolocar cuidadosamente a faixa em volta do meu abdômen machucado.

Estou prestando atenção em cada palavra sua, e ele percebe. Ele está postergando isso de forma irritante.

— Que porra eu disse? — Tenho que perguntar.

Farrow está perto de rir. — Você disse ao seu pai que vai chamar seu filho de Batman.

Meus olhos saltam da minha cabeça. — Não, eu não disse. — E só pode estar de palhaçada comigo.

— Sim, você disse — Farrow sorri amplamente. — Seu pai perguntou a você: *que filho?* E você disse *o do Batmóvel*.

Eu pisco lentamente. — Eu matei meu pai. Ele está morto, certo? Morte em conversa de Batman. — *Estou* morrendo agora porque a única vez que Farrow e eu falamos sobre nosso futuro, como casamento e filhos, foi ontem à noite. Quando eu estava deitado ao lado dos destroços. E não mencionamos o que Farrow me disse na chuva.

Exceto que meu cérebro anestesiado decidiu falar sobre uma criança

fictícia chamada Batman. De todas as malditas coisas. Sinto como se estivesse tomando banho numa grelha.

— Seu pai está vivo — Farrow diz facilmente —, mas ele disse que seu filho parece um idiota.

Eu aceno rigidamente. — Isso é definitivamente algo que meu pai diria sobre uma criança chamada Batman.

— Eu acho que você quer dizer *seu* filho — Ele corrige.

— Não — Eu balanço minha cabeça. — Eu não chamaria meu filho de Batman. Não pode ser meu. — Tento reatar o cordão da calça com uma das mãos. Ela escorrega muito baixo na minha cintura. Eu luto para fazer o trabalho.

Meu pulso está batendo no meu peito em seu silêncio.

Farrow pega os cordões de mim, aproximando-se. — Isso é bom porque também não poderia ter sido meu.

Eu lambo meus lábios, um sorriso tentando puxar minha boca. Eu aceno mais forte, e estamos olhando um para o outro mais profundamente. Seus dedos estão perigosamente perto do meu pau, e ele amarra os cordões.

Em qualquer outro momento, eu desejaria que esses dedos fossem mais baixo. Mas agora, eu me encolho com a sensação na minha clavícula. Como se uma faca estivesse me cravando repetidamente.

— Qual é o seu nível de dor? — Farrow pergunta.

— Zero — Brinco. — Eu me sinto absolutamente incrível. Como se eu tivesse trocado de corpo com um anjo. — Eu forço um sorriso.

— Você parece um merda — Ele me diz e coloca a mão na minha testa úmida. Sua outra mão cai na minha bunda.

Eu faço uma careta. — Tenho certeza de que estou lindo, atraente, como um merda gostoso.

Ele revira os olhos. — OK, espertinho. Tem certeza de que não quer *Vicodin* ou *Oxy*? Porque o *ibuprofeno* não está resolvendo.

— Estou bem — digo mais sério. — Eu dou conta disso. — Com um histórico familiar de dependência, não quero mexer com nenhum analgésico viciante. É uma escolha pessoal que meu pai e meu tio fizeram antes. No entanto, estou pesando minha sanidade porque isso não é moleza.

Farrow passa a mão pelo cabelo novamente. — Sinceramente, eu odeio ver você com tanta dor. Você entende que é por isso que está suando?

Eu aceno algumas vezes. — Mas também está quente no sótão.

Farrow relutantemente se afasta de mim. Só para alcançar o termostato preso à parede de tijolos. Perto da minha cômoda.

Eu afundo na cama. Com o braço direito preso ao peito, uso o esquerdo para recuar contra a cabeceira da cama. A gaze está colada na minha clavícula direita, e ainda não a descolei para verificar os pontos.

Estou prestes a perguntar sobre meus primos e irmãos, mas ouço a velha escada rangendo. As pessoas estão subindo aqui.

Farrow se aproxima da cama. — Vou pegar um ventilador e uma bolsa de gelo. Precisa de mais alguma coisa, lobinho?

Ele é o único que realmente me pergunta isso. Mas não posso esquecer como ele estava no acidente também. Como ele teve que falar com uma estrela pornô no leilão, como ele aparentemente vendeu sua moto por mim, como ele me deu tanto – e ele merece tudo de bom.

— Estou bem — digo. — Você precisa de alguma coisa?

Farrow sorri para mim como se eu tivesse roubado sua fala, mas ele esfrega o lábio inferior com o polegar e me diz: — Por enquanto, estou bem. Ninguém está chorando, ninguém está morrendo.

Vida que segue.

Concordo com a cabeça, e ele anda para trás e bate no batente da porta como se preferisse ficar mais tempo. Mas ele se vira e sai. Da escada, ouço Farrow dizer: — Walrus, seu desgraçado.

Não muito tempo depois, um gato malhado entra no sótão e pula na

minha cama. Walrus cutuca meu pé com sua cabeça peluda, mas não consigo me esticar para acariciá-lo – olho para cima ao ouvir um barulho.

Charlie bate no batente da porta com sua muleta. A música ainda toca no andar de baixo, então, presumo que mais familiares devem estar na minha casa.

— Ei — digo, surpreso em vê-lo. Mas a Lei do Desaparecimento de Charlie Cobalt está morrendo desde a FanCon. — Como está a perna?

Charlie apoia seu peso nas duas muletas e se aproxima. Toda a sua perna direita está engeçada e ele enrolou o moletom até a coxa.

Eu realmente não consigo me lembrar da última vez que vi Charlie de calça de moletom.

— Eu não sei — Charlie responde e se abaixa na minha cama. Sentado perto de mim, ele apoia as muletas na minha mesinha. — Estou chapado demais para sentir qualquer coisa.— Ele examina meu abdômen preto e azul, o suor escorrendo em minha pele.

— Estou bem — digo a ele.

— Engula um *Vicodin*, Moffy. Há uma lista de pessoas fracas em nossas famílias que se afogariam num vício, e você não é uma delas.

Eu fico tenso com esse elogio indireto. Ele acabou de chamar meus pais de fracos e todos os outros que ele identificou como vulneráveis ao vício. Balanço a cabeça por instinto.

Charlie arqueia uma sobrancelha zombeteira. — O mundo ainda o verá como nobre e galante se você tomar um analgésico.

Eu deixo escapar uma risada. — Cristo, Charlie. Não sou eu sendo performático. Não estou tentando ganhar simpatia ou elogios. Você não tem ideia de como tenho medo... — Eu paro e me sento um pouco mais, fazendo uma careta. Odiando que minha mão direita esteja restrita.

Charlie disse que não estou em sua lista de pessoas fracas. Mas não sei se sou forte o suficiente para vencer um desejo. E eu não quero descobrir.

Meu pai e meu tio tomaram a mesma decisão que eu com analgésicos.

O alcoolismo é comum nas famílias Hale e Meadows. Você sabe disso. Todo mundo sabe.

Meu pai me ensinou sobre o vício durante toda a minha maldita vida, e estou com medo de despertar esse monstro dentro de mim. Está inativo há vinte e dois anos.

Charlie olha para as vigas do teto, pequenas luzes enroladas nas vigas. — Para quase qualquer outra pessoa, sua escolha seria inteligente. Para você, é estúpida.

— Obrigado? — digo bruscamente. Não tenho certeza se ele algum dia vai me entender completamente. Gosto de estar no controle e é por isso que tenho tanto medo de um vício. Dessa coisa monstruosa me controlando.

Walrus pula em seu colo e Charlie acaricia o gato. — Você é estúpido e é forte.

Eu dou a ele um olhar. — Quem é você?

— Tenho uma perna fraturada — diz ele. — e estou drogado. — Ele planta uma mão na cama para não escorregar para fora da borda. — Não vim aqui para conversar sobre *Vicodin*. — Charlie abaixa a voz. — Eu queria ver como você estava lidando com toda a situação de Xander.

A situação de Xander.

Meus pulmões queimam e ele não tira o contato visual de mim. Não vejo empatia olhando de volta, mas sei que ele não está perguntando por algum tipo de curiosidade doentia ou para criar problemas. Ele não faria isso. Não quando é sobre meu irmão.

— Por que você se importa? — Acabo perguntando.

Ele abre a boca e depois a fecha, repensando algo. Ele balança a cabeça e diz: — Não entendo como é estar tão desesperado por amizades que daria meus remédios só para que as pessoas gostem de mim.

Quero xingá-lo, mas estou fazendo uma coisa nova com Charlie, onde

o deixo falar. Onde eu espero.

Após uma breve pausa, ele continua: — Mas eu entendo o que é ser um irmão mais velho, e sua posição não é invejável. — Ele inclina a cabeça. — Se você quiser conversar sobre isso...

— OK — digo, sem hesitar. Seus lábios se abrem, chocados.

Pego minha garrafa d'água meio vazia ao lado do meu relógio de cabeceira. Eu acidentalmente derrubo uma de suas muletas.

Charlie deixa cair no chão. — Você realmente quer meu conselho? — Ele reafirma. — Ou, no final de tudo isso, você vai apenas me dizer como não consigo me identificar porque meu irmãozinho é apenas quatro anos mais novo que eu e o seu é sete anos mais novo que você?

— Charlie, eu nem estava pensando nisso — digo a ele. Sempre valorizei a opinião dele, mas às vezes vem depois de passar por arame farpado e desviar de explosivos. Nem sempre estou equipado para esse tipo de pista de obstáculos.

Eu tento tirar a tampa da garrafa d'água com uma mão.

Charlie me observa lutando e pergunta: — Você vai contar aos seus pais?

Já pensei nisso um bilhão de vezes. Minha mãe e meu pai sabem que meus irmãos e eu mantemos algumas coisas só entre nós. Na verdade, eles gostam que todos nós tenhamos um vínculo estreito, mas isso é grande. E não tenho certeza se seria pior para Xander se eu os informasse. Além disso, mataria meu pai... minha mãe, e sei que eles são fortes, mas talvez seja melhor se eu apenas falar com meu irmão e fazê-lo parar sem envolvê-los.

— Ainda não decidi — Admito. Então eu pergunto: — Se fosse seu irmão, você contaria a seus pais?

— Não. — É um *não* direto e certo. Deixa mais perguntas do que respostas.

— Só isso? — Pergunto. — Fácil assim? — Por que estou lutando

com isso então? Há um caminho certo e errado aqui, e não quero pegar aquele que deixa mais destroços.

Ele suspira pesadamente como se eu fosse lento para entender. — Você diz a seus pais, e isso vai chegar nos meus pais e então chegar aos ouvidos de tia Daisy e tio Ryke. Você tem os seis envolvidos e isso vai se transformar em uma confusão ainda maior para Xander. — Seus olhos amarelo-esverdeados me perfuram. — É só uma conversa com ele, né? Ele te ama. É por isso que ele liga para você todos os dias. Fale com ele. Ele vai te ouvir. Todos nesta família ouvem.

Eu ouço a mordida nesse último comentário. Ele faz tudo parecer tão fácil. Talvez seja. Talvez eu esteja apenas pensando demais.

— A propósito, nem todo mundo me ouve. — digo a ele.

Ele mal pisca. — Eu ouviria se você tivesse coisas melhores a dizer.

Balanço a cabeça e finalmente tiro a tampa da garrafa – minha mão escorrega e derramo água em todo o meu peito nu e tipoia. — Caralho — Xingo, pegando a garrafa rapidamente. Enxugo meu peito molhado com o edredom. A água fria realmente cai bem na minha pele quente.

Charlie observa por um instante antes de olhar para a porta. — Ver você lutando não é tão divertido quanto eu pensei que seria.

— Obrigado? — Engulo o que sobrou da minha água. Um pequenino gole.

Escadas rangem.

Rapidamente, Charlie diz: — Não vou ficar com o coração partido se você não seguir meu conselho. Está aí para você ignorar estupidamente, se quiser.

— Boa conversa — digo a ele secamente e acaricio seu gesso duro. Esta não foi uma conversa particularmente dolorosa. Progresso?

Mas ele também me chamou de idiota hoje. Então, progresso lento.

Walrus pula no colo de Charlie enquanto minha velha porta range.

Sendo aberta, Beckett emerge e carrega dois colchões de ar enrolados que precisam ser inflados. Meu primo de 20 anos faz com que carregar objetos pesados pareça gracioso.

Ele praticamente desliza para dentro do meu quarto. Calça preta de algodão amarrada na cintura e tatuagens nos braços aparecem na camiseta da banda *Carraways*.

— Você parece mal — Beckett imediatamente me diz.

— Eu me sinto ótimo — digo sarcasticamente. — Como você está lidando com o leilão? — Fiquei sabendo por Jane que outra amiga *socialite* de nossa avó arrematou Beckett, e até Charlie, que foi leiloadado sem estar presente.

Beckett derruba os colchões de ar. — Eu lido com as amigas rabugentas da vovó Calloway no balé quase toda semana. Posso fingir ser legal por uma noite.

— Eu não posso — Charlie admite.

Beckett passa a muleta caída para seu irmão gêmeo, e Charlie se levanta da minha cama com as duas muletas. O colchão ondula sem o peso dele, e uma pontada estridente esfaqueia meu ombro e minhas costelas. Fecho os olhos com força e cerro os dentes. Respirando com dificuldade pelo nariz.

— Ele parece extraordinariamente horrível.

— O pior do caralho.

Esses não são os irmãos Cobalt. Abro um olho e vejo Jane e Sulli de pijamas. De pé ao pé da minha cama, elas seguram *puffs*, travesseiros e cobertores felpudos. Charlie e Beckett flanqueiam as meninas. Todos os quatro olhando para mim. Simpaticamente. Charlie, com mais pena. Todos os adolescentes, todas as crianças da família me fizeram prometer que não morreria por causa deles. Esses quatro são os que menos me veem como o Capitão América e mais como um humano imperfeito.

Eu preciso deles no meu mundo. Eu posso admitir isso.

— Estou vivo — digo com uma respiração afiada.

— Infelizmente — Brinca Charlie.

— *Charlie!* — Todos eles ralam.

Um sorriso pretensiosamente tímido brinca em seus lábios. — Só brincando.

Jane se concentra em minhas contusões. — Não é de admirar que Farrow estivesse tão quieto — Ela murmura, largando os acessórios para a festa do pijama. Acho que todos planejam dormir no sótão. Quando éramos crianças, pegávamos sacos de dormir e colchões de ar e passávamos a noite na casa um do outro.

Minhas sobrancelhas franzem. — Farrow estava quieto?

— Ele falou comigo. — Beckett conecta um colchão de ar.

— Só porque você estava sendo um idiota — Sulli diz a seu melhor amigo, e então ela dá um tapinha no meu pé para me consolar, um cobertor turquesa escorregando da pilha que ela segura.

— O que você disse para Farrow? — Pergunto a Beckett, meus ombros se contraem e isso dói como mil forcados cutucando meu osso. Eu limpo minha testa suada com a palma da minha mão.

— Eu agradeço a ele por ajudar Ben, Winona, Charlie e você no acidente, e então eu disse que se ele tem mais ex que você deveria saber, você merece total transparência.

Eu gemo. — Beck. — Não estou surpreso que todos saibam sobre Rowin Hart. Ele estava se apresentando para nossas famílias no hospital.

— Você precisa de transparência, Moffy. Farrow sabe tudo sobre você...

— Eu sei cada maldita coisa sobre Farrow que eu preciso saber. — Entendo que Beckett é protetor porque sou o primeiro a ter um relacionamento — o primeiro a combater essa estranha dinâmica, já que somos estranhamente famosos —, mas ele não pode continuar cagando no meu

namorado. Farrow já passou por bastante. — Eu não quero os nomes de seus outros ex, Beckett. Se eu perguntasse, ele me diria. Dê uma folga para Farrow.

Charlie se inclina contra a minha cômoda. — Ele disse que agradeceu ao seu namorado.

— Ótimo — digo —, e o que Farrow disse em troca?

Beckett se abaixa para conectar o colchão de ar. — Ele me disse para não me meter no seu relacionamento.

— O *namorado* dele quase *morreu* — Sulli diz a Beckett, ajudando-o a encher o colchão de ar. — Você teve sorte de ele não ter acertado sua cara.

Beckett brinca com minha velha tomada. — Estou disposto a levar um soco por Moffy. E por você e o resto da nossa família. — Sulli bate forte em seu braço, mas brincando.

Ele a empurra de volta, sorrindo.

Observo Jane prender o cabelo em um rabo de cavalo baixo e ela traz uma lata de tartarugas de chocolate para mim. — Você deve estar morrendo de fome. Não come desde ontem.

— Não estou. — Eu me encolho, sem apetite por causa da anestesia e, agora, com dor. A náusea é profunda e tento ignorar o mal-estar. Ter minha família aqui ajuda.

Ela engatinha cuidadosamente na cama ao meu lado, vestida com um pijama azul-bebê com estampa de café. Eu me inclino para minha melhor amiga e sussurro sobre Xander, incapaz de esconder isso. Não dela. Ela não pede mais detalhes, apenas acena com a cabeça e escuta.

— Uh, carácoles. — Sulli apenas bateu com o cotovelo na cômoda, tentando inflar os colchões de ar. Preciso enviar uma mensagem para Farrow para que ele saiba que Ômega pode se juntar a nós aqui. Se eles quiserem. Foi um dia longo e cansativo. E nós passamos por algumas merdas juntos.

Meu telefone está perdido em meus lençóis.

Porra.

— O que você está procurando? — Jane pergunta, querendo ajudar, mas um gato preto pula na cômoda atrás de Charlie. Se há algo que pode roubar a atenção de Jane Cobalt da família – são seus gatos.

Ronronando, Lady Macbeth desaba e rola de costas. — Ela é lenta e velha — Charlie diz a Jane. — Eu daria a ela mais dois anos, no máximo.

Jane parece assassina. — Charlie — Ralho.

— *Lady Macbeth*, venha aqui, meu amor — Jane diz rapidamente, tentando persuadir o gato para longe de Charlie. O gato olha para o teto.

— E ela é surda — Observa Charlie.

— Ela definitivamente não é. Espere e veja. — Jane sai da minha cama para provar seu ponto de vista, e a escada range – espero ver aquele cara tatuado invadir a porta.

Em vez disso, minha irmãzinha desajeitada entra tropeçando, abastecida com bebidas energéticas e insônia por escrever *fics*.

— Você está bem? — Pergunto a Luna, sua camiseta do *Metallica* manchada de tinta e purpurina.

— Simsim. — Ela quase tropeça em Beckett. — Desculpedesculpe.

— Você está bem — diz ele, observando enquanto ela se aproxima da minha cama.

Eu me sento como se eu pudesse ajudar, estupidamente. A dor explode em meu peito, porra, Cristo. Eu ranjo meus dentes com força.

Tanto Sulli quanto Jane reagem rápido e pegam as mãos da minha irmã de cada lado, impedindo-a de cair na cama e quicar no colchão.

Sulli solta a mão de Luna enquanto Jane a gira em um movimento de dança. Luna cambaleia e estica os braços. — Uau — Minha irmã diz.

— Você está bêbada? — Charlie pergunta abertamente.

— Tomei um *Four Loko*. — Rabiscos com caneta verde em seus braços e manchas em suas bochechas. Seu cabelo castanho-claro é uma

bagunça emaranhada. — O mundo está girando.

Não estou acostumado com Luna bebendo cerveja ou álcool. De forma alguma. Mas nunca a vi exceder um drink. Às vezes, odeio ter tanta fixação pelo álcool, mas está sempre na minha cara. Sempre me chamando a atenção pela mídia, pela história da minha família, e simplesmente não consigo ignorar.

O que há mesmo em um *Four Loko*? É uma cerveja?

Tento estalar o nó do dedo, percebendo que não consigo nem fazer *isso* sem o uso da mão direita. — Você não vai sair, vai?

— Não. — Luna vai até o parapeito da janela. — Estou em casa esta noite. A pedido de Farrow.

Então meu namorado não tem estado completamente quieto. Está claro que ele teve algumas conversas com minha família enquanto eu dormia. Isso me faz sentir como se estivesse acordado. Como se alguém tivesse agarrado meu volante e dirigido. Mantendo tudo em pé quando eu não conseguia me mexer.

Sinto que começo a sorrir.

— Maximoff e Farrow!! Sentado em uma árvore! — Alguém grita do lado de fora da minha janela na rua Philly. — B-E-I-J... — Risadas irrompem do lado de fora.

— Quantas vezes isso acontece? — Beckett pergunta, dando uma cara de ‘que porra é essa’ para a janela.

— Todas as noites — Respondo com indiferença.

Estou tentando o meu melhor para não deixar esse fato me irritar. O entusiasmo do público em torno do meu relacionamento é produto da fama, e não quero me irritar com o fato de as pessoas gritarem na minha janela. Mas isso envolve Farrow, então é mais difícil deixar passar.

Beckett olha para Charlie. — Lembre-me de nunca me apaixonar.

Ele sorri. — Já está no meu calendário para o resto da sua vida.

Luna afunda no parapeito da janela. — Então... talvez eu caia de cabeça para baixo e fora de órbita para o meu encontro na próxima semana.

O ar fica tenso. Todo mundo está olhando para minha irmã como se ela tivesse realmente voado para outra maldita galáxia.

Meu olhar se fixa severamente. — Por encontro, você quer dizer o leilão, e por leilão, você quer dizer aquele homem de sessenta anos que deu um lance em você?

Luna arrota em seu punho. — Sim.

— Não — Eu retruco, um tipo diferente de dor arranhando meus músculos.

— Não é um encontro, Luna — diz Jane, a gata preta aninhada em seus braços. — É simplesmente uma função obrigatória em que você nem precisa falar. Pode ser uma hora silenciosa.

— Não sabemos quanto tempo vai demorar — Charlie corrige. — Pode durar até de manhã.

Minha irmã está de olho em mim. — Então, se você está apostando em três quartos de Loren Hale agora, devo esperar uma reação bastante dura dele? — Luna pergunta.

Estou completamente rígido, minha mandíbula afiada. — Sim, não chame isso de encontro perto do papai. — *Jesus*. Onde me meti com esse maldito leilão? Por que estou deixando Ernest Mangold controlar o destino de minha irmã? Está tudo errado. Está tudo amaldiçoado.

A estrela pornô – *caralho*.

Que se foda.

— Moffy. — Luna se levanta, segurando as cortinas para se firmar. — Retiro minha declaração. Não tenho encontro. Apenas uma reunião. Como uma coisa de negócios. — Ela inclina a cabeça. — Melhor?

— Eu não sei — digo. Eu me inclino para trás, minha mente ainda girando. Nada disso está bem. Não está, mas preciso de tempo para pensar no

leilão. Agora, minha dor está em primeiro plano e preciso encontrar a porra do meu telefone.

Farrow Keene

— FAÇA UM SHOTGUN — Donnelly sugere para mim, sua camisa surrada do *Van Halen* com quase uma década de idade. Aquele filho da puta desavergonhado de olhos azuis se apoia no fogão da cozinha apertada.

Estamos na casa da cidade dos famosos. Oscar vasculha o armário em busca de lanches, ouvindo o rumo dessa conversa.

— Eu não vou fazer *shotgun* no meu namorado — Giro uma faca de manteiga entre os dedos. — A) maconha o deixa doente, e B) ele é Maximoff. — Estou sentado no balcão ao lado de compressas de gelo derretendo, um termômetro e um ventilador portátil, esperando um *bagel* torrar.

Principalmente, estou dando a Maximoff um tempo sozinho com sua família. Eu estarei lá em breve.

Donnelly ajusta seu piercing no septo. — A) comestíveis o deixaram doente. Não temos certeza sobre fumar. Eu tenho uma *jawn* no meu bolso. — Sua cadência é pesada em *jawn*, uma palavra que significa praticamente qualquer coisa na Filadélfia, mas Donnelly a usa principalmente para *blunt*, ou baseado. — B) ele é Maximoff com dor, com D maiúsculo.

Eu mastigo *Winterfresh*, realmente considerando o discurso de Donnelly para resolver a angústia de Maximoff.

Oscar repara. — Namorado está com tanta dor que você está seguindo o conselho de *Donnelly*? — Ele pergunta com os olhos arregalados, abrindo um saco de *pretzels*.

Eu estouro uma bola na minha boca. — Vamos colocar desta forma: eu não ficaria surpreso se ele vomitar em trinta minutos.

Está me matando ver Maximoff com esse tipo de dor agonizante, e não sei como aliviá-la. Além de deixá-lo mais confortável e distraí-lo.

Nenhum dos quais pode chegar perto de aliviar costelas fraturadas, uma operação cirúrgica em sua clavícula e hematomas internos. Eu não sofri nenhum ferimento, e meu corpo está extremamente dolorido e meus músculos estão baleados.

Sinto como se estivesse em um ringue de boxe lutando e lutando por trinta dias seguidos. Sem parar.

Oscar cava os *pretzels*. — Ele tem uma alta tolerância à dor. Já viu aquele episódio de *Somos Calloway* em que ele quebra o tornozelo? Maximoff caminhou sobre ele por quanto... *oito* quilômetros? Nem sequer suou.

Eu vi esse episódio. — Ele está suando agora — digo direto, mas esse fato aperta como um buraco em minhas costelas. Meu *bagel* salta e eu o pego da torradeira.

— Nós esfumamos o sótão — Donnelly oferece, abrindo a geladeira.

Eu lentamente mastigo meu chiclete. — Cara, isso envolve deixar todos os famosos chapados.

— Bônus — Donnelly diz e joga o pote de *cream cheese* para mim.

Eu pego. — Desvantagem: Maximoff entrará no modo irmão mais velho para o resto da noite se a irmãzinha dele estiver chapada.

— Ela provavelmente já está — Donnelly me diz. — Eu a vi bebendo *Four Loko* enquanto você estava lá em cima.

Reviro os olhos. — Eu amo aquela garota, mas *caralho*. — Estou chateado porque Maximoff não deveria ter que se preocupar com Luna esta noite, e ele vai. Merda, eu estou agora. Ela enterrou a cabeça na camisa no hospital, chorando silenciosamente, e se manteve quieta desde o acidente. Agora isso.

Oscar coça a barba por fazer. — Donnelly, você deveria estar fazendo Redford se sentir melhor, não pior.

— Eu dei a ele *cream cheese*.

Abro a tampa. — É só uma daquelas noites — digo a eles, sendo

honesto. — Eu vou ficar bem mais tarde. — Só não estou com disposição para mais merdas ruins. Se algo mais der errado nas próximas vinte e quatro horas, vou enlouquecer.

Os amigos fazem os dias longos parecerem bons, mas são as pequenas coisas simples que fazem as coisas ruins parecerem inexistentes. Eu só quero rastejar para a cama ao lado do meu namorado.

Simples.

Fácil.

— Meu carinha não te conhece como eu te conheço — diz Donnelly, trazendo à tona Beckett, seu cliente, que brigou comigo antes. — Senão ele não teria dito as coisas que disse.

Espalho *cream cheese* no meu *bagel*. — Eu sei. — Eu já disse a Donnelly para não se intrometer e compartilhar detalhes sobre mim com Beckett. Prefiro ganhar essa confiança sozinho.

Nesse ritmo, pode levar anos.

Cuspo meu chiclete em um guardanapo e pergunto a Oscar: — Charlie já lhe disse por que queria que Beckett participasse do leilão? — Não pergunto a Donnelly, pois ele não compartilharia os segredos de Beckett se os soubesse.

Oscar se encosta no armário. — Isso requer ter um relacionamento onde Charlie realmente me conta as coisas.

— Então isso é um não — digo, mordendo meu *bagel*. Eu viro minha cabeça enquanto Akara entra. Um boné de *baseball* virado para trás empurra seu cabelo preto e, como Oscar, ele está com roupas de ginástica: uma camiseta justa e suada.

— Como você está indo? — Akara me pergunta.

Eu jogo minha cabeça de um lado para o outro. — Melhor que meu namorado. — Dou outra mordida. — E você? — O líder Ômega está ligado ao seu telefone há horas. Lidando com o acidente e as consequências que

envolvem advogados e relatórios policiais. Nós dois não dormimos desde o acidente.

— Um dia daqueles. — Akara observa Oscar tirando um pacote de seis cervejas da geladeira. Ele distribui *Coronas* para todos, mas eu recuso.

O telefone de Akara vibra. — Sulli? — Donnelly pergunta.

Akara verifica o identificador de chamadas e guarda o telefone no bolso. — Não, alguns caras estão me ligando sobre a franquia da academia. — Ele abre a garrafa de cerveja na beirada do balcão, agindo como se aquela oferta não significasse nada.

Desde que a ESO ganhou alguma fama, Studio 9 Boxing & MMA Academy também ganharam. Especialmente porque Akara é o dono.

— Você pode ficar animado na minha frente. — Lambo o *cream cheese* do meu polegar.

Oscar dá um tapinha no ombro de Akara. — Parabéns, mano.

Akara acena com a cabeça e bebe sua cerveja. — Gostaria de estar empolgado, mas franquia parece uma dor de cabeça. Já estou nadando em trabalho. — Ele verifica uma mensagem recebida em seu telefone. — E aí está.

— *Sulli* — Todos dizemos, provocando-o juntos. Suas sobrancelhas enrugam.

— *Não é Sulli.*

Oscar sorri. — Foi uma chance de noventa e nove por cento, Kitsuwon.

Akara balança a cabeça. — Olha, todos as olhadas sutis de Sulli em mim não podem mais acontecer. Eu sei que vocês estão brincando, mas na FanCon, vocês deram a entender de que eu gostava dela *mais* do que como uma amiga na frente de Maximoff, na frente de seus *primos*. Mais cedo ou mais tarde, eles vão parar de pensar que isso é uma piada. Então, todos vocês precisam cortar essa merda. Apenas um aviso amigável.

Não me importo de recuar, mas se eu escorregar acidentalmente, também não me importarei.

— Sim, sim, capitão — digo com um *bagel* entre os dentes enquanto pego a outra metade da torradeira.

— Claro, chefe. — Donnelly levanta sua cerveja.

Oscar sacode o saco de *pretzel*, seu cabelo encaracolado caindo em seus olhos. — Tem certeza de que você não gosta dela como mais do que uma amiga?

— *Oscar*. — Akara olha fixamente.

Ele coloca a mão no coração. — Você sabe que eu não daria a mínima para você, se você não fosse um guarda-costas parceiro. Não é pela boa aparência. Pergunte a Donnelly.

Donnelly balança sua cerveja. — Beckett e eu parecemos ótimos juntos.

— Exatamente. Isso é estranho. — diz Oscar a todos.

Akara parece prestes a estrangular Oliveira. Meus lábios querem subir, parcialmente entretidos. O líder Ômega aponta para Oscar com sua cerveja. — Estou no destacamento dela desde que ela tinha *dezesseis* anos. O pai dela vai enfiar uma faca no meu pau se ouvir você. *Não* força.

Deixei escapar um assobio baixo para Oscar. — Continue esquecendo aquele lubrificante antes de ficar fodido.

— Tome uma pelo time, Redford. Você já foi fodido o suficiente hoje.

Eu aceno algumas vezes. Essa foi boa, e Oscar segura meu olhar por um instante e acena de volta, mais sério.

— Quem era? — Donnelly pergunta a Akara. — Se não era Sulli mandando mensagem para você.

— O resto da Tri-Força. — Akara nomeia os poderosos da equipe de segurança que consistem nos atuais líderes Alfa, Ômega e Épsilon: Price

Kepler, Akara Kitsuwon e Banks Moretti. — Vamos à sala de estar. Há grandes novidades.

Eu me apoio na mesa de café de aço, mas a sala de estar decorada estilo vovozinha tem mais assentos do que o normal. Cadeiras de gramado incompatíveis cobrem as tábuas do assoalho, acompanhando o feio sofá vitoriano rosa e a velha cadeira de balanço.

Enquanto Donnelly cai em uma cadeira de jardim, Oscar fica no arco da cozinha, e Akara fica na frente e no centro bloqueando a lareira de tijolos.

É difícil não ver Thatcher.

Ele se eleva ao lado da porta adjacente da casa geminada. Mais perto de mim do que eu prefiro. De braços cruzados, ele olha para os gatos de Jane que disparam pelo tapete verde-menta.

Espero manter intacto o traço de silêncio entre nós.

Jack Highland está sentado no sofá e brinca com sua *Canon*, mas o atleta de olhos arregalados não está aqui para filmar *Somos Calloway*. Ele ouviu o que aconteceu depois do leilão e veio aqui para verificar Maximoff e Charlie.

— Guarde o telefone por um segundo, Quinn — Akara diz ao guarda-costas mais jovem.

Quinn está inclinado para a frente na cadeira de balanço. — Quanto tempo vai durar essa reunião? — Ele não guarda o telefone no bolso.

— Eu não sei — Akara solta, não aturando as besteiras de ninguém hoje à noite. — Você precisa estar em algum lugar? Pode ir.

Quinn olha para nós e acaba olhando para *mim* em busca da resposta certa. Não vou resolver os mini dilemas de ninguém, a menos que seu nome comece com Maximoff e termine com Hale.

Privilégios de namorado.

Antes que eu possa repreendê-lo, Quinn começa a me explicar: — Eu combinei com uma garota *incrivelmente* fofa no *Tinder* e o perfil dela diz que ela quer transar. Ela pode me encontrar em cinco malditos minutos.

Minhas sobranceiras sobem e Oscar tenta controlar o riso. Seu irmão mais novo está pedindo minha permissão para ir foder uma garota.

— Cara, eu não dou a mínima para o que você faz — digo a Quinn.

Thatcher me lança um olhar furioso. — Esse é realmente o seu conselho?

Lá se vai aquele silêncio feliz. — Tecnicamente, não é um conselho. É uma opinião.

Donnelly pede para ver o perfil da garota, e Quinn passa a ele o telefone. Jack se inclina para espiar a tela.

— Se atrase trinta minutos, maninho — diz Oscar ao irmão. — Assim, ela não vai sentir o cheiro do seu desespero.

Quinn dá a ele um olhar estranho. — Não estou tão desesperado. Recebi centenas de mensagens desde o vazamento do vídeo Noel Sexy. Mas essa garota está fora do meu alcance e ela não se importa.

Aos olhos do público, Quinn Oliveira tornou-se o Casanova da Ômega. *O jovem garanhão*. E posso ver Thatcher avaliando a dedicação de Quinn a esse trabalho. Como ele faz comigo o tempo todo.

Thatcher percebe meu olhar penetrante e me encara de volta.

Meu telefone vibra no bolso de trás. Assim que pego meu celular, Akara diz a Quinn para fazer uma escolha.

Donnelly dá de ombros e passa o telefone para Jack. — É só uma boceta, Quinnie. Você pode comê-la mais tarde.

Jack não hesita, costuma falar sem rodeios. — Ela é bonita. vocês ficariam bem juntos, mas estou com Donnelly. — Ele passa o telefone de volta para Quinn.

Verifico minha mensagem recente de Maximoff.

Maximoff: *Ocupado?*

— Farrow — Akara me chama do telefone enquanto Quinn decide ficar parado para a reunião.

— É Maximoff — digo, digitando uma resposta.

Eu envio: *Não. O que você precisa?*

Akara não reclama e estala o dedo na palma da mão: — OK, então, o negócio é o seguinte. Alfa ainda é a equipe que vai trabalhar com *Uma Noite com a Celebridade* daqui a uma semana. Price não vai comprometer ou deixar a Ômega assumir a liderança.

Ninguém pensou que ele deixaria.

— Notícias maiores — diz Akara —, Eliot e Tom Cobalt se formaram no Ensino Médio. Para aqueles que não sabem — Ele se concentra em Quinn —, a Equipe de Segurança Ômega foi formada quando Maximoff saiu de casa. Nesse ponto, a ESO tornou-se a divisão de segurança que protege as crianças que completam dezoito anos e se tornam adultos legais. Épsilon lida com todos os menores. Normalmente, isso significa que receberíamos os guarda-costas de Eliot e Tom na ESO, *mas* a Tri-Força decidiu fazer uma reestruturação.

Oscar franze a testa. — Uma reestruturação?

Akara estende os braços. — Ômega ganhou alguma fama. Somos os únicos parados para dar autógrafos, os únicos que conseguem encontros extras no *Tinder*, e se começarmos a adicionar mais guarda-costas, há uma chance de eles ganharem notoriedade por associação. Não é algo que a equipe de segurança deseja.

Eu entendo agora. Não há planos para adicionar guarda-costas extras à ESO.

O que está perfeitamente bem para mim.

Akara continua: — Todos nós aqui – nós somos Ômega. Mesmo que

você seja transferido para outro cliente, mesmo que você saia ou seja demitido. Somos os guarda-costas da ESO até novo aviso.

Thatcher se endireita na porta. — E o meu irmão?

Akara assente. — Ainda estamos conversando sobre adicionar Banks à Ômega, e é provável que seja assim. — Ninguém pergunta por quê. Banks e Thatcher são gêmeos *idênticos*, e ele foi reconhecido tanto quanto Thatcher na rua.

Meu telefone vibra.

Maximoff: *todos da ESO + jack. Vamos relaxar esta noite aqui*

Depois de ver seus primos carregando travesseiros e colchões de ar para o andar de cima, eu imaginei que ele convidaria todos para essa pequena “festa do pijama”.

Sua mensagem precisa ser corrigida com letras maiúsculas. E tem certeza de que quer Thatcher aí em cima?

Eu envio e me levanto da mesa quando um enxame de mensagens me atinge. Todos na sala estão me olhando.

— Namorado está bem? — Oscar pergunta.

Maximoff me envia um emoji de dedo médio, junto com estes:

Maximoff: *Traga lanches*

Maximoff: *Biscoitos de chocolate na despensa*

Maximoff: *Bebidas, outro saco de dormir, travesseiros*

Estes são definitivamente pedidos de seus primos.

Maximoff: *Se precisar de ajuda, posso descer*

Eu imediatamente ligo para ele, telefone no meu ouvido. — Não se atreva a se mover.

— *Tarde demais, já estou dando cambalhotas escada abaixo.* — A voz dele soa tensa de dor.

Eu esfrego minha boca. — Você é um péssimo mentiroso, lobinho. — Meus olhos se fixam em Akara, e eu murmuro: *lá em cima*. Ele acena com a cabeça e eu digo ao meu namorado: — Estaremos aí em breve.

Maximoff está pior do que quando o deixei. Sua pele pálida brilha com o suor, o cabelo castanho-escuro úmido como se ele tivesse tomado banho, e ele respira respirações controladas pelo nariz. Mas ele não está tremendo. Sem calafrios.

Bom.

Eu bloqueio a maior parte da conversa de fundo enquanto ESO e Jack se instalam no quarto do sótão. Sacos de dormir e cobertores pastel cobrem colchões de ar que revestem quase cada centímetro do espaço. Sacos de batatas fritas e tigelas de pipoca estão sendo distribuídos.

Já estou sentado ao lado de Maximoff em sua cama e, enquanto ele enfia o termômetro na boca, estendo a mão sobre seu peito. Com cuidado. E ligo o ventilador portátil. Eu o sinto observando minhas mãos tatuadas, e nossas pernas musculosas se entrelaçam inconscientemente.

Pego uma bebida esportiva limonada Ziff. Deixando a outra metade de um *bagel* na mesa de cabeceira. Ele deve estar muito enjoado para comer.

Com Maximoff, e até comigo, há uma linha tênue entre “mimar” e cuidar um do outro. Deixo que ele ajuste as compressas de gelo no ombro e no peito e, quando abro a bebida esportiva, vejo em suas feições *não faça isso por mim*.

O aviso desaparece no segundo em que tomo um gole considerável.

Eu limpo minha boca com as costas da minha mão. — Que fofo você ter pensado que isso era para você.

Suas bochechas coram. Essa é uma maneira de devolver a cor ao rosto. Com o termômetro debaixo da língua, ele murmura: — Vai se foder.

Eu sorrio. — Esse foi o *vai se foder* mais precioso que eu já ouvi.

Ele geme, lutando contra seus lábios e diz com mais mordida e rosnar: — Vai se foder.

Prendo a respiração. — Ainda precioso.

Maximoff me aponta o dedo do meio e então remove o termômetro com a mesma mão esquerda. Ele lê sua temperatura, propositalmente segurando a tela longe de mim.

Suas sobrancelhas franzem.

— Me dê. — Aceno para ele com dois dedos.

— Exatamente o que eu esperava — Maximoff diz secamente —, eu sou o Tocha Humana. — Ele me passa o termômetro.

36,9 graus Celsius. Ele é um maldito idiota. — Você não tem febre — digo a ele.

Ele toma outra respiração antes de olhar diretamente para mim. — Provavelmente porque nunca me sinto quente quando estou perto de você.

Eu assinto algumas vezes. Incapaz de quebrar seu olhar. *Enredado*. — Deve ser por isso que você está suando agora — digo a ele.

Ele faz uma careta, a dois segundos de um sorriso verdadeiro, mas seus olhos se fecham abruptamente. Dor batendo nele em algum lugar. Quase estremeço só de observá-lo. Estou acostumado a ver pessoas com desconforto em um hospital, mas é definitivamente diferente quando é alguém próximo a mim.

Eu massageio sua nuca, meus dedos deslizando para cima e passando por seu cabelo grosso. Estou prestes a puxar minha perna dele, mas ele inclina mais seu peso para o meu lado, como um apelo físico para eu ficar.

Maximoff.

Eu mantenho nossas pernas entrelaçadas.

Seus olhos se abrem lentamente com uma respiração afiada, e ele está olhando para Luna.

Ela está olhando para ele, preocupação brotando em seu olhar âmbar.

Ele tenta congelar suas feições. Tenta ser seu irmão mais velho forte e inabalável. Essas partes dele são tão *intrinsecamente* Maximoff Hale que eu não gostaria que ele mudasse. Ele ama as pessoas tão avassaladoramente, e ele se importa. Merda, ele se importa mais do que ninguém, e quando as pessoas precisam que ele seja tudo, ele está sempre lá.

Mas isso só me faz querer estar lá para ele. Toda vez. Diariamente.

Duas vezes mais duro. Dez vezes mais.

— Maximoff — Suspiro, capturando seu foco. Sacudo levemente a bebida esportiva para o meu namorado, o que planejei fazer desde o momento em que abri a garrafa de plástico. — Vou compartilhar com você. — *E só você.*

Seus olhos caem na minha boca, e então ele rapidamente pega a bebida. Percebo como ele não tenta falar.

— Moffy — Charlie chama. Nossas cabeças se viram. E relutantemente divido minha atenção entre Maximoff e onze outras pessoas. Alguns travesseiros sustentam a perna quebrada de Charlie, e Donnelly se inclina sobre o gesso, com uma caneta preta na mão. Ele está desenhando a paisagem urbana da Filadélfia e, para ser sincero, estou surpreso que Charlie esteja deixando. Seu gesso estava em branco.

— Sim? — Maximoff pergunta, a voz presa.

Eu examino o sótão em uma varredura, o ambiente barulhento com conversas. Todas as onze pessoas descansam em sacos de dormir, mas como estão elevados nos colchões de ar, todos estão basicamente no nível dos nossos olhos.

As três meninas sentam-se sob a janela com cortinas. Sulli trança o cabelo de Luna enquanto Jane fala alegremente e bebe uma cerveja.

Perto da cômoda, Beckett está contando aos irmãos Oliveira sobre clubes de Nova York, Donnelly ouvindo enquanto ele desenha, e ao lado das meninas, Jack está mostrando a Akara uma foto ou vídeo em sua câmera. Isso não me choca. Jack e Akara têm sido mais civilizados desde a FanCon.

Thatcher é o único observando e não em um grupo, com as costas contra a porta. E não, eu não me importo.

Charlie coloca óculos escuros. — Você parece um merda, Moffy. Se você apenas...

— Eu não vou tomar um *Vicodin* — Maximoff combate e então estremece. Um pacote de gelo desliza por seu ombro – eu o arrumo para ele, já que a bebida esportiva ocupa sua mão.

Jane diz algo ao irmão em francês, e ele levanta a mão em sinal de rendição. Conversas surgem pelo quarto e ouço o final de Oscar falando sobre o pior sabor de *Doritos*.

Eu sintonizo todo mundo e me concentro em Maximoff.

Ele está apertando os olhos e se reajusta, começando a escorregar da cabeceira da cama.

Merda.

Ele não está chateado com Charlie o importunando. Ele está sofrendo fisicamente. Mais. E mais.

Ele está até disposto a ficar deitado e anunciar sua dor. Antes que as bolsas de gelo escorreguem, eu as removo de seu corpo. Seus ombros afundam no colchão macio e sua cabeça encontra o travesseiro. Fechando os olhos. Afasto seu cabelo do rosto. Ele move a cabeça na minha coxa. E ele tenta rolar mais na minha direção, mas não consegue com o ombro enfaixado – sua mão esquerda treme, lágrimas angustiadas molham os cantos dos olhos.

É isso.

Eu tenho de fazer alguma coisa.

Abrindo minhas pernas, puxo Maximoff com cuidado entre elas e pego as bolsas de gelo, colocando uma levemente em seu peito, outra abaixo da faixa vermelha em seu abdômen.

Eu já sei que não é o suficiente para extinguir seu desconforto. Com sua cabeça no meu colo, limpo os cantos úmidos de seus olhos com o polegar.

Mais conversas começam no sótão, algumas sobre os documentários de *Somos Calloway* e outras sobre o leilão. Eles são todos bons em não chamar a atenção para Maximoff.

O fato de ele estar tão vulnerável, com a cabeça no meu colo, na frente deles é o sinal mais claro de que ele não está bem.

Maximoff tira a mão esquerda trêmula do rosto. E ele agarra meu joelho dobrado forte, combatendo aquela dor pós-operatória. Suas maçãs do rosto ficam mais nítidas quando ele cerra os dentes e tenta enterrar o rosto na minha coxa novamente.

Porra, eu tenho que fazer mais. Eu tenho. E tenho hesitado em uma opção porque não sei como ele vai reagir.

Adoro proteger o que há de bom em Maximoff e, ao mesmo tempo, ser o único a afrouxar suas amarras apertadas. Parece contraditório, mas, para mim, o bom não é simples. Bom é compaixão e amor por todas as pessoas, pela humanidade. Bom é uma bondade altruísta tão pura que arde seus olhos.

Se há algo que sei é que a oferta que estou prestes a fazer não prejudicará sua moralidade. Isso só vai tirar a dor dele.

E eu preciso que ele acredite nisso também.

Eu penteio seu cabelo para trás mais uma vez, e então abaixo minha cabeça para sussurrar em seu ouvido. — Posso fazer um *shotgun* em você?

Maximoff Hale

POSSO FAZER UM shotgun em você?

A dor latejante dentro dos meus ossos diminui enquanto meu cérebro processa essas quatro palavras.

Posso fazer um shotgun em você?

Parece sexual na minha cabeça. Talvez seja a maneira como Farrow disse isso, sua voz baixa, mas rouca, suave como seda ao mesmo tempo.

Ou talvez seja porque não tenho a mínima ideia do que significa *shotgun*. Eu sei sobre “Calling shotgun” em termos de assento de passageiro em um carro. E eu vi um cara fazer um buraco em uma lata de cerveja na faculdade *atirando com uma arma*, ou *shotgun* em inglês. Nenhum dos quais parece relevante agora.

Então, estou perdido e sou inexperiente demais para entender completamente a pergunta dele.

Engulo uma bola na garganta. — Com...? — Não consigo nem pronunciar nenhuma palavra; uma sensação de esfaqueamento detona repetidamente. *Caralho. Cristo.*

Imagine uma marreta sem parar batendo em seus ossos e interior – e você não pode jogar a marreta de lado.

Ela apenas bate e esmaga.

Ignorar esse tormento é quase impossível.

Eu agarro o joelho de Farrow em um aperto mortal. *Deus*, estou chegando a um ponto em que só quero desmaiar.

Eu preciso que isso acabe.

Eu só quero que isso acabe.

— Donnelly — Farrow chama, e para me distrair, tento me concentrar

nas coisas que meu cérebro adora. Como os movimentos precisos de Farrow Keene. Como ele estica o braço e pega algo do amigo.

Eu tento me concentrar em sua idade.

Vinte e oito. Seis anos mais velho que eu. Eu respiro pelo nariz com uma dor aguda. *Cérebro, você adora que ele seja mais velho. Não aja como se estivesse desinteressado agora.*

Vinte e oito. Ele tem vinte e oito anos.

Fecho os olhos por mais um segundo e os abro lentamente. Deitado entre suas pernas com minha cabeça em sua coxa, minha visão consiste principalmente nas vigas do teto e em Farrow.

Minha cabeça está em seu colo é uma música que toca muito suavemente na repetição. Essa faixa deve estar tocando insistentemente
Eu_Sinto_Como_Se_Morresse.mp3 e
Foda_Se_Essa_Merda_De_Sentimento.mp3.

Farrow se inclina um pouco sobre mim, bloqueando a visão das vigas. Pedacos de seu cabelo branco caem em seus cílios. — Isso é um *blunt* — Explica ele, apertando o baseado entre dois dedos tatuados. — *Shotgunning* é onde você recebe a dose de mim. Você não precisa segurar o *blunt*. OK?

Ele está pedindo minha permissão.

Porque ele é um cara legal. Ele dirá que não está, mas está.

Eu penso por meio segundo e então aceno com o queixo. Ceder aos apelos do meu corpo. Não tenho tanto medo de maconha quanto *Vicodin* ou *Oxy*.

E ajuda que eu confie em Farrow com meu corpo. Eu nunca concordaria com isso sem ele.

— Tudo bem — Farrow repete aliviado, e pega um isqueiro que está jogado na minha cama. Eu não saberia dizer de quem.

Mas eu apenas assisto Farrow. Cada maldito movimento. Como ele coloca o *blunt* com confiança entre os lábios. Como ele envolve a mão em

concha enquanto acende o isqueiro.

Como seus olhos se fixam nos meus.

Você nem acreditaria no quanto isso ajuda. Apenas observar Farrow. Porque, por um segundo fugaz, esqueço que estou com dor e vou aproveitar esse segundo, mesmo que breve. Cristo, aceito qualquer coisa.

Uma chama come o papel enquanto ele inala. Baseado agora aceso, ele sopra fumaça nas vigas cintilantes. Depois disso, ele gira o baseado para trás, a ponta em chamas voltada para seus lábios.

Estou confuso sobre como isso funciona.

— Sugue a fumaça, lobinho — Farrow me diz. — Isso é tudo que você precisa fazer. — Com dois dedos, ele coloca o baseado entre os dentes, queimando a ponta na boca, o outro lado se projeta – e ele se inclina sobre mim novamente.

Abaixando a cabeça.

Baixo.

Até que o papel esteja a um centímetro dos meus lábios. Nossas bocas estão alinhadas como um beijo de cabeça para baixo.

Sua mão grande embainha minha mandíbula. Protetora. Confortavelmente. Sua outra palma repousa sobre a minha mão que agarra seu joelho com força mortal.

Farrow me disse como somos cinematográficos juntos, e percebo que não entendi *totalmente*. Não até agora.

Não até que este momento feliz e fora do corpo rasteje para câmera lenta e nossa intimidade me embriague. Me deixe tonto. Me encha até a borda. E ainda não inalei nada.

Eu poderia congelar este segundo por toda a eternidade. Mas passa.

Com as brasas queimando em sua boca, Farrow exala. A fumaça sobe da extremidade apagada e eu inspiro. Uma linha sedosa de fumaça escorre pela minha garganta.

Eu tusso. *Porra.*

Ele solta meu queixo para tirar o baseado de sua boca. Avaliando-me, tento relaxar e me ajustar à nova sensação. Nuvens de fumaça ao nosso redor, o cheiro mais pungente do que cigarros, e Farrow recua para outra tragada.

Ele assopra e eu trago a fumaça de novo. Tentando não tossir desta vez.

Meus músculos relaxam e, com mais algumas inalações, minha mão se solta em seu joelho. Não estou girando como o comestível me fez sentir.

Provavelmente porque a *dor* é meu estado atual. Lentamente, minhas articulações relaxam como gotas de óleo em cada fenda enferrujada, e o tormento começa a diminuir. Empurrado para o fundo.

— Mais uma vez — Farrow diz para mim, sua voz rouca muito sexy. Meu cérebro começa a sintonizar a estação de rádio Farrow 69.1, com o volume no máximo.

Pela primeira vez, obrigado, cérebro.

Farrow toma cuidado para não se queimar, como se já tivesse feito isso um bilhão de vezes, e abaixa a cabeça novamente.

Agora, ganho energia suficiente para tirar minha mão de seu joelho. Eu seguro a parte de trás de sua cabeça, segurando seu cabelo branco descolorido entre os dedos.

Quando inalo a fumaça, vejo seus lábios se curvarem para cima.

Ele arranca o baseado da boca, encostando-se na cabeceira da cama e me olhando profundamente. — Você gostou disso? — Ele pergunta.

Eu respiro melhor. — Não mais do que você — digo, cerrando os dentes enquanto uso uma mão para me sentar. As compressas frias de gelo caem do meu peito na cama.

Meu primeiro movimento é agarrá-las... com a mão errada – droga.

A dor se infiltra e tento lembrar meu subconsciente de que minha mão direita está firmemente amarrada em uma tipoia por uma maldita razão.

Em uma boa distração, Farrow abre um pouco mais as pernas, e eu deslizo para trás até que minha coluna encontre seu peito. Seu braço se curva em volta da minha cintura nua. Quase na mesma altura, nossos ombros largos se enquadram, quase paralelos.

Antes que eu peça o baseado, ele já está me passando. Sabendo que eu gostaria de tentar por conta própria. Dou uma tragada normal e minha garganta queima. Mas eu me forço a não tossir.

Eu dou de volta.

Farrow também dá outra tragada e então estende a mão e entrega o cigarro a Donnelly.

Agora estou inescrupulosa, total e *colossalmente* ciente da audiência de onze pessoas. A maioria deles finge estar interessada nas batatinhas *Cape Cod* ou no monte de travesseiros em sacos de dormir. Mas seus olhos se voltam para nós e pousam em mim.

Achei que eles ficariam surpresos que eu fumasse qualquer coisa. Mas, como Farrow, todos parecem *aliviados*. Feliz por eu não estar sofrendo.

Olhos azuis brilhando, Janie virou sua cerveja para mim em um brinde. Se eu não tivesse Farrow, ela estaria ao meu lado. Não embrulhada em um cobertor azul embaixo da janela.

Mas estou mais certo do que nunca de que Janie não seria capaz de preencher Farrow na minha vida. Assim como ele não a pode substituir.

Eu preciso dos dois.

Eu quero os dois.

Quando Jane finalmente chegou ao hospital antes da minha cirurgia, ela desabou. Minha voz falhava e ela não conseguia parar de divagar sobre a probabilidade matemática de vida e morte. E como ela deveria estar no carro comigo.

Lágrimas vazaram de seus olhos e, então, concordamos que se sobrevivêssemos a isso, podíamos sobreviver a qualquer coisa com um pouco

de sorte e muito amor. No sótão silencioso, mas lotado, digo à minha melhor amiga: — Je suis vivant, ma moitié. — *Estou vivo, minha outra metade.*

Ela sorri para um gole de cerveja. — Je ne voudrais pas de toi d'une autre manière. — *Eu não ia querer de outra maneira com você.*

O batimento cardíaco de Farrow pulsa em um ritmo calmo contra minhas costas, e nós dois vemos Luna se animar de sua posição esparramada com o rosto no chão.

— Isso significa que você vai ficar chapado comigo, Moffy? — Luna pergunta, a cabeça apoiada na mão.

Desde a FanCon com o desastre do biscoito de maconha, ainda estou sempre processando o fato de que minha irmãzinha já fumou maconha antes. Minhas sobranceiras franzem, pensando em uma situação em que eu gostaria de ficar chapado enquanto ela também está. Eu estou bem com ela fumando se ela for cuidadosa, mas quero ser coerente nesse caso.

— Sem chance, mana — digo com sinceridade.

— Nem agora? — Luna dá um tapinha no nariz, já que estou fora de alcance e ela não pode tocar no meu. Um gesto que criamos quando crianças que significa *ei, irmão, ei, irmã*. Então, ela balança seu braço desengonçado para Donnelly para o baseado.

— Não. — Ele termina o baseado sozinho. — *Four Loko* e maconha não se misturam. — Ele sopra a fumaça para o lado.

— Droga — Luna murmura e diz para mim — Da próxima vez.

Eu sorrio. Sentindo o quanto ela quer ficar perto de mim, e sei que deixá-la se mudar foi a decisão certa. Agora, só preciso descobrir se deixá-la participar desse leilão é uma decisão da qual me arrependerei para sempre.

Luzes apagadas às 2 da manhã, todo mundo caiu no sono no meu quarto no sótão. É basicamente o que acontece quando você enfrenta uma

grande catástrofe e fica acordado até tarde conversando.

Não consigo dormir.

Eu fiquei inconsciente por tanto tempo depois da minha cirurgia. Agora, minha mente está bem acordada e tentando recuperar o atraso mental: *falar com meu irmão* (mais tarde). *Uma estrela pornô comprou você* (Jesus Cristo). *Proteja seu irmão, proteja suas irmãs, proteja a todos* (sempre).

Não deixe Farrow ir (eu não vou).

Case-se com ele.

Coloque um anel nele.

E se ele não quiser se casar?

E se for por isso que ele rejeitou a proposta do ex?

Mas nós conversamos sobre filhos. Duas vezes.

De brincadeira?

Não, foi sério pra caralho.

Eu acho.

Você pode ter filhos sem ser casado.

Não chame seu filho de Batman.

Eu aperto meus olhos fechados. Tudo bem, minha mente pode calar a boca agora.

Acho que sou o único acordado até o relógio marcar 2h30 e ouvir sussurros. Do lado direito do quarto.

Não é Farrow.

Ele está dormindo virado para mim, mal se mexendo sob o edredom. Eu tento o meu melhor para não o acordar. Farrow precisa descansar mais do que ninguém.

Seu braço tatuado jogado sobre meu abdômen inferior. Eu não percebi o quanto eu gostaria de me deitar de lado até esta noite.

Eu desejo apenas me virar em seu peito duro.

Mas aqui estou eu, preso nas minhas costas. Na verdade, isso me faz

querer acelerar a fisioterapia muito mais rápido.

— Você não pode mais ir no domingo? — Sulli murmura mais alto do que ela percebe. Por mais que eu desejasse uma audição biônica quando criança, não tenho esse superpoder.

Eu estico meus ouvidos para pegar a resposta.

— Desculpe — Jack sussurra, soando realmente apologético.

Minha mente se desvia para um caminho: *Jack Highland está acordado enquanto minha priminha está acordada e todo mundo está dormindo.*

Não tenho ideia do que isso significa. Então, eu me apoio em meu cotovelo utilizável e olho por cima de Farrow para ver...

Minhas sobranceiras franzem. Akara também está acordado. Os dois rapazes descansam no mesmo colchão de ar, encostados na parede de tijolos. Bem entre eles, Sullivan cai em um travesseiro em forma de rosquinha e torce sua tornozela puída.

— Oh, ei, você não precisa se desculpar — Minha prima sussurra não tão suavemente. — Está tudo bem. — Mesmo no sótão escuro, ela parece visivelmente chateada.

— Para compensar? — Jack sussurra. — Eu devo estar livre no próximo domingo. Podemos ir nadar, então.

— Sim — Ela acena com a cabeça, subindo mais contra a parede. — Isso funcionaria.

Akara está brincando com seu cabelo castanho-chocolate e enrola uma longa mecha sobre o lábio superior em um bigode falso.

Sulli abre um sorriso e o empurra no peito.

Eu costumava pensar demais na dinâmica deles porque, em minha experiência pessoal com Farrow, *provocação* é sinônimo de *afeto*. Mas nem sempre pode ser assim.

Certo?

Agora, estou ficando paranoico, mas pelo bem de Sulli, *não posso* dar uma de ‘Hulk-esmaga’ em nada que a deixe feliz. Não vou. E sua amizade com seu guarda-costas é praticamente central.

Akara ri levemente e sussurra para Jack: — Ela pensa que é uma sereia. Sabe, ficar sem nadar por uma semana significa que as pernas dela voltam a crescer.

— Ei, há alguma lógica no debate da sereia — diz Sulli a Akara. — Eu amo água. As sereias adoram água. Portanto, eu sou a porra de uma sereia.

Akara amarra uma mecha de seu cabelo em um nó corrediço. — Tubarões também adoram água.

— Gostam mesmo — Jack concorda. — E enguias. Arraias. peixes-boi.

— Salmão — Sussurra Akara. — Morsas...

— Ei, talvez eu seja a porra de uma morsa então — Sulli brinca em outro sussurro alto. — Eu *também* poderia ser uma sereia.

Akara afrouxa o nó do cabelo e dá uma olhada nela. — Você não é uma morsa, Sul.

Meu cotovelo já dói por causa da batida, e ficar apoiado por tanto tempo não é tão fácil. Mas eu forço meus músculos por mais um segundo.

Sulli sorri suavemente. — Quer ir nadar neste domingo, Kits? Apenas na piscina Hale.

Akara estremece um pouco e coça a nuca. — Eu, hm... — Ele olha para Jack.

Jack está olhando para o líder da Ômega como se eles estivessem envolvidos em algo que ela não faz parte. Eu não posso deixar de *encarar*. Eles ainda não me notaram. Provavelmente não são capazes de me ver bem, já que está escuro e Farrow esconde a maior parte do meu corpo.

— O quê? — Sulli franze a testa, olhando entre eles. — Porra, merda, esse é o seu dia de folga, Kits. Caralho, me desculpe. Você pode fazer o

que...

Isso não está indo bem, e posso dizer que minha prima está lutando para encontrar a coisa certa a dizer. Ela faz isso e depois fica quieta.

— Não é isso — diz Akara. — Bem, é... mais ou menos, mas Jack e eu temos essa coisa nesse dia.

Que coisa?

Sulli acena com a cabeça lentamente. — Como uma coisa de segurança-produção?

Exatamente o que estou pensando.

— Não. — Akara faz uma pausa. — Jack é amigo de duas garotas da Penn que estamos saindo — Ele sussurra. — É tipo um encontro duplo.

Huh. É bom que eles estejam encontrando tempo para namorar. Eu sei que tem sido difícil para a maior parte da segurança. Mas quanto mais eu os examino, mais não consigo ler a expressão de Sulli.

Talvez porque ela não tenha certeza do que está sentindo.

— Ah, sim — Sulli franze a testa, os dedos nos lábios carnudos em profunda reflexão. — Sim... — Ela sacode as teias de aranha de sua cabeça. — Isso parece divertido pra caralho. Você merece alguma ação de P-na-V. Podemos fazer o que quer que seja... nadar ou, você sabe, a qualquer hora. E Moffy vai nadar comigo... ou não, desde que ele se machucou. — Ela estremece para si mesma e então cai.

— Sul... — Akara sussurra.

— COMA ESSE CU!!

Ótimo.

Os gritos bêbados de rua acordam um quarto do pessoal. À medida que os bares da Filadélfia se fecham, as zombarias aumentam. E sabe de uma coisa?

Isso me irrita pra caralho desta vez. Não me importo que minha família e segurança possam ouvir. Eu me importo que *coma esse cu* acordou

meu namorado, que tem sido extremamente privado de sono.

Farrow tira o braço de cima de mim, os olhos se abrindo em um olhar penetrante na janela.

— LAMBA OS FERIMENTOS DE MAXIMOFF HALE!!

Minha mandíbula se aperta.

Farrow passa a mão pelo cabelo branco e eu me sento mais ereto – ele põe a mão na minha perna. Eu leio seu olhar rapidamente: *não corra para fora*. E vejo o calor em seus olhos castanhos.

— Eles estão te irritando? — Pergunto, nossos ombros apoiados contra a cabeceira da cama.

— Sim. — Suas sobrancelhas se levantam para mim. — Você acabou de fazer uma cirurgia. Não precisa dessa merda agora.

— Nem você — digo fortemente.

Farrow varre o comprimento do meu corpo, penteando para trás seu bagunçado cabelo pela segunda vez. Ele abre a boca e...

— LAMBA SEU BURACO!!

Farrow revira os olhos. Minha carranca se aprofunda.

E Oscar está de pé, olhando fixamente para a janela cortinada.

Jane e Luna acordam embaixo dele e, quando Akara começa a enviar mensagens, percebo que todos no quarto agora estão alertas e agitados.

Eles olham para mim, para Farrow, de volta para mim, e eu digo a eles: — Bem-vindos ao meu sótão.

— MAXIMOFFFFFFF! — Um cara bêbado calunia. — CHUPA MEU PAU DEPOIS DE VOCÊ CHUPAR O DE FARROW KEENE!!

Não.

Beckett está dando à janela um olhar de *mas que porra*.

Sulli se encolhe. — Isso é uma merda.

Donnelly se levanta e se arrasta entre os colchões de ar. Tentando chegar à porta.

— Não. — Akara aponta para ele, ainda enviando mensagens. — Ninguém fez nada ainda. Não acenda uma lâmpada. Eles poderão ver o quarto iluminado da rua.

Donnelly escuta e fica parado, e Thatcher se eleva em posição, guardando a saída.

Oscar estuda a janela novamente. — Podemos dizer a esses bêbados que este não é o quarto de Maximoff. Peça a Jane para chamá-los...

— Não — Interrompe Thatcher. — Então eles vão começar a *assediá-la*.

— Eu posso fazer isso — Luna oferece. — Este pode ser o meu quarto. — Minha irmã começa espiando por baixo da cortina.

— Luna, não! — Eu grito, e antes que eu tente deslizar para fora da cama, Janie já estava puxando minha irmã para longe das vidraças.

Paparazzi esperam na rua todas as noites. As lentes das câmeras estão constantemente apontadas para minha janela. E há 100% de chance de importunadores com uma enxurrada ridícula esta noite. Não quero isso para ninguém da minha família ou ESO.

Quinn ajusta as cortinas, o quarto totalmente escondido da rua. Farrow me olha e gira seus anéis de prata.

— FARROW! MAXIMOFF!! QUEM FICA POR BAIXO?!

Eu estremeço. Sangue fervendo.

Oscar rapidamente se dirige a Jack e Akara, falando baixinho com os dois.

Estou colocando Farrow nessa situação fodida. Se ele não tivesse um relacionamento público comigo, ninguém gritaria isso em uma maldita rua da cidade.

— QUEM TOMA NO CU?!

Você está de sacanagem comigo?

Estou prestes a me levantar, mas Farrow me puxa de volta para a

cama.

Rapidamente, ele se vira de lado e coloca as pernas sobre as minhas. Enjaulando-me. — Não deixe essa merda te incomodar — Ele diz facilmente, e em seu periférico, ele está assistindo ESO bolar um plano. — Porque meu instinto natural é defender você, lobinho, e sei que o seu é me defender, mas somos um alvo juntos e temos que aguentar alguns desses golpes. — Ele olha mais fundo em mim.

Alguns desses golpes.

Nem todos eles.

Nós dois temos nossos limites. Mas esses intrusos não devem ser um ponto de ruptura. Isso é fácil em comparação com o que mais poderia ser jogado em Farrow.

Meu peito sobe.

As pessoas sempre tentaram ferir quem eu amo. Meus pais, minhas irmãs, meu irmão, toda a porra da minha família. Ataques *online*, na rua.

E agora o mundo sabe que amo Farrow.

Você sabe que eu estou apaixonado.

De verdade.

Tudo que eu quero é protegê-lo, e tudo que ele quer é me proteger. Tem sido o nosso lema desde o início. Mas Farrow está acostumado com as pessoas zombando de mim, me odiando, cagando em mim. Não estou acostumado a vê-lo sob um holofote ardente que deixa cicatrizes.

— Isso não é fácil — Admito.

— Eu sei — Ele diz como se tivesse encontrado essa irritação, essa frustração e raiva várias vezes enquanto estivemos juntos em particular. Quando ele não tinha permissão para erguer os punhos para me proteger.

Basta levar o golpe.

Eu inclino minha cabeça para trás, meus músculos doloridos me implorando para relaxar.

— MONTE SEU PAU!!

Farrow levanta e abaixa as sobrancelhas em um aceno provocador.

Eu lambo meus lábios, aquecendo de uma maneira melhor. — Nunca vai acontecer.

Ele inclina a cabeça e sussurra: — Definitivamente já aconteceu.

— Já? — Finjo confusão.

Ele revira os olhos em uma risada curta – e então ele percebe o mesmo que eu.

— Cobalt, o que diabos você está fazendo?

Minha melhor amiga prende uma bolsa de lantejoulas em seu pijama de vovó. Ela tem um canivete e *spray* de pimenta lá dentro, e nós a vemos encaixar rapidamente em chinelos felpudos de gato.

— Janie — Eu chamo, já descobrindo por que ela está com raiva. — Podemos postar um vídeo no *Instagram*. Você não precisa enfrentá-los na porra da rua.

Jane amarra o cabelo em um rabo baixo. — Existe uma linha ousada, Moffy, e esses tolos a cruzaram.

— Eles são idiotas *bêbados* — Eu lembro a Jane. — Eles estão aqui para incitar um de nós. Isso é a porra do que eles querem. — Eu já disse tudo isso um milhão de vezes para mim mesmo. Logo antes de acertar um soco na mandíbula de um intruso. Às vezes, esses fatos parecem sem sentido, mas temos que repeti-los um para o outro. Para nós.

Ou então vamos todos enlouquecer.

Charlie e Beckett observam sua irmã com cuidado, mas não se levantam e se juntam a Jane.

Ela abre a bolsa e pega sua lata de *spray* de pimenta enquanto marcha para a porta, guardada por Thatcher.

Jane o alcança e levanta o queixo, já que ele é trinta centímetros mais alto.

— Desculpe-me, Thatcher, mas há pessoas com quem preciso conversar em nome do meu melhor amigo. Afasta-se.

Sim, tudo bem, estou sorrindo.

Thatcher nunca cede. — Não posso, Jane.

— ENFIE SEU PAU NELE!!

Farrow de repente estende a mão para a gaveta da cabeceira. Para um preservativo?

Não.

Não há absolutamente nenhuma maneira de ele pegar uma camisinha.

Jane limpa a garganta. — Sr. Moretti — Ela tenta novamente —, eu preciso quebrar alguns paus. Você pode, por favor, se afastar? — Seu rosto zangado enruga o nariz.

— Não...

— MAXIMOFF HALE VAI FODER UMA ESTRELA PORNÔ!!

O sótão fica em silêncio. Ninguém está falando.

Os tiques da mandíbula de Farrow. Aquilo o atingiu. Eu fico rígido.

As notícias do leilão provavelmente chegaram às manchetes e eu ainda não verifiquei a internet. Não sei como o mundo inteiro percebe meu relacionamento com Farrow. Propositamente.

Mas agora penso na estrela pornô.

Penso no que as pessoas devem estar dizendo *online*, se estão chamando meu relacionamento com Farrow de uma porra de farsa ou não monogâmico ou talvez apenas pensem que estou o traindo.

Não sei.

E agora, eu preciso saber. Daí, posso defender meu namorado com um *tweet*, um vídeo do *Instagram* e um banner de avião sobre o Oceano Pacífico.

Enquanto Jack, Oscar e Akara perto da janela – provavelmente com um plano que não envolve o último recurso: chamar a polícia por perturbação

do ruído – procuro meu telefone debaixo das cobertas.

— O que você está fazendo? — Farrow pergunta.

Encontro meu telefone emaranhado nos lençóis. — Olhar a internet...

— Farrow pega meu telefone. — Vamos olhar juntos. Lá embaixo. — Ele desce da cama, ficando de pé. E enquanto ele penteia o cabelo para trás uma terceira vez, percebo que ele tem algo sério para me dizer.

Em particular.

Eu me levanto, a dor na minha clavícula batendo de forma mais consistente do que meia hora atrás. Farrow dá a volta na cama, tomando cuidado com os colchões de ar, e Oscar abre a janela com um puxão. Jack coloca a cabeça para fora com Akara.

— Maximoff não está aqui! — Jack grita. — A produção está se preparando para o show! Vocês todos precisam ir embora!

— Ou vamos chamar a polícia por perturbação do barulho! — Akara ameaça.

— AKARA KITSUWON! — Uma garota bêbada grita. — ME PROTEJAAA!!

Akara grita mais uma ameaça e sai da janela. Aborrecimento marca sua testa. Não consigo imaginar o quão frustrante a falta de anonimato deve ser para ESO.

Enquanto Jack fecha as cortinas, todos eles discutem sobre esperar para ver se os gritos pioram ou diminuem.

Chego em frente a Farrow antes que ele chegue à porta. Só para que eu possa dizer a Thatcher: — Estamos apenas indo para a cozinha. Preciso de mais gelo.

Thatcher acena com a cabeça, sem discutir, e passamos.

Maximoff Hale

ESTAMOS NA DESPENSA da cozinha. Eu diria que eu nos trouxe até aqui, mas claramente fui atrás de Farrow, com a clavícula quebrada e tudo. Estou mais lento, mas agora não estou tão frustrado com isso e ele não está me provocando, já que estamos lidando com coisas mais pesadas. Até a cintura em areia movediça.

Juro, não temos uma folga.

Farrow puxa o fio da lâmpada do teto. Um brilho quente se projeta nas prateleiras de madeira desordenadas, abastecidas com caixas de cereais, barras de proteína, doces e biscoitos.

Nós dois concordamos neste ponto.

A despensa é o local mais sossegado da casa. Farrow e eu transamos nessas prateleiras mais de uma vez. Áspero o suficiente para que, enquanto eu batia nele, latas de sopa caíssem no chão. Ninguém no andar de cima ouviu, e com a porta trancada agora, nossas vozes não deveriam ecoar escada acima.

Portanto, é à prova de clímax.

Estendo minha mão esquerda para o meu telefone que ainda está nas mãos de Farrow.

Ele descansa o cotovelo ao lado de uma caixa entreaberta de *Pop-Tarts*, sem abrir mão do meu telefone. Ele inclina a cabeça para mim.

— Eu falei sério quando disse vamos olhar juntos.

Eu não estou ao lado dele ainda. — Farrow, me deixa verificar os tabloides.

Ele franze a testa. — Você percebe que já lidei com trolls da internet chamando *você*, *meu namorado*, de saco de merda, um idiota fodido, um bastardo mimado e muito, *muito* pior. Eu não poderia fazer porra nenhuma e,

ainda assim, estou aqui. Ainda não desabei, então, do que diabos você está me protegendo, Maximoff?

Farrow está acostumado com os trolls da internet me assediando, mas é uma sensação diferente quando as opiniões indesejadas são sobre *nós*.

— Arruaceiros de rua são minha criptonita — Admito, então faço um gesto para o peito dele. — Comentários irritantes e não solicitados sobre nosso relacionamento serão seus.

Farrow está perto de balançar a cabeça, mas se detém e olha para o teto da despensa. Encolhendo-se ligeiramente. Olhos avermelhados. Ele esfrega a boca algumas vezes. Estamos juntos a cada minuto acordados por quase um ano inteiro.

Eu o conheço.

Eu *conheço* Farrow pra caralho como ele me conhece. Ele lhe dirá que não tem melhores amigos. Ele tem dois que trata como irmãos. Ele dirá que é um livro aberto. Mas é um livro que ele só permite que o namorado abra. Sua casualidade aparenta para alguns como indiferença. No entanto, ele vive para salvar as pessoas.

Ele é independente e autossuficiente, mas busca companheirismo e amor.

Se ele disser que vocês são “pessoas boas”, ele ficará ao seu redor e você ficará feliz. Porque ele é o tipo de homem que coloca toda a sua alma naquilo que ama, e se ele te amar, *Deus proteja*.

Então, quando seus olhos se voltam para os meus, eu digo: — Eu conheço você. Você mal consegue suportar Beckett se intrometendo em nosso relacionamento. Você acha que pode engolir o mundo inteiro?

Farrow toca seu brinco de obsidiana, refletindo por um milissegundo. — Você acha que pode aguentar? — Ele me pergunta. — Não é como se você tivesse um relacionamento público antes de mim. Eu sou o seu *primeiro* — esperançosamente seu último. Você também nunca experimentou essa merda.

Esperançosamente seu último.

Eu me apego a essas três palavras. Sem piscar para ele.

Farrow está tentando ler minha expressão em um ritmo alarmante. Ele está nervoso? Eu acho...

Acho que ele está nervoso.

Isso me deixa dez bilhões de vezes mais nervoso.

Meu pulso acelera, o coração bate forte no peito, e a respiração de Farrow acelera como se ele estivesse correndo a mesma maratona. Ele coloca meu telefone em uma prateleira.

— Você ainda está chapado? — Pergunto.

— Não. — Farrow continua varrendo meu rosto para ver minha reação. — De jeito nenhum.

— Também. — Estou completamente lúcido, bloqueando mentalmente qualquer dor, porque não consigo superar essas três palavras.

Esperançosamente seu último.

Ele quer ser meu último, e não está apenas dizendo isso na beira da estrada, pensando que estou prestes a morrer. Ele está dizendo isso quando estamos prestes a enfrentar a tempestade mais difícil juntos.

Farrow passa as duas mãos pelo cabelo branco pintado, elevando o peito.

— Maximoff...

— Eu sou seu cara para sempre? — Apenas perguntei.

Seus olhos estão vermelhos, tanta emoção o atingindo, então em mim, e ele diz: — Eu não quero te assustar...

— Você não está me assustando — Eu balanço minha cabeça repetidamente, meu pulso em uma subida de foguete.

Ele tamborila uma prateleira com a ponta dos dedos, prolongando o que você quiser chamar esse momento. Quando ele fala, cada palavra sai como cinquenta toneladas de tijolos que ele está puxando para a frente. —

Receio que, se eu disser mais alguma coisa, vou perder você... podemos fazer isso outro dia...

— Por que diabos você me perderia? — Eu o corto, sobranceiras franzidas.

Ele inclina seu peso para trás. — Vamos realmente fazer isso agora — Ele percebe.

— Sim, a menos que você queira que eu pense demais no próximo milênio.

Sua boca se estica. — Eu não demoraria tanto, lobinho. — Mas o sorriso fugaz desaparece completamente enquanto ele processa o que precisa dizer.

Seu olhar sobe lentamente para encontrar o meu. — Veja, você tem vinte e dois anos e eu sou apenas o seu primeiro – e há alguém melhor do que eu lá fora. Merda, até Oscar está esperando que você perceba isso, e eu larguei minha cota de caras. Pela primeira vez, sou eu que estou apavorado... — Ele se interrompe, me olhando com atenção. — Você parece petrificado.

Eu limpo minha garganta. — Este sou eu parecendo nervoso — digo a ele, minhas sobranceiras franzidas e olhos um pouco arregalados. Na verdade, estou com medo de *perdê-lo* em toda essa conversa.

Talvez seja por isso que preferimos brincar do que ter conversas sérias.

Sempre demoramos um pouco para chegar ao centro, mas geralmente damos um jeito.

Seu sorriso começa a se ampliar para novos níveis profundos. — Eu já vi você nervoso muitas vezes. Não é assim.

— Não *muitas* vezes — Retruco. — Às vezes, *algumas* vezes... nenhuma vez. Menos que você.

Farrow ri e, quando o som diminui, nossos olhos se fundem.

— Não há ninguém melhor do que você — digo a ele, seguro disso.

— E eu entendo por que você não tocou nisso antes. — Assinto para mim mesmo mais algumas vezes e paro por aí.

Farrow acena para que eu continue.

Eu finjo confusão. — Não é a sua vez? Tenho certeza de que é a sua vez.

Ele revira os olhos, mas eles pousam em mim quando diz: — Então você deve saber que é uma parede de tijolos quando se trata de merda futura, particularmente o *nosso* futuro.

Eu assinto fortemente. — Altamente ciente. — Eu penso em como dizer isso perfeitamente, mas não acho que haja uma maneira perfeita. — Eu sempre pensei que nunca estaria em um relacionamento... por mais que eu analisasse demais minha vida, eu nunca me permiti imaginar um namorado, muito menos algo mais...

Farrow apoia os cotovelos na prateleira atrás dele. — Eu imaginei, mas você percebe que me teve por um tempo. Porra, sempre que eu mencionava casamento, mesmo de brincadeira, você parecia prestes a mijar nas calças.

Eu faço uma careta. — Pareci?

— Sim — Ele assente.

— Não estou bem agora. — Passo minha mão pelo meu cabelo grosso – um gemido de dor emaranhado dentro da minha garganta. *Essa porra dói.* Uma pontada aguda apunhala meu osso. Até mesmo levantar minha mão boa puxa meu ombro ruim às vezes.

— Cuidado — Farrow sussurra, preocupação aprofundando sua voz.

Algo incha no meu peito, mas eu continuo. — Acho que não queria pensar nisso antes — Explico — porque pensar significava *analisar demais* e, pela primeira vez, eu só queria viver no presente. Com você.

Farrow assente com a cabeça lentamente. Compreensão em seus olhos.

— Mas depois do acidente, tenho pensado muito mais sobre o resto da minha vida. Para onde vou a partir daqui, e agora não consigo parar de pensar em nós e nisso.

— Casamento — diz ele com naturalidade.

— *Casamento* — digo com ênfase teimosa, não alérgico à palavra. — Sim. Eu fico pensando... — Aponto para minha cabeça, mais cuidadoso dessa vez. — Você ainda quer se casar algum dia? Talvez você não goste, talvez seja por isso que rejeitou a proposta do seu ex...

— Não — Farrow me interrompe, seu pé encostado para trás na prateleira. Ele parece calmo mesmo quando estamos discutindo tópicos que alteram a vida e mudam a Terra. — Cara, eu quero esse compromisso um dia. Eu só não queria isso com ele.

Então ele é pró casamento...

— Maximoff. — Ele chama minha atenção antes de eu olhar para o nada, e ele já se endireitou, não mais encostado nas prateleiras. Ele se aproxima até nossas pernas baterem juntas, seus dedos brincando com os meus dedos. E ele pergunta: — O que você quer, lobinho? — Ele agarra minha mão.

O que eu quero?

Quase posso sentir a chuva do local do acidente. Água beijando meu rosto e como Farrow pairava sobre mim. Como ele pintou um quadro de nossas vidas juntos. Décadas, *mais* — o que, para Farrow, significa uma extensão de tempo que dura para sempre.

Eu poderia ter morrido feliz dentro desse futuro, e não consigo pensar em um sinal maior do que isso.

Então eu sei... — Eu quero tudo o que você disse na chuva. Tudo aquilo.

Farrow se lembra facilmente de cada palavra, e seus olhos acariciam os meus com carinho quente e terno. — Isso é bom porque parece que

queremos a mesma coisa.

Eu inalo como se não respirasse há eras. A única constante em meu mundo fora de ordem somos *nós* – Farrow e eu. Ouvi-lo dizer que quer ficar de pé ao meu lado, por muito tempo – é um maldito sonho.

O canto de sua boca sobe. — Você está sorrindo — Ele respira contra meus lábios antes de me beijar. Um daqueles beijos breves e provocantes que ardem. Ansioso por mais.

— Estou muito feliz — Sussurro, mas minhas sobrancelhas se fecham com o pensamento. — Estranhamente, já que estamos em uma situação de DEFCON 1.

Farrow assente e solta minha mão, só para poder voltar para as prateleiras. Ele pega meu telefone ao lado da caixa de *Pop-Tart*. — Você se lembra do que eu perguntei a você?

Eu tento rebobinar meu cérebro, mas tudo que eu lembro é *esperançosamente seu último*.

Um sorriso conhecedor surge em seu rosto. — Eu disse que você também nunca experimentou essa merda. Você não pode saber como isso vai afetá-lo quando ler sobre nós. — Ele faz um gesto de *chega mais* com dois dedos e desbloqueia meu telefone com a senha.

Eu me aproximo dele, minha tipoia vermelha roçando grosseiramente meu peito. — Eu também tive paparazzi e jornalistas perguntando sobre minha vida amorosa desde os *quatorze* anos. — Nossos olhos se encontram. — Já lidei com especulações antes. Talvez não sobre nós, mas estou mais bem equipado para isso.

Farrow espera para abrir uma página da web. — OK, mas não estou sentado à margem. Prefiro aprender a lidar com isso do que evitá-lo.

Eu concordo. — Eu vou logo atrás nisso.

Ele pega a caixa de *Pop-Tart*. — Isso é porque você adora ficar atrás de mim. — Farrow abre a embalagem de massa individual prateada com os

dentos, seu sorriso me destruindo.

Meu sangue esquenta, mas também dou uma olhada no telefone em sua outra mão.

— Deixe-me preparar você primeiro.

Suas sobrancelhas se erguem. — Me preparar?

Eu descanso minha mão no meu pescoço, a tensão no meu músculo é desconfortável. — É o que eu costumava fazer quando era mais jovem. Você diz a si mesmo o que as pessoas provavelmente estão dizendo antes de vê-lo ou ouvi-lo – dessa forma, não machuca tanto.

Farrow me passa o *Pop-Tart* de canela. — Você se prepararia. Embale seu equipamento de sobrevivência, lembre-se de seu bote salva-vidas...

— Tudo bem — Eu o interrompo. Eu entendo que ele é *ele* e eu sou *eu* e vamos lidar com cada crise de forma um pouco diferente. Mas eu tinha que oferecer, de qualquer maneira. — Então, você não quer um bote? — Dou uma grande mordida no *Pop-Tart* frio.

Faz uma eternidade que não como, e Farrow sabia disso. Ele também deve saber que eu não ficaria tão enjoado. Meu estômago inquieto fica instantaneamente grato pela comida. Acalmando-se.

— Sem bote — Ele confirma, digitando no meu telefone. — Vamos mergulhar, lobinho.

Eu sou o melhor nadador, então nesta analogia ou metáfora, posso salvá-lo se a corrente o puxar para baixo. Eu me pergunto se ele está pensando nisso. Eu me inclino para trás, as prateleiras cavando em minha espinha, mas meu lado está contra o de Farrow, nossos ombros quase na mesma altura. Ele envolve o braço na minha cintura e pesquisa na internet com a outra mão.

O gato de Janie arranha e mia na porta da despensa, cortando o curto silêncio.

— Tente o *Celebrity Crush* primeiro — digo a ele.

Ele digita o tabloide no mecanismo de busca e, assim que chegamos à página inicial, ambos lemos a maior manchete: *Popular estrela pornô masculina compra noite com Maximoff Hale em leilão beneficente.*

É bem genérico.

Algo que ambos esperávamos.

Engulo o resto do *Pop-Tart* enquanto Farrow clica no artigo. Ele rola muito rápido. Leitura dinâmica, e então ele chega aos comentários, desacelerando...

É tudo uma porra de uma farsa. O relacionamento deles é #FAKE

Ugh. Por que ele deixaria uma estrela pornô comprá-lo se ele está namorando alguém? Nojento.

Eles não têm química mesmo. Isso só confirma.

Ele só está namorando Maximoff para ficar famoso.

Meus olhos ficam vidrados com mais do mesmo, e eu faço o que meus pais sempre me disseram para fazer.

Eu respiro.

Lembre-se de que eles não me conhecem, eles não nos conhecem.

Repita.

Eles não nos conhecem.

Suas opiniões são apenas opiniões e eles não vivem dentro do meu corpo e fazem minhas escolhas. O mundo observa minhas falhas, meus erros, e você critica a mim e ao meu relacionamento, mas no final, você não tem uma visão completa. Qualquer narrativa que você criou é da sua cabeça.

Eu olho para o meu namorado. Ele continua lendo os comentários,

seu exterior frio não abalado, mas seus olhos parecem apertar. Então, algo o está incomodando.

Eu estendo meu braço esquerdo em suas costas e seguro seu ombro. — Eles não nos conhecem — digo a Farrow. — Eles nunca nos conhecerão de verdade.

Ele faz uma pausa na rolagem. — Eu não entendo por que eles diriam que estou nisso pela fama. Eu mal estive em sua mídia social até agora.

Desde que estou lidando com o leilão, não postei muito nas últimas duas semanas. As fotos dele no meu *Instagram* são as fotos de *Amantes como nós* da renovação dos votos de meus pais e uma em que ele está preparando o café da manhã. Ainda nem gravei *stories* no *Instagram* com Farrow.

— Eles vão inventar qualquer coisa do nada — digo, mas percebo como ele está obcecado com outro comentário de *puta por fama*. — É isso que está afetando você?

Farrow rola novamente. — Tudo está me consumindo de maneira diferente, mas as pessoas questionando minhas intenções com você provavelmente é a coisa que menos gosto.— Ele olha para outro comentário em um artigo diferente. — Sou protetor com você, lobinho, e a ideia de as pessoas acreditarem que estou fodendo você por... — Sua mandíbula pulsa.

Não está se encaixando bem nele.

Antes que eu possa responder, Farrow acrescenta: — Veja, eu entendo como isso funciona: eu apareço mais nas suas redes sociais, só reforço a besteira de ‘ele está nisso pela fama’, mas *caralho* — Ele solta uma respiração profunda e agravada.

Não há como consertar.

Depois de estar perto da minha família, ele também sabe disso. As pessoas sempre acreditarão no que quiserem acreditar – e isso vai doer. Com os boatos sobre minha paternidade, senti que precisava gritar e gritar para que as pessoas me ouvissem.

Eu ainda tenho que falar sobre a verdade. Como meu pai é Loren Hale. E ocasionalmente usarei vermelho para homenageá-lo. Como agora, escolhi conscientemente uma tipografia vermelha. Mas usar minha voz é a melhor coisa que posso fazer. É por isso que *Somos Calloway* existe.

Meu braço dolorido cai em seu quadril. — Eu ia pedir para você fazer um vídeo no *Instagram* comigo, mas se você se sentir melhor se afastando das redes sociais, eu entenderia.

Eu ficaria bem com o que ele decidir, já que isso é novo para ele e já que meu mundo é o que está mudando drasticamente sua vida.

— Eu não tenho que postar fotos nossas...

— Não — Farrow diz, desligando meu telefone. Ele se vira para mim, apoiando o antebraço na prateleira, e abre a boca para falar, mas eu me antecipo.

— Juntar-se a mim em vídeos, postar mais fotos juntos, não vai mudar a percepção do público da maneira que você deseja — Eu o lembro.

— Provavelmente vai piorar — Concorda Farrow. — Estou pronto para isso, lobinho. — Ele passa o polegar sobre o piercing no lábio.

— Tem certeza? — Pergunto.

Farrow percebe que estou observando sua mão e seus lábios começam a se levantar sob o polegar. Ele move a mão para a parte de trás do meu pescoço.

Seu aperto parece melhor do que bom.

E seu olhar mergulha em mim. — Quando eu amo alguém — Ele diz em um sussurro rouco —, eu amo essa pessoa *com orgulho*, e você merece essa merda dolorosamente normal e romântica mais do que ninguém. Tudo o que você nunca teve. Todas as fotos que você posta, todos os vídeos que você faz sozinho, eu quero estar neles — e me mataria não dar isso a você. Especialmente agora que somos públicos.

A declaração me oprime. Eu engulo a bola na minha garganta. E eu

me concentro em quão rápido isso foi para Farrow. — Bem desse jeito? — Pergunto, minhas sobrancelhas apertadas. — Você nem pensou nisso.

— Porque eu faço o que eu sinto que é certo, não apenas o que acho certo. — Sua mão sobe para o meu cabelo, e a minha desce para o bolso de trás.

Farrow ouviu seus instintos e tenho ignorado os meus, que gritam comigo há semanas a fio.

Uma clareza repentina toma conta de mim. E eu digo: — Estou cancelando o *Noite com uma Celebridade* — Satisfeito com essa escolha.

Seu aperto na parte de trás da minha cabeça é duas vezes mais protetor, dez vezes mais reconfortante. — Quando você decidiu isso? — Ele pergunta, examinando minhas feições em busca de sinais do que estou sentindo.

— Agora mesmo. — Olho para ele. — Tenho lutado contra o que acho certo. Sempre que *Noite com uma Celebridade* é mencionado, é como se um parasita rastejasse pelo meu corpo. — Estremeço. — Eu não posso fazer você passar por essa maldita noite. Não posso deixar minha irmã ou meus primos passarem por essa noite. Eu não me importo se vocês estão dispostos a seguir em frente com isso – algo dentro de mim está me implorando para simplesmente parar.

Preocupação estreita seus olhos – Farrow parece que quer me abraçar pra caralho. Mas com meu osso quebrado, ele só pode se aproximar. — Maximoff. — Ele sussurra meu nome como se estivesse acariciando cada sílaba. — Merda, se eu soubesse que você estava se sentindo assim... pensei que você fosse apenas paranoico.

Também isso. — O que você teria feito se soubesse? — Pergunto, meus olhos traçando as asas e espadas cruzadas pintadas em seu pescoço.

— Eu teria dito a você que, se algo é tão parasitário que todo instinto está gritando para você parar, então pare. Porque nesse ponto, fazer isso não

está beneficiando o que ou quem você ama. É machucar algo ou alguém que você ama. — Ele passa a mão pelo meu cabelo grosso. — E, então, eu teria te abraçado.

Eu encaro sua boca por um segundo, meu sangue quente. — Ou eu teria abraçado você.

Farrow não brinca como de costume, ou mesmo diz que *teríamos nos abraçado*. Ele está focado no ponto crucial da minha escolha. — Você vai perder seu emprego pra valer.

Se ninguém passar a *Noite com uma Celebridade*, Ernest Mangold não me dará uma segunda chance de ser reintegrado como CEO da H.M.C. Filantropia.

Isso não me abala. Eu inalo uma respiração mais forte. — Acho que estou bem com isso.

Algo dentro de mim mudou. Não sei dizer se estou apaixonado ou quase morrendo ou talvez apenas envelhecendo, mas algo em mim está diferente. E ser CEO da minha empresa não parece mais tão importante. Também reconheço que estou deixando a riqueza da minha família nas mãos de um idiota. Mas Charlie ainda está no Conselho do H.M.C., e preciso confiar que ele cuidará de nossas famílias.

Eu estou deixando ir.

— Tudo bem para você? — Pergunto-lhe.

Seus olhos escovam minhas maçãs do rosto. — Você parece mais aliviado e agora não há nenhuma estrela pornô. Isso é uma vitória de qualquer maneira que você olhar.

Eu penso sobre Ace Steel. Como ele era uma estrela pornô *hétero*. Não entendo isto. — Eu me pergunto o que Ace Steel queria...

— Você não precisa se perguntar — Interrompe Farrow.

Fora da minha confusão, ele estende a mão para trás e então guia minha mão que lentamente rastejou em direção ao bolso de trás para o

referido bolso. Agarrar a bunda não faz sentido... até sentir o contorno de um cartão.

Isso é o que Farrow deve ter tirado da mesinha antes. Que eu teorizei ser uma camisinha.

Não um preservativo.

Um cartão de visita.

— Aquele idiota me disse o que queria quando estávamos no leilão — Explica Farrow. — É por isso que eu queria falar com você em particular, em primeiro lugar. — O tópico continua confuso.

Eu leio o cartão e congelo imediatamente ao ouvir o nome: *Sensual Flixxxs*.

— Esta empresa pornô costumava me ligar uma centena de vezes quando eu fiz dezoito anos. Tive que bloquear o número deles. — Eu olho para Farrow.

Sua mandíbula endurece. — Imaginei. Aparentemente, eles enviaram Ace em seu nome para convencê-lo a fazer uma cena. Ele disse que a empresa achou que seria capaz de vender a ideia para você, já que ele é um profissional do sexo, e não um produtor.

Eu franzo a testa. — Eles realmente pensaram que eu transaria com outra pessoa, mesmo estando com você?

— Não. — Farrow solta uma risada curta e irritada com a memória. — Ele me disse – e cito – ‘Sexual Flixxxs quer filmar a porra de Maximoff Hale na bunda de Farrow’, e eu disse que eles poderiam me filmar socando o cu de Ace com um martelo.

Como Farrow é literal na maior parte do tempo, essa ameaça ou oferta parece mais real do que a minha teria sido. No entanto, acho que teria apenas socado a estrela pornô.

Meu rosto se contorce enquanto eu processo. — Então eles gastaram milhões de dólares comigo, apenas para uma reunião? Na esperança de que

concordássemos em foder diante das câmeras, e o que... eles esperavam lucrar com o vídeo? É uma aposta insana.

— Eles não conseguiam falar com você — diz Farrow. — O leilão foi a única maneira de eles respirarem na porra do seu pescoço. Se eles pensassem que poderiam manipulá-lo durante a noite individual, poderia ter valido a pena do lado deles.

Se minha escolha de cancelar as noites do leilão ainda não estava consolidada, agora está marmorizada, grampeada e gravada em pedra.

— Isso nunca vai acontecer. — Estou prestes a rasgar o cartão de visita, mas só tenho uma maldita mão. Então, eu o amasso em meu punho.

Maximoff Hale

COISAS QUE REALMENTE fodem com uma clavícula quebrada:

Usar cinto de segurança.

Abotoar minhas calças.

Tomar um banho.

Foder estilo ‘papai e mamãe’ – não é fácil.

Andar a uma velocidade mais rápida do que lento, é insuportável.

(Veja em cada página: tentando acompanhar Farrow Redford Keene.)

Digitar em um computador – pareço um maldito dinossauro.

Andar de carro.

Esse último eu estou sentindo dez vezes. Cada pequeno solavanco na estrada empurra meu ombro e a dor perfura minha clavícula como um milhão de agulhas serrilhadas cutucando e cortando a carne.

Eu respiro.

Eu tento respirar. Sempre que Farrow está ao volante, ele evita buracos e ruas mal pavimentadas enquanto dirige devagar. Cautelosamente. Mais do que nunca. Então, não é ele.

A culpa é exclusivamente da minha clavícula, que não cicatriza na velocidade da luz como eu esperava. É por isso que estou praticamente agradecendo aos céus quando finalmente chegamos à casa dos meus pais.

Meu velho Basset Hound cumprimenta Farrow e eu no *foyer*. — Gotham — Sorrio e me curvo como uma tábua dura. Só para arranhar suas orelhas caídas.

Ele baba em mim e, enquanto tenta ancorar as patas em meus ombros, Farrow joga uma bola de tênis – não pergunte, não sei onde ele encontrou isso

—, mas Gotham está mais interessado em mim. Lambendo minha bochecha.

— Ele me ama — digo a Farrow, acariciando o torso de meu Basset Hound e mantendo suas quatro patas no chão.

— Não estou surpreso — diz Farrow enquanto olha para as fotos de família penduradas na parede do *foyer*.

Eu me levanto, rígido. — Porque sou facilmente amável.

Ele me dá um olhar aguçado. — Porque os cachorros amam todo mundo.

Pisco lentamente enquanto seu sorriso cresce, e não tenho chance de responder. Vozes na cozinha chamam nossa atenção. Saímos do *foyer* e passamos pela minha sala de estar. Estatuetas de super-heróis se alinham em algumas estantes de livros e quadrinhos de edição especial dos *X-Men* são emoldurados acima de um confortável sofá seccional.

Assim que entramos na cozinha espaçosa, avistamos meu pai e meu tio. Ambos imediatamente param o que estão fazendo, suas cabeças se voltando para Farrow e para mim. Tio Ryke está com a mão no liquidificador e o motor para.

Meu pai abandona um volume de *Love and Rockets*, de Jaime e Gilbert Hernandez, que estava lendo no balcão da ilha.

O silêncio cai, ambos me varrendo como se estivessem verificando e estabelecendo minha mortalidade. É a primeira vez que eles me veem desde a cirurgia, e mal prestam atenção em Farrow, que sai do meu lado e abre a geladeira.

Ele pode muito bem estar usando uma capa de invisibilidade.

Corto a tensão dizendo: — ‘Duas paradas até a morte e direto até de manhã’ — É uma fala com uma citação de *Peter Pan* que sei que meu pai vai entender.

Ele entende.

Ele olha para mim e diz: — Nem mesmo uma boa piada.

— Terrível pra caralho — Ryke concorda.

Eu pego uma garrafa d'água que Farrow joga para mim.

— *Pega leve* com ele — Meu pai adverte, a voz extremamente afiada.

Farrow desacelera seus movimentos enquanto volta para a geladeira, olhando para meu pai com mais incerteza.

— Pai, estou bem. — Eu amo que Farrow não está me tratando como um filhote de cachorro ferido. *Por favor, Deus, não deixe isso mudar.* — E Farrow é médico. — Meu pai está apenas esperando a resposta de Farrow.

Farrow fecha a porta da geladeira, com um pote de amoras na mão, e se recosta casualmente. Mas suas sobrancelhas se contraem. — Confie em mim, não vou machucar seu filho.

Meu pai pondera sobre isso por um segundo, e eu chamo sua atenção quando me dirijo para Farrow. Estou abrindo minha garrafa d'água. Nada bem.

Tio Ryke também está concentrado em cada passo meu. Como se eu pudesse quebrar.

Mal consigo olhar para o meu tio. Não nos falamos desde o hospital e não consigo imaginar o que ele pensa de mim. Suas filhas são sua vida, seu mundo, e eu deveria cuidar delas. Em vez disso, Winona acabou em um acidente de carro comigo. Precisando de pontos no *rosto*.

Esse fato dói tanto quanto a curta caminhada até a geladeira. Eu expiro uma respiração medida pelo meu nariz. Farrow me olha com um aceno caloroso e enfia uma amora na boca. Seus dedos tatuados movendo-se meticulosamente.

— Farrow — Meu pai diz, capturando nosso olhar. —, Moffy está se esforçando demais? Porque ele parece uma merda.

— Estou bem aqui — digo ao meu pai.

Ele abre um meio-sorriso. — Estou falando com seu namorado.

— Nunca ouvi sobre ele. — Olho para Farrow. — Você sabia que eu

tenho um namorado?

— Sim. — Ele me observa olhar seus dedos pegarem outra amora. —
Porque minha memória é melhor que a sua.

— Não importa, eu me lembro — digo e tomo um gole d'água.

Farrow abre um largo sorriso como se fosse tarde demais. Eu já perdi qualquer pista que eu tinha. E ele responde à pergunta anterior do meu pai com: — Ele é Maximoff. Forçar demais a si mesmo é basicamente seu nome do meio.

Meu pai se inclina para a frente em sua banqueta, olhando para mim.
— Engraçado porque não te dei um nome do meio.

— Mesmo? — Eu limpo minha boca com as costas da minha mão. —
Eu poderia jurar que fui nomeado Maximoff da Porra Hale.

Meu pai se encolhe com minhas feições. — Que tal Maximoff-mais-pálido-que-minha-bunda-Hale? Você está tomando alguma coisa?

Tio Ryke pulsa o liquidificador. — A porra do *Toradol* deveria ajudar, mas você deve conversar com seu médico primeiro. — O líquido verde se agita no copo.

Eu não tenho um médico de cuidados primários, e essa coisa não dita deixa Farrow visivelmente tenso ao meu lado. Ele fecha o recipiente de amoras.

Toradol. — Isso é um narcótico? — Pergunto.

— Não — Ryke diz e derrama seu *shake* em uma garrafa térmica para viagem.

— Ele está tomando alguns AINEs⁵ decentemente fortes — Responde Farrow.

— Então, pare de se movimentar — Meu pai grita para mim, sua voz afiada e áspera. — Você nem deveria estar aqui. — Ele aponta para a porta. — Cama. Descanso...

— Eu tenho coisas para fazer — Interrompo. O que... é mentira. Não

tenho nada para fazer agora que não tenho emprego, mas não posso apenas descansar.

Eu quero me mexer.

Nadar.

Correr.

E tenho uma ultramaratona para treinar – *prometi* a Sullivan que correria com ela no Chile. Não perco por nada. Nem mesmo uma clavícula quebrada. E isso... essa é a última coisa que preciso revelar na frente do meu pai e do meu tio. Eles vão me bombardear assim que a palavra *ultra* sair da minha boca.

As sobrancelhas do meu pai franzem para mim. — Sua mãe e eu não te ensinamos a arte de ser um viciado em televisão? Jesus Cristo, eu realmente falhei como pai.

Ryke quase ri, mas ele se vira mais para mim. Desta vez, não desvio o olhar. E ele me diz: — Você tem tempo para se reabilitar, seu pai está certo. Com essas malditas primeiras semanas, você precisa ir com calma.

Congelo ainda mais do que já estou. Ryke está oferecendo conselhos como se este fosse apenas mais um dia da minha vida. Não o dia seguinte à filha dele... Balanço a cabeça, confuso.

Quase desejando que ele me odiasse. — Você não está chateado? — Eu pergunto.

Suas sobrancelhas franzem. — Chateado?

Farrow envolve um braço ao meu lado. Ele sabe. Ele sabe que estou me culpando por isso e não posso evitar. Não consigo impedir que a porra da culpa me ataque.

— Winona estava naquele carro conosco. — digo a ele. — Ela tem um corte...

— Vai sarar pra caralho — Ryke diz, franzindo a testa para mim. Agora ele está chateado.

— Vai deixar uma cicatriz...

— Não faça isso com você mesmo, amigo — Meu pai intervém.

Ryke acrescenta: — Você não poderia tê-la protegido de um acidente de carro. Isso não é da sua conta. Nunca coloque essa porra de peso em si mesmo.

Eu respiro.

Farrow observa minha expressão e acho que ele sabia que eu precisava deles. Ele tem insistido para que eu veja Ryke, talvez porque meu tio seja o único que pode chegar perto de me absolver.

Mas sempre me pergunto se poderíamos ter evitado o acidente de alguma forma. De qualquer forma. Ficado no beco, esperado a tempestade passar. Se Charlie ou Farrow tivessem dirigido desde o início. Se parássemos mais cedo. Qualquer coisa, qualquer coisa diferente e talvez eles estivessem bem.

É preciso muita energia só para deixar Farrow na cozinha com meu tio e meu pai. Ele diria a você que pode lidar com as perguntas indiscretas e o sarcasmo afiado do meu pai, mas eu prefiro estar lá para aguentar metade da intriga.

Ainda assim, tenho um objetivo hoje.

Um que tem que ser feito sozinho.

Caminhando pelo corredor do segundo andar, paro em um quarto sem porta. Meu irmão de quinze anos, que cresce rapidamente, está esparramado na cama. Ele já tem um metro e oitenta e cinco e um dia antes do leilão, ele me mandou uma mensagem com uma *selfie* de pedaços de papel higiênico grudados em seus cortes de barbear. Sua mensagem: Barbeador Vs. Homem.

Ele está crescendo e vai se ferrar. E como seu irmão mais velho, estou tentando descobrir como minimizar esse dano e protegê-lo.

Eu tenho.

Em seu quarto, Xander usa fones de ouvido volumosos e folheia um romance de fantasia grosso.

Eu bato no batente da porta.

Ele olha para cima e desliza os fones de ouvido para o pescoço. Seu cabelo castanho liso está preso atrás das orelhas. — Ei, eu não sabia que você viria. — Seus olhos âmbar se iluminam como se ele estivesse genuinamente feliz em me ver.

Meu estômago revira porque a conversa que estou prestes a ter não vai ser agradável. E venho tendo-a dentro da minha cabeça, tentando determinar a melhor maneira de expressar essas coisas sem soar acusatório.

Mas é uma acusação, seja como for. Ele fez algo errado... ele *está fazendo* algo errado.

Antes de dizer qualquer coisa, eu ando mais para dentro de seu quarto. Distraído na área limpa e cintilante. Nada de montes de roupas no chão. Nenhuma lata de refrigerante enfiada debaixo da cama ou caixas de pizza vazias espalhadas pelo chão. Não parecia assim há meses.

O metal de seu cavaleiro blindado em tamanho real parece polido. Eu olho para o meu irmãozinho. — A mamãe cedeu e limpou seu quarto para você?

Xander bufa. — De jeito nenhum — diz ele. — Ela disse que se eu não limpasse, teria que fazer um inventário na Superheroes & Scones. — Ele fecha o livro. — Eu acho... eu realmente a assustei da última vez. Ela tem sido super rigorosa de novo.

Última vez.

Onde ele trancou a porta e recuou para um ponto baixo que assustou quase todos nós. É difícil tocar nessa memória. Aquela em que eu estava em turnê e recebi o telefonema de Kinney.

Mas eu voltaria para aquele lugar se ele precisasse de mim.

Estendo a cadeira da escrivaninha para perto da cama e me sento. — Você quer falar sobre isso, Summers? — Pergunto-lhe.

Ele considera por um longo momento, e então, balança a cabeça. — Na verdade, já passei por isso umas quinze vezes com o Dra. Kora. Você sabe que ela disse à mamãe e ao papai que, se ela não visse melhora, ela iria me recomendar ir a um centro de tratamento para depressão e ansiedade.

Eu o vejo abanar as páginas de seu livro. Eu não sabia sobre o centro de internação, mas não estou surpreso por não ter sido informado até agora. Não é algo que meus pais compartilhariam comigo, e eles deixariam Xander contar a quem ele quisesse em seu próprio tempo.

— Mas — Ele continua. —, há uma chance de zero por cento de eu ir. Veja isso. — Ele se levanta da cama e se aproxima da escrivaninha.

Eu rolo minha cadeira para trás, para fora do caminho para que ele possa se abaixar e abrir uma gaveta de baixo.

Xander pega uma cartolina dobrada. — Não ria, é difícil.

— Eu não vou rir — digo sério. Com toda a honestidade, isso é o mais animado que vi meu irmão em anos. Eu não sei o que mudou. Não sei se será um pontinho, mas estou emocionado por ele porque reconheço o quão grande isso é, mesmo que seja apenas hoje. Uma hora. Um momento. É alguma coisa.

Ele desdobra a cartolina. É uma colagem de diferentes trajés e tecidos medievais e inspirados na fantasia.

— Mamãe e papai ajudaram — Explica ele. — Eu já descobri a programação do LARP⁶ para este verão, e mamãe disse que, se eu quiser usar próteses para parecer mais com um elfo, posso. Assim, sabe, menos chances de ser reconhecido.

Ele está voltando ao RPG de ação ao vivo.

É maravilhoso.

Ele parou um tempo atrás, disse que simplesmente não estava

gostando mais. Apaixonar-se pelas coisas é algo que ele faz muito. Mas o LARP foi *tão* bom para ele que o tirou de casa.

Eu sorrio para os esboços de fantasias que lembram os elfos e hobbits de *O Senhor dos Anéis*. — Isso é incrível, cara. — Aponto alguns desenhos e tecidos, imaginando meu irmão vestido e solto no mundo. Fazendo algo que ele ama. — Qual é o seu favorito?

Quando eu olho para ele, ele quase sorri. — Este. — Ele esfrega um olho vítreo grosseiramente com a palma da mão e, em seguida, aponta para o esboço do elfo. — Mas estou pensando em usar o tecido vermelho. Eu não gosto muito de azul-claro.

Enquanto discutimos sua fantasia e o LARP, um pavor crescente começa a tomar conta de mim. E quando ele enfia o pôster na mesa, a pressão quase esmaga meus ombros.

Como diabos eu deveria falar das pílulas?

Xander está feliz.

Muito feliz. E talvez você não entenda. Talvez você não consiga, mas meu irmão está literalmente brilhando agora. Parece que ele encontrou uma garrafa de esperança e engoliu essa merda.

Não sei quanto tempo isso vai durar, e estou em conflito sobre o que fazer. Estou com medo de arrasar com essa situação e reagir de forma bruta. Eu preciso pensar sobre isso. Porque, por um lado, Xander precisa de seus remédios e esse outro cara não deveria estar tomando o remédio de outra pessoa. Por outro lado, Xander está melhor do que bem agora, e não posso destruí-lo.

O amor severo é fácil para mim, mas não a esse custo.

Aguardando meu tempo, pego sua estatueta Daenerys Targaryen de *Guerra dos Tronos* em sua mesa. — O que motivou esse novo amor pelo LARP novamente? — Pergunto.

Xander se joga de volta na cama. — Nada realmente. Parecia

divertido de novo. — Ele faz uma pausa e acrescenta: — Eu sei que você costumava ir comigo, mas acho que talvez eu deva ir sozinho dessa vez. Sem família. Tipo, eu amo vocês, mas vocês só tornam mais difícil às vezes... *misturar*. — Ele gesticula para mim.

Eu tenho sido notícia de primeira página ultimamente. Ir a público com Farrow colocou os holofotes sobre mim, e é uma pena que eu não possa experimentar isso com meu irmão por causa da atenção da mídia, mas quero que ele fique confortável.

Eu concordo. — Entendo.

— Não que eu possa me *misturar* tão bem sozinho. — O cabelo cai em seus olhos e ele o joga para trás. — Ontem houve um debate no *Tumblr* sobre minhas preferências de xampu porque mamãe foi fotografada comprando xampu masculino em um salão. Fiquei quase tentado a apenas raspar minha cabeça. — Ele toca o peito. — Mas então pensei – eu realmente preciso de mais adolescentes e pré-adolescentes agora com uma opinião sobre meu novo penteado?

Estou surpreso que ele tenha visto qualquer fofoca. Ele não deveria procurar por essa merda. — Como você soube disso?

— Foi no meu painel — Ele revira os olhos. — Eu estava apenas procurando por alguns *gifs* de Shannara. — Ele dobra os fones de ouvido e os fecha em um estojo. — Quer saber o que mais tem no meu painel? *Gifs* de você e seu namorado.

Eu não procurei ativamente por eles, e tenho que me conter para não pedir a ele para trazê-los à tona. Eu giro na cadeira da escrivaninha. Encarando-o melhor. — Pensei que você não seguisse blogs de cultura pop.

— Não sigo — diz Xander. — Vocês dois estão aparecendo no fandom do *The Fourth Degree*. Existe essa teoria de que mamãe vai pressionar o estúdio para escalar Farrow no próximo filme como Turner Clarke.

Cristo. — Eles não podem estar falando sério — digo. Turner Clarke é um personagem de história em quadrinhos tatuado que tem a habilidade de manipular mercúrio.

Xander dá de ombros. — Eles acham que Farrow é um aspirante a ator apenas namorando você pelas conexões.

Quase gemo e esfrego a nuca, sabendo que essa merda é o que frustra Farrow. — Não mencione isso a ele — digo a Xander. É tudo infundado e exagerado, mas não vai parar as teorias. Algumas pessoas não conseguem nem por um segundo acreditar que ele está me namorando porque me ama. A verdade é chata demais.

— Eu nunca vou namorar ninguém — Declara meu irmãozinho. — Eu tenho muitas pessoas no meu negócio do jeito que está.

A reação frenética do público em relação ao meu relacionamento está assustando muitos dos meus irmãos e primos de querer um. E não é isso que eu quero.

— Você pode mudar de ideia — digo. — Eu mudei.

Ele contempla isso e então apenas balança a cabeça. — Sem chance.

Uma batida soa na porta, e nós dois nos viramos para ver meu namorado tatuado. Ele encosta um ombro no batente da porta. Suas sobrancelhas se levantam para mim. — Acabei de receber uma ligação de Quinn. Um dos gatos de Jane escapou para a casa da segurança e está desaparecido. Eu tenho que ir ajudá-lo a encontrar o pequeno bastardo antes que ela volte para casa. — Ele olha de Xander para mim. — Eu voltarei para buscá-lo.

Eu me levanto da cadeira. — Eu posso ir com você.

— Tem certeza? — Ele franze a testa e olha entre nós, mas então ele percebe a mesma coisa que eu. Seus olhos dançam por todo o quarto limpo. — *Droga*. Xander, seu quarto está ótimo. — Seu olhar volta a focar em mim como se eu fosse a causa.

Eu balanço minha cabeça.

— Foi tudo Summers — digo.

— Bom trabalho — Farrow diz ao meu irmão mais novo.

Xander enfia a capa do fone de ouvido embaixo da cama. — É só um quarto.

Para qualquer outra pessoa, talvez. Para Xander, é muito importante que ele tenha gastado energia para fazer algo tão mínimo quanto limpar seu quarto.

— Sim, mas agora não cheira mal e parece aquele planeta de lixo que seu irmão não quer calar — diz Farrow enquanto me dirijo à porta para encontrá-lo. Ele me dá um olhar penetrante do tipo *você não falou com ele*.

Ele sabe.

— Saakar — Explica Xander. — É de *Thor: Ragnarok*.

Farrow sorri casualmente. — É esse mesmo. — Ele acena para Xander. — Até mais.

— Até logo — Xander grita, e eu me despeço do meu irmão antes de sairmos de casa.

Não é até a porta da frente se fechar atrás de nós e minhas botas baterem na calçada que Farrow aborda o assunto. — O que aconteceu? — Ele pergunta, com a mão apoiada no capô do meu *Audi*.

Eu tento cruzar meus braços, mas é meio impossível com uma tipoia. — Ele estava feliz — Defendo. — Muito feliz. Eu não poderia estragar isso.

Farrow pisca fortemente.

— Você não concorda comigo. — Eu posso dizer que ele não concorda.

— Ele não é meu irmão, lobinho — Ele responde. — Você o conhece melhor do que eu. Mas a alternativa é dizer a ele durante uma fase ruim, e isso parece uma jogada pior.

Não há um caminho óbvio, mas estou fazendo o que parece certo. —

Você me diz para seguir meu instinto — Eu o lembro. — E meu instinto está dizendo *não hoje*.

Ele acena fortemente. — Isso eu posso aceitar — diz ele. — Mas, e se seu irmão ainda estiver feliz amanhã, na próxima semana, no próximo mês? Quanto tempo?

— Achei que estávamos fazendo tudo sem planejamento, confiando na coisa do impulso? — Contesto.

— Se você está fazendo isso apenas para evitar merda, então você está fazendo errado.

Eu respiro fundo e viro minha cabeça de volta para a casa. Não posso voltar para dentro e contar a ele agora, mas vou ficar de olho no meu irmão. E eu venho com um novo plano. — Hoje não — digo a Farrow —, mas em breve, vou falar com ele.

Isso é uma promessa.

Farrow Keene

TENHO UMA GRANDE decisão a tomar. E preciso da ajuda de Maximoff. Mas enquanto o observo tentando teimosamente se exercitar, me pego atrasando o que precisa vir à tona. Tenho certeza de que minha mera presença quase sempre o distrai, mas ele definitivamente me fisgou hoje.

Em colchonetes cinza, Maximoff tenta morder o cadarço e usar a mão esquerda para amarrar o tênis. Meu sorriso está me matando. Eu fico olhando para ele enquanto facilmente amarro meus próprios tênis.

Já estou vendo como isso está terminando: eu, ajudando-o. Mas eu o deixo tentar por um pouco mais. Principalmente porque isso o faz se sentir melhor. Em parte, porque sua tenacidade é atraente pra caralho.

Eu costumo malhar na academia de Akara, mas na época em que a ESO ganhou fama, um blog de fofocas de celebridades começou a postar sobre o Studio 9. Citando como é um foco de “atividade de guarda-costas” para famílias famosas e como a Ômega pode ser facilmente encontrada lá. Corta para a terceira semana de maio e a academia se transformou em um zoológico. As pessoas vão se aglomerar nas janelas como se fosse Superheroes & Scones. Na esperança de avistar Ômega. Ou seja, Quinn.

E tenho certeza de que, se eu fosse com Maximoff, atrairia uma multidão maior.

Solução simples: pule a academia.

Maximoff usa tipoia há apenas seis dias e não tem permissão para se alongar até a marca de oito semanas. Achei que as multidões do Studio 9 seriam uma desculpa fácil para colocá-lo no banco.

A solução do meu namorado: *encontre outra academia.*

Mais especificamente, uma academia caseira que pertence ao tio.

Uma chuva da tarde escorre por três paredes de vidro e obscurece a visão de um quintal paisagístico e uma casa de madeira na árvore, junto com a pitoresca casa de campo dos Meadows. A academia parece uma casa de jardim por fora e por dentro é equipada com duas esteiras, colchonetes, um banco de peso e uma pequena parede de pedra para escalar.

Como estamos no famoso bairro fechado e em um beco sem saída, é privado e tranquilo, e sou considerado de folga. Ele convidou seu irmão mais novo para se juntar a nós, e Xander recusou. Eu diria que é o normal, mas Maximoff costuma sempre tentar convidá-lo para as coisas, principalmente para a academia. A resposta de Xander não é novidade.

— Corra comigo — diz Maximoff com o cadarço entre os dentes. Ele aponta com a cabeça para as esteiras lado a lado.

Correr com ele.

Honestamente, pensei que ele faria algumas flexões com uma mão e depois encerraria o dia. Mas eu pulei nessa viagem maluca e não estou pisando no freio. Se ele descarrilar, eu vou pegá-lo.

Termino de amarrar os cadarços. — Quanto tempo você pretende fingir que não fez uma cirurgia há apenas seis dias?

— Amanhã — Ele murmura através do cadarço —, porque então serão sete dias.

Reviro os olhos e acabo balançando a cabeça, sorrindo. Eu me inclino para trás nas palmas das mãos e o observo fazer um trabalho meio decente em amarrar o sapato direito.

Adesivos da Marvel e palavras Elfas decoram sua tipoia vermelha. Trabalho manual de seu irmão e irmãs. Seu braço direito ainda está apoiado na parte superior do abdômen. Estamos ambos sem camisa e de shorts de ginástica, mas ele é o único com hematomas persistentes.

Porra, nunca gostei de vê-lo machucado e, enquanto estou a poucos metros de distância, passo os olhos pelas marcas verde-amareladas em suas

costelas...

Sinto cheiro de chuva no metal. Eu olho para as janelas. A chuva bate suavemente no vidro. Quase sinto o cimento molhado sob minhas mãos, o cascalho cavando em minhas palmas.

Meu sorriso desaparece. Ainda estou no colchonete e tento treinar meu foco em Maximoff.

— Maldição — Ele rosna, seus cadarços ficando completamente soltos. Em ambos os sapatos.

Eu me forço para uma posição e me elevo sobre ele. — Deixe-me ajudar, lobinho.

Ele assente após uma breve pausa. Quando ele se levanta, seu olhar escala meu corpo de um metro e noventa e um, fixando-se em meu abdômen esculpido e tatuagens no peito. Sua postura sobe em uma respiração inebriante.

Carvalho, Maximoff.

Meus músculos se contraem. Eu lentamente me ajoelho e meu olhar carnal escorre por seu corpo de nadador na minha descida.

Ele está observando meus dedos enquanto amarro seu *Nike* esquerdo e, antes de eu mencionar como ele é obcecado por minhas mãos, Maximoff diz: — Vamos fazer uma aposta na corrida — Sua voz profunda sai rouca.

— Corrida — Repito com as sobrançelas levantadas. — Você realmente quer apostar nisso? — Dou um nó em seu cadarço e amarro o tênis direito.

— Sim. — Ele concorda. — Eu posso correr um quilômetro mais rápido do que você, cara.

Eu rio. — O fato de você pensar que pode correr um quilômetro agora é realmente outra coisa.

Maximoff se esforça para não sorrir. — Talvez eu possa... talvez não, mas veremos. E se você me vencer, te pago um boquete.

Eu não consigo tirar meus olhos dele. — Você deve realmente querer me pagar um boquete. Porque não há nenhuma chance no inferno de você me derrotar.

— Há uma chance — Ele refuta, com a mão na minha cabeça enquanto eu me ajoelho a seus pés. Seu olhar de *me fode* e balançando o pomo de Adão quase me deixam louco. — Lobinho — digo enquanto termino de amarrar seu outro tênis —, podemos facilmente pular a parte em que você bate sua bunda em uma esteira, e eu deixo você me chupar.

Seus músculos se flexionam visivelmente. — Ou eu poderia ganhar de você, e então eu colocar meu pau em sua boca.

Droga.

Eu respiro pelo nariz, meu sangue fervendo em fogo brando. Eu agarro sua cintura, minha mão se movendo para sua bunda. — Ou podemos fingir que você me ultrapassou, e eu ficaria feliz em colocar seu pau na minha boca. — É uma saída, então ele não terá que se machucar.

— Talvez — Ele diz sem uma pausa.

Eu me levanto, um centímetro mais alto, e minha mão mergulha em seu short. Eu agarro sua bunda nua e observo seus olhos me devorando por inteiro.

— Talvez? — Pergunto profundamente.

Maximoff inclina a cabeça para trás, quase se banhando em crescente excitação e desejo. Seus olhos como adagas estão gemendo *me fode, me fode*.

Eu seguro sua mandíbula e fecho meus lábios sobre seu pescoço nu. Chupando cada vez mais forte, ele balança seus quadris contra os meus, nossos corpos tensos. Veias com bolhas pulsando.

Pulsando.

E então ele diz: — Não.

Eu franzo a testa e instantaneamente retraio minhas mãos.

Ele respira pesadamente. Reprimido. Nenhum de nós gozou esta

manhã, pois ele tinha uma consulta médica para um *check-up* pós-operatório. Mas nós estávamos provocando um ao outro na cama sem nenhum alívio.

— O que há de errado? — Pergunto, preocupado.

— Eu preciso correr primeiro. — Ele se afasta de mim e vai para a esteira.

Eu realmente não entendo por que ele é tão inflexível.

Claro, ele está controlando melhor a dor. Seu tio e seu pai têm compartilhado dicas desde que ambos estiveram em lugares semelhantes a Maximoff. Mas tentar correr, de todas as coisas, aumentará sua lesão e o machucará.

Eu alcanço a outra máquina. — Você percebe que correr requer movimento do ombro?

— Praticamente tudo sob o sol requer movimento do ombro. Estou ciente. — Ele sobe na esteira imóvel.

Faço o mesmo na esteira, mas me apoio casualmente no guidão. Observá-lo apertar botões alterando as configurações de sua máquina. — O que há de tão especial em correr?

Ele aumenta a inclinação e a velocidade, mas ainda não aperta o *start*. — Planejei treinar para a ultramaratona neste verão e, antes que você diga que não posso mais correr, não vou decepcionar Sulli. Eu tenho que tentar, porra.

Sulli e Maximoff se inscreveram para a ultramaratona quase um ano antes do dia da corrida de agosto. As coisas mudam.

Merdas acontecem.

Como um acidente de carro.

Mas ele perdeu muito recentemente. A diretoria do H.M.C. ficou furiosa quando Maximoff decidiu cancelar o *Noite com uma Celebridade*. A instituição de caridade enviou um comunicado contundente à imprensa há alguns dias, e Ernest pregou a carreira de Maximoff em um caixão:

Maximoff Hale continua a se valorizar acima das necessidades dos outros, e seu direito fez com que esta instituição de caridade sofresse nos últimos anos. Ele desistiu de um evento e instruiu sua família a fazê-lo, o que renderia milhões para nossos próximos projetos humanitários. Devido ao seu descuido e irresponsabilidade, estamos cortando permanentemente os laços com Maximoff Hale. Ele não representa mais H.M.C. Filantropia.

Ele não tem emprego pela primeira vez em anos. Ele não pode nadar, seu maior calmante se foi. E ele ainda não tem licença. Quando dirigia, tinha essa *necessidade* compulsiva de acelerar. E mais rápido. Acelerar, mesmo nos dias em que não deveria ou não precisava.

Seria fácil para Maximoff colocar toda a sua energia na única coisa que lhe resta.

A ultra.

E essa *necessidade* de empurrar e empurrar não será um pé no pedal. Estará no corpo dele.

Eu seguro seu olhar que não pede conforto desta vez. — Tudo bem, mas você não pode correr e, por mais que eu goste de foder com você, não tenho prazer em dizer que não há chance de você competir. A ultra é no Chile, Maximoff. É um terreno rochoso que moverá seu ombro.

Esta manhã, eu dirigi a passos de tartaruga em uma pequena lombada, e ele estremeceu entre os dentes.

Maximoff clica em um programa de *Cross Training*. — Eu posso tentar.

Reviro os olhos e o canto da minha boca sobe gradualmente. Porra, eu adoro esse cara, mesmo quando ele é tão teimoso. Mas não importa o quanto

ele empurre, estarei ao seu lado. Garantindo que ele não está se matando.

Eu olho para a tela de sua máquina. Ele está em uma configuração de velocidade que não deve sobrecarregá-lo agora.

E quando nossos olhos se encontram, eu digo a ele: — Prove. — Veja, eu prefiro Maximoff perceber que ele ainda não está curado neste ritmo do que uma velocidade que simplesmente o aniquilará.

Não se engane: estou observando o corpo dele bem de perto caso eu precise puxar o cordão de parada de emergência.

Nós dois apertamos *start* ao mesmo tempo, na mesma velocidade.

Maximoff começa a andar rapidamente. Sem dor ainda.

Eu corro. Olhando para ele.

Ele olha para mim. E então, ele aumenta o ritmo, correndo – a dor de repente aperta seus olhos. Estamos passo a passo por exatamente dois passos. Sua mandíbula se aguça e ele pisa na pista estacionária, com as pernas abertas.

Sempre dói vê-lo ferido, uma pedra cravada em minhas costelas.

Ele fecha os olhos por um longo segundo.

Eu reduzo a velocidade da minha máquina para uma caminhada. — O que você precisa? — Pergunto.

Ele solta um suspiro medido, abrindo os olhos em mim. — Sua honestidade.

Continuo andando na esteira rolante ao lado de sua esteira desligada. — Sinceramente, acredito que você é muito duro consigo mesmo e tem muito medo de decepcionar Sulli.

Maximoff ouve atentamente. Ele está pensando bastante e depois apoia o peso no guidão e no monitor da máquina. Não religa a esteira.

Estou prestes a parar a minha...

— Não — diz ele. — Você queria malhar. Você deve.

Posso fazer muitas coisas, mas não posso correr na frente do meu

namorado enquanto ele está morrendo de vontade de correr. Não é nem mesmo o meu treino de escolha. É dele, e se eu continuar nessa linha, é apenas ser insensível com alguém que é extremamente gentil.

Desligo minha máquina. — Vou fazer abdominais nos tatames.

Maximoff ajusta sua tipoia. — Tem certeza?

Eu me seguro no guidão e me aproximo dele. — Sempre tenho certeza. — Merda, isso não é inteiramente verdade. Há algo sobre o qual não tenho certeza... mas antes de deixar sair minha declaração, Maximoff gesticula para mim.

— Sabe — diz ele —, observar você correr não me incomodaria. Provavelmente só me deixaria com mais tesão.

Meu sorriso se alarga.

Ele pisca em um clarão. — Eu retiro o que disse. Você não ouviu isso.

— Eu ouvi — digo com naturalidade, inclinando-me sobre o meu guidão em direção à sua esteira. — Me ver correr faz isso por você. O mesmo acontece quando eu ando, falo, sorrio, respiro...

— Obrigado por listar meus pontos negativos.

— À disposição — Lembro-me do que precisava falar novamente e meu sorriso desaparece mais rápido.

Maximoff percebe e perguntas surgem em seus olhos.

— Eu estava querendo perguntar – na consulta mais cedo, você não gostou do meu médico, não é? — Agora eu realmente não consigo parar de olhar para ele, uma respiração suspensa na minha garganta. Ele atingiu o assunto quase no centro, e seria preciso alguém que realmente me entendesse para juntar essas pequenas peças.

Minha afeição por Maximoff me transborda, crescendo dentro do meu peito. Este é o efeito avassalador de passar quase todos os minutos um com o outro. A ponto de estar com ele parecia anos empilhados em cima de anos. E

meu único medo é que acabe.

Passo a mão pelo meu cabelo branco. — Não, eu não gostei daquele médico. — Desço da esteira. — Você gostou?

Maximoff me segue até os colchonetes perto da parede de pedra. — Ele me pareceu bom. Foi educado, profissional e não é como se fosse meu médico de cuidados primários. — Porque ele ainda não tem.

— Ele foi profissional — Concordo, observando Maximoff descer para o tatame, com as costas contra as âncoras e parafusos multicoloridos. Eu acrescento: — Minha antipatia tem mais a ver comigo do que com ele.

Suas sobranceiras franzem. — O que você quer dizer?

Sentando-me na frente do meu namorado, coloco meu braço no meu joelho dobrado. — Eu estava com ciúmes. — Não é uma declaração pequena. É o começo de algo muito maior e mais importante.

Seus olhos obstinados nunca desviam dos meus. Maximoff exala compaixão silenciosa que parece mais alta que um trovão. — Seu ciúme é de querer ser meu médico? — Ele pergunta. — Ou porque você não está praticando medicina?

Eu inclino minha cabeça para frente e para trás. — Ambos. — Assinto, certeza. *Ambos*. — Não foi apenas esta manhã no consultório médico. Foi quando você foi levado às pressas para o Hospital Geral em uma maca. — Eu paro. Recordando aquela noite, e explico como, quando finalmente fiz a escolha de deixar a medicina há quatro anos, não tive reservas.

Não havia desejo de voltar.

Apenas uma paz para deixar ir e nunca olhar para trás.

— Sempre pensei que passaria por aquelas portas de hospital e me sentiria nostálgico. Não amargo ou invejoso — digo a ele enquanto ele escuta com atenção. — Fui deixado de lado tentando ajudá-lo no pronto-socorro e atribuí minha emoção a ser protetor com você e frustrado por não poder fazer

mais. — Eu paro novamente.

Maximoff pega minha mão, calos duros em sua palma contra outros semelhantes na minha. — Não foi isso então? — Ele pergunta.

— Foi isso, mas definitivamente foi outra coisa também. — Estou em conflito. Digo a ele que sim, e explico como naquela mesma noite encontrei um médico que estava no meu primeiro ano de residência. Tristan MacNair. Conversamos por alguns minutos no corredor e, então, ele foi chamado.

Meu primeiro pensamento deveria ter sido: *estou feliz que não é minha chamada*. Mas tudo que eu conseguia pensar e sentir era: *eu gostaria que fosse eu*. Eu o vi correr para ajudar um paciente. O instinto me disse, *siga, vá ajudar*.

E minha fome pela medicina acabou de me atingir.

Tem me comido intermitentemente desde então, e depois de ver o médico esta manhã, aquela fome voltou. Eu paro de repassar minha história e sentimentos aqui, um buraco no estômago.

Minhas ações afetarão Maximoff. Mais do que ninguém.

Mesmo considerando o que estou considerando me eviscera. Corta meus órgãos e me corta em dois.

Seu bastardo egoísta.

Eu o amo.

Caralho, eu o amo mais do que é compreensível, mais do que qualquer um pode ver, e sempre corri para o que me chama.

Maximoff. Ele me chama a cada segundo de cada minuto de cada dia, e voluntariamente virar as costas e correr para longe dele é insondável. Porque isso me destruiria. Eu preferiria cair de joelhos e gritar, e então cavar meu caminho de volta para seus braços.

Se perdê-lo é uma consequência do que escolho fazer a seguir, fisicamente não posso fazer isso. Doeria menos ignorar essa atração do que perdê-lo.

Meus olhos queimam. — Preciso saber o que você pensa. — Eu aperto minha mão na dele. — Ainda não tenho certeza do que fazer.

Eu esperava que essa conversa surpreendesse Maximoff. Mas ele não parece chocado.

Ele descansa a parte de trás de sua cabeça na parede de pedra, seus olhos nadando através dos meus olhos. — Escolha o caminho onde você não luta contra si mesmo, não tenha medo da mudança, não viva por menos do que você ama – essas são as suas palavras, Farrow. Para mim, é óbvio o que você precisa fazer.

Eu esfrego minha mandíbula. — Não é.

— Você ama medicina...

— Eu te amo — digo a Maximoff. — Você é quem eu amo, para quem vivo, e se eu terminar minha residência para ser médico concierge, isso significa largar a segurança. Significa trabalhar em um hospital por *três anos* antes que eu possa ser o médico de sua família. Não há atalho para ser certificado pelo Conselho; eu tenho que completar minha residência de três anos.

Maximoff está pensando calmamente.

Eu já me aproximei dele, minhas pernas abertas. As dele também estão abertas, mais próximas. Encaixam-se.

Nossos cotovelos se equilibram na minha rótula como se estivéssemos prestes a fazer uma queda de braço, mas nossas mãos não estão fechadas em punho. No silêncio, ele enlaça nossos dedos, solta-os e depois traça a tinta na minha mão. Como o minúsculo pardal azul ao longo do meu polegar.

— Talvez estivéssemos errados — diz Maximoff, com as sobrancelhas franzidas em profunda contemplação. — Quando pensávamos que só demos certo porque você era meu guarda-costas, talvez estivéssemos errados. Talvez seja apenas o que nos uniu. Porque eu queria você muito antes

daquele maldito dia.

Eu o vejo observar nossas mãos entrelaçadas. Lembro-me do meu passado com ele, a cada momento, cento e cinco vezes ou mais. — Eu posso acreditar nisso — digo, a voz rouca.

Ele lambe os lábios. — Porque você sabia que eu podia estar um pouco atraído por você por um tempo?

— Um pouco atraído — Repito com um pequeno sorriso crescente. — É aí que você cataloga suas fantasias de dezesseis anos sobre mim? Na categoria ‘um pouco atraído’?

— A categoria caralho-aqui-vou-eu estava lotada. — Eu dou a ele um olhar.

— Com quem?

— Um cara. — Ele está mentindo. Estava definitivamente lotada de mim. Ele tenta enganchar nossos dedos, mas eu me afasto um pouco, provocando.

Ele olha.

— Eu sou apenas um cara — Eu o lembro.

— Não — diz Maximoff, firme e definitivo. — Você é o cara. — Isso me atinge com força e eu inalo.

Droga. Eu o deixo juntar nossos dedos, e eu tenho que dizer isso a ele... — Posso acreditar que ser seu guarda-costas é exatamente o que nos uniu, não porque estamos bem juntos, porque eu queria você antes daquele dia também.

Sua boca se abre e seu cotovelo quase escorrega do meu joelho.

Eu aperto sua mão. — Maximoff...

— Você nunca disse porra nenhuma. — Ele parece um pouco magoado.

Meu peito pega fogo. — Porque eu não achava que importava, e vou ser honesto aqui, eu nem percebi *o quanto* eu queria você naquela época até

depois de ficarmos juntos. — É apenas em retrospectiva. Assim como para ele, é em retrospectiva. Ele nunca se permitiu sonhar com o amor ou o que procurava em um relacionamento até que o agarrou pela primeira vez. Até eu.

É sim, ele tinha uma queda por mim. Porque ele se permitiu fantasiar comigo. Sexo é descomplicado para ele. Amor é confuso.

Eu não sabia dessas coisas particulares sobre ele naquela época, não completamente, mas sabia que ele tinha casos de uma noite. Eu sabia que eu não. Eu sabia que precisava da perspectiva de mais se dormisse com um cara.

E eu sempre, *sempre* acreditei que ele nunca agiria em nada. O moralista e bem-humorado Maximoff Hale nunca ficaria com um amigo da família e, definitivamente, não com o guarda-costas de sua mãe.

Eu olho para Maximoff agora e tento organizar esses pensamentos.

— Não me preocupo com o que não posso ter — Esclareço — e, em minha mente, não poderia ter você por muito tempo. Eu segui minha vida, mas sempre que te via, queria estar perto de você. Então, é só em retrospectiva que percebo o quanto eu estava viciado em você.

Maximoff faz o possível para não sorrir. — Você gostava de mim.

Eu sorrio mais e inclino minha cabeça. — Você vai escrever isso em seu diário esta noite? Editar todas as partes sobre seu amor adolescente não correspondido?

Ele segura minha mão em um punho apertado. — Você tem lido o diário de outra pessoa, cara. O meu só fala sobre foder você. — Eu rio.

— Deixe-me ler.

— Deixe-me ler o seu. — Seu tom é sério.

Concordo com a cabeça algumas vezes, entendendo que ele quer mais. — Em retrospectiva, se eu pudesse identificar um dia em que diria que senti uma... — Prendo a respiração, procurando a palavra — química intensa, eu diria que foi quando fui para Harvard e suturei sua perna. Eu não conseguia parar de olhar para você, e eu ansiava por conhecê-lo ainda melhor. Se você

tivesse me pedido para passar o dia inteiro lá com você, eu teria dito *sim*.

Ele fica atordoado.

Aonde você foi, lobinho? Eu estalo meus dedos até que seu foco esteja de volta ao meu. Sorrio. — Você pode se masturbar com isso mais tarde — Provoco.

— Não, obrigado — diz ele secamente, e então respira fundo. — Eu só estava pensando em que dia eu senti que estaríamos bem juntos. Em retrospectiva.

— Que dia? — Pergunto, curioso.

Ele solta minha mão e, em seguida, delinea as letras com tinta *l.a.ç.o.* em meus dedos. — O dia no iate — diz ele, seguro. — A festa de verão quando eu tinha dezenove anos. Você me jogou sua camisa depois que briguei com Charlie e facilitou um dos piores dias da minha vida. Melhor. Só de estar perto de você... — Ele entrelaça nossos dedos novamente, pensando por um instante. — Você tinha um namorado naquela época, não?

Eu concordo. — Sim. Mas estava perto de terminar, até então.

Eu repasso aquela memória em minha cabeça onde Maximoff estava congelado ao lado de um refrigerador no convés do iate. Quando chamei sua atenção, ele reviveu. E ele olhou para mim.

Meus lábios se levantam porque me lembrei daquele momento antes. Aquela parte em que ele desperta sempre volta e quebra meu rosto em um sorriso. Lembro-me do sal no ar e de como seu cabelo castanho-escuro esvoaçava ao vento.

E aqueles olhos verde-floresta duros que diziam *eu dou conta de tudo*.

Agora, anos depois, estou em uma encruzilhada com ele. Tenho vacilado entre a segurança e terminar minha residência porque nenhum dos dois parece cem por cento certo. Se eu pudesse acelerar a residência e ser apenas seu médico agora, seria uma escolha mais fácil. Mas haverá três anos em que não estarei muito perto dele.

Eu acredito no que Maximoff disse. Ser seu guarda-costas não é o que nos une.

Nunca foi.

E, inferno, se alguma coisa parece certa, somos ele e eu. Somos melhores do que bons juntos. Melhor que perfeito. Gradualmente, começo a imaginar o que acontecerá se eu escolher a medicina. — Se eu não for seu guarda-costas — digo a ele —, isso significa que algum outro idiota estará no seu destacamento.

— Sim — diz Maximoff. — Você vai ter que ficar bem com isso.

Meus olhos quase giram ao redor do mundo porque não estou tão animado com isso. Um pouco por razões territoriais. Principalmente porque isso vai revirar sua vida. Ele odeia grandes mudanças e foi intimidado por elas recentemente.

Eu balanço minha cabeça. — Eu não posso fazer isso com você agora. Vou esperar...

— Não — Ele me interrompe. — Eu aguento muito. E um novo guarda-costas não é mesmo tão difícil de lidar. A menos que você tenha um clone chato, eu vou viver. — Eu poderia facilmente fazer uma piada de volta, mas penso em outra coisa.

E então, eu o vejo deslizar sua palma na minha, nossas mãos quase do mesmo tamanho exato.

Seu carinho por minhas mãos me envolve. E me aquece.

Eu levanto meu olhar para o dele. — Você disse que eu preciso fazer o que amo, mas eu amo a segurança, lobinho. Isso não mudou. Então, por que você acha que eu quero mais a medicina?

Ele vê o caminho que eu ainda não consigo ver.

Maximoff aperta minha mão com mais força. — A medicina faz parte de você e, ao contrário da segurança, isso *nunca* mudará. Cristo, eu sei que você odeia acreditar que a medicina é quem você é, mas acho que ela nunca te

deixou, mesmo quando você a deixou.

Ele lista tudo o que fez enquanto estava em seu destacamento de segurança.

Incluindo o tratamento do piercing de língua infectada de sua irmã a consertar seu ombro deslocado e fazer a triagem inteira de um acidente de carro. Eu poderia fazer mais se fosse um médico concierge.

Eu teria uma licença para prescrever remédios. Estarei de plantão para todas as emergências. Mas eu vacilo.

Maximoff vê. — Se você está apenas lutando contra isso porque me ama — diz ele —, estou dizendo para você ir. Isso vai te consumir pelo resto da vida se você não o fizer. Então, eu preciso que você vá. — Sua voz quase falha. — *Merda, Cristo.* — Ele bate a cabeça na parede de pedra. Ele se condicionou a reprimir um certo tipo de emoção.

Ele poderia congelar seu rosto. Mas está realmente lutando para se soltar e ser mais vulnerável.

Rapidamente, puxo minha mão da dele. Só assim posso segurar seu rosto entre as palmas das mãos. — Você não precisa fingir que não vai ser difícil. Não ser seu guarda-costas será igualmente difícil para mim. — Eu continuo engolindo um caroço alojado na minha garganta.

Seus olhos ficam vermelhos e ele agarra minha nuca. — Sabe, as coisas mais difíceis geralmente são as coisas certas.

Eu assinto algumas vezes, meu polegar acariciando sua bochecha. — Um filósofo falando com você de novo?

Maximoff começa a sorrir, e é lindo de morrer. — Se você quiser chamar meu pai e meu tio de filósofos, então sim. Alguns reis filósofos me disseram isso.

Eu tento me lembrar. *Deveria saber.* Já ouvi Lo e Ryke dizerem essa frase antes.

— Farrow. — Maximoff captura meu olhar. — É melhor você

escolher a medicina. Porque se você não fizer isso, eu vou chutar sua bunda.

Quase solto uma risada, mas respiro mais fundo com ele. E no silêncio terno, meus dedos deslizam por seu cabelo, pelos ângulos de sua bochecha e mandíbula. Para o pescoço que dói para relaxar e para cima novamente. Maximoff fecha os olhos, relaxando ao meu toque.

Eu o puxo para mais perto, a um fôlego de distância, e quando seus olhos se fundem em mim, ele sussurra: — Sabe o que é estranho? Tenho *zero* opção de trabalho e, de repente, você tem *duas*.

Empurro seu cabelo para trás, meus dedos trilhando a parte de trás de sua cabeça.

— Não pode ser tão estranho, lobinho — Sussurro. — Sou melhor que você em tudo.

Seu aperto se fortalece em meu pescoço como se ele estivesse se agarrando ao que não mudou. *Isso*. Em anos, esse vai-e-vem nunca mudou.

Ele respira mais fácil. — Diga-me o plano de medicina.

Tentei explicar o que fiz em termos de medicina, mas isso o confundiu um pouco. Eu me formei na faculdade e completei um mês de minha residência.

— Preciso terminar minha residência de três anos no Hospital Geral. Também preciso passar nos exames do USMLE e do Conselho.

Ele acena com a cabeça, confiante. — Você vai conseguir.

Há algo mais. Não pensei no que significa voltar à medicina em termos de minha família.

Não queria que isso influenciasse na minha escolha.

Mas agora ela volta para mim.

— E eu preciso falar com meu pai.

Farrow Keene

HOJE MARCA MINHA última semana na segurança, mas a ESO ainda não sabe disso. O relógio marca 4 da manhã e, silenciosamente, saio da cama de Maximoff e encontro uma cueca boxer em sua gaveta. Eu procuro por calça. Quase todas as minhas coisas estão no quarto dele: roupas, artigos de toalete, alguns textos médicos que descobri recentemente e meus aparelhos eletrônicos. Eu prefiro assim. Não apenas porque a casa da segurança contém Thatcher, e quanto menos tempo eu passar com ele, melhor. Mas porque Maximoff às vezes examina todos os meus pertences em seu quarto e começa a sorrir sem saber. É fofo como o inferno.

Puxo minha calça preta até a cintura e Maximoff pisca acordando sob o edredom. Ele estende o braço esquerdo para alcançar a luz de cabeceira.

— Volte a dormir — Sussurro, enfiando meu cinto nas presilhas. — É dia do correio. — O líder da Ômega agenda um dia e horário específicos para examinar a correspondência dos clientes. Geralmente é às 4 da manhã — quando todos os famosos deveriam, teoricamente, estar dormindo.

Maximoff cai para trás e aperta os olhos cansados. — Divirta-se com isso. — Seu cérebro deve começar a acordar porque ele pergunta rapidamente: — Você vai contar a eles esta noite?

Eu puxo uma camisa em decote em V preto sobre minha cabeça. — Tecnicamente, é de manhã.

Ele rosna em um bocejo incontrolável. — Acho que você não percebe como seus detalhes técnicos são irritantes.

— Confie em mim, eu acredito. — Sorrio quando a irritação franze suas sobrancelhas. — Cara, é parcialmente por isso que eu os mantenho, só para você.

— Estou parcialmente honrado.

Eu sorrio e coloco meu rádio na minha cintura. Antes de ir, volto para a cama. E coloco minha mão na cabeceira da cama e mergulho em direção a ele. Perto o suficiente para beijá-lo, e por mais que eu queira meus lábios contra seus lábios, provocá-lo é bom demais para passar.

— Vou contar à ESO — Confirmo.

— Precisa de ajuda ou algum reforço? — Ele pergunta. Discutimos as possíveis reações de Ômega, e a única que não posso prever é Thatcher Moretti. O resto deve estar bem. Minha amizade com Oscar e Donnelly é fácil por um motivo. Nós lidamos com os socos e quase nunca enchemos o saco uns dos outros.

— Eu ficarei bem. — Demoro por um segundo. Maximoff está olhando para a minha boca. Eu sorrio mais largo. — Você acha que eu vou te beijar?

— Quem disse que eu queria que você fizesse isso? — Ele está apenas olhando para os meus olhos agora. Tentando me vencer na coisa toda de provocação. Não vai funcionar.

Eu me aproximo, planejando me afastar no último segundo, mas ele segura a curva do meu pescoço. Nossas respirações se fundem e nossas bocas se encontram como a porra de um ímã. Descanso meu joelho na cama, minha mão caindo em sua mandíbula – *caralho, Maximoff...* sua língua separa meus lábios. Aprofundando o beijo, um ruído áspero arranha minha garganta.

Sua mão esquerda sobe furtivamente pela minha camisa. Merda. Estou quase subindo em cima dele. Eu separo nossas bocas. — *Droga* — Suspiro fundo e dou um passo para trás antes de acabar na cama com ele.

Maximoff sorri como se tivesse ganhado alguma coisa. — Parece que você queria me beijar.

Eu ando para trás. — Nunca disse que não, lobinho.

Minhas palavras e tom suave devem relaxá-lo. Ele escorre no

travesseiro, o máximo que pode por estar na tipoia e sem analgésicos fortes.

É sempre difícil ir embora quando eu amo estar perto dele. Mas esta será nossa rotina regular quando eu reiniciar minha residência. E para ser honesto, não tenho certeza de como me sinto sobre isso.

Saindo do sótão, desço rapidamente a escada estreita. Gatos saem disparados de baixo do sofá vitoriano, e então assusto Walrus com o pé. Ele corre para debaixo da mesa de ferro do café.

— Fique aí, seu pequeno bastardo — Aviso, deslizando pela porta ao lado. Ignorando o gato malhado atrás de mim.

Assim que entro na casa do segurança, sinto um fedor que não consigo identificar.

Digamos que fede mais do que o mau cheiro de Ben Cobalt.

Akara levanta os olhos do sofá de couro. — Eu sei — diz ele, segurando um copo de papel do Lucky's Diner —, não consigo descobrir qual é. — Ele aponta com o dedo indicador para o monte de caixas e envelopes. Os pacotes estão espalhados pela mesa de centro e pelo piso de madeira. Cestas de roupas de vime, que não são usadas para lavar roupa, revestem a parede de tijolos. Um nome escrito em uma etiqueta de viagem é anexado a cada um. E um saco de lixo pesado pendurado na lareira.

O cheiro arde em meu nariz. — Eu diria que é rançoso, mas não tenho certeza se essa é a palavra certa. — Passo por cima dos pacotes espalhados por Quinn que se acumulam na porta.

— Provavelmente é comida — diz Quinn, cortando uma caixa de papelão com uma faca.

— Nem comida estragada cheira assim, maninho — Responde Oscar, abrindo um envelope pardo. Ele está sentado em uma banquetta de couro em nossa mesa alta. A mobília da segurança é mais confortável e menos pastel do que tudo no sobrado vizinho.

E não é surpresa que Oscar esteja na Filadélfia. Ou Donnelly, que se

senta no apoio de braço e folheia algumas cartas. Toda ESO passou a noite desde que Charlie e Beckett estão dormindo no quarto de Jane, e Sullivan está dormindo no quarto de Luna ao lado.

Todos nós ficamos até tarde para uma noite de perguntas e respostas em Saturn Bridges. Maximoff disse que a maioria de seus primos normalmente rejeitaria esses convites. Mas Charlie apareceu. Beckett apareceu, assim como Sulli e Luna.

Sempre que todos se reúnem, Ômega inadvertidamente se reúne. E muito em breve, meu papel com os famosos e a segurança mudará drasticamente. Não tento prever como será.

Tudo o que sei é que nunca tive medo do grande desconhecido, mas definitivamente sou cauteloso ao seguir em frente, pois estou deixando mais coisas para trás do que o normal.

Tiro luvas de látex de uma caixa. Todos os caras já usam um par.

O dia do correio é um campo minado do bom, do ruim e do nojento.

Oscar desdobra uma carta. — *Querido Charlie* — Ele lê. — *Fique bom logo.* — Ele amassa a carta e a joga no saco de lixo pendurado.

— Frio — diz Donnelly, pegando uma mala direta amarela.

Thatcher levanta os olhos de uma carta que está lendo. — Charlie não quer ler as cartas dos fãs?

— O cara raramente o faz. — Oscar amassa outra carta. — Fui instruído a destruir todas as condolências.

Calço as luvas e enfio um quinto das cartas de Maximoff debaixo do braço. Baquetas estão ao lado de uma bandeja de café para viagem. Franzo a testa e pego uma baqueta de madeira. — E isso? — Pergunto a Akara.

Ele responde enquanto envia mensagens de texto. — Uma adolescente as enviou para mim.

Isso faz pouco sentido. — Como o público sabe que você curte bateria?

Que eu saiba, a maioria dos fatos pessoais sobre a ESO não foram descobertos. Especialmente desde que excluímos nossas mídias sociais.

Então, novamente, não tenho verificado ativamente ameaças de mídia social ou mantido contato com merda de tabloide. Quando meu relacionamento se tornou público, entreguei essa responsabilidade à equipe de tecnologia.

Apenas fazer essa escolha me fez perceber que já estava me afastando da segurança.

Akara ergue os olhos do telefone. — Você conheceu Brock Carson do Ensino Médio?

— Nunca conversei com aquele nerd do debate, não. — Giro a baqueta entre meus dedos.

— Aquele nerd do debate postou nosso anuário no *Reddit*. — Akara volta a enviar mensagens. — Há todo um tópico tentando encontrar informações sobre o ‘namorado de Maximoff Hale’ e eles me viram na seção de bandas do anuário.

Reviro os olhos. Não estou emocionado que as pessoas estejam cavando tanto no meu passado. Eu me considero uma pessoa bastante reservada. Não são muitos os que entram no meu negócio, a menos que eu os deixe. Mas escolhi ser uma figura pública. Eu sei o quão invasivo isso pode ser.

Ainda assim, o fator de estranheza é real.

— Deixe-me adivinhar — digo, andando de costas para a banqueta aberta em frente a Oscar —, minha foto do último ano está circulando na internet. — Eu tinha cabelo verde naquela foto.

— Geral — Akara assente. Previsível.

Jogo a correspondência sobre a mesa alta em uma pilha.

— O namorado vai adorar essa foto — diz Oscar para mim, falando sério. Eu me agarro a esse fato e quase rio.

Eu inclino minha bunda na banquetta. — Ele provavelmente vai salvá-la como sua tela de bloqueio.

E então ele vai dar uma desculpa, porque eu odeio a foto.

Oscar abre uma caixa. — Não, ele vai imprimir, Redford. Então, ele vai emoldurá-la e pendurá-la em todas as casas em que você estiver por toda a eternidade.

Eternidade?

Minhas sobrancelhas se erguem para Oscar. Ele me encara bem nos olhos, e duvido que mais alguém, exceto Donnelly, perceba que ele não está brincando agora. E, então, Oscar acena para mim como se soubesse.

Ele sabe que o que tenho com Maximoff não é temporário. Não apenas do meu lado, mas do lado do meu namorado também. Não é algo que ele expressou antes.

Mas lembro que Oscar estava no local do acidente. Segurando um guarda-chuva sobre nós. Ele ouviu Maximoff e eu. Viu-o dizer adeus. Viu-nos juntos, pensando que poderia ter sido a última vez.

Emoção crua aperta minha garganta. Eu assinto de volta.

Não precisamos trocar nenhuma palavra. Entrego a ele um envelope endereçado a Charlie que escorregou para baixo da minha pilha.

— Thatch, alguma coisa boa? — Donnelly pergunta.

— Thatcher — Ele o lembra, dobrando uma carta. — E é privado. — Thatcher gentilmente coloca a carta em uma cesta de vime com a etiqueta *Jane*.

Separo seis cartões de melhoras enviadas para Maximoff e os guardo. Ele vai ler cada um, mesmo que demore horas. No envelope seguinte, congelo no endereço do remetente e no nome familiar.

— Oliveira — digo —, por que sua mãe está mandando cartões para o meu namorado?

Mostro o envelope para Oscar.

— Eu tenho um para você. Aguenta aí. — Oscar levanta algumas caixas e pega uma carta. Ele joga na minha cara.

Eu pego facilmente.

Oscar acena para mim. — Ela não sabia se deveria enviar dois convites separados ou um junto. Atendi sete telefonemas em uma hora, Redford. Só para tranquilizá-la de que dois estavam bem.

Eu inclino minha cabeça. — Você falou para Sônia que eu não daria a mínima de qualquer jeito?

— Sim, eu lembrei a ela quem você é. — Oscar pega mais duas cartas. — E então, ela sacou o ‘Farrow não tem mãe’ em mim. Olha, ela está surtada pra caralho que o namorado é um famoso. Observação adicional: vocês dois precisam confirmar presença separadamente.

— Claro. — Rasgo o que me foi endereçado e leio o convite.

POR FAVOR, JUNTE-SE A NÓS PARA A CONFIRMAÇÃO DA NOSSA FILHA JOANA RAQUEL SOUSA OLIVEIRA

Minhas sobranças arqueiam. Desde que conheço Oscar, só encontrei sua irmã de dezoito anos uma ou duas vezes.

— Eu sei — Oscar me diz —, mas é uma coisa grande — Eu folheio os detalhes.

Local: uma igreja católica local.

Data: uma tarde de domingo no próximo mês. Eu franzo a testa.

Merda.

Probabilidade de ficar preso no hospital trabalhando naquele dia = extremamente alta.

O que é pior: anos atrás, não pude comparecer à crisma de Quinn pelo mesmo motivo. Esta será a segunda vez que abandono a família Oliveira e não estou me sentindo muito bem com isso.

Maximoff definitivamente vai querer ir, e eu adoraria ser seu par

nisso. *Haverá outros.*

Isso me lembra como Maximoff tem planejado nosso “primeiro” encontro formal. A meu ver, já tivemos cento e doze encontros. Aos olhos do lobinho, eles eram todos “semi-encontros”, já que eu tinha que manter a farsa do guarda-costas. Eu não podia comer a sobremesa do prato dele. Não poderia beijá-lo. Não podia nem segurar a mão dele.

Todas as restrições acabaram agora e, honestamente, adoro o quanto Maximoff está tratando isso como se fosse tudo novo, tudo de novo. Porque há muito poucos sentimentos que amo mais do que experimentar as *primeiras vezes* com ele.

Enfio o convite no envelope.

Oscar estende mais duas cartas para os caras. — Moretti, Kitsuwon. — Thatcher e Akara pegam seus convites.

Eu olho para Donnelly, que facilmente ignora não ser convidado. Pais carinhosos e amorosos se preocupam com caras como Donnelly fazendo amizade com seus filhos. No papel, ele parece uma má influência.

Na realidade, ele não é.

Reconheço o maior benefício de ter um pai que realmente só se importava com a medicina. Consegui convidar Donnelly para todos os lugares. E Donnelly sempre dizia sim e aparecia.

Abro um elástico de um pacote. — Joana vai finalmente fazer isso? — Pergunto a Oscar desde que testemunhei o colapso da família Oliveira quando ela se recusou a ser confirmada há dois anos. Não fui criado em uma família religiosa, mas a decisão dela parecia uma traição familiar.

Quinn se intromete: — Só porque nossa avó parou de falar com Jo. — Ele retira uma pelúcia alienígena do papel de seda.

Thatcher embolsa seu convite. — Se eu tivesse sido confirmado tarde, minha avó teria feito o mesmo comigo.

Oscar descarta uma caneca Charlie-do-Caralho-Cobalt. — Ela tem

sorte de eu pegar nossa avó no aeroporto na próxima semana.

Eu folheio outro cartão de melhoras. — Você se ofereceu para isso, Oliveira, ou foi selecionado para a matança?

— Meu presente de confirmação para minha irmãzinha — Explica ele, abrindo outra caixa. — O que eu perdi quando Charlie foi ao bar? — Ele quer dizer da noite passada. Todos nos juntamos num papo com os famosos, mas também estávamos de serviço. Consequentemente, Oscar teve que seguir seu cliente para fora de nosso local.

Eu destruo biscoitos de chocolate caseiros. — Só como Ben não consegue dirigir desde o acidente.

Donnelly acrescenta: — Jane disse que o pé dele fica tremendo no pedal.

Oscar murmura uma maldição. — Tenho quinze anos de experiência na direção sobre Ben e estava tendo problemas para manter o *Range Rover* nas quatro rodas naquela noite.

Quinn joga uma caixa vazia na lareira. — Os paparazzi deveriam ter dado o fora.

— Eles não vão — diz Akara, folheando um álbum de recortes artesanal de *Sullivan Meadows*. — O melhor que os pais podem fazer é continuar entrando com ações judiciais. — Mas nenhuma pegou ainda. Os Hales, Meadows e Cobalts também solicitaram que os guarda-costas dirigissem para as crianças mais novas até novo aviso.

Donnelly sacode sua correspondência aberta de cabeça para baixo e uma calcinha rendada cai no chão.

Todos nós vemos isso.

— Cheire, Donnelly — digo com um sorriso crescente. — Pode ser o cheiro misterioso.

Ele aperta o fio dental rosa entre os dedos enluvados e cheira. Quinn engasga em seu punho.

— *Nah* — diz Donnelly, — só cheira a boceta. — Ele joga a calcinha no lixo e lê o cartão em voz alta. — *Beckett Joyce Cobalt, gozei aqui pensando em você.* — Ele sorri. — Meu carinha tem tantas admiradoras.

Silenciosamente, Thatcher joga uma mordaca e um vibrador no lixo. Tudo enviado para Jane.

Oscar bebe uma bebida esportiva Ziff e lê: — *Querido Charlie, quero ter seus filhos.* Ela deixou o telefone dela.

— Não posso culpá-la. — Donnelly pega um novo pacote. — Quem não gostaria de ter alguns bebês Cobalt?

Thatcher lança um olhar de repreensão, mas fica quieto.

Giro uma faca entre os dedos e aponto para mim mesmo com a lâmina. — Eu.

Donnelly sorri. — Isso é só porque você está todo naquele pau do Hale.

Eu rio, prestes a responder – e então o fedor misterioso se desencadeia dez vezes. Todos nós recuamos.

— É esse — Quinn engasga e tosse em seu bíceps. Ele apenas vira as abas para uma caixa de papelão, o conteúdo não visível. Todo mundo está perguntando o que foi enviado para Luna.

Estou prestes a sair da banqueta e ver por mim mesmo. Mas Quinn começa a fechar o pacote. Então ele se levanta e coloca a caixa na cesta de vime de Luna...

— Uau! — Todos nós basicamente gritamos algum tipo de palavrão. Quinn nos ignora. Deixando o pacote em sua boa correspondência.

Thatcher olha para mim, como se eu tivesse causado o “mau” comportamento do guarda-costas mais jovem dos meus curtos dias de “mentor”. Eu não vou assumir a culpa por essa merda.

Eu olho de volta para Thatcher.

Me demito.

Lançar essas duas palavras com raiva não é o que eu tinha em mente hoje. Eu mordo minha língua com força.

— Não é lixo — diz Quinn, ainda engasgado com o cheiro. Ele tosse em seu punho.

Akara vasculha a cesta de vime e inspeciona o pacote com fita adesiva. — Que porra é essa? — Oscar pergunta.

Quinn se senta em torno de suas pilhas de correspondência. — Perfume realmente de merda que derramou.

Minhas sobrançelas se erguem. — Parece lixo para mim.

Thatcher cruza os braços. — Farrow, você deveria ter instruído Quinn melhor. Disse a ele que os líquidos precisam ser jogados fora.

Eu o fiz.

Sua suposição de que eu não o fiz me irrita. Eu me seguro para não vomitar, *estou saindo, seu merda*. Em vez disso, digo simplesmente: — Vou manter isso em mente — Enquanto estou de pé, descanso meus ombros contra a parede de tijolos.

Thatcher descruza os braços. Ele parece surpreso por eu estar admitindo minha culpa.

Akara carrega o pacote de perfume para o saco de lixo.

— Espere! — Quinn pula de pé e estende um braço, uma carranca irritada cruzando seu rosto. — Apenas espere um segundo, caralho. Eu sei o que estou fazendo.

Akara levanta os ombros. — Quinn, não permitimos líquidos...

— Luna me pediu para não fazer isso — Quinn retruca. — Entendo que não sou guarda-costas há tanto tempo quanto qualquer um de vocês, mas já estou aqui há tempo suficiente. E eu sei que se um cliente te pede para fazer algo, você faz. Às vezes, mesmo que seja ilegal...

— Não — diz Thatcher severamente. — Não se for ilegal. Você pode dizer *não*. — Seu olhar penetra em mim novamente.

Estou começando a acreditar que Quinn Oliveira quer que Thatcher me mate. Eu ainda me apoio casualmente na parede. E para Thatcher, eu digo: — Eu nunca disse a Quinn que ele não poderia dizer não — Essa implicação não está nem perto de quem eu sou.

— Espere um segundo — Interrompe Akara, com a caixa na mão. — Quinn, Luna especificamente pediu para você não descartar líquidos?

Quinn coça a barba por fazer. — Não... eu estava tentando manter isso privado, mas se todos vocês precisam saber... — Ele aponta para a caixa. — Luna me pediu para não jogar fora nada que fosse do namorado dela.

Namorado?

Vozes colidem, todos perguntando a mesma merda.

Tiro as luvas e penteio o cabelo para trás. Se alguém saberia que Luna Hale de repente tinha um namorado, seria seu irmão mais velho.

E Maximoff não sabe de nada.

Eu questiono se esse “namorado” é real. — Você o viu? — Pergunto em cima das perguntas crescentes.

— Quando? — Donnelly pergunta.

— Por quanto tempo? — Akara pergunta.

Quinn passa duas mãos frustradas por seu cabelo grosso e ondulado.

— Meu Deus — Ele solta. — Calem a boca e eu vou dizer!

Todos nós ficamos quietos.

Quinn respira. — Faz cerca de uma semana. — Ele muda seu peso e antes que Akara pergunte, ele diz: — Sim, fiz uma verificação de antecedentes. O cara tá limpo.

Donnelly enfia uma caneta atrás da orelha. — Ele mora na Filadélfia?

— Quantos anos ele tem? — Pergunto.

— O que ele faz? — Oscar acrescenta.

Quinn se pendura na cornija da lareira. — Isso fica entre nós.

Ele tenta enviar um olhar de advertência em minha direção, mas não

vou permitir.

— Eu vou te dizer de antemão — digo facilmente. —, há absolutamente cem por cento de chance de eu compartilhar isso com Maximoff.

Ele franze a testa. — Por quê?

— Porque ele é meu namorado. É simples assim.

Oscar se inclina para a frente em seu banquinho. — Redford pode sair da sala. Eu quero a porra dos detalhes.

— O mesmo — Donnelly diz, desabotoando as luvas. Só para tirar o piercing do septo.

Quinn solta um suspiro e então acena para mim. — Está tudo bem. Fica. Acho que Luna vai contar a Maximoff em breve, então, não deve importar. — Ele começa a divulgar a notícia. — Então, o cara se chama Andrew Umbers. Vinte e dois. Ele é originalmente de Houston, mas agora mora na Filadélfia. Ele criou uma espécie de *start-up* para um aplicativo de estacionamento. E sim, eu o vi.

Todo mundo está quieto. Em processamento.

Thatcher endireita as cartas nas mãos. — Luna disse para você não compartilhar?

— Não... eu não tenho a menor ideia do que ela pensaria se eu contasse a todos — Quinn admite. — E, olha, antes de vocês dizerem qualquer coisa, devem saber que os encontros deles consistiram em comer comida para viagem no apartamento dele e ouvir NPR. Parece que ele está apenas usando ela.

Paralizo. Não estou feliz com ninguém usando essas famílias, muito menos os Hales. É exatamente por isso que a maioria deles tem problemas de *confiança*. E percebo a verdadeira ironia aqui: o público acredita que estou usando o irmão dela para ganhar fama.

Mas não vou me desculpar por amá-lo. E querer estar com ele.

Todos nós falamos sobre Luna e as intenções de seu novo namorado.

Principalmente maneiras de protegê-la, e eu fico para trás e olho para cada cara.

É isso.

Eu tive alguns deles em minhas vidas muito antes de entrar para a segurança. Então, eu não vou perdê-los. Mas estou deixando para trás a Ômega. A camaradagem, a irmandade. Uma força protetora de homens que vão pular no fogo, sem fazer perguntas.

E eu já estive aqui antes. Lá atrás, eu acreditava que perderia meu emprego assim que as famílias e os seguranças descobrissem que eu estava com Maximoff. Eu estava pronto para aceitar isso, mas há mais paz em escolher esse caminho agora do que ser forçado aqui naquela época.

— Redford — Oscar chama. — O que está acontecendo? — Ele está lendo minhas feições.

— Eu tenho algo a dizer. — Eu passo minhas duas mãos pelo meu cabelo e saio da parede de tijolos. Minha mudança de comportamento faz com que a sala fique em silêncio.

Akara está confuso.

Eu não contei a ninguém com antecedência. Nem mesmo à liderança da Ômega, e principalmente porque preciso que isso seja menos difícil. Apenas tranquilo e fácil. Não é uma grande bagunça.

— Isso não é sobre Luna — Começo. — Eu aprecio tudo o que vocês fizeram por mim para que eu pudesse continuar sendo o guarda-costas do meu namorado. — Olho brevemente para Thatcher. Porque em dezembro, ele foi o voto decisivo que me ajudou a manter meu emprego.

Ele está carrancudo como se eu estivesse longe de ser genuíno.

Se eu não acreditasse nessas palavras, não as teria dito.

Eu balanço minha cabeça para a liderança da Ômega. — E Akara... oh, capitão, meu capitão. — Eu não chamaria ninguém assim além dele. —

Todas as vezes que você arriscou seu pescoço por mim, eu fiquei grato na época e ainda estou grato agora.

Akara assente. — Você está deixando a segurança, não está?

— Sim — digo. — Me demito. Preciso terminar minha residência. — E antes que perguntem, acrescento: — Não por meu pai, mas por mim — Primeiro olho para Donnelly.

Seus lábios se levantam lentamente, cigarro apagado em sua boca. — Vamos ter nossa Meredith de volta. — Ele bate palmas lentamente.

Eu sorrio. — Cara, você sabe que eu sou uma Christina.

— Não entendi — Quinn murmura.

— É *Grey's Anatomy*, maninho — diz Oscar, batendo palmas com Donnelly antes de se aproximar e dar um tapinha no meu ombro, trazendo-me para um abraço. Ele sussurra em meu ouvido: — Vamos manter seu cara seguro. Não se preocupe com isso.

Já tenho estado.

Muita coisa foi feita nessa escolha. E eu pareço à vontade, mas ele sabe que isso está longe de ser fácil para mim. Outra pessoa preencherá o trabalho de *proteger Maximoff Hale*. Como namorado dele, esse trabalho deveria ser meu.

Eu protejo as pessoas que amo, e escolher o caminho médico às vezes parece estar em guerra com a proteção de Maximoff. Mas tenho que lembrar que não perdi essa habilidade. No leilão de caridade, eu estava lá para ele como seu namorado, no final. Não como seu guarda-costas.

E o mesmo trabalho foi feito. Não preciso do rádio, da arma ou do título.

Eu dou um tapinha em suas costas em agradecimento antes de nos separarmos.

— Tem certeza? — Akara me pergunta, o telefone congelado na mão. Ele detém o poder de alertar o resto da Tri-Força. Transformar minha escolha

em realidade.

Eu ouço meu instinto que diz *siga em frente*. — Tenho certeza.

Akara hesita, parecendo querer me fazer mudar de ideia, mas depois de uma pausa e uma olhada rápida, ele vê que estou pronto. E ele começa a enviar mensagens. — Você vai precisar ficar no destacamento de Maximoff por mais uma semana enquanto resolvemos uma transferência. — Ele olha para cima. — Tudo bem?

— Perfeito. — Eu já conhecia o protocolo. — Eu arrumei a maior parte das minhas coisas. Estarei fora da casa da segurança antes disso. — Vai ser mais oficial do que tem sido, mas vou morar com Maximoff. E eu nunca morei “oficialmente” com nenhum dos meus ex-namorados antes, então, isso é novo para mim.

Thatcher deveria estar em êxtase por eu não estar mais morando a um andar de distância dele. Não estou esperando que o cara pule de alegria. Mas um aplauso zombeteiro parece no reino da possibilidade.

Mas quando nossos olhos se encontram, ele parece muito longe de estar feliz. E eu tenho certeza, ele vai tornar isso difícil para mim. Da pior forma do caralho.

— Thatcher...

— Você tinha um pé dentro, um pé fora desde o início. Eu te disse isso meses atrás. — Ele arranca as luvas de látex. — E eu sei que você está comprometido apenas consigo mesmo, mas não percebi o quão egoísta do caralho você é até agora. — Seu tom mordaz está morrendo de vontade de me destruir.

Passo a língua pelos meus molares. Fervendo de dentro para fora. A princípio, quero apenas deixá-lo acreditar no que ele acredita. Minhas ações não foram capazes de convencê-lo de nada diferente. Não a maratona nas escuras montanhas de Poconos. Nem todas as flexões, todos os abdominais, todas as vezes que ouvi quando preferia desobedecer.

Se ele quer palavras, não ações, então, eu também as tenho.

— Onde quer que eu esteja, estou totalmente lá — digo com veemência. — *Sempre* me comprometi com a segurança e, no maldito milissegundo em que me senti atraído para outro lugar, escolhi sair. — Essa é a verdade.

Mas Thatcher olha fixamente.

Eu o encaro, me afastando da parede.

E ele diz: — É assim que você planeja encarar a situação?

Meu nariz queima, uma raiva de sangue quente desejando torcer meu rosto. Não há nada mais que eu possa dar a ele do que o que sinto. Ele ainda está escolhendo não acreditar em mim. — Eu não estou distorcendo merda alguma. — digo a ele. — Se você não vê do jeito que eu vejo, tudo bem. Deixa pra lá.

Akara, Quinn, Oscar e Donnelly permanecem rígidos. Assistindo. Tensos. Mas não surpresos por estarmos batendo de frente novamente.

Thatcher passa por cima de uma pilha de malas diretas. Arregaçando as mangas de sua camisa flanela xadrez. Como se ele estivesse tão quente quanto eu. Ele se aproxima de mim e diz: — Você pensou em Maximoff quando decidiu desistir dele?

Eu olho sem piscar. Ele está falando sério. Ele realmente acredita que eu não dou a mínima para Maximoff. Eu quase solto uma risada dolorida. *Porra*, eu faria qualquer coisa por ele.

Eu até escolheria a segurança por Maximoff, mas é o seguinte: Maximoff ficaria ressentido comigo. Todos os dias, todos os minutos, ele me odiaria. Somos tão parecidos que queremos dar um ao outro o que precisamos. E ele não iria, por um segundo, me deixar ficar na segurança por cavalheirismo.

— Uau — digo categoricamente. — Será que eu considereei meu namorado quando fiz uma escolha de mudança de vida que o afetaria

diretamente?

Claro que sim. Claro que sofri. É claro que me culpei pelo momento terrível. Mas sou eu quem acorda com aqueles verdes-floresta que gritam *não me mime, apenas me ame*.

Apenas me ame.

Não esse filho da puta.

— Seu cliente, seu *namorado*, acabou de quebrar a clavícula — Thatcher cospe, apontando para o meu peito. — Ele *acabou* de fazer uma cirurgia e perdeu o emprego, e você escolheu esse momento para desistir dele...

— Diga essa merda de novo e teremos problemas maiores — Eu zombo.

— Quando um de nós sai, temos que contratar alguém novo — Ele rosna, incapaz de parar de vomitar. — E essas famílias precisam aprender a confiar em um estranho para protegê-las *novamente*. — Seu olhar fica mais quente em uma única pausa. — Seu cliente, o cara que você deixou para trás, vai ganhar alguém novo em sua vida. Você deveria se preocupar com isso depois do que aconteceu entre vocês dois.

Eu ouço o que ele está insinuando. — Você não sabe do que diabos está falando.

— Eu sei que Maximoff é impressionável. — Ele coloca a mão em volta do punho. Como se ele soubesse que o que está prestes a dizer vai me irritar. — Se ele se apaixonou por alguém como você, ele não teria nenhum problema em se apaixonar por seu novo guarda-costas...

Eu explodo para a frente para acertá-lo; vou dar um soco na porra da cara dele – e então Oscar me puxa para trás, meus pés quebrando caixas. E ele tem boas intenções ao me conter.

Mas os outros caras não pegam Thatcher a tempo. Eu me afasto do aperto de Oscar como um reflexo, vendo o par de nós dos dedos, e meu amigo

me solta tarde demais – o punho de Thatcher bate na minha bochecha.

Minha cabeça lateja, a dor pungente familiar de todos os golpes que levei no ringue. Gritos perfuram o ar. Oscar empurra Thatcher para trás e Donnelly tenta pular no cara de dois metros. Mas Akara impede que outra luta comece.

Eu não me mexo.

Estou olhando para as tábuas do assoalho, meu autocontrole maior do que minha raiva, e olho para a porta que liga as duas casas geminadas. E estou confiante sobre onde quero estar e para onde preciso ir.

Saindo da ESO, dirijo-me à porta adjacente para encontrar Maximoff.

Ela se abre antes mesmo de eu segurar a maçaneta. E meu namorado aparece na porta. Ele olha para o hematoma no meu rosto e então seus olhos basicamente matam Thatcher de uma centena de maneiras diferentes.

Maximoff quase ataca.

— Lobinho — digo, rapidamente colocando a mão em sua cintura. Guiando-o para sua casa. Chuto a porta fechando-a atrás de mim, meu sorriso quase surgindo. Maximoff tentando me proteger definitivamente se tornou uma das minhas coisas favoritas de todos os tempos.

Seu cabelo grosso está desgrenhado como se ele tivesse acabado de pular da cama, e sua calça de cordão está baixa como se ele tivesse acabado de descer a escada correndo. Ele deve ter ouvido os gritos.

Ele segura meu quadril e olha furioso para a porta como se estivesse amaldiçoando Thatcher pela danação eterna. Ele realmente quer voltar lá e brigar por mim.

Eu não consigo parar de olhar para ele. Sentindo o quanto ele se preocupa comigo, sua mão sobe para minha bochecha. Pairando sobre o vergão.

Eu agarro sua mão na minha e as abaixo para os nossos lados. — Ele bateu em você — diz ele.

Eu assinto algumas vezes. — Eu amo que você queira me defender. Mas, entre outras coisas, seu braço dominante está preso ao seu peito.

Maximoff olha para sua tipoia vermelha, então, olha diretamente para mim. — Eu sou mais forte que você com apenas um braço.

Eu rio.

Merda, não acredito que estou rindo depois daquele show de merda. Mas ele me traz essa alegria sem esforço, e eu me apego a isso pela porra da minha vida.

— Ele achou ruim por você se demitir? — Ele pergunta.

— Eu vou te contar no carro. — E antes que ele pergunte, eu digo a ele: — Estamos indo para o meu antigo bairro. E eu vou falar com meu pai.

Agora mesmo. Não há melhor momento do que o presente. Porque nunca haverá um bom momento.

Maximoff não questiona a brusquidão. Assim que começo a conduzi-lo até a garagem, ele me acompanha passo a passo. De mãos dadas.

Como um soldado preparado para o amor e a guerra.

Farrow Keene

PAI: *A PORTA está desbloqueada. Estarei no terraço.*

Nenhum contato verbal face a face em quase quatro anos e essa foi sua resposta. Eu apenas mandei uma mensagem para ele dizendo que queria falar pessoalmente e que estava a caminho de sua casa com Maximoff. Não posso nem me surpreender com a falta de entusiasmo de meu pai. Não é como se eu mandasse uma mensagem: *estou voltando para a medicina. De nada.*

Estou tratando essa interação como uma reunião com um professor universitário.

Isso é tudo o que realmente é.

Maximoff também sabe disso.

É por isso que ele não pediu para trocar de roupa para impressionar meu pai. Ele está sem camisa, ainda com a mesma calça de cordão que fica abaixo de sua cintura definida.

Sua bunda parece ótima. Mas ele não me pegaria olhando para ela, mesmo que eu acenasse com a mão na frente de seu rosto.

Porque assim que entramos no *foyer* e no corredor, ele absorve o ambiente. Como se estivesse colocando meu eu mais jovem em todos os lugares.

Eu o observo com um sorriso crescente. Ele se perde na decoração de pintores italianos e vasos transbordantes de flores silvestres. Ele olha para o teto de vidro abobadado e para baixo, para o piso de mármore sob seus surrados *Timberlands*.

Onde a casa de sua família é aconchegante e convidativa, a minha é um exemplo de pretensão de sangue azul.

Maximoff olha para a mesa da sala de jantar posta para doze. — Sua casa era assim quando você cresceu aqui?

Eu jogo minha cabeça de um lado para o outro. — De alguma forma. Menos pinturas. Rachel é uma colecionadora de arte — Eu o lembro, caso ele tenha esquecido. Ele sabe que minha madrastra se mudou na época em que fui para a faculdade.

Viramos uma esquina para uma sala de estar aberta, um bar fumódromo e uma cozinha sofisticada. Coloco um chiclete na boca.

Ele se concentra no piano de meia cauda perto de uma estante imponente. — Você toca? — Ele pergunta.

Saio do seu lado e me aproximo do piano. Eu olho por cima do meu ombro. — Você toca, lobinho?

Maximoff gesticula para mim. — Eu te perguntei primeiro, cara.

Ele não pode tocar. Eu estouro uma bola na minha boca. — O quanto você espera que eu seja um pianista de merda porque você é? — Meus dedos roçam as teclas.

— Quem disse que eu era um péssimo tocador de piano? — Ele combate. — Talvez eu seja o melhor que já existiu, o maldito melhor tocador de todos os tocadores. — Minhas sobrancelhas se erguem.

— Você é definitivamente o pianista mais vaidoso.

Toda vez que digo *pianista*, ele faz uma careta.

Ele se aproxima de mim enquanto descanso meu joelho no banco de veludo. Ele roça minhas mãos que pairam sobre as teclas.

— Então você também não sabe tocar — Conclui Maximoff, já que estou prolongando isso e ele está impaciente como o inferno.

— E você acabou de admitir que não sabe tocar — Aponto e o dou uma olhada em uma varredura lenta.

Ele está se esforçando para não sorrir. Ele lambe os lábios, olhando minha boca.

— Eu não disse isso.

— Adoro quando você finge estar com amnésia. — Sorrio quando ele respira pesadamente em agitação, só querendo que eu apresse essa merda. Mas eu poderia aproveitar esse momento por horas a fio.

— Farrow — Ele começa.

Eu bato nas teclas com força. Acordes estridentes se misturam e lançam o ar. Eu observo seu sorriso tomar forma como se ele me batesse.

— Você gosta disso? — Pergunto com a voz rouca.

Seus olhos verde-floresta derramam-se em meus olhos castanhos com tantos *sins*, e estou tentado a me aproximar...

— Farrow.

Isso não foi Maximoff.

Sem pressa, retiro minhas mãos do piano, a sala ficando amortecida. Maximoff encara meu pai rigidamente, e eu olho para o velho.

Ele enfia as mãos em calça cáqui, ostentando um sorriso caloroso. Seu cabelo castanho está preso em um pequeno rabo, ficando grisalho nas têmporas, e sua testa está marcada pela idade.

Parte de mim quase deseja ser um bastardo ressentido. Esfregar sal em suas feridas antes de dar a ele o que ele queria há tanto tempo, mas nunca gostei de ser desnecessariamente amargo. Essa merda simplesmente não é para mim e, se eu puder evitar, tento não ser.

Seus olhos voam para o vergão na minha bochecha. Aquele que Thatcher me presenteou. Meu pai não diz nada sobre isso, e aposto que ele está assumindo que é por causa dos perigos do trabalho de segurança.

— Vamos conversar no pátio — Sugere. — Vou pegar alguns charutos...

— Não, não vamos demorar. — Eu desço minha bota no chão. Meu pai contribui com muito dinheiro para o Hospital Geral da Filadélfia, e eles facilmente me deixarão reiniciar minha residência de onde parei, então, não

vou pedir a ele para mexer os pauzinhos quando meu sobrenome já o fará.

Nepotismo. É real.

Meu pai olha para Maximoff e se concentra em seu ombro enfaixado.

— Como está a cura?

— Está tudo bem — diz Maximoff, não intimidado. Por qualquer um.

Ele mantém contato visual até que meu pai tenha que desviar o olhar.

Estou prestes a falar, e então meu pai me diz: — Se é sobre Rowin, eu o contratei para a equipe médica porque ganhei confiança nele. Em agradecimento por sua causa...

— Pare. — Fecho os olhos por um longo instante, irritado. — Não me diga isso.

— Então me diga por que você está aqui — diz ele, cordial. Não conflituoso. Ele caminha até a bancada da cozinha e abre a geladeira. Maximoff e eu seguimos para não termos que gritar na enorme sala.

Eu descanso minha sola no degrau de uma banqueta. — Eu vim para te dizer que vou terminar minha residência.

Meu pai serve um copo de água gelada para meu namorado. Digerindo minhas palavras lentamente como se ele não tivesse me ouvido bem. Ele examina meu fone de ouvido e microfone no meu rádio.

— Esta é minha última semana na segurança. Eu vou voltar depois disso — Explico. — Não preciso de nada de você agora, mas estou fazendo isso porque quero ser um médico concierge...

— Você será. — Seu rosto se ilumina como se eu tivesse dado a ele tudo o que ele precisa para morrer como um homem feliz.

Ele nunca pergunta por que tive uma mudança repentina de opinião. Eu não esperava que o porquê fosse importante para ele, e isso está perfeitamente bem para mim. Ele torna mais fácil ficar à distância.

Eu estouro outra bola. — É isso. Vou manter contato para o trabalho. — Eu abaixo minha bota da banqueta.

— Ótimo. Estarei disponível. — Ele serve um copo d'água para si mesmo e sente a necessidade de dizer a Maximoff: — Os médicos do primeiro ano estão cheios de medo e dúvida, e raramente os residentes de medicina correm para os casos sérios. Mas meu filho sempre os atendeu.

Não corri para os casos pensando em reforçar o nome da família. Corri em direção a eles porque estava confiante de que poderia lidar com a pressão. E eu queria ajudar. É isso.

Maximoff curva seu braço esquerdo em volta do meu ombro. — Você deveria estar orgulhoso de seu filho — Ele diz tão completamente que posso sentir seu orgulho por mim. Por muito mais do que apenas esta escolha. Meus olhos estão apenas nele.

— Estou orgulhoso agora — diz meu pai a Maximoff. — Mas não esses passados anos...

— Claro que não — digo.

Ele suspira. — Farrow, você não entende. Você é talentoso. Mais do que eu, mais do que seu avô. Você não pode desperdiçar talento assim...

— Por que você não conta a Maximoff a história de como eu me assumi para você? — Peço para fazer uma observação que nunca fiz antes.

Meu pai escolhe esse momento para tomar um gole d'água. Ele pigarreja e olha para Maximoff com um aceno de cabeça. — Não há muito o que dizer.

— Porque você não se lembra. — Fico mais ereto. — Tudo bem. — Eu estendo uma mão apaziguadora. — Não é uma história ruim. Merda, eu realmente gosto. — Eu toco meu peito. — Você me perguntou sobre o meu *crush*. Conversamos por alguns minutos e as coisas foram fáceis. Elas sempre foram, mas eventualmente você esqueceria aquele garoto. Você esqueceria que até nos falamos.

— Isso não é justo — diz ele. — Isso foi anos atrás.

— Cite uma lembrança que não envolva medicina.

Ele solta um suspiro profundo. — Farrow... — Ele está pensando. Minha vida está emaranhada com a medicina, mas há muitas memórias que ele poderia escolher.

Meu primeiro baile do Ensino Médio – ele me deixou levar seu *Bentley* para pegar meu par.

Minha excursão ao shopping aos doze anos de idade, onde ganhei meu nariz perfurado – ele assinou os formulários de consentimento dos pais.

Meu recital de coro da segunda série – ele me fez panquecas de mirtilo como *boa sorte, que tudo corra bem*.

Ele existe em memórias sem medicina, mas tem dificuldade em encontrar uma. Ele simplesmente nunca colocou valor em nenhuma delas. Enquanto ele me criava, olhou através de uma lente e nunca ampliou o escopo. Eu sei como isso termina antes mesmo de acontecer. Eu digo a ele que está tudo bem. Não se preocupe com isso. Trocamos mais algumas palavras sobre medicina.

E então, eu saio com Maximoff.

Não sou clarividente, mas *isso* eu posso prever.

Maximoff Hale

— FARROW! BOXERS OU CUECAS?!

Tenho que amar paparazzi. Fazendo as boas perguntas. E por *boa*, quero dizer *trivial*. Meio engraçado, se não previsível, mas bastante trivial.

Você deve saber que não estou aborrecido, mas sou mais do que cauteloso. Esta é uma das primeiras vezes que Farrow e eu andamos de mãos dadas em uma calçada em Center City. Ele está acostumado a ser o guarda-costas silencioso.

Não o *namorado* de uma celebridade.

O *click, click, click* das câmeras que acompanham nossa jornada para o jantar – esse é o meu normal. Quase não me lembro de andar sem paparazzi na Filadélfia.

E está tudo imortalizado em vídeos que eles venderam para os tabloides. Você viu quando eu era criança, meu pai ameaçou os paparazzi que se aproximaram demais da minha mãe enquanto eu estava em seus braços protetores. Então, eu cresceria e seria o único a segurar a mão da minha irmã. Gritando com os paparazzi: *para trás, ela é apenas uma criança*.

Agora, tenho vinte e dois anos e, se pudesse conceituar um cenário de primeiro encontro público, pareceria bem próximo dessa realidade. Oito ou nove paparazzi cercando Farrow e eu. Câmeras piscando em uma sucessão ofuscante e iluminando nossos perfis na noite escura como breu.

Seu passo firme e seguro que combina com o meu. Seus óculos aviadores que bloqueiam a luz explosiva e sua mão que aperta minha mão a cada pergunta que recebo. Como se para me dizer: *estou bem, lobinho*.

Eu não sei... isso me faz sorrir.

Talvez porque esta seja a minha vida e sempre tentei aceitar as partes

malucas que não posso mudar.

— Eu te amo!! Eu te amo!! — Um cinegrafista de meia-idade elogia constantemente. Ser excessivamente elogioso é uma coisa que os paparazzi fazem. Outros vão apenas tentar nos irritar para ganhar dinheiro.

— Farrow!! Maximoff! Quem monopoliza os cobertores?!

Dou uma olhada furtiva para Farrow. Nós dois somos muito bons em não monopolizar o edredom e, à medida que o verão sufocante se aproxima, dormimos apenas com um lençol.

Um sorriso brinca no canto de sua boca e ele aperta minha mão antes de dizer a eles: — Definitivamente, Maximoff — Ele não está mudando nossa dinâmica por eles, por ninguém.

Meus pulmões se inflam em uma respiração maior. — Em um universo alternativo — digo aos fotógrafos. — Na realidade, é *definitivamente* Farrow. Toda maldita vez. — Imagino seus olhos revirando a porra do globo atrás de seus aviadores. Meus *Ray Ban* protegem os *flashes* recebidos que sobem um pouco.

— Onde está Jane?!

Jantar em família no Cobalt Estate.

— Por que Jane não está com vocês?!

Meu cérebro dispara *primeiro encontro público, primeiro encontro público, primeiro encontro público!* E meu estômago dá um chute estranho. Cérebro e corpo estão muito animados com a perspectiva de hoje à noite.

Não é como se eu não tivesse saído com Farrow antes. Mas desse jeito, parece novo.

— Farrow?! Você está em um encontro com Maximoff agora?! — Suas sobranceiras saltam, surpresa que eles adivinharam certo.

— Isso é um encontro?! O que vocês vão comer?! Quem paga a conta?!

Farrow arrisca um olhar para mim. Vendo se eu quero responder. Mas

estou olhando para ele. Tentando ver a mesma coisa. Ele tem sido seletivo sobre quais perguntas da mídia responderá. Eu quero que ele faça o que for mais confortável e não seja pressionado.

— Quem pensou no encontro?!

Eu.

— Aonde vocês estão indo?!

Estamos chegando ao nosso destino. Na esquina da rua, uma luz neon vermelha indica Tony's Pizza. Eu sei, eu sei – nosso primeiro encontro é insanamente inventivo e revolucionário.

Pizza.

Levei apenas um mês sólido de análise excessiva.

Farrow empurra para trás mechas de cabelo branco que caíam até os cílios. E ele inconscientemente toca seu cinto – onde seu rádio normalmente estaria preso.

Ele só está fora da equipe de segurança há alguns dias. Nós dois ainda estamos nos ajustando. À nossa frente, meu guarda-costas temporário para esta noite marcha como uma casa de tijolos.

Ainda não recebi um substituto. — Isso é um encontro?!

Solto a mão de Farrow e passo o braço em volta de seus ombros. *Carvalho, Senhor.* A dor aumenta e expiro pelo nariz. Meu braço esquerdo é considerado meu braço “bom”. Mas levantar um ombro às vezes inadvertidamente move o outro.

Externamente, estou de boa.

Por dentro, estou chutando minha bunda para outra galáxia por não ter sido mais cuidadoso. Meu músculo lateja como um martelo cego. Só para você entender, não vou largar o braço. Eu pretendo segurar meu namorado. Então, eu estou segurando seus ombros. O sexo já é desafiador com a tipoia. Não quero eliminar as formas de afeto físico que finalmente posso fazer em público.

Quando nos aproximamos da pizzaria, Farrow varre meu corpo algumas vezes. Tentando estudar meu estado. Ele deve ter sentido meu corpo retesar. *Flashes* piscam em meu rosto como luzes estroboscópicas em um filme de terror. Então, não há como ele estar lendo a dor que mal revelo.

— Por que Loren não *twittou* sobre seu relacionamento como Lily?!

Meus músculos doloridos se contraem com a menção de meus pais. O passo despreocupado de Farrow nunca fica em pânico ou irritado.

Ele sabe que meu pai não está entusiasmado com nenhum relacionamento de casal *online*. Nem mesmo o de seu próprio irmão. Ele zombeteiramente chama meu tio e minha tia de *passas*.

Por outro lado, minha mãe supercompensa e *twitta* cinquenta vezes por dia sobre nós:

#Marrow pra vida!

É assim que o amor se parece #Marrow

Mãe orgulhosa #Marrow

Os fãs criaram nosso nome de casal, e realmente pegou depois que minha mãe o usou.

— Loren não aprova seu relacionamento...

Eu o corto: — Ele aprova. — Meu pai é apenas superprotetor, e eu acho que ele se sente um pai melhor se não facilitar com minha cara-metade.

— Eu te amo!! Eu te amo!!

Farrow acelera o passo. Propositadamente para que meu braço caia de seu ombro. Quando isso acontece, ele rapidamente pega minha mão e eu alongo meu passo. Alinhado com ele novamente.

Eu repito seu movimento suave pra caralho mais e mais e mais. Meu sangue começa a acumular para o sul. Estou agitado e incrivelmente quente. Provavelmente porque estou aborrecido. Aborrecimento me excita. Cristo,

esse é um pensamento estranho.

Subimos alguns degraus de cimento até a pizzaria. Uma entrada de vidro à vista. Perguntas de última hora surgem no ar. A maioria sobre meus pais e Farrow.

Mas nossas cabeças se voltam para esta: — Farrow forçou você a desistir do leilão?!

Eu olho furioso. — Você está brincando comigo?

Todos eles têm sede desse tópicio. Muitas vozes se misturam.

— Devagar — Farrow dispara para os paparazzi.

Eles deixam o fotógrafo de meia-idade falar. — *Celebrity Crush* publicou um artigo esta noite. Maximoff nunca desistiria de um evento de caridade, e você é a única coisa diferente na vida dele.

— A *única* coisa que é diferente? Eu sofri um maldito acidente de carro! — Grito, meu pescoço esticando. — Porque *seus* amigos correram atrás do carro do meu priminho em uma maldita estrada!

— Eles não eram nossos amigos! — Todos eles se dissociam. Farrow revira os olhos.

Nós dois já vimos esses rostos antes. Os paparazzi na Filadélfia são uma rede estreita de pessoas que ligam umas para as outras quando avistam alguém da minha família. Em seguida, eles saem correndo e capturam uma foto por dinheiro.

Eu sempre tentei simpatizar com eles. E eu entendo. Este é o trabalho deles.

Mas esta é a minha *vida*.

E eles precisam saber... — Foi *minha* escolha desistir do leilão — Eu quase rosno, precisando defendê-lo. — Não de Farrow. Se alguém é territorial nessa relação — Eu movimento para frente e para trás entre seu peito e o meu. —, sou eu.

Farrow inclina a cabeça para mim, seus olhos me examinando de

cima a baixo. E ele diz: — Eu sou tão territorial quanto você, lobinho.

Ele não está me deixando levar toda a culpa para protegê-lo.

Somos o pior pesadelo de um publicitário. Atear fogo à nossa imagem pública por um amor teimoso.

O Tony's Pizza cheira a queijo gorduroso e cerveja e, depois de meia hora, está completamente lotado. Crianças bagunceiras com camisas de futebol cobrem uma longa mesa de tecido xadrez e ajudam a abafar os paparazzi do lado de fora. O mesmo acontece com as televisões montadas que transmitem os *playoffs* da *Stanley Cup* e da *NBA*.

Mas não muito pode distrair meu cérebro estupidamente apaixonado dele. — Não é tão ruim — digo enquanto pego azeitonas pretas da minha fatia de pizza suprema e olho para Farrow, cujas sobrancelhas se erguem quanto mais eu defendo as capacidades da minha moto.

Nossa mesa é encostada na parede, e atrás de Farrow há um letreiro neon laranja que diz ‘amor verdadeiro’ com uma pizza entre as palavras. Eu continuo comendo-o com os olhos.

Tudo dele.

Ele se senta um pouco de lado. Seu braço tatuado está pendurado casualmente nas costas de sua cadeira de madeira, e ele colocou a sola de sua bota no assento vazio ao lado dele.

Farrow Redford Keene é irritantemente calmo, e Deus, eu não posso acreditar que ele é meu.

Eu nunca vou superar isso. Pensar que um dia estaria aqui. Num encontro público com o único cara que eu realmente precisei ou quis – é um sonho.

Ele me observa verificando-o, e então seu olhar desce pelo meu corpo naturalmente rígido em uma onda sufocante.

Estou ciente de que pareço pronto para um Armagedom. Eu sempre estou pra caralho. Mas penso em como Farrow se sente atraído por essa parte de mim. Para cada parte de mim. Já estou confortável comigo mesmo, mas ele me faz amar quem eu sou vezes infinitamente.

Eu sinto o começo do meu sorriso. — Eu posso forçar a cento e vinte nela — Acrescento, voltando ao papo da moto.

O canto de sua boca se levanta com uma risada curta. — O acelerador da sua moto está com problema. Eu não conseguia nem acelerar para cinquenta quando tentei. Na verdade, eu deveria comprar uma moto nova para você no seu aniversário em julho. — Ele levanta o prato e o estende para mim.

Eu raspo minhas azeitonas pretas, que eu odeio e ele adora, em sua pizza. — Você não pode me dar uma moto — digo. — Só comprei um par de botas para o seu 28º aniversário. — Ele está usando essas botas agora.

— Rasgue o livro de regras do aniversário. — Farrow dobra sua fatia de pizza. — Porque se você quiser começar a comparar os preços dos nossos presentes, eu só gastei cinco pratos com você no Natal. — Ele sorri antes de dar uma grande mordida na pizza.

Aquele presente de cinco pratos está preso no meu pulso esquerdo: um relógio de pulso verde-oliva. Logo abaixo está a pulseira trançada cinza que ele me deu do nada.

E adorei que o relógio fosse realmente barato. Ele não estava tentando substituir o meu antigo por algo chamativo. Ele me deu o que combina *comigo*.

— Olha, tudo o que estou dizendo — digo a Farrow — é que se você me comprar uma moto, compro uma para você. Eu não posso nem andar de moto até que eu esteja fora desta maldita tipoia. Você precisa disso mais do que eu. — Eu queria comprar uma para ele desde que ele vendeu sua FZ-09 para o leilão, e toda essa conversa começou porque sua residência começa

amanhã.

Ele tem que dirigir meu *Audi* até conseguir outro veículo. Ofereci minha moto a ele e ele a chamou de merda. E foi isso que aconteceu aqui.

Mordo a pizza grossa, os pimentões e a linguiça caindo no meu prato.
— Caralho — Murmuro.

Farrow parece muito divertido. Como se ele tivesse me derrotado em outra coisa.

Ele está comendo sua pizza sem uma avalanche de recheios.

Sim, eu não dobro e seguro minha pizza e não sei como ele faz isso parecer legal.

Depois de tomar um gole d'água, ele me diz: — OK, vamos fazer assim — Seus olhos encontram os meus. — Não estamos presenteando nenhuma moto, pois ambos precisamos de novas. Não posso comprar uma MT-10 novinha em folha, e essa é a *Yamaha* que eu gostaria. Vou dividir o custo com você e, quando você comprar uma moto nova, dividiremos o custo dessa.

Eu engulo minha comida. Pensando nisso. — Então nós dois teremos as duas motos?

Sua pizza paira perto de sua boca. — Tecnicamente, meu seguro será meu, mas pessoalmente eu consideraria como ambas nossas.

Ambas nossas.

Eu repito isso.

Ambas nossas.

— Você está sorrindo — Ele aponta antes de comer.

Sim, é difícil fazer uma careta. — O que posso dizer? eu gosto de seus *personalmentos* mais do que seus *tecnimentos*.

Seus anéis batem na madeira quando ele bate na cadeira. Ele engole sua comida. — Tecnicismo — Ele começa, e eu já estou gemendo. — *Personalmentos* não existem. Não é uma palavra.

Eu encho minha boca com pizza para liberar minha mão – e mostro o dedo do meio.

Ele revira os olhos em um sorriso. Enquanto ele come a crosta dele, eu me concentro em sua bochecha. Onde Thatcher o atingiu. A contusão quase desapareceu, mas Jane ajuda Farrow a esconder a mancha com maquiagem sempre que saímos.

Farrow não queria que um tabloide contasse uma história sobre *eu* ter dado um soco nele.

Ainda estou muito chateado com Thatcher. Mais do que Farrow nesse momento. Não entendo por que Thatcher continua cagando para o meu namorado e, se ele fizer isso de novo, vou explodir com ele.

Contei a Jane o que seu guarda-costas disse, e imediatamente ela me disse: — Não vou falar com ele. Não posso. — Por lealdade a nós, ela está em um gigantesco tratamento de silêncio com Thatcher até novo aviso.

Eu sei que é difícil para Janie. Ela gosta de conversar, mesmo que seja um bate-papo unilateral e a pessoa raramente responda.

Na pizzaria, meu olhar cai de sua bochecha para seus bíceps esculpidos. Mais distraído por suas tatuagens do que por seus músculos. Uma fita com tinta circula uma bússola com as palavras: *siga seu próprio caminho*.

A mídia continua especulando qual será minha próxima carreira.

Uma manchete recente:

MAXIMOFF HALE, HERDEIRO DE TRÊS CORPORAÇÕES. QUAL ELE VAI ESCOLHER?

Você acredita que serei contratado por uma das empresas familiares: Fizzle, Hale Co. ou Halway Comics.

Posso até ajudar na Superheroes & Scones. Mas ainda não sei onde está meu coração.

— O que você está pensando? — Farrow amassa um guardanapo.

Eu refaço os caminhos infinitos do meu cérebro. — Estou pensando na vida. Como deixei o legado da minha família e, amanhã, você retornará ao seu. — Minha cabeça vira quando alguém se aproxima.

Um garçom traz o chá quente que pedi. Agradeço a ele, a água fervendo e o copo quente demais para tocar. Quando ele sai, digo a Farrow: — E como tenho uma carga gigantesca de tempo livre e talvez devesse construir uma casa com minhas próprias mãos ou ir para a selva e descobrir o significado filosófico de minha frágil existência. E então penso em como preferiria ir para a selva com você. — E acrescento: — E como minha bunda é melhor que a sua.

Físico, mental e sexual – essas são as rotas da minha mente.

Ele me olha de cima a baixo, seu brinco balançando. — Eu tenho a melhor bunda, mas posso deixar você acreditar que é a sua.

Imagino a bunda dele agora. E instantaneamente imagino meu pau deslizando dentro dela e a forma como seus músculos se contraem em uma excitação escaldante – *caralho*. Pisco algumas vezes para evitar fantasias.

Seu sorriso conhecedor se espalha cada vez mais.

Eu franzo a testa. — Seu sorriso está rasgando seu rosto.

— Anatomicamente impossível, mas boa tentativa. — Ele ri enquanto eu faço uma careta, e então meu telefone vibra. Mensagens da minha família. Perguntando sobre o encontro. Tem sido constante a noite toda.

Eu pego meu telefone apenas para garantir que não seja nada sério. Mas estou distraído. Por você-sabe-quem. Não Voldemort. Alguém mais gostoso. Não que eu ache que o vilão dos livros de *Harry Potter* seja remotamente sexy – *Cristo, pare de pensar*.

Farrow rasga um invólucro de palha, seus olhos caindo para mim, antes de subir para a televisão. O *Philadelphia Flyers* está nos *playoffs* da *Copa Stanley*. Nós dois gostamos de assistir esportes profissionais, especialmente se nossa cidade natal estiver envolvida.

Mas não é isso que está me pegando.

Seus olhos derretidos voltam para mim novamente. Picando meus nervos, e então eles levantam para a TV. Olhos em mim, depois a TV, em mim – seus lábios se erguem, depois a TV.

Meu pau se esforça contra meu jeans. Estou ciente de que dentro da pizzaria lotada, os telefones estão apontados para nós. Alguns melhor escondidos do que outros. Estamos sendo gravados por dentro e por fora.

Somos públicos.

Eu me lembro disso. Somos públicos e posso tocar no meu namorado. Então, eu me levanto ao mesmo tempo em que ele desce a bota. Ele gesticula para mim, mas já estou indo para o lado dele da mesa.

Quando me sento ao lado dele – tão perto que minha coxa está contra sua coxa e seu braço forte envolve a parte inferior das minhas costas – os *flashes* disparam do lado de fora. Olhando pelas vidraças.

Meu guarda-costas temporário está sentado a uma mesa de distância, fingindo interesse em seu telefone e na tigela de sopa. Dou uma olhada rápida no meu celular também. Nenhuma mensagem de emergência. Tudo deve estar bem.

Mais flashes.

Mais luz brilhante.

Os paparazzi não vão embora se eu pedir. A única maneira de consertar isso é sair eu mesmo, e os fotógrafos me seguirão.

Mas de todas as noites, não quero que esta seja curta. Então, coloco meu braço esquerdo sobre seus ombros e ignoro as batidas em meu músculo dolorido.

Farrow se curva um pouco, então, meu braço cai para um ângulo mais baixo. Dez vezes menos pressão no meu ombro, mas ainda estou abraçando-o.

Seus dedos tatuados mergulham sob a faixa do meu jeans, não indo muito longe. Apenas o suficiente para aquecer a pele da minha cintura com

sua pele. Nós nos desligamos dos olhares e das lentes. E assistimos hóquei no gelo em público. Claramente ligados romanticamente.

É a coisa mais casual e comum.

Você não tem ideia do quanto isso significa para mim.

— Maximoff Hale. — De repente, um cara atarracado em um moletom da faculdade local se aproxima da nossa mesa, e meu guarda-costas temporário balança para cima e para baixo em seu assento. Hesitando em intervir. Eu costumo deixar os fãs se aproximarem.

Eu sinalizo para o guarda-costas se sentar.

Farrow está supercolado ao cara, mesmo quando ele sussurra para mim: — Reconhece?

Maximoff Hale

— NÃO — SUSSURRO DE volta para Farrow, e então sorrio para o cara que levanta a mão em um alô. Eu digo a ele: — Ei, cara. Estou meio ocupado esta noite...

— Eu só estava esperando por um autógrafo. — Ele estende a mão sobre a pizza suprema comida pela metade, tentando me passar um guardanapo e uma caneta esferográfica.

Eu tenho que tirar meu braço de Farrow para agarrar os dois. Para mim, não é grande coisa assinar um guardanapo. Leva meio segundo e pode mudar o dia de alguém. Mas percebo como o cara olha por cima do ombro e sorri travessamente para uma mesa, um vaso de plantas escondendo os outros rostos.

Isso me deixa nervoso.

Mas eu não vacilo, abrindo a caneta. — Eu sou destro, então isso vai ficar estranho. — Não se parece em nada com a minha assinatura real.

— O que quer que seja bom — diz ele distante, concentrando-se em Farrow. — Posso pegar seu autógrafo também?

Farrow mal pisca. — Eu vou passar. — Ele recusou autógrafos e fotos antes, mas não com tanta frieza associada.

O cara em idade escolar quase... sorri.

Isso não é um fã.

— Aqui. — Estendo o guardanapo e a caneta para o cara. — Tenha uma boa noite, cara. — *Por favor, saia. Por favor, não estrague a porra do meu encontro.*

Embolsando o autógrafo, o cara demora mais meio segundo. E formalmente, como se tivesse ensaiado essa fala com seus amigos, ele me diz:

— Não achei que Farrow fosse seu tipo, Maximoff. Achei que você acabaria com um pau rico, não com uma puta por fama.

Eu estreito meus olhos. — Você está falando sério?

— Eu disse...

— Cai fora — Farrow interrompe, levantando-se. Mas ele não pode afastá-lo tão facilmente. Tenho certeza de que ele quer, mas ele não é um guarda-costas ou um espectador. Ele faz parte do confronto.

O cara ri, depois olha para mim. — Seu namorado vai me bater? — Farrow revira os olhos. Ele é intimidador para a maioria, mas como meu namorado, o pior dos piores tipos de humanos tentará provocá-lo por quinze minutos de fama.

Cadeira arrastando para trás, eu me levanto ao lado de Farrow. — Tem crianças aqui — Rosno. — Volte para a sua maldita cabine.

Meu guarda-costas temporário está falando em seu rádio. Hesitando.

— Você parece tenso, Maximoff. — O cara dá um único passo para trás. — Isso é o que acontece quando você escolhe pra menos...

— *Vai se foder* — Eu solto, e Farrow agarra a parte de trás da minha camisa, porque eu quase me jogo. Então, ele segura a parte de trás da minha cabeça, protetoramente. Reconfortante. Dizendo-me para não o defender e deixar os desordeiros chegarem até mim.

Respire fundo.

— Você é igualzinho ao seu pai. — Ele sorri para mim. — Como está Ryke Meadows, a propósito?

Meu punho permanece ao meu lado. Ryke não é meu pai, mas perdi o desejo ou necessidade de cuspir essa verdade. Eu não me mexo. Eu não o acuso.

Mas também não posso falar.

Farrow ergue as sobrancelhas para o cara. — Suas opiniões são feias pra caralho. E não estamos aqui para essa merda. Você quer uma briga, vá

lutar com os filhos da puta que você chama de amigos. — Ele aponta para a cabine.

O cara engasga com a respiração. Ele abre a boca para dizer mais alguma coisa e depois a fecha. Seus olhos disparam para a esquerda, onde meu guarda-costas temporário finalmente se aproxima.

Farrow se volta para ele primeiro. — Ligue para a ESA e chame alguns caras aqui. Estaremos no banheiro até você chutar esse idiota para fora.

— Eu não vou embora — Bufo o intrometido.

Olho para o guarda-costas temporário. — Você tem cinco minutos — digo a ele, minha voz afetada e firme. Estou apenas no automático neste momento. Farrow segura minha mão e me conduz rapidamente pelo restaurante lotado. Em direção ao banheiro masculino.

Todo mundo está olhando. Filmando. Meus olhos estão na porta do banheiro.

E então um líquido quente de repente espirra em meu rosto. — Caralho — Xingo, esfregando o... café da minha bochecha e têmpora em chamas. É tudo tão abrupto que não tenho tempo para pensar.

As pessoas suspiram e gritam, enquanto outras se levantam de suas cadeiras, com os celulares apontados para mim.

Farrow empurra alguém para trás e grita uma ameaça que ecoa em meus ouvidos. Eu pressiono a barra da minha camisa no meu rosto que está pegando fogo. *Droga*. estou desorientado. Pegando expressões chocadas. Algumas pessoas estão sorrindo estranhamente enquanto filmam isso com seus telefones. Perco de vista o culpado. Mas todas as pessoas que estão gravando estão obtendo ótimas imagens. Talvez eles estejam pensando em quanto dinheiro eles podem vendê-lo. Quantas curtidas e *retweets* eles receberão.

Estou me blindando.

Estou desligando.

Este é meu primeiro encontro.

— Maximoff — Farrow diz, a mão caindo de volta na minha.

Eu não estou bravo. Apenas entorpecido, e eu fico na linha de Farrow. Capaz de abrir a porta do banheiro primeiro, e eu entro. Uma cabine de banheiro estragada, um mictório, um marcador e uma caneta estão rabiscados ao longo das paredes marrons lascadas.

Farrow tranca a porta atrás de nós. Estamos quietos. Aqui é mais tranquilo.

Eu toco a ardência e olho para o espelho. A pele está brilhante, vermelha brilhante ao longo da minha bochecha, abaixo do meu olho e ao lado da minha têmpora.

Ele pega toalhas de papel do dispensador. — Bem-vindo ao meu mundo — digo secamente.

Ele olha para mim enquanto abre a torneira da pia. — Já tenho estado em seu mundo, lobinho — Ele passa as toalhas de papel em água fria e as torce.

— Mas agora você está nisso, nisso — digo a ele.

Suas sobranceiras se erguem, viradas para mim. — Você sabe que eu amo seu mundo fodido. Porque você está ‘nisso, nisso’. — Ele usa aspas no ar e então pressiona a toalha fria na minha bochecha e têmpora.

Nossos olhos se acariciam por um segundo, e eu respiro mais fundo. Melhor.

Ele balança a cabeça algumas vezes, sua mandíbula apertada. — Eu deveria ter sido mais rápido. — Ou seja, ele gostaria de ter pulado na minha frente.

— Estou feliz que você não foi. — Porque naquele universo alternativo, ele seria o único com a dor pungente.

Ele segura meu olhar e então franze a testa para a queimadura, levantando a toalha de papel encharcada que acalma minha pele. — Se o seu

novo guarda-costas for tão ruim quanto aquele, vai me matar toda vez que eu deixar você.

— Eles não serão tão ruins. — Minha mão desliza pelos músculos de suas costas, e repasso o que aconteceu. — Sobre o que aquele cara disse...

— Estou bem, lobinho. — Farrow segura a toalha de papel molhada em meu rosto novamente. Sua confiança perpétua fortalece a ele e a mim juntos. De novo e de novo e de novo. — Você?

— Sim. — Minha mão alcança seu pescoço, prestes a trazer sua boca para a minha – uma batida bate na porta do banheiro. Nossas cabeças se viram.

— Preciso mijar, cara! Se apresse!

Além dessa gritaria, o telefone de Farrow toca em seu bolso.

Sem tirá-lo, ele desliga a ligação.

E então ele me beija rapidamente. Como um selinho. Não é o que eu quero, mas ele me diz: — Seja paciente.

— Eu não conheço essa palavra — digo sarcasticamente.

— Porque eu sou mais inteligente que você. — Farrow absorve minha irritação como uma esponja.

Eu pisco lentamente. — Obrigado pelo balde de mentiras. Eu precisava disso... — Interrompo-me porque o telefone dele não toca nem uma nem duas vezes. Repetidamente. Incessantemente.

As notificações começam a pingar também.

Nós dois franzimos a testa.

Farrow enfia a mão no bolso e pega o telefone. Estou de pé ao lado dele, e ele vira o celular.

As mensagens aparecem, uma após a outra.

OMD FARROWWW – 993-555-4343

Me fode bem, baby - 876-555-2908

Você e Maximoff são os mais fofos. Só queria te dizer isso.
Beijos – 404-555-3888

Ei, idiota, Maximoff é um cara legal. Ele merece melhor. –
202-555-1010

Vai se foder. Ele nunca teria cancelado o leilão. Você é uma
influência horrível. Espero que morra. – 342-555-9876

Esse leilão foi para CARIDADE. Você é muito ciumento por
ele. Ele poderia ter alguém muuuuito melhor. –161-555-2800

Maximoff deve estar com um menino fofo e calmo que ele
possa abraçar e amar. Você não. – 675-555-4323

Meu estômago cai de um penhasco de trinta metros. Trocamos um
olhar cauteloso e então o telefone dele toca com um número desconhecido.

— Não responda a isso — digo a ele.

— Não ia. — Farrow passa os olhos pela tela. — Me passa seu
telefone.

Tiro meu celular do bolso. Ao mesmo tempo, alguém chama. Meu
identificador de chamadas: *Oscar Oliveira*.

Farrow pega meu telefone e eu escuto fixamente. Pronto e preparado
para controle de danos. Outro DEFCON 1, aqui vamos nós.

Meu namorado pressiona o botão do viva-voz. — Oliveira.

— *É ruim, Redford* — diz ele. — *Suas informações se espalharam
por toda a internet. Número de telefone. Endereço da infância. Nomes de sua
família: pai, madrasta, meia-irmã e ex-namorados.*

Farrow fecha os olhos antes que eles rolem em um arco gigante.

— *Sua página do MySpace da sétima série* — Continua Oscar —, *o nome do seu porquinho-da-índia de estimação* — *Scuttlebucket*. O único animal de estimação de Farrow já havia morrido quando ele tinha doze anos.

— *Endereço de e-mail, qualquer nome de usuário antigo em redes sociais, a senha da sua conta bancária...*

— Onde está a equipe de tecnologia de segurança? — Eu pergunto, e Farrow me entrega meu telefone. Ele coloca o próprio celular no ouvido, ligando para o banco para congelar suas contas.

— *A equipe de tecnologia está impedindo um hack de telefone. Mas, Hale, esta informação vem de outras fontes. Como as contas de mídia social do amigo-de-amigo-de-amigo de Redford espalhadas por anos. Sempre que ele aparecia em fotos ou pelo nome, as pessoas o conectavam e encontravam mais informações sobre ele. É uma bola de neve.*

Farrow fala baixinho perto da pia. Falando com o banco.

— Ele está sendo *doxxed*? — Percebo.

Suas informações privadas estão sendo vazadas para consumo público. Eu tentei me preparar para este dia do juízo final. Eu disse a mim mesmo por anos que isso poderia acontecer com quem eu namorasse publicamente.

E não vou deixar ninguém, especialmente *doxxers*, me fazer arrependê-lo de nossa decisão de tornar público. Mas foda-se aquelas pessoas que fazem isso com seres humanos para cagar e rir.

Nunca tive total privacidade. Então, nunca experimentei o que Farrow está passando agora. Imagino que seja como se de repente você estivesse sendo despido na frente do mundo inteiro. E você não pode pegar o manto de volta – e eu odeio não poder protegê-lo. Não ter poder para protegê-lo. Tudo o que posso fazer é estar aqui. Não parece o suficiente.

Oscar me diz que a equipe de segurança está convocando uma reunião de emergência. Mesmo que Farrow não tenha um guarda-costas 24/7 e ele não

seja mais um, ele ainda está sendo protegido por Alfa, Ômega e Épsilon.

Eles o estão tratando como família. E não me refiro apenas a uma parte dos Hales – não posso levar o crédito por isso. Acho que é principalmente porque a equipe de segurança o ama.

Desligo com Oscar.

— Eu preciso mijar!! — Alguém batendo na porta.

— Vai se foder! — Eu grito.

— ...OK. Tchau — diz Farrow antes de desligar a ligação. Ele enfia o telefone no bolso. Ele está relaxado, mas há um toque de frustração e raiva em seus olhos que não posso deixar de notar.

Eu só quero ajudar.

De qualquer jeito que eu puder.

Farrow se inclina na pia. — Parece que não vamos lutar sobre quem paga nesse encontro.

Eu perto dele. — Eles drenaram seu dinheiro?

— Dois mil, cinco minutos atrás. Perdido. O banco sinalizou a atividade e congelou todas as minhas contas.

Assim que estou ao alcance do braço, nos seguramos. Instintivamente, nossas mãos vagam, seguram e agarram. Ele sussurra: — Não tenho dinheiro comigo.

Eu traço as asas em seu pescoço. — Eu planejava pagar, de qualquer maneira.

Ele me encara. — E eu planejava arruinar seu plano. — A palma da mão sobe para trás. Empurrando-me o mais perto possível de seu peito com minha tipoia.

Eu o abraço mais apertado em volta dos ombros. Sua mandíbula desliza contra a minha. Seus dedos massageiam a parte de trás da minha cabeça antes de apertar com mais força.

Eu não o largo.

Eu posso sentir seu peito desabar. Eu seguro mais forte. Respiração funda. Ficamos neste abraço por um longo momento. Nossos pulsos batendo juntos, e o mundo parece ficar calmo. E quieto.

Quando nos afastamos, nossos olhos dizem a mesma coisa:

Vamos sair daqui.

101K visualizadores e contando me ouvem falar sobre limites, em uma *live* no *Instagram*. Café jogado na minha cara, Farrow sendo *doxxed* – não era assim como eu via nosso encontro. Em vez de me afogar em ressentimento, lembro-me de olhar para o lado positivo. *Eu fui a um encontro público com meu namorado.*

Estamos aqui hoje. Respirando, vivendo e temos amor – tanto maldito amor. *Ele está bem.* Estamos bem.

Apoiando-me na cabeceira da minha cama, inclino o telefone, tudo abaixo do meu abdômen fora do enquadramento. Tive um trabalhão para tirar minha camisa e preendi minha tipoia no meu peito nu.

Farrow ajudou. Tipo, muito.

E então ele teve que atender um telefonema do hospital. *Merda de papelada*, suas palavras. Então, enquanto ele saía do sótão, decidi fazer uma *live* e desabafar.

Limites. Decência humana.

Não brinque com meu namorado.

— Entendo que todos vocês terão suas opiniões sobre Farrow. Mas cagar nele porque vocês me amam não faz sentido. — Corações de emoji fluam na tela, e a faixa de comentários acelera rapidamente. Tornando-os difíceis de ler.

Mas eu pego alguns:

Desculpa. você poderia ter alguém melhor do que ele

Marrow pra vida

Te amo, Maximofffff!!

É péssimo o que aconteceu com Farrow

OMD a queimadura em seu rosto, você está bem?

Ele não é bom o suficiente para você

Só não queremos que você se machuque!

— Farrow é a última pessoa em todo o universo que me machucaria.

— Na transmissão ao vivo, minhas feições nítidas me encaram. Meus olhos verde-floresta parecem ainda mais verdes esta noite e quase perfuram a tela.

Ele parece chateado OMD

Você está bravo?

NÓS TE AMAMOS!

Você é um idiota

Quando SOMOS CALLOWAY vai ao ar?????

Não fique triste!!

Eu descanso minha cabeça para trás. — Quando vocês fodem com Farrow, vocês me machucam. Então, se se importam comigo, não joguem nele coisas como eu mereço mais e ele não é bom o suficiente para mim. Farrow Keene é o único que deixei entrar. *O único*. — Eu apontaria para o meu peito se pudesse. — Isso não é por acaso. É porque ele é mais do que suficiente para mim. Ele é tudo.

A porta se abre.

Caralho.

Eu não tinha planos de fazer alguma declaração sentimental. Uma que Farrow adoraria citar por eras e eras. Só para me sacanear pra caralho.

Querido mundo, diga-me que meu namorado não me ouviu professar

uma quantidade colossal de amor. Atenciosamente, um humano apaixonado.

Farrow chuta a porta para fechá-la com um sorriso crescente. Ele se aproxima da minha cômoda e então apoia os cotovelos na superfície. Olhando apenas para mim.

Ele ouviu o que eu disse. Sem dúvida.

Usando meus pés, eu me empurro mais alto contra a cabeceira da cama. Lençóis cinzas estão amassados embaixo de mim. Sentando-me mais reto, tomo cuidado para não empurrar meu telefone na mão. E eu me concentro na transmissão ao vivo.

— Todos vocês deveriam saber... — Faço uma pausa, enfatizando a severidade. — Sou Farrow Redford Keene e tenho um crush enorme e imenso por Maximoff Hale.

Eu olho para cima, e Farrow esfrega o lábio inferior, dando-me um olhar longo e abrasador. Ele se aproxima, a cama ondulando com seu peso, e de repente ele está bem ao meu lado.

No enquadramento da câmera.

A seção de comentários explode.

OMD é FARROW !!

Ele está aqui, merda, merda

Estou morrendo!!!

Eu também.

Farrow olha para a transmissão ao vivo, nós dois conseguimos nos ver na tela. Ele segura a parte de trás da minha cabeça, seus dedos correndo casualmente dentro e fora do meu cabelo. — Sou Maximoff Hale — diz ele aos 117 mil espectadores. — E trinta e quatro segundos atrás, perdi meu distintivo de mérito de honestidade.

Tento fingir confusão, mas o riso ressoa em meus pulmões.

Farrow ergue as sobrancelhas para mim como se gostasse disso.

Todas as reviravoltas e tentativas potenciais se afastam, famintas por mais contato físico, por sua boca contra a minha e por conectar corpo duro a corpo duro.

Antes que os espectadores me vejam com os olhos fódidos para Farrow, desligo o vídeo. Jogando-o de lado, meu telefone escorrega do colchão e cai no chão.

Eu me transformo em Farrow; ele se transforma em mim, e nossos olhos se encontram de frente primeiro, pulsando com necessidade. E nossos lábios colidem. Separo sua boca enquanto inspiro no beijo e sinto o gosto de menta contra sua língua. Nossas mãos lutam com nossas roupas. Ele abre meu zíper, desabotoa e puxa minha calça jeans para minhas coxas.

Meu pau pulsa e pula, e ele come a excitação em meus olhos como meu prazer alimenta o prazer dele.

Eu puxo sua calça até a metade de suas pernas. Farrow agarra a parte de trás de sua camisa preta, puxando o tecido de sua cabeça. Revelando seu piercing no mamilo e a adaga com tinta e a caveira de pirata nos cumes de seu abdômen.

Caralho. Eu tiro minha calça jeans e ele joga sua própria calça para fora da cama.

De cuecas boxer, nossas bocas se aproximam novamente. E nos afastamos da cabeceira, até que sua cabeça encontra um travesseiro.

Abro suas pernas musculosas com meus joelhos e, enquanto aprofundo o beijo mais áspero e indomável, me abaixo em cima de Farrow, meu antebraço esquerdo apoiado no colchão.

Uma pontada de dor surge em meu ombro, mas eu me concentro no calor crescente que nos inflama. Eu esfrego meus quadris nele. Sua ereção de dar água na boca esfrega contra meu pau endurecido toda vez que eu me movo para frente.

O suor aumenta e, entre cada beijo, nossos grunhidos pesados

quebram o silêncio. Farrow enfia os dedos nas minhas costas e passa as unhas curtas pela minha pele. Coçando em direção à minha bunda.

Caralho.

Nossas línguas se entrelaçam mais languidamente do que o impulso forte de meus quadris. Sua mão – sua mão puxa para baixo minha cueca boxer e agarra minha bunda com o aperto mais quente.

Eu me afasto de seus lábios, um gemido rouco expelindo de meus pulmões em chamas. Estimula-me a provocar *mais forte. Mais áspero.*

Seus músculos se contraem. — *Caralho, Maximoff* — Farrow geme, sua outra mão aperta minha mandíbula com o melhor aperto. Ele luta pela liderança e controle. Prestes a me virar. Mas eu suporto mais do meu peso em seu peito. Ficando por cima.

Nossos olhos se encontram em uma batida nervosa.

— Você quer me foder? — Ele pergunta, sua voz rouca acariciando meu pau.

Maldito. — Mais do que você quer me foder — Respiro pesadamente.

Ele morde meu lábio entre os dentes e sussurra: — Não é possível. — Balanço com mais força, o tecido da cueca boxer ainda nos separando. Minha bunda flexiona sob sua palma. Eu me esfrego – ele range, o nariz queimando em excitação intensa.

— *Porra* — Ele grunhe, seus lábios quase se separando em uma respiração áspera. O sangue pulsa em minhas veias e eu gemo contra seu pescoço. *Porra, Farrow.* Ele me empurra o mais forte que pode sem me causar dor.

Meu braço direito amarrado impede que nossos corpos se encontrem *completamente*. E meu braço estremece na tela, *querendo e doendo* para estar em cima dele como se ele estivesse em mim.

Eu levanto minha cabeça. — Foda-se minha tipoia — Murmuro, frustrado.

Farrow arfa tão forte quanto eu. — Seria mais fácil se você não estivesse por cima. Se você me deixar nos virar...

— Estou indo muito bem, obrigado — digo, teimoso demais para perder a liderança agora. Além disso, quando estiver de costas, não terei força suficiente para lutar debaixo dele.

Farrow estuda meu corpo.

Meu braço esquerdo está mais esculpido e tonificado do que nunca, desde que está pegando a folga do meu braço direito. E qualquer dor que exista na minha clavícula derreteu abaixo de quinhentos graus, desejo de ferver o sangue.

Eu balanço mais devagar e o beijo novamente, os lábios ardendo sob a força.

E ele empurra minha bunda para uma esfregação mais profunda.
Porra.

Eu preciso ir dentro dele. Logo.

Eu abaixo minha boca em seu peito, traçando as linhas com tinta de um navio pirata. Alcançando seu mamilo, eu chupo e passo minha língua sobre a barra de metal.

Farrow solta uma respiração mais áspera e apalpa meu pau. Perco o equilíbrio na mão esquerda. — *Caralho* — Amaldiçoo.

Ele engancha as pernas em volta de mim, e antes mesmo de eu piscar, ele nos vira em um movimento cuidadoso e sem esforço. Aproveitando sua força e habilidade no MMA, ele me supera. E minhas costas encontram *suavemente* o colchão. Ele está protegendo meu corpo da minha autodestruição agressiva.

Eu gosto de maltratar e ser maltratado. Não é uma notícia nova. Mas é muito difícil com uma clavícula reparada cirurgicamente que está em processo de cicatrização.

Ele monta na minha cintura, e seu peito é içado do meu. Mãos

tatuadas espalhadas em ambos os lados dos meus ombros no colchão.

Nossos olhos criam rastros quentes ao longo de nossos rostos, e eu passo minha mão grande em sua mandíbula áspera, um barbear menos rente. Deus, sua masculinidade me atinge, e meu peito se eleva em uma respiração ofegante.

Ele vira a cabeça ligeiramente e beija minha palma. Arrasto meus dedos através de seu cabelo branco pintado e, em seguida, seguro seu pescoço quente.

Farrow esfrega meu bíceps antes de sussurrar: — Estou sendo tão duro com você quanto posso sem machucá-lo. — Ele gostaria de poder me dar mais. Se ele tivesse fraturado um osso, eu teria feito o mesmo por ele. Sem hesitar ou envolvê-lo em bolhas, apenas altamente consciente de suas limitações físicas. E sabendo que ele iria querer ir além.

Eu aceno uma vez. — Eu entendo, cara. — Farrow começa a sorrir. — O quê? — Pergunto.

— Como você me chama de ‘cara’ na cama — Ele me diz, abaixando seus lábios nos meus, com um suspiro provocador. Ele deve perceber minha confusão porque esclarece: — É o jeito que você sempre diz com força extra. Parece mais que eu sou seu cara. Não apenas qualquer cara. — Ele levanta as sobrancelhas para mim. — É sexy.

Mal tenho tempo para reagir a isso. Porque Farrow abaixa mais seu peso em mim, e eu latejo.

Porra. Eu me abaixo e nos livro de nossas cuecas boxer. Tirando o último tecido, tiramos a cueca dos tornozelos.

Eu agarro seu comprimento e o meu juntos, esfregando-nos em um punho apertado. Pré-sêmen escorregadio na palma da minha mão – eu flexiono, a respiração presa na minha garganta.

Farrow empurra minha mão para o lado e se senta em cima de mim. — Não nos masturbe. — Ele estende a mão para a mesa, seu mosaico de

tatuagens de piratas caindo em cascata sobre os músculos cortados. Eu observo suas mãos, duas imagens pintadas no topo: pardais nos polegares e caveira e ossos cruzados no meio.

Eu trinco para cima e fico de joelhos com uma mão. Ele também se ajoelha, segurando meu olhar. Farrow sacode uma garrafa preta e esguicha lubrificante na palma da mão. Ele nos acaricia, misturando lubrificante com pré-sêmen, enquanto nos beijamos.

Mais agressivamente. Apaixonadamente.

Ele joga a garrafa de lado e nossas bocas se separam, prendendo a respiração.

— Em que posição você estava pensando? — Farrow pergunta, já que muitas foram hipoteticamente eliminadas. Meu cérebro diz que a maioria das posições sexuais são factíveis.

E por *maioria*, quero dizer *todas*.

— Eu em cima de você, de lado, um de frente para o outro.

Ele inclina a cabeça para mim como se eu tivesse voado para Marte sozinho e construído uma colônia de um. — Do seu lado? — Ele repete. Ele faz questão de olhar para o meu ombro, sem o curativo. Uma cicatriz grossa e inchada avermelhada delineia o comprimento da minha clavícula esquerda.

— Sim. — Eu não cedo.

— Não, caralho, não — Ele diz facilmente e acena para mim. — Continue.

Eu olho para seu pênis longo e endurecido. Eu quero isso em mim tanto quanto eu quero o meu nele.

— Conchinha — Se existem termos adequados para essas posições, eu não os conheço. Eu faço muito sexo. Mas eu não pesquiso nada sobre isso na internet.

— Isso também é de lado — diz ele. — Continue.

Eu expiro uma respiração quente. — Estilo cachorrinho ou aquela em

que suas pernas estão abertas para o lado e eu estou saindo da cama e entrando em você por trás. Mas eu poderia ficar por baixo nessa. — É uma das minhas posições favoritas em que estive por baixo. Eu acho que porque ele colocou a mão em volta do meu pescoço enquanto ele batia em mim, e eu estava tão dentro dele, e eu vi o quanto ele gostou disso.

Farrow pensa por meio segundo e depois acena para que eu continue novamente.

— Chegando perto.

— Com você deitado de costas, missionário.

Ele balança a cabeça, gesticulando com dois dedos para *continuar*.

Minhas sobrancelhas se juntam. — Tenho a sensação de que você só quer saber de quais posições eu gosto.

Ele sorri para mim como se a palavra *puro* estivesse em sua língua. — Isso é parte do ponto, lobinho — Sua voz prosaica bombeia meu sangue.

Eu rosno e expiro asperamente. — Estou escolhendo uma agora. Cômada. De pé.

Maximoff Hale

Eu saio da cama pelado, e enquanto ele se levanta, igualmente pelado, eu aponto para ele vir a mim. — Venha aqui.

Farrow não hesita. Em um piscar de olhos, ele me alcança. Ele agarra meu rosto e me beija com força antes de se afastar e agarrar a borda da cômoda.

Meu pulso se agita. Reprimido e fixado naquele movimento simples e em sua confiança que combina com a minha continuamente.

Com meu peito encostado em suas costas tatuadas, agarro sua cintura — e é aí que percebo que ele nunca pegou uma camisinha. Ele lubrificou-nos sem uma.

— Sem camisinha? — Pergunto-lhe.

Farrow olha por cima do ombro. — Sem camisinha — Confirma. — Mas se você quiser uma, tudo bem.

Este é um grande compromisso. Nós dois fomos testados; somos limpos e monogâmicos, mas não demos o próximo passo. Até agora.

Para me deixar sem proteção, Farrow precisa ter total confiança em mim de que não vou trapacear. *Eu nunca irei*. Recíproca verdadeira, tenho que confiar nele.

E eu confio. Completamente.

— Eu quero — digo a ele, seguro. Ele já esteve sem proteção com um namorado sério antes, mas eu não.

Farrow segura a parte de trás da minha cabeça e nos beijamos com uma intimidade que queima lentamente, parecendo descer gradualmente... gradualmente em águas mornas... reconfortantes.

Minha cabeça fica tonta e nos separamos com a respiração irregular.

Farrow se inclina para a frente novamente, o joelho dobrado em uma leve estocada, e ele abaixa a cabeça, os músculos relaxados.

Ele olha por cima do ombro para me dizer: — Você pode gozar em mim. — Eu pego seu sorriso quando ele acrescenta: — Eu sei que você quer.

Deus. — E eu sei que você quer que eu faça — digo, muito excitado agora. Pronto demais, e ele não nega que nós dois estamos morrendo pela mesma coisa.

Enquanto provoco seu buraco com dois dedos, beijo sua nuca.

Ele se esfrega duas vezes e, em seguida, estende a mão para trás e agarra minha bunda.

Caralho. Eu agarro *sua* bunda antes de pegar minha ereção e pressionar a ponta em seu buraco. Facilitando-me – a pressão ao meu redor estreita meus olhos em pontos excitados.

— Foda-se — Farrow geme, quanto mais eu entro... agora todo o caminho para dentro. — Ah, porra. *Maximoff.* — Seu som gutural combina com o meu, um som cru saindo de mim.

Cristo. Eu balanço meus quadris, batendo contra ele com uma fricção entorpecente. Minha mão dispara na sua cintura para uma entrada mais profunda, agarrando-o. Ele bate na cômoda com os nós dos dedos brancos, rangendo os dentes quando um gemido emaranhado é ejetado. *Porra porra...*

Eu corro minha mão pelos músculos de suas costas. — Farrow — Gemo, e ele empurra de volta para o meu pau. Minha cabeça tenta se inclinar para trás — Caralho. — Eu o agarro com mais força. Batendo, minha bunda flexionando sob seu aperto forte.

— Mais forte — Ele grunhe, sua testa em seu bíceps. Eu pego meu ritmo e bato nele.

Ele geme quando eu bato em sua próstata. Eu conheço o local. Muito bem.

Eu envolvo meu braço em torno de seu abdômen. Dolorido para me

curvar para a frente onde meu peito se funde com suas costas, muito mais perto. *Foda-se essa tipoia.*

Diminuindo a velocidade, eu tento o movimento, e mais gotas de suor escorrem em nossos corpos. Pele lisa e cabelo úmido.

— Foda-se — Gemo. — *Porra.* — Eu acelero meu ritmo, e eu explodo. *Caralho.* Luzes estouram em minha visão, nervos queimados vivos. Eu atiro um olhar para o teto, outro ruído retorcido na minha garganta.

Farrow geme baixinho em seu braço, os tendões tensos em seu pescoço. O rosto fica vermelho, ele prende a respiração e eu gozo dentro do cara que amo. Com mais algumas bombeadas, libero meu clímax e observo seu aperto na cômoda. Olhando de volta para mim, ele absorve meu olhar perfurante de *foda-me* que ainda existe para ele.

Ele está muito duro.

Lentamente, eu puxo para fora. Porra pingando do meu pau, e eu troco de lugar com ele. À medida que nossos caminhos se cruzam, nos aproximamos e nos beijamos.

Sem capacidade de se separar por um tempo.

Nós empurramos e puxamos por uma guia, e eu trago suas costas para a cômoda – então ele me gira. Minhas costas para a madeira. Eu seguro sua mandíbula e beijo Farrow com todo o meu corpo. Minha cintura, tronco e peito se arqueiam para ele. Alcançando a porra do seu coração.

E então, de bom grado, me viro e encaro a cômoda. Eu agarro a borda com minha única mão disponível. Dando-lhe acesso para empurrar para dentro de mim.

Isso ainda é novo para mim. Mas quanto mais eu me permito ser vulnerável com Farrow, mais minha vida parece em paz. Encontrei alguém que pode me aliviar dessa maneira intangível, milagrosa e cósmica.

Farrow dá um beijo caloroso no meu bíceps antes de me puxar um pouco para trás. Ajustando minha postura. — Dor? — Ele pergunta,

referindo-se ao meu braço.

— Nem tanto. — Eu devo ter torcido meu ombro e pescoço demais porque o tendão queima.

— Onde? — Ele pergunta, seus dedos tatuados brincando com o lado de fora do meu buraco. Eu me afogo na porra da sensação. Ele para. — Maximoff.

Foco. — Mais perto do meu pescoço. Eu estou bem; apenas me fode. — Olho por cima do ombro e a dor martela minha clavícula.

— Maximoff. Porra, não vou enfiar meu pau se você continuar se machucando para olhar para ele.

Eu inclino minha cabeça para frente. Meus músculos queimando. — Quem disse que eu estava olhando para o seu pau? — Eu respiro pesadamente. — Talvez eu estivesse olhando para o *tapete*.

Eu estava olhando para sua ereção.

— Claro — diz Farrow. — Vamos fingir que você gosta mais do tapete.

Imagino sua mão tatuada envolvendo seu comprimento. Não estou no ângulo certo para ver nada, então minha imaginação tem que ser boa o suficiente.

Farrow enfia um dedo dentro de mim, depois enfia outro. *Porra.*

— Relaxe — Ele suspira, uma de suas mãos segura minha cintura e aperta, tipo, *vamos, lobinho. Eu não vou machucar você.*

Expiro uma respiração controlada e tento não ficar tenso. Meu pulso bate mais forte, corpo mexendo.

Ele retrai a mão e, um segundo depois, sinto uma pressão maior contra a minha bunda. Meus dedos cavam na cômoda.

— Você ainda está ridiculamente tenso — Farrow exala. — Aguenta. — Ele empurra um pouco para dentro e depois para fora. Avançando seu caminho dentro de mim. Meu corpo reage a sua gentileza mais como uma

provação, e estou ficando excitado de novo...

Passos.

Eu ouço passos. Correndo escada acima. Para este sótão. Farrow ouve. Mas a porta deveria estar trancada... não está. Não está bloqueada.

Farrow está mais perto, e ele se afasta completamente e em duas passadas chega ao destino. Ele vira a fechadura assim que a maçaneta faz um tilintar e os nós dos dedos batem na madeira.

— Moffy!

Essa é minha irmãzinha.

Farrow e eu trocamos um olhar, nossos olhos se arregalam. Sim, nós apenas evitamos o que teria sido o momento mais estranho de nossas vidas.

— Moffy! — Ela chama de novo, soando um pouco em pânico.

— Só um segundo! — Estamos em uma corrida louca para limpar. Jogo uma toalha em Farrow. Ele limpa o sêmen que escorre pela perna e eu esfrego as mãos e o corpo com outro pano. Em seguida, luto para colocar a cueca e o jeans novo.

De alguma forma, Farrow ganha de mim para se vestir. Sua cueca boxer e a calça estão colocadas e ele até puxa uma camisa preta do Studio 9 sobre a cabeça.

— Venha aqui — Ele sussurra.

Eu desisto da minha luta com o botão do meu jeans. E seus dedos pescam sem esforço meu botão no buraco.

Farrow tenta arrumar meu cabelo desgrenhado, mas já aceitei o fato de que ela saberá que estávamos fodendo.

Eu movo sua mão e aponto: — Tem cheiro de sexo aqui.

— Tem — diz ele facilmente. — Suponho que você tenha um plano, lobinho.

Tenho. — Eu não vou deixá-la passar pela porta. — Tenho certeza de que nosso lubrificante está à vista e os lençóis estão torcidos e atados como se

tivéssemos fodido por horas.

Farrow assente. — OK.

E assim que ela chama meu nome novamente, eu destranco e abro a porta. Eu solidifico. — Você está bem? — Pergunto imediatamente.

Luna não se parece com Luna. Seu cabelo castanho-claro está preso em um rabo reto. Sem manchas de marcador, sem maquiagem verde neon ou adesivos de estrela em suas bochechas. Cílios com rímel preto sombreiam seus olhos cor de âmbar, e percebo que ela tirou os brincos e o piercing na língua.

Ela está usando um vestido de verão rosa – Jesus, eu nunca vi minha irmã usar um *vestido rosa*.

— Uh-huh — Luna assente, e eu piso no patamar do terceiro degrau onde ela está. É um pequeno espaço antes das escadas.

Farrow apoia o ombro no batente da porta e puxa a porta atrás de si. Fechando a visão do nosso quarto.

Nosso quarto.

Nunca envelhece.

Eu quase sorriria, mas estou lidando com minha irmã de dezoito anos que foi sequestrada. Possivelmente por alienígenas. Talvez isso seja uma coisa bizarra de teatro de RPG – eu não sei.

Estou preocupado. Caso você não esteja ciente.

— Oi, Farrow. — Luna levanta a mão em saudação.

— Ei, Luna. — Farrow faz uma varredura rápida nela, sobrancelhas erguidas. — O que há com o novo visual?

Luna puxa a bainha do vestido como se fosse desconfortável. — Só... você sabe, pensei em tentar algo. — Ela dá de ombros; um sorriso suave aparecendo quando ela olha para nossos cabelos despenteados e roupas. — Desculpe atrapalhar sua noite de namoro.

Farrow sorri largamente e cruza os braços frouxamente.

— Está tudo bem — digo à minha irmã, feliz por ela não estar com problemas sérios. — O que você precisa?

Luna ajeita a alça fina do vestido. — Um preservativo.

Eu processo. A passo de caracol. Meu cérebro entrou em curto-circuito.

Farrow está virado para mim, totalmente entretido. Querendo ver como vou lidar com isso.

Eu me preparo para muitas situações. Mas posso dizer honestamente que não me preparei para minha irmã me pedir uma camisinha. Isso é por minha conta. Ela está morando comigo agora, e eu deveria saber. Porque ela não é mais uma garotinha e, quando saí de casa, ela tinha apenas quatorze anos. Quatro anos depois, e *sim*, as coisas mudam.

Pessoas mudam.

Estou começando a perceber isso.

Assim que vou responder, ela acrescenta: — Sei que você sabe que tenho namorado.

— ‘Você sabe’? — Minhas sobrancelhas franzem. Farrow me contou o que a segurança discutiu, e eu queria esperar que Luna me contasse ela mesma.

— Quinn se sentiu culpado e derramou tudo o que disse à ESO — Explica ela. — Eu não me importei que ele dissesse alguma coisa... exceto que eu *realmente* não quero que mamãe e papai saibam até que eu e Andrew estejamos falando sério, *sério*. Ainda estamos naquela fase intermediária, sabe?

Eu não sei sobre fases intermediárias.

Eu não sei o que diabos isso significa.

Farrow assente. — Certifique-se de que você está na mesma sintonia com esse cara. As fases intermediárias podem ser complicadas.

Luna sorri. — Sim, eu irei.

Olho para Farrow. Fico feliz que ele tenha experiência nisso e possa ajudar minha irmã quando eu não puder. Eu não sei... parece certo. Assim é como a vida deveria ser.

— Andrew está vindo? — Pergunto a Luna. — Ou ele já está aqui?

— Ele vem daqui a pouco. — Ela balança a cabeça. — Então? Preservativo?

Eu ajusto minha tipoia no meu peito nu, o material cortando meu ombro. — Mamãe não levou você para ter anticoncepcional?

— Quero estar mais preparada. — Ela olha entre nós. — Eu não quero outro susto, OK?

Farrow assente. — Justo. — Ele inclina a cabeça para mim. — Não temos preservativos que esse cara possa usar. — Essa percepção também me atinge.

Luna franze as sobrancelhas. — Por que não?

— JANE! — Eu chamo da escada.

Farrow bate no batente da porta, pensando em esconder a verdade, mas diz a ela honestamente: — A probabilidade de esse cara ser do mesmo tamanho que nós é baixa. E você não vai querer que a camisinha escorregue.

— Não existem apenas três tamanhos de preservativos? — Luna pergunta, e enquanto Jane sobe as escadas em um tutu roxo e suéter de tricô, segurando uma caneca de café, minha irmã repete a pergunta: — Jane, não há apenas três tamanhos de preservativo?

Janie sorri brilhantemente para mim como se eu estivesse lidando com o dilema familiar mais curioso e intrigante que ocorreu nas últimas 24 horas. Nós dois preferiríamos uma crise de preservativos a qualquer um de nossos irmãos ou primos sendo emocional ou fisicamente feridos.

— Ma soeur a besoin d'un préservatif — digo a Jane. — Le jour est venu. — *Minha irmã precisa de um preservativo. O dia chegou.*

Três degraus abaixo, Jane apoia o quadril na parede. — Ils

grandissent si vite. — *Eles crescem tão rápido.*

Somos os mais velhos dessas famílias e todos parecem jovens para nós. Eu não posso mudar isso.

Jane responde à minha irmã com uma voz alegre. — A variedade é grande e terrível, mas os tamanhos principais são pequenos, regulares e grandes. Como posso ajudar? — Ela para, o sorriso desaparecendo com a estranha aparência de Luna. Mas Jane tenta não chamar a atenção para isso.

Luna desce um degrau. — Eu preciso de um.

— Mais de um — digo a Jane. — O namorado dela está vindo.

— Tenho todos os tamanhos — Observa Jane, tomando seu café. — Eu vou te dar todos eles.

Todos eles? Eu sei por quê, e meu rosto cai. — Janie.

— Cobalt — diz Farrow com a mesma preocupação dura.

Isso é sobre Nate, o idiota-com-benefícios que me perseguiu por um tempo. Ele queria me machucar e acabou machucando principalmente minha melhor amiga... e meu namorado, que não consegue se livrar daquela noite. E até mesmo Thatcher Moretti, cuja culpa persiste.

É irônico.

Porque ferir Jane e Farrow é um tiro direto no meu coração. Então, realmente, aquele idiota conseguiu o que queria.

Jane arranca uma mecha de cabelo crespo de seus lábios rosados e apenas olha para mim. — Eu não uso *preservativos* quando não há pau no mundo, pequeno, normal ou grande, que eu confiaria para entrar na minha vagina.

Eu balanço minha cabeça. — Você poderia, eventualmente...

— Essas camisinhas vão expirar até lá. — Jane levanta sua caneca. — Então, não deixe que elas sejam desperdiçadas, Moffy. Elas devem ser usadas por pessoas que podem ter sexo lindo e glorioso.

Enquanto estou desfrutando de um mundo recém-descoberto de sexo

sem comprometimento ou medo, minha melhor amiga deu cinco milhões de passos para trás por causa desse idiota. E eu quero que ela esteja segura e se sinta amada e livre.

Farrow se endireita no batente da porta. — Você está realmente planejando ser celibatária pelo resto de sua vida?

Jane levanta seus olhos azuis para ele. — Eu posso viver bem sem me apaixonar, então, posso viver com a mesma facilidade sem um pênis. — Farrow arqueia as sobrancelhas.

— Você adora sexo — digo à minha melhor amiga.

— Adoro me masturbar. — Jane bebe seu café novamente.

— O mesmo — Luna assente com a cabeça.

Eu esfrego meu rosto com a minha mão. Não tenho certeza de como eu deveria me sentir. Meu pescoço está quente e Farrow parece parcialmente divertido, parcialmente pronto para encerrar isso. Eu não o fiz gozar ainda, e o clima foi bastante abatido. Mas vou revivê-lo.

Jane acena para Luna descer a escada. — Venha para o meu quarto, Luna. Vou te ensinar tudo o que os homens não podem. — Janie olhou para mim.

Eu murmuro, *merci*.

Ela bate na bochecha e na boca, *fique melhor*. Ela está se referindo à minha queimação do café.

Quase sorrio e, quando volto para meu quarto com Farrow, minha mente gira o dia inteiro. — Estava tudo bem com o hospital? — Eu pergunto enquanto nos aproximamos. Ele atendeu a ligação enquanto eu fazia a *live* do *Instagram* e esqueci de perguntar.

Ele desabotoa minha calça jeans. — Eles queriam ter certeza de que eu poderia cumprir a HIPAA.

— Não é a coisa que protege a privacidade do paciente?

Farrow começa a sorrir. — Essa *coisa* é uma *lei*. E sim, existe para

garantir que os profissionais de saúde mantenham os registros médicos e outras informações de saúde privadas.

Eu penso mais difícil. — Eles ligaram porque você foi *doxxed* — Percebo.

Farrow parece surpreso por eu ter descoberto, mas também parece que me ama. Como realmente me ama, e eu coloco meu braço em volta de seu ombro quando ele me diz: — Eles estavam com medo de que eu não fosse capaz de manter a privacidade de um paciente, mas eu os acalmei. — Ele olha minha boca tanto quanto eu olho a dele. — Está tudo bem, lobinho.

Mas sinto uma inquietação. — Mesmo?

Ele assente, agarra meu queixo e sussurra contra meus lábios: — Espero que sim.

Maximoff Hale

— ISSO É COISA minha, Moffy. Você não pode fazer isso.

Estamos em um bar com tema *speakeasy* dos anos 1920. Está quase vazio. Sento-me em um banco redondo de couro e minha melhor amiga sacode uma coqueteleira de prata do outro lado do balcão.

O instrutor de mixologia⁸ de Jane é um *barman* de verdade, vestido com um chapéu fedora, gravata borboleta e colete. Enquanto ele corta limões ao lado dela, eu o pego examinando-a, depois a mim. Sem fingir que essa conversa não lhe interessa.

Eu me concentro em Janie. — Eu não estou tentando pegar sua coisa — digo seriamente. —, mas talvez possamos tentar encontrar uma paixão juntos, já que estou *sem paixão* agora...

Ela pega um cubo de gelo de um balde e joga em mim. Eu me esquivo com um sorriso.

— Você tem uma paixão — diz ela. —, apenas foi interrompida por enquanto.

Estou ciente de que a caridade existe além da empresa que construí. Ainda posso participar de eventos e doar dinheiro e tempo. Mas não pretendo chefiar uma corporação.

— Eu não quero que a caridade seja um trabalho — digo a Janie. — Prefiro não definir um alarme para isso.

Por muito tempo, eu persegui a responsabilidade e não vou parar correndo em direção à minha família – não vou desacelerar por nada. Mas com Farrow, experimentei o que é simplesmente ir com calma, existir e respirar e, quando se trata da vida profissional, quero o simples prazer. Não uma posição de CEO. Não gerenciando uma centena de funcionários.

— É oficial, então? — Jane pergunta, colocando a coqueteleira na mesa. Mangas com babados de uma camisa saindo de sua camiseta com estampa de guepardo. — Você não vai voltar para H.M.C. Filantropia?

— Parece oficial — digo com um aceno de cabeça.

Um sorriso puxa suas bochechas sardentas. — Nesse caso, você certamente deve se juntar a mim em *nossa* busca para encontrar uma paixão...

— Não, você estava certa — Interrompo. — Isso é coisa sua. — Não vou compartilhar a *Busca da Paixão* de Jane porque ela estará tão determinada a encontrar a minha que esquecerá sua busca. Vejo isso em como ela está animada por mim – não posso fazer isso com ela.

Jane parece que perfurei seus planos grandiosos e elaborados para uma amizade eterna. — Moffy.

Eu finjo confusão. — Eu poderia jurar que eu deveria ser a porra de seu testador de sabor super incrível e imparcial para todas as bebidas não alcoólicas. — Aponto para o bar. — Minha bebida é invisível?

Ela sorri suavemente. — Certo. Estarei *solo* até você mudar de ideia.

No mês passado, Jane concluiu seu curso *online* e se formou em Princeton. Seu prazo para encontrar sua paixão terminou com o diploma. Ela deveria desistir de sua busca e se tornar a CFO em tempo integral da H.M.C. Filantropia. Mas quando fui demitido, ela deixou o cargo.

É uma vantagem que não esqueço. Porque Janie como CFO de qualquer empresa soa como um círculo real do inferno para a minha melhor amiga.

Enquanto Jane chacoalha a coqueteleira de novo, percebo Thatcher arriscando um olhar para ela do fundo do bar, onde ele está de guarda.

Eu fui legal com Thatcher no passado. Mas foda-se com letras maiúsculas na minha cabeça repetidamente. Foda-se ele por socar meu namorado. Foda-se ele por pensar que eu trairia e ficaria com meu novo guarda-costas.

Foda-se ele.

Eu perfuro um olhar em sua testa, e ele vê, girando mais em direção à entrada. Se ele sente algum tipo de arrependimento, não sei dizer. Ele só parece severo para mim.

Eu descanso minha mão no meu ombro apertado.

— Jane. — Jack Highland chama minha prima. O produtor executivo está de joelhos no banquinho ao meu lado. Seu short puído e regata parecem mais estilo *Long Beach* do que *Philly*, e enquanto ele segura uma câmera cara, ele direciona a lente para Jane. — Você tem medo de que, se sua paixão envolver álcool, o público possa pensar que é insensível? Considerando o histórico de alcoolismo de seus tios?

Minha cabeça se volta para Jack. — Indo para as perguntas contundentes, Jack. — Ele está nos filmando para *Somos Calloway*, e às vezes eu esqueço que ele está gravando. Até que as perguntas comecem a surgir.

Jack nunca tira a câmera de Jane. — Você não precisa responder se não quiser — Ele a lembra. —, mas isso é naturalmente o que as pessoas vão pensar.

Jane coloca uma taça de Martini no bar. — O público sempre terá uma opinião — Ela responde a Jack. Raramente falamos para a câmera, a menos que seja uma entrevista sentada. — Portanto, não posso deixá-los decidir qual deve ser minha paixão. Mesmo quando é mais fácil agradar outras pessoas, preciso tentar ser verdadeira comigo mesma.

— Além disso — digo a Jack e verifico minhas mensagens. —, ela adora cerveja.

— Oui — Jane sorri. — La brasserie est la semaine prochaine. — *A cervejaria é na próxima semana.*

Sem novas mensagens.

Eu esperava uma atualização de Farrow. E eu estou estranhamente preso nas mensagens do grupo familiar. Nenhum *e-mail* não lido. Nenhuma

notificação. É quase como se eu tivesse todo esse tempo livre e nenhum emprego. Até meu cérebro está fazendo piadas lamentavelmente tristes.

Sou herdeiro de várias empresas da *Fortune 500*. Se eu quisesse não trabalhar pelo resto da minha vida, eu poderia. Meus problemas são insignificantes. Você não precisa me dizer.

Jack traduz francês em seu aplicativo de telefone e depois pergunta: — Se você agendou uma cervejaria na próxima semana, já acha que a mixologia vai falhar?

Suas perguntas aparecerão na TV com legendas ocultas. O público é levado a acreditar que um produtor aleatório está falando. Nenhuma menção a “Jack Highland” estará na tela. Você não sabe o nome dele, a menos que pesquise no imdb.

A série documental é do estilo *cinéma vérité*. Onde reconhecemos que estamos sendo filmados e falamos diretamente com o produtor.

Janie copiou uma demonstração anterior do *barman* e colocou um líquido verde-menta na taça de Martini. — Estou apenas seguindo os números — diz ela a Jack. — Minha taxa de sucesso é zero por cento. Provavelmente, preciso ter outras opções alinhadas.

Jane joga uma cereja e desliza o copo para mim. — OK, o que tem pra mim, Moffy.

Ela quer dizer *minha opinião*, mas o *barman* interpreta isso de forma diferente. Ele faz um barulho engasgado, depois tosse para esconder. Estreito os olhos enquanto ele enxuga as mãos em um pano de prato. Thatcher se inclina em nossa direção novamente, braços cruzados e fora do alcance da câmera. Ele olha para o *barman*, que continua sendo o único estranho no bar clandestino. Ele já assinou um AND.

Todas as cabines e mesas de madeira estão vazias.

— Aquilo *não* foi sexual — Jane diz para o *barman*, me antecipando nas palavras. — Você pensou que foi – isso diz mais sobre você do que sobre

mim.

Ele ajeita seu chapéu fedora, com as bochechas vermelhas. — Desculpe. Eu realmente não acredito que vocês dois são... — Ele se encolhe, e nem olha para mim.

Minha mandíbula apertada como mármore afiado.

— Eu sei que é apenas um boato — Acrescenta. Essa confirmação é uma boa indicação de que nossa turnê FanCon ajudou.

Jane sorri mais gentilmente do que a maioria faria.

Eu expiro e movimento para o cara. — Vamos continuar se você fizer isso. — E eu gostaria de seguir em frente.

Jane também. Ela limpa o balcão molhado em volta do meu Martini sem álcool.

— Sim, definitivamente — Ele acena e se desculpa novamente com minha prima, antes de perguntar que bebida ela gostaria de fazer a seguir.

— Um Dirty Martini — diz ela.

Ele pega uma garrafa de gin na prateleira e começa a dar instruções.

Meu telefone vibra e, honestamente, meu coração pula como se eu estivesse na quinta série recebendo um cartão de uma paixão.

É meu namorado.

Uma semana.

Faz uma semana desde que ele voltou para sua residência no Hospital Geral, e meu cérebro traduz uma mensagem como Farrow me presenteando com um pedaço de cartolina vermelha em forma de coração, com glitter colado nele.

Porra.

Meu.

Cérebro.

Derretido.

Mas eu entendo minha semipaixão. Farrow e eu não nos falamos ou

nos vimos desde que ele saiu para um turno terrivelmente longo no hospital.

Ele disse que provavelmente nem teria tempo para enviar uma mensagem. Algo sobre turnos duplos, poucos funcionários. Não entendo como nada disso funciona, mas já se passaram 29 horas desde a última vez que ouvi falar dele. Eu estaria mentindo se dissesse que não estou contando.

Vinte e nove horas sem falar.

Vinte e nove horas sem tocar.

E com um forte desejo sexual, esse último me reprimiu e recorri a me masturbar mais do que o normal. Eu normalmente tento gozar todos os dias ou então parece que minhas bolas vão explodir. Mesmo no ônibus da FanCon, consegui me masturbar quando Farrow e eu não podíamos transar.

Estar com tesão – não é nada novo para mim. Ter tesão e ter um namorado que não está por perto o tempo todo – *isso* é novidade. Eu confio plenamente em mim e minha mão é uma alternativa decente.

Mas eu nunca fantasiei tanto sobre ele quanto quando ele está longe. Eu fiz *replay* em *loop* da primeira vez que ele me fodeu por cima.

Desligo-me das instruções do Dirty Martini do *barman* e abro a mensagem. Analisando as palavras, meu espírito explodiu como o estouro de um balão.

Farrow: *Atrasado. Desculpe, lobinho.*

Antes de digitar uma resposta, outra mensagem aparece.

Farrow: *Ainda vou conseguir. Guarde uma das bebidas horríveis de Jane para mim.*

— Est-ce que ça va, Moffy? — Jane pergunta enquanto mede o gin em um copo. *Você está bem, Moffy?*

— É Farrow. — Apoio o cotovelo no balcão, com o telefone na mão.

Releio a mensagem. — Ele vai se atrasar. — Eu olho para cima. — Jane...

Gin transborda seu copo. — Merde — Ela xinga e enxuga o derramamento com um pano de prato. Ela me lança um olhar consolador. — Há uma chance de setenta e dois por cento de sua bebida poder animá-lo, meu velho.

Eu sorrio e pego o Martini. Assim como outro *ping* de mensagem.

Farrow: *Sinto sua falta*

Meu peito aperta. Eu respondo rapidamente: *não se preocupe, vou guardar essa bebida p/ vc.*

Ultimamente, não tenho me incomodado em digitar a grafia correta de “você”. Ele falou comigo sobre isso algumas vezes, e isso só me faz querer fazer mais.

Estou prestes a acrescentar “mal posso esperar para te ver”, mas então penso em como isso o fará se sentir. Talvez preocupado. Como se eu estivesse sentado aqui ansiando por ele e não vivendo minha própria vida. Posso sobreviver sem Farrow por perto o tempo todo. Mas sinto sua ausência.

Eu penso demais na mensagem. Digitando e excluindo, digitando e excluindo.

Demoro muito porque Farrow responde primeiro.

Farrow: *Você está bem?*

Porra. Agarro meu telefone com mais força. Pensando. Eu não sei como fazer isso. Grandes lacunas intensas de comunicação zero. Mal costumávamos trocar mensagens porque estávamos juntos o tempo todo. É estranho pensar no dia em que ele se tornou meu guarda-costas. Eu nem conseguia imaginar minha paixão de infância em minha vida 24/7, e agora, não o ter é uma luta.

E estou pensando demais de novo.

Meu telefone toca. Ótimo, Farrow está me ligando.

Mas estou egoisticamente feliz por ele ter feito isso. Eu acho que teria levado um sólido milênio para digitar uma mensagem.

Coloco meu telefone no ouvido e pego minha bebida verde-menta. — Eu estava mandando uma mensagem de volta — digo antes que ele possa falar. — Sinto muito, cara. Não quero tomar seu tempo ou distraí-lo...

— *Maximoff* — Ele me interrompe. — *Se eu não tivesse tempo de ligar para você, não teria ligado.*

Eu aceno algumas vezes para mim mesmo. Tudo bem. — Como vai?

— *Bem. A merda finalmente diminuiu.*

— Eu pensei que você gostasse das coisas de alta intensidade.

— *Não no final de um turno.* — Ele é rápido em perguntar: — *Você está bem?*

— Estou. Apenas bebendo esta bebida aqui... — Eu tomo um gole do Martini e assim que o líquido atinge minha língua, bochechas franzem. *Jesus Cristo, Jane.*

Ela percebe. — Oh, não. Muito azedo?

— Sim. — Minhas bochechas doem.

— Vou fazer outro para você. — Ela rouba meu copo de Martini da minha mão.

Ao telefone, Farrow me diz: — *Estou feliz que você esteja se divertindo, lobinho.*

Queria que você estivesse aqui. Eu esfrego meus lábios antes de responder. — Toda a diversão do maldito mundo. É uma fúria regular aqui — digo secamente. — Estou planejando experimentar cogumelos a seguir. Mas o tipo não-droga. Como um cogumelo Cremini, talvez um Portobello.

Eu posso praticamente sentir seus olhos revirando antes de ele rir. E conforme o som diminui, a linha fica quieta; o silêncio é como um fio de

desejo cru e dolorido.

— Sinto sua falta — Admito em voz alta.

— *Eu sei que sente* — diz Farrow, como um idiota.

Eu gemo, mas não sou capaz de segurar a porra de um sorriso. Pelo menos ele não pode ver. — Eu quis dizer que não sinto sua falta. Não pensei em você nem por meio segundo. — É difícil até brincar. Isso dói.

— *Isso é muito ruim* — diz Farrow. — *Porque eu senti sua falta.*—

As palavras dele são ternas como se eu não pudesse tocá-las. Eu não deveria. Vozes abafadas ao fundo ao seu lado. Rapidamente, ele me diz: — *Preciso ir, mas devo terminar aqui em trinta minutos. Vejo você em breve.*

Vejo você em breve.

— Até lá.

Nós desligamos. Eu me recuso a olhar para o meu relógio como uma contagem regressiva para sua chegada. Eu já me peguei fazendo isso uma vez.

E uma vez é o suficiente.

Felizmente, uma grande distração passa pela entrada.

Sullivan chega da piscina, o cabelo castanho molhado encharcando os ombros de sua jaqueta jeans. — Caralho, desculpe, estou atrasada — Ela se desculpa com Jane. — Eu não queria sair até que eu batesse meu tempo matinal.

— Borboleta? — Jack pergunta, movendo a câmera para Sulli.

— Nado costas hoje. — Ela reivindica o banquinho ao meu lado, sem hesitar diante da única câmera. A turnê FanCon ajudou a acalmá-la. Estou na série documental desde os três anos de idade, Jane, desde os seis anos e, para Sulli, esta será sua primeira vez. E ela tem vinte anos.

Percebo como Sulli observa Akara e Jack baterem os punhos em um abraço em saudação, e ela abaixa a cabeça e se concentra em trançar o cabelo molhado. Alguns dias atrás, na casa da árvore de Meadows, ela me contou sobre como Akara e Jack estão se tornando bons amigos, e ela está se sentindo

estranha.

— Não sei por quê — Ela me explicou, abraçando um travesseiro de contas.

— Talvez você goste dele — Especulei.

Sulli franziu a testa. — Ele quem?

— Akara — Eu disse.

Sulli riu. — De jeito nenhum... Kits é como... — Ela olhou para o teto da casa da árvore, flores de papel feitas à mão em cascata nas vigas de madeira. — Ele é Kits.

A maneira como ela disse isso me lembrou de mim. E como eu não conseguia entender meus sentimentos por Farrow e o que ele significava para mim, em minha vida. Eu só sabia que ele queria dizer muito.

— Acho que você está afim dele, Sul — Eu disse.

— Eu não estou, porra. — Ela jogou um travesseiro em mim e, quando o joguei de volta, ela repetiu com veemência: — Não estou, Mof. Se eu pensasse que estava, eu diria a você, caralho.

Eu não esperava sua negação. — E o Jack, então?

Ela franziu a testa mais e balançou a cabeça antes de gemer no travesseiro. Eu esfreguei suas costas e começamos a conversar sobre natação.

No *speakeasy*, penso naquele momento na casa da árvore. Principalmente porque seu guarda-costas está encostado no balcão, fora do enquadramento da câmera.

Akara diz a Jack: — O tempo foi o melhor para Sulli.

Minha prima amarra a ponta da trança. — Ainda é muito lento, Kits. Eu nem consegui me classificar com esse tempo.

— Mas nado de costas nunca foi sua praia, Sul — Akara a lembra. — É um bom momento. — Ele dá a volta na câmera e acaba parado ao lado de Thatcher Moretti, mais abaixo no bar.

E vejo meu novo guarda-costas.

Ele está em uma mesa de madeira guardando a entrada. Alto como arranha-céu, forte, careca, barbudo e ex-guarda-costas de Loren Hale.

Meu pai solicitou que Bruno Bandoni fosse transferido para meu destacamento. Ele me disse: — Você não precisa lidar com um novo guarda-costas inexperiente, cara. Pegue o meu.

Graças ao meu pai, tem sido uma transição mais fácil. Mas há momentos em que procuro meu guarda-costas. Esperando ver aquele sorriso de sabe-tudo cada vez maior e a elevação arrogante de suas sobrancelhas.

Em vez disso, encontro um rosto rigoroso e severo e o ‘vento morre em minhas velas’. Eu me viro para Sulli, que se espreguiça sobre o balcão e pega uma cereja. — Por que você está nadando de costas? — Eu pergunto desde que ela usou a palavra ‘qualificar’. Ela não está mais competindo, então estou confuso.

— Preciso de um objetivo — Sulli me diz.

Eu fico rígido. — O quê?

Jane olha entre nós e coloca uma azeitona em uma taça de Martini.

— Moffy...

— Você tem um objetivo. A ultra — digo duramente. — Tem sido seu objetivo por meses, e isso não vai mudar, porra. — *Não vai mudar por minha causa.*

Sulli morde a cereja de seu caule. — O curso pode ser perigoso pra caralho sozinho. Não parece uma boa ideia fazê-lo sozinha, e o joelho ruim do meu pai não aguenta o terreno...

— *Sulli*, vou correr essa maratona com você — digo, inflexível. Não recuando. — Já comecei a treinar.

Ela tosse em uma cereja. — O quê? Você está na tipoia, Mof.

Jane balança a cabeça para mim como se eu fosse um desastre para mim mesmo.

— Eu posso fazer muito em uma tipoia. — Passei a maior parte do meu tempo livre em uma academia. Meus isquiotibiais e quadríceps estão doloridos por causa dos dias ininterruptos de pernas, mas estou fortalecendo todos os músculos até poder trabalhar no braço e no ombro direitos. — E eu corri um quilômetro ontem.

Sulli parece horrorizada.

— Tudo bem, foi uma caminhada, não uma corrida — Esclareço. — Estava lá um fisioterapeuta para eu não me matar. — Reconheço que preciso de outra pessoa na sala para me impedir de me esforçar demais.

E não tenho orgulho da minha falta de autocontrole.

Sulli contempla isso agora. — Você realmente acha que pode correr 250k? — 250 quilômetros em 7 dias. São 155 milhas.

No Chile. Por Sulli.

— Eu prometo que posso. — Assinto repetidamente. Sulli hesita antes de assentir de volta.

Jane desliza o Dirty Martini. — Aqui, Sulli — diz ela. — Eu nomeei esta bebida como Você-não-pode-dizer-não-a-um-teimoso-Maximoff.

Sulli sorri. — Sim, parece assim pra caralho. — Ela inclina a cabeça para mim e segura o Martini. — Você sabe que é tão cabeça-dura quanto meu pai. — Ela se encolhe. — Caralho, desculpe, eu não quis... — Por me comparar a ele.

— Está tudo bem — digo com sinceridade, e capto o sorriso caloroso de Jack por trás da câmera.

Sei o quanto sou parecido com Ryke Meadows e cheguei a um ponto em que posso me orgulhar das semelhanças. Não sinto mais que quem eu sou é um golpe contra meu pai. E eu percebi uma coisa.

Meu pai me criou para ser como Ryke. Porque ele amava seu irmão mais do que amava a si mesmo.

Essa é a dura verdade. Porque eu só queria poder voltar no tempo e

dizer ao meu pai que ele teria um filho que o ama tanto, e então talvez ele percebesse que também merece ser amado.

Sulli toma um gole do Dirty Martini.

— Como está? — Pergunto enquanto Jane prepara outro sem álcool para mim.

— Forte. — Sulli estala os lábios. — Mas a maioria das bebidas tem um gosto forte pra caralho para mim. — Ela toma outro gole.

— Bom sinal — digo a Jane enquanto Sulli engole a bebida.

Minha melhor amiga sorri alegremente e pega um copo de Martini limpo.

Sulli gira ligeiramente para Akara. — Você quer beber, Kits? Posso arranjar um guarda-costas temporário para passar a noite. Você pode ficar de folga.

Akara conserta seu fone de ouvido. — Não esta noite, Sul. Mas aprecio a oferta.

Ela encara o bar, perdida em pensamentos, e então toma outro gole.

Jane lustra um copo e faz um esforço concentrado para se afastar de Thatcher. Nessa época, ela estaria conversando com seu guarda-costas e tropeçando em suas palavras, como normalmente faz perto dele. Quase me sinto mal por ela ter perdido alguém com quem conversar, mesmo que ele não responda muito, mas, então, me lembro do hematoma no rosto de Farrow.

E minha simpatia morre.

Thatcher arriscou outro olhar para Janie, e sua mão deslizou sobre seu maxilar duro e com barba por fazer. Quanto mais ele olha para ela, mais exausta minha melhor amiga fica.

Ela se atrapalha com uma coqueteleira. — Thatc... — Sua voz morre em um coaxar, e ela limpa a garganta. — Tem aquele drink... — Ela aponta para o copo polido — que está vazio. Mas espere, Moffy, vai ser terrivelmente lindo.

— Je n'ai aucun doute — digo. *Eu não tenho dúvidas.*

Tudo o que sei é que Janie merece o melhor, e Thatcher é um dos únicos nomes na minha lista de merda. Ele não é a porra do melhor.

Ele está longe disso.

Num impulso, olho para o meu relógio de pulso. Trinta minutos se passaram e Farrow ainda não está aqui.

Só espero que ele esteja bem.

Farrow Keene

— FARROW, OLHA PRA cá! Olha pra cá!

Eu não olho para esses filhos da puta. Os paparazzi tentam ser carrapatos sugadores de sangue, mas para mim, eles são mais como mosquitos. Câmeras cercam a mim e minha moto estacionada enquanto eu tiro meu capacete.

— Olhe aqui!!

— O que você fez no hospital?!

— Como vai, Farrow?!

Irritado.

Não cheguei a tempo para essa coisa de mixologia. Quando eu digo que vou conseguir, eu vou conseguir. Mas, merda, eu não gosto de ser retido. Especialmente quando eu poderia estar com Maximoff.

Minha parte favorita do dia é voltar para meu namorado certinho e obstinado, e o trânsito estava ruim. Mas não foi isso que me atrasou meia hora a mais.

Passo a mão pelo meu cabelo bagunçado e deixo minha nova *Yamaha* na calçada, do lado de fora do bar Philly.

— OLHE AQUI!

Ainda sem olhar, vou até a entrada do *Killer Gatsby* e envio uma mensagem rápida para Maximoff: *aqui*.

Antes de empurrar para dentro do bar, a porta começa a se abrir. Maximoff se posiciona na entrada, e a primeira coisa que noto: seu rosto impassível e congelado.

Algo aconteceu.

Meu pulso dispara. E eu imediatamente o percorro, de cima a baixo,

emoções confusas batendo em mim de todos os ângulos. *Ele está bem.*

Ele está bem. Mas algo deve estar errado com sua família. Agarro sua mão ao mesmo tempo em que ele agarra a minha, e Maximoff me puxa para dentro.

Desligo-me das câmeras atrás de nós e franzo a testa para o que está ao meu redor.

— Onde está todo mundo? — Lâmpadas com franjas lançam luz fraca sobre garrafas de cristal engavetadas atrás de um bar vazio. Todas as mesas estão vazias, mas se eu forçar meus ouvidos, posso pegar murmúrios.

— Na área do *lounge* dos fundos. — Ele me leva nessa direção.

Olho fixamente para Maximoff. Preocupado com ele. Ele está reprimido, mas se fosse uma crise severa de 9-1-1, ele estaria correndo. Ele está andando, então acho que resolveu esta tempestade e estou aqui para as consequências. — É Jane? — Pergunto.

— Sulli. — Seu corpo rígido. — Eu preciso que você a cheque.

— OK. — Eu aperto sua mão. *Estou aqui, lobinho.*

Seu peito tenta subir.

Viramos uma esquina perto de um velho toca-discos. Contas douradas e pretas cobrem um arco, e uma vez que passamos, eu me concentro em um Sullivan Meadows extremamente desmaiada.

Em um sofá verde-escuro de botões, todo o seu corpo atlético de um metro e oitenta e dois cai sem vida contra o lado de Akara. Sua mandíbula quadrada começa a escorregar de seu ombro.

Akara a puxa para mais perto e segura sua cintura para suportar seu peso. A seriedade endurece seu olhar, e ele olha para mim tipo: *ela precisa de sua ajuda.*

— Ela está apagada há quinze minutos.

— Quanto ela bebeu? — Solto a mão do meu namorado e descanso um joelho no sofá. Inclinando-me, coloco meus dedos em sua artéria carótida.

Akara tira o cabelo grosso de Sulli de seu pescoço para mim.

— Não muito — Responde Maximoff, com a mão esquerda agarrada ao cotovelo. Uma tentativa de cruzar os braços. Eu brincaria sobre como ele é inexperiente com álcool, mas hora e lugar, e mais, ele acrescenta: —, eu acho.

Estou prestes a verificar novamente com Akara.

— Estou calculando o nível de concentração de álcool no sangue dela — Jane entra na conversa, a voz estranhamente alta. *Ela está chateada.*

Eu viro minha cabeça e vejo Jane sentada em uma cadeira de veludo Queen Anne. Ao lado de uma lareira apagada, ela pressiona uma calculadora rosa com urgência e culpa. Ignoro Thatcher, que se eleva a um metro de distância de Jane.

Jack Highland está em uma *chaise* nas proximidades. Sua câmera está desligada e as lentes viradas para longe de Sulli. Qualquer filmagem dela desmaiada não será exibida.

Concentro-me em Sulli e falo com Jane. — Não preciso de um concentração exata de álcool, Cobalt. Apenas me diga que bebidas ela tomou.

Jane fala tão rápido com sua voz alegre como o inferno que não consigo entender porra nenhuma.

Eu levanto minhas sobrancelhas para Akara.

— Dois *shots*, dois coquetéis — Ele responde. — Uma única dose estava em cada coquetel.

— OK, isso não deveria nocautear uma garota de um metro e oitenta de dois que pesa... uns setenta a setenta e quatro quilos?

— Por aí — Akara assente.

A tolerância alcoólica dela deve ser baixa, ela não bebe regularmente. — Quanto tempo ela dormiu? — Dou um passo para trás, já que seu pulso está normal. Estou ao lado de Maximoff.

— Não muito — Akara diz, ajustando Sulli novamente.

Ai está. — É provavelmente por isso que ela desmaiou depois de

quatro doses. — Eu olho para trás, para Jane, que está calculando. — Ela vai ficar bem, Cobalt. As pessoas desmaiam de tanto beber. Merdas acontecem.

Jane levanta um dedo para mim. Nem um dedo do meio. Um dedo indicador para *cale-se*.

Maximoff sussurra: — Isso vai fazê-la se sentir melhor. — Presumo que Jane era quem fornecia e preparava as bebidas de Sulli.

E não preciso perguntar por que estão todos tensos.

Do ponto de vista de quem está de fora, ter um amigo bêbado apagado é um incômodo, na melhor das hipóteses. Eu arrastei a bunda de Donnelly escada acima às 4 da manhã antes, e contamos piadas sobre isso na manhã seguinte.

Do ponto de vista da segurança, ter uma celebridade desmaiada – uma mulher com histórico familiar de alcoolismo – é um pesadelo de relações públicas. O apelido *Herdeira Bêbada* seguirá Sulli pelo resto de sua vida.

Do ponto de vista de amigos e familiares, nenhum de nós quer que Sulli tenha que lidar com coisas ruins.

Eu me viro para Maximoff, varrendo suas feições afiadas novamente. — Quem vai levá-la daqui?

— Akara já a pegou e ela parece *morta*. — Ele balança a cabeça uma vez, o pescoço rígido. — Ela não pode ser carregada e não há como sair sem uma câmera nos flagrando.

Não é bom.

Akara diz o que eu percebi. — Vamos ficar aqui até ela acordar.

Maximoff tenta estalar os nós dos dedos. Quanto mais eu olho para ele, mais eu sei que algo está comendo meu namorado, e, *porra*, eu só quero ficar sozinho com ele. É a única maneira de ele relaxar.

— Siga-me, lobinho. — Pegó sua mão e tento levá-lo ao banheiro masculino. Ele fica ao meu lado, passo a passo, e abre a porta de madeira escura.

Eu facilmente deixo-o ter essa liderança. Provocá-lo não é uma boa ideia agora.

O banheiro é tão elaborado quanto o bar: luminárias e torneira douradas, três pias e mictórios de obsidiana, duas cabines de madeira envernizada.

Maximoff põe a mão no pescoço e olha para o lustre com franjas. — O que você está pensando? — Eu me inclino casualmente contra uma pia e agarro o balcão de granito atrás de mim. Para ser honesto, eu quero segurá-lo. Muito.

Mas tenho que esperar até que ele me deixe. Até falarmos dessa merda.

E adoro dirigir pelas estradas sinuosas e cruzadas de sua mente sempre em movimento. O fato de ele me deixar entrar significa tudo para mim.

Ele tenta soltar um suspiro. — Meu peito está pegando fogo.

Só de observá-lo, meu peito está queimando vivo também. Antes de responder, ele acrescenta: — E quase *bati* em Akara.

Repasso rapidamente as interações de Akara e Maximoff em minha mente.

Eles pareciam normais. — Ele não agiu como se você o atacasse.

— Porque eu me impedi de sequer mover meu braço. — Maximoff puxa a gola redonda da camisa *Philadelphia Eagles*. — Não sei o que devo sentir, mas tudo que consegui alcançar foi raiva quando Akara disse que isso *já aconteceu antes*.

Eu franzo a testa. — Quando?

Ele tenta rolar o pescoço tenso. — Algumas semanas atrás, no apartamento de Charlie e Beckett. Aparentemente, Sulli pensou que era algum acaso, já que ela bebeu apenas três cervejas e apagou. Não dormindo, mas *indiferente* pra caralho. — Ele mantém meu olhar em um apertado. — E eu

continuo pensando... *Maximoff*... — Seus olhos ficam vermelhos. — *Você teve a chance de mantê-la longe do álcool. Seu filho da puta estúpido. Por que você a deixou beber?*

Eu tomo a respiração forte que ele não pode tomar. Fico à vontade quando ele não pode ficar. — Porque apesar de amar estar no controle, você não é um filho da puta controlador, *Maximoff*. Você não faz as escolhas de outras pessoas por elas. Você está apenas lá para elas. — E quando ele precisar ser lembrado disso, de qualquer coisa, serei o primeiro a dizer a ele todas as vezes.

Ele aperta os olhos.

Eu saio do balcão. *Por favor, deixe-me envolver meus braços em torno de você.* Eu paro quando ele recua por um segundo. — *Maximoff*.

Ele abaixa a mão. — E continuo pensando em como você passou quarenta milhões de horas trabalhando sem parar para voltar a isso.

Eu quase sorrio. — Trinta horas — Corrijo-o.

Ele examina meu sereno estado de ser. — Eu não entendo como você está bem com isso. — Ele gesticula de seu peito para o meu. — Eu tirei tanto de você, e não posso parar. Não posso mudar o fato de que minha família é caótica, bagunçada e bizarra porque eu os amo como eles são, e me sinto egoísta por querer que você faça parte disso.

Eu inalo. — A mídia tirou minha privacidade; você não tirou nada de mim, *Maximoff*. Você está me dando algo precioso pra caralho: sua família caótica, bagunçada e bizarra pra caralho, e eu também os amo como eles são. Além disso, estou ansioso para voltar para casa e apagar os incêndios com você. Não é tão complicado.

Eu sabia que precisaríamos conversar sobre isso novamente. É diferente agora que estou terminando minha residência e ainda não trabalho diretamente para a família dele. Ele acha que precisa me dar paz e sossego longe do caos.

Mas eu quero tudo o que vem com ele.

Maximoff fica parado, respirando fundo. Seu olhar se fixa em mim, e o amor está escrito em seus olhos. — Eu estava animado para ver você — Ele admite. — Tipo, estupidamente animado.

Eu imagino isso, e o canto da minha boca sobe. — Sua paixão está aparecendo.

— Eu não ligo.

Incha meu peito e meus olhos ardem. Dou uma olhada nele antes de me aproximar.

Ele recua. — Espere.

Paro a alguns metros dele e passo a mão pelo cabelo. Maximoff aperta os olhos mais uma vez, depois olha para cima como se estivesse tentando se lembrar. Quando ele olha para mim, pergunta: — April ligou de volta pra você?

— Sim. — Minha meia-irmã mais velha nunca discava meu número e, nos últimos dias, April me bombardeou com telefonemas e mensagens. — É por isso que eu me atrasei. — Passo a língua pelos molares, quase estremecendo.

— Tão ruim assim? — Ele pergunta. Agora Maximoff parece querer me abraçar.

Mas esperamos um pouco mais para preencher o espaço.

— Não é bom — digo. — Ela disse que ainda não se sente segura em casa. Alguém jogou um buquê de flores no portão.

Maximoff balança a cabeça. — Podemos contratar mais seguranças particulares para ela.

— Já contratamos três seguranças 24 horas, *mais* câmeras de segurança instaladas, além de uma cerca fechada. — Tudo aconteceu depois que April me ligou. Em pânico sobre como as pessoas continuavam tocando sua campainha e fazendo perguntas sobre mim e Maximoff.

O endereço residencial da minha meia-irmã em Palo Alto vazou quando fui *doxxed*.

Maximoff assente. — Então ela precisa mudar de casa se ainda não se sentir segura. Eu pagarei por quaisquer custos.

— Isso é exatamente o que eu disse a April. — Eu levanto minhas sobranças. — E ela começou a gritar comigo sobre como eu não precisava sair da *minha* casa, e não é justo, já que fiz isso com ela.

Seus olhos brilham quentes. — Jesus Cristo, você não *pediu* para ser *doxxed*. Isso não é sua culpa.

— Não brinca — digo, e eu o pego sorrindo e fazendo careta para isso. Quase rio e, depois de uma breve pausa, digo a ele: — Não me sinto mais tão culpado. No momento, ela tem mais proteção na casa em Palo Alto, porra, do que você em sua casa na Filadélfia.

Maximoff assente novamente, e está gastando toda a minha energia para não andar para frente e diminuir a distância que nos separa.

Eu sinto meu lábio perfurado sob minha língua. — Ainda estupidamente animado para me ver?

Ele sorri, seus olhos marejados. — Você não tem a menor ideia. — Isso me oprime e eu sigo em frente.

Maximoff avança. Nossos braços se encontram, e nossas bocas se chocam, famintas – eu agarro a parte de trás de sua cabeça e seu braço engancha em volta dos meus ombros. Puxando-me para mais perto. E mais perto.

Com paixão que constrói lágrimas quentes e rejeita todos os tipos de desgosto. Eu vivo e respiro dentro dessa emoção. Ele me prende do lado de fora da cabine, uma pia à nossa direita. Minhas costas batem na madeira com um baque.

E nos separamos para respirar, mantendo as mãos uma na outra.

Nós dois olhamos para a porta.

Trancada.

Maximoff tenta desafivelar meu cinto com uma das mãos. — Temos tempo para matar.

Eu enfio em seu cabelo com meus dedos. — Temos — Concordo.

Ele pausa sua missão e levanta seus olhos verdes para mim, comandando *me beija, cara*. Eu ainda não o beijo, e ele tenta me dar um.

Eu tiro minha cabeça do caminho, e então me viro e o beijo eu mesmo.

Ele geme contra a minha boca. — *Caralho*. — Meu sangue começa a sufocar.

Maximoff apalpa o lado de fora da minha calça. *Porra, isso é bom*. Ele puxa a cabeça para trás e ordena: — Abra o zíper da jaqueta.

OK, mandão. — Alguém ama meus dedos — digo e devagar, lentamente, abro o zíper da minha jaqueta de couro. Ele observa minha mão e eu uso a outra para desabotoar sua calça jeans.

Minha palma mergulha em sua calça, sua cueca boxer. Eu agarro seu lindo pau, e ele empurra seus quadris em mim. Mais de uma vez. Mais de duas vezes. *Foda-se*, um ruído profundo está preso na minha garganta. E eu devoro sua excitação que estreita seus olhos em pontos ardentes.

Nós nos beijamos novamente, puxados para uma ressaca áspera e voraz. E sempre cuido de sua clavícula. Eu até procuro sinais de dor, mas ele está perdido no prazer.

Eu bebo em sua expressão que é puro sexo, puro amor. Em combustão juntos.

Nós nos esfregamos com uma pressão entorpecente, nossas calças baixas na cintura. Como um som áspero escapa de seus lábios, eu pergunto: — Esteve fantasiando sobre meu pau?

— Mais como meu pau na sua bunda.

Meu nariz inflama, o sangue bombeando. — Você quer estar dentro

de mim?

— Duro — Ele sussurra contra a minha boca.

Estou amarrado a ele. — Bom. — Eu o beijo, então mordo seu lábio, e ele arqueia para mim novamente. *Caralho, Maximoff*.

Ele está simultaneamente derretendo e endurecendo. Sua ereção cresce em meu aperto firme. Meus malditos músculos se esticam, nossos corpos empurrados um contra o outro.

Estou prestes a nos girar, mas ele pressiona uma mão firme no meu peito. Mantendo minhas costas na cabine. Seu polegar passa sobre o anel do meu mamilo, que está preso sob o tecido da minha camisa preta.

Nós nos encaramos, e mais e mais excitação explode em meu sangue e ossos.

Enrolo sua cueca boxer mais abaixo em sua bunda e, em seguida, libero sua ereção grande e inchada. *Droga*. Não há pau que eu queira mais dentro de mim do que *esse*.

Ele faz o mesmo comigo e se concentra no meu pau e se afasta como se estivesse imaginando a sensação dentro de sua boca e bunda.

Eu estalo meus dedos em seu rosto. — Você pode me chupar depois, Cadete Espacial.

— Eu mal saí de órbita — Ele combate. — Tipo, nada.

— OK — digo com um sorriso, e eu o distraio acariciando sua ereção. Ele olha fixamente para minha mão tatuada que se move para cima e para baixo em seu eixo endurecido. Eu cuspo na palma da mão para lubrificar e volto ao curso. Essa única ação atrai um ruído gutural ofegante dele.

Meu corpo aperta. Seu peito sobe e desce pesadamente. É o bastante. Eu paro aqui. Não querendo que ele goze na minha mão.

— Você tem lubrificante? — Pergunto.

Maximoff enfia a mão no jeans embolado nas coxas. Encontrando sua carteira em um bolso. Ele me joga um pacote de viagem e, então, me observa

aquecê-lo em minhas mãos.

Abro com os dentes e devolvo. — Cuidado com o ombro.

Ele esfrega o lubrificante, deixando seu comprimento brilhando. — Obrigado, vou manter isso em mente enquanto estou batendo dentro de você.

Deixo escapar uma risada curta, virando-me para encarar a cabine. — Sempre um espertinho precioso.

— Sempre um babaca sabe-tudo.

Eu concordo. Isso é definitivamente verdade. Eu coloco minha mão na madeira para me apoiar. E estendo a outra mão para trás para segurar sua cintura. Sua pele é quente sob a palma da minha mão.

Antes que ele empurre para dentro, seu braço se curva em volta de mim e ele bombeia minha ereção – porra, meu pescoço fica tenso, a respiração presa em meus pulmões.

— Maximoff — Gemo.

Essa pressão desaparece para abrir espaço para uma nova. Inclino minha cabeça, olhando por cima do ombro para ver sua mão envolvendo seu eixo.

Lubrificado, Maximoff afunda em mim. *Caralho, merda.*

O prazer explode minhas terminações nervosas, e ele me beija enquanto empurra cada vez mais fundo. A plenitude me deixa tonto.

— *Caralho, Maximoff* — Gemo um som baixo e grave que queima minhas entranhas. Meu nariz se inflama novamente, e eu viro minha cabeça para frente. *Foda-se.* Ele empurra para dentro e para fora. Dentro e fora, o ritmo hipnótico e alucinante me ilumina. Meus músculos se contraem, sua respiração pesada contra a minha nuca.

Ele beija meus deltoides com outro impulso – *porra, sim*, eu agarro sua bunda. Sentindo-a flexionar sob minha palma.

— Farrow — Ele resmunga, balançando os quadris. — Deus.

Porra, porra.

Ele planta a mão na minha cintura. Firmando-me enquanto minha palma desliza na cabine. Não conseguindo uma boa tração, eu tiro minha mão de sua bunda. Ambas as mãos na madeira.

Nossos corpos balançam juntos com cada impulso para frente, e ele atinge minha próstata, a intensidade como uma explosão repentina.

— Caralho — Gemo, mordendo. Ele acerta o alvo novamente.

Minha boca se abre. De novo. Eu não consigo respirar.

De novo. Estou duro como uma rocha, minhas bolas doendo para detonar. Os pensamentos fogem da minha mente – novamente, ele acerta minha próstata.

Porra.

Inferno.

Cada músculo do meu corpo fica tenso, pronto para se romper. Ele acelera o passo em mim. Empurrões profundos e duros que trovejam em meu corpo.

Parece... *incrível pra caralho.*

Eu viro minha cabeça para trás, e nossos olhos se fodem tão forte quanto nossos corpos. Eu solto a porta para segurar a parte de trás de sua cabeça. Ele empurra para frente – um ruído mais profundo e superado rompe meus lábios.

— *Caralho* — Maximoff faz um gemido de lobo, quente como o pecado.

Eu o beijo, apenas uma vez.

Ele empurra mais rápido, mais rápido, como se *precisasse* desse clímax agora. Mas, então, ele atinge o ponto novamente – e cada músculo estala, cada rajada nervosa. Fui atingido.

— *Foda-se* — Gemo, um clímax rugindo através de mim. Eu embainho a cabeça da minha ereção com a minha mão, sêmen aquecendo minha palma. Eu pulso em ondas longas e prazerosas.

Levo um segundo para reorientar minha mente. Mas eu o faço. Maximoff já está puxado para fora, gozo em sua mão, e limpamos com toalhas de papel. Quando ele se vira, nos beijamos fortemente e Maximoff tenta esconder o sorriso.

Mas sinto seus lábios subirem contra minha boca e me afasto. — Você vai dizer isso ou vai apenas sonhar com isso? — Eu provoco.

Com confiança, ele diz: — Eu fiz você gozar com as mãos livres — Ele está obcecado, e seu tom diz: *eu sou melhor do que você no sexo*.

Eu não desvio de seu olhar.

Merda, ele é gostoso e fofo. E eu o amo muito. — Você percebe que eu fiz você gozar com as mãos livres nas últimas cinco vezes que eu te comi?

— Isso é diferente. Eu sou um bilhão de vezes mais fácil de obter estimulação da próstata do que você.

Não posso negar essa verdade, e ele se afasta de mim para usar a pia, abrindo a torneira dourada. Eu o observo enquanto nos vestimos, cuecas boxer e calças de volta em nossa cintura.

Enfio minha camisa preta dentro da calça. Ele está estranhamente quieto. Quase atordoado.

Meu pulso pula uma batida. Afivelo o cinto e me aproximo dele depois que ele fecha o zíper da calça jeans.

— Maximoff?

Ele foca seu olhar distante em mim. — Eu fiz isso errado.

Minhas costelas apertam, e eu pesco seu botão no buraco, ajudando-o.

— Acabamos de estabelecer que você me fodeu muito bem.

Maximoff abaixa a cabeça. *Ele quase nunca abaixa a cabeça assim*.

— Ei. — Eu inclino minha cabeça para o lado e me abaixo um pouco.

— Lobinho, olhe para mim.

Seu peito desmorona e olhos injetados se erguem para mim. Ele parece confuso, e eu tento rastrear os caminhos de volta ao que aconteceu. *O*

que aconteceu? Eu balanço minha cabeça. Meu estômago cheio de nós, e eu seguro a parte de trás de seu pescoço em um aperto protetor. — Fale comigo.

Ele engole em seco, franzindo as sobrancelhas em pensamentos profundos e angustiados. — Depois de trinta horas separados, eu vi você e eu realmente queria foder seus miolos. Deus, eu nem perguntei como foi seu dia no hospital.

Eu vejo aonde isso está indo, e eu sabia que estaríamos aqui um dia. Mas meu peito dói ao vê-lo lutar com essa merda.

Maximoff explica mais: — E não sei se isso significa que algo está errado comigo. Ou se eu simplesmente amo sexo. Ou se estou pensando demais em tudo porque minha mãe é viciada em sexo e, mesmo que ache que estou no controle, há uma parte em mim que se pergunta: *e se eu não estiver?* E não consigo sair da minha maldita cabeça. — Sua voz realmente falha.

Eu seguro sua bochecha. — Você está bem. — Cada palavra é como uma facada em meu estômago, porque sinto como tudo isso o atormenta. — Você está apenas pensando demais.

— Qual parte?

— Tudo — Sussurro e beijo-o com ternura. Ele ainda está dolorido.

Quando começamos a fazer sexo, perguntei se ele estava preocupado em ser um viciado em sexo. Ele disse *não*. Mas antes de estar comigo, ele tentou controlar sua vida sexual com parâmetros. Conexões à noite. Nunca a mesma pessoa. Nunca em público.

Veja, nosso relacionamento *público* abriu a porta para o sexo *público*. Podemos sair de um banheiro juntos e não dar a mínima se alguém nos pegar.

Também podemos foder a qualquer hora, em qualquer dia. Ao contrário dos casos controlados de uma noite antes. Achei que em algum momento ele reavaliaria tudo e questionaria o que é normal.

Eu só não percebi o quanto me machucaria ver e sentir. Entrelaçando minha outra mão com a dele, digo: — Não há manual, lobinho. Você não está

atado porque decidimos foder agora e falar sobre merda chata depois. Fazemos o que parece certo, quando parece certo. É isso.

Eu preciso que ele entenda que esta foi minha escolha também.

Ele olha para mim. — E se for diferente para mim por causa dela? — A culpa oblitera suas feições, até mesmo culpando sua mãe. — Eu não quis dizer isso.

— Eu sei. E você não é um viciado em sexo — digo a ele. *Você não é como sua mãe.*

Ele fecha os olhos, respirando mais suavemente. — Acabei de te foder no banheiro. — Ele abre os olhos para o balanço da minha cabeça.

— Isso pode machucar você saber, mas eu não dou a mínima agora, eu fodi outros homens em banheiros — digo sem rodeios. — Já fiz sexo em praias, quadras esportivas, arquibancadas e outros lugares ao ar livre, e foi divertido. Como se o que acabou de acontecer fosse divertido e saudável, e tudo já foi feito antes por muitas pessoas. Você não é a primeira pessoa a gostar de sexo em público, Maximoff.

Ele pensa muito e solta minha mão. Ele passa os dedos pelos cabelos. — Eu nunca questioneei isso antes. Nenhuma vez.

Eu concordo.

Ele respira. — Eu não posso dirigir. Não posso nadar. Não posso me jogar no trabalho. E adoro sexo, mas, pela primeira vez, estou com medo de ir longe demais e nem perceber.

— Eu perceberia — Escovo suas bochechas com meu polegar. — Você confia em mim?

Seus olhos endurecem, não suavizam. — Claro.

— Se eu perceber que você está mudando a ponto de parecer ruim, vou lhe dizer. Estamos juntos. Nós fodemos. Suas dúvidas são sempre minhas preocupações e estou aqui para ajudá-lo a qualquer hora, sempre.

Maximoff inala. — Devo ter perdido essa página no Manual do

Namorado.

Eu olho para o teto em pensamento, então de volta para ele. — Se existissem manuais para essa merda, estaríamos em uma edição muito diferente agora.

— Manual do Filho de uma Viciada em Sexo.

Solto uma risada curta. — Eu definitivamente estava pensando em uma palavra mais forte do que ‘namorado’, mas claro, podemos escolher Filho de uma Viciada em Sexo. — A lâmpada queima em uma luminária dourada acima de nós. Interrompendo nossa brincadeira, e então Maximoff me diz: — Preciso que você saiba que eu não me arrependo de foder você aqui.

— Bom. — Assinto. *Graças a Deus.*

— E eu não quero que você faça sexo comigo e pense no fundo de sua cabeça que eu sou um viciado...

— Cara, essa é a última coisa em que vou pensar enquanto estamos fodendo. — Fecho minha jaqueta de couro, e desta vez, seus olhos estão apenas nos meus. — Vou me divertir. Como sempre. Espero que você também.

Maximoff Hale

AS NOITES SÃO piores.

Eu olho para as vigas, meu colchão duro sob minhas costas. Eu não posso virar para o meu lado. Não posso me enrolar em uma bola ou mudar para uma posição melhor. Com a minha lesão, sofro nas costas todas as malditas noites. Se a dor aumentar, geralmente levo uma hora para adormecer.

Esta noite é diferente.

Pernas não estão entrelaçadas com as minhas. Minha cabeça não cai no ombro de outra pessoa. Não sinto a presença de outro corpo. Sou apenas eu e meus pensamentos, e não posso dizer que é uma experiência agradável.

Farrow está no hospital, trabalhando em um longo turno, e não o verei até a tarde. O relógio marca irritantemente 3h02, lembrando-me que estou tentando dormir há três horas excruciantes.

Não estou acostumado a ficar sozinho na cama e anseio por aqueles dias no ônibus da turnê da FanCon, onde poderia rastejar facilmente para o beliche de Farrow.

Três anos.

É quanto tempo durará a residência de Farrow. Três anos em que terei noites em que ele não está por perto. E, porra, eu sinto falta dele. Falar com ele. Tê-lo me irritando até que eu seja um idiota sorridente.

Eu também me sinto como um bastardo chorão reclamando silenciosamente sobre *algumas* noites onde ele não está. Há pessoas que lidam com separações piores em períodos e distâncias mais longos. E eu não invejo isso. Eu mal consigo conceber isso.

Eu belisco a ponta do meu nariz. Precisando do meu cérebro para calar a boca. Estendo a mão e pego meu celular na mesa de cabeceira.

Nenhuma mensagem perdida. Nenhum primo ou irmão me mandou mensagem desde a última vez que verifiquei. Eles provavelmente estão todos dormindo.

Puxando-me para cima, eu me inclino mais contra a cabeceira da cama. As tábuas do assoalho e as paredes de tijolo rangem ruidosamente dentro da velha casa geminada. Hoje à noite, fortes rajadas de vento batem na janela e minhas cortinas cinza balançam para frente e para trás. Pequenas luzes que estão enroladas nas vigas do teto começam a piscar.

A energia pode acabar em breve.

Para me impedir de enviar mensagens para Farrow, percorro os *tweets* de minha irmãzinha. Sou alvo diário dela no *Twitter*. Certa vez, eu estava em um *talk show* noturno para promover um evento de caridade e o apresentador me fez ler os *tweets* de Kinney em voz alta.

E eu estava feliz.

Eu sorrio para alguns novos.

@KinneyGothHale: O irmão mais velho falou sobre Aristóteles por 30 minutos no café da manhã.

Ela incluiu um *gif* de preguiça bocejando.

@KinneyGothHale: Apesar disso, o namorado de Moffy e eu somos os únicos que podem tirar sarro dele. Você tenta, você morre.

Eu amo que minha irmã mais nova goste de Farrow. Mas eu desacelero em outro *tweet*.

@KinneyGothHale: 1º passeio da Brigada Arco-íris em andamento. O que deveríamos fazer?

Ela adicionou uma enquete para os fãs votarem, mas incluiu as mesmas três opções: boliche, boliche e boliche.

Kinney já me mandou uma mensagem, nosso primo Tom Cobalt, e depois Oscar e Farrow com os detalhes sobre o encontro. Ela escolheu uma data em junho. Mês do Orgulho LGBT.

Penso em como minha irmãzinha ficará furiosa se Farrow se atrasar. E eu disse a ele: — Se você não conseguir, não deixe Kinney assustá-lo.

Ele mascou seu chiclete com um sorriso crescente. — Cara, não tenho medo da sua irmã de treze anos. Especialmente porque ela acha que pode comungar com pessoas mortas — disse ele. — Eu prometo que vou conseguir.

Essa imagem de seu sorriso divertido está cimentada em meu córtex cerebral.

Foda-se.

Eu mando uma mensagem para ele. Ele já me disse que, se estiver ocupado, simplesmente me ignora.

Portanto, não estou realmente preocupado em perturbá-lo.

Rapidamente, digito e mando: *pensando em vc*

Eu propositalmente estrago a gramática para irritá-lo um pouco. O vento uiva e a energia é cortada de repente, meu relógio fica em branco. Com o quarto escuro, eu instintivamente alcanço minha mesinha – meu braço direito luta contra a tipoia, *caralho*.

Eu mordo e estou farto dessa coisa.

Estendo a mão atrás de mim e arranco o velcro que prende a tipoia ao meu abdômen. E tiro a alça da cabeça. Lentamente, libero meu braço direito preso e jogo a tipoia vermelha no chão.

Então, eu gradualmente levanto meu braço direito da minha coxa. Quanto mais alto eu vou, mais dor atinge minha clavícula e reverbera em meu ombro.

Eu solto meu braço de volta e tento novamente.

Melhor. Ou talvez eu esteja apenas sufocando a dor com determinação.

Não sei.

Seja qual for o caso, alcanço a mesinha novamente com meu braço ruim.

Propositalmente desta vez para alongar o músculo.

Respiro fundo pelo nariz e deslizo a gaveta, abrindo-a. Pegando uma lanterna. E meu canivete para precaução extra.

Inclinando-me para trás, pego meu telefone.

Nenhuma mensagem nova.

Eu expiro e clico em alguns artigos que o tio Ryke me enviou. Tudo para reabilitação de alongamento na minha clavícula. Não devo tentar nada disso até oito semanas após a cirurgia. Ainda não se passaram quatro semanas, mas talvez um treino não seja tão extenuante...

Um anúncio de lubrificante na barra lateral me distrai e imediatamente imagino Farrow. Pelado, navios piratas, caveiras e pardais tatuados por todo o seu corpo de um metro e noventa e um.

Ele está parado no final da minha cama. Sorrindo porque sabe que é irritantemente sexy.

Minhas veias pulsam, a pele quente ao toque. Eu descanso minha cabeça para trás. E tento me impedir de fantasiar desparafusando a lanterna com as duas mãos. Descarto as baterias e recoloco-as.

Nas últimas semanas, o sexo infiltrou-se em minha mente como batalhões excitados e incomodados. Sempre tive fantasias. Sempre à deriva. E isso nunca afetou meu trabalho ou relacionamentos.

Mas estou mais preocupado que isso aconteça agora que tenho todo esse tempo livre.

Meu telefone apita. Eu abandono a lanterna quebrada e clico na mensagem.

Farrow: *Em seus pensamentos, em que posição estou?*

Eu quase caio para trás. Caramba, eu não esperava essa resposta. Já fizemos sexo antes e avalio a salubridade disso agora. Parece extremamente normal.

Não está atrapalhando minha vida. E ele iniciou. Todos os prós do momento. Então, eu digito e redigito uma frase antes de decidir sobre isso:

Debaixo de mim. Em cima de mim. Ao meu redor.

Envio a mensagem e algo bate na minha janela. Eu aponto a luz do meu celular para a janela já que desmontei a lanterna real. Minhas cortinas sopram suavemente e eu forço meus ouvidos.

Nada de importunadores de rua esta noite.

Huh.

Não há árvores perto da minha janela. Portanto, não poderia ser um galho. Lembro que verifiquei a porta da frente depois que Janie e Luna foram para a cama. Está trancada. *Elas estão seguras.*

Meu telefone vibra.

Farrow: *Parece vago. Precisa de mais adjetivos.*

Eu gemo em frustração. Aborrecimento sexual e simples. Eu digito duas palavras rápidas: *Me fode.*

Envio.

Minha mente tenta rastejar para o meu banco de imagens e arrancar uma de Farrow deslizando seu pau entre meus lábios – outra mensagem chega.

Farrow: *Espertinho.*

Eu não penso demais pela primeira vez e apenas digito:

Você está colocando seu pau na minha boca. Eu posso provar você debaixo da minha língua. Envio.

Ele responde ainda mais rápido.

Farrow: *Agora estabelecemos que você não sabe o que é um adjetivo.*

Estou sorrindo e olhando enquanto respondo: *Ou simplesmente não gosto deles.*

Meu pau está começando a latejar, especialmente quando imagino Farrow escarranchado em meus ombros comigo deitado de costas. Seu abdômen tatuado bem no meu rosto, junto com seu pau. Eu o tomo entre meus lábios, e Farrow agarra a parte de trás da minha cabeça. Segurando protetoramente. Firmemente. Eu trago seu comprimento para o fundo da minha garganta... *pow.*

Que porra é essa?

Remonto minha lanterna em dois segundos. Levo o feixe brilhante nas cortinas rajadas.

Se eu me levantar e for abrir as cortinas, significa que precisarei espiar pela janela. E espiar pela janela significa que há uma boa possibilidade de os paparazzi tirarem uma foto minha. Então, vou atrair intrusos para a área, e foi bom não ouvir um monte de besteira sobre mim e Farrow esta noite.

Eu ouço o barulho novamente, mas é silencioso. Então eu verifico uma mensagem perdida.

Farrow: *Você não deveria estar dormindo agora? O que está te mantendo acordado?*

Sua ausência.

Estar sozinho com minha própria cabeça.

Minha clavícula que se recusa a cicatrizar na velocidade do raio.

Tudo as alternativas anteriores.

Simplesmente não consigo dormir. Eu envio isso. E então eu penso sobre o anúncio do lubrificante, e eu me pergunto...

Mando-lhe outra mensagem: *vou ver pornografia.*

Se ele achar que é uma má ideia, ele vai me dizer. Talvez a pornografia me deixe exausto, e não posso negar que desde que comecei a namorar Farrow e ele admitiu assistir, minha curiosidade aumentou.

Talvez eu veja a pornografia de uma nova maneira agora que estou em um relacionamento sério. Não sei. Minhas sobrancelhas franzem em contemplação pesada.

Eu envio: *deixa pra lá.*

Ele está me ligando.

Eu bato minha cabeça para trás na cabeceira da cama. Porra. Ou eu o preocupei ou ele está reprimido agora, e ambas as opções, estou apenas me sentindo fanático por isso.

Coloco a ligação no viva-voz. — Eu não estou tentando interrompê-lo em trabalhar...

— *Você não interrompe. Relaxe, lobinho. Estou apenas mapeando o plantão.* — Papéis são mexidos em seu lado. — *Vai assistir pornografia ou não?*

— Ainda não sei. — Abro um navegador de internet no meu telefone. — Qual é um bom *site*?

Ele faz uma pausa. — *Maximoff.* — De alguma forma, sua voz rouca contém seu sorriso cada vez maior. — *Eu adoraria assistir com você, já que não é algo que você faz com frequência, e não estou dizendo isso porque acredito que você não deveria fazer isso sozinho. Você pode fazer isso sozinho, se quiser, mas seria mais divertido comigo.* — Ele acrescenta: —

Tudo geralmente é. Até dormir, aparentemente.

Eu pisco lentamente. — Obrigado por essas adições desnecessárias.

— *De nada.* — Sua voz desaparece com a confusão de papéis.

Eu penso em experimentar isso com ele, e é mais atraente. Talvez seja o que eu realmente queria o tempo todo. E clico na guia “manchetes de notícias” no meu navegador.

Pow. Eu balanço minha cabeça. — *O que foi isso?* — Farrow pergunta.

— Um barulho — digo secamente. Com o fluxo constante de intrusos, tem sido mais difícil proteger o exterior da casa ultimamente. Alguém pode estar jogando algo na minha janela da rua. Mas pedras e seixos soam mais como um *ping* contra o vidro.

O que quer que atinja a janela é mais pesado, mas não o suficiente para quebrar.

— *Merda* — Farrow amaldiçoa, e ouço os papéis se espalharem.

— Eles fazem você traçar um gráfico no papel? — Pergunto. — Eu pensei que eles teriam mudado para alguma tecnologia da era espacial. Como projeções astrais. — Olhando para o meu telefone, minhas sobrancelhas franzem para uma série de artigos, não no *Celebrity Crush*, mas em seu *site* mais respeitável e uma revista *online* chamada *Famous Now*.

Faço uma pausa antes de clicar nos artigos. Farrow solta um suspiro irritado, seu estresse ou talvez apenas frustração ultrapassa a linha. Ele é ótimo em viver em situações agitadas, mas sempre que ele me liga no hospital, sinto uma tensão dentro de Farrow que ele normalmente nunca carrega.

Ele não fala muito sobre seus turnos lá, mas às vezes acho que é pior quando pressiono sobre isso. Então, eu realmente não cutuquei ainda.

— Se você precisar voltar, podemos conversar mais tarde...

— *Eu tenho tempo* — Farrow interrompe e finalmente me responde.

— *Há um velho atendente interno que se recusa a passar para tablets e, como metade do hospital pensa que ele é Jesus, todos os primeiro-anistas do Med-Ped são obrigados a fazer um gráfico no papel porque esse velho filho da puta disse isso.*

Meu rosto se contorce. Isso soa como uma regra que Farrow quebraria. Ele consideraria os *tablets* mais práticos e eficientes para fazer um trabalho *melhor* e desobedeceria à exigência de apenas papel, mesmo ao custo de irritar a equipe e prejudicar sua reputação.

É apenas quem ele é. Arriscando tudo para fazer o melhor trabalho que puder.

— Por que não dizer *foda-se* essa regra e usar um *tablet*? — Pergunto.

— *Não pensei muito sobre isso* — diz Farrow com ar distante.

Pow. Pow.

— *Maximoff*? — A preocupação aprofunda sua voz.

— É só o vento. — Ilumino com a lanterna as vigas do teto que rangem e depois desço para a janela. Minhas cortinas dançam mais loucamente, e fico tentado a me levantar e espiar pelas persianas fechadas.

— *Isso não é vento* — diz Farrow. — *Onde você está?*

— Quarto. — Eu equilibro minha lanterna na minha coxa. Mantendo o feixe apontado para as cortinas. E volto a me concentrar na internet e nesses artigos diários do *Famous Now*.

Cada um compila todas as fotos públicas minhas e de Farrow. Algumas fotos são do meu *Instagram* como uma selfie no supermercado. Desvio zombeteiramente de Farrow, que está com um sorriso insanamente aberto atrás de mim, também mordendo uma nectarina. Ele estava comendo a fruta na loja, tudo antes de sairmos.

Sim, ele ainda faz isso.

Outras fotos são das redes sociais da minha família e depois há fotos de paparazzi. Como aquela em que estamos em um encontro em um jogo de

baseball. Esperando na fila do bilhete. Escolher ser normal e não ignorar as multidões.

Os paparazzi estavam por toda parte, mas eu não me importei. Nem ele.

Na foto, a mão dele está no meu bolso de trás e eu estou rindo. Não vi seu sorriso ou sua expressão naquele momento, mas vejo agora.

Farrow está olhando para mim com amor palpável e avassalador. Envolvendo-se com toda a minha essência. Como se eu fosse a alegria e a felicidade dele.

Isso me atinge.

— Você viu esses artigos sobre nós no *Famous Now*? — Pergunto a Farrow enquanto faço uma captura de tela daquela foto do *baseball*. Eu gosto disso.

Bastante.

Eu printo mais fotos. Eu gosto desse *site*, pois não há nenhuma intenção maliciosa anexada. O resumo da introdução no topo é breve para nos descrever e não me incomoda.

Farrow embaralha mais papéis e diz: — *Alfas Como Nós*?

— Sim.

Esse é o título da série diária.

ALFAS COMO NÓS.

Baseado no resumo:

Reconhecidamente territorial, reconhecidamente protetor, Maximoff Hale e seu novo namorado são o casal do ano. Quer você os ame ou os odeie, eles estão por toda parte.

— *Donnelly me enviou um link* — diz Farrow. — *Você deveria rolar e ver se consegue encontrar a foto em que parece apaixonado por mim. É a*

minha favorita.

Ele pode estar fodendo comigo, mas eu rolo, de qualquer maneira. Rapidamente, percebo que pareço doentiamente apaixonado em praticamente todas as malditas. Como se eu tivesse dezesseis anos de novo com uma grande paixão por Farrow Redford Keene, uma paixão que precisa ser contida.

Imediatamente.

Mas começo a pensar...

Eu tenho o cara.

Estou com meu crush.

Minha paixão quer se casar. E ter filhos.

Comigo.

Eventualmente.

Eu esfrego meu rosto; minhas bochechas doem quando minha careta se torna um sorriso. — Esta deve ser uma foto imaginária — digo a Farrow, porque de jeito nenhum vou admitir a verdade.

— Não é imaginária — diz Farrow. — São todas elas...

Pow. Pow. Pow. Minhas costas se endireitam, e eu bato na minha lanterna que pisca.

— Maximoff? Fale comigo.

— Você tem acesso às câmeras de segurança lá fora? — Eu saio da cama e deixo meu telefone no colchão, ainda no viva-voz. Então, eu pego meu canivete na minha mão direita, a lanterna permanecendo na minha esquerda.

— Não. Não mais. — Um longo silêncio tenso passa pela linha. Sei que Farrow odeia não ser capaz de me proteger e está preso do outro lado da cidade. — *Estou mandando uma mensagem para Bruno para verificar as câmeras* — diz ele. — *Não abra a janela.*

Minhas tábuas do assoalho rangem sob meu peso, e eu me aproximo do sopro das cortinas. *Pow.*

Pow. Isso não pode ser uma pedra. É tudo o que posso pensar.

Nem uma pedra. Nem um tijolo.

Não uma bola de *baseball*.

— *Você está assustado?* — Farrow pergunta, já que não estou falando.

— Não... — Meu pulso acelera, mas não por medo. — Eu só quero saber o que diabos é isso. — Desligo a lanterna e abro a cortina. Revelando as persianas fechadas.

Pow.

Um objeto duro bate no vidro e ouço algo mais do lado de fora. *Zumbido*. Mas não como uma vibração de telefone. Mais como um turbilhão...

— *Merda, isso está me matando* — diz Farrow, quase aflito. Suas palavras não ditas: *Eu gostaria de estar aí*.

Eu olho de volta para o telefone na cama, meu estômago revirando. Se ele estivesse aqui, estaria ao meu lado e não me impediria. Nós dois faríamos exatamente o que estou prestes a fazer. Só nós faríamos isso juntos.

— Não vou abrir a janela — Asseguro a ele. — Provavelmente não é nada.

— *Fique na linha comigo.*

— Fico. — O vento uiva, e eu uso a lâmina da minha faca e levanto uma persiana. E então eu espio. *Pow*. Eu não vacilo. O objeto pesado e giratório...

— É um drone — digo a Farrow enquanto esse helicóptero mecânico voa pela janela novamente. *Pow*. — Tem uma faixa. Diz... — Em letras grandes e em negrito, alguém escreveu em um pedaço de papel. — ‘Eu te vejo’. — Um calafrio pica meu pescoço.

Eu te vejo.

Farrow fica quieto.

Eu me afasto inquieto, a persiana fechando. — Acho que há uma câmera no drone. — Pode pertencer a qualquer um, e não me importa qual

humano decidiu que seria divertido me filmar no meu quarto.

É uma merda.

Voar drones sobre propriedade privada é uma área legal cinzenta, mas entrar em propriedade privada para filmar minhas imagens é praticamente ilegal.

Os paparazzi sempre ficam na calçada por um motivo. Desde que os jornalistas não usem teleobjetivas para olhar dentro do meu quarto e não assediem ou invadam, eles podem se safar de muita coisa em propriedade pública.

— *Você está bem?* — Farrow pergunta.

— Vou checar Luna e Jane, e depois chamarei a Tri-Força para cuidar disso. — Qualquer coisa que se desvie para o território do processo, eles lidam.

— *Tudo bem, mas não foi isso que eu perguntei* — diz ele com aquela voz prática. Sinto falta do rosto que o acompanha.

Estou em um quarto escuro com vento uivante, madeira rangendo e um drone de câmera batendo no vidro. E a única coisa que me assusta é a solidão.

Queria que você estivesse aqui.

Eu não posso dizer isso a ele. Não posso tornar isso mais difícil para ele do que já é. Porque eu sei que já está o destruindo não poder estar perto de mim. Não vou aplicar outra lâmina na ferida.

Três anos.

— Sim — digo —, estou bem.

— *Vou tentar voltar para casa mais cedo...*

— Não — Eu o interrompo. — Você não precisa fazer isso, cara. — Jogo minha lanterna no colchão e pego o telefone.

A linha silencia pelo segundo mais longo. — *Você pode passar a noite no quarto de Jane?*

Se isso lhe dá paz de espírito enquanto ele está no trabalho, então minha resposta é óbvia. — Sim. Eu posso fazer isso.

— *Estou sendo bipado... tenho que ir* — Ele se apressa.

— Até... — Eu me interrompo antes de dizer *logo*. Não tenho certeza de quando o turno dele terminará.

— *Eu te amo, lobinho.* — É a última coisa que ele diz. Palavras de saudade que doem mais que o silêncio.

Maximoff Hale

CHARLIE É O único que concorda com meu novo plano.

Isso deve ser uma bandeira vermelha.

Jane e Farrow se extirparam da situação “por princípio”, enquanto o primo com quem brigo há anos se juntou ao meu grupo de um só.

Farrow: *Estou indo para a emergência. Parece cheia. Não será possível enviar mensagens. Liguei quando puder, mas vou lembrá-lo pela décima sexta vez: é uma má ideia.*

Eu respondo: *Entendi.*

Farrow: *Podemos falar sobre sua teimosia irracional mais tarde esta noite.*

Não estamos de acordo sobre esse assunto e não é a primeira vez. Não será a última. Mas me incomoda saber que as duas pessoas que deveriam estar do meu lado o deixaram. Meus dedos pairam sobre meu celular, tentando pensar em algo para dizer.

Eu chego a isso: *OK. Te amo.* Eu respondo.

Farrow: *Também te amo.*

Logo após essa mensagem, outra aparece.

Farrow: *Ainda é uma má ideia, lobinho.*

Isso me lembra de seus sentimentos sobre a minha tipoia. Tirei-a permanentemente uma semana antes do que todos os médicos aconselharam. *Má ideia, lobinho.* Nós meio que brigamos por causa disso.

Uma briga curta, mas Farrow balançou a cabeça para mim e disse: — Dê-me um segundo. — Ele foi ao banheiro e percebi que estava chateado. Meu estômago parecia ter saído do meu corpo e eu não sabia como corrigir o curso.

Eu o queria do meu lado, mas também reconheci que somos duas pessoas diferentes. E nem sempre concordaremos. Quando ele saiu, ele checou meu ombro, e a tensão silenciosa entre nós apenas cresceu e cresceu e cresceu.

E ele disse: — Eu gostaria de ter estado aqui.

— Você não teria me impedido.

Farrow olhou para mim, com os olhos vermelhos. — Não é por isso... — Não é por isso que ele queria ficar comigo. Ele só queria estar comigo. E ouvi a voz dele na minha cabeça: *é simples assim.*

Empurrando para fora aquela memória crua, eu respiro fundo e me inclino contra a caixa de correio dos meus pais. O vento assobia dentro do bairro fechado, mas o ar está um pouco quente demais para o início de junho.

Ontem à noite, Farrow estava trabalhando no hospital, então, participei de uma noite de cinema com minha família. Em vez de ir para casa com uma cama vazia, acabei caindo no meu antigo quarto. Era para ser minha segunda chance de falar com Xander.

O recomeço.

Ele terminou sua fantasia de LARP. Um visual de fantasia inspirado em elfos: um capuz forrado de pele, calças compridas, uma túnica vermelha envelhecida, braçadeiras de couro, arco improvisado e uma aljava de couro para suas flechas. Ele se vestiu e até me deixou tirar algumas fotos como uma mini sessão de fotos. Só de pensar naquela noite, meus olhos ardem.

Porque ele estava feliz.

E eu não disse o que precisava.

Eu não poderia fazer isso.

Talvez isso me torne um covarde, mas estou protegendo os bons dias que ele tem. É tudo em que consigo pensar. Só quero garantir que ele esteja bem e sinto que, se disser alguma coisa, estou empurrando-o para o território “não está bem”.

Farrow está certo sobre uma coisa. Eu não posso fazer nada.

O que me leva ao meu novo plano. Um plano diferente. Não sei se é melhor, mas já é alguma coisa.

Ao longe, vejo Charlie caminhando pela rua, muletas sob as axilas. Ele faz um trabalho lento, então, saio da caixa de correio e me encontro com ele.

— Achei que você ia pegar o carrinho de golfe — digo enquanto puxo meu *Ray Ban* para o alto da cabeça, e ele para de andar, sem fôlego.

— Eu ia. — Ele aperta os olhos por causa do sol. — Até que descobri que Tom e Eliot levaram o carrinho de golfe para um passeio e o bateram na varanda da tia Daisy. — Eu sabia que isso acontecia, mas achei que o carrinho de golfe não estivesse muito fodido para dirigir.

Assinto algumas vezes. — Eu ouvi sobre isso.

Ele se encolhe. — Claro que você ouviu.

Eu tento manter a calma. — Por favor, não torne isso difícil hoje. Já estou tenso. Você não tem ideia de como é ir contra o conselho de Farrow e Jane.

Charlie me encara sem expressão. — Não Farrow, mas Jane, sim. Minha irmã ofereceu muitos conselhos ruins que eu ignorei.

Eu olho. — Tudo bem, vamos começar de novo. — Caso contrário, vou dar um soco, e apenas o pensamento de bater no meu primo está me deixando mal do estômago. — Qual casa é a de Easton?

— De acordo com meu irmão, a mansão de reboco é duas ruas adiante. — Charlie gira e manca para a frente usando suas muletas.

Acompanhando o ritmo dele, é lento, mas não corro e o deixo para trás. Mesmo que eu queira arrancar isso como um *Band-Aid*. Na minha cabeça, confrontar Easton Mulligan é a segunda melhor solução para o problema. Ele é o garoto da vizinhança pedindo pílulas ao meu irmão e, quando ele parar, tudo isso acabará.

Vai ser bom para Easton, que não deveria tomar os remédios de outras pessoas, e para Xander, que precisa deles. Além disso, Xander não terá um adolescente idiota por perto que ele sente a necessidade de impressionar.

O único problema é que toda a perna direita de Charlie está engessada e, apesar de estar fora da tipóia, meu braço direito parece fraco e sem vida. Não consigo levantar ou alongar tão bem.

Digo ao meu primo de 20 anos: — Não parecemos ameaçadores.

Ele olha para a frente enquanto passamos pelo Cobalt Estate. — Não precisamos ameaçá-lo.

Paro abruptamente na calçada. — Esse era o maldito plano, Charlie.

Ele me encara. — Esse era o *seu* plano...

— Isto é sobre o *meu* irmão — Solto. Meus dedos se apertam para controlar esta situação porque eu preciso disso. E quero. Dar as rédeas a Charlie não estava na minha lista de tarefas do dia. Ele está aqui como reforço. Apoio. Eu estou assumindo a liderança.

Meu irmão está com problemas. É tudo que eu penso. *Meu irmão está com problemas.* E eu tenho que ajudá-lo, e Charlie é imprevisível. Por mais que eu ame meu primo – e sei que você pode pensar que eu o odeio, mas eu o amo demais – não consigo ver onde está a cabeça dele na maior parte do tempo e *não* tenho a mínima ideia do que ele vai fazer no comando. Não estou jogando um jogo de xadrez. Eu estou lidando com pessoas.

Pessoas e vidas reais – e a vida do meu irmão.

Não quero que nenhum de nós mova Xander pelo tabuleiro como uma Torre em H-6.

O cabelo castanho-dourado de Charlie balança ao vento. — Não estou vendo muitos voluntários aqui para acompanhá-lo nesta excursão — diz ele. — Então fazemos isso do meu jeito.

Eu balanço minha cabeça. Nunca pode ser fácil conosco. — Isso é maior do que a merda entre você e eu.

Charlie parece irritado. — Você acha que estou aqui por algum motivo mesquinho, mas talvez considere que sou o único ao seu lado porque eu realmente entendo. — Ele rouba meu *Ray Ban* da minha cabeça e o coloca nos olhos.

Essas últimas três palavras cavam meu peito. *Eu realmente entendo.*

— O que você quer dizer? — Pergunto.

Charlie muda as muletas para baixo das axilas. — Nada. — Ele olha para o Cobalt Estate, com tulipas cor-de-rosa ao longo de uma entrada de automóveis que leva a uma fonte real e uma mansão ornamentada. Não é nada como a casa da minha infância pela qual acabei de passar, que é de pedra e tijolo com um abeto no jardim da frente.

— Não é nada — digo, falhando em suavizar meu tom. Estou tentando. *Estou tentando.* Eu sei que preciso me esforçar mais por ele. — Charlie, eu quero entender.

Ele está quieto.

— Eu sinto muito. Por favor.

Ele prende meu *Ray Ban* na gola de sua camisa de botão, a perna de sua calça cortada para dar espaço ao gesso. Charlie parece atormentado, suas feições se quebrando em uma emoção que não consigo distinguir.

Eu coloco minha mão em seu ombro. — Charlie... — Algo aconteceu. Ele aperta os olhos, depois, coloca o peso de volta nas muletas.

E lembro que qualquer ato de “heroísmo” de minha parte lhe causa

dor e frustração.

E está enfiando uma faca no meu estômago.

Tiro minha mão, e não continuamos nossa caminhada lenta.

Charlie fica parado. — Já pensei em te contar antes... — Ele se esforça para tomar uma decisão, olhando para o céu. — Meu irmão precisa mais do que apenas a mim se preocupando com ele, e você é a escolha lógica porque se importará excessivamente ao ponto da estupidez.

Ignoro esse último insulto. — Qual irmão?

Charlie tira o peso das muletas novamente. — Meu irmão gêmeo. — *Isso é sério.* — Toda noite Beckett está no palco, ele busca a perfeição no balé. É uma meta impossível, e ele desgastou seu corpo ao ponto de doer. Alguns anos atrás, ele encontrou uma solução.

Um caroço sobe em minha garganta.

— Cocaína — Charlie diz claramente, direto. E eu não sabia. Duvido que muitas pessoas em nossas famílias saibam.

— Charlie — Suspiro, tanto passando por mim. Preocupação com Beckett, com Charlie, e querendo consolar os dois, mas não sei como nesse caso. Eu não sei o que eles precisam.

Então eu espero e ouço.

— Ele é um dançarino lindo — diz Charlie, pigarreando, quase engasgado. — Um dos melhores do mundo, e não serão palavras minhas ou de qualquer outra pessoa para convencê-lo a parar. Nem mesmo você.

Isso me corta por um segundo.

Ele estremece. — E agora que você sabe disso, há uma parte doente em mim que ama que você vai sofrer comigo. — Seu queixo quase treme, e ele abaixa a cabeça, arrastando o olhar pelo cimento.

Então ele avança.

— Charlie, espere. — Eu vou sofrer com ele se é disso que ele precisa. Eu compartilharei de sua dor. Farei qualquer coisa por ele... sei que

esse é em parte o problema. Heroísmo.

Ele para. Olha para mim.

— Vamos fazer isso juntos? — Pergunto. — Não me deixe para trás.

Charlie respira fundo e assente. — Entendo ver seus irmãos cometerem um erro e não ter a capacidade de sacolejá-los. E tudo o que você pode fazer é procurar uma solução. Qualquer solução.

Tudo clica. — O leilão — Percebo.

Ele coloca os óculos escuros de volta e puxa o cabelo. — Convenci Beckett a fazer o leilão porque sabia que ele teria que se afastar do balé novamente. Ele perdeu o *Lago dos Cisnes* e não voltará até que comecem os ensaios para *Cinderela*. Ele está limpo por enquanto.

Isso é bom. — Quem sabe?— Eu pergunto.

— Eu, Oscar e Donnelly — diz Charlie. — Agora você, e estou assumindo que Jane e Farrow não ficarão muito atrás. Mas não deixe ir além deles.

— Não vou. — Estou surpreso que o guarda-costas de Charlie soubesse. Se bem me lembro, Farrow me disse que Oscar não sabia de nada. Como Farrow nunca mente para mim, presumo que Oscar mentiu para Farrow.

Charlie se apoia em suas muletas. — Então, agora podemos fazer isso do meu jeito?

Luto contra todos os instintos em mim que dizem para me apegar ao figurativo volante, mas eu assinto uma vez e renuncio ao controle.

Tocamos a campainha na pedra da mansão de reboco, um tapete de boas-vindas sob nossos pés. Flanco de samambaias penduradas na larga porta da frente, e Charlie apoia a maior parte de seu peso em uma muleta.

Nós esperamos.

Alguns segundos tensos se passam antes que a porta de madeira se abra. Eu me preparei para conhecer a mãe ou o pai de Easton ou talvez até mesmo um irmão – parecia mais plausível –, mas o rosto olhando para mim não pode ter mais de dezesseis anos.

Primeiras impressões: cabelo chocolate bagunçado, nariz aquilino comprido, pele pálida e olhos castanhos pontiagudos. Uma camisa da sociedade de honra da Dalton Academy azul-marinho pendurada em seu corpo esguio. Definitivamente não tinha o corpo de um atleta e, por algum motivo, pensei que ele seria um bundão. Mais velho.

Ele apenas parece jovem para mim. Muito jovem.

Não sei o que há comigo e com as crianças da idade do meu irmão, mas mexe comigo. Como se houvesse uma parte em mim que só quer proteger esse garoto. E eu não o conheço, mas sei que ele é um obstáculo na vida do meu irmão e sei que Xander é parcialmente culpado, mas também vejo um ser humano na minha frente.

Eu nunca esqueço disso. Não posso.

— Você é Easton Mulligan? — Pergunto, pronto para resolver essa crise com Charlie.

— Sim... — Ele diz lentamente e olha de mim para o meu primo. — E você é Maximoff Hale e Charlie Cobalt. — Ele se recosta em sua porta. — Hum... então, Xander não disse nada sobre vocês dois virem. — Ele se concentra no gesso de Charlie.

Mesmo com a perna quebrada e apoiado em uma muleta, Charlie evoca uma confiança suprema. Seu comportamento impassível intimida tanto o garoto que ele tenta olhar para mim em busca de consolo.

Também não sou tão suave, mas acho que sou empático o suficiente para que seus olhos incertos permaneçam em mim.

— Vamos fazer isso rápido — Charlie diz a ele. — Estamos aqui porque você está recebendo pílulas de Xander Hale.

Easton franze a testa. — Como você...

Eu levanto meu telefone, já na mensagem que capturei da tela do telefone de Ben. — Você tem se gabado disso.

— Merda... — Easton xinga novamente. Seus olhos arregalados voam entre nós.

— Aqui está o que vai acontecer — diz Charlie, nitidez em sua voz. Ele me entrega a muleta que não está usando.

Não me pergunte o que ele está fazendo. Não sei. Estou no limite, prendendo a respiração.

Charlie pega um pedaço de papel e o passa para Easton. — Este é o número de telefone de um médico na Filadélfia. Ele prescreverá o que você quiser. Apenas ligue para ele, deixe-o saber quem você é e poderá obter suas pílulas legalmente.

Que porra.

Easton franze a testa e lê a receita. — Eu não entendo. Por que você está fazendo isso por mim?

— Porque você vai parar de tomar as pílulas de Xander — diz Charlie.

Easton balança a cabeça. — Eu não, quero dizer, eu estou, mas... — Ele olha para mim. — Vocês sabiam que Xander recebe refis cerca de um mês antes de acabar. Por mim.

Eu não me mexo, nem me encolho, nem reajo. Eu não sabia.

O menino olha para trás em sua casa, então avança e fecha a porta atrás de si. Totalmente na varanda da frente. Ele fala mais comigo do que com Charlie. — Meus pais não são tão legais quanto os seus... Eu digo à minha mãe que não estou bem e ela me diz que é alergia ao verão. — Ele balança a cabeça. — Cara, eu *nunca* tomaria as pílulas de que Xander precisasse. Isso seria... isso é uma merda.

Isso... não é o que eu esperava. Eu tento entender a verdade.

Desvendá-lo. Xander estava ajudando esse garoto? Eu não entendo, e ainda não está certo meu irmão estar dando remédios a alguém. Mesmo se ele tivesse extra. Uma pressão aumenta em meu peito, algo gritando comigo: não sei o que é certo. Porra. Eu não sei o que é certo.

Eu rastejo para a frente. — Por que você estava se gabando disso então?

Seu rosto esmaga. — Eu... porque Colton Ford descobriu que eu ia participar do LARP com seu irmão. Ele continuou me chamando de...

— Bichinha? — Adivinho.

— Sim... — Ele assente.

Eu tive essa palavra lançada na minha cara na escola muitas vezes. — Seu amigo é um idiota — Charlie diz sem rodeios.

Concordo.

Easton muda seu peso. — Entrei em pânico e disse aquela coisa estúpida e, no dia seguinte, contei a Xander e pedi desculpas. Ele sabe. — Suas sobrancelhas franzem. — E vocês não deveriam saber disso? Ele teria dito a vocês... — Realização inunda seu rosto. — Espere, ele não sabe que vocês estão aqui?

Charlie e eu ficamos em silêncio, não dando informações a um estranho.

No silêncio, Easton dobra o papel como um tesouro. Incapaz de olhar Charlie nos olhos, ele diz: — Obrigado por isso.

Estou inquieto e quero intervir. Mas não consigo descobrir o que dizer rápido o suficiente. E eu me pergunto se a coisa certa seria meus pais falarem com os pais dele. Deixá-los ajudá-lo. Mas, e se seus pais forem idiotas e isso tornar sua vida drasticamente pior?

— Sem problema — Charlie diz, e eu passo a muleta para meu primo. Ele apoia seu peso sobre elas.

Easton volta para sua porta. — Eu tenho que ir. — E para mim, ele

acrescenta: — Xander realmente nunca me mencionou?

Nem uma vez.

Eu balanço minha cabeça.

— Sinto muito — digo, minha cabeça pesada em meus ombros por muitas razões.

Ele balança a cabeça, um pouco magoado, e então volta para dentro de casa.

Charlie e eu deixamos a varanda da frente e, enquanto ele desce lentamente os poucos degraus, Charlie me diz: — Bem, não foi exatamente assim que eu previ.

Eu o observo para ter certeza de que não tropece e, quando atravessamos a longa entrada para carros, continuo balançando a cabeça. — Você conhece um médico que está prescrevendo receitas ilegais e acabou de dar o número a um garoto de dezesseis anos — digo em voz alta.

Estupefato.

— E eu resolvi o problema — Charlie me conta. — Está feito.

— Aquele médico deveria ter sua licença cassada, e aquele garoto poderia usar aquele contato para algo diferente de antidepressivos — Contesto. — Se ele ficar viciado em opioides...

— Não é problema meu. — Suas muletas fazem barulho no cimento.

— *Merda. Cristo.* — Esfrego a boca, aflito. Tudo está errado sobre hoje.

Charlie para no meio-fio. — Sinto muito — diz ele. — Eu enganei você por pensar que eu escolheria a escolha moral? As pessoas tomam decisões estúpidas e eu não sou você. Não me responsabilizo pelas escolhas dos outros. Como você vive com isso? Como você não está morrendo disso?

Tantas emoções batem em mim.

Tanta coisa mudou. Tanta coisa está em fluxo. Eu não sei o que está acima e o que está abaixo. Mais certo do errado. É como se eu tivesse

caminhos e escolhas e continuasse correndo pelo mais sombrio.

Nem tenho certeza se o que fizemos aqui hoje foi certo. E eu só quero desligar.

Para ficar dormente. Sérió, eu quero ligar para ele. Falar com Farrow. Porque quando meu universo parece estar girando e tentando me arrastar para baixo, ele tem essa capacidade de me fazer sentir mais leve que o ar.

E então me lembro de sua mensagem sobre estar indisponível. Eu não posso ligar para ele. Eu não vou perturbá-lo no trabalho.

Então, eu apenas ando para frente, ombros travados. E eu carrego esse peso.

Farrow Keene

A AUSÊNCIA NA festa do 23º aniversário de Jane é normal agora. Minha agenda no Hospital Geral não permite dias de folga ou horários pessoais. Acrescente os gráficos de horas extras e outras besteiras – e estou suficientemente ausente mais do que gostaria.

Não é minha coisa favorita.

Nem mesmo perto.

Trabalhar dentro de um hospital me causa um certo tipo de desconforto – sufocante, irritante, chocante – e eu não esqueci sua existência, mas é amplificado desta vez. Por muitas razões.

Como perder os momentos mais tranquilos e puros. Meu recente turno de 22 horas significa que não fui dormir com Maximoff. Não o vi acordar e não consegui passar os dedos pelo cabelo dele. Não consegui vê-lo lutar para vestir a calça jeans e olhar na minha direção antes de me mostrar o dedo do meio. Inferno, eu não estava lá nem para rir, sorrir ou ajudar. E haverá outros momentos para compensar isso. Claro. Mas sinto o que estou perdendo porque tive aqueles minutos poderosos, aqueles insuportavelmente belos segundos antes.

Estou tentando o meu melhor para não registrar o que poderia ter acontecido com Maximoff. Porque, então, começa a parecer *arrependimento*. E posso dizer honestamente que não sei como lidar com essa emoção a não ser mudar de rumo.

Eu não posso mudar isso.

Eu só tenho que me lembrar que o objetivo não é trabalhar em um hospital.

Não é isso que estou perseguindo.

Estou correndo atrás do cargo de concierge. Para ser o médico dessas famílias famosas, não sou um estranho, mas envolvido. É necessário.

Infelizmente, o caminho para *esse* trabalho ideal é esta residência no hospital.

Três anos.

Apenas três fodidos anos, e então estou fora e trabalhando para os Hales, Meadows e Cobalts novamente.

Subo as escadas até o telhado do Superheroes & Scones, com o capacete da moto enfiado embaixo do braço.

Ainda é 10 de junho. Posso ter perdido a festa de aniversário de Jane no Cobalt Estate, mas cheguei a tempo de cumprir a tradição de aniversário dela. Normalmente são apenas ela e Maximoff (mais seus guarda-costas), mas Jane me convidou.

Abro a porta de metal do telhado e, antes de ficar cara a cara com a excêntrica pista de minigolfe – feita com garrafas de leite, gnomos de jardim, letreiros antigos de postos de gasolina –, ouço uma frase que realmente, *realmente* não quero ouvir.

— É Rowin? — Jane pergunta.

Rowin.

Tipo, meu ex-namorado. Como em um médico concierge das famílias famosas.

Se o chamaram, alguém deve estar ferido.

Maximoff.

Um buraco no meu estômago, e com mais urgência, eu ando para o curso da pista improvisada, a porta batendo atrás de mim.

As luzes do lado de fora piscam à noite, e Jane e Maximoff têm seus telefones como pistolas. Eu avalio cada um deles conforme me aproximo.

Maximoff pendura seu taco de metal sobre o ombro esquerdo como um taco de *baseball*. Ele segura o celular com a mão direita, e Jane apoia o

peso em um taco rosa, com os olhos azuis em mim.

Ambos parecem bem.

— Eu tenho tentado entrar em contato com você — diz Maximoff, magoado de alguma forma, endurecendo seu rosto. — Cristo, eu liguei para você umas dezessete vezes.

Merda. Eu absolutamente odeio estar inacessível para as pessoas de quem gosto, e ele é meu número um. — Eu tinha 1% de bateria antes de sair do hospital — digo. — Meu telefone deve ter morrido. — Prendo meu capacete de moto no braço de uma estátua de Deadpool vermelha e preta de um metro e oitenta. O terceiro buraco de golfe é um balde virado entre as pernas da estátua. — Por que você ligou para Rowin? — Seus olhos dançam sobre minhas feições como se ele não me visse há anos. Eu olho para ele do mesmo jeito, varrendo sua mandíbula, seu peito que desce e sobe no ritmo do meu, e seu pescoço rígido, a cicatriz recente aparecendo no colarinho de sua camiseta.

Antes que eu alcance Maximoff, ele começa a rediscar um número. — Desde que você não estava atendendo, ele era a única escolha. Estou tentando entrar em contato com ele. Para dizer a ele para não vir.

— Por lealdade, teríamos esperado mais tempo — Jane me diz. — Mas Thatcher começou a ficar pálido.

E é aí que percebo Thatcher Moretti de dois metros de altura taciturno como o inferno. Ele está estranhamente sentado em uma cadeira de jardim, e uma camisa de flanela xadrez está enrolada em sua mão.

O sangue encharca o tecido.

Suas bochechas estão um pouco pálidas e, assim que nossos olhares se encontram, ele fica furioso. — Eu disse a eles que poderia simplesmente ir para o hospital. — Ele apoia os antebraços nos joelhos. — Eu não preciso me envolver em seu dramalhão.

Dramalhão.

Uau.

Veja, a equipe de concierge se estende à segurança. Isso economiza tempo e recursos de um famoso ter que chamar um guarda-costas temporário para o dia. Mas Thatcher Moretti pedindo para ir a um hospital é uma surpresa do caralho. Porque isso significa que ele está optando por quebrar as regras de segurança apenas para evitar a mim e meu *dramalhão*.

Minhas sobrancelhas se erguem. — Interessante. — Eu enfio a mão no bolso e coloco uma corrente de prata em meu punho. — Considerando que você não se importou comigo e com meu dramalhão quando me deu um soco na cara. — Eu me viro para Jane. — Feliz aniversário. — Eu coloco um colar na palma da mão dela, um pingente cursivo soletra: *merde*.

Ela está um pouco distraída porque seu guarda-costas está sangrando, mas seu rosto se ilumina quando ela diz: — Um colar de *merda*.

— Gosta? — Pergunto.

— Oui — Ela pressiona o colar contra o peito e então olha para o guarda-costas. Preocupada e angustiada.

Isso tudo é mais complicado do que eu gosto.

— Achei que estava defendendo um cliente — diz Thatcher de repente.

Eu me viro e rolo uma bola de golfe amarela sob minha bota. — Um cliente, como em *Maximoff*. Então você pensou que estava protegendo meu namorado de mim?

Ele percebe como isso soa?

Thatcher solta um suspiro pesado. Ele está tentando não me encarar, mesmo quando eu definitivamente estou olhando para ele. — Eu estava errado — Confessa. — Eu cruzei a porra da linha só para te provocar, no final. Foi por raiva e já pedi desculpas a Maximoff esta noite.

Eu olho para Maximoff, e ele acena uma vez para mim, ainda discando o número de Rowin. Meu ex vai ter cerca de cinquenta ligações

perdidas do meu namorado.

Thatcher aperta o nó da camisa de flanela. — Você quer me atacar. Vá em frente, mas não venha atrás de mim por querer ir para o hospital para que seu ex não tenha que estar no mesmo lugar com seu namorado atual.

Chuto a bola de golfe em um gnomo. — Você *realmente* acha que está me fazendo um favor?

Ele leva um segundo, mas ele admite: — Não — Ele enrola uma mecha de cabelo atrás das orelhas. — Acho que minha mão foi cortada em uma folha de metal enferrujada. E eu preferiria não ser costurado pelo cara que me odeia. Nem o cara que te odeia.

OK.

OK. Estou aqui e sou mais do que capaz de ajudar, e ele precisa engolir seu maldito orgulho como estou prestes a fazer. — Tenho um kit médico na minha moto — digo a Thatcher. — Você realmente quer esperar cinco horas em uma sala de emergência quando eu poderia fazer isso agora?

— Rowin ainda está a caminho — Jane me lembra.

— Eu sou melhor em suturar — digo. É apenas um fato.

Thatcher revira os olhos e apenas balança a cabeça. Mas as palavras que saem de sua boca são: — Vá buscar.

Obrigado.

Levo três minutos para correr escada abaixo, pegar o kit médico e depois voltar para o telhado. E quando chego, Thatcher trocou os assentos por um banco de mesa de piquenique.

Jane está ao telefone, conversando com alguém. Calada e séria. Ela anda de um lado para o outro no percurso improvisado da pista.

— O que diabos está acontecendo? — Eu pergunto a Maximoff, que liga para Rowin de novo — *já chega*, eu roubo o telefone dele e ele me encara.

— Farrow.

— Está bem. Ele está vindo aqui. Não se preocupe com ele, lobinho.

— Assim que terminar minha residência, estarei trabalhando com Rowin Hart na recém-nomeada *equipe médica*, e nem imagino como será. Vai acontecer quando acontecer. *Em três anos*. Portanto, não adianta ficar obcecado.

Mas Maximoff – eu me pergunto se ele está pensando demais. Ele não mencionou nada sobre meu ex, medicina e eu.

Eu o olho de cima a baixo, mais preocupado. — Você está bem com ele...

— Sim — Ele me interrompe, definitivamente sabendo onde isso está indo. — Isto não me incomoda — Ele deixa cair o taco do ombro.

Não tenho certeza se acredito nele. — Se for...

— Não — diz ele, a voz firme.

Eu deixo para lá. Não é uma conversa que tem que acontecer esta noite. Eu devolvo o telefone para ele, e ele enfia o celular no bolso de trás.

Maximoff olha rapidamente para Jane e depois me diz: — Seu pai ligou de volta para ela. Ela mandou uma mensagem para o Dr. Keene mais cedo pedindo dicas sobre como tratar um corte por uma folha de metal.

— Folha de metal? — Repito, e ele aponta para o metal enferrujado em forma de cogumelo.

— Estava acima de uma estátua do Grinch — Explica ele. — Ela caiu e quase atingiu Jane. Thatcher pegou.

Thatcher é um bom guarda-costas, e eu não negaria isso só porque não gosto do cara.

— Vamos acabar logo com isso — digo e vou até Moretti. Deixando cair a bolsa de trauma na mesa de piquenique, procuro luvas e outros suprimentos.

Thatcher observa hesitante.

E quando Maximoff sai para falar com Jane, fico sozinho com ele. Nós não conversamos. Descanso o joelho no banco ao lado de Thatcher, pairando ligeiramente sobre ele.

Calço minhas luvas e pego sua mão. Ele já tirou a camisa xadrez de flanela. O ar fica tenso toda vez que nossos olhos semicerrados se encontram e, acredite, já pensei em socar Thatcher várias vezes. Mas enfiar uma agulha ainda mais enquanto o estou tratando, só para machucá-lo – eu nunca faria isso.

Não sou assim e, como ele me deixou costurá-lo, pelo menos acredita nisso.

Eu inspeciono a ferida. Um corte profundo corta diagonalmente a palma da mão.

Não pegou o polegar e os dedos. Ele é sortudo.

— Você tem todos os dedos — digo a ele, limpando e desinfetando o ferimento.

Thatcher não estremece. Ou pisca. Ele olha para Jane e Maximoff, mas não consigo ler seu olhar muito bem.

Com uma agulha e uma seringa, perfuro sua pele para anestesiá-lo o corte. Gentil e preciso. Ele tira os olhos da cliente e me observa trabalhar.

— Quero estabilidade para essas famílias — diz Thatcher. — É por isso que votei para mantê-lo como guarda-costas dele. Maximoff precisava que você ficasse por aqui. E se você planejava desistir, eu só queria que você o fizesse – e fiquei chateado quando você finalmente desistiu. Porque você acabou provando que eu estava certo e eu queria estar errado.

Suturei seu corte. — Bem, você está errado. — Eu não olho para ele enquanto costuro. — Vou ser sincero, não sei muito sobre você, Moretti. Nós não falamos sobre merda pessoal, e eu estou bem com isso. Mas para você agir como se me conhecesse por dentro e por fora e presumir todas as minhas intenções... isso é irritante.

Ele abre a boca, fecha e, em seu silêncio, levanto mais o olhar. Ele se fecha, olhando impassivelmente para mim. Expressão dura como aço reforçado. Eu reconheço esse olhar.

Isso é algo que meu namorado faz.

Não incito Thatcher a falar e termino a última sutura, limpo, e enfaixo sua mão.

— Feito — digo a ele.

Ele se levanta, abrindo e fechando a mão em punho. eu me endireito e tiro minhas luvas, descartando-as.

Algo molhado escorre pela minha testa. Eu toco a gota e olho para os meus dedos... vejo sangue. Meu pulso dispara. Eu pisco. *Não*.

Não é sangue. É claro, mas sinto como se estivesse tudo em mim. Encharcado de sangue, membros escorregando em membros enquanto tento segurar um corpo. Em piso de madeira. Não consigo pegar bem.

Eu pisco.

Eu olho para cima. Eu vejo o céu noturno. Não vigas do teto. Estou no terraço. E a chuva começa a bater no meu rosto. Sinto cheiro de chuva no metal. Meu coração acelera. Eu ouço o estalo violento, sinto o impacto contra o meu corpo – luto pela próxima respiração.

Caralho. Fecho os olhos com força.

Caralho.

Ouço gritos à distância.

Caralho.

Lentamente, abro os olhos e bloqueio todos menos ele. Maximoff está na minha frente. Olhos verdes-florestas inflexíveis me segurando de pé.

— Farrow — Ele me chama. — Farrow. — Ele agarra meu pescoço e fico mais alerta. Olhando para ele.

Ele sabe.

Ele sabe o que está errado.

Meus olhos queimam, e eu balanço minha cabeça. Esses eventos traumáticos persistem e não posso roubá-los agora. E estou chateado que isso esteja acontecendo.

— É a chuva — digo, algo grosso na minha garganta. Cada palavra é pesada e grosseira.

Cerro os dentes, respirando pelo nariz.

— Vamos descer — diz Maximoff, seu olhar duro embalando o meu, que luta para um foco mais claro, e eu seguro sua mão antes de nos movermos...

A porta se abre abruptamente. Chuva leve caindo no terraço quando Rowin emerge, bolsa médica pendurada no ombro.

Maximoff está prestes a falar, mas alguém chega antes dele. — Você pode ir — diz Thatcher, aproximando-se da entrada. Ele segura a porta aberta e movimenta para Rowin sair de volta. Rowin olha para sua mão enfaixada e depois para mim.

— Eu disse que você pode ir — Repete Thatcher, mais severamente desta vez.

Rowin dá um aceno com a cabeça para Thatcher, e então ele atira em mim um irritado olhar, como se *eu* o fizesse dirigir no meio do trânsito sem motivo.

No momento, estou apenas tentando não ter sobrecarga sensorial do acidente de carro ou do confronto com o *stalker*.

Ele sai, e assim que desço com Maximoff, na loja vazia de Superheroes & Scones, nos abraçamos. Peito contra peito, meu pulso bate com o dele, e eu seguro a parte de trás de sua cabeça.

Eu respiro seu cheiro de cloro e cítrico. Ele provavelmente não deveria estar nadando com sua lesão. Mas cheirar o verão em Maximoff me faz sorrir.

Isso me traz ao aqui e agora.

Maximoff Hale

— QUAIS SÃO OS antibióticos para estreptococos? — Eu questiono meu namorado. Cartões de anotação impressos enchem minha mão e espalham a mesa de centro dentro do loft de Superheroes & Scones. O bolo de *red velvet* de três dias do aniversário de Jane está ao lado de mais materiais de estudo e bebidas energéticas.

É tarde na loja de quadrinhos. Vazia. O único tempo real em que posso desfrutar de um dos meus lugares favoritos na Terra.

Farrow está confortável em um *puff* amarelo, suas pernas musculosas jogadas sobre meu colo, e eu pego minha caneca de chá. Sentado mais reto do que ele. Ele vira uma página de uma história em quadrinhos no colo e responde: — Ampicilina, amoxicilina e PCN.

Sim, não tenho ideia se está correto. Não até eu virar o cartão e ler a resposta no verso.

Farrow está sorrindo para o quadrinho. — Você não precisa me dizer que está certo, lobinho. Eu sei que está. — Seus olhos finalmente voam para mim. — Continue.

Ele tem um exame USMLE Fase 3 amanhã. *Amanhã*. Ele disse que é o teste que ele tem que passar para obter a licença. E ele não estudou um único minuto para isso.

Então, quando ouvi isso, imprimi uma pilha de cartões e comprei materiais para praticar. Aqui estamos. Só agora estou começando a pensar que ele concordou com esta sessão de estudo apenas por pura diversão.

Aquele sorriso sabe-tudo se estende em seu rosto e ele ergue as sobrancelhas. Como se estivesse esperando. Mas ele também está folheando

uma história em quadrinhos. Ele pegou uma na loja lá embaixo.

Eu coloco meu chá na mesa e leio um cartão. — Qual é a manifestação cardíaca mais comum da doença de Lyme?

— Um bloqueio ou defeito de condução AV — diz ele casualmente. — Por que essa garota fala com... espera, são demônios? — Ele franze a testa e gira o gibi para verificar a capa. Como se ele estivesse garantindo que pegou uma edição dos *X-Men*.

Ele pegou, e eu não preciso ver o quadrinho. — Essa é Magia. Ela é a feiticeira suprema do Limbo.

Seus olhos encontram os meus, e ele quase ri. — Caralho, só estou lembrando o quão bobão você é.

Eu tiraria as pernas dele de cima de mim, mas por alguma maldita razão, eu as amo no meu colo. Então, acabo mostrando o dedo do meio para ele.

Farrow apenas sorri mais e vira uma página da história em quadrinhos. — Vamos, lobinho, mostre-me como você é bom em me questionar.

Eu pretendia dar algo a ele, e este é um momento melhor do que nunca. Eu endireito a pilha de cartões e a coloco de lado. Capto mais a atenção dele quando pego minha mochila com o braço bom.

Eu já estressei pra caralho meu músculo do ombro hoje cedo. Tentei levantar uma pilha de textos médicos (material de preparação de estudo), e agora minha clavícula pulsa como se um baixo plugado estivesse explodindo dentro do osso.

De qualquer forma, não estou tão preocupado com minha lesão. Ultimamente não. Estou mais preocupado com Farrow depois do terraço. Já o vi hiper vigilante antes, mas nunca indiferente e distraído, e sabia que era sério.

Conversamos muito sobre isso nos últimos dias. Dentro de nosso

banheiro fumegante, depois do banho, ele estava secando com uma toalha o cabelo branco descolorido, com as raízes recém-pintadas, e eu escovando os dentes na pia. E ele os chamou de memórias intrusivas.

— Já aconteceu antes — disse Farrow. — Quando eu tinha cinco e seis anos.

Cuspi na pia e enxaguei a boca algumas vezes, o espelho embaçado. Então, olhei por cima do ombro várias vezes, mas ele estava relaxado, amarrando a toalha na cintura. Eu o escutei com atenção.

E ele explicou: — Depois que minha mãe morreu, eu só tinha uma lembrança dela.

Lembrei-me. — Você a ouvia chamando seu nome. — Coloquei minha escova de dentes no armário do espelho e então me virei, minha toalha cinza amarrada na cintura também. E eu me aproximei do meu namorado e puxei meu cabelo molhado para trás com os dedos.

Farrow assentiu, olhando-me com um pequeno sorriso. Ele apoiou um ombro na porta embaçada do chuveiro e estendeu a mão para a minha.

Eu me aproximei antes de agarrá-la. Nossos pulsos desacelerando na porra do calor, e havia conforto passando entre nós. Algum tipo de consolo no vapor, e ele parecia à vontade. Eu sei, eu sei... Farrow Keene está sempre à vontade, mas mais do que nos últimos dias.

Ele sussurrou: — Eu ouvia minha mãe dizendo meu nome em momentos aleatórios. Eu não estava pensando na memória, mas ela viria à tona involuntariamente. É mais uma coisa sensorial, e meu pai fez seu colega falar comigo. Eu era criança, então fiquei confuso. — Farrow sustentou meu olhar. — Mas ele me disse para focar se poderia haver um gatilho. Uma hora do dia, um sentimento, um som.

— Havia? — Perguntei.

— Sim. — Seus olhos percorreram minhas bochechas. — *Uma cama.*

Farrow explicou que toda vez que ele rastejava para sua cama de

solteiro quando criança e puxava as cobertas até o queixo, ele ouvia sua mãe dizer seu nome. E em vez de evitar a cama, voltava para ela todas as noites. — Tentei me ancorar em outra coisa. Outro som, outro sentimento e, depois de um tempo, a memória parou.

Fazia mais sentido porque ele imediatamente me disse: “é a chuva”, no terraço. Ele estava identificando o gatilho e não estava em pânico. Ele tem estado mais zangado por isso estar acontecendo.

Então, recentemente, meu objetivo é tirar mais estresse dele. Tornar os dias dele mais leves e melhores. De alguma maneira.

Agora que tenho minha mochila à minha frente, abro o zíper da seção principal. Farrow está observando do *puff* amarelo com interesse crescente.

Ele examina a torre de cartões que coloquei na mesa de centro. — Desistir cedo não vai lhe render notas altas — Ele me diz, largando o gibi e pegando uma bolinha de uma vasilha.

— Isso é chamado de pausa — digo a ele.

— Uma pausa — Ele repete. — Isso não soa como o jeito lobinho. — Ele joga a bolinha azul, e eu observo seus dedos envolverem a bola de linha. Ele me encara. — Eu devo ter realmente afrouxado aqueles cadarços... — Ele para enquanto eu tiro um saquinho do tamanho de um galão da minha mochila.

Farrow se aproxima de mim, na altura do ombro, e pega o saquinho das minhas mãos. Inspecciona o conteúdo através do plástico transparente. Suas sobrancelhas continuam subindo e subindo para mim tipo, *o que você fez?*

— Isto é para o primeiro dia — Explico, meu cotovelo em seu joelho e a mão na coxa dele. — Eu tenho outro para o segundo dia.

A fase 3 é um exame de dois dias. O primeiro dia é de sete horas e o segundo dia é de nove horas. Apenas uma pausa de quarenta e cinco minutos durante cada dia.

É brutal – ou assim eu li – mesmo que seja o mais fácil de todos os passos do exames.

Cada saquinho contém duas barras de proteína, biscoitos, nozes mistas, uvas, uma maçã inteira e dois sanduíches de peru.

— É importante que você não fique com fome durante o exame, já que é longo — digo a ele. — Pelo menos é o que as pessoas dizem nos fóruns sdn9.

Seu sorriso lentamente se expande cada vez mais, ultrapassando toda a maldita sala. Ele não está dizendo nada, e eu não sei. Isso me deixa nervoso pra caralho.

Meu pescoço esquenta, mas eu dobro a confiança e faço um gesto no peito dele. — Preparar-se para as coisas é coisa minha — digo a ele.

Ele ri e, antes que eu interrompa, ele me diz: — Adoro o que você faz — Seu sorriso é um milhão de watts de poder e fodida beleza. Ele acena para o saquinho. — Obrigado por isso; eles são perfeitos. E agora você ganhou com sucesso seu nonagésimo quarto distintivo de mérito de *preparação*.

Eu finjo confusão. — Tudo isso?

Ele quase revira os olhos e se inclina, segurando meu queixo. Minha mão desliza por sua coxa em direção à sua bunda, e nossos olhos se prendem por um minuto fervente. E nossas bocas se encontram – eu me afasto, nossos lábios se separando antes mesmo de picar ou inchar.

Farrow franze a testa. — O que há de errado?

— Eu não vou te distrair antes do seu exame, cara. — Meu ombro largo esbarra em seu peito duro quando me aproximo e pego os cartões.

Ele inclina a cabeça. — Você percebe que vou passar neste exame mesmo se eu te beijar pra caralho? Inferno, eu poderia transar com você a noite toda, e eu ainda faria isso.

Eu sufoco, meus músculos queimando com um desejo de cem graus. Tento não olhar para Farrow. Porque se eu olhar para minha paixão de

infância, que acabou de dizer que poderia me foder a noite toda – vou piscar os olhos de *me fode a noite toda*.

— Você não pode ter tanta certeza — Retruco.

— Eu meio que posso. Eu conheço minha merda, e essa é uma merda que eu conheço.

Eu forço uma careta. — Parece que sabemos quem tem o melhor vocabulário agora.

— Sempre eu, Desertor de Harvard. — Ele se recosta no *puff*, percebendo que não vou desistir, e me observa folheando os cartões.

Leio outro. — Quais são as drogas que levam à hipercalcemia?

— Lítio e tiazidas. — Ele passa a bolinha de mão em mão. *Correto*. Eu não digo a ele porque ele já sabe. — Como foi seu turno ontem? — Pergunto enquanto procuro outro cartão que pareça mais desafiante.

Farrow está em seu programa de residência há mais de um mês e quase nunca me conta sobre seu dia de trabalho. E para alguém que está no jardim de infância com estresse – você sabe: ele é como borracha, o estresse é como cola; ricocheteia e gruda em você – trabalhar no hospital realmente o estressava demais.

Ele nunca me diz *por que* ou *como*.

Eu não sei... isso está me afetando ultimamente. Farrow nunca me exclui, e posso senti-lo fechando a porta para sua vida profissional cada vez mais com o passar dos dias.

Farrow joga a bola na vasilha e me diz: — Nada a dizer. — Ele termina ali e se senta.

E estou determinado a eliminar o estresse dele, não o incomodar com isso. Então, eu não pressiono sobre o hospital.

Farrow abre seu saquinho do dia do exame. Roubando a maçã, ele dá uma grande mordida, e quanto mais eu o observo, mais ele ergue as sobrelhas para mim. — Você está olhando para mim e não para seus

cartões.

— Obrigado por essa atualização — digo e desvio meu olhar de seu sorriso que está me afetando hoje. Leio um cartão. — O que indicam os acantócitos em um esfregaço de sangue? Eles também se parecem com esporões, mas mais arredondados.

Viro o cartão e leio a resposta. Meu estômago afunda.

— Maximoff — diz ele em uma respiração sedosa, baixa. Ele sabe por que eu parei. Ele segura minha nuca, seu polegar acariciando minha pele.

O texto no cartão é claro.

Hipotireoidismo, alcoolismo e doença hepática.

Meu avô morreu de doença hepática. É estranho como pequenos momentos que você menos espera podem surgir e fazer você se lembrar de pessoas que perdeu. E quanto mais velho fico, meus sentimentos sobre meu avô mudam e se alteram.

— O que você está pensando? — Farrow diz baixinho, colocando a maçã de lado. Viro o cartão de volta. — Estou pensando no meu avô. — Olho para longe. — Depois que ele morreu, fiquei com medo de que meu pai fosse embora da mesma maneira. — Eu aponto para a minha cabeça. — Na minha cabeça, se ele bebesse um gole minúsculo de álcool, ele simplesmente desmaiaria. E seria isso. — Eu olho para a mão de Farrow espalmada em sua rótula, e eu a levanto e lentamente cruzo nossos dedos.

Farrow observa.

— Era apenas um medo de criança — digo a ele —, mas ainda me lembro de ir a restaurantes onde meus tios e tias bebiam álcool. Haveria uma cerveja ao lado da água do meu pai, e eu passaria a noite preocupado que ele acidentalmente bebesse no copo errado.

— Como você superou isso? — Farrow pergunta, e ele me deixa deslizar seus anéis de prata fora de seus dedos e os mexo em minha palma calejada.

— Minha mãe — digo a ele. — Eu disse a ela por que estava com medo e ela disse que o fígado do meu pai era feito de vibranium. — Por sua confusão, acrescento: — O mesmo aço indestrutível do qual o escudo do Capitão América é feito. Ela disse que seria preciso mais do que um único gole para destruí-lo.

Ele abre um sorriso, leveza em seus olhos. — Isso soa como sua mãe.

Concordo com a cabeça e reconheço que acabei de desviar da trilha de estudo novamente. Mas enquanto as rodas estão paradas, penso no hospital. Sua residência. Mais uma vez.

Uma última vez.

Eu preciso dizer isso para que eu possa deixá-lo em paz. — Entendo que você não pode me contar nada sobre seus pacientes — digo a ele. — HIPAA e tudo isso, mas ainda estou aqui se houver algo que você queira compartilhar. Coisas sobre seus colegas de trabalho ou que porra de comida de lanchonete você comeu no almoço. Mas se você quiser, eu deixo pra lá.

— Deixe pra lá. — diz ele, muito rapidamente. Rápido demais. E ele está falando sério. Ele não está brincando ou fodendo comigo.

Isso dói. Deus, eu gostaria que não. — Tudo bem — Assinto, mais tenso, e tento descongelar meu corpo e examinar outro cartão. Eu fecho minha mão em torno dos anéis que tirei de seus dedos.

Farrow esfrega os olhos e depois tira as pernas do meu colo. Levantando-se, ele pega sua maçã meio mordida e se aproxima da mini geladeira embaixo de um pôster de *Thor: Deus do Trovão*.

Isso era o inverso do que eu queria que acontecesse. Respirando fundo, concentro-me no cartão. — O que você dá a uma criança com dores de cabeça crônicas diárias? — Pergunto.

Ele se agacha na mini geladeira. — Sanduíche de atum.

— O quê? — Minhas sobrancelhas franzem.

Ele olha de volta para mim. — Você perguntou que comida de

lanchonete eu comi no almoço. — Nossos olhos mergulham no fundo um do outro. — Um sanduíche de atum. No dia anterior foi salada de frango, e ambos eram extremamente medíocres. A comida não tem nada de especial. — Ele para um segundo. — Sinto muito por estar distante sobre o trabalho – eu sei que estou. Porra, eu odeio isso, mas simplesmente não posso falar sobre isso ainda.

Ainda.

Então não era só isso. Eu assinto algumas vezes.

Seu peito sobe em uma inspiração apertada. — Estou tentando protegê-lo, lobinho. Confie em mim.

Eu me impedi de perguntar, *de quê?*

Porque lembro que o protegi do remorso, da culpa, do arrependimento toda vez que retenho o que ele perdeu. Eu não repito todas as besteiras que cada intrometido grita na casa da cidade. Ou como a segurança teve problemas para proteger a janela do meu quarto, mesmo depois do drone. Não vou contar a ele como outro dia perguntei a Bruno, meu novo guarda-costas: *Tem alguma coisa errada?*, e ele ficou quieto.

Com Declan, meu guarda-costas antes de Farrow, eu estava acostumado com aquele tratamento silencioso e falta de informação. Com Farrow, ele me dava tudo.

Tudo.

Ele me mostrou *como* melhor parecer e sentir, e agora há esse estranho vazio que Farrow uma vez preencheu.

Eu não digo nada disso a ele.

Porque não vou machucá-lo, e agora percebo que deve haver algo semelhante acontecendo do lado dele.

Ele está me protegendo.

Eu assinto, mais seguro. — Entendo.

Farrow passa os olhos pelas minhas feições, relaxando mais, e ele

enfia a mão na geladeira e pega um Fizz Life.

Com seus anéis de prata ainda na palma da minha mão, distraidamente deslizo alguns em meus dedos.

— Tricíclicos — diz Farrow, sentando-se bem ao meu lado, no meu *puff* laranja. Ombro a ombro. Ele me entrega o refrigerante e morde a maçã. Seus movimentos distraem meu cérebro, e eu balanço minha cabeça. *Porra*.

— O quê? — Pergunto.

Ele sorri. — Tricíclicos, lobinho.

Devo parecer extremamente confuso. Porque eu estou.

— A pergunta do questionário. — Farrow vira meu cartão.

Certo. Eu olho para a resposta. — Bom palpite — digo secamente, o ar clareando. Nós dois respiramos com mais facilidade e estou feliz com isso.

— Não é um palpite. — Ele mastiga sua maçã, e eu me concentro em seus lábios virados para cima. Ele percebe e pergunta: — Tem certeza de que você não quer que eu te foda a noite toda?

Sem tanta certeza. — Positivo, e você deveria provocar a parede, o tapete, aquele abajur ali. — Eu aponto para a lâmpada do outro lado do loft. — Porque seria mais provável que cedesse a você.

Farrow solta um longo assobio. — Ele quer que eu flerte com objetos inanimados.

Eu realmente tento não rir. Cristo, *concentre-se*. Embaralho mais alguns cartões e noto os anéis de prata em meus dedos. *Seus anéis*.

Eu os usei antes de hoje. Exatamente assim, mas percebo neste segundo que seus anéis se encaixam perfeitamente em meus dedos. Somos praticamente do mesmo tamanho. E eu nunca havia notado isso antes.

Eu não precisaria roubar um anel para combinar com seu tamanho. Posso comprar um que caiba em mim – e não acredito que estou pensando nisso. Mas nunca significou algo para mim do jeito que significa agora.

Este momento poderoso surge através do meu núcleo. Porque me

sinto pronto para fazer mais do que apenas sonhar ou pensar para sempre com ele. E vou fazer isso acontecer.

Maximoff Hale

— RESPIRE FUNDO. NÓS vamos resolver isso — Minha mãe me diz.

Estou respirando, mas estou muito consciente e focado no nível de dificuldade do que estou prestes a fazer. E o que estou prestes a fazer é normal. Tão normal. Não deveria ser tão epicamente complicado.

Janie ofereceu uma caneca de chá quente para mim como uma tática para *me acalmar*. Eu agito minha cabeça rígida, e ela coloca o caneca de volta na mesa de carvalho.

Nós três estamos amontoados no escritório na casa dos meus pais, diante de um enorme computador de mesa. Minha mãe desajeitada se senta perto da tela, a grande cadeira de couro fazendo com que ela pareça ainda menor. Jane e eu empurramos duas poltronas de veludo lilás para a mesa.

Eu controlo o *mouse* do computador. Clicando em *sites* e rolando páginas de alianças de casamento. Nada salta para mim. Achei que seria óbvio quando comecei a procurar, mas... nada.

— Vamos começar com a gravação — Sugere minha mãe. — Sim ou não?

Meu pulso acelera e eu estreito meu olhar para a tela. Gravação? Acho que ele gostaria disso, mas dependeria das palavras gravadas. — Eu não sei... eu não sei, porra.

Minha mãe me aperta em um abraço lateral. — Você não precisa se preocupar. Farrow vai adorar tudo o que você escolher porque você escolheu. Eu sei que ele vai.

É um pensamento calmante, principalmente porque vem da minha mãe. Eu olho para ela. Ainda está radiante. Brilhando. Suas bochechas estão

vermelhas, ela está sorrindo e chorando tanto.

Como agora, ela enxuga os cantos dos olhos.

Jane funga, com os olhos marejados também, seus óculos de sol retrô bloqueando suas lágrimas, e meu coração parece inchado pra caralho de tão cheio. Trinta minutos atrás, eu disse a ambas que planejava pedir Farrow em casamento.

Nenhuma delas pensou que eu me casaria. Antes de começar um relacionamento com Farrow, eu disse que nem *namoraria* alguém. Eu me permiti ser feliz. Muito feliz, e a felicidade delas por mim me supera dez vezes.

Minha mãe perguntou por que eu não esperei para contar a ela e meu pai juntos. Ele não estava na sala. É bem simples. Meu pai vai contar a notícia para o tio Connor e o tio Ryke em um piscar de olhos e, nesse ponto, começará a chegar aos meus primos, irmãos e segurança, amigos de Farrow.

Minha mãe é uma guardiã secreta certificada. Uma das melhores, e eu confio nela e Janie para não contar a ninguém. Porque se eu quiser que esta proposta saia como planejado, Farrow não pode saber.

A mídia não pode saber.

Você não pode saber.

Então, as únicas pessoas autorizadas nisso agora são minha mãe e Janie. E pronto. Vou deixar meu pai, irmãos e o resto da minha família participarem no dia do pedido. É um plano bem pensado, mas não vou mentir, tem alguns furos.

Como essa porra de anel.

— Oooh esse é bom. — Minha mãe aponta para a tela. É prata.

— Sem prata — Declaro. — Ele tem um milhão de anéis de prata. Não vai ser especial o suficiente.

— Vai ser especial porque vem de você — Jane me lembra com um sorriso bobo.

Acho que é mais complicado do que isso. — Janie.

— Moffy — Ela responde. — Estou com tia Lily nisso, respire fundo.

Minha mãe assente com a cabeça vigorosamente. — Oxigênio é bom para você.

Eu gemo e clico em um novo *site*. — Tudo bem, digamos que eu encontre o anel perfeito... — Olho para minha mãe enquanto ela pega uma caneca do Wolverine e toma pequenos goles de café. — Como vou realmente conseguir isso?

Esta é a parte que está me deixando perplexo.

— Não quero fazer a compra *online* — digo a elas. — E não há possibilidade de eu entrar em uma joalheria sem que a imprensa ou os seguranças descubram.

Jane se anima. — Poderíamos pedir a um joalheiro que viesse até a casa e trouxesse uma ampla seleção.

— E se o joalheiro disser algo para a mídia? — Pergunto. — E se ele quebrar seu AND ou se os paparazzi o pegarem entrando na vizinhança e começarem a especular?

Normalmente eu não me importaria com nada disso. Normalmente eu iria adiante e diria, *esta é a minha vida*. Mas eu quero que isso seja secreto.

Jane coloca o queixo nos nós dos dedos. — Hum.

Minha mãe se vira para mim. — Você ficaria chateado se alguém fosse por você? — Ela pergunta. Vejo ternura e simpatia por trás de seus olhos verdes. Porque ela sabe que, para manter isso em segredo, preciso passar por obstáculos extras.

Jane entra na conversa: — E essa pessoa pode escolher anéis extras, para que você possa escolher o que mais gosta.

Isso está começando a fazer mais sentido. Mas eu simplesmente não sei *quem* eu poderia enviar. — Janie... — Começo.

Ela balança a cabeça. — Eu seria tão facilmente descoberta quanto

— você. Nossa família está fora e enviar um guarda-costas está fora. — Qualquer um da segurança pode contar a Farrow. Eu não corro esse risco.

— Não confio na sua assistente — digo à minha mãe antes que ela ofereça.

— Tudo bem — Ela responde, tamborilando em sua caneca, em pensamento. — Hum... deixe-me pensar. Você continua a pesquisa. — Ela acena para que eu volte ao computador.

Jane pergunta sobre pedras preciosas, mas não vejo Farrow preferindo um diamante ou uma safira negra. Acho que ele gostaria de algo simples e elegante.

— Já sei. — Minha mãe dispara para mim. — Seu tio Garrison. Ele poderá facilmente ir a uma joalheria sem a atenção da mídia. Vou fazê-lo jurar que não contará a ninguém. Ele não vai. Ele te ama demais.

Sim.

Sim. Isso poderia funcionar. Você sabe muito pouco sobre Garrison Abbey e sua esposa Willow Hale. Eles conseguiram se esquivar da mídia aqui e ali nas últimas duas décadas. Ninguém fica do lado de fora de seu loft na Filadélfia, a menos que os paparazzi peguem um membro mais famoso da família entrando no prédio.

Eles não têm guarda-costas ou matérias diárias sobre eles. Algumas vezes por ano, eles aparecem em um artigo. Às vezes mais se eles estiverem conosco, mas ninguém o seguirá. Ninguém vai se importar que ele esteja em uma joalheria.

Isso pode funcionar. Estou me agarrando a essa esperança.

Maximoff Hale

— ELE ESTÁ ATRASADO. Associação revogada — Declara Kinney.

Ela amarra os sapatos de boliche em nossa cabine circular, o cabelo tingido de preto caindo em cascata sobre os ombros magros.

Tanto Oscar quanto Farrow me perguntaram por que Kinney tem uma fixação tão intensa no clube Brigada Arco-íris. Estão todos acostumados com a Kinney Blasé. Não a Sargento Kinney, que colocaria uma estaca de madeira em seu coração se você ferasse com os planos dela.

Acho que minha irmã quer se sentir mais incluída na equipe mais velha. Especialmente aqueles de nós que podem ir a bares e eventos gays. Ela tem sido muito deixada de lado. Durante um Festival do Orgulho, fui a um clube para maiores de 18 anos e ela ficou meio chateada.

Como seu irmão mais velho, quero que este primeiro encontro da Brigada Arco-íris ocorra sem problemas. Isso significa alugar todo o local para a noite.

A sofisticada pista de boliche boutique tem dez pistas, lanches *gourmet* que podem ser pedidos no bar e cabines de couro cor de vinho que são mais modernas do que familiares. Serpentinhas de arco-íris caem em cascata do teto para o Mês do Orgulho LGBT, e porta-copos *amor é amor* embaixo de nossas bebidas.

Eu sabia que Kinney ficaria menos do que emocionada com o fato de Farrow ter sido retido no trabalho. Mas ele está apenas quinze minutos atrasado – e ela já está indo na jugular.

— Você não pode expulsá-lo por estar atrasado — digo seriamente.
— Ele está no hospital. — Não é como se Farrow estivesse pulando isso

intencionalmente. Ele gostaria de estar aqui agora, e se ela quer incomodar alguém, prefiro que ela desconte sua frustração em mim do que nele.

— Certo. Período de experiência — Kinney diz, puxando o cadarço com força extra.

Oscar Oliveira empilha queijo artesanal em uma bolacha e come de uma só vez. Ele lambe o mel do polegar e diz: — Redford vai adorar isso.

Percebo que os botões abertos na camisa azul-marinho de Oscar revelam uma tatuagem escrita ao longo de sua clavícula. Tatuadas em sua pele marrom-dourada estão duas frases em latim:

astra inclinant, sed non obligant e non ducor, duco.

Posso admitir que não sou bem versado em latim sem ajuda. Como a internet. Só não vou admitir isso para Farrow.

— Donnelly pintou isso? — Pergunto a Oscar e aponto para seu colarinho.

— *Não, não, não* — Oscar balança a cabeça. — O cara tem talento, mas não colocando uma agulha na minha carne. — Antes que eu pergunte o que significam as tatuagens, ele aponta para a linha superior. — *As estrelas nos inclinam, não nos prendem.* — Resumindo, ele me diz: — O lema de São Paulo: *eu não sou liderado, eu lidero* — Ele pega o telefone zumbindo, franze a testa para uma mensagem e me mostra a tela.

Farrow: *Peça atualizações a Maximoff. Estou mandando uma mensagem para ele. Não tenho tempo para enviar mensagens para vocês dois.*

Meu namorado é alérgico a chats em grupo. Praticamente desde que ele viu os *pings* incessantes no meu telefone. Mas essa mensagem me faz pensar em Farrow e seu relacionamento com Oscar e até com Donnelly. Esses dois caras conheceram Farrow quando ele estava com alguns de seus ex.

Como Rowin.

Não estou prestes a me torturar e pescar detalhes gigantescos sobre seus relacionamentos anteriores. Mas estou curioso sobre algumas coisas que só Oscar pode compartilhar. — Farrow é sempre assim com namorados?

Oscar se recosta na cabine de couro. Sorrindo e cruzando os braços, mechas encaracoladas de seu cabelo castanho varrem sua testa. — Você quer dizer se Redford sempre escolhe o namorado em vez do amigo?

Eu assinto, confiante nesta pergunta. — Sim.

— Depende do namorado — diz ele — mas, Hale, você tem sido escolhido primeiro 100% das vezes, o que é um recorde.

Eu deveria estar feliz com isso, mas um pensamento irritante me incomoda. — Eu coloquei alguns familiares antes dele às vezes.

Oscar se inclina para a frente e pega um biscoito de pimenta de uma bandeja. — E ele deve amar isso em você, ou então ele teria escolhido você apenas 45% das vezes.

Eu assinto para ele antes de me abaixar e amarrar meu tênis de boliche. — Você gosta mais dele solteiro? Então ele escolheria seus amigos 100% do tempo.

— Não, não é assim que ele age quando está solteiro. Ele se tornará um lobo solitário para nós e, às vezes, será mais difícil alcançá-lo. Pessoalmente, gosto dele em um relacionamento, mas não com aquele pobre coitado.

Termino de amarrar meu tênis e olho para cima. — Rowin? — Pergunto.

Oscar serve cerveja de uma jarra e assente com a cabeça. — Eles brigavam o tempo todo. Choque de personalidade. — Ele limpa um fio de cerveja do copo de cerveja. — Eu vi as bandeiras vermelhas desde o início. Redford, no entanto, é um burro teimoso. Mas nós o amamos.

Eu começo a sorrir. Sim, amamos, mas meus lábios caem novamente. Percebendo que ele não manda mensagens há algum tempo. Mesmo que ele

tenha dito a Oscar que me mandaria uma mensagem. — Não tenho nenhuma atualização para você, cara — digo a ele.

Oscar parece tão preocupado quanto eu, tomando um gole de cerveja espumosa antes de dizer: — Ele pode estar na moto.

Eu verifico os boletins meteorológicos. Só para garantir que não está chovendo.

Parcialmente nublado...

— Com licença. — Uma das gerentes da pista de boliche se aproxima de repente. Olhos em mim. Seu cabelo loiro está preso em um coque bagunçado e ela parece nervosa. Seu olhar aponta para a câmera que Jack Highland segura perto de nossa pista. Para trabalhar hoje, Cassie teve que assinar um termo de responsabilidade para ser filmada. Então, ela sabe que potencialmente tudo o que ela diz pode estar em *Somos Calloway*.

Ela respira fundo, o foco voltando para mim. — Você poderia dizer ao membro do seu grupo que não permitimos andar nas pistas?

Caralho.

Não tenho prestado atenção em Tom.

Rapidamente, viro minha cabeça em direção às dez pistas de boliche vazias. Com certeza, na pista 1, a mais distante de nós, meu primo usa um par de meias de caveira e ossos cruzados (sem sapatos) e começa a correr antes de deslizar por ela. Ele cai de joelhos e bate nos pinos de boliche. Alguns caem e fazem barulho.

Jack filma.

— Tom! — Eu grito. — Venha aqui!

Ele levanta a cabeça, mechas mais longas de seu cabelo castanho-acinzentado caindo em seus olhos.

Você conhece Tom Carraway Cobalt como o vocalista de dezoito anos do *The Carraways*. A banda de Tom acabou de mudar os ensaios do

porão para locais de concerto, mas eles esgotam todas as vezes. Você se apaixona por seu charme irreverente, travessura e pelo fato de ele ser um temerário dentro e fora do palco.

Eu o conheço como meu priminho que será o primeiro a cair no caos. Que escolhe correr para o perigo em vez de fugir, e que me liga todo sábado para falar sobre aquele cara no fundo da classe por quem ele tem um *crush*. Ele significa mais para mim do que qualquer palavra pode descrever.

Aviso justo: *se você foder com ele, nós dois vamos foder com você.*

Ele caminha casualmente de volta ao nosso estande como se não tivesse se tornado uma bola de boliche humana. — Não faça isso de novo — digo a ele, sendo durão. E então acrescento: — Regras da pista de boliche.

Meu telefone apita com uma mensagem, e eu olho para o meu celular rapidamente.

Farrow: *Ainda no trabalho. Não sei quanto tempo vou demorar. Quão chateada ela está?*

Ele não deveria se sentir mal. Eu respondo: *não se preocupe com ela*. E atualizo Oscar sobre a estimativa de chegada de Farrow.

Tom se senta na cabine ao lado de Oscar, e meu primo solta um suspiro dramático: — Algumas pessoas simplesmente não querem se divertir. — Malícia brilhando em seus olhos, ele joga um pedaço de *pretzel* na boca.

— Jogar boliche é divertido — digo com ênfase extra para que ele não tente aquela façanha duas vezes e estrague o evento de Kinney. — Boliche *normal*. — Meu celular apita.

Farrow: *Quão brava ela vai ficar se eu não conseguir?*

Tom mergulha um *pretzel* em mostarda.

— Você disse Boliche Quente? Porque sim, isso é extremamente

divertido. Cara, me inscreva.

Eu nem sei o que diabos é boliche quente e não vou perguntar. Acabei de enviar uma mensagem de volta para Farrow: *Eu cuido disso*.

Não posso mentir e dizer que Kinney não ficará chateada. Ela já está lançando revogações e liberdade condicional.

Jack posiciona a câmera na direção de Tom. — O que é Boliche Quente? — Ele pergunta ao meu primo.

— Escuta só — Tom se prepara, estendendo as duas mãos como se estivesse pronto para uma conversa intensa. — Molhe os pinos na gasolina. Acenda-os. Boliche Quente.

Jack assente como se estivesse considerando isso. — Estou feliz por ter perguntado.

— Parece idiota — Kinney diz categoricamente.

— Porque, Kinney — Tom refuta —, você não tem imaginação.

Ela o encara fixamente. — Estou imaginando você se transformando em um sapo agora.

Ele toca o peito. — Para que eu possa encontrar meu príncipe encantado. Você não deveria. — Ele bagunça o cabelo dela.

Ela lança um olhar mortal para ele e depois revira os olhos, por cima da brincadeira, e então olha para mim. — Seu namorado está vinte e cinco minutos atrasado. Acho que devemos reconsiderar seu período probatório e ir direto para a expulsão novamente.

— Kinney — digo com firmeza. — Ele está tentando. Dê-lhe uma folga aqui.

Como se ele pudesse me ouvir, recebo outra mensagem de Farrow.

Farrow: *Você não deveria ter que lidar com nada. Vou tentar chegar, lobinho.*

— Espere — Tom interrompe, roubando minha atenção. Ele está

apontando um *pretzel* mordido para minha irmãzinha. — Você está expulsando Farrow da Brigada Arco-íris por estar atrasado? Essa mesma consideração se aplica ao seu encontro também?

O quê? Meus olhos se arregalam. — Você tem um *encontro*? — Eu pergunto a Kinney, chocado. Ela nunca mencionou nada para mim, e uma profunda carranca substitui minha surpresa.

Kinney lança a Tom um olhar como se ele tivesse soltado alguma coisa.

Ele está rindo baixinho e salta da cabine. Partindo para o rack de bolas de boliche. Ele faz isso: lança declarações carregadas de drama e depois sai para assistir tudo queimar.

Sua mãe o chama de *agitador de merda*.

Oscar estreita os olhos para Kinney. — Isso é novidade para mim. Poderíamos trazer um acompanhante para essa coisa? — Ele levanta seu copo de cerveja.

Jack aponta sua câmera para Oscar e a lente se estende, ampliando o zoom. — Está encontrando alguém?

— Mano — diz Oscar, colocando a cerveja nos lábios. —, eu não estou no seu show.

Jack sorri. — Eu digo isso para todos, mas eu realmente quero dizer isso para você, Oscar: você ficaria bem na TV. E não é o *meu* show.

Ambos estão com os olhos bem focados. Então, apenas observo por um segundo enquanto Oscar responde, mas também estou olhando para minha irmãzinha que está me ignorando. — É claro que eu ficaria gostoso na TV. Não importa. Não preciso dos mesmos problemas que meu irmãozinho tem com a fama. — Oscar bebe sua cerveja. — E dê mais crédito a si mesmo, Highland.

Jack espreita por trás da câmera, o charme brilhante alcançando seus olhos castanhos. — Que tipo de crédito você acha que eu deveria me dar?

Oscar o encara por um longo momento. — Mais.

Concordo. Jack é uma grande parte da série documental e está em uma posição executiva de alto escalão.

Eu tento capturar a atenção da minha irmã, mas ela ainda está evitando propositalmente meus olhos. — Kinney — digo.

Minha irmã respira fundo e então espia por cima de seus sapatos de boliche. — Não fala nada — Ela me diz.

— Primeiro — Começo —, não sei por que você não me contou sobre seu encontro, mas você sabe que estou sempre aqui para conversar.

Ela revira os olhos como se eu fosse tão embaraçoso, mas uma sombra de sorriso – um que ela não gostaria que eu visse – começa a surgir em seus lábios.

— Em segundo lugar, você está sendo hipócrita — digo a ela sem rodeios. — Você está disposta a expulsar Farrow, mas tem um encontro que também não está aqui e ela consegue um passe?

— Você não deveria estar feliz por mim? — Ela combate. — Foi você quem me disse para tentar sair com outra pessoa depois que Viv foi embora. Então o que eu faço? Aceito seu estúpido conselho e convido Holly aqui.

— O que há de errado? — Pergunto a ela porque ela deu uma guinada figurativa e está começando a respirar fundo e espasmódica, como se estivesse se esforçando para não chorar.

— Nada está errado — Retruca. — Ela está atrasada como Farrow. E ela estará aqui... ela não vai me dar um bolo, Moffy.

— Ela não vai — Concordo, reforçando a confiança dela.

— Acabamos de chegar; ela vai conseguir — Acrescenta Oscar.

— Eu sei. Mas vocês dois não têm certeza — Ela diz categoricamente. Quando ela fica chateada, entra em modo de defesa. Ataca qualquer um à vista, e geralmente sou eu. Ela sabe que posso aguentar seus

pitis.

Kinney balança a cabeça para o relógio de parede. — Por quanto tempo temos o local?

— Não se preocupe com isso — digo. — Posso ter o número dessa garota? Deixa que eu a chamo...

— Sobre meu cadáver em decomposição — Ela olha.

— Eu posso ajudar — Eu lembro à minha irmã e estendo minha mão para seu telefone. Ela considera por um longo momento, então me afasta friamente. Como se nada disso importasse, mesmo que todos nós saibamos que sim.

— Não estou preocupada — Ela diz e olha em volta para o espaço quase vazio.

Meu telefone vibra novamente.

— Devemos começar sem eles? — Ela se pergunta enquanto leio minha mensagem.

Farrow: *Quase chegando.*

Meu estômago e peito imediatamente se iluminam como se um peso enorme e imensurável tivesse desaparecido. Olho para Kinney. — Ele vai estar aqui em breve — digo a ela. — Não seja dura com ele. Ele já se sente mal.

— Veremos — diz Kinney.

A tela acima das pistas se ilumina com nossos nomes. Assim que leio, Kinney e eu nos voltamos para Oscar, que estava encarregado de dar à gerente uma lista dos jogadores de boliche.

Ele está sorrindo em seu gole de cerveja.

— Sua associação foi revogada — Kinney declara inexpressivamente. Oscar ri e quase engasga com a cerveja. Ele a abaixa.

— Hale... — Ele começa.

— Revogada — diz ela e se levanta. — Eu voltarei.— Ela pega um menu de bebidas da mesa e olha para o bar.

— Eles não vão servir álcool para você — digo a ela, sabendo que ela anseia por ser um dos “adultos”, mas ela tem apenas treze anos.

— Não, *duh* — Ela responde e me dá um olhar como se eu fosse o absurdo. — Mas eles têm uma bebida chamada *caldeirão borbulhante*. Vou convencer o *barman* a me preparar uma versão sem álcool. — Ela respira fundo e nos deixa, a confiança envolvendo sua postura, apesar de potencialmente levar um bolo.

Meus olhos voltam para os nomes na tela.

Redford

Filipe

Carraway

Hale 1 sem nome do meio

Hale 2 sem nome do meio

— Eu sou o número dois, certo? — Pergunto a Oscar.

— Isso é com vocês dois. — Ele bebe sua cerveja. — Eu sei que é melhor não ficar entre irmãos.

A porta da pista de boliche se abre e o barulho me assusta. Eu imediatamente me levanto e observo meu namorado falar com a gerente ao lado da mesa da recepcionista. Ele assente. Ela acena com a cabeça.

E então ele se vira e seu olhar me aniquila.

Atrás de seus olhos castanhos há decepção e culpa em um único olhar.

Não espero que ele nos alcance. Encontrando Farrow no meio do caminho, nossos braços se envolvem. Nós nos beijamos brevemente e então seus lábios encontram meu ouvido. — Onde ela está? — Ele pergunta.

Afastando-me, digo a ele: — No bar. — Suas sobrancelhas se erguem.

— Não é você — digo. — Ela acha que está levando um bolo.

A caminho do estande, dou a ele um breve resumo de Holly. Ele continua balançando a cabeça, mas tem um olhar distante. Desta vez não tenho certeza se é porque ele já perdeu tanto ou por causa do que o reteve no hospital.

Mas não vou me intrometer em detalhes. Quando ele estiver pronto para compartilhar, ele vai me dizer.

Ainda assim, dói ver algo comê-lo por dentro.

Nós dois deslizamos para dentro da cabine e, enquanto Farrow desamarra sua bota preta, ele vê a tela com os nomes do meio de todos.

— A Princesa da Morte não tentou te amaldiçoar por isso, Oliveira?

Oscar enche uma cerveja para Farrow. — Não tenho medo de Kinney Hale quando tenho um cliente que na verdade nunca boceja ou se cansa. Tudo bem, se alguém quer ter medo de alguém, deve temer Charlie. *E* ele é o único que pode me vencer no xadrez.

Eu me apego ao fato de que Oscar não tem medo de falar sobre minha família na minha frente. Ele não vacila, nem hesita, nem olha em minha direção pedindo permissão.

Ser tratado mais como um amigo – é uma sensação boa.

Mas pego Farrow olhando com ceticismo para Oscar, e meu namorado abandona os cadarços. Inclinando-se para a frente com um cotovelo na mesa, ele faz um gesto para Oscar. — Eu preciso te perguntar uma coisa. Como, por que você mentiu para mim?

Eu curvo meu braço sobre os ombros de Farrow, o estresse não muito ruim em meu músculo. E eu me lembro de como Oscar disse a Farrow que ele não tem um relacionamento próximo com Charlie, seu cliente. Que Charlie diz a ele quase nada. Mas se isso fosse verdade, então Oscar não saberia sobre Beckett usando cocaína.

Para mim, guarda-costas guardando informações perto do peito não é

novidade. Para Farrow, um de seus amigos mais próximos está mentindo para ele há possivelmente anos.

Oscar verifica por cima do ombro. Tom está fora do alcance da voz. Cinco pistas abaixo, ele reorganiza as bolas de boliche em um padrão de arco-íris na prateleira. Kinney está sentada no bar. Conversando com o *barman*, ela tenta convencê-lo a preparar um drink gótico.

Fora da furtividade de Oscar, Jack sente que isso está prestes a ser sério e privado.

— Vou filmar Kinney — Jack nos diz e depois sai de nossa área.

Oscar olha entre mim e Farrow. — Você sabe sobre Beckett — Ele afirma.

— Sabemos — Farrow assente. — E, cara, eu não precisava saber os detalhes de você. Eu entendo por que você não quis compartilhar. Mas estou confuso por que você passou por toda essa farsa. Eu não teria bisbilhotado se você dissesse que não poderia me contar. Em vez disso, você me levou a acreditar que Charlie não tem nenhum relacionamento com você. Por que fazer isso?

Seu olhar oscila de Farrow para mim e depois de volta para Farrow. Oscar desliza o braço pela parte de trás da cabine. — Qual é a diferença, Redford? — Ele dá de ombros. — Ele ainda não está jorrando detalhes. Ele apenas me dá mais do que no passado.

— Por que você não diria isso, então? — Farrow questiona, mais confuso do que tudo. — Você costumava se gabar do *progresso* quando Charlie lhe contava sobre um voo dois malditos dias antes da decolagem, em vez de uma hora antes.

Oscar tamborila na cabine. — Porque... sabendo mais do que deveria... só torna mais difícil para mim te ignorar.

— OK — Farrow diz facilmente, empilhando queijo em um biscoito. — Eu vou aceitar isso. Mas eu quero saber o seu raciocínio por trás da farsa.

— Ele enfia o biscoito na boca. — Seu traseiro astuto me deve pelo menos isso. — Percebo como Farrow se inclina para trás em meu braço que está ao seu redor.

Ficando confortável em meu abraço. Antes que ele me pegue olhando... porque ele está literalmente a um piscar de olhos de olhar com um sorriso crescente que diz *you like this* — eu me concentro em Oscar.

Ele cava em uma cesta de batatas chips assadas. — Você sabe que a mídia e os fãs querem até o menor fato de Charlie? Tipo, como o cara escova os dentes, quando mija. Tudo porque ele é o enigmático da imprensa. Então, eu me posiciono como um guarda-costas que não ouve merda nenhuma, e então as pessoas não vão nem me perguntar nada. — Ele mastiga uma batata. — Não é como se tivesse começado assim, e Charlie ainda está lentamente confiando em mim. Amanhã, ele pode tentar se livrar de mim e voar para Hong Kong.

Farrow assente com a cabeça compreensivamente e toma um gole de sua cerveja.

Eu olho para minha irmã, verificando-a brevemente para ver se ela está bem, antes de olhar para Oscar. — Donnelly sabe? — Eu me pergunto.

Oscar pega sua cerveja. — Seria um pouco difícil evitar que ele soubesse, considerando.

— Vocês estão perto um do outro o tempo todo — digo em um aceno de cabeça. Faz sentido, já que Beckett e Charlie moram juntos. Seus guarda-costas teriam que estar por perto também. E eu olho para Farrow o suficiente para perguntar: — Isso faz de você aquele que sobra?

Farrow quase ri. — Eu sou melhor que isso, lobinho. — Seu sorriso se estende enquanto ele olha diretamente para mim. — Além disso, eu tenho o cara.

Sim, eu tento não sorrir de volta com isso. Falha crítica.

Oscar bate palmas lentamente e depois estica o pescoço para olhar o

bar. — O que sabemos sobre Highland?

Farrow pausa seu copo de cerveja. — Hétero.

Oscar dá uma mordida no *pretzel*. — Tem certeza?

— Você tem um *crush* por ele? — Pergunto.

Oscar engasga com a comida e bate no peito algumas vezes.

Farrow está rindo, mas não tenho certeza se é de mim ou de Oscar. —

O que eu disse? — Minhas sobrancelhas franzem.

— *Crush*. — Oscar me lança um olhar. — Mano, eu pareço com sua irmã de treze anos?

— Eu não sei, Oliveira — Farrow diz facilmente. — Você poderia ser gótico. — Farrow passa os dedos pela minha nuca. É muito bom e me distrai do fato de que nem sempre sou bom em me encaixar em suas brincadeiras fáceis.

Tom deixa cair uma bola de boliche a algumas pistas de distância e o barulho nos distrai.

Ótimo. Estou prestes a me levantar, mas Oscar sai primeiro da cabine. — Vou ajudar seu primo a não quebrar um dedo do pé — Ele me diz. Acho que em parte para me dar algum tempo sozinho com Farrow, que parece à vontade, mas o peso atrás de seus olhos tenho certeza de que Oscar pode ver tão bem quanto eu. Depois que Oscar caminha pelas pistas, eu me viro para encarar Farrow. Ele tira a bota e calça o tênis de boliche. Ele olha para mim e sei que algo está errado.

— Você quer falar sobre isso? — Eu tenho que perguntar.

Seu peito afunda, mas ele balança a cabeça. — Hoje não, lobinho.

Concordo com a cabeça e pratico um pouco de paciência.

— *Você*. — A voz de Kinney aumenta. — Você estava atrasado. — Minha irmãzinha se aproxima com uma taça de líquido roxo e um pau de canela.

— Isso parece nojento — digo a ela.

— Tem gosto de inferno e do fundo da minha alma — diz ela, sorvendo um grande gole do canudo e, em seguida, lançando um olhar épico para Farrow.

Eu atiro a ela um olhar de advertência para pegar leve com ele.

Farrow termina de amarrar seus tênis de boliche. — Da próxima vez serei o primeiro aqui, Kinney.

— Não haverá uma próxima vez. Sua afiliação foi...

— Kinney — digo com força. —, você quer ficar com raiva de alguém, eu estou bem aqui.

Ela muda seu olhar para mim.

— Não — diz Farrow, recostando-se casualmente. — Se ela quiser me chutar para fora, deixe-a me expulsar.

Mágoa pisca em seus olhos e então ela se livra disso olhando para o teto. Como se ela estivesse irritada. Ela não está. Ela só quer que este dia seja melhor do que foi.

E eu realmente quero o número dessa garota Holly para que eu possa consertar isso.

— Mas, Kinney — Farrow diz —, se você me expulsar, ainda assim apareço com meu namorado.

Ela desliza para a cabine ao lado dele, os lábios pressionados em uma linha. Como se ela não desse a mínima, mas está quase sorrindo. — Tudo bem — Ela fala sem expressão. — Associação restabelecida.

Meus ombros relaxam um pouco e empurro a cesta de batatas para Kinney. Assim que ela vai pegar um punhado, seu telefone toca.

— É Holly? — Eu pergunto.

Ela verifica seu telefone. — Não. — Mas ela não está franzindo a testa em desapontamento. Kinney pega o telefone, preparando-se para o *FaceTime*. — Ei — Cumprimenta.

— *Ela está aí?* — Audrey Cobalt pergunta, sua voz caprichosa na

linha. Kinney balança a cabeça.

— Atrasada. Não posso mandar uma mensagem para ela pela quarta vez. Seria desesperador.

— *Discordo* — Responde Audrey. — *Desespero é apenas outra palavra para loucamente devotado. Você deveria tentar novamente. A quinta e a sexta vez são a da sorte, dizem.*

Kinney sorri e mostra a tela para Farrow e para mim.

Cabelo ruivo, pele pálida e sardenta e um sorriso que poderia encantar qualquer um que olhasse para mim. Seu luxuoso quarto rosa parece ter sido feito para uma princesa.

Você conhece Audrey Virginia Cobalt como a romântica incurável de treze anos. Em seu tempo livre, ela lê romances adultos e narra todas as partes “dignas de vergonha” em seu *Instagram*. Você acha que ela fala como se tivesse saído de um romance de Jane Austen e fica salivando por qualquer foto que ela tira com sua irmã mais velha, Jane. Você se pergunta como seria crescer como a caçula com cinco irmãos Cobalt, mas ela raramente lhe conta.

Eu a conheço como minha priminha, o bebê em toda a ninhada de Hale, Meadows, Cobalt. A garota que faz biscoitos para suas paixões que estão longe de seu alcance. Que se apaixona perdidamente pela ideia do amor mais do que pela realidade. Ela é ferozmente leal a seus amigos e igualmente feroz à sua família.

Aviso justo: *you fuck with the baby of the family and todos virão atrás de você.*

Pelo *FaceTime*, ela acena. — *Olá, Moffy. Olá, Farrow.*

— Ei, Audrey — digo, vendo seus olhos se arregalarem lentamente ao ver Oscar várias pistas de boliche abaixo.

— *OhmeuOhmeu, KinneyKinney. Não deixe que ele veja meu rosto.*

— Ela se enterra em um travesseiro e Kinney gira a câmera de volta para si mesma.

Audrey ainda não superou a mortificação de enviar biscoitos como um pedido de desculpas para Oscar.

Jack, que voltou ao nosso estande, pergunta à minha prima: — Audrey, você ainda tem uma queda por Oscar?

Todos nós apenas ouvimos um barulho murmurado dos travesseiros.

Kinney continua de olho na entrada da pista de boliche. Não posso simplesmente me sentar aqui e esperar pelo melhor. Tem que haver algo mais que eu possa fazer.

E eu digo à minha irmã: — Deixe-me ligar para essa garota.

Ela olha para mim, as sobrancelhas franzidas. — O que você vai dizer?

— Vou perguntar se ela precisa de uma carona aqui, perguntar o que a está segurando e dizer a ela que posso ajudar. É isso.

Kinney respira fundo e fala ao telefone. — Falo com você mais tarde, Audrey. Eu preciso enviar uma mensagem para Moffy com o número dela... — Ela para, e todas as nossas cabeças desviam quando a porta se abre.

Uma menina loira de treze anos em um vestido de verão florido se aproxima do balcão da recepcionista.

Querido mundo, estou muito grato por esta boa sorte. Ela precisava disso. Atenciosamente, um humano que é um irmão mais velho.

— Puta merda — Os olhos de Kinney se arregalam. — Ela está aqui. — Ela olha para o telefone. — Audrey...

— *Vá se apaixonar loucamente e me conte tudo depois!* — Audrey desliga primeiro.

E antes que Kinney se afaste da cabine, ela se estica sobre Farrow e me abraça rapidamente. — Desculpe. Eu fui a bosta dessa vez — Ela me diz. E então ela olha para Farrow. — Mas não para você. Você estava atrasado. — Ela foge com isso, e Jack segue minha irmã para filmar Holly e Kinney se cumprimentando.

Estou prestes a me desculpar com Farrow, mas ele está rindo muito.
— Deus, seus irmãos.

Eu o amo. Eu amo que ele ama meus irmãos, mesmo quando eles estão emotivos e nervosos e dando socos a torto e a direito.

E quando sua risada desaparece, nossas mãos se entrelaçam e eu digo a ele: — Você chegou a tempo de eu ganhar de você no boliche.

Ele sorri suavemente, quase com tristeza. Dói pra caralho, e posso consertar facilmente a pequena crise da minha irmã – posso tentar consertar qualquer coisa –, mas não consigo nem tentar consertar isso. E eu quero ser paciente.

Eu *preciso* ser paciente.

Se eu perguntar o que posso fazer, sei que ele simplesmente dirá: *esteja aqui*. E eu estou aqui. Mas já se passaram mais de vinte horas desde a última vez que nos vimos. Esses dígitos estão se tornando normais e não consigo me lembrar da última vez que seu turno foi inferior a doze horas.

— Farrow...

Eu quero encontrar as palavras certas. Para dizer a ele que está tudo bem se ele tiver que se atrasar novamente. Para não fazer promessas à minha irmãzinha sobre *a próxima vez*. Porque vai se sentir pior para ele se ele quebrar. Mas não tenho certeza de como dizer nada.

E mais do que isso, posso praticamente sentir seu cansaço, o peso que sobe em seu peito e tenta arrastá-lo para baixo. Quero tirar esse peso de Farrow. Tão malditamente mal. Abro a boca para falar, mas palavras tensas e doloridas saem dele primeiro.

— Eu ficarei bem.

Farrow Keene

EU COMETI UM ERRO.

Tem me atingido a semana toda. Todo o mês. Merda, possivelmente até no primeiro dia em que pisei no hospital. Eu pensei que poderia resistir. O que é mais um dia. Mais uma semana. Mais um ano. Mas minhas botas batem nos corredores estéreis e sinto meu tempo se esvaindo com minha energia e vontade de seguir o curso.

Abrindo a porta da sala de descanso com o ombro, os gráficos enchem minhas mãos e vejo o sofá. Instantaneamente, eu desabo sobre ele longitudinalmente e chuto meus pés na almofada.

Os gráficos estão no meu colo, mas não tenho vontade de terminá-los. Eu tenho – olho para o relógio de parede – cerca de quinze minutos antes de precisar verificar meu outro paciente. A menos que alguém chame para uma emergência.

Tem sido esse tipo de dia.

— Não acredito que ele tentou dar choque num ritmo de assistolia — diz o Dr. Shaw, entrando na sala de descanso. O residente do terceiro ano da Pediatria vai direto para a cafeteira. — Boa pegadinha com aquele estagiário, Keene.

Impedi um residente do primeiro ano de tentar dar choque a um *flatline*. Pacientes assistólicos não recebem choque e não respondem à desfibrilação. E se um atendente estivesse presente, ele teria feito a mesma coisa que eu.

Eu não consigo dar uma resposta. Eu apenas clico em uma caneta.

Faça a porra do seu trabalho, Farrow.

Dr. Shaw serve café. — Você parece exausto. — Ele me olha da

cabeça aos pés. — Dia difícil?

Eu poderia explicar a ele como um simples exame de diagnóstico que normalmente levaria vinte minutos durou uma hora e meia.

A paciente me reconheceu instantaneamente e queria fotos, queria um autógrafo, queria uma *live* no *Instagram* – o que recusei. E então ela ligou para as amigas, que apareceram dez minutos depois do início do exame. Eu tive que percorrer todo o desfile novamente.

Não é o mesmo que pacientes olhando para minhas tatuagens e piercings. Eu estava acostumado com isso.

Ser famoso. *Não muito.*

Sou reconhecido todos os dias, às vezes minuto a minuto. Sou parado ao andar pelo corredor. Sou parado quando almoço no refeitório. Quando estou cuidando da minha vida durante as rondas. Se não são os pacientes ou seus familiares, são os enfermeiros, técnicos, médicos e funcionários do hospital. Eles querem fofocar comigo sobre os Hales, Meadows e Cobalts como se eu fosse sua saída direta para o segredo.

Informações que eles nunca terão permissão para ter.

Todos os dias tenho que despachá-los. Estou perfeitamente bem com uma má reputação. Eu não dou a mínima se as pessoas me chamam de frio, arrogante ou bastardo, com razão, mas quando isso afeta meu trabalho, quando afeta minha capacidade de ser o *melhor* no que faço, então eu me importo.

Odeio saber que não estou contribuindo o suficiente. Que estou assumindo o lugar de alguém que poderia fazer um trabalho melhor do que o que estou fazendo.

Eu poderia contar a Shaw sobre esta manhã.

Quando tive um paciente que se recusou a me dar um histórico médico. Ele disse que não confiava em mim. Não com esse tipo de informação pessoal, e tentei explicar como existem leis claras de

confidencialidade do paciente, mas ele não quis ouvir.

Aos olhos dele, tenho muitos laços com a mídia e o público e as coisas que digo não são apenas um sussurro no meio da noite.

Inferno, não foi a primeira vez que tive que entregar um paciente para outro residente. Ou ser repreendido pelo Conselho do hospital por não ter a quantidade de atendimentos quanto os outros residentes do meu ano.

E eu não posso discutir com eles. Levo três vezes mais tempo para fazer um trabalho que eles podem fazer em menos de dez minutos.

Achei que seria diferente voltar para terminar minha residência, mas não imaginava esse tipo de luta. Não tenho certeza se poderia.

Eu me tornei um médico “celebridade” e isso prejudicou minha capacidade de ajudar as pessoas dentro do Hospital Geral. E eu me sinto inútil aqui.

Três anos. É o que continuo dizendo a mim mesmo. Que em três anos eu vou valer mais de novo. Estarei fora deste hospital e trabalhando para as famílias famosas. Mas são três anos correndo contra uma parede de tijolos e sem conseguir respirar.

Não consegui falar sobre isso com Maximoff. Quero protegê-lo de se sentir culpado ou de se culpar. Tocar no assunto significa que estou reafirmando seus piores medos: perdi uma fonte imensurável de felicidade por estar com ele, por ser famoso. E não é assim que eu vejo.

Ele é minha felicidade, e estou lutando pelo dia em que voltarei para ele. E, foda-se, está bem ali. O dia está bem na minha frente.

Apenas vá.

Sento-me, botas caindo no chão. Eu olho de volta para Shaw. — Apenas um longo turno — digo a ele, minha mente correndo.

Apenas vá.

— Nem me diga. — Ele engole o café e desaparece no vestiário.

Quando a porta se fecha atrás dele, eu empilho os gráficos do meu

colo e os coloco na mesa de centro.

Rapidamente, entro no vestiário. — Ei, Shaw! — Grito.

— Sim? — Ele põe a cabeça para fora, passando por alguns armários de cedro. Nu da cintura para cima, ele veste uma camisa polo.

— Quem está de plantão esta noite? — Pergunto enquanto abro meu armário.

— Morris, Kim e Bakshi. — Ele estreita os olhos para mim enquanto eu tiro meu uniforme e coloco uma calça preta e uma camisa lisa. — Eu pensei que seu turno terminasse às dez.

Em uma hora. — Sim. — Enfio minha camisa em decote V preta na calça e afivelo o cinto. Para mim, essa hora será estendida para três, dependendo de quantas pessoas vão me parar e pedir fotos.

É por isso que estou sempre atrasado. Para tudo.

Shaw se pendura na porta de seu armário. — É Maximoff Hale? — Ele pergunta. — Eu posso guardar um segredo se você precisar conversar ou algo assim.

— Estou bem — digo.

— Você sabe que não sou como aquelas outras pessoas — Continua Shaw. — Eu assisto Maximoff Hale na TV desde que eu tinha dez anos. Ele é praticamente uma pessoa real para mim, não apenas uma celebridade.

Já ouvi o mesmo discurso centenas de vezes, de centenas de maneiras diferentes.

— Shaw — digo, pegando minha mochila e fechando a porta do armário. — *Estou bem.*

Ele assente, mas se ressentido diante de minha fala. — Sim, Keene. Claro. — E ele me dá um gelo enquanto volta para seu armário.

Eu passo por ele silenciosamente para fora da porta.

Apenas vá.

Quando chego ao estacionamento, meu pulso está acelerado. Dirigi o

Audi para o trabalho e encontro o carro onde o deixei. Eu não deslizo para o lado do motorista. Imediatamente, entro na parte de trás, tranco as portas do carro e me deito na extensão do assento.

Apoiando a sola da bota no couro, disco um número e coloco o telefone no ouvido. Olhando para o teto interno do carro.

A linha toca uma vez antes de eu ouvir sua voz.

— *Eu estava pensando em você* — diz Maximoff.

Ele me afeta, e levo minha mão à boca, emoção crua surgindo. Ainda não posso falar. Meus olhos ardem, e sei que é aqui que eu diria: *claro que você estava, lobinho. Você é obcecado por mim.*

— *Farrow?* — A preocupação endurece sua voz. — *Você está bem?*

Fecho os olhos e coloco a mão no peito. — Está sugando minha vida — Expiro. E eu conto a ele tudo sobre o que está acontecendo.

Tudo.

Eu sabia que um dia iria, mas pensei que seria no final dos três anos. E então eu confessaria, mas chegou mais cedo. Porque para mim chega.

Acabou.

Maximoff responde com mais força de coração do que qualquer um jamais poderia acreditar. Já conheceu ou viu. — *Eu te amo pra caralho* — Ele me diz —, *e você deveria dar um passo para trás. Não termine sua residência. Você não precisa disso, Farrow.*

Eu estava preocupado que ele se desculpasse, preso em uma plataforma giratória se culpando por isso, e graças a Deus ele não está. *Graças a Deus.*

Eu mudo meu telefone para a minha outra mão. — Maximoff... — Eu sabia que terminaria isso aqui e estava prestes a perguntar o que ele achava disso. Inferno, eu nem precisei perguntar. Ele acabou de me dizer. Mas essa escolha tem um custo maior do que ele pode imaginar.

Veja, eu ainda posso ser um médico concierge. Passei no exame da

Etapa 3, então, agora estou licenciado e posso prescrever medicamentos. Mas... — Não serei certificado pelo Conselho — digo a ele. — Isso significa que, se alguém da sua família precisar ser levado às pressas para um pronto-socorro, não posso praticar medicina no hospital. — Eu não posso ajudar.

Esse hospital exige que os médicos estejam em um programa de residência ou certificado. Eu não serei nenhum dos dois.

— *Isso vai aborrecê-lo* — Maximoff me diz —, *especialmente quando você tem que entregar essa tarefa. Mas, Farrow, minha família tendo sérias emergências médicas como essa, pode acontecer apenas algumas vezes em sua vida. Não vale a pena três anos sendo derrotado e se sentindo vazio.*

Eu abro meus olhos. A garagem está silenciosa e as janelas do Audi são escurecidas. Nenhum fotógrafo me encontrou ainda. — Nunca imaginei não ser certificado pelo Conselho — Admito e passo a mão pelo cabelo enquanto me deito. Eu mantenho minha palma na minha cabeça. — Parece meio a meio.

Não costumo ir pela metade. Eu vou fundo.

Uma cama range do outro lado da linha. Ele deve ter se sentado. — *Talvez se você apenas amasse medicina, seria meio caminho andado* — diz Maximoff —, *mas acho que você está indo até o fim e nem percebe, cara.*

Meus olhos queimam, olhando sem piscar para o teto. Eu começo a sorrir com o pensamento. A medicina não é a única coisa que me preenche. Protegê-lo, amá-lo, apenas estar lá — é para isso que vivo.

Eu olho para longe. — Você está insinuando que eu te amo, lobinho?

— *Sim* — diz ele com confiança. —, *estou.*

Eu sorrio mais. — Você não está errado.

Flashes começam a brilhar pelas janelas do carro. O *click* muito familiar e os paparazzi gritam meu nome. Mas eu fico de costas por mais um minuto.

— Há uma desvantagem — digo a ele. — As pessoas vão ter muitas

opiniões sobre eu praticar sem ser certificado pelo Conselho. — Mesmo que isso não seja uma medida do meu valor ou habilidade como médico, definitivamente será para o público.

— *Fodam-se essas pessoas* — diz Maximoff.

Eu instantaneamente respiro mais forte. E eu me sento. Telefone no ouvido, lentes da câmera pressionadas nas janelas, estou pronto para mudar de rumo. E estou girando seu mundo em uma nova direção, mas pelo menos essa nos une novamente.

Farrow Keene

Oscar: *VOCÊ QUER SER cremado ou enterrado, Redford?*

Ele acha que está sendo espirituoso, já que estou a uns bons vinte minutos de um almoço “encontro” com o pai do meu namorado e dois tios. E claro, Maximoff também estará no restaurante. Mas o lobinho não é aquele que Oscar pensa que vai me interrogar e me matar.

Eu ia te perguntar a mesma coisa já que fico estrangulando você para a “morte”. Eu envio a mensagem. Na confirmação de Joana – que participei com Maximoff, sem obrigações –, Oscar admitiu que não acreditava que eu desistiria da residência pela segunda vez. E pouca coisa surpreende Oliveira.

— Estamos todos felizes por você não ter ido atrás da certificação do Conselho — disse Oscar. — Você foi pra nós uma Sheryl Crow completa *If It Makes You Happy*. — Revirei os olhos e acabei sorrindo. Era uma velha piada interna sobre quando a merda que você ama te deixa triste. — Oliveira, cavando história arcaica.

Oscar sorriu. — Estou servindo um pouco da realidade adolescente de Redford. — O silêncio caiu duro depois disso. Nós dois nos olhando e sentindo o vazio de Donnelly na igreja católica. Sempre que Oscar diz “realidade” para qualquer coisa, Donnelly interrompe, porque *você é o filho da puta mais real que eu já vi*.

Especialmente durante os momentos em que não faz sentido. Mas isso se encaixa perfeitamente lá.

Porque você é o filho da puta mais real que eu já vi.

Isso me traz de volta ao presente. Para a casa da Filadélfia, onde os canos gemem enquanto Maximoff toma banho. Mas não estou lá em cima

com ele.

Dezoito minutos até o “encontro” do almoço com a família do meu namorado, e estou deitado no tapete verde-menta onde normalmente estaria a mesa de centro. Calça preta baixa da minha cintura.

E Donnelly está me tatuando.

Sua agulha perfura o lado direito da parte inferior das minhas costas. Bem, bem acima da minha bunda.

Um pardal – o único pássaro pintado sem cor e o maior do meu corpo – ocupa a maior parte das minhas costas com seu torso emplumado no centro. A ponta de cada asa toca meus deltoides e alcança meus trapézios. Mais abaixo, em direção à minha bunda, suas garras seguram uma adaga.

O pardal e a lâmina deixam espaço para mais tinta na parte inferior esquerda e direita, acima da minha cintura.

— Não chame Papa Hale de *senhor* quando o vir — diz Donnelly, com a máquina de tatuagem na mão. — Eu fiz isso depois que ele descobriu que pinteí o quadril de Luna, e estou lhe dizendo, ele criou um terceiro chifre. Parecia que ele poderia ter me empalado na garganta e arrancado meu cu.

Eu mastigo *Doublemint* lentamente e olho para Donnelly com um olhar aguçado. — Não fale sobre rasgar cus enquanto você está tão perto do meu com uma agulha.

Ele sorri, sem encontrar meu olhar enquanto trabalha cuidadosamente no desenho. Ele usa óculos de leitura de armação fina. — Tudo o que estou dizendo é que o pai de Maximoff não é brincadeira. Eu pensei que ele era o engraçado. Sarcástico e cheio de merda. Mas quase me mijeí.

Achei que Loren Hale faria pior se descobrisse que Donnelly tatuou sua filha de dezoito anos. — Você ainda tem seu emprego? — Pergunto.

— Por muito pouco. — Ele faz uma pausa enquanto um gato malhado pula do sofá vitoriano no tapete.

Eu jogo um rato de brinquedo e Carpenter o persegue sob a mesa de

ferro de café.

Não tenho medo de Lo. Mas estou me perguntando quais conversas ele planeja iniciar. Desde o acidente, mantivemos um tópico principal: Maximoff reabilitando sua clavícula. Merda fácil.

Algo me diz que esse almoço não vai ser fácil.

Donnelly retoma a tatuagem, a agulha espetando a pele. Não é doloroso. A tinta nas minhas costelas dói pra caramba, mas isso não é ruim. Ele me diz: — Os pais do Cobalt nunca piscaram quando eu pinteí Beckett.

A menção de Beckett me lembra que ele usava cocaína para ajudar em sua performance de balé. Eu disse a Donnelly que sabia disso, mas não conversamos muito.

— Se é difícil estar no destacamento de Beckett — digo agora —, você deveria ver se Akara vai deixar você se transferir.

Nunca perguntei se Donnelly fornecia as drogas. Alguns guarda-costas o fariam, mas Donnelly deixaria outra pessoa cortar sua mão antes de tocar em cocaína.

Eu fico em meus antebraços. Não olhando por cima do ombro para ele.

Donnelly me pinta em silêncio. Máquina de tatuagem zumbindo, e então ele diz: — Não posso deixá-lo, cara — Ele abaixa a voz. — Eu sei que não consigo fazê-lo parar. Quero dizer, foda-se, seu irmão gêmeo não conseguiu nem o convencer.

Eu estouro uma bola na minha boca. — Porque Beckett acha que as drogas fazem dele um dançarino melhor — Sussurro —, e agora ele começou a pensar que dança uma merda sem elas.

— Eu odeio isso — Ele pragueja e depois fala baixinho. Ele me conta como não pode falar com Beckett sobre sua adolescência. Porque então Beckett tentaria protegê-lo e pediria à Tri-Força para transferir Donnelly de seu destacamento.

Donnelly não explica seu passado para mim. Eu já conheço. Quando ele tinha quatorze anos, seus pais lhe deram metanfetamina pela primeira vez e, quando adulto, ele prefere não estar perto de drogas pesadas. Não por tentação. Principalmente, elas trazem de volta memórias ruins.

— *Hidley ho.* — Luna pula do último degrau para a sala de estar. — Uh, quero dizer, oi. — Ela levanta a mão em um aceno hesitante.

Luna.

— Você cobriu sua tinta? — Donnelly aponta para o antebraço onde deveria estar a letra de *Dreams*, do The Cranberries. A tinta preta é escondida com maquiagem em tons de pele. Esconder suas tatuagens é novidade. O vestido simples, o rabo de cavalo reto e a maquiagem simples estão acontecendo há semanas.

— *Yeah, yeah.* — Ela se aproxima e se senta no sofá.

Eu levanto minhas sobrancelhas para ela. — Por que você continua parecendo menos com você e mais com todo mundo?

Ela dá de ombros. Olha para Donnelly, depois para mim e nos diz: — Andrew diz que é mais fácil.

Mais fácil *para ele*.

— Luna, que se foda esse filho da puta — digo, mastigando meu chiclete sob meus molares. Maximoff teme que seu novo namorado seja a causa da mudança de Luna e, em quatro palavras: seu medo foi confirmado.

— Esse cara quer uma vadia básica. Deixe-o namorar uma vadia básica — Donnelly diz enquanto termina minha tinta. — Não se transforme em uma.

Luna observa a máquina de tatuagem, perdida em pensamentos. — Ele não é de todo ruim. Ele dá um oral legal.

Eu estouro outra bola. — Legal soa como oral ruim.

Donnelly limpa minha pele. — Se você está apenas querendo ser comida, eu te como...

— Ei — Maximoff interrompe na escada inferior, olhos estreitados. Seu cabelo escuro está molhado do banho, mas ele já está vestido: jeans e uma camisa verde. — Que porra é essa, Donnelly?

Ele desliga a máquina. — Eu gosto de comer boceta.

Maximoff olha para ele como se ele tivesse perdido a cabeça. — Essa é minha *irmã*.

Luna cai de costas no sofá com um gemido.

Donnelly embala sua tinta. — Eu acho que você envergonhou sua irmã, cara.

Maximoff parece abatido, e não consigo parar de sorrir. Eu me levanto, calça baixa e desabotoada. Minha tatuagem só precisa de um curativo.

No segundo em que ele vê a nova tinta na parte inferior das minhas costas, ele congela. Parado. Esquecendo-se completamente de Donnelly e sua irmã. Agora eu sei como capturar 100% de sua atenção. Ele até se aproxima de mim, atordoado.

Meu sorriso se estende. — Você está babando.

— Estou olhando.

Ele é um emoji de olho de coração humano.

Donnelly tatuou um lobo com um tapa-olho de pirata e duas letras foram pintadas no tapa-olho.

LE

Lobinho escoteiro.

Maximoff me alcança, e eu giro para encará-lo, então seu olhar se levanta para o meu. E ele me diz: — Você quebrou uma de suas únicas regras.

Minha regra: nunca coloque tinta relacionada a um namorado.

Minha única exceção está na minha frente. Ou ele ainda não percebeu isso ou ainda está chegando mentalmente ao fato. — Calma, lobinho escoteiro — digo. — Não é como se eu tivesse tatuado seu nome na minha bunda.

Ele faz uma careta. — Tem certeza que não?

Eu mastigo meu chiclete ainda mais devagar. — Droga, ele quer ver minha bunda. — Ele geme, irritado porque eu fodi com seu humor.

Eu rio muito, e sua mão instintivamente encontra a minha. Ele não percebe que cedeu tão facilmente e quase recuou. Eu seguro mais forte.

E estou aqui para isso. Não estou preso em um hospital. Não vou me encontrar com ele mais tarde apenas para encontrar seu pai. Porra, eu valorizo esses momentos tão completamente, mas o desconhecido definitivamente está à nossa frente. Prefiro não travar e queimar, mas recentemente travar parece ser o nome de algum jogo que estou jogando.

— Onde você se vê em vinte anos?

Essa é a primeira coisa que seu pai superprotetor me diz nessa lanchonete casual – e ainda não pedimos comida. Na verdade, estou me sentando ao lado de Maximoff, arrastando a cadeira para trás.

— Acabamos de chegar aqui — Maximoff o corta com um olhar.

— *Duh*, eu não tinha ideia. — Lo perfura seus olhos afiados em mim.

— Onde você se vê daqui a vinte anos?

Maximoff me lança um olhar de desculpas.

Para ser sincero, estou um pouco intimidado. Principalmente porque adoraria deixar boas impressões neles – melhores do que no passado – mas não posso ser ninguém além de mim.

Connor Cobalt, Ryke Meadows e Loren Hale já reivindicaram o outro lado da mesa de madeira. Três homens maiores que a vida. Cada um teve um impacto profundo em Maximoff, e sempre fica claro para mim quando falo com eles o quão grande foi a influência deles e ainda é até hoje.

Inferno, eu os vejo como lados diferentes do meu namorado:

Connor é razão. Ele ensinou a Maximoff inteligência, contenção

emocional e confiança. Lo é emoção, as partes sarcásticas, amorosas e empáticas dele. E, então, Ryke é físico, todo determinação e teimosia e força inabalável.

Eu me abaixo no meu assento. — Sinceramente, não sou muito de planejar.

Maximoff quase sorri. *Ele gosta dessa resposta.* E ele estende o braço sobre meus ombros.

— Sem planos de vida? — Connor arqueia uma sobrancelha.

O calor de seus olhares é mais quente do que qualquer câmera. Eu inclino minha cabeça. — Se por planos de vida você quer dizer metas, então, com certeza. Você não pode ser um médico sem definir algumas — digo casualmente.

— Você é sempre tão vago? — Connor me pergunta.

— Boa pergunta, amor — Lo diz e gesticula para que eu responda.

Maximoff murmura algo para Ryke, e isso leva Ryke a jogar um guardanapo amassado em Connor, que facilmente se inclina para trás e se esquivava da afronta.

— Desculpe o Rottweiler — Connor me diz. — Continue.

Ryke revira os olhos e concentra sua atenção em um cardápio. Ele murmura: *desculpe, Mof.* Estou um pouco surpreso que Ryke Meadows não esteja pegando pesado comigo como os outros dois.

Então, novamente, ajudei a filha dele no acidente de carro. E eu não sou mais um guarda-costas, e esse era o maior problema dele comigo namorando Maximoff.

— Sou sempre tão vago? — Repito a pergunta deles, uma que nunca enfrentei. — Com qualquer um que não esteja na minha cama, sim. Costumo ser menos acessível.

Ryke ergue os olhos de um menu de plástico. — Quem mais está na porra da sua cama?

— Apenas seu sobrinho.

Maximoff está apertando os olhos como se desejasse que este fosse um de seus pequenos universos alternativos.

Lo se inclina para a frente e pergunta: — O que há no meu filho que fez você querer passar um tempo com ele?

— Pai — Maximoff rosna, seu pescoço corando.

Meu sorriso está me matando.

— Deixe Farrow responder à pergunta, amigo — Lo diz enquanto me encara com olhos mortais de águia.

Só assim, meu sorriso desaparece e meus olhos voam rapidamente para Jack Highland, que filma nossa mesa com outro produtor de *Somos Calloway*. Estamos em uma seção privada da lanchonete. Fotos de antigas bandas de rock estão penduradas no papel de parede verde, mas posso sentir a presença de uma câmera. — Qualquer parte disso pode ser editada — Connor me diz, perspicaz da minha linguagem corporal —, e nenhuma precisa ser exibida.

Eu concordei em fazer parte da série documental. Qualquer coisa que me aproxime de Maximoff e sua família, eu quero fazer, além disso, como minha vida é muito pública, há mais a ganhar e menos a perder com *Somos Calloway*. É uma série documental premiada, exibida em um canal a cabo premium.

— Notado — Assinto, e Jack mostra um sorriso encantador de *você está indo muito bem* atrás da câmera. Balanço a cabeça e enrolo o guardanapo em um canudo.

— Lembra da minha pergunta? — Lo me pergunta.

— Farrow se lembra de tudo — Maximoff intervém e depois resmunga consigo mesmo. Ele balança a cabeça para mim e passa a mão pelo cabelo castanho. — Eu não quis dizer isso de uma maneira boa.

— Eu acho que quis — Eu provoco.

Ele faz uma carranca decente, e é aí que uma garçonete de vinte e poucos anos traz uma bandeja de água gelada. Eu me inclino para trás na minha cadeira e aceno para ela se aproximar.

— Você pode nos trazer um saquinho de gelo? — Pergunto, já que meu namorado colocou mais pressão em seu músculo mais cedo, quando ele abriu a porta do carro. Percebi como ele fecha os olhos em batidas mais longas. *Estremecendo*.

— Claro — diz ela. — Algo mais?

— Um caixão — Interrompe Maximoff. — Pela minha morte imediata.

Reviro os olhos. — Ele não está morrendo, mas é dramático.

A garçonete ri antes de sair da mesa, e eu me viro para Maximoff. Ele está olhando profundamente para mim.

Meu peito cai em uma respiração mais pesada, e foda-se... Eu o beijo. Nossas bocas se encontram, suave e ternamente, e sinto seus lábios subirem sob os meus.

Ele gosta disso. E eu também.

Quando recuamos, deixo cair meu braço em sua cadeira. Maximoff ainda segura meus ombros em um abraço seguro.

E Lo está esperando que eu responda.

— Pai, não o faça responder a essa pergunta — Interrompe Maximoff.

Lo não hesita. — Você está disposto a cuidar do bem-estar do meu filho esta noite?

Maximoff cobre o rosto com a mão, a um segundo de gemer.

— Todas as noites — Respondo, tentando não rir da angústia do meu namorado mais do que qualquer coisa. Ele está tornando isso mais fácil para mim.

— O que vocês dois vão fazer esta noite? — Lo pergunta.

— Ficar em casa — digo facilmente e olho para Maximoff.

Ele concorda. — Talvez assistir a um filme. Farrow nunca viu *Batman Returns*.

— Sem DC na mesa — Lo solta. — Eu juro por todas as coisas vivas da Marvel, peguei a criança errada na loja de artigos para o lar. — Seus olhos quase suavizam quando me diz: — Eu o perdi na seção de banheiro carregando um desentupidor no corredor quatro.

— Eu tinha três anos — Maximoff me explica. — Pensei que fosse uma espada. — Eu sorrio imaginando isso, e este é um daqueles momentos em que posso sentir o amor de Lo por seu filho. Eu não tive isso. É apenas um fato. Mas quando eu tiver filhos, quero dar a eles esse tipo de amor incondicional, muita atenção e cuidado.

Nossa garçonete volta para anotar nossos pedidos e, depois que ela sai, Connor diz à mesa: — Mudando o assunto, recebi uma oferta de patrocínio de preservativo esta manhã.

Ryke quase cospe sua água. — Você tem *sete* malditos filhos.

— Esperma real — Brinca Lo.

— Não encoraje isso — diz Ryke e aponta para o sorriso de um bilhão de dólares de Connor com uma faca de manteiga. Com mais seriedade, Ryke pergunta a Connor: — Quando foi a última vez que você usou camisinha?

Eu realmente não quero essa informação. De forma alguma. Ouvir “tios” e “pais” falarem sobre sexo não é o meu forte. Só não estou acostumado com essa merda.

Sexo nunca foi um tópico de discussão, a menos que fosse uma palestra acadêmica sobre reprodução ou ejaculação.

Aprendi sobre foder na internet ou com amigos enquanto crescia. Não recebi conselhos sobre lubrificantes de meus tios como Maximoff. Eu não tive “a conversa” com meu pai. Nenhuma palestra sobre sexo seguro. Porque o velho assumiu que eu era inteligente o suficiente para saber sobre DSTs nas

revistas médicas que folheei.

Olho para Maximoff, que parece absolutamente imperturbável. Sempre adorei o quão próximo ele é de sua família e só quero que nosso relacionamento o aproxime deles.

— Décadas — Responde Connor na última vez que usou camisinha.

— Você vai aceitar a oferta de patrocínio? — Maximoff pergunta enquanto um aperitivo de batatas fritas é posto em nossa mesa.

— Eu não faria isso. — Connor balança seu vinho. — Teria um impacto negativo nas crianças se eu anunciasse meu rosto ou nome em uma linha de preservativos.

Percebi que sempre que estão apenas com Maximoff ou Jane, sempre excluem esses dois da categoria “crianças”.

Abro a garrafa de mostarda.

Lo se concentra em mim. — Você está disposto a mostrar ao meu filho o mesmo respeito que eu o criei para mostrar a você?

Maximoff faz uma careta. — De onde diabos essas perguntas estão vindo?

Observo Lo enfiar a mão no bolso e tirar um pedaço de papel amassado. — Perguntas para o Namorado Excessivamente Tatuado do meu Filho Perfeito Ponto Com. — Ele me dá um sorriso seco icônico. — Eu odeio tatuagens.

— Eu sei — digo com um aceno de cabeça. — Ainda bem que seu filho as ama.

Connor e Ryke se voltam para Lo. Medindo sua reação. E Lo estreita os olhos para mim, afiados, e muito secamente, ele diz: — É mesmo?

Maximoff se intromete: — Eu adoro essa porra.

Um sorriso divertido se abre em meu rosto. Caralho, não acredito que ele admitiu isso na minha frente.

E Lo ri, uma gargalhada de verdade, tudo antes de passar o

questionário para o irmão. Ryke lê o papel em silêncio.

— São horríveis — diz Ryke, seu olhar se desviando enquanto nossa comida desfila, e enquanto todos comemos hambúrgueres e batatas fritas, conversamos sobre o último filme *Fourth Degree*, o *Philadelphia Eagles*, e como em julho todas as três famílias planejam uma viagem para a Grécia.

Mas, em vez da Grécia, continuamos dizendo *Taiti* para o caso de alguém ouvir. É o codinome. Essa viagem está se aproximando rapidamente e abrange o aniversário de Maximoff. São férias que eu não deveria participar. Porque eu ainda deveria estar em um programa de residência.

Agora que estou fora, posso ir.

Percebo Jack Highland ajustando sua câmera no final. Ele fala em tagalo¹⁰ em seu telefone com alguém. Eu ouço o nome Jesse. Seu irmãozinho.

Enquanto terminamos de comer, Connor me pergunta o que mais me surpreendeu sobre perder minha privacidade. Os três me lembraram que tinham vinte e poucos anos quando ficaram famosos depois de um escândalo e sabiam o que era privacidade.

Eles não nasceram na fama como Maximoff.

Jogo o guardanapo no prato e me inclino para trás na cadeira, considerando a pergunta dele por meio segundo antes que a resposta chegue até mim.

Eu olho entre os três homens à minha frente. — Considero minha sexualidade a quinta ou sexta coisa mais interessante sobre mim. Ser gay não é tudo que eu sou, mas é definitivamente uma grande parte. E eu teria que dizer o tempo todo. Sempre que uma garota dava em cima de mim, sempre que eu apresentava um namorado, eu tinha que dizer *sou gay* repetidamente.

Não era incomum para a maioria das pessoas presumir que eu era hétero.

Isso mudou.

— Estar em um relacionamento público com Maximoff, transmitido

para o mundo inteiro, significa que não preciso mais me assumir tanto. — Eu começo a sorrir com uma risada. — E isso ainda me surpreende. — Ainda me dá um chute no peito.

Maximoff compartilha meu sorriso por um segundo, e ele acena para mim como *uma boa sensação, huh?* Eu prefiro viver o meu eu mais verdadeiro.

Por mais assustador que isso possa parecer, não há sentimento mais livre do que poder ser eu.

— Desgraçados — Xingo atrás do volante do *Audi*.

Os paparazzi batem nas janelas do carro para que as abramos. Os punhos batendo no vidro precisam parar. Ainda não saímos do estacionamento de cascalho do restaurante. O pai e os tios de Maximoff estão à nossa frente em um *Land Cruiser*, e a segurança está atrás de nós em outro SUV.

Acrescente esses outros fatos: o almoço atrasou, o sol caiu e cada *flash* da câmera queima como uma luz estroboscópica.

— MAXIMOFF!! FARROW!!!

Eu bato na buzina. — SAIAM DA FRENTE! — Grito sem abaixar a janela.

Maximoff grita com os paparazzi: — Você vai ser atropelado!! — Ele gesticula para eles darem o fora, mas eles apenas se aproximam. Parados na frente do capô com câmeras pesadas.

Tudo vai para o inferno quando o *Land Cruiser* encontra uma saída e vira para a rua. Todos os paparazzi que estavam lotando seu veículo de repente correm para o nosso.

— Um de nós deve sair — diz Maximoff.

Eu o avalio em uma varredura rápida. Ele está segurando a perna com

força, e sei que ele quer estar no controle dessa situação. Mas ele não tem licença para dirigir. — Aguenta. Eu poderei alcançar a rua.

Demora um longo segundo, mas os pneus atingem o meio-fio antes de eu ser bloqueado novamente. Hordas de fotógrafos colocam sua própria segurança em risco. Eles estão parados na estrada. *Porra.*

— Você deve estar brincando comigo — Maximoff rosna, apertando os olhos para o brilho severo. Ele grita com eles através do para-brisa. — Você vai se matar!!

Flashes irrompem diretamente pela janela do passageiro e meus aviadores não estão protegendo a luz. — Vou baixar minha janela — Aviso a Maximoff.

Conforme a janela abre, o nível de ruído aumenta e eu grito: — Movam-se! Deem o fora! Vocês não têm permissão para fazer isso!

— FARROW!! MAXIMOFF!! Olhem pra cá!!

Um fotógrafo coloca a lente no para-brisa e Maximoff quase perde a cabeça. Ele desabotoa o cinto de segurança.

— Pare. — Eu estendo meu braço sobre seu peito. — Você não vai lutar contra esses bastardos...

Maximoff de repente passa a mão pelo meu corpo e empurra uma câmera que entrou no carro. Uma câmera que quase me acertou no rosto.

Eu subo a janela, meu pulso batendo porque Maximoff está com muita dor. Ele esticou o braço direito. Usou força no *braço direito*. Ombro direito. — Maximoff — digo tenso, levantando meus aviadores na minha cabeça.

— Eu estou bem. — Ele fecha os olhos, respirando pelo nariz e recostando-se no assento. — Vou vomitar.

Estendo a mão para trás e encontro uma toalha de ginástica no chão. Eu jogo para ele, e ele vomita entre as pernas. No pano.

As câmeras ficam loucas. Batendo no vidro. Mantenho a mão nas

costas de Maximoff e verifico pelo para-brisa traseiro. Mal consigo identificar o SUV da segurança no meio da multidão.

O instinto puxa meu corpo para pular do carro. Criar um caminho. Mas também *mantê-lo seguro*.

Mantenha Maximoff seguro. Preciso da ajuda da segurança. Já estive naquele SUV antes e, às vezes, os paparazzi prendem os guarda-costas de propósito e tentam emperrar as portas. Apenas para que eles não possam alcançar seus clientes.

Bruno devia estar abrindo um caminho para nós dirigirmos. Se eu pudesse adivinhar, diria que ele está preso no SUV.

Coloquei a mão no volante. Estou prestes a dirigir de forma mais agressiva e quem quer que eu bata levemente, eu bato. Antes de pisar no acelerador, a água pinga no para-brisa. Eu ouço *ping*.

Ping, ping.

Sinto o cheiro de chuva no metal e sinto o cascalho...

Merda.

Este é um volante. Um volante de couro. Agarro com mais força. Chateado pra caralho. De todas as vezes que isso poderia estar acontecendo, uma tempestade tem que rasgar o céu agora.

— Farrow — Maximoff chama, respirando com dificuldade devido à dor física. Ele vê a chuva cair em cascata no para-brisa.

— Lobinho... — Eu ouço o esmagamento do metal. Meu pulso dispara em uma respiração cortante. Lentamente, estendo a mão para o meu namorado, e sua mão está na minha. Eu trago sua grande palma para o meu rosto. Ele aperta com mais força.

Eu respiro, tentando reorientar meus sentidos. Minha mão envolve sua mandíbula, suave de um barbear rente. E eu pisco e só vejo seus duros olhos verde-floresta.

Ele está procurando o foco intenso em meus olhos. Tenho certeza de

que está vacilante.

Os *flashes* das câmeras ainda nos sombreiam. Uma percepção profunda: não consigo dirigir Maximoff em segurança.

Tudo o que quero fazer é nos levar para outro lugar, qualquer lugar, e tenho certeza de que Maximoff gostaria de poder fazer o mesmo.

Com outra respiração, tomo as limitações que me são dadas e vou trabalhar com elas. Meu batimento cardíaco é uma montanha-russa rochosa, subindo e descendo em rápida sucessão. — Aqui está o que vai acontecer — Sussurro para Maximoff. — Vou subir no banco de trás...

— Eu vou contigo.

Eu quase sorrio. — Esse é o plano. — Eu desabotoo meu cinto de segurança. — Você vai precisar chamar a segurança. Diga a Bruno que ele tem que dirigir.

— Eu vou.

Antes de ir a qualquer lugar, eu me concentro em sua dor. Eu puxo sua gola redonda para verificar seus trapézios. O músculo está inflamado e inchado. Ele precisa de gelo.

A mão de Maximoff desce até meu pescoço e, enquanto ele disca para a segurança, ele continua a procurar meus olhos.

Farrow Keene

— *NÃO HÁ COMO equilibrar isso a seu favor* — disse nossa publicitária por telefone. Viva-voz ligado, eu a ouço falar com Maximoff. — *Parece ruim. Vai continuar com uma aparência ruim. Você deveria ter pensado nas repercussões antes de pegar um voo à meia-noite para uma vila particular em Mykonos.*

Eu passo a mão pelo meu cabelo tingido de branco, e Maximoff troca um olhar irritado comigo. Kendra não é uma das minhas pessoas favoritas, e por mais que estejamos em uma gota d'água com ela, ela está definitivamente na última gota conosco. Na maioria dos casos, optamos por receber a reação da mídia, cada golpe, em vez de nos desviarmos dela.

E a lama jogada em mim arde um pouco dessa vez.

**FARROW KEENE ABANDONOU SUA RESIDÊNCIA PARA
PASSAR FÉRIAS COM A FAMÍLIA HALE NO TAITI**

A manchete tendenciosa não está nem perto da verdade.

Sombreado sob as pérgulas, Maximoff senta-se rigidamente na banqueta de vime, o vento frio chicoteando seu cabelo castanho-escuro. Corto um abacaxi no balcão do bar atrás dele. Nossas vistas da vila são azuis sem fim, o Mar Egeu sereno e de tirar o fôlego, contrastando com a tempestade de merda dos paparazzi que deixamos nos Estados Unidos.

Maximoff leva o telefone aos lábios. — Kendra — diz ele. —, você não precisa inventar uma manifestação sobre o significado do universo. Basta enviar um comunicado à imprensa e explicar que Farrow teve que sair porque era uma distração no hospital. Só isso.

— *Não vai ajudar* — diz Kendra. —, *mas eu vou fazer isso*. — Ela desliga abruptamente.

— Isso foi rude. — Mordo uma fatia de abacaxi enjoativa. — Da parte dela, não sua. — Eu lambo meu polegar.

Maximoff observa meus movimentos suaves. — Não posso culpá-la. — Ele coloca o telefone no bar. — Este é o terceiro comunicado de imprensa em menos de duas semanas.

— É o trabalho dela — Indico, e roço seus músculos tensos. — Arrependido desta viagem? — Não o quero desejando ter ficado para trás. Eu adoraria nada mais do que Maximoff aproveitar cada momento dessas férias.

Ninguém mais está em nossa vila privada. Chegamos cinco dias antes do resto de sua família, e o plano é encontrá-los mais tarde em seu iate, navegando pelo Mediterrâneo.

Merda chique não se compara a estar com Maximoff. Apenas aqui. Agora, e eu quero dar a ele a fuga mais romântica que ele nunca teve antes. Por cinco dias, sem crianças correndo por aí, sem irmãos para se preocupar e sem colapsos que ele precisa limpar.

Todo aquele caos, que nós dois adoramos enfrentar juntos, virá depois.

— Não, não me arrependo — diz Maximoff com firmeza, levantando-se e balançando o braço direito lentamente como um pêndulo. Ele pode se alongar agora e fará isso cinquenta e cinco vezes por dia.

Contanto que ele não esteja dobrado de dor ou vomitando, estou do lado dele. Ele me pergunta: — Você?

Olho para o céu azul-bebê, inclinando a cabeça de um lado para o outro. — Nunca. — Como outra fatia de abacaxi e giro a faca entre os dedos, cravando a lâmina na tábua de cortar. Eu quase começo a rir com o quanto ele está olhando para os meus movimentos. — Você é muito fácil.

— Você é mais fácil do que eu — Ele contesta. — Eu vi você me

olhando.

Eu sorrio em uma risada real. Desde que chegamos na Grécia, apenas por cinco horas até agora, não fiz nenhum esforço para esconder minha atração por Maximoff.

Mesmo que o ego do lobinho pudesse ser derrubado alguns pinos. — Você é meu namorado.

Meu amor.

Ele se esforça para não sorrir, e suas sobrancelhas se juntam. — Eu poderia ser apenas uma invenção da sua imaginação. Talvez eu nem seja real. Talvez você não seja real.

Minhas sobrancelhas franzem com o piercing de barra. — Ele quer que sejamos imaginários juntos. — Sorrio ainda mais em sua careta, e dou-lhe uma olhada quente.

Sua sunga laranja-sol mostra o corte e a escultura de músculos magros e molda seus atributos. Mas é sua confiança inflexível que aumenta sua beleza, e há momentos em que o pego fechando os olhos e tomando banho de sol.

Quando ele está em paz, o mundo inteiro parece parado.

Eu dou a volta no bar, e seu olhar desliza pela tinta ao longo dos meus músculos. Meu calção preto acima do joelho, o tecido mais solto que sua sunga.

Rapidamente, seguro seu rosto com as duas mãos e seu peito se eleva em uma respiração inebriante. — Você parece muito real para mim, lobinho.

Suas mãos sobem pelo meu abdômen e ele olha para a piscina cristalina atrás de nós. Olhando de volta para mim, ele diz: — Sem paparazzi. Ninguém sabe que estamos na Grécia. É tudo privado.

Eu bebo no jeito que ele está olhando para mim. Como se eu fosse o único homem na Terra, a única pessoa que ele escolheria no começo e no fim. E eu lanço suas palavras em minha mente, descobrindo para onde ele está me

levando. — Você quer andar nu lá fora?

— Tipo isso — diz ele.

— Tipo isso? — Eu repito.

— Talvez.

— Seja mais claro.

Ele sorri. — Sim, eu quero.

Adoro uma boa surpresa, e Maximoff querer experimentar esse ato desinibido é uma surpresa para mim. Eu tiro minhas mãos dele, e toco o cóc do meu calção de banho.

Maximoff tenta me vencer nisso, baixando rapidamente sua sunga laranja. Ela sai dele em menos de um segundo. Nu ao ar livre. Com tanta confiança, você pensaria que ele faz isso toda segunda-feira.

— Esta é a primeira vez que você faz isso? — Pergunto para ter certeza, tirando meu calção.

Maximoff me observa. — Sim. Primeira vez.

E ele me escolheu para estar aqui para isso. E outra vez. Ele poderia ter escolhido qualquer pessoa no mundo inteiro, e quis a mim. Meu peito sobe. Esse sentimento nunca envelhece.

Maximoff de repente corre para a piscina e mergulha em um lindo arco perfeito. Mas ele enfia o braço direito no peito. Estou bem atrás dele, mergulhando na água fria.

Quando chego à superfície, nos encontramos. Nossas pernas entrelaçadas, gotas molhadas rolando em nossos rostos...

Ding-dong.

Esse ruído interrompe abruptamente o momento. Devem ser mensagens. Coloquei meu telefone no modo silencioso quando chegamos à vila, então não é meu.

— Responde essas? — Pergunto-lhe.

— Não. São apenas bate-papos em grupo familiares. — Ele nos guia

até o canto da piscina. — Eles provavelmente estão falando sobre esse artigo.
— Ele se inclina para me beijar...

Ding-dong. De novo. E de novo.

Maximoff vira a cabeça para trás em irritação e então olha com raiva para o telefone que vibra ao lado do prato de abacaxi. — Ignore — Ele me diz, a água batendo ao nosso redor enquanto nos movemos.

— Estou — digo. — Muito melhor do que você. — Minhas omoplatas atingem a borda de pedra, esta extremidade da piscina tem cerca de 2,5 metros de profundidade, e seguro sua bunda enquanto ele está contra meu peito.

Ele passa a mão pelo cabelo molhado. — Tenho certeza de que nem estou mais pensando nisso.

Mais barulho.

Agora *pings*.

Ele está se forçando a manter contato visual e não olhar para o telefone.

Meu sorriso se estende. — Quer a estrela dourada agora ou mais tarde?

— Nunca.

Isso foi um *nunca* firme. Por mais que eu goste de aticar sua irritação, prefiro treinar sua concentração nos barulhos e *pings* implacáveis, também em vários *bips*. A perturbação está realmente irritando Maximoff e não de um jeito bom.

No canto da piscina, eu me levanto para fora da água e me sento na borda de pedra. Enquanto eu me inclino para trás em minhas mãos, sua boca se abre.

Estou exposto, gotas de água escorrendo pelo meu corpo tatuado e o sol quente batendo na minha pele.

E eu pergunto a ele: — Qual é a minha tatuagem favorita? E se você

disser *nenhuma*, então vou pensar que você está fugindo.

Maximoff está olhando para o espaço. Chuto água nele.

Ele enxuga o rosto e aponta o dedo do meio para mim. — Estou pensando, idiota. Dê-me um século.

Eu rio. Prestes a brincar de volta, mas ele me distrai nadando mais perto.

Maximoff encaixa seu corpo entre minhas pernas abertas. E agarra meus dois joelhos tatuados, e então suas mãos sobem pelas minhas coxas. Descansando seus antebraços sobre elas, ele apoia seu peso em mim, usando meu corpo como apoio para que ele não tenha que pisar na água.

Nossos olhares cimentam.

Porra, Maximoff. Meus nervos estão quentes. — Precisa que eu repita a pergunta, lobinho? — Pergunto, a voz rouca.

— Não. Eu te ouvi. — Ele me devora inteiro. — Sua mais nova é minha favorita.

Eu amo que ele ama o lobo pirata. — Antes de conseguir essa, qual era a sua favorita?

Maximoff já tem o contexto e significado para minhas tatuagens. Ele me perguntou sobre elas, quando começamos a namorar. Não é uma longa história ou algo doloroso.

Quando criança, eu era obcecado por piratas da mesma forma que uma criança que cresce em um quarto decorado com borboletas adora borboletas. Só que eu não tinha um quarto temático.

Na minha mesa, eu tinha uma fotografia emoldurada do Halloween onde eu usava uma fantasia de pirata. Eu tinha dois anos. E minha mãe estava me segurando em seus braços.

Tatuado em meus dedos, *l.a.ç.o d.o.m.ar* é apenas uma brincadeira com nós de navegação e também sendo indomável. Não é tão profundo. E todas as caveiras, piratas, punhais, pardais, bússolas e navios são apenas

coisas que amei desde a infância até a adolescência e a idade adulta.

Observo seu olhar percorrer meu corpo com carícias afetuosas e desejosas. Sua respiração fica rasa e meus músculos se contraem. Eu tiro a mão da pedra molhada e deslizo meus dedos por seu cabelo castanho, empurrando as mechas molhadas para trás.

Ele diz: — Acho que minhas favoritas devem ser aquelas em que mais penso — Sua boca é quente contra o interior da minha coxa, os lábios traçando o contorno de um baú de tesouro tatuado.

Meu sangue lateja. — Em qual delas você sempre pensa? — As notificações soam alto, o barulho não acabou, mas por algum motivo, essa atrai seu olhar.

Eu tiro minha mão de sua cabeça e esfrego meu pau excitado — isso chama sua atenção. Ele está de volta para mim, sua respiração superficial, e ele arranca minha mão.

Ele coloca minha mão na nuca. E leva o meu eixo em seu punho. Meus músculos se contraem. *Porra.*

Porra. Sua agressão agita o sangue em minhas veias. Não estou surpreso que Maximoff saiba o que quer.

Eu empurro seu cabelo para trás novamente. — Responda-me antes de me chupar.

Ele puxa meu comprimento. — Quem disse que estou prestes a te chupar?

— Seus olhos — Brinco, minha respiração presa em meus pulmões. eu seguro as costas de sua cabeça mais apertado. — Maximoff...

— As asas em seu pescoço — Responde. — As espadas em sua garganta. Os pardais vermelhos em seu colar que voam entre os mastros dos navios. E a caveira pirata nas suas costelas. Essas em que penso, o tempo todo. — Ele abaixa a boca para o meu pau endurecido. Tomando-me entre seus lábios, *porra, sim.*

A pressão apertada em torno de mim, e meus músculos pegam fogo. Pele em chamas de mais do que o sol. Sua cabeça balança com o movimento de sua boca para cima e para baixo.

— Caralho — Resmungo. Meus pés flexionam na água da piscina.

Eu poderia olhar para a paisagem de tirar o fôlego. Eu poderia olhar para o horizonte azul e o céu mais claro e as vistas majestosas, mas não consigo desviar o olhar dele. De sua floresta verde que me penetra com amor e sexo e necessidade e desejo profundos da alma.

— Maximoff — Gemo.

Seus bíceps flexionam enquanto ele reajusta seu apoio em minhas coxas. Sento-me mais me ajeitando, olhando para ele de cima – o que ele não é o maior fã. Ele olha e aperta a mão ao redor da base do meu eixo. Porra. Ele empurra meu peito. Eu me inclino para trás, meu cotovelo na pedra molhada. Minhas veias latejam e, com a mão em sua cabeça, sinto-o subir e descer, subir e descer – a fricção é incrível pra caralho.

Eu me seguro, a excitação disparando. Eu aplico pressão na parte de trás de sua cabeça, empurrando sua boca mais para baixo. Meu pau atinge a parte de trás de sua garganta – *caralho*.

Eu pulso e apenas gozo. Duro.

Um gemido raspa minha garganta, lábios fechados enquanto cerro os dentes. *Porra*.

Minha cabeça quase cai para trás, meu batimento cardíaco empurrado em meu esôfago.

Maximoff engole meu esperma e, acariciando-me duas últimas vezes com a mão, sai da água com absoluta facilidade. E ele está sobre mim, os pés de cada lado das minhas coxas.

Eu olho para cima. A água escorre por seu corpo esculpido de nadador, e seu pau está alinhado com a minha boca. Droga. Meu peito afunda em uma respiração irregular.

Eu agarro sua bunda antes que ele tente colocar minha mão lá.

— Sem provocações — Ele comanda. — Apenas me tome em sua boca.

Reviro os olhos. Ele é mandão como o inferno, mas está sendo mais mandão do que o normal. Eu descubro o porquê em uma fração de segundo. Seus músculos se contraem e ele olha para o telefone tocando.

As interrupções externas o incomodam. — Você pode colocar no modo silencioso — Sugiro.

Ele me deixa e diz: — Vou desligar meu telefone.

Minhas sobrancelhas saltam. Ele raramente desliga o telefone. Porque significa que ele está transferindo a responsabilidade familiar para outro primo, outro irmão, alguém ao alcance que não seja ele. — Tem certeza, lobinho?

Ele está no bar e o toque termina de repente. — Positivo.

— Tem certeza de que devemos fazer isso?— Maximoff pergunta enquanto massageio seus deltoides com loção, nossas pernas emaranhadas com lençóis macios. Tenho cuidado com a cicatrização de seu ferimento, mas ele não está se referindo às minhas mãos.

Estamos na cama *king-size* da nossa vila. Cortinas brancas ondulam do dossel ao nosso redor, e rajadas de vento quente entram pela porta entreaberta que leva à piscina privativa e ao pátio. A porta da frente está trancada.

Maximoff está se referindo ao *laptop* que ele acabou de abrir sem nenhuma hesitação. Ele já digitou em um *site* pornô.

Agora, de repente, ele parou. — Quais são suas reservas? — Pergunto, massageando suavemente o músculo de suas costas.

Ele se vira para me encarar, fazendo com que minhas mãos caiam

dele. Algo o está consumindo, e quero chamar isso de medo, mas parece mais angústia. Isso enfia uma faca no meu estômago.

Estendo a mão e seguro a sua.

— Eu continuo pensando nos últimos três dias aqui... — Ele gesticula para sua cabeça. — Penso em como amei cada maldito segundo. Eu amo como acabamos de descansar ao sol, nadar, foder, comer e dormir, mas então eu penso, é ruim que eu ame isso? Eu deveria querer sair da vila.

Maximoff.

Eu tento não sorrir. — Mas você não quer — digo com naturalidade.

— Sim. — Ele examina meus lábios subindo, e deve ser contagioso porque ele começa a sorrir. — O quê?

Eu levanto minhas sobrancelhas para ele em uma onda. — Cara, eu não planejei nada romântico para você fora da vila, e você não planejou nada para mim por um motivo. E não tem nada a ver com paparazzi. Este não é um esconderijo insalubre de cinco dias do mundo. São cinco dias de férias antes de nos conectarmos com sua família.

Ele ouve atentamente.

— E você tem permissão para desligar o telefone. Isso não significa que você está bloqueando todo mundo para se afogar em um vício – não há vício aqui. — Eu estou supondo que esta é a origem de seus pensamentos perpétuos. Ele manteve seu telefone desligado por três dias. Não é algo que ele faz, e há culpa no ato, especialmente se ele está se divertindo.

E fizemos muito sexo na vila, mas foi saudável. Não é compulsivo, não é usado para esmagar a ansiedade. Veja, eu li sobre o vício em sexo para ele. Em tudo que pude encontrar.

Seu pequeno sorriso foi desaparecendo.

Ele precisa de mais; eu posso dar a ele mais. — Você não relaxa facilmente, mas tem estado extremamente relaxado nos últimos três dias. — Solto sua mão e aperto dois dedos juntos. — Você tem uma grande queda por

merdas comuns, e eu tenho uma coisa maior por fazer merdas comuns com você.

Café da manhã na cama, massagens, assistir filmes, deitar, nadar, tomar banho juntos, tudo isso poderia preencher seus dias intermináveis. E eu gostaria que eles preenchessem os meus também.

Seus olhos quase ficam vermelhos. — Repita isso.

Meu pulso bate forte. — Qual parte?

— Tudo.

Digo tudo de novo para ele.

Maximoff dá um lindo sorriso de merda quando termino. — Tudo bem. Eu quero fazer isso. — Ele se recosta na cabeceira de bétula, levando o *laptop* com ele. Eu sigo o exemplo, ombro a ombro, nossos tornozelos enganchando.

— Você escolhe o vídeo — Maximoff me diz, navegando em um conhecido *site* de pornografia *gay*.

— Que tal você escolher? — Estou definitivamente curioso sobre o que ele gravitar em torno, e tenho certeza de que ele sente o mesmo por mim.

— Não, obrigado. — Ele olha para o meu piercing labial.

Eu sorrio. — Parece que estamos parados. — *E você quer me beijar.*

Ele está tão impaciente que acaba rolando e clicando em um vídeo amador. Passo os olhos pelo título: Dois caras apaixonados fazem amor!

— Cale a boca — Ele me diz.

— Não disse nada. — Mas meu sorriso toca minhas bochechas e eu digo algo agora. — Não há nada de errado em querer fazer amor, lobinho, e para ser honesto aqui, eu diria que é uma preferência sua.

Ele vira a cabeça, as sobrancelhas franzidas para mim. Confuso.

Dói um pouco meu coração. — Já fizemos amor antes. — *Todo o tempo.*

— Mesmo? — Ele desliga o *laptop*. Deixa de lado. — Lembre-me,

Farrow.

Eu acaricio seu cabelo para trás, minha mão correndo por sua mandíbula, e nossas bocas batem juntas, nervos acendendo a quinhentos graus.

Nós tiramos nossas cuecas boxer e lutamos nos lençóis retorcidos, nos beijando pra caralho. Nós nos aproximamos quando nos viramos de lado, o peso dele sobre o ombro bom.

— *Caralho* — Maximoff geme depois que mordo seu pescoço. Chupo com mais força e então beijo sua mandíbula, seus lábios novamente, e sua língua hábil desliza sobre a minha.

Sangue fervendo, ele empurra para dentro de mim para uma fricção mais forte enquanto nossas bocas se fundem. Roçando sua pélvis contra a minha, meu pau endurece. Separo nossas bocas e dou tapinhas no colchão. Encontro uma garrafa de lubrificante. Meu peito pressiona firmemente contra o peito dele enquanto estamos de lado.

Nossos olhos colidem, e eu lubrifico meu comprimento. Com a voz rouca, digo a ele: — Vou gozar dentro de você, lobinho.

Ele balança seus quadris em mim, apertando minha bunda, e geme contra a curva do meu pescoço. — Foda-me agora, cara. — Ele acaricia seu próprio pênis. *Porra*. Eu o coloco mais no meu peito e levanto sua perna sobre minha cintura.

Mantendo meu braço sob seu joelho para que ele fique içado. — Olhe para mim — Sussurro.

Ele puxa a cabeça para trás, seus olhos se fundindo nos meus. Ele parece extasiado e no auge da excitação, e eu ainda nem entrei nele. Eu provoco seu buraco aberto com dois dedos. Seus músculos flexionam, sua respiração fica presa. Ele está se entregando a mim com muita confiança, amor e carinho. Ele amplifica um sentimento já visceral e primitivo que o conecta a mim. Isso me encharca com querosene e me incendeia.

Suor acumulado em nossa pele, eu movo meus dedos e alívio minha ereção nele. Devagar. — Respire — digo a Maximoff, nossos olhos se encontraram.

— Oh, *caralho* — Ele grunhe. A pressão aumenta ao redor do meu pau, seu aperto me oprimindo, e eu uso mais lubrificante antes de empurrar mais fundo.

— *Caralho*, Maximoff. — Meus músculos ficam tensos, e eu estou todo... totalmente... dentro dele. Eu balanço meus quadris e seguro a parte de trás de sua cabeça com o aperto mais protetor e seguro. Não deixando ir, nossas bocas a um fôlego, e nos olhamos sem piscar. Sentir cada porra e ver bem nos olhos do outro.

— Oh, *porra* — Ele geme, seus lábios abertos com ruídos guturais.

Minha mão se desloca para sua mandíbula, envolvendo seu rosto, segurando tão apertado quanto ele. Seus olhos quase rolam, quase desaparecem.

— *Farrow, Farrow*. — Ele agarra meus ombros como se estivesse caindo de uma montanha e eu fosse seu arreio.

Eu me reteso, um ruído áspero emaranhado em meus pulmões. Meu pulso martela na cavidade da minha garganta. — *Caralho* — Gemo —, lobinho.

A água escorre pelos cantos de seus olhos. O meu queima, e bem. Beijamo-nos nessa reta final. Nossos lábios abrem a boca um do outro em agressividade e desejo ardentes, e meus pulmões ardentes imploram por mais fôlego.

Eu balanço e balanço.

E ele pulsa em torno da minha ereção – eu gozo, minha mente girando e nossos corpos se contraem. Grunhidos, gemidos e xingamentos erguem-se no ar, e lenta, gradualmente, jorro meu clímax dentro dele. Bombeando mais algumas vezes, e meu abdômen brilha nele.

Eu solto seu rosto e acaricio seu pau para acabar com ele, gozo liso na palma da minha mão.

Sua cabeça pende para trás, aproveitando a porra do prazer.

Eu sorrio. E ainda não consigo parar de olhar, nem por um momento. Ele é o cara obstinado que vi em Harvard que precisava de mim por inteiro, e tive que esperar anos antes de poder dar tudo a ele.

Maximoff Hale

EU VOU PROPOR aqui. Essas férias de cinco dias com Farrow – Deus, são sem dúvida as mais românticas da minha vida. Eu tenho o anel. Só preciso esperar o momento perfeito.

De manhã cedo, descansamos na almofada de banho de sol em cuecas boxer, uma pérgula sombreada protegendo o sol nascente. Um café da manhã grego digno de foto é servido em uma laje de madeira: ovos assados em tomate, cebola, queijo feta, espinafre, junto com pão *koulouri* coberto com gergelim e dois copos de suco de laranja.

Conversamos por horas ontem à noite e adormecemos sob as estrelas. Nunca pensei muito em romance, mas estando com ele, penso nessas coisas. Todo o maldito tempo.

— Ela colocou um adesivo do *Time Marrow* em seu carro antes de sairmos — diz Farrow, colocando os ovos no garfo. Vejo seu sorriso divertido.

Como começamos a falar sobre os adesivos de para-choque da minha mãe e do Time Marrow e seu amor incondicional pelo nosso relacionamento, não tenho ideia.

Mas isso muda minha mente. — O que você acha do nome do nosso *ship*? — Pergunto a ele sério, pegando um copo de suco de laranja.

Farrow está mais relaxado de lado. Estou sentado ereto, mas de vez em quando, ele estende a mão e esfrega minhas costas ou passa os dedos pelo meu cabelo – e não consigo esconder a porra do meu sorriso.

Ele engole a comida e me diz: — Eu amo ‘Marrow’ porque você é obcecado por isso.

Faço uma pausa antes de tomar meu suco de laranja, franzindo as

sobrancelhas. — Por que você acha que estou obcecado com isso? — Eu não sou minha mãe. Não coloquei adesivos no meu carro, não comprei camisetas de *Marrow* ou enviei um bilhão de *tweets* professando meu amor eterno. Então, eu me pergunto por que ele chegou a essa conclusão.

E essa conclusão – não está errada.

Farrow olha para o sol nascente laranja e depois para mim. — Sempre que alguém menciona o nome, você olha para longe um pouco e depois começa a sorrir. Achei que significava algo para você... — Ele me olha como se adorasse saber o que se passava dentro do meu cérebro naqueles momentos.

Eu concordo. — Significa algo para mim. — Eu tomo um gole de suco de laranja, frutas cítricas frescas descendo pela minha garganta. — Você deu uma passada no ‘Walden’, de Thoreau?

— Passada? — Ele repete revirando os olhos. Seus lábios se curvam. — Não, espertinho. Eu não dei uma passada nisso.

Eu seguro o copo frio em minha mão e seguro seu olhar enquanto cito: — *‘Eu queria viver profundamente e sugar toda a medula da vida, viver de forma tão robusta e espartana a ponto de acabar com tudo o que era não a vida.’* Eu penso em toda essa passagem toda vez que alguém fala *Marrow*.

Farrow parece apaixonado. — Prossiga.

Tento explicar com minhas próprias palavras e faço um gesto para o peito dele. — Está em seus ossos; é o que te mantém vivo. A base do seu corpo. Para sugar toda a medula da vida... Penso em como Thoreau foi para a floresta e despojou a vida até o mínimo necessário. Para saber do que é mesmo feita a vida, a sensação da água escorrendo entre os dedos, o copo gelado na minha mão, o vento que farfalha nos seus malditos cabelos. E penso em como sinto essas coisas básicas todos os dias com você. Viver a vida em seu nível mais essencial para viver plenamente.

Farrow está com a mão na boca, oprimido, seus olhos incapazes de

desviar dos meus olhos.

Eu acrescento: — E *Marrow* começa com a letra do meu nome.

Mão caindo, ele sorri insuportavelmente largo. — Isso é o que você diz a si mesmo, já que meu nome ocupa cinco das seis letras.

Eu mostro o dedo médio para ele, mas não posso fazer uma careta nem se eu tentasse. Eu sorrio em outro gole de suco de laranja – e penso, *é agora*. Posso ir na minha mala dentro da vila, pegar o anel.

E então a campainha toca.

Nossas cabeças se voltam, mas não podemos ver a entrada da frente do pátio privado. Olhamos um para o outro e eu digo: — Pode ser a dona da vila — Mas ambos sabemos que a proprietária disse que não entraria em contato conosco durante a nossa estadia.

Farrow coloca o garfo de volta na laje de madeira e ele se senta. — Vou ligar para a dona e ver se é ela.

Encontro seu telefone embaixo de uma almofada decorativa azul-clara. A tela está iluminada com notificações de mensagem, e eu pego o nome antes de jogá-lo para ele. — Quem é Jordan?

Ele fecha os olhos em um ataque de aborrecimento, desprezo por Jordan invadindo suas feições. — Foda-se esse cara. — Ele exala uma respiração afiada antes de me dizer: — Ele era um residente do segundo ano e odiava tudo sobre mim. Ele deve ter conseguido meu número com Shaw.

— Foi na primeira vez que você trabalhou no hospital ou na segunda?

Pergunto enquanto ele abre as mensagens.

— Segunda vez. — Seu nariz se dilata enquanto ele repassa as mensagens. Esse tal de Jordan sabia onde golpear Farrow porque é um golpe direto. Ele range os dentes e passa a mão pelo cabelo. Várias vezes. — Ele me enviou printes de *tweets*.

Eu envolvo meu braço em seus ombros, os músculos enrijecidos. Pronto para a sobrevivência. Mas meu estômago está dando um nó. Antes que

eu peça para ver, ele segura o telefone e me mostra as capturas de tela.

#FarrowKeene, você é um médico de merda.

#FarrowKeene não é certificado pelo Conselho. Não pode nem praticar em um hospital. Eu não entendo por que os Hales ainda o contratariam... oh, espere...

Vamos lá, pessoal! #FarrowKeene é provavelmente um ótimo médico. Mas ainda não consigo acreditar que Hales, Meadows e Cobalts escolheriam alguém que não é certificado pelo Conselho. Não parece com eles. #Elessãomelhoresqueisso

Não engoli toda essa desculpa de “ele era uma distração no hospital”. #FarrowKeene

#FarrowKeene admita que você prefere apenas ajudar pessoas famosas em um trabalho luxuoso do que fazer o que qualquer outro médico tem que fazer e passar pelo cansativo processo de residência. Você não pôde se esforçar ou não quis. Apenas diga isso e pronto.

Meus olhos se estreitam na tela do telefone. — Fodam-se eles — digo. Farrow não é o único médico que pratica sem ser certificado pelo Conselho. Há muitos fazendo um bom trabalho em clínicas, consultórios particulares e hospitais que não exigem isso.

Farrow apaga as mensagens e bloqueia o número. — Não estou tão irritado com os *tweets* quanto com o maldito idiota que se deu ao trabalho de enviá-los para mim... — Ele para de falar, a campainha tocando uma segunda vez. Seguido de batida.

Esquecemo-nos das mensagens e focamo-nos nesta questão. Com mais urgência, Farrow disca o número da proprietária, com o telefone no ouvido.

Eu me levanto da almofada de banho de sol e vou para o quarto arejado. Luz natural fluindo para dentro. Por ficar aqui o dia todo, a noite toda, a vila é bem limpa. Cama feita, roupas nas gavetas e toalhas molhadas secando em ganchos.

Jogo para trás meu cabelo varrido pelo vento e visto uma calça de moletom cinza.

Minha mala à prova de intempéries está desfeita ao lado de uma cômoda de bétula. Quase consigo imaginar a caixa preta quadrada de anel no bolso da frente – e então a campainha toca.

De novo.

Quase incessantemente.

Não é a dona. Minha cabeça desvia quando Farrow corre para o quarto.

— A dona não está aqui — Ele diz rapidamente, colocando uma calça *jogger* preta, elástico na cintura, e meu cérebro está rodando.

Tenho certeza de que há um desastre natural do outro lado daquela porta e, penso, minha família. Minha família.

Minha família.

Minha maldita família. Estou rígido, mergulhado no modo de crise, e pego meu telefone carregado da cômoda. Eu ligo. — Minha família teria ligado para você se não conseguissem falar comigo? — Pergunto-lhe.

Farrow ergue as sobrancelhas para mim. — Cem por cento. Não são eles, lobinho.

Batida retorna, soando mais impaciente desta vez.

Entendo que minha família foi instruída a não vir aqui, mas sempre há um asterisco que diz: *a menos que haja uma emergência extrema*. Se eles

estivessem com problemas e precisassem de mim, gostaria que interrompessem tudo. Como um aniversário, uma lua de mel, uma porra de um foguete para Marte.

Não tenho tempo para vasculhar as centenas de mensagens de bate-papo em grupo perdidas. Porque a campanha toca de novo.

Farrow se inclina sobre a cômoda. — Vou chamar a segurança. — Sua mandíbula aperta, irritado sem rádio, que seria mais rápido.

— Talvez a mídia saiba que não estamos no Taiti e nossa localização vazou. — Já sei que é improvável antes de Farrow me dizer.

— Estaria em todos os noticiários. — E não está.

Após a enésima campanha tocar e bater com urgência, começo a caminhar pelo corredor estreito. Em direção a uma porta azul-celeste com uma placa em grego que diz bem-vindo.

Farrow corre para me pegar, seus dedos tatuados na minha cintura. Puxando de volta. — Espere, lobinho. — Ele me dá um olhar duro que diz *não vamos fazer essa merda de novo*.

De novo.

Nate.

Meu *stalker*.

— É por isso que ele é excessivamente cauteloso. Porque ele mesmo não bombardeou a porta da frente. E posso vê-lo corroendo-o, tendo que se agarrar a um celular em vez de uma arma.

Eu fico como se estivesse pronto para qualquer inferno que exista do outro lado. Uma guerra, um furacão, eu aguento. — Bruno está a pelo menos quinze minutos de distância. Se é a minha família, preciso responder agora.

Farrow fala ao telefone enquanto olha diretamente para mim. Seu olhar diz: *estou com você; não vá sozinho*. — Estamos bem. Alguém está na porta — Ele diz à segurança. — Gostaríamos apenas de alguns caras aqui. Sim, obrigado. — Ele desliga e acena para a porta. — Eu vou primeiro.

Ele já está passando por mim, seu passo longo e rápido. Eu estou bem ao lado dele.

— Fique atrás de mim — Instrui Farrow.

Não o lembro de que ele não é meu guarda-costas. Ele ainda tem a experiência de treinar e estar de plantão por anos. Mas colocar Farrow em perigo nunca foi tão fácil quanto me colocar em perigo. Ele diria exatamente o mesmo.

Então, eu não deslizo atrás dele. Eu fico ao lado dele. Ele não tem tempo para ligar pela minha teimosia, outro punho bate na porta.

Farrow põe a mão na maçaneta. — Quem é?! — Ele grita, sua voz comandando e ameaçando ao mesmo tempo. Meu pulso bate forte.

O silêncio toma conta do outro lado, e isso... sim, isso faz meu sangue gelar.

Farrow sussurra para mim: — Afaste-se. Não estou mais brincando.

Eu brilho. — Você nem tem uma lata de *spray* de pimenta. — Pego minha faca no tornozelo – não tenho uma porra de uma faca tática comigo.

Ou um canivete. Eu me sinto mais despreparado. E nem tenho certeza do que deveria estar me preparando.

Farrow estende o braço sobre meu peito. Mantendo-me um ou dois pés atrás dele. — Eu não preciso de uma arma — Ele sussurra. — Você está seguro; estarei seguro. Apenas fique atrás. Ou esta porta fica fechada até Bruno chegar. E sei que nenhum de nós vai gostar disso.

Eu me seguro na parte em que ele diz que estará seguro. Tudo bem.

Tudo bem.

Eu não avanço. Quando ele abre a porta, Farrow tem a visão. Vejo apenas a madeira pintada de azul celeste, que bloqueia a pessoa da minha visão.

Observo a expressão do meu namorado mudar de proteção territorial para raiva total. Ele tenta fechar a porta na cara deles.

Essa pessoa enfia o pé na fenda. Um belo mocassim de couro abre a porta.

— Mova seu pé filho da puta — Farrow zomba. — Ou eu vou quebrá-lo.

— Eu tenho fotos!

O quê.

O sangue escorre da minha cabeça. E não reconheço aquela voz masculina urgente. Farrow reconhece, porém, e ele está a um segundo de empurrar seu peso na porta e quebrar o pé daquele cara.

— Fotos nudes! — O cara grita. — De vocês dois!

Besteira.

Não tem jeito.

Não tem como, penso várias vezes. Começo a estratificar meu comportamento, minhas feições, com tijolo e tijolo, argamassando para a tempestade que está por vir. — Farrow —digo, a voz presa. Eu tenho que ver esse cara. Não posso mais ficar no escuro.

Farrow sabe.

É por isso que ele não discute. Ele apenas abre mais a porta para me permitir uma visão melhor. Mas ele preenche a porta com seu corpo de um metro e noventa e um corpo musculoso de MMA. Quem estiver do outro lado teria que passar por Farrow para me alcançar.

Cinco pessoas.

Cinco pessoas estão do lado de fora de nossa vila, ciprestes ajardinando o jardim privado da frente e uma vaga de estacionamento de seis. A proporção ressoa em meu cérebro: cinco para dois.

Estamos em menor número.

Dois homens mais robustos na parte de trás carregam câmeras volumosas, e dois caras mais altos têm mochilas pretas penduradas no peito. Equipamento de iluminação de algum tipo.

Mas o cara de vinte e poucos anos na frente, vestindo um terno azul-bebê e lenço de bolso amarelo, rouba a maior parte da minha atenção. Eu me concentro em seu cabelo castanho-acinzentado, um corpo de zagueiro e olhos de bronze.

A familiaridade se insinua em mim, mas não consigo identificá-lo. A imagem está perdida nas teias de aranha do meu cérebro.

Quem é você?

Meu namorado bate no batente da porta com os nós dos dedos brancos, a um segundo de fechá-la com força. — Você está cheio de merda — Farrow zomba. — Tire sua equipe de filmagem de nossos degraus da frente. Isso é propriedade privada.

O cara de olhos de bronze o ignora. — Maximoff — Ele diz rapidamente. — Não fomos devidamente apresentados. Eu sou Ace Steel...

— *O quê?* — Eu solto acaloradamente. *Porra, Cristo.*

Esta é a estrela pornô. Eu me pergunto quanto a empresa está pagando para ele estar aqui. Para tentar me convencer a trabalhar para eles.

Ele começa de novo. — Eu...

— Não — Interrompo. — O que você quiser de mim, não. — A raiva me corrói, tentando dominar e destruir antes que eu seja destruído. Eu respiro e me viro para o meu namorado. — Farrow. — Eu quero que ele feche a porta. Seus instintos anteriores estavam certos. Tira esse cara de merda daqui.

— Vou vazar os nudes! — Ace grita antes que Farrow possa fazer qualquer coisa.

Ele não está falando sério.

Eu exijo e Farrow realmente me impede de bombardear a porta, seu braço em meu peito.

— Você está me chantageando? — Eu rosno. — Na minha cara?!

— Não é chantagem. — Ace olha cautelosamente para os quatro homens ao seu redor, então de volta para mim — Eu só quero conversar. Dê-

me cinco minutos. Você entende o que eu tive que passar para ficar cara a cara com você?

Sim... ele teve que oferecer dois milhões de dólares por mim em um leilão, e mesmo assim não conseguiu esse tempo comigo. Não quero nem saber o que ele fez para nos localizar aqui.

Eu não quero saber.

Não quero me sentir ainda mais violado do que estou agora.

— Você não tem nudes — digo como se fosse um fato real. Tem que ser. Qualquer outra coisa parece errada.

Farrow estendeu a mão para trás e passou um braço em volta da minha cintura, enquanto olhava para frente e mantinha o foco em Ace. Ele está tentando me proteger, mas quero levantar nossos exércitos para ele. Eu quero rasgar esse cara em pedaços de merda.

— Eu as tenho. — Ace olha fixamente para mim sem piscar.

Ele está blefando. — Você pelo menos entende as ramificações legais de você está admitindo isso agora? — Eu pergunto, estupefato. — Eu vou acabar com você.

Os Hales cavaram sepulturas por transgressões mais fracas do que ele está confessando. Meu pai, meu avô, arruinaram inúmeros homens.

Eu posso arruiná-lo.

Mas não tenho certeza se isso apagaria esse sentimento rastejante que tenta abrir caminho dentro de mim.

— Eu não tirei as fotos — Ace esclarece. — Foi um drone.

Um drone. Eu não vi nenhum no ar. Nem Farrow, que está vigilante sobre essas coisas. Perdemos isso e geralmente somos cuidadosos. Pensamos em tudo, mas naquele momento em que ambos queríamos nos sentir livres...

Foi um risco.

Acho que nós dois sabíamos que era.

Ace desabotoa o paletó, quente e desconfortável. — Mas eu tenho as

fotos.

— Então mostre-nos — Farrow diz friamente.

Ace pega seu telefone e mostra uma foto.

Vejo Farrow me beijando no solário, sua bunda completamente exposta, mas eu estou coberto, pressionado pelo seu corpo. Ace desliza para cima. A próxima foto é só minha. Caminhando em direção à piscina.

É frontal completo.

Farrow acerta o rosto de Ace com força habilidosa e enfurecida, uma enorme quantidade de poder indo para aquele único golpe. E eu ouço um estalo doentio em sua bochecha, e a estrela pornô cai na varanda de pedra.

Meu pulso bate – eu estava prestes a atacar Ace, mas Farrow foi na frente e agora que está feito, tudo que eu quero fazer é tirar essa maldita equipe de filmagem daqui.

— Saia — Rosno para eles enquanto Ace fica no chão, gemendo de dor.

Um cara de aparência hipster com um bigode de guidão estende a mão. — Espere, só queremos vazar algumas dessas fotos com sua permissão. Podemos até escolher as mais leves para você.

— O quê? — Respiro com dificuldade, confusa pra caralho.

Farrow segura a borda da porta. A segundos de esmagá-lo na cara deles.

— Vocês dois aparecem na imprensa — Explica ele. — Isso aumentará seus seguidores nas mídias sociais e, em troca, você deixará algumas dicas em uma ou duas *lives* no *Instagram* sobre Sensual Flixxxx. Como é o seu *site* favorito. É um bom marketing e uma vitória para todos nós. Que diabos...

— Dê o fora — diz Farrow com os dentes cerrados —, ou você vai se juntar ao seu amigo na porra do chão...

— Poderíamos filmar uma cena de beijo casto — Acrescenta ele

rapidamente, dando um passo para trás. Com medo de Farrow. — Sem sexo ou penetração. Nós temos a equipe aqui. Poderíamos fazer isso agora. Pagaremos a você vinte milhões. — Seu olhar se desvia para Farrow com a conversa sobre dinheiro. Como se ele soubesse que seria seu incentivo.

Foda-se ele.

Foda-se isso.

Farrow solta a porta, prestes a desferir outro nocaute. Mas coloco a mão em seu ombro, impedindo-o de começar uma luta prolongada com cinco homens. Fazendo o que ele faria por mim.

E então um SUV para no caminho de seixos. Nós dois ficamos parados.

— Não é uma oferta ruim — O hipster nos diz, mas estamos olhando para trás. — Outras celebridades teriam aceitado.

— Redford! — Oscar grita do carro. Seus cabelos cacheados balançam ao vento. Ele é o único cara aqui da ESO. Bruno e o resto do ESA entram e fecham em torno da equipe de filmagem.

— Confisquem os telefones deles — Farrow diz ao segurança antes que as palavras saiam da minha boca, e vejo seis guarda-costas descerem sobre os invasores para nos proteger.

— Estamos indo embora — Ace engasga, levantando-se. A mão no rosto. — Estamos saindo.

— Você não vai embora — Farrow zomba. — Eu já te dei essa chance. Agora você vai ficar até nós... eles vasculharem seu equipamento.

— E então vamos apresentar queixa — digo, minha voz afetada.

Eu não sei o que sinto. Grato por o frontal completo ser meu e não dele. Eu sei que sinto isso.

Farrow chuta a porta para fechá-la, e ela se fecha com um baque alto. Recuo alguns metros e, assim que ele se vira para mim, nos agarramos. Nossos braços deslizam em volta dos ombros um do outro.

Peito a peito, nós apertamos o abraço, e seu pulso forte bate contra o meu. Estamos bem.

Sua mão aquece meu pescoço. — Maximoff — Ele sussurra. E para aí.

Porque ele sabe. Como eu sei.

Há uma chance tão pequena de que essas fotos não vazem. Não sei quem mais tem, e se foram espertos já teriam enviado as fotos para os chefes. Depois que uma foto é tirada, a linha entre um vazamento e a privacidade é muito tênue.

Só posso esperar que meus advogados sejam rápidos o suficiente para abrirem processo e pararem tudo. Que eles obtenham as fotos antes que tudo fique fora de controle.

E a última coisa que penso, não posso propor hoje. De alguma forma, isso dói mais.

Maximoff Hale

ESTAR COM A família deveria ter aliviado o que aconteceu na vila, mas ontem à noite embarcamos no mega iate no Mediterrâneo; e com vinte e sete membros da família no navio, estou sentindo o calor dos sussurros de quase todos e da simpatia silenciosa.

É pesado.

E não o que eu queria trazer para as férias em família. No convés principal, elegantes almofadas e sofás brancos se agrupam em torno de uma piscina de um metro e meio de profundidade. Para me refrescar na água, coloco os cotovelos para fora da piscina sobre uma toalha.

Meu polegar marca o lugar em um livro: *Ética a Nicômaco*, de Aristóteles, mas eu foco meus olhos para a frente. Onde uma saliência sombreia uma mesa circular com quatorze cadeiras macias, e logo atrás dessa área de estar, portas de vidro deslizantes levam ao salão principal.

A ESO tinha um debate sobre a pronúncia de *saloon*, mas Oscar o encerrou rapidamente e informou a todos que se pronuncia *salon*.

Tenho uma boa visão dentro daquele salão e vejo Farrow lado a lado com o Dr. Rowin Hart. Ambos tratam queimaduras solares graves. Bolhas vermelhas de fogo estão enrugadas nos ombros e braços de Winona. Ben parece pior, as pernas vermelho-bombeiro inchadas como troncos. Ambos usaram algum tipo de filtro solar orgânico falsificado, e não funcionou.

Rowin limpa uma bolha estourada e Farrow tenta manter a febre de Ben baixa. Observo enquanto Rowin diz algo para meu namorado.

Mas estou fora do alcance da voz. Percebo Farrow revirando os olhos e respondendo de volta. Ele tira as luvas.

Você não sabe o quanto eu não gosto de Rowin Hart. Eu não o

colocaria na categoria de Voldemort, mas minha aversão pelo ex-namorado de Farrow tem aumentado. Especialmente agora que Farrow está oficialmente na equipe médica *com* Rowin.

Esses sentimentos que sinto – não é ciúme.

É medo.

Rowin não está desejando meu namorado. É claro que ele despreza Farrow, e vejo aquela dor emocional crua brilhar nos olhos de Rowin toda vez que conversa com ele. Isso me deixa nervoso. Em guarda.

Depois de toda a merda que Farrow e eu passamos, não posso deixar seu ex machucá-lo. Física, verbalmente, todas as merdas acima.

— Feliz Aniversário, Moffy. — A voz suave do meu tio desvia meu olhar de Rowin.

Connor se eleva acima de mim em um calção de banho azul-marinho, sua postura e estatura divinas. Meu pai brinca sobre como o tio Connor é imortal, já que ele só parece melhor com a idade.

— Obrigado — digo a ele.

Hoje é 13 de julho e agora tenho 23 anos. Se eu pensar muito sobre isso, cairei em algum tipo de estupor filosófico. Então, eu tento não.

E acho que deve haver algo mais que meu tio deseja. Connor poderia simplesmente ter gritado parabéns do outro lado do convés do iate, como metade da minha família já fez. O que tem sido uma boa distração. De verdade. Toda vez que começo a pensar nas besteiras externas, alguém grita *parabéns, Moffy!* e me traz de volta à vida real. Para bem aqui. Agora mesmo.

Connor se agacha para que fiquemos mais no nível dos olhos. — Os advogados acabaram de me ligar — diz ele. — Eles impediram que a maioria das fotos vazasse. Tudo o que existe é uma foto, e será isso. — Seus profundos olhos azuis suavizam com poderes calmantes. — Eu sinto muito.

A única foto.

Era o meu frontal completo. Mas no que está circulando, minha

virilha estava borrada e, pelo que sei, ninguém conseguiu encontrar a imagem sem censura.

Eu deveria estar feliz que o mundo não tenha visto meu pau. Mas, sinceramente, odeio que uma empresa faminta por dinheiro tenha manchado uma das melhores semanas da minha vida.

Então não, eu não estou muito feliz.

Mas também reconheço que estou falando com um homem que passou por coisas muito piores. — Obrigado pela ajuda — digo ao meu tio. — Acho que deveria estar feliz por não ter sido pior.

— Uma violação da privacidade é uma violação — diz tio Connor. — Não importa a gravidade. Não há problema em ficar chateado, mesmo na minha frente.

Quando ele tinha vinte e poucos anos, vídeos sexuais dele e de sua futura esposa foram gravados e divulgados ilegalmente. E, Cristo, eu simplesmente não consigo imaginar esse tipo de invasão. Se Farrow e eu tivéssemos sido filmados e isso vazasse, eu ficaria *arrasado*. É por isso que nossas famílias se sentem incomodadas com as empresas pornográficas. — Não estou chateado, estou puto — digo a Connor. — Tipo, realmente puto da vida. — Passo a mão pelo meu cabelo molhado. — Mas eu não quero falar sobre isso. Eu só... quero esquecer isso.

Tio Connor assente com a cabeça, compreendendo. — Se você mudar de ideia — Ele se levanta —, estou sempre aqui.

Agradeço-lhe novamente e ele sai em direção ao salão. Tom e Eliot, de dezoito anos, saltam de trás do minibar, tentando assustá-lo, e seu pai apenas pisca para eles. Imperturbável.

Tento localizar Farrow pelas portas de vidro. Mas eu não o vejo. De repente, a água espirra atrás de mim. Molhando meu livro.

Sinto suas mãos em minha cintura e seu queixo em meu ombro. Seu peito pressiona contra minhas costas e eu tento conter um sorriso.

Mas eu falho assim que ele coloca um beijo na lateral do meu pescoço. — Você está tenso, lobinho — Ele respira, massageando meus músculos com a palma da mão. *Maldito*.

Minha cintura bate na parede da piscina, meu sangue quente. Esticando minha cabeça por cima do ombro, eu pego a diversão em seus olhos. Seu cabelo branco parece mais escuro molhado, e gotas de água rolam pela barba por fazer em sua mandíbula e asas pintadas em seu pescoço.

Seu piercing de barra sobe para mim com suas sobrancelhas castanhas. Mas seu sorriso desaparece rapidamente. — O que há de errado? — Ele pergunta.

— Você e Rowin.

Ele se encolhe, mas não abaixa as mãos. — Não é minha frase favorita. Vamos realmente removê-la do seu léxico.

— Vocês trabalham juntos — Eu o lembro. — Você vai estar perto dele, e meu nível de confiança com estranhos caiu para o infinito negativo.

Ele assente com a cabeça lentamente, e suas mãos fazem sua mágica em meus trapézios, gentilmente em meu ombro machucado. O que quer que ele esteja fazendo parece bom demais.

Eu acrescento: — Você não deveria estar perto de alguém que deixou claro que literalmente te odeia. Não é apenas um ambiente de trabalho tóxico, mas, Cristo, ele pode te machucar. — Eu tenho mais a dizer. Então, eu abandono meu livro.

E eu me viro completamente. De frente para ele agora, suas mãos caem das minhas costas e agarram minha cintura debaixo d'água.

— Eu não confio nele — Continuo enquanto Farrow nunca quebra o contato visual. — Eu sei que se eu for até meus pais e pedir para ele ser demitido, vai parecer que sou um namorado ciumento. Mas depois da vila, depois que você foi *doxxed*, não posso ver você dividindo espaço com aquele

cara.

Farrow espera que eu termine, ainda indiferente. Como se eu tivesse acabado de anunciar a previsão do tempo. — Acabou?

Acrescento uma última coisa: — Mas, se você for totalmente contra, tentarei não fazer qualquer coisa. — *Vai ser difícil.*

— OK, trabalhar com Rowin é, no máximo, irritante — diz Farrow. — Ele não vai me matar e me jogar ao mar. Além disso, sou mais forte do que ele.

— Ótimo — digo secamente.

Ele sorri. — Mas se isso é algo que você precisa fazer, estou contigo. Sempre.

Isso é bom.

Eu assinto algumas vezes. — Depois desta viagem, vou fazer acontecer. — Fazer Rowin ser demitido enquanto ele está de férias na Grécia parece insensível por algum motivo.

Minha voz desaparece quando um dos meus primos mais novos corre pelo convés, passando por nós e gritando: — Feliz aniversário, Moffy!

Isso me traz de volta a esta manhã. Quando Farrow me deu meu presente de aniversário. Ele se abaixou na minha frente e enrolou a bainha da minha calça de cordão. Revelando o coldre preso ao meu tornozelo.

E Farrow puxou minha faca tática.

Quando ele se levantou, disse: — Seu presente está no seu tornozelo.

Não entendi até pegar meu tornozelo e perceber que ele enfiou uma nova faca no coldre. Uma que ele comprou em Mykonos. O punho de madeira é esculpido em padrões intrincados.

Ele sabia que eu adorei. E eu não escondia o fato. Acabei beijando meu namorado pra caralho. E a entrega do presente mexeu comigo tanto quanto a própria faca. Sem papel de embrulho ou saco.

Os movimentos de Farrow Redford Keene estavam por toda parte

naquele presente de aniversário. Meu cérebro *ama* isso até a morte. Repasso a maneira como ele se abaixou e sorriu para mim repetidamente.

— Maximoff. — Farrow espirra água no meu peito.

Eu acordo de um leve devaneio, mas ele não está me provocando sobre isso.

Sigo seu olhar ultra concentrado pelo convés principal.

Porra, Cristo, não.

Cabelos grisalhos presos em um coque, colar de pérolas em volta de um pescoço enrugado e um daiquiri de morango na mão – nada de bom pode vir de conversar com minha avó Calloway.

Ela brinca de favoritizar com suas quatro filhas. E essa hierarquia afeta diretamente a mim, meus irmãos e meus primos. Eu vou te dar o detalhamento.

1. Rose Calloway – mãe de Jane
2. Poppy Calloway
3. Daisy Calloway – mãe de Sullivan
4. Lily Calloway – minha mãe é a última. Sempre.

Antes de fazer contato visual com a vovó Calloway, tenho uma ideia bem infantil. Mas se você conhecesse minha avó como eu a conheço, faria o mesmo.

Digo a Farrow: — Abaixе. Agora. Prenda a respiração. — Rapidamente, eu mergulho na água, evitando alguém que deveria ser evitado. A todo custo.

Levo um segundo sólido para perceber que Farrow não vai descer comigo.

Farrow Keene

SIM, NÃO VOU me esconder da avó dele.

Ela é a definição de um morcego velho rabugento, e o que ela quiser dizer, ela pode dizer na minha cara.

Vovó Calloway se aproxima e para a poucos metros da beira da piscina. Cuidado para não molhar as sandálias cheias de joias. Seus dedos ossudos roçam as pérolas em seu pescoço. — Você viu meu neto? — Ela me pergunta.

— Ele está por aqui em algum lugar — digo casualmente. Maximoff pode ser um nadador, mas não conseguirá prender a respiração para sempre.

Ela franze os lábios, examinando minhas tatuagens e meus piercings na testa, lábio, nariz e mamilo, tudo com julgamento visível. Nada que eu não tenha visto antes.

— Você precisa de algo? — Pergunto em um tom descontraído. — Talvez eu possa ajudar.

Seus dedos param em seu decote, e ela encontra meu olhar. — Eu acho que você já fez o suficiente.

Solto uma risada curta. *Pelo amor de Deus*. Deveria ter esperado isso. Mas estou um pouco chocado que ela teve a coragem de dizer isso diretamente na minha cara.

— Sinceramente, não sei a que você está se referindo.

Maximoff está puxando meu calção de banho para debaixo d'água. Querendo que eu mergulhe. Eu tenho que segurar o cós para que ele não o puxe. E, foda-se, estou sorrindo.

Vovó Calloway instantaneamente vê minha diversão como uma afronta. Ela se arrepia, os lábios mais comprimidos do que antes. — Meu neto

tinha uma brilhante carreira filantrópica pela frente, e então você apareceu. Sua vida teria sido melhor servida com um...

Ela vacila ao ver meu olhar penetrante.

— Com outra pessoa — Ela termina.

— Não, ele não teria — digo claramente. — Não há ninguém melhor para Maximoff do que eu.

Maximoff de repente rompe a água, enxugando a água de seu rosto. Sua avó se assusta para trás. Choque separando seus lábios e acusações em seus olhos. É quando me ocorre. Avó Calloway acha que Maximoff estava apenas me chupando na piscina.

Estou quase rindo. Não posso inventar essa merda. Donnelly vai rolar no chão quando ouvir.

— Eu deveria saber. — Ela está tentando morder a língua, mas cospe para Maximoff: — Você é igualzinho à sua mãe.

Meu sorriso desaparece. Eu instintivamente seguro a parte de trás de sua cabeça. Ele está atordoadado.

— Maximoff — Sussurro, querendo afastá-lo de sua avó.

Ele é de mármore. Imóvel. Cimentado no local. — O que você disse? — O choque está tomando conta de cada parte dele.

Minha mão cai em seu ombro esquerdo.

Sua avó balança a cabeça. — Sinto muito, querido. Você sabe que eu disse a ela que criaria você em minha casa. Teria sido melhor. Ela admitiu que tem um problema, e esse problema obviamente afetou você...

— Você não pode dizer isso a ele — Interrompi, a frieza congelando cada palavra.

— Ele é meu neto...

— Ela é a *mãe* dele — Retruco. Eu amo Lily Calloway, e ela é uma das coisas mais próximas que já tive de uma mãe. Então não, não vou deixar esse maldito velho morcego tentar arrastar Lily ou o filho de Lily para baixo.

Ela se irrita e olha para o neto. — Max?

Reviro os olhos. “Max” é o único nome socialmente aceitável para esta aristocrata de sangue azul.

Maximoff descongela o suficiente para falar. — Eu sei que você teve problemas com minha mãe no passado. Mas pensei que vocês duas tivessem enterrado isso há algum tempo.

Meu peito afunda. Ele está mais chateado porque o que ela disse pode potencialmente fraturar o relacionamento de sua mãe com sua avó. Eu aperto seu ombro.

A avó Calloway fica tensa como se nunca tivesse cagado na vida. — Estamos em um bom lugar, mas há espaço para todos ouvirem conselhos. Especialmente sua mãe. Se ela não pode ouvir isso da família, como ela vai crescer?

Loren Hale sai do salão, passando pela área de alimentação, e assim que sai da parte sombreada do convés e entra no sol, vejo que seu alvo é a sogra. Fico feliz que ele esteja intervindo.

Lo envia a ela um olhar furioso. — Eu não sei o que você está dizendo, Samantha, mas a menos que você esteja aqui para desejar um feliz aniversário ao meu filho, você precisa seguir em frente.

Ela se arrepia. — Eu estava aqui para desejar um feliz aniversário ao meu neto, Loren. Mas descobri que ele esteve debaixo d'água fazendo coisas que sua esposa costumava fazer quando tinha problemas.

— Você pode, por favor, parar de falar sobre ela assim? — Maximoff diz como se seu coração estivesse quebrando em um milhão de pedaços e, ao mesmo tempo, como se ele estivesse construindo paredes de ferro ao redor de seu mundo.

Seguro seu pescoço e, antes que Lo pergunte, digo a verdade: — Ele estava debaixo d'água — Merda, eu tenho vinte e oito anos; nunca pensei que precisaria defender algo assim. Fazemos parte da tripulação mais velha aqui.

Nós não somos os adolescentes.

Vovó Calloway zomba de mim, como se eu tivesse mentido sob juramento. Mas acredite em mim, se Maximoff tivesse realmente me tomado debaixo d'água, ela saberia dessa porra.

Lo faz uma careta para mim. — Não importa o que você estava fazendo ou não. Está OK. — Ele se aproxima da avó. — O que você disse para o meu filho?

— Eu disse a verdade a ele — diz ela, irritada. — Eu me ofereci para criá-lo em minha casa enquanto Lily se recuperava do vício em sexo, e vocês dois rejeitaram a oferta. Ele não pode ser culpado por como ele acabou...

— Jesus Cristo, você vai quebrar o maldito coração dela — diz Lo, balançando a cabeça em descrença com a mesma decepção chocada que atingiu Maximoff.

— Como eu disse a Max... — Ela começa.

— Você está fora do maldito barco — Lo solta. — Esta família não tem espaço para seu ódio ou julgamento. Eu já lhe disse isso antes. Desça direto para o barco menor que vai te levar até a cidade. Vou pedir a uma atendente que faça suas malas. — Ele está prestes a sair, mas então ele para e se vira. — Se você tentar falar com Lily antes de ir, vou garantir que sua lápide diga: *aqui jaz Samantha Calloway, a pior mãe de todo o século*. E não se iluda, eu farei isso.

Seu pescoço fica vermelho. — Minhas filhas vão ficar mais chateadas por você estar me jogando fora como lixo.

Lo dá um sorriso amargo. — Décadas depois, e você ainda não conhece suas próprias filhas.

Ela franze a testa antes de desfilar para o salão.

Maximoff a observa sair, e eu desenho círculos em seu pescoço com meu polegar. Ele inclina um pouco de seu peso contra a minha mão.

— Obrigado, pai — diz ele.

Lo procura em seu filho sinais de mágoa. No momento, ele é cem por cento estoico, mandíbula definida e olhos com pouca ou nenhuma emoção. Mas sei que Maximoff só vai mostrar mais na minha frente.

Seu pai abre a boca, mas Maximoff fala antes. — Você pode simplesmente ficar com a mamãe? — Ele pergunta.

Lo acena com a cabeça. — Sim — Ele suspira. — Sinto muito, amigo. — Ele se concentra em mim. — Seja o que for que Samantha disse a você, as opiniões dela estão a anos-luz das nossas. — Tenho certeza de que “nossas” abrange todas as famílias.

— Eu sei — digo.

Depois de outro breve adeus, Lo vai embora. E Maximoff e eu nos voltamos um para o outro, a água batendo ao nosso redor, especialmente com o iate cruzando o mar.

Eu seguro sua bochecha com minha mão, sua emoção lutando para romper. Porra, eu só quero abraçá-lo. Amá-lo. Estar lá para ele quando sua avó aristocrática virar o calcanhar.

— O que você está pensando? — Suspiro.

Ele puxa meu peito mais perto do seu na piscina. Seus braços lustrosos em volta dos meus ombros, as mãos subindo pelo meu pescoço. Seus olhos verde-floresta começam a acariciar os meus. Como carícias quentes inundadas de conforto e calor. — Parece que toda vez que tento subir para respirar, alguém caga em você ou em mim ou em nós, e a única vez que consigo respirar é quando estou olhando para você.

Meu peito incha, sentindo suas palavras antes de meus lábios subirem lentamente.

— Se isso fosse verdade, lobinho, você teria morrido de asfixia toda vez que eu saísse da sala.

Ele geme de irritação, mas depois cai na gargalhada. — Eu o fiz rir — digo com naturalidade, e, caralho, esse som é deslumbrante. Ele parece

surpreso que o barulho saiu de seus lábios. Aquela visita não anunciada à vila ainda é crua para mim também. E não me arrependo de tirar a roupa lá.

Não me arrependo de nada que fizemos.

Sempre corro riscos. Eu sempre vivo pelas minhas ações, não pelas ações fodidas de outras pessoas. E fora isso, apenas me destrói que o frontal completo fosse dele, e não meu. Tão facilmente, poderia ter sido eu, e eu teria feito absolutamente qualquer coisa para mudar isso, para protegê-lo, para salvá-lo.

E eu sei que falhei dessa vez.

Maximoff Hale

— VOCÊ O QUÊ? — Ainda não consigo acreditar no que Farrow acabou de dizer.

Estamos em um dos sofás elegantes que cercam a piscina brilhante. As estrelas brilham na noite escura como breu, as lanternas no convés principal iluminam o iate. Meus irmãos e primos estão espalhados: alguns lendo em cadeiras, outros mergulhando na banheira de hidromassagem. Lá em cima, no *sky lounge*, todos os nossos pais estão tendo uma “reunião” sobre a partida abrupta da vovó Calloway.

De todos os meus irmãos e primos, tenho menos contato com nossa avó. Isso é coisa da minha mãe. Eu entendo o porquê, e eu a amo por me proteger. Mas eu gostaria de poder protegê-la da dor. Dessa dor.

Meu pai me dizia que não é meu trabalho. Ainda assim, quero que o superpoder apague tudo o que minha avó disse. Expulse as palavras da porra da existência.

Talvez esse devesse ter sido meu desejo de aniversário. Acho que ainda tenho tempo, já que não é meia-noite.

13 de julho ainda não acabou.

Apesar de algumas partes ruins, há muito de bom aqui. E eu me agarro a cada maldito pedaço. Especialmente os pequenos momentos intermediários.

Como agora.

Farrow está encostado em mim no sofá, a maior parte de seu peso ancorada no meu peito. Ele está atento à minha lesão, mas não a ponto de me frustrar. Sua porra de diversão sombria. Como se ele tivesse me vencido em algum tipo de competição de escuta.

— Eu ouvi você — Refuto enquanto tento levantar meu braço direito verticalmente. Em um trecho. Mas ainda não consigo alcançar todo o caminho sem um estresse intenso no músculo. — Eu só preciso que você diga de novo para que eu possa entender.

Ele mastiga chiclete de menta lentamente. — Eu escrevi uma carta para ele, lobinho. Você sabe: papel, caneta. O Estilo Cobalt.

— Eu sei — digo. — Mas, *por quê?*

No segundo em que sentamos juntos no sofá, Farrow admitiu que deu uma carta a Beckett, mas não tenho a porra da ideia das razões ou do conteúdo.

Farrow se senta mais ereto. Voltando-se mais para mim, sua mão tatuada desliza ao longo da minha coxa.

Cristo, eu gosto disso.

Ele sorri conscientemente. — Porque Beckett é o membro da família que continua questionando minhas intenções com você, e normalmente eu apenas diria *foda-se* e seguiria em frente. Mas nosso relacionamento deve aproximá-lo de sua família, não o afastar. Então, expliquei gentilmente algumas coisas de uma maneira que pensei que um Cobalt apreciaria.

Uau.

Ele fez isso.

Eu inspiro, meu peito se expandindo com algo poderoso. — Obrigado — digo sério, levantando meu braço em um ângulo de quarenta e cinco graus. Eu olho para sua boca.

Seu sorriso sabe-tudo voltou. — Você quer que eu te beije?

— Ou talvez eu só queira foder você — Rebato.

Ele se move, seu olhar caindo sobre mim. — Se você quiser me foder, pode me foder depois.

Meu sangue esquenta. *Maldito*. Nunca sei dizer se amo ou odeio flertar. As partes impacientes do meu cérebro detestam isso, mas o resto de

mim faria isso com prazer por milênios com ele.

— Eu disse *talvez* — digo.

— Eu disse *se* — diz ele. — Cara, suas habilidades de escuta estão piorando.

Eu mostro a ele um dedo do meio enquanto meu braço sobe a um ângulo de sessenta graus. — Onde está sua cópia dessa maldita carta?

Agora ele está realmente rindo. — Você acha que eu fiz uma cópia para você ler?

— Não para mim. Apenas em geral — Minto.

Sim, OK, pensei que ele teria feito uma extra para mim.

Farrow levanta o pé no sofá, equilibrando o braço no joelho dobrado. Nós nos secamos de um mergulho noturno mais cedo, mas ele ainda está de calção de banho preto, e minha sunga verde justa é um corte boxer. Ele sorri para mim e diz: — Há apenas uma. Se você quiser ler, terá que obtê-la de Beckett.

Janie veio até nós em um tankini pêssego, cabelo ondulado preso em um coque alto.

— Estamos falando sobre a carta? — Ela pergunta, ouvindo o final da nossa conversa. Ela segura uma caneca fumegante e se joga graciosamente no divã, com os tornozelos cruzados. — Moffy, era realmente linda.

Eu franzo a testa. — Você leu?

— Oui — Ela diz como se não fosse nada.

Meu desejo de encontrar essa carta aumentou para um milhão.

Um telefone zumbindo corta nossa conversa. Farrow encontra seu celular vibrando na almofada. Pego o identificador de chamadas na tela iluminada: *Oscar Oliveira*.

Farrow agarra o telefone sem atender. Por um longo momento. Hesitando ao atender a chamada.

A segurança está em um iate menor separado que navega alinhado

com o nosso. E nem todos os nossos guarda-costas estão lá. Alguns ficaram em terra em Mykonos. Outros cuidam de nossas propriedades na Filadélfia.

Mas todos da ESO estão naquele iate, e é um curto passeio de barco para embarcar nele.

Farrow não foi lá nenhuma vez. É diferente agora que ele é um médico concierge e não está no hospital o dia todo. Ele é confrontado cara a cara com sua antiga vida na segurança cem vezes mais.

E ele não tem rádio para aquela linha direta rápida com a ESO, e ele vai te dizer que não perdeu nada que realmente importasse porque ele me tem.

Mas, na realidade, ele perdeu essa parte de sua vida e não tenho certeza se algum dia a recuperará.

Dói pensar nisso e, felizmente, seu telefone tocando interrompe meus pensamentos.

— Você vai atender? — Pergunto.

Ele mantém o antebraço no joelho e vira o telefone na mão algumas vezes. — Ele provavelmente está apenas me convidando para o barco da segurança. — Ele faz uma escolha e pressiona o viva-voz. Atendendo a chamada.

A música explode ao fundo. — *Redford!* — Oscar grita. — *Traga sua bunda para cá! Traga o namorado!*

O namorado. Já ouvi Oscar me chamar assim um bilhão de vezes, e não vou mentir, ainda mexe comigo. No bom sentido. Eu sou o namorado de alguém.

Talvez, com o tempo, esse título possa ser algo mais. A caixa do anel está na cabine do meu iate, mas não quero propor casamento no meu aniversário.

Ainda estou esperando o momento.

— Você está no viva-voz e eu estou relaxando, Oliveira — diz Farrow. — Você está acabando com meu humor.

Oscar ri. — *Vamos. Donnelly e Kitsuwon sentem falta de seu rosto, e meu irmãozinho está agindo como se tivesse perdido seu Golden Retriever favorito.*

— Eh, não — Farrow diz como se fosse isso.

Talvez ele não queira enfrentar o que perdeu por estar no barco da segurança. — Vocês podem vir aqui — digo a Oscar. — Traga a ESO.

Farrow inclina a cabeça para mim, mas um sorriso brinca nos cantos de sua boca.

— *Os pais estão acordados?* — Oscar pergunta. — *A maioria de nós bebeu. Estamos de folga esta noite, mas cinco-sextos de nós se preocupam em causar má impressão.*

— Quem é o um-sexto? — Jane pergunta curiosamente, com os nós dos dedos no queixo enquanto ela se inclina para mais perto do celular.

— Donnelly — Farrow diz a ela.

— Eles não estão no convés principal — digo a Oscar. — Eles provavelmente nem vão ficar aqui pelo resto da noite.

— *Bom o suficiente para todos nós* — diz Oscar. — *Vejo vocês em quinze minutos.*

Eu me levanto do sofá, balançando meu braço direito em outro alongamento. Farrow joga o telefone de lado e me observa.

Meus pés estão perto da piscina. — Você sabe que eu sou melhor do que você dando cambalhotas — Brinco.

Ele estoura uma bola na boca. — Marginalmente.

— Colossalmente — Refuto.

Ele está prestes a responder, mas as portas de vidro deslizantes se abrem. Meu irmão mais novo entra descalço no convés principal de calça de moletom e uma velha camiseta dos *Novos Mutantes*.

Eu solidifico.

Algumas das férias favoritas de Xander são no iate. Nenhuma pressão

para deixar o barco, nenhum estranho o perseguindo e, na maior parte do tempo, ele está de bom humor.

A maneira como ele se aproxima de mim com uma carranca sombria – estou ciente de que algo está vitalmente errado.

Com o canto do olho, vejo Janie colocando o café na mesa e se levantando da poltrona. Farrow também se levanta.

Eu me viro para meu irmão. — Você está bem, Summers?

— Diga-me você — Xander estala em voz alta, seu telefone agarrado em um punho, juntas esbranquiçadas.

O esquadrão de garotas tagarelas na banheira de hidromassagem de repente fica em silêncio. Em outro conjunto de sofás, Eliot, Luna e Tom estão fumando – e suas cabeças se voltam. Charlie, Beckett e Sullivan erguem os olhos de seu jogo de *Catan* em uma mesa ao ar livre. E Ben Cobalt para de ler seu livro sobre conservatórios naturais, a apenas duas espreguiçadeiras de distância.

Você me diz.

Balanço a cabeça uma vez, confuso. Não é típico de Xander chamar a atenção para si mesmo, mas estou testemunhando tanta mágoa contorcendo seu rosto. E eu dou um passo à frente. — Xander?

Seu peito sobe e desce pesadamente. — Então você não bateu na porta de Easton Mulligan e o acusou de tomar meus remédios?

Cristo. — Xander...

— Vai se foder — diz ele. E isso me rasga, mas ele não consegue ver. Lágrimas se acumulam em seus olhos avermelhados enquanto construo barreiras entre mim e minhas emoções.

Quero protegê-lo, mas nunca estive em uma situação em que precisasse protegê-lo de algo que fiz. De minha escolha, seu erro.

Nossos erros – *me desculpe. Eu sinto muito.*

— Você é meu irmão — diz Xander como se essa palavra significasse

a própria vida. Ele empurra as mechas mais longas de seu cabelo para trás, e eu dou mais um passo para mais perto.

Ele cresceu mais neste verão. Temos a mesma altura agora, mas olho para ele e vejo apenas meu frágil irmãozinho. E não era isso que eu queria para ele.

Não foi assim que eu vi as coisas acontecerem.

Ainda não tenho chance de falar; ele ainda está tirando isso.

— Como você pôde...? — Seu queixo treme. — Por que você não... — Seu rosto está vermelho como uma beterraba, e Jane se aproxima de nós como se estivesse prestes a abraçá-lo.

Xander aponta seu telefone para ela, aquele em seu aperto mortal. — Não.

Ela derrapa até parar. A alguns metros de mim.

— Eu não preciso de vocês dois fazendo aquilo que vocês fazem — Ele diz em uma respiração curta —, onde vocês agem como se fossem os irmãos mais velhos que querem nos proteger.

— O que você fez foi errado — digo, minha garganta inchada. — e eu estou tentando proteger você. Não posso mudar isso.

— Eu sei que o que fiz foi errado! — Xander grita e engasga com suas palavras. — E eu me odeio por isso. E do que você está tentando me proteger? — Ele inala profundamente. — De mim mesmo? Você não pode me proteger de mim mesmo. Está aqui em cima. — Ele aponta para a cabeça. — Está aqui. — Ele aponta o celular contra o peito. — É maior do que você ou eu. E você deveria ter apenas... — Sua voz falha. — você deveria ter vindo até mim primeiro. Não a um cara na outra rua. Porra... — Ele coloca as mãos na cabeça e olha para o céu noturno.

— Sinto muito, Summers — digo, minha mão estendida para ele. Ele está lutando contra as lágrimas que ameaçam cair, e dói de assistir. Dói falar, mas eu controlo tudo por ele. Ele não precisa que eu grite e soluce. — Eu

deveria ter confrontado você. Eu deveria, mas é uma acusação pesada. E eu estava com muito medo. Se você estivesse fornecendo drogas para outros...

— Eu parei — diz Xander, aflito. — *Acabou*. — Mas de repente ele franze a testa, a cabeça pendurada em um pensamento ponderado. — Você vai contar ao papai. — Não é uma pergunta.

— Não — digo. — Você disse que acabou. Eu acredito em você.

— Mas, e se eu não acreditar em você — Ele diz e caminha de costas em direção ao salão. Ele range os dentes e esfrega o antebraço no olho lacrimejante.

Eu tento seguir.

— *Não*. Não posso... não quero ficar perto de você — Ele chora. *Ele está chorando*.

Eu assinto, rigidamente. — Tudo bem. — Quase cambaleio para trás, e Farrow se aproxima de mim – e balanço a cabeça para ele. Se ele me tocar, vou explodir e provavelmente gritar ou chorar ou ambos. Ele é o único que pode me fazer desmoronar, e não vou desmoronar na frente de todos os adolescentes.

Luna corre pelo convés para alcançar Xander. Seu cabelo castanho-claro chicoteando atrás dela, e ela ainda está vestindo roupas simples, não graças ao namorado idiota. Mas Luna não convidou Andrew para a viagem. Você deve saber que nosso pai o odeia tanto quanto eu, e ele ainda nem conheceu Andrew. Ou viu como ele é insistente e agressivo.

Eu o encontrei uma vez e quase dei um soco nele depois que ele disse à minha irmã: *Você fica muito mais bonita quando não balança os braços ao andar*. Mesmo que ela não o veja tanto, Luna disse que eu não tinha mais permissão para sair com eles. Então, há essa precipitação. Estou me dando muito bem com meus irmãos ultimamente.

Perfeito irmão mais velho.

O melhor, deixe-me dizer-lhe.

Observo Luna abraçar Xander, e seu corpo estremece contra seu corpo esguio. E então Kinney sai da banheira de hidromassagem em um maiô preto de uma peça. Minha irmã mais nova se junta a Luna e Xander, e todos saem para o salão principal. Portas de vidro deslizando se fecharam atrás deles.

Eu pisco. Esses são meus três irmãos. Todos os Hales.

E eu fico aqui. Eu o machuquei. *Eu o machuquei.* Eu estalo meu pescoço tenso, pressão no meu peito.

— Maximoff — Farrow sussurra.

Eu me viro para encarar meu namorado, a conversa voltando ao convés principal.

— Você me disse que isso iria acontecer — Sussurro, esfregando meus dedos. Eu vejo como ele quer pegar minha mão na sua. Eu vejo como ele quer me trazer para seu peito. Dói ainda mais não me aproximar, não o deixar me tocar, mas também não posso – não aqui.

Ele inala. — Eu disse que era uma má ideia. Eu não disse que *isso* iria acontecer.

Eu descanso minha mão na parte de trás do meu pescoço. — Estou bem.

— Você não está bem — Ele diz com outra inspiração, e seu telefone começa a tocar. Oscar novamente.

Antes que ele rejeite a ligação por mim, digo a ele: — Vou encontrar a carta que você escreveu para Beckett.

Ele estuda minha expressão e eu tento respirar melhor, mais forte.

Vendo isso, ele assente. — Vou atender, e vamos continuar?

— Sim — Concordo.

Eu acho que está matando-o não me beijar em um breve adeus. Ele vacila.

— Desculpe...

Ele me interrompe: — Não, não fique. Você está me dando mais do que o suficiente, lobinho. Estou aqui para o que você precisa e você precisa de privacidade. — Ele ergue as sobrancelhas. — Mais tarde?

Eu concordo. — Mais tarde. — E expiro ainda mais.

Farrow tem que rediscar para Oscar já que a ligação parou, e enquanto ele volta para o sofá, eu estalo meus dedos e vou para a mesa de Beckett, Charlie e Sulli. Peças do jogo espalhadas, cartas coloridas na mão.

Uma bengala dourada com cabeça de dragão está apoiada na mesa. Eliot tem trocado as bengalas de Charlie de vez em quando por novas. E sempre que vejo meu primo, sua bengala mais nova parece mais ostensiva e bizarra.

Beckett se recosta na cadeira, cigarro entre os lábios. Tenho estado tão preocupado com Beckett, mas como ele não está usando agora, o máximo que posso fazer é checar com Charlie. O que é difícil, já que Charlie me ignora mais da metade do tempo. Mas até que Beckett volte ao balé, isso deve ser suficiente.

— Ei, Beck — digo. — Onde está a carta que Farrow lhe deu? Eu quero ler. — Não consigo pensar em um estimulante melhor.

— Ah, sim, é uma carta boa pra caralho — Sulli diz com um forte aceno de cabeça, rolando dados.

Jesus. Todo mundo realmente leu esta carta, menos eu?

— Está na minha cabine. Em cima da cômoda. — Beckett bate as cinzas em um cinzeiro e, muito meticulosamente, limpa a borda. Charlie observa seu irmão gêmeo com mais fixação do que o normal.

— Obrigado.

— Eu gosto dele, a propósito — Beckett me diz honestamente. — Farrow, ele é muito bom para você.

Meus olhos quase crescem. Essa carta é mágica ou algo assim?

Charlie diz para a mesa: — Alguém tem alguma ovelha para trocar

por tijolo?

— Porra, você pode levar todas as minhas ovelhas por lenha ou trigo — diz Sulli.

Eu me afasto e ignoro a resposta de Charlie. Meus pés descalços caminham pelo convés e deslizo pelas portas de vidro deslizantes. Entrando no salão principal, esta sala de estar é silenciosa e pouco iluminada. Achei que encontraria meu irmão e minhas irmãs aqui, mas os três se foram.

Subo os degraus sinuosos até o segundo andar, onde há um trecho de cabines. No corredor, eu desacelero em uma porta, vozes abafadas filtrando.

— Também te amo, Luna — diz Xander, com a respiração ofegante novamente. Uma parte gigante de mim quer entrar naquela cabine e consertar isso. Mas ele deixou claro que queria espaço, e acho que devo dar isso a ele.

Eu passo pela porta deles, e então outra no final do corredor se abre.

Rowin sai de sua cabine.

Ele é realmente a última pessoa que quero encontrar agora, mas tento ser casual; na minha cabeça, estou me consolando com o fato de que estes próximos dias serão os últimos com minha família.

— Ei, Rowin — digo, ainda a caminho da cabine de Beckett.

— Oi, Maximoff.

E sinto seus olhos azuis percorrendo todo o meu corpo: meu peito nu, meu abdômen, meus braços e pernas, meu pau. Está me deixando mais consciente de que mal estou coberto por uma sunga justa. E estou acostumado com olhos pressionando meu corpo. Olhares e expressões boquiabertas, tudo normal para mim. Mas não do ex-namorado do meu homem.

Eu olho. — Pode não fazer isso? — Não só estou desconfortável pra caralho, mas posso sentir o quanto isso machucaria e enfureceria Farrow.

Precisando seguir em frente, não espero que Rowin responda. Eu apenas giro para a porta à minha direita e aperto a maçaneta da cabine de Beckett. Eu me viro, está trancada.

Ótimo.

De repente, congelo...

Sinto sua presença invadindo meu espaço. Mas meu cérebro grita, *não tem como, não tem como isso estar acontecendo*. Minhas sobrançelas franzem, e eu lentamente checo atrás do meu ombro.

Rowin se aproxima de mim, aparentemente tão rápido porque meus reflexos oscilam em estado de choque. Seu olhar intrusivo está arrancando minha sunga, suas mãos perigosamente próximas. Eu me viro ao mesmo tempo em que suas mãos afundam em ambos os lados da porta.

Prendendo-me por um momento tenso enquanto sua boca tenta se aproximar de mim, empurro seu peito com toda a minha maldita força.

Suas costas batem na parede, a descrença arregalando seus olhos.

— Que porra você está fazendo? — Puto, sem fôlego e dolorido como se estivesse correndo a ultramaratona no terreno mais difícil.

— Vamos lá — Rowin diz como se eu estivesse alheio, e ele enfia uma mecha de seu cabelo ruivo atrás da orelha.

Meus olhos escaldam, provavelmente injetados, e dez toneladas de composto de tijolo no meu peito. — Fique bem longe de mim. — Como não estou batendo meu punho em sua mandíbula, eu não sei. Raiva é meu sentimento preferido, mas acho... acho que estou em choque.

Seu rosto se contorce de indignação. — Eu gosto de você, e você está afim de mim...

— Não, eu te odeio pra caralho — Cuspo, minha pele arrepiando. Estou prestes a dizer a ele que sua bunda vai ser jogada para fora deste iate, mas ele dá um passo à frente e eu levanto a mão em advertência. — Você chega perto de mim, e eu vou quebrar ambas as rótulas.

Estou gritando internamente, minhas costelas se fechando em volta dos meus pulmões e diminuindo a porra da minha respiração.

Farrow – *ele não está aqui*. Eu o amo tanto que já posso sentir a dor

que ele sentirá a partir deste momento. Mas, por alguma razão, eu só queria que ele estivesse ao meu lado. Talvez porque eu saiba que ele pode carregar o peso comigo. Eu sei que ele pode suportar.

— Vamos — Rowin repete. — Você e eu caberíamos mais do que você e ele. Você é gentil, atencioso e doce, e ele é... — Nossas cabeças se desviam quando a porta de uma cabine se abre.

Não.

Não.

— Moffy? — Luna espreita a cabeça para fora, preocupação e medo balançando sua voz. Não tenho certeza do quanto meus irmãos ouviram, mas tenho uma missão agora: protegê-los desta catástrofe.

— Estou bem. Volte para dentro. — Eu me movo em direção a ela, sério e inflexível. Rowin, eu o sinto demorando no corredor, mais perto de mim do que eu gostaria.

Mas chego à cabine da minha irmã e noto Kinney e Xander logo atrás de Luna, os olhos enormes como pires. Incertos do que fazer e com medo.

— Estou bem — digo fortemente. Meus olhos devem estar injetados porque eles olham para eles como se fosse a única evidência de que não estou. — Estou bem. Vocês estão todos seguros, e eu vou fechar esta porta...

— Não, Moffy! — Todos os três gritam como se eu estivesse saindo de um abrigo antiaéreo para enfrentar a morte certa. A intensidade da reação deles me assusta um pouco, e tento pensar no que eles poderiam ter ouvido:

Você não pode fazer isso?

Que porra você está fazendo? Vamos.

Fique longe de mim.

Eu gosto de você e você está afim de mim.

Não, eu te odeio pra caralho. Você chega perto de mim e eu vou quebrar ambas as rótulas.

Vamos.

Porra, Cristo. É isso, isso é tudo que eles poderiam saber.

Luna pega minha mão, olhando de mim para Rowin. Ele está na minha periferia, e eu não o reconheço ou o xingo. Porque estou tentando não assustar meus irmãos.

Eu a guio para dentro da pequena cabine, um edredom náutico em duas camas de solteiro. Luna recua com Xander e Kinney, e eu deslizo ainda mais para dentro, fechando e trancando a porta atrás de mim.

— Não estou em perigo — digo a eles. — Vocês não precisam entrar em pânico. Tudo bem, Kinney. *Kinney*. — Eu forço o nome dela; minha irmã de treze anos enterrou o rosto nas mãos. — Estou bem.

Meu tom áspero aparece em sua cabeça, e ela me examina. — Estou bem — Repito.

— Então fique — Kinney estala para mim, sua voz falhando em um breve soluço. Não posso. Preciso tirar Rowin deste maldito iate. Ela percebe que estou planejando voltar, e reclama de mim como se eu estivesse sendo imprudente com a minha vida e joga um travesseiro na minha cara.

— Kinney. — Eu bato no travesseiro. — Eu voltarei. — Ela se prepara para jogar outro travesseiro.

— Pare, Kinney — Xander interrompe, suas bochechas manchadas e com lágrimas. Seu rosto está inundado de remorso e dor. — Moffy já foi derrotado o suficiente esta noite por mim, você não precisa fazer isso também...

— Summers — digo com um aceno de cabeça. — Você poderia me dizer para apodrecer no inferno, e eu ainda estaria esmagadora, incondicionalmente lá para você e te amaria – não há nada que você possa fazer para me derrubar. Tudo bem?

Xander passa a mão pelo rosto, lágrimas quentes escorrendo. — Desculpe. Eu sinto muito. Eu não quis dizer o que disse antes. Eu te amo, você sabe que eu te amo, certo?

Achei que não precisava ouvir isso, mas talvez uma parte de mim precisasse.

Eu respiro mais, e eu aceno. — Sim — digo. — Em todos os universos.

Eu envolvo meus braços em volta dos ombros do meu irmão. Da mesma altura, ele engancha um braço em volta do meu, a cabeça baixa enquanto ele esfrega os olhos.

Ele murmura: — Eu não posso viver sem você...

Meus olhos tentam ficar bem e eu sussurro: — Eu te amo. — Abro espaço para Kinney e Luna. — Vocês três. — E nossas irmãs se juntam ao abraço. Meus braços envolvem meus irmãos mais novos e posso senti-los agarrados a mim.

Eu respiro e respiro. Saber que eles estão seguros me acalma e, quando todos nos afastamos, olho para a porta trancada.

Luna tenta esconder o rosto em sua camisa branca. — Onde está Farrow?

— Estou prestes a ir buscá-lo — digo. — Vocês três fiquem aqui. Eu voltarei mais tarde.

Eles não são tão inquietos. Minha confiança nesta situação ajuda – o mantra *eu posso lidar com qualquer coisa* saindo de mim – e eles acenam para que eu siga em frente.

Saio da cabine e fecho a porta.

O salão está vazio. Sem Rowin.

Nova missão: *encontre Farrow e empurre Rowin para fora deste iate.*

Farrow Keene

CHUVA LEVE ATINGE o mega iate, e uma saliência protege metade do convés principal da garoa. Estou seco, sentado atrás do bar totalmente abastecido. Principalmente para que nenhum dos primos de Maximoff possa me ver atordoado.

Não consigo me livrar do cheiro nauseabundo de chuva no metal.

Alcançando o armário do bar, pego uma garrafa de *Grey Goose*. Tento abrir e ouço *ping, ping, ping*.

Eu olho para o nada.

Ouço.

E alguém arranca a garrafa das minhas mãos.

Sobrecarga sensorial, não vou conseguir discernir quem acabou de roubar minha vodca. Pelo menos não imediatamente.

Vendo como seis filhos da puta protetores estão se elevando acima de mim, vou adivinhar e dizer que é alguém da ESO. Pisco e vejo Banks Moretti agachado e abrindo o *Grey Goose*. Cabelo castanho enrolado atrás das orelhas, olhos da cor de um grão de café, mandíbula com a barba por fazer – ele parece absolutamente idêntico ao irmão gêmeo.

Em quase todos os sentidos.

Ele é oficialmente um guarda-costas Ômega, mas eu não estava lá para a reunião de segurança. Obviamente eu não poderia estar.

E felizmente esses caras sabem que eu não estava planejando beber a vodca. Banks faz o que eu estava prestes a fazer e segura a garrafa debaixo do meu nariz.

— Cheira isso, Redford? — Oscar me pergunta.

Eu escoro meus antebraços em meus joelhos dobrados. — Nem um

pouco.

— Devia ter trazido a pizza do nosso barco — diz Donnelly. — Pizza cheira melhor que vodca.

Verdade.

Meus dedos pressionam o chão, prestes a me levantar, mas eu de repente sinto cascalho cavando em minhas palmas. Não é real... Não há cascalho no barco.

— Espere, não fique de pé — diz Akara, um ás da liderança, mesmo quando não faço mais parte da equipe.

Thatcher entrega uma garrafa d'água para Banks me dar e, quando ele o faz, abro a tampa com mais atenção. Eu vejo meus arredores claramente. Meus outros sentidos estão um pouco fora de sintonia com as memórias intrusivas.

Maximoff.

Eu não o vejo. Ele ainda não voltou, mas provavelmente encontrou seus irmãos lá dentro. Xander tem dificuldade em ficar com raiva de seu irmão mais velho, então imagino que eles estejam consertando a briga.

Akara coloca sua cerveja de lado. — É só a chuva?

— Sim, tem sido um ponto de acesso. — Penteio o cabelo para trás e olho para a garrafa de cerveja. — Não pare de beber por minha causa, Kitsuwon.

Quinn bebe sua cerveja, e Oscar dá a seu irmãozinho um olhar como se ele não devesse estar me ouvindo.

Eu quase sorrio, meu pulso gradualmente começando a se equilibrar. E tomo um gole de água.

— Você deveria entrar no salão? — Akara pergunta.

— Não, se eu evitar, vai apenas persistir. — Esse tipo de TEPT não é novo para mim e tenho quase certeza de que tenho as ferramentas para superar isso. É apenas um processo que exige paciência, mas o momento ruim é

frustrante como o inferno.

Chuva no metal. De repente, é três vezes mais pungente. — Laranja?
— Eu pergunto vagamente.

— Na cozinha — Akara diz a Quinn, e Quinn sai para voltar rapidamente com a fruta.

Eu me concentro em descascar. Cítrico domina meu nariz. Aqui vamos nós. Meu pulso está diminuindo, e Donnelly começa a repassar uma história sobre como Quinn escorregou do barco.

E eu me levanto. Mais à vontade, eu me inclino no bar elegante e as portas de vidro se abrem na nossa frente. Coloco a laranja parcialmente descascada. Donnelly fica quieto e todos nós olhamos para quem anda no convés.

— Farrow. — É Rowin. Porra do inferno.

Meu ex olha cautelosamente para ESO enquanto fecha as portas do salão. — Preciso falar com você — Ele me diz. Durante toda esta viagem de iate, ele tem sido passivo-agressivo e petulante comigo, mas quando ele se aproxima de mim agora, ele não é nenhuma dessas coisas.

Ele está agindo cautelosamente pra caralho.

— Vá em frente. — Eu aceno para ele continuar.

— Em particular— Esclarece Rowin.

Estreito meu olhar. — Não. Eu não dou a mínima se a ESO ouvir.

Mas ele sim. Ele passa a mão pelo rosto tenso, ficando a cerca de três braços de distância de mim. — Eu só queria esclarecer as coisas com você.

— Você quer esclarecer as coisas comigo? — Repito como se o parafuso dele tivesse se soltado. — Hoje, dentre todos os dias? — É aniversário do meu namorado.

— Acabou de surgir. — Rowin olha para a noite estrelada.

Lanternas iluminam o convés molhado. E a chuva parou.

Eu o observo agitado. Eu não gosto disso.

Alguma coisa não está certa. Meu estômago está gritando, e eu me endireito no balcão.

Rowin aponta o polegar atrás do ombro, apontando para o salão. — Encontrei Maximoff lá dentro. E interpretei mal alguns sinais. Não deveria ser um grande coisa; ele disse que não estava interessado.

Meu pulso dispara enquanto tento decifrar essa merda. — Você...? — Meu rosto se contorce em pensamento agonizante. — Você está dizendo que deu em cima do meu namorado?

Não há nenhuma maneira no inferno que possa estar certo.

Rowin evita meu olhar. — Como eu disse, interpretei mal os sinais.

Eu explodo para a frente. — Que porra há de errado com você?! — Grito entre os dentes.

ESO grita um com o outro, tentando me separar de Rowin antes mesmo de colidirmos. Meu ex tropeça para trás e levanta a mão em sinal de rendição.

— Você é um pedaço de merda — Zombo e dou de ombros para meus amigos que tentam me conter, e olho para Donnelly. — Solta.

Ele o faz. Todos eles o fazem.

As garras também podem estar destruindo todo o meu corpo, coração e crânio. Não sei exatamente o que Rowin fez, se ele jogou uma cantada ou... não consigo imaginar...

Eu esfrego minha boca e respiro fundo. Eu centro minha emoção em algo produtivo. A bile queima a parte de trás da minha garganta e tudo dentro de mim está gritando para encontrar Maximoff. Adrenalina acelerada, pulso batendo em meus tímpanos.

Encontre-o.

Eu empurro a ESO e dou uma olhada na porta de vidro deslizante, prestes a entrar. Quatro passos lá, eu mudo o curso. O instinto me impulsiona e desvio para Rowin. Em um movimento rápido, torço sua camisa em dois

punhos cerrados e bato suas costas contra o vidro.

— Se eu descobrir que você tocou nele, eu vou te matar — Eu ameaço.

Rowin está apenas olhando para ESO atrás de mim. Ele está esperando que os seis caras venham em seu auxílio. Mas nenhum deles se move. Nenhum deles o salva. Nenhum deles quer.

Porque eles não são amigos dele. *Eles são meus.*

E eles sabem que ele é um pedaço de merda. Solto meu aperto porque vejo uma figura através do vidro. Dentro do salão, Maximoff apenas desce a escada em caracol.

— Akara — digo, mas ele imediatamente detém Rowin antes que eu pergunte.

Puxando-o para longe, muito longe da entrada do salão.

Não perco mais tempo. Eu entro.

— Maximoff — Chamo, rapidamente fechando a porta. Ele está quase sem roupa. Uma sunga justa cortada como cueca boxer – se Rowin o tocou...

Meu nariz queima e percebo que Maximoff está em uma maldita missão. Passando pelo bar de coquetéis interno com estoicismo e propósito, ele gesticula atrás de mim e pergunta: — Rowin está lá fora?

Eu rapidamente varro suas feições afiadas. — O que aconteceu? — Eu não me afasto desta porta porque o lobinho está chegando. Ele tem um único foco. E não está em mim agora.

— Precisamos tirar Rowin deste iate. Podemos jogar a mala dele na porra do mar, mas ele precisa sair daqui. — Ele se fixa na porta.

— A ESO está com ele... — Eu me interrompo e dou um passo para o lado antes de Maximoff passar por mim. Eu o bloqueio com meu físico.

— Farrow. — Seu pomo de Adão balança.

— Olhe para mim, olhe para mim — Respiro, nossos peitos a uma polegada de distância, e assim que capto sua atenção, digo: — Você precisa

me dizer o que aconteceu, Maximoff.

Ele pisca, os olhos completamente vermelhos. — Rowin me prendeu contra uma porta, mas não colocou as mãos em mim. Eu o empurrei. É isso.

Quase balanço para trás, como se tivesse levado um soco. — Ele prendeu você... contra uma porta? — Eu imagino isso, e meu peito simplesmente desmorona. Estendo a mão para segurar Maximoff. Para tocá-lo, mas espero a confirmação.

Ele acena com a cabeça repetidamente. De novo e de novo.

Abraçamo-nos. Peito a peito. Seus braços cruzam minhas costas, seu corpo rígido não afrouxa. E eu sinto seu pulso acelerado.

Eu sussurro em seu ouvido: — Você está seguro, lobinho. — Eu beijo sua mandíbula e ele agarra meu pescoço com uma respiração trêmula.

— Caralho — Rosna Maximoff, beliscando os olhos. Ele enterra o rosto na curva do meu pescoço. E ele grita. Um ruído irritado e atormentado sai dele. Toda essa emoção enjaulada é abafada contra meu ombro e pescoço — e eu o abraço. *Porra, eu não vou desistir.*

Eu o agarro com mais segurança. Então, ele se sente como nada e ninguém vai quebrar esse abraço.

Meu pulso bate forte, e suas lágrimas involuntárias quentes encharcam minha pele. Eu sussurro em seu ouvido. Até que ele relaxa e sua respiração combina com a minha. Demora minutos. Não segundos, mas minutos reais. Eu teria ficado aqui assim por horas se ele precisasse de mim.

E quando ele levanta a cabeça, esfregando os cantos dos olhos avermelhados — ele vê o convés molhado através do vidro.

Seu rosto cai. — Choveu?

Maximoff.

Eu digo a ele que não estava sozinho. Digo a ele que o amo. Digo a ele para não se preocupar porque não estou preocupado com isso, e ele me deixa segurar mais seu peso.

Hoje cedo, quando Maximoff disse que não gostava que Rowin estivesse a bordo – porque temia por minha segurança –, eu deveria ter levado isso mais em consideração. Eu apenas ignorei porque pensei que Rowin só iria *me* antagonizar. Ele não.

Nunca ele.

Assim que Maximoff compartilhou sua inquietação, eu deveria ter colocado a bunda de Rowin em terra.

Eu não vou cometer esse erro novamente.

Maximoff Hale

NOSSA CABINE QUASE parece balançar com o balanço do barco. As ondas batem na janela e, apesar de tudo de ruim que aconteceu hoje, isso aqui é pacífico.

Farrow e eu estamos entrelaçados na cama grande, e não sei dizer se estou segurando-o ou se ele está me segurando. Estamos assim há uma hora. Falando baixinho. Às vezes, apenas olhando. Deixando a noite desacelerar com nossas respirações.

Quando nós dois estamos em um lugar melhor, eu me inclino sobre seu peito e pego a carta na mesinha, usando meu braço esquerdo. Alguém, provavelmente Beckett, a enfiou por baixo da fresta da nossa porta cerca de cinco minutos atrás. E estou louco para ler desde então.

— Você quer que eu leia em voz alta? — Pergunto a Farrow. Ele passa a mão por baixo da minha camiseta e acaricia minhas costas, a palma da mão quente contra minha pele.

Seus lábios se erguem. — Eu escrevi isso, lobinho. Eu sei o que diz.

— Obrigado, retiro minha oferta. — Eu caio de costas, o colchão quicando. Nossos membros têm lutado com os lençóis marinho; estamos entrelaçados neles. Enfio outro travesseiro debaixo da cabeça. Mais apoiado, mas ainda deitado.

Em um movimento rápido e contínuo, Farrow rola de lado e apoia a cabeça com a mão. Cotovelo no travesseiro. Diante de mim, ele pergunta:

— Você gostaria que eu saísse do quarto? — Seu sorriso se alarga. — Dar-lhe algum tempo privado.

— Que tipo de carta é essa, cara?

— De acordo com seus primos — diz ele —, uma realmente ótima.

Eu olho para ele por um segundo, mergulhando em meus pensamentos agitados.

— Você se importa que quase todo mundo na minha família já tenha lido? — Talvez isso não fosse algo que ele quisesse que fosse passado adiante.

Seus lábios pressionam os meus, um beijo breve e amoroso, antes de sussurrar: — Eu sabia quando dei para Beckett que daria para toda a sua família. Estou bem com isso.

Olho para o pedaço de papel dobrado. Você precisa saber que, apesar de todos os dias de catástrofes e todos os apocalipses, a emoção ainda explode em meu peito.

Agora mesmo.

Por causa dele.

Não pensei que sentiria isso esta noite, não depois de tudo, mas aqui estou. Bem perto de sorrir, e eu nem li a carta.

Farrow engancha a perna na minha, ficando quieto enquanto me observa desdobrar o papel. Prestes a ler suas palavras.

Sua caligrafia é longa e fluida, tão casual quanto ele.

Prezado Beckett,

Uma vez você perguntou se eu tinha algo a esconder. E em tão poucas palavras, respondi dizendo para você ficar fora do meu relacionamento. Olhando para trás, eu deveria ter dito algo diferente.

Eu deveria ter dito a você que estou apaixonado por ele. Um tipo de amor indescritível. E agora percebo que amar Maximoff inteiramente significa deixar sua família

entrar. Porque o dia em que eu for o motivo da tensão entre ele e você, é o dia em que falhei com ele.

Eu deveria ter dito a você que minha mãe não vai estar aqui para o meu futuro. Para um casamento ou crianças. Eu sei disso desde os quatro anos. Mas o que também sei é que a cada dia que passa, vivo para deixá-la orgulhosa. E a única maneira que conheço de fazer isso é viver para o amor e garantir que, aonde quer que eu vá, faça o que fizer, estarei realizado.

Eu deveria ter dito a você que sem ele, minha vida seria vazia.

Eu deveria ter dito a você que sou orgulhoso e nunca admitiria que tinha coisas a aprender. Mas eu tinha. E ainda tenho. Ele já me ensinou mais do que o suficiente sobre bondade, moralidade e amor incondicional. Mas ainda espero um futuro em que isso não acabe. Onde ele ainda está me ensinando coisas que eu vou te dizer que já sabia.

Eu deveria ter dito a você que me importo com o que você pensa. E eu quero que você confie em mim com ele. Um dia, espero que você consiga.

Sinceramente,

Farrow Redford Keene

Minha respiração se aprofunda, os olhos queimando. As pessoas falam sobre grandes gestos, mas este parece monumental e imensuravelmente gigantesco. E eu sei que esta carta era para Beckett e minha família, mas acho que ele sabia que seria para mim também.

Dobro a carta de volta, nas dobras. Ele corre os dedos pelas mechas mais grossas do meu cabelo.

Palavras. Tantas malditas palavras estão confusas na minha cabeça, mas nenhuma parece certa. Então, eu apenas deixo escapar: — Você sublinhou ‘estou apaixonado por ele’. — Minha voz está embargada.

— Sim, eu sublinhei — Ele assente com a cabeça, seu olhar me prendendo. Como se eu estivesse sendo puxado para baixo da água serena, nadando. Nadando. Vivo.

Eu me inclino, a mão em sua bochecha, e minha boca esmaga contra sua boca com profunda, profunda emoção que se acumula quente dentro de mim. Aprofundando o beijo, eu empurro meu corpo para ele, e um ruído fica preso em sua garganta.

Ele rola em cima de mim, nossas respirações e corpos colidindo.

Na manhã seguinte, o sol ainda não nasceu, mas estou acordado e semipronto para uma sessão de treinamento pré-planejado com Sulli fora do iate. Não vou desistir da ultramaratona no mês que vem.

O que significa que preciso mexer minha bunda e correr.

Digo *semipronto* porque estou meio, meio que exausto com o tornado do meu aniversário. Eu nunca tive uma ressaca. Mas isso tem que estar perto do sentimento.

Eu respiro mais fácil sabendo que Rowin se foi e foi demitido. A ESO o expulsou do barco ontem à noite, e ouvi dizer que ele pegou um voo de

volta para a Filadélfia. Felizmente, Farrow tem uma alta imunidade contra arrependimento e remorso, e estou muito feliz por ele não ter se culpado pelas ações de Rowin. Para a maioria das tempestades de merda, ele mantém uma atitude de *não vai acontecer novamente* e segue em frente comigo.

Nós dois estamos alimentando muitos dramas familiares e fofocas ultimamente. E por fofoca, quero dizer que eles estão apenas sussurrando a verdade.

— Pela porra de amor — Sulli olha de volta para mim. —, é ranho escorrendo pelo nariz?

Esfrego meu rosto suado e ranho com a barra da minha camiseta verde e depois cuspo um monte de catarro. Lindo de morrer, *eu*. Claramente produto para casar, *eu*.

Lutando para subir todos os 588 degraus da escada Karavolades nas Ilhas Cíclades, *eu de novo*.

À medida que o sol começa a atingir o topo do Mar Egeu, a luz quente banha as escadas sinuosas de paralelepípedos que se estendem por um penhasco rochoso. Começando no porto marítimo, Sullivan, Akara, Farrow, Jack, meu guarda-costas, e eu subimos os degraus sinuosos em direção à cidade de Fira, capital de Santorini.

Minha resistência está à altura. O que realmente está chutando minha bunda é o chão de paralelepípedos. O terreno duro e irregular sob minhas solas, envia ondas de choque pelo meu corpo. Sacudindo meus ombros e minha clavícula lentamente cicatrizando dessa maneira imperceptível e dolorosa.

— Não estou morrendo — digo confiante a Sulli, que freou três degraus à minha frente. Seu boné de *baseball* Acampamento Calloway protege seus olhos verdes da luz crescente. Ela usa o *pitstop* para esticar o braço musculoso sobre o peito.

Minha prima nem está sem fôlego.

Enquanto Akara e Farrow estão ofegantes, ambos encharcados de suor e recuperando o fôlego. Jack também está derrotado, mas tem o peso adicional de uma engenhoca leve de *steadicam* presa ao peito.

Todos os quatro olham para mim como *Tolo Teimoso* está escrito em letras garrafais na minha testa. Farrow, em particular, tem me olhado com muita preocupação, mas também diversão.

— Vou acompanhar — Acrescento. — Vá, não pare. — Eu começo a correr. E eles seguem o exemplo antes mesmo que eu possa ultrapassá-los.

Se fosse uma corrida, eu não estaria em último. Meu guarda-costas ficou muito para trás. Bruno está em ótima forma para cinquenta e dois anos, mas é mais volumoso do que nós, sua massa muscular o sobrecarrega.

Cada passo batendo é uma lâmina. E uma pontada de dor.

Pelo amor de Deus, meu estômago revira. E os ziguezagues, a constante curvatura dos degraus, não ajudam a derrotar a náusea.

Acompanhe Farrow. Repito esse mantra. Concentrando-me nisso, começo a diminuir a distância. Ele corre no ritmo acelerado de Akara, Sulli os ultrapassando por dois degraus.

Eu tento mais. Suor escorrendo pelas minhas têmporas. Eu vou mais rápido. Respiração ardendo em meus pulmões em chamas.

Mas não importa o quanto eu force meus músculos, o quanto eu empurre, quanta dor eu suporte, não é bom o suficiente. Não é onde eu preciso estar para Sulli.

Esforce-se mais.

Eu faço.

E minha sola de borracha escorrega no paralelepípedo molhado. Porra.

Porra.

Eu quase caio – eu estendo a mão, agarrando a parte de trás da camiseta branca de Farrow. Meu namorado instantaneamente estende seu

braço tatuado para trás, pegando meu antebraço. E então ele me puxa para o seu lado. O tempo todo ainda estamos nos movendo.

Meu pulso pula uma batida. A afeição sem esforço me deixando quente.

Farrow está sorrindo para mim, intencionalmente, mas desaparece rapidamente. E ele grita para os outros: — Parem!

Estou de joelhos em um piscar de olhos. Vomito ao lado desses velhos degraus.

Farrow se agacha e coloca a mão nas minhas costas.

— Moffy. — Sulli desce as escadas até mim. — Oh, merda.

Eu cuspo do penhasco, minha cabeça girando. — Eu estou bem. — A quantidade de vezes que Farrow me viu vomitar é surpreendente.

— Beba isso. — Farrow me entrega uma garrafa de água azul.

— Obrigado — digo a sério. Tiro a tampa larga e olho de volta para a câmera apontada para mim. — Possibilidade de turistas tirarem fotos perto do meu ponto de vômito? — Eu tento aliviar o clima que eu criei.

— Alta — Jack diz, ajustando as configurações de sua câmera. — Aconteceu com alguém de uma *boy band*.

Akara enxuga o suor da testa. — Eu ouvi sobre isso. — Ele olha para Jack. — Os fãs venderam o vômito dele no *eBay* também?

— Sim. Golpe duplo — Jack diz, abrindo uma fivela ou algo assim para o *steadicam* e dando a seus ombros um respiro do peso.

— O Chile é mais difícil do que isso — Sulli me diz enquanto eu bebo minha água.

— Eu sei. — Eu me levanto, a mão de Farrow pairando na minha cintura para o caso de eu cair. Estou de pé.

Estou estável. Eu posso correr.

A dor lateja no meu colarinho, inchando como um balão que se expande dentro de um espaço muito apertado, muito pequeno. Eu limpo um

nó na minha garganta. Tome outro gole de água.

— Estou bem para correr — digo à minha prima.

Sua coragem e força de vontade são ainda maiores e mais fortes que as minhas. Inverta nossas posições onde ela é a única ferida, e tenho certeza de que ela estaria indo além do limite. E talvez seja por isso que ela não consegue me impedir.

Isso me lembra de ontem. Eu não sei por quê. Mas penso no momento em que estávamos no convés.

Sullivan estava flexionando, exibindo seu bíceps esculpido. Ela o beijou. Luna mostrou a língua, sem piercing, mas deve ter comido alguma coisa azul. Janie jogou os braços no ar. E Farrow e eu estávamos no meio da provocação, nossos braços em volta um do outro.

Minha mãe, no mar numa boia grande, tirou essa foto.

E quando Luna viu a foto, ela disse: — Garotas e caras alfas.

— Totalmente pra caralho — Sulli sorriu.

Jane sorriu. — Oui.

A mídia se agarrou a Farrow e a mim como alfas. Nem sempre como um elogio. E ouvir minha irmã e meus primos usarem essa palavra para se descreverem me fez amá-la ainda mais.

Pisco saindo de um breve estupor. Apenas para ver Sulli e Akara se enfrentando. Uma escada acima de mim. A seriedade enrijecendo suas posturas e rostos – devo ter perdido o início de algum tipo de conversa.

— Você tem muitos amigos, Sul — diz Akara.

— Quem? — Sulli diz com os olhos arregalados como se ele não estivesse vivendo no mesmo universo que ela agora.

Minha carranca se aprofunda e lentamente torço a tampa da minha água.

— Dean. — Akara tira o chapéu virado para trás, empurrando para trás o cabelo preto. — Ele é seu amigo.

— Não, ele é apenas um companheiro de natação no clube — diz Sulli.

— Um amigo é um amigo. — Seu sorriso espreita.

Sulli coloca as mãos na cabeça, perturbada. — Não é a mesma coisa quando tenho que me vigiar com eles, Kits. E eu já sou péssima em falar com as pessoas. Minha irmã mais nova odiaria se eu dissesse alguma coisa sobre ela e alguém soltasse *online*.

Dizer algo particular para a pessoa errada pode ser assustador para nós. A consequência pode ferir as pessoas que amamos.

— Ei — diz Akara —, com esse critério, você ainda tem *muitos* amigos.

— Quem? — Ela pergunta, respirando mais forte do que ela estava correndo neste maldito penhasco.

— Sua família — diz ele fortemente. — A *família* pode ser *amiga*, Sulli. — Ele enfatiza ambas as palavras. — Nem toda família é tão próxima quanto a sua, e você fez esses laços. Você fez isso.

Ela toca os lábios, contemplando.

— E eu sou seu amigo. E... — Akara se move para a esquerda. — Jack é seu amigo.

Farrow e eu olhamos, e Jack Highland dá um sorriso encantador para Sulli enquanto ele recoloca seu *steadicam*.

Sulli balança a cabeça repetidamente.

— Sullivan, bem no coração — Jack diz brincando, não muito magoado.

— Ei, sei que somos amigos e fiquei empolgada com isso porque posso confiar em você, mas é diferente... — Ela abaixa a cabeça, a mão nos olhos.

Estou prestes a ir consolar minha prima. Mas Akara dá um passo à frente. — Sulli.

Ela estende a mão para impedi-lo de se aproximar. — Sinto que você o roubou de mim. Como se Jack fosse a porra do amigo perfeito, o cara com quem eu poderia sair, aquele com quem eu poderia conversar sobre qualquer coisa sem medo – e agora vocês dois são melhores amigos, e onde estou? — Ela faz uma pausa. — Não que... quero dizer, eu não *reivindicaria* um amigo assim... eu só... — Suas bochechas ficam vermelhas.

Eu subo um degrau, seu constrangimento aumentando no ar. — Sulli — Akara começa, preocupado.

Ela olha para a esquerda e para a direita para uma saída rápida; ela se vira e corre. Sobe as centenas de escadas. Fugindo.

Droga. Eu corro atrás de Sulli, e antes que Akara vá atrás dela, eu digo a ele para nos dar um segundo. Farrow e Akara estão nos seguindo, mas à distância.

— Sullivan! — Eu grito, a dor esfaqueando minha clavícula. Água em meu aperto firme. Desloco a garrafa para a mão esquerda, pois aumenta o peso.

Ela diminui a velocidade na curva de um ziguezague. Sol ficando mais quente com a luz da manhã. Respiro pelo nariz e limpo as têmporas com o bíceps.

— *OhmeuDeus* — Ela se agacha, com o rosto entre as mãos. — O que eu disse, Moffy? Por que eu disse isso?

Eu me agacho na frente da minha prima. — Porque foi isso que você sentiu. Está tudo bem, Sulli.

— Eu parecia uma pirralha de merda — Ela murmura contra as palmas das mãos e geme. — Nada está dando certo. — Ela está se referindo a mais do que este momento.

No iate, ela confessou a Ryke, seu pai, que desmaiou duas vezes depois de beber. Tio Ryke é praticamente um *incentivador* quando se trata de suas duas filhas. Mas não em questões sérias, e ao saber, ele parecia

horrorizado pra caralho.

Agora, Sulli só quer beber se for em casa, não em local público. Eu acho que é uma boa ideia. Mas também acho que a reação do pai dela a assustou mais do que desmaiar.

— Parece que você está se expressando — digo à minha prima.

Ela respira fundo e olha escada abaixo para onde Akara, Jack e Farrow sobem. — Vou repetir este momento na minha cabeça por toda a eternidade. Foda-se a minha vida.

— Não se estresse com isso, Sul. Realmente. — Aceno em direção às escadas, sabendo que só há uma coisa que vai tirar sua mente disso. — Correr?

Ela me lança um olhar arregalado, mas não espero que ela diga que é uma “porra” de má ideia.

Eu apenas vou.

E ela corre com um passo habilidoso e incansável. Logo ela está me passando, e os outros três caras alcançam meu ritmo.

Eu não estou diminuindo. Não paro.

Quero que algo dê certo para Sulli.

E eu me forço, me forço, me forço. Temperatura subindo, úmido e quente, o tamborilar áspero em meus ossos revira meu estômago até o enésimo grau. Por volta do 400º degrau de paralelepípedos, meu corpo se revolta contra minha persistência.

Tonto, úmido, enjoado – eu paro no lugar. Espasmos nas coxas, e todos os músculos parecem ter câibras ao mesmo tempo.

Como estou de pé – não sei.

Farrow para ao meu lado. Ele diminuiu a velocidade nos últimos dez minutos para mim. Eu odeio que ele tenha feito isso, mas ele o faz e segura meu pescoço enquanto eu tento massagear minhas coxas.

Eu olho para ele profundamente, e não há mais diversão em suas

feições. Cheguei ao limite do que Farrow está disposto a aceitar. Ele suporta mais do que qualquer outra pessoa poderia ou suportaria comigo. Porque não posso viver a vida me sentindo contido ou aprisionado.

E ele me faz sentir tão malditamente leve. Mas se eu não respeitar os limites do meu corpo, ele vai – e meu peito sobe porque sei que acabou.

Este é o fim da minha luta. De toda a dor física que eu tenho, resisti com medo de desapontá-la e a mim mesmo.

— Você é humano — Farrow diz duramente, segurando meu rosto com tanto amor e carinho. — Você é *humano*. Dê um passo para trás, lobinho.

Dê um passo para trás.

Talvez se eu tivesse mais tempo. Talvez se eu não precisasse de cirurgia. Tantos talvez poderiam ter mudado isso, mas talvez seja disso que eu realmente precisava o tempo todo. As coisas mais difíceis geralmente são as coisas certas, e levar meu corpo ao extremo é muito fácil para mim.

Eu me seguro no ombro de Farrow para me apoiar. — Sulli! — Grito.

Ela desce os degraus correndo. — Moffy, o que aconteceu? — Assim que ela para no degrau acima do meu, eu solto.

— Eu não posso fazer isso. — Meus olhos ardem. — Não consigo fazer a ultra.

Ela exala uma respiração gigante, as mãos nas coxas curvadas para a frente. — Graças a Deus, porra.

Eu sabia que ela estava com medo de que eu me machucasse, mas pensei que se eu pudesse fazer isso por ela – significaria algo no final.

Eu estava errado. Acho que desistir significou mais.

Farrow Keene

AS FESTA NA praia com os Hales, Meadows e Cobalts consistem em uma enorme competição de castelos de areia e, como estou com Maximoff, fui recrutado para o Time Hale.

E se eu olhar para a beira da água – o que tento não fazer muito – a ESO está de plantão e apostando neste concurso.

— Espere, estou confuso — diz Xander. — Como fazemos as torres pontiagudas?

— Basta embalar — Lily responde. — Coloque essa areia dentro. — Ela dá um tapinha na base da estrutura. Sendo brutalmente honesto aqui: parece nada. Estamos nessa merda há dez minutos, e o mais longe que chegamos é um enorme monte de areia que deveria ser a montanha sob o castelo. Maximoff raspa a “escultura” plana com uma pá, e eu me inclino para trás em minhas mãos. Mais ou menos assistindo.

Seus movimentos estão tensos como se todo o seu corpo estivesse dolorido. Injeção nos músculos. A causa: a subida da escada desta manhã. É difícil acreditar que ele está aqui e não está descansando.

Mas esse é o clássico Maximoff Hale. Pelo menos ele ouviu seu médico e mergulhou em um banho de gelo antes da festa na praia.

A propósito, sou o médico dele.

Eu me pego sorrindo inconscientemente antes de me concentrar no meu namorado.

Maximoff dá uma olhada rápida na competição, então se volta para o monte de areia. — Sabe — Ele nos diz —, ainda temos tempo para construir algo diferente de Hogwarts.

Meu sorriso aumenta quando Xander, Kinney, Luna e seus pais olham

para Maximoff como se ele tivesse falado uma blasfêmia.

— Porque eu te amo — diz o pai —, vou esquecer que você disse isso, amigo.

Maximoff limpa a areia das mãos e limpa o calção de banho. Ele está de olho nos outros dois castelos de areia em construção.

— Alguém é competitivo — Eu o provoco.

Ele se fixa em meus lábios virados para cima e no meu piercing. — Estou compensando sua falta de competitividade — Ele rebate.

— Que bonitinho. — Eu apenas paro por aí.

Seu pescoço quase fica vermelho e ele está tentando se manter no curso. Mas definitivamente estou distraíndo-o. Quando ele dá uma olhada melhor na competição, ele diz: — Cristo.

— O quê? — Lily aparece. — Estamos perdendo?

— Definitivamente estamos perdendo — Respondo, sem precisar olhar. Fatos do guarda-costas: se você quer ganhar uma aposta, não aposte nos Hales. Eu fui o único que já fez. E agora mesmo, o rádio no meu ouvido estaria cheio de merda sem sentido.

Quase reviro os olhos para mim mesmo. Porra, eu realmente, *realmente* não quero refletir sobre isso. Porque, no final das contas, eu nunca trocaria ser médico concierge por segurança. A medicina faz parte de mim e não consigo me livrar dessa necessidade e dessa fome. Ser capaz de ajudar essas famílias com meu conjunto de habilidades médicas é inestimável para mim. E meu pai diria: *eu avisei*.

Mas pelo menos ele nunca me incomodou quando abandonei minha residência e decidi não ser certificado pelo Conselho. Ele estava orgulhoso de eu ainda trabalhar como médico. Porque usar meu talento é mais importante para ele do que qualquer prestígio. Além disso, ele me mandou uma mensagem esta manhã.

Pai: *Lamento por Rowin. Devemos ter mãos suficientes na equipe médica com você e eu, e Trip pode terminar seu ano sabático. Eu queria que você soubesse que não há planos de contratar. Nós estamos mantendo isso na família.*

Durmo tranquilo sabendo que escolhi o legado Keene na segunda vez, e meu pai nunca me forçou.

De volta à praia, Loren Hale vasculha a competição como seu filho acabou de fazer.

— Você só pode estar brincando comigo — diz Lo.

Eu viro minha cabeça e tento olhar ao redor de todos os famosos e distinguir as estruturas de areia. Os Cobalts estão seguindo a rota tradicional e construindo um enorme castelo. Completo com quatro torres e a estrutura tem a porra de janelas.

— Isso é um fosso? — Luna pergunta.

Com certeza, Eliot e Tom cavam um buraco em direção ao oceano, e a Equipe Hale observa enquanto a água enche o túnel que circunda o castelo Cobalt.

— Estamos ferrados — diz Kinney.

Ao lado do Time Cobalt, a família Meadows compacta areia em forma de sereia. Como eles têm apenas quatro membros na equipe, eles tiveram uma vantagem inicial. Winona usa um galho para desenhar escamas no rabo, e Sulli coloca algas marinhas como parte de cima do biquíni. Seus pais, Ryke e Daisy, fazem o cabelo da sereia com conchas.

Todos os Hales olham para o nosso castelo de areia. O monte de areia se assemelha a um monte de areia.

— Eu meio que gosto da nossa coisa de areia — Luna reflete.

Xander assente. — É mais como a montanha de Hogwarts sem o castelo.

— Montanha de Hogwarts — Kinney diz categoricamente.

Maximoff dá um tapinha no monte de areia. — Melhor que o castelo trouxa deles. — Ele olha para mim como se soubesse uma palavra que eu não sei.

Ele é sempre um bobo do caralho. E eu realmente folheei alguns livros de *Harry Potter* depois que sua mãe os deu para mim quando eu estava no destacamento de segurança dela.

Estou prestes a dizer a ele que não sabe mais do que eu, mas seu olhar de repente se volta para o pai. Lo apenas se levantou, e sua atenção está cimentada em mim.

— Farrow, caminhe comigo. — Lo tira a areia das mãos. — O resto da Equipe Hale pode construir a Montanha de Hogwarts.

Olho para o meu namorado e Maximoff balança a cabeça como se não tivesse certeza do que se trata. Eu rolo de joelhos e me levanto sem problemas.

Maximoff está prestes a se levantar, mas seu pai rapidamente diz ao filho: — Vou trazê-lo de volta inteiro. Sente-se. Relaxe. Coma um sanduíche, você parece pálido.

Ele não está nem um pouco pálido.

— Obrigado, pai — diz Maximoff, sarcasmo direto, e suas sobrancelhas se franzem para mim tipo, *veja você mais tarde, e você vai me contar cada maldita coisa*.

Eu vou.

Mas vamos ser honestos, ele vai ficar agonizando a cada segundo quando eu me for. Querendo saber o que diabos seu pai está falando comigo.

E, sinceramente, não tenho um bom palpite.

Sigo Lo, passo a passo com ele, e esfrego as palmas das mãos, tentando limpar a areia molhada. Passamos pela Equipe Cobalt e seu castelo ridiculamente grande. Nove pessoas estão construindo essa coisa.

Lo se aproxima e propositadamente pisa em uma das torres. Demolindo-a no chão.

— Trapaceiro! — A maioria dos Cobalts vaia e grita.

— Loren! — Rose grita acima de seus sete filhos. — Você atingiu um novo nível baixo. Arruinando o castelo de areia das crianças.

— Então agora eles são crianças?! — Ele grita de volta. — Porque por duas décadas, pensei que você os chamava de *gremlins*. — Ela chama seus filhos de gremlins.

É amplamente conhecido.

Rose o amaldiçoa e ele se afasta, sorrindo.

À primeira vista, pode parecer que Rose e Lo se odeiam, mas eles se uniram durante a maior parte da viagem de iate. Eles invadiram as cabines dos adolescentes em busca de cigarros e estão planejando jogar toda essa merda na fogueira da praia esta noite.

Ao passarmos pela sereia de areia, Ryke lança um olhar duro para Lo. — Nem pense nisso — Ryke adverte seu irmão.

Lo toca seu peito e nos movemos além da sereia completamente. Ele acaba andando para trás para acrescentar: — Eu nunca — Ele abre um meio-sorriso.

Ryke mostra o dedo do meio com as duas mãos.

Com base no humor atual de Lo, eu diria que ele provavelmente não vai me dar notícias ruins. E se for, está sendo estranhamente tímido.

Desviamos em direção à água. Ele continua andando, e eu sigo passo a passo ao lado dele. Eu afundo na areia úmida e a água corre sobre as rodas náuticas tatuadas em meus pés.

Eu olho de volta para Lo.

Ele está quieto. E quanto mais caminhamos casualmente pela praia, mais distância colocamos entre nós e os castelos de areia. O guarda-costas de Lo nos segue, mas está muito longe para escutar.

À medida que a água avança, espirro levemente com o pé. Estou tentando pensar em qualquer tópico possível.

Nate, o perseguidor de Maximoff, mas isso foi há muito tempo.

O vazamento da foto.

Fisioterapia de Maximoff.

Rowin, que aconteceu ontem. Porra, se é sobre ele...

Eu penteio minha mão pelo meu cabelo. — É sobre Rowin? — Eu apenas me adianto e pergunto. — Porque o cara que eu conhecia nunca faria isso com Maximoff. Se eu tivesse alguma ideia... — Eu paro, porque ainda estou puto e chateado com isso. Está fresco e minha garganta tenta fechar.

A verdade é que eu nunca ficaria com um cara que fosse capaz do que Rowin fez.

Nunca.

Nem por um dia. Definitivamente não por dois malditos anos. No entanto, eu fiquei com ele por esse tempo, e isso me enoja pra caralho.

Lo olha para mim com uma empatia de cortar a alma, seu cuidado e compreensão geralmente reservados para a família ou para as pessoas frágeis e quebradas que ele conhece. — Isso não é sobre Rowin, mas como você está? — Ele pergunta genuinamente. — Eu sei que não deve ter sido fácil para você.

Eu franzo a testa, surpreso. Este é um lado de Lo que eu não via há algum tempo. Pelo menos não em relação a mim. — Estou chateado — digo, sendo honesto. Balanço a cabeça algumas vezes e passo a língua pelos molares.

— Espero que você não esteja se culpando — Lo me diz. — Não é sua culpa.

Eu assinto fortemente. Eu não precisava ouvir essas palavras para acreditar nelas, mas para Lo mesmo dizê-las para mim – quando seu filho é quem estava no fogo cruzado – fica comigo por um tempo. Arde meus olhos.

A água morna bate em nossos pés. Eu quase sorrio com um pensamento repentino. — Maximoff diz que tenho imunidade contra o remorso.

Lo bufa. — Jesus. Ele é muito parecido com Lily... e meu irmão. — Ele ri levemente, mas o som desaparece quando ele olha para mim. — Você é uma daquelas pessoas que dizem que não se arrependem? Eu odeio essas pessoas.

Merda, não posso deixar de sorrir. — Sim, eu sou uma dessas pessoas. Ou... — Eu inclino minha cabeça de um lado para o outro. — Eu tento ser.

Lo contempla isso silenciosamente e então diminui a velocidade até parar, um guarda-chuva abandonado e uma cadeira de praia por perto. E atrás de nós, todos são um pontinho ao longe, os castelos de areia sem forma.

Ele me encara, e eu vejo o que a maioria das pessoas vê. Nitidez. De suas maçãs do rosto definidas aos sentimentos exercidos em seus olhos âmbar. Caralho, ele não é um homem mole. Imagino que seria mais confortável olhar para a ponta de uma espada.

— O que eu queria perguntar... — Lo olha para o céu, juntando as palavras antes de dizer: — Como vão você e seu pai?

Deixo escapar um suspiro curto. Não estou animado sobre onde isso poderia ir. Lo vê bondade em meu pai, e eu também. Mas... — Estamos nos falando, mas não há muito lá, Lo. Não é como você e Maximoff. Nunca vai ser assim.

Suas sobrancelhas se contraem. — Talvez com o tempo, você e ele, vocês consertem as coisas. — Uma onda esguicha contra nossos tornozelos. — As coisas podem melhorar. Conheço seu pai e ele é um bom homem.

Eu sorrio, cansado. — Lo... — Respiro fundo. — Homens bons podem ser pais ruins. — É o que eu sempre soube. O que eu sempre senti.

Não há nada para salvar ou recriar. É inexistente. E eu não anseio por

isso. Eu não tenho. Eu não quero. E tudo bem.

Seu rosto quase se contorce, deixando isso afundar. Ele parece triste por mim.

— Desculpe. Eu gostaria que não fosse assim.

— Não posso dizer o mesmo — digo, rápido. — E, veja, não desejo nada de ruim ao meu velho. É o que é.

Ele olha para o mar azul antes de se virar para mim. — Eu queria te perguntar uma coisa, Farrow.

Percebo que ele não me trouxe aqui para falar sobre meu pai. — OK... — Eu poderia mentir e dizer que não estou nervoso, mas este é o pai de Maximoff Hale. Uma enorme engrenagem em todo o seu mundo. E essa incerteza não é muito divertida.

E então ele pergunta: — Você gostaria de ter seu emprego de segurança de volta?

Meu pulso dispara para minha garganta. Devo ter ouvido errado. Eu balanço minha cabeça. — Eu não entendo.

— Seu antigo emprego — Ele reitera. — Você quer de volta?

Solto uma risada curta. — OK, certo. — Eu nem mesmo me deixo levar pela ideia. Mas me pego olhando para as três famílias e os seguranças. Se eu forçar meus ouvidos, posso basicamente ouvir Donnelly torcendo pelo Time Cobalt.

— Eu entendo que sou um bastardo sarcástico — Lo diz, puxando minha atenção de volta. —, mas estou falando sério.

Eu passo outra mão pelo meu cabelo, balançando a cabeça apenas uma vez. — Eu amo ser um médico concierge para sua família. Não quero que isso mude.

— Você pode fazer as duas coisas — Ele diz essas palavras e é como se alguém tivesse me oferecido algo que não faz sentido. Como ovos de ouro

e besteiras de conto de fadas.

— Eu não posso fazer as duas coisas — digo lentamente. — Isso é impossível. — É impossível pra caralho. Mas ele está olhando para mim como se eu estivesse errado.

— Seu tio Trip me ligou há uma hora — Lo diz, bloqueando a luz do sol com a palma da mão. — Ele está voltando de seu ano sabático. Teremos mais mãos. Você sempre estará de plantão para a equipe médica e, quando não houver uma emergência, poderá estar no destacamento de Maximoff. Outro guarda-costas da ESO substituirá você quando for afastado. — Ele inclina a cabeça. — Portanto, ainda há a questão se você quer estar na segurança. Você pode dizer *não*.

Que diabos...?

Estou processando... devagar. Segurança tem sido a peça que faltava. O buraco aberto. E eu não queria pedir de volta porque não achava que pudesse. Não há cenário em minha cabeça em que alguém me permita dividir o tempo entre segurança e medicina.

Aceitei o que não podia mudar, e agora ele está me dizendo que posso ter os dois. Ele está me dando os dois?

Balanço a cabeça, oprimido. Eu desvio meu olhar, meus olhos marejados. Engasgado. *Ele está me dando os dois*.

— Por quê? — Pergunto-lhe. — Por que me oferecer isso? — Eu não entendo.

Lo olha para o céu novamente e, quando seu olhar penetrante cai sobre mim, ele diz: — Porque fui criado por um homem mau que também era um pai ruim — Ele faz uma pausa. — E apesar de quaisquer sentimentos que eu tenha sobre isso, meu filho pensa que eu sou *bom*, e todos os dias eu tento provar que ele está certo. — Ele me encara como se estivesse alcançando o fundo de uma piscina. — Você quer isso. Eu acho que você quer. E eu quero dar a você.

Eu esfrego minha boca, tentando me recompor. — Então eu serei...

— Você será o guarda-costas dele de novo.

Verdade. Nunca pensei que ouviria essas palavras. Porque para mim, é mais do que apenas um trabalho. É muito mais.

— Obrigado — digo, meus olhos vidrados.

Os dele também. — Cuide do meu filho — Ele me diz. Eu faço essa promessa. E então acrescenta: — Meu filho cuidará de você.

Eu esfrego meus olhos e assinto. Sentindo essas palavras bem dentro de mim.

Maximoff Hale

NUNCA HAVERÁ UM momento perfeito para propor.

É o que eu tenho pensado. Como hoje eu poderia enfrentar uma emergência familiar, uma repercussão na mídia, o acontecimento aleatório mais bizarro e a catástrofe – Cristo, o homem na lua poderia descer e tentar foder com tudo, pelo que sei. Mas tudo bem se ele fizer isso.

Porque isso não precisa ser perfeito.

Farrow Redford Keene se apaixonou pelo meu eu imperfeito. O eu humano. E o que quer que aconteça hoje, antes ou depois, provavelmente será imperfeitamente humano.

Na ilha de Kythira, visitamos o pitoresco vilarejo de Mylopotamos, e Farrow e eu nos separamos da família para caminhar por uma das trilhas mais impressionantes.

Plátanos exuberantes sombreiam um caminho repleto de ruínas de pedra de antigos moinhos de água. Passando por uma cachoeira verde-azulada após a outra, o som apressado acalma o ar.

Farrow se abaixa sob um galho em seu caminho, não no meu. Minha mochila está em suas costas, sua camisa em decote V da Yale grudando em seu peito no calor do verão. E eu – estou carregando um monte de nada. Dando uma folga aos meus ombros pela primeira vez.

Eu pego Farrow girando o botão de um rádio em sua cintura e pergunto: — Já baixando o volume neles?

Seus lábios se erguem. — Eles estão sendo particularmente irritantes agora.

— Quem são *eles*? — Peço nomes específicos da ESO.

Ele quase ri. — Todos eles. — Ele olha profundamente para mim,

seus olhos sorrindo com uma luz etérea – e eu não preciso perguntar se ele está feliz em voltar para a segurança. Não há nada mais óbvio.

Farrow estende a mão, e nossas mãos parecem se juntar por instinto. É a coisa mais natural, simples: a mão dele na minha enquanto fazemos uma trilha. Mas significa algo para mim.

Chegando a uma lagoa, desaceleramos até parar. Já vi muitas vistas de tirar o fôlego na minha vida, mas a que alcançamos é majestosa pra caralho. Uma cachoeira azul mergulha em uma piscina cristalina e sem fundo. Pedras cobertas de musgo isolam o oásis e a luz dança entre as folhas de um plátano no alto. Brilhando a lagoa de natação.

— Uau — Farrow diz primeiro, e ele puxa a mochila, colocando-a no chão.

A água embaça o ar e borriфа minhas bochechas. Refrescantemente fria. E aquele lago profundo deve ser frio, mas eu ainda nadaria nele com Farrow.

Perto da beira da água verde-azulada, eu me agacho e desamarro minha bota de caminhada. Estou tentando não pensar demais aqui. Apenas sinto o que eu sinto, e isso virá até mim.

E, juro por Deus, quando Farrow se agacha apenas trinta centímetros à minha frente e abre o zíper da mochila, uma libélula passa voando por seus ombros e depois passa voando por seu rosto.

Ele está apenas me observando. Seu sorriso se estende de orelha a orelha, como se ele estivesse totalmente ciente de que estou apaixonado por este lugar, por este maldito momento, *por ele*.

Eu lambo meus lábios, não quebrando nossos olhares enquanto desamarro minha bota. — Acho que chegamos à Terra do Nunca.

— Terra do Nunca — Farrow repete, olhando-me de cima a baixo com diversão. Sua mão desce para dentro da mochila. — Os garotos perdidos não ficam jovens para sempre lá?

— Sim. — Eu afrouxo meu cadarço, seus olhos nadando contra os meus.

— Isso é muito ruim então — diz Farrow com naturalidade. — Porque eu quero envelhecer com você.

A forte promessa dentro dessas palavras inunda todo o meu corpo. *Eu quero envelhecer com você.* Isso inunda meus olhos.

Eu quero envelhecer com você.

Permanecendo agachado, estou prestes a falar, mas as palavras ficam presas na minha garganta quando sua mão tatuada sai da mochila. Ele está segurando uma pequena caixa de madeira.

Farrow abaixa o joelho na pedra coberta de musgo. Ele...?

Antes que eu diga qualquer coisa, ele segura um lado do meu rosto com uma mão protetora e afetuosa e inclina a cabeça em direção à minha outra bochecha, sua mandíbula deslizando ao longo da minha.

Até que seus lábios roçam suavemente contra minha orelha.

E muito profundamente, ele sussurra: — Você sempre foi meu cara. Você é meu cara para sempre, lobinho. — Sua respiração aquece minha pele, e eu curvo meu bíceps em torno de seus ombros, ficando perto. Esperando.

Ouvindo cada palavra íntima enquanto ele continua: — E você disse que queria um tipo de amor alegre e direto que o derrubasse — Ele para um instante. — Mas nosso amor é isso e melhor. Nosso amor é obstinado. Nunca cede, nunca morre. E quando te joga para trás, te puxa para cima novamente.

Eu pisco meus olhos ardentes, e sua mão aperta minha bochecha.

Eu sinto seu sorriso surgir em meu ouvido, sua voz grave amarrada em seda quando ele diz: — Eu prometo dar a você tudo que você precisa e nada menos. Nunca menos. Maximoff... — Ele joga a cabeça para trás, apenas o suficiente para nos olharmos.

Minha mão cai dos meus olhos e ele se ajoelha. Estamos no nível dos olhos, já que estou agachado, minha bota meio desamarrada. Não sei por que

diabos penso nisso.

Sua mão corre pelo meu cabelo grosso, nossos olhos avermelhados e cheios de lágrimas escavando um ao outro.

Estou sorrindo. Sério. Eu não posso conter. Eu não quero. Agora não.

Ele vê, e seu próprio sorriso se estende cada vez mais. Ele acena com a cabeça algumas vezes e sussurra: — Você quer se casar comigo?

— Você não tinha ideia de que eu planejava fazer isso hoje — Percebo. Eu pensei que talvez ele soubesse esta manhã desde que contei a todos sobre o plano de proposta no café da manhã, incluindo a meu pai. Minha mãe e Jane guardaram o segredo, então, quase todo mundo descobriu horas atrás.

— Nenhum. — Ele enxuga os olhos. — Mas não estou chocado por ter vencido você nisso.

— Porque eu penso demais.

Farrow ri uma vez, olhando meu sorriso. — Porque você não pode ser o primeiro em tudo, lobinho.

Ocorre que vou ouvi-lo me dizer isso pelo resto de nossas vidas. E então me lava. Me enche até a borda.

E nos levantamos juntos.

Nós dois parados perto, eu seguro a nuca dele, e nossas cabeças se inclinam uma para a outra. — Já que você chegou antes de mim, isso significa que não posso perguntar...

— Pergunte — Farrow diz fortemente, e eu ouço as palavras não ditas: *não há regras, Maximoff*.

Eu pisco, e algumas lágrimas deslizam pelo meu rosto. E eu apenas digo: — Não há mais ninguém, Farrow. Você é isso. Você é o único, *o único*.

Seu peito sobe contra o meu peito, e ele acena com a cabeça, sabendo. Sentindo.

E eu pergunto a ele: — Casa comigo?

— Sim — Ele diz como se fosse a coisa mais fácil do mundo. — Eu vou me casar com você, lobinho.

Nossas bocas se encontram com a emoção crescendo por dentro, água embaçando ao nosso redor e luz fluindo pelas copas das árvores.

Nunca estive tão feliz e apaixonado.

Depois de um longo momento, recuamos. E eu olho entre as caixas de anéis que nós dois ainda seguramos.

— Vamos fazer isso — diz Farrow como se estivesse prestes a compartilhar um plano. Mas ele apenas abre a caixa de madeira. Ele arranca a aliança de casamento que comprou para mim e aperta o anel entre dois dedos. Mostrando-me a faixa cinza simples, sulcada como uma árvore. — Não é prata de lei. É de titânio e não custou muito.

Ele sabe que isso me faz amá-lo ainda mais. E agora estou tentando não sorrir, mas é uma batalha perdida.

Farrow desliza minha aliança de casamento de titânio em seu próprio dedo anelar. Diante da minha confusão, ele explica: — Vou usar o que era pra você, e você usará o que era pra mim, como anéis de noivado. E então, no dia do nosso casamento, vou tirar o anel e finalmente colocá-lo em seu dedo.

Tudo bem, meu cérebro está obcecado com esse plano. Tipo, demais. — Você acabou de pensar nisso?

— Eu adoraria dizer que sim, mas não. — Ele acena para que eu abra a caixa preta. — É algo em que pensei quando percebi que tínhamos o mesmo tamanho de anel.

Antes de abrir a caixa, pergunto a ele: — Como você conseguiu o anel sem que a mídia soubesse?

Ele pega seu fone de ouvido de comunicação, como se lembrasse da conexão de rádio. Mesmo que esteja mudo. E ele responde: — Oscar e Donnelly.

— Seus melhores amigos — Eu defino.

Farrow me surpreende apenas levantando as sobrancelhas em um aceno provocador. Não negando o quão próximos esses dois caras são dele. E seu olhar cai para as minhas mãos.

Abro a caixa e tiro uma elegante faixa preta de tungstênio. — Você deveria saber, cara. Levei um sólido milissegundo para escolher isso.

Ele sorri como se eu estivesse falando merda, e ele está prestes a dizer alguma coisa, provavelmente, *claro* ou *OK*, mas ele percebe a gravação no interior da banda. Seu sorriso suaviza quando ele pega o anel de mim. Apenas para um olhar mais atento.

— *Dum spiro, spero* — Ele lê a citação de Cícero. Seus olhos se enchem de novo.

Em um dia que nos abalou, ele disse que adorou essa citação. Foi um momento de silêncio dentro de uma tempestade. A memória é tão tranquila quanto a própria citação.

Enquanto respiro, espero.

Farrow acena com a cabeça algumas vezes, as lágrimas surgindo. — Aqui. — Ele coloca a faixa preta na palma da minha mão, não querendo colocar um anel no meu dedo ainda. — Está perfeito, lobinho. — E com outro sorriso crescente, ele acrescenta: — Especialmente porque você demorou uma eternidade para escolher.

Eu faço uma careta. — Você não pode saber cem por cento — Afirmo e deslizo a faixa preta em meu dedo anelar.

— Eu sei disso cem por cento — diz Farrow. — Porque te conheço cem por cento.

Nosso último dia na Grécia chegou, e Farrow e eu deixamos o iate para passar a noite em Corfu. Sozinhos, juntos, nós dois mergulhando no silêncio pacífico antes de retornarmos ao frenesi da mídia na Filadélfia.

Não estamos escondendo nosso noivado.

Então, quando voltarmos para casa, qualquer presença de paparazzi que existia antes pode ser infinitamente maior, mais agressiva, invasiva – não sabemos. Porque sou o primeiro a ficar noivo de meus irmãos e primos.

Estou abrindo caminho.

Mas nem mesmo a mídia pode impedir meu cérebro de repetir a proposta. Está em *loop*. E eu me lembro de como toda a minha família e a ESO se juntaram a nós na lagoa. Farrow pediu que eles fizessem a mesma trilha cerca de trinta minutos depois de nós, e eu não tinha ideia.

Janie, minha melhor amiga, ma moitié – quando me viu, ela levou sua mão ao coração como se ela pudesse sentir o meu inchando.

Ter todos eles lá foi tudo.

Água quente cai sobre mim em um chuveiro de pedra, feito para parecer ao ar livre com uma claraboia embaçada, mas estou dentro do banheiro do hotel. Privado. Tão seguro quanto possível, e não estou com medo.

Meus músculos relaxam com o calor e o vapor acumulado. Eu estou bem debaixo do aguaceiro, minha pele nua corada pelo calor. Esfrego sabonete no abdômen, imaginando Farrow vindo atrás de mim, minha fantasia número um.

Eu desço com a toalha, a respiração quente ejetando de mim. E pendurando o pano em um gancho, descanso minha mão esquerda na parede de laje de pedra. Tudo o que planejei fazer de repente desaparece. Porque o anel preto naquela mão está olhando para mim.

Estou usando o anel dele.

Meus olhos queimam.

E então ouço a porta do chuveiro abrir. No meu periférico, vejo que é ele. Então eu não me viro. Eu espero, e seu corpo de um metro e noventa e um me empurra calorosamente – Deus, isso é real. Seu braço se curva ao redor do

meu abdômen, o peito firmemente colado nas minhas costas.

Eu olho para frente. Sinto Farrow, seu braço esquerdo estendendo-se por cima do meu braço. E ele entrelaça nossos dedos na parede de laje de pedra. Sua mão embainhando minha mão, nossos anéis em nossos dedos estão perfeitamente à vista juntos.

Farrow dá um beijo ardente em meu ombro. E enquanto sua outra mão desce para um lugar de necessidade e desejo, sua boca viaja para o meu ouvido. Na minha fantasia, nunca ouço o que ele sussurra. Ele sabe que é com isso que eu não me permitiria sonhar.

E enquanto ele beija a minha nuca, a linha da minha mandíbula, eu espero e espero, e suavemente, tão suave e roucamente, Farrow sussurra: — Eu te amo.

A luz explode em mim, e eu giro sobre ele, nossas mãos se agarram instantaneamente em um desejo faminto. Nós nos beijamos como não nos beijamos há eras. Calor empolado e cru, lutamos no chuveiro pela liderança.

E, caramba, nós dois estamos sorrindo.

Maximoff Hale

A NOTÍCIA DO nosso noivado se espalhou como um tornado passando por planícies. Nenhuma casa destruída ainda, mas o modo de controle de danos ainda está vivo. Apenas por precaução.

Muitos tabloides, revistas e *sites* de entretenimento entraram em contato com nossos representantes. Perguntando sobre primeira página, entrevistas, fotos. Todo mundo está procurando as primeiras fotos exclusivas, vídeos, qualquer coisa.

E todos receberam a mesma resposta automática do nosso publicitário:

Maximoff & Farrow estão curtindo seu noivado e gostariam de permanecer privados neste momento. Obrigado pela compreensão.

Atualmente, estou focado em reconstruir a força no meu ombro direito. Tudo sem me exercitar demais, sem forçar demais e rasgar meu corpo em pedaços.

Portanto, malhar com minha paixão de infância, meu guarda-costas, meu médico, meu noivo – tudo em Farrow Redford Keene.

Ele tem almofadas de golpe em ambas as mãos, levantando-as para mim. Eu bato no bloco com o punho esquerdo, protegido por uma luva de boxe vermelha.

O sol brilha através das janelas de vidro do ginásio do tio Ryke. Aquecendo o espaço. É por isso que estou suando. Porque não há como meu ritmo lento sozinho garantir que eu encharque minha camisa.

— Como você se sentiu? — Farrow me pergunta enquanto me preparo para fazer um cruzamento de direita.

— Bem. — Acho que posso me esforçar mais sem matar meus

músculos. Faço um cruzado de direita com o braço direito... e acabo batendo de leve no acolchoado. Ouvindo meu corpo. Só o alongamento deixa meus tendões tensos.

— Dolorido? — Ele pergunta.

— De jeito nenhum — digo, sarcasmo direto. — Eu poderia, sem dúvida, enfrentá-lo em um ringue de boxe. Vamos, agora mesmo.

— Essa é uma fantasia adorável — diz Farrow. Eu rosno em um gemido.

Farrow sorri, muito divertido. — Que tal voltarmos à realidade? — Ele faz um gesto para que eu me prepare. — Coloque as luvas até o queixo.

Eu sigo a instrução e Farrow espalha as almofadas de ataque para eu fazer uma combinação de gancho. Antes mesmo de eu socar, a porta de vidro se abre.

Eu deixo cair meus braços, e nós dois nos viramos para ver meu irmãozinho. Xander está de short de ginástica e uma camiseta que diz *O inverno está chegando*. O choque toma conta de mim – surpreso por ele estar aqui.

— Ei — diz Xander, o cabelo caindo em seus olhos. — Recebi sua mensagem.

Ele quase nunca malha comigo. Mas toda vez que estou na academia, tento sempre convidá-lo. Ele geralmente ignora. Ele, fazendo esse esforço, seja por mim ou por ele mesmo, não me importa. Ele está aqui.

Isso é tudo que importa.

— Você está aqui para malhar? — Pergunto-lhe.

— Quero dizer... sim — diz ele. Seus olhos dançam pelo equipamento. — O que você sugere?

— Você deveria começar pelo saco — Farrow diz a ele, apontando para o saco de boxe que meu tio pendurou algumas semanas atrás. — Aqui... — Farrow tira suas almofadas e pega um par de faixas pretas penduradas na

parede. — Vou envolver suas mãos.

Xander segue as instruções de Farrow para estender as mãos. Palmas para baixo, e Farrow cruza o envoltório, tecendo o pano entre os dedos.

Eu balanço meu braço direito em um alongamento de pêndulo enquanto espero.

Meu irmãozinho olha de Farrow para mim. — Então, vocês já decidiram quando vão se casar?

Os olhos de Farrow se erguem para mim e então suas sobrancelhas se erguem. — Já.

— Vamos ter um longo noivado — digo a Xander.

Discutimos isso longamente, e parece ser a melhor ideia esperar que a atenção do público e da mídia diminua antes de termos um casamento. Ainda haverá caos, mas acho que se dermos um tempo, haverá uma chance maior de alguém da minha família ficar no centro das atenções por um tempo. Eu realmente adoraria um casamento que não fosse destruído por helicópteros e drones.

— Eu imaginei — Responde Xander.

Farrow termina com suas faixas de mão e então joga um par de luvas de boxe para ele. — Vamos começar com uma combinação fácil.

Vejo meu futuro marido ensinando meu irmãozinho a boxear. Ele continua olhando para mim, um sorriso avançando em sua boca. Ele sabe o quanto eu o amo. O quanto eu amo isso. E penso no que Farrow me disse uma vez.

São as pequenas coisas.

E realmente são.

Farrow Keene

A FESTA DE encerramento do *Somos Callaway* é realizada em um estúdio artístico em Center City, e eu já estive em uma delas antes no destacamento de segurança de Lily. Nunca como guarda-costas de Maximoff. E, definitivamente, não como um rosto apresentado na série documental. Isso é novo para mim e continuo me pegando nesse ponto de vista diferente.

— Daqui a alguns meses, Redford, e todos nós vamos assistir sua bunda presunçosa na TV — Oscar me diz, toda a ESO reunida em torno de algumas mesas altas de madeira que juntamos. Pratos de petiscos e bebidas não alcoólicas cobrem a superfície.

Estamos todos de serviço.

Eu me perguntei como funcionaria ser um guarda-costas novamente. Como os caras lidariam comigo voltando depois que eu desisti de bom grado. Nesse mesmo dia na Grécia, durante o concurso do castelo de areia, a notícia foi anunciada.

E, então, toda ESO me empurrou na porra do mar. Em tom de brincadeira.

Akara sabia o que estava acontecendo muito antes. Aparentemente, a Tri-Força havia conversado com Lo com antecedência, e ele nunca teria me oferecido a vaga se eles dissessem não. Akara me disse que eles eram unânimes em me trazer de volta.

Eu não precisava saber por que a equipe de segurança iria me querer. Eu apenas imaginei que é mais fácil me ter na equipe do que um novo contratado. Foi o que Thatcher disse um tempo atrás. A confiança é inestimável com essas famílias, e elas confiam muito em mim.

O suficiente para me deixar casar com um membro da realeza

americana.

Eu apoio minha bota no degrau de um banquinho onde Donnelly se senta. A maioria de nós está de pé, e eu digo a Oscar: — Você pode assistir minha bunda presunçosa na vida real.

— Já realizado. — Oscar mergulha uma batata frita em ketchup. Uma longa mesa de *buffet* se estende por toda uma parede de tijolos. Apenas convidados passeiam pelo espaço aberto, drinks e cervejas na mão.

A comida não é a atração principal. Câmeras e equipamentos de iluminação apontam para um fundo branco. Veja, essas festas de encerramento são sempre meia hora de coquetel e meia de sessão de fotos. Os famosos têm que fazer fotos promocionais para os aplicativos digitais da rede de TV a cabo premium.

— Você não quer que assistamos seus episódios? — Akara pergunta, me dando um olhar estranho.

— Eh... — Eu balanço minha mão. Sendo honesto, eu não dou a mínima.

— Você fez vergonha? — Oscar pergunta. — Mano, eu disse para você não falar sobre merda séria com os pais na câmera.

— Aconteceu — digo com sinceridade, pegando uma maçã inteira do meu prato. — Connor recebeu uma oferta de patrocínio de preservativo. — Deixei isso escapar, confiando nesses caras, e também que a filmagem com Connor vai ao ar.

Banks ri muito.

— Preservativos Cobalt. — Donnelly vira uma página em uma revista de fofocas. — Apenas tamanho magnum.

— Para homem rico — diz Oscar.

— *Nah*, eu gostaria de comprar alguns — Observa Donnelly.

Eu assobio. — Estes são definitivamente preservativos fictícios quando Donnelly pensa que pode caber em um magnum.

Todos riem.

Donnelly me joga um beijo de dedo do meio. E não vou contar a ninguém, além de Maximoff, pelo menos não em todo o grau – mas senti falta desses caras. Merda, como se eu realmente sentisse falta deles. De maneiras que eu não achava que sentiria ou poderia.

Olho para Donnelly, que faz orelhas na revista. — Devemos fazer um jogo de beber com a série — diz ele, com sua cadência da Filadélfia densa. — Toda vez que você revirar os olhos, nós tomamos uma dose.

Akara balance a cabeça, uma garrafa d'água em seus lábios. — Muitas doses.

— Que tal vocês simplesmente não assistirem ao programa — digo casualmente.

Donnelly ri como se fosse uma ideia absurda. Thatcher diz: — Esse era o plano.

— Viu, ouçam Thatcher — digo a todos e mordo minha maçã vermelha.

Ele me lança um olhar estreito. Sem entender por que estou concordando com ele. Vamos deixar isso claro: ele concordou comigo primeiro.

Observo seu olhar desviar-se para a configuração da câmera. Neste momento, um fotógrafo tira várias fotos de Maximoff e Jane juntos. Ela descansa sua bochecha sardenta em seu ombro, e ele tem um braço protetor em volta de sua cintura.

O relacionamento deles intacto significa muito para mim. E o fato de não ter destruído aquela coisa boa e ainda ter o homem, o amor e tudo mais – não há palavras para o que sinto. Porque “feliz” não parece poderosa o suficiente.

Donnelly se inclina para a frente no banquinho e pigarreia. Lendo na revista que ele está segurando: — ‘Com um casamento no horizonte, você

pode esperar que o interesse no relacionamento de Maximoff & Farrow aumente nos próximos meses’.

Concentro-me em como eles me chamaram de *Farrow* e não apenas o noivo de Maximoff ou o namorado de Maximoff. E os artigos do *Alfas Como Nós* pararam de se referir a mim como o “novo namorado” e começaram a publicar meu nome também.

Ou isso significa que o mundo me vê como um ser humano ou como alguém digno o suficiente para ser ligado a Maximoff pelo nome. Possivelmente ambos.

E com certeza levarei os dois.

Donnelly vira o tabloide de lado e continua lendo: — ‘Eles são o atual *casal-it* e vai ser preciso algo enorme para mudar isso.’ — Ele olha para mim com seriedade. — Quer que eu faça algo enorme?

— Não, porra, não.

ESO pode ter um pouco de fama, mas os holofotes sobre mim são muito mais brilhantes e ofuscantes. Estando com Maximoff, aprendi a não deixar essa merda me afetar.

Não tema. Não fuja disso. Não lute contra isso. Em vez disso, foque no lado positivo e apenas viva todos os dias com ele.

De pé ao lado de Donnelly, Quinn espia o tabloide e aponta para uma página. — Droga. Jane está na lista das mais malvestidas de novo.

Thatcher puxa a revista das mãos de Donnelly e a joga no lixo próximo. — Ninguém deveria estar lendo isso aqui. — Ele concentra sua atenção na sessão de fotos.

Donnelly murmura para mim: *rabugento*.

Essa é uma palavra para isso. Eu mordo minha maçã.

Oscar come uma batata frita e acena para mim. — O noivo está olhando para você.

Noivo. Essa palavra corre para mim. Sempre quis me casar um dia e,

todas as manhãs, acordo ao lado dele, ainda me surpreendendo com um simples fato. *Vou me casar com Maximoff Hale, o amor da minha vida.*

Eu mastigo lentamente, meus lábios virados para cima. — Eu sei — digo. — Ele ainda faz isso. — Gradualmente, eu me viro e concentro toda a minha atenção em Maximoff.

Ele está sozinho. De pé na frente do pano de fundo branco, vestindo jeans e uma camisa cinza de gola redonda. Ele está esperando que o fotógrafo acerte as configurações de sua câmera, talvez até que apareçam alguns outros primos. Não tenho certeza de quem é o próximo na lista de fotos.

E apesar de todo o inferno que passamos, Maximoff parece e permanece como uma força inabalável da natureza. Pronto para resistir a qualquer tempestade porque ele é tão poderoso quanto a tempestade.

Porra, não consigo tirar os olhos dele e sorrio para minha próxima mordida na maçã. Observando seus olhos verde-floresta tentando não derreter sobre mim.

O fotógrafo grita: — Podemos colocar Loren e Ryke aqui?

Lo e Ryke saem de sua mesa alta onde conversavam com suas esposas. E os dois homens se juntam fácil e seguramente a Maximoff.

Lo está à sua direita. Ryke à sua esquerda. E os três olham direto para a câmera. Severidade em seus olhares. Porque as questões de paternidade em torno dos três não são divertidas ou alegres. E, na maioria das vezes, *Somos Calloway* atinge tons sérios o tempo todo.

O estúdio parece quieto, mais pessoas compelidas a olhar para eles. Não por causa dos rumores de paternidade. Todos os convidados aqui sabem que isso é besteira.

É como eles são impressionantes e dominadores lado a lado. E Maximoff não parece agressivo ou zangado. Ele parece orgulhoso de estar entre seu pai e seu tio.

E Maximoff – Maximoff puro e sincero – nem consegue ver como Lo

e Ryke parecem ainda mais orgulhosos de estar ao lado dele.

— Aproximação — diz Banks, e nossas cabeças se viram enquanto Sullivan Meadows contorna algumas mesas, o cabelo escuro espalhado sobre os ombros de sua jaqueta jeans. Ela está apontando para a ESO. Para esta mesa.

Para Akara.

Todos nós podemos dizer. Mesmo que ela não perceba.

— Ela está hesitando — Quinn narra enquanto Sulli faz uma pausa, virando-se ligeiramente.

Dedos em seus lábios.

Akara abaixa sua garrafa d'água, franzindo as sobrancelhas. Os dois têm feito essa dança de preocupação um com o outro desde a “briga” na subida da escada. É um pouco intenso, mesmo para os guardas. — E ela está saindo — diz Banks, assim que Sulli desvia e corre para longe da ESO.

— Já volto em um segundo. — Akara sai de nosso lugar e persegue Sulli. E quando ele está fora do alcance da voz, todos nos voltamos para a mesa e olhamos uns para os outros.

Oscar diz: — Ou Kitsuwon nega seus sentimentos por aquela garota ou está fingindo para todos nós.

— Negação — A maioria de nós diz, porque Akara insiste que eles são apenas amigos. Não da maneira excessiva para encobrir uma mentira. De uma forma irritada, *vão se foder*.

— Ela voltou. — diz Donnelly sobre a aparição de Luna Hale. Só que ele está se referindo ao marcador verde em suas bochechas, às sobrancelhas pintadas de azul e à camiseta gráfica. Ela faz um símbolo de Spock para a câmera e parece genuinamente mais leve, mais feliz. Ela largou Andrew na semana passada e disse ao irmão mais velho que ela e esse cara só “queriam coisas diferentes”.

Eu sorrio para minha próxima mordida de maçã. *Que bom para você,*

Luna.

— Alguém leu a história que ela postou *online* ontem? — Oscar pergunta à mesa. Alguns dias atrás, ela deu à ESO seu nome de usuário secreto para que pudéssemos ler suas *figs*. Honestamente, ainda não tive tempo de mergulhar na toca do coelho.

Donnelly morde uma lasca da batata. — Aquele com a deusa alienígena azul e o rei brilhante das estrelas? — Ele lambe o salgado do dedo.

Oscar assente com entusiasmo. — Eu dou um C+. Muitos tentáculos.

Donnelly dá de ombros. — Achei muito bom.

Não vou nem perguntar ou abrir essa Caixa de Pandora. O fotógrafo salta da câmera e procura alguém no estúdio. E então seus olhos pousam em mim.

— Farrow! — O fotógrafo acena para mim e já chamou Maximoff de volta ao pano de fundo branco. Coloco minha maçã mordida de volta no prato.

Donnelly diz: — Vá pegá-los.

— Faça-nos orgulhosos. — Oscar dá um tapinha nas minhas costas.

Eu giro e ando para trás, apenas para dizer: — Façam anotações, rapazes.

Eles batem palmas lentamente e eu solto uma risada curta. Dirigindo-me ao meu noivo que está sozinho em um fundo branco. E eu tenho desejado estar ao seu lado. Mesmo quando ele está de frente para uma câmera.

Chego ao set, minhas botas pretas batendo no chão duro. Nossos olhos nunca se desviam, nunca se detêm, e ninguém me diz para desenganchar meu rádio ou remover minha arma.

Estou onde quero estar, preciso estar e deveria estar, e não há nada que possa ser mais confortável, mais perfeito do que isso.

Maximoff e eu nos juntamos. Instintivamente. Com saudade. Seu peito pressiona o meu peito e sua mão aquece meu pescoço. Minha palma

sobe para a parte de trás de sua cabeça, enfiando seu cabelo grosso entre os dedos tatuados. E se eu achava que o estúdio ficava quieto quando ele estava com o pai e o tio, para nós tudo fica em silêncio.

Maximoff não está cauteloso ou preocupado. Seus lábios avançam para cima. — Você está no meu mundo. — Ele está animado com isso.

Eu aceno algumas vezes. — Ainda bem que amo o seu mundo, lobinho. E seu mundo é meu. — Isso afeta nós dois.

Instantaneamente, juntamos nossas bocas em um beijo ardente e lento. Em nosso abraço, não há medo ou incerteza. Há apenas paz e orgulho avassalador, e nos deleitamos neste segundo, neste momento simples de nossas belas vidas.

EPÍLOGO

1 mês depois

Maximoff Hale

O CHEIRO DE cloro domina a piscina coberta. Crianças de três e quatro anos com boias infláveis nos braços estão soprando bolhas na água.

Eu mergulho na piscina rasa. — Vá, vá — Eu encorajo. — Hannah, você está indo muito bem. Muito bom, pessoal. — Um apito de metal está pendurado no meu pescoço e dou uma olhada rápida no relógio de parede.

Eu apito. — Tudo bem, é só por hoje — digo a eles. — Todo mundo foi incrível. Vocês todos parecem atletas olímpicos. — Dou um *high-five* nas crianças e Farah dá três tapas na minha mão com um sorriso tonto.

As crianças remam até a beira da piscina e eu ajudo um retardatário a subir no cimento. Os pais começam a sair da sala de observação no andar de cima. Quando todas as crianças estão reunidas, eu me puxo para fora da piscina, a água pingando.

Banks Moretti relaxa em uma cadeira de plástico ao lado da porta, fone de ouvido e rádio na cintura. Ele me dá um aceno de cabeça em saudação e eu aceno de volta. Após a viagem à Grécia, ele pediu para ficar no meu destacamento. Os irmãos Moretti têm tido menos contato desde que Thatcher se tornou o guarda-costas de Jane. E com essa mudança, Banks e Thatcher se verão mais. Porque eu estou perto de Janie o tempo todo.

Começo a recolher as boias que os pequenos deixaram atrás. Jogando-as em uma vasilha de plástico.

Quando perguntei ao centro aquático local se poderia dar aulas para iniciantes, esperava ser negado. Este trabalho é dolorosamente normal. Não é algo destinado a um cara como eu.

Mas eles disseram que *sim*.

Então, me tornei certificado e já estou na minha segunda semana aqui, e posso ver mais uma semana. Outro mês. Posso ver um futuro em que ensinarei crianças pequenas a nadar e a criar algum tipo de coragem.

Enfrente seus medos. Salte e reme.

Respire fundo e flutue.

Aprendi a nadar por volta da idade deles e gosto de pensar em como algumas dessas crianças podem crescer e se apaixonar pelo esporte.

Tudo sobre isso parece certo.

A pesada porta da piscina se abre e a luz do sol ilumina o espaço escuro. Farrow desliza para dentro e o barulho da porta se fechando ecoa dentro do centro aquático. Antes que Farrow me veja, Banks se levanta e o cumprimenta.

Pego um kit de produtos químicos no armário e, quando volto, Banks sumiu.

Farrow prende o rádio no cinto, prende o microfone no decote V e ajusta o fone de ouvido. Ele foi chamado para verificar minha irmãzinha. Não peço a ele detalhes, confidencialidade do paciente e tudo mais. Mas Kinney já me mandou uma mensagem dizendo que está de cama com gripe.

— De volta ao dever com Maximoff Hale — digo a ele. — Seu favorito.

Farrow pisa em um macarrão de natação laranja. — Você vai ser meu marido, lobinho. Vamos torcer para que você seja o meu favorito.

Seu marido.

Seus lábios se levantam, sabendo o que essa porra faz comigo. Sim, nunca vou superar Farrow. E eu não preciso.

Em mais duas passadas, diminuímos a distância e nossos braços se curvam um ao redor do outro. Farrow olha profundamente para mim e pergunta: — O que você está pensando, lobinho?

Eu sorrio.

Querido mundo, obrigado por ouvir. Amor, Maximoff Hale.

UMA BOA NOTÍCIA...

A boa notícia é que a *Editora Bezz* está mais do que disposta a trazer as três séries que compõem a história das famílias. As duas gerações. Primeiro, as Calloway (dentro das séries *Addicted* e *Irmãs Calloway*), depois, os filhos destes (na série *Like us*).

... E SUA PARTICIPAÇÃO!

Para isso, contamos com a sua colaboração em fazer dessas séries um sucesso, assim como elas são lá fora, especialmente nas indicações literárias do *Tik Tok*. Adquirindo os livros oficiais e-books e/ou impressos (e não cópias piratas), deixando suas impressões/resenhas nos principais *sites* de venda, assim como em estantes virtuais (*Goodreads* e/ou *Skoob*), e em suas mídias sociais. Isso garantirá com que as séries não sejam descontinuadas, e possamos ter todos esses livros nas nossas estantes.

Adquiram. Indiquem. Comentem.

A lista de livros será atualizada abaixo a cada novo lançamento.

Série Addicted

Viciado em Você (Lily & Loren)

Ricochete (Lily & Loren)

Viciado por Enquanto (Lily & Loren)

Série Irmãs Calloway

Livro 1 – em breve (Rose & Connor)

Livro 2 (Daisy & Ryke) – 2023

Série Like us

Danificados (Maximoff & Farrow)

Apaixonados (Maximoff & Farrow)

Alfas (Maximoff & Farrow)

AGRADECIMENTOS

Escrever este livro não foi tarefa fácil. Sabíamos que seria emocionante, mas não esperávamos ficar tão exaustas no final. Tem sido uma montanha-russa. Do início ao fim. Há saudades e ainda nem nos despedimos desses personagens. O sentimento é de alegria, por saber que demos a melhor história que pudemos. Estamos incrivelmente apaixonados pela jornada de Maximoff & Farrow, e ela ocupa um lugar especial em nossos corações que sabemos que nada jamais substituirá.

Este livro em particular não poderia existir sem o apoio e incentivo de tantas pessoas. Obrigada à nossa mãe por sempre vir na embreagem. Você sabia que esse prazo seria apertado e estava lá não apenas com seus poderes de edição, mas também com suas constantes reafirmações. Você é a melhor líder de torcida e temos sorte de tê-lo ao nosso lado.

Para nossa incrível agente, Kimberly, obrigada por sempre defender nosso trabalho e por colocar esse bebê no áudio. Estamos muito felizes que os leitores tenham a chance de ouvir Maximoff & Farrow.

Marie, você é uma pessoa incrível por dentro e por fora. Obrigada por traduzir nosso francês e por todas as palavras gentis com as quais você nos encheu. Estamos muito gratas por ter o seu toque neste livro.

Alex, nosso irmão mais velho que quebrou a clavícula duas vezes, obrigada por responder a todas as nossas perguntas e fornecer a parte das “mãos de dinossauro”. Seu encorajamento significa tudo para nós.

Os quatro super-heróis administradores do Grupo *Fizzle Force*, no *Facebook* — Lanie, Jenn, Jae e Siiri — agradecemos seu apoio incansável e inabalável e por irem além para ajudar a promover e divulgar. Somos

eternamente gratas.

Obrigada à *Fizzle Force*. Vocês, amores, colocam sorrisos constantes em nossos rostos, podem transformar um dia azul em ensolarado e, se a magia existisse, sabemos que ela estaria localizada dentro de todos vocês. Sabemos que não importa o quão estressante um lançamento possa ser, sempre há pessoas para levantar nós para cima. Vocês podem não entender o quão grande isso é para nós. Mas é enorme. Obrigada.

Para os leitores, revisores e ‘esquisitos’, nós amamos vocês. Obrigada por chegar ao Livro 3. Isso significa que você gostou de algo desses livros o suficiente para continuar lendo. E é o seu apoio contínuo que está alimentando nosso sonho. Temos quinze livros e, no entanto, ainda estamos maravilhadas com o fato de as pessoas quererem ler nossas palavras. É surreal. E Amoroso. E tão mágico. Obrigada do fundo de nossos corações por dar uma chance a nós e a *Alfas*.

Todo o amor,

xoxo Krista & Becca

SOBRE AS AUTORAS

Krista e Becca Ritchie são autoras *bestsellers* do *New York Times* e *USA Today*, e gêmeas idênticas – uma, nerd de ciências, a outra, geek de quadrinhos –, mas com a paixão compartilhada pela escrita. Elas combinaram seus poderes mentais quando crianças e nunca pararam de contar histórias. Elas amam super-heróis, personagens falhos e amor de almas gêmeas. As séries conectadas das três famílias – Hale, Cobalt e Meadows – são o carro-chefe que lhes trouxeram fama, e que chegam ao Brasil através da *Editora Bezz*.

CONECTE-SE COM ELAS

WWW.KBRITCHIE.COM

WWW.FACEBOOK.COM/KBRITCHIE

WWW.INSTAGRAM.COM/KBMRITCHIE

WWW.PINTEREST.COM/KBMRITCHIE

Notas

[←1]

[N. do T.] Med-Ped é a sigla para *Internal Medicine-Pediatrics*, médicos e clínicos de cuidados primários altamente qualificados para o atendimento tanto da medicina geral, quanto da pediátrica.

[←2]

Cricotireoidotomia é uma incisão de emergência através da pele e da membrana cricotireoide para garantir a via aérea do paciente durante certas emergências. Pode ser realizada durante sufocamentos ou quando o paciente não pode respirar por conta própria, como em traumas faciais.

[←3]

Lobinho é um dos ramos do Escotismo, para crianças de 6,5 a 10 anos.

[←4]

Fart em referência à tradução, ‘peido’.

[←5]

AINE, anti-inflamatório não esteroide.

[←6]

L.A.R.P = Live Action Role-Playing, jogo de RPG em que os jogadores se vestem de seus personagens.

[←7]

O *doxing*, *doxxed* (algumas vezes escrito como *doxxing*) é a ação de revelar informações de identificação sobre alguém na Internet, como seu nome real, endereço residencial, local de trabalho, telefone, dados financeiros e outras informações pessoais.

[←8]

Mixologia, criação de drinks, misturando sabores e ingredientes.

[←9]

SDN forum (*student doctor network*), em inglês, fórum de estudantes de Medicina.

[←10]

Tagalo, a língua malaia falada nas ilhas Filipinas.

[←11]

Ship (*shippar* alguém): considerar intencionalmente (pessoas específicas ou personagens fictícios) como sendo ou tendo o potencial de se envolver romanticamente um com o outro.